



*Joseph* CONRAD  
**O AGENTE SECRETO**  
THE SECRET AGENT  
EDIÇÃO BILÍNGUE



# DADOS DE ODINRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [eLivros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

## Sobre nós:

O [eLivros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [eLivros](#).

## Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar [Envie um livro](#) ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, [faça uma doação aqui](#) :)

***"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e***

***poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."***

**eLivros**.love

Converted by [ePubtoPDF](#)

COPYRIGHT © BY EDITORA LANDMARK LTDA.

O AGENTE SECRETO

NOTAS DO AUTOR

CAPÍTULO I

CAPÍTULO II

CAPÍTULO III

CAPÍTULO IV

CAPÍTULO V

CAPÍTULO VI

CAPÍTULO VII

CAPÍTULO VIII

CAPÍTULO IX

CAPÍTULO X

CAPÍTULO XI

CAPÍTULO XII

CAPÍTULO XIII

THE SECRET AGENT: A SIMPLE TALE

AUTHOR'S NOTE

CHAPTER I

CHAPTER II

CHAPTER III

CHAPTER IV

CHAPTER V

CHAPTER VI

CHAPTER VII

CHAPTER VIII

CHAPTER IX

CHAPTER X

CHAPTER XI

CHAPTER XII

CHAPTER XIII

JOSEPH CONRAD

JOSEPH CONRAD

O AGENTE SECRETO

EDIÇÃO BILÍNGUE

THE SECRET AGENT: A SIMPLE TALE



EDITORIA LANDMARK

2012

**COPYRIGHT © BY EDITORA LANDMARK LTDA.  
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS À EDITORA LANDMARK LTDA.**

**TÍTULO ORIGINAL: THE SECRET AGENT - A SIMPLE TALE  
PRIMEIRA EDIÇÃO: METHUEN & CO., 36 ESSEX STREET WC., LONDRES., SETEMBRO DE 1907**

**DIRETOR EDITORIAL: FABIO CYRINO  
DIAGRAMAÇÃO E CAPA: ARQUÉTIPO DESIGN+COMUNICAÇÃO  
TRADUÇÃO E NOTAS: EDUARDO FURTADO  
REVISÃO ORTOGRÁFICA E DA TRADUÇÃO: RODRIGO FRAGELLI**

**DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)**

**(CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO, CBL, SP, BRASIL)**

**CONRAD, JOSEPH. (1857 - 1924)**

**O AGENTE SECRETO - THE SECRET AGENT: A SIMPLE TALE /  
JOSEPH CONRAD; {TRADUÇÃO E NOTAS EDUARDO FURTADO}  
SÃO PAULO : EDITORA LANDMARK, 2010.**

**EDIÇÃO BILÍNGUE : INGLÊS / PORTUGUÊS**

**ISBN 978-85-88781-47-4**

**E-ISBN 978-85-88781-55-9**

**1. FICÇÃO INGLESA. 2. FICÇÃO POLICIAL E DE  
MISTÉRIO (LITERATURA INGLESA) I. TÍTULO. II. TÍTULO: THE SECRET AGENT: A SIMPLE TALE  
10-04302 / CDD - 823.0872**

**ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO:**

**1. FICÇÃO POLICIAL E DE MISTÉRIO: LITERATURA INGLESA / 823.0872**

**TEXTOS ORIGINAIS EM INGLÊS DE DOMÍNIO PÚBLICO.**

**RESERVADOS TODOS OS DIREITOS DESTA TRADUÇÃO E PRODUÇÃO.**

**NENHUMA PARTE DESTA OBRA PODERÁ SER REPRODUZIDA E/ OU ARMAZENADA, EM SEU  
TODO OU EM PARTE, POR FOTOCÓPIA MICROFILME, PROCESSO FOTOMECÂNICO OU  
ELETRÔNICO SEM PERMISSÃO EXPRESSA DA EDITORA LANDMARK, CONFORME LEI N° 9610,  
DE 19 DE FEVEREIRO DE 1998.**

**EDITORA LANDMARK**

**RUA ALFREDO PUJOL, 285 - 12° ANDAR - SANTANA**

**02017-010 - SÃO PAULO - SP**

**TEL.: +55 (11) 2711-2566 / 2950-9095**

**E-MAIL: EDITORA@EDITORALANDMARK.COM.BR**

**WWW.EDITORALANDMARK.COM.BR**

IMPRESSO EM SÃO PAULO, SP, BRASIL  
PRINTED IN BRAZIL  
2012

## O AGENTE SECRETO



## NOTAS DO AUTOR

A origem de O AGENTE SECRETO: o tema, o objeto de tratamento, o propósito artístico e todos os outros motivos que podem induzir a um autor a tomar a sua caneta, podem, creio eu, serem atribuídos a um período de reação mental e emocional.

Na verdade, comecei este livro impulsivamente e continuei a escrevê-lo sem parar um instante sequer. Quando por fim, ele foi publicado e entregue ao olhar inquisidor do público, encontrei-me repreendendo-me a mim mesmo por ter produzido tudo aquilo. Algumas das admoestações foram graves, outros tinham uma nota lamentável. Eu não as tenho agora, textualmente diante de mim, mas lembro-me perfeitamente que afirmavam que o argumento geral era muito simples, e também, para surpresa minha, quanto à sua natureza. Tudo isto, parece-me viver no passado agora! E, no entanto, não faz tanto tempo que ocorreu. Devo concluir que eu ainda preservava muito da minha inocência primitiva, no ano de 1907. Parece-me agora que até mesmo uma pessoa ignorante poderia ter previsto que algumas críticas seriam baseadas na fundamentação das ambientações infames e na sordidez moral do conto.

Claro que isto é uma acusação grave. Mas isso não era universal. Na verdade, parece-me displicente lembrar de tão poucas reprovações entre tantas apreciações inteligentes e simpáticas; e espero que os leitores deste prefácio não apressem a classificá-lo como uma vaidade ferida ou uma disposição natural à ingratidão. Sugiro que um coração caridoso possa muito bem atribuir minha escolha à modéstia natural. Mas não é exatamente a modéstia que me faz selecionar a reprovação para ilustrar este meu caso. Não, não é exatamente modéstia. Eu não tenho tanta certeza da minha modéstia, mas quem tem acompanhado até agora meu trabalho, poderá me dar crédito com decência suficiente, tato, savoir-faire, e o que mais existir, para me impedir de render glórias às palavras proferidas por outras pessoas. Não! O verdadeiro motivo da minha seleção encontra-se em uma característica bastante diferente. Eu sempre tive uma tendência a justificar os meus atos.

Não para defender. Para justificar. Não para insistir que eu estava certo, mas apenas para explicar que não houve intenção perversa ou para esconder o desprezo pela sensibilidade natural da humanidade na parte inferior dos meus impulsos.

Esse tipo de fraqueza é perigoso apenas na medida em que a expõe a um risco de se tornar aborrecida, pois o mundo, em geral, não está interessado nos motivos de qualquer ato evidente, mas sim em suas consequências. O homem pode sorrir e sorrir, mas ele não é um animal verificador. Ele ama o óbvio. Ele encolhe a partir de explicações. No entanto, eu prossegurei com o meu ponto. É óbvio que eu não precisava ter escrito este livro. Eu não tinha nenhuma necessidade de lidar com esse assunto, usando a palavra “assunto” tanto no sentido do conto em si quanto em uma parte maior de uma manifestação especial na vida da humanidade. Isso eu reconheço plenamente. Mas o pensamento de elaboração de algo terrível, apenas com o intuito de chocar, ou mesmo apenas para surpreender os meus leitores a uma mudança de abordagem, nunca esteve presente em meus pensamentos. Ao fazer esta afirmação, espero acreditar, não só nas provas do meu caráter geral, mas também pela razão que qualquer um pode ver que o tratamento completo que dei ao conto, à sua indignação inspiradora e ao desprezo e a misericórdia subjetiva provam o meu distanciamento da miséria e da sordidez que se encontram apenas em circunstâncias exteriores do enredo.

O início d'O AGENTE SECRETO seguiu-se imediatamente a um período de dois anos de intensa absorção na tarefa de escrever aquele distante romance – “Nostromo” – com a sua atmosfera longínqua da América Latina; e o profundamente pessoal “O Espelho do Mar”. O primeiro, um intenso esforço criativo sobre o qual eu suponho que será sempre a minha maior obra; o segundo, uma tentativa sem reservas de desvendar um pouco da intimidade mais profunda do mar e as influências de formação de quase metade da minha vida. Foi um período também, no qual, o meu senso de verdade sobre as coisas contou com uma disponibilidade muito intensa e imaginativa, além de uma disponibilidade emocional que, repleta de fatos genuínos e fiéis, ainda me fazem sentir (mesmo a tarefa já tendo sido feita), como se

estes tivessem sido deixados para trás, sem rumo, entre cascas de simples sensações e perdidos em um mundo de outros valores inferiores.

Não sei se realmente eu senti que desejava uma mudança, uma mudança em minha imaginação, em minha visão e na minha atitude mental. Prefiro pensar que uma mudança nos fundamentos do meu humor já tinha sido roubada de mim inesperadamente. Não me lembro de nada que tenha acontecido de modo definitivo. “O Espelho do Mar” terminou com plena consciência de que eu tinha lidado com honestidade, tanto eu quanto os meus leitores, em cada linha do livro e para isso me entreguei a uma pausa não infeliz. Então, enquanto eu ainda estava aguardando, por assim dizer, e certamente não gostaria de mudar a minha maneira de olhar para qualquer coisa pouco atraente, o tema d’O AGENTE SECRETO – eu quero dizer o conto – veio até mim na forma de algumas poucas palavras proferidas por um amigo, em uma conversa informal sobre os anarquistas, ou melhor, as atividades anarquistas; como esse assunto surgiu, eu não me lembro agora.

Lembro-me, entretanto, de comentar sobre a futilidade criminal de toda a coisa, a doutrina, a ação, a mentalidade e sobre o aspecto desprezível da pose meio insana, da fraude descarada da exploração da miséria pungente e da credence apaixonada de uma humanidade sempre tão tragicamente ávida pela autodestruição. Isso foi o que demonstrou ser para mim as suas pretensões filosóficas mais imperdoáveis. Atualmente, passando para casos particulares, recordo de uma história antiga sobre a tentativa de explodir o Observatório de Greenwich; uma inanidade manchada de sangue de um tipo tão estúpido que era impossível compreender a sua origem, por qualquer processo razoável ou mesmo despropositado de pensamento e por qual propósito descabido e perverso que isto pudesse possuir, mesmo que lógico. Mas essa indignação não pode se prender mentalmente a qualquer tipo de forma, de modo que não se enfrente o fato de um homem se explodir em pedaços, até que não reste nada mais que uma idéia remota, seja ela anarquista ou não, e infringindo à parede externa do Observatório nada além que uma pequena rachadura.

Mostrei tudo isso ao meu amigo que permaneceu em silêncio por um tempo para logo depois comentar, com seu jeito tipicamente casual e onisciente, “Oh, esse sujeito era meio idiota. Sua irmã cometeu suicídio em seguida”. Estes foram as únicas palavras que foram trocadas entre nós; para minha surpresa extrema esta pequena informação inesperada me deixou mudo por um instante e ele logo começou a falar de outra coisa. Nunca me ocorreu perguntar-lhe mais tarde como isso chegou a seu conhecimento. Tenho certeza que se ele alguma vez teve algum contato com algum anarquista esse contato foi meramente casual, restringindo a isto a sua ligação com o submundo. Ele, no entanto, era um homem que gostava de conversar com todos os tipos de pessoas e, assim, ele pode ter recolhido esses fatos de uma segunda ou terceira mão, de um varredor de rua, de um policial aposentado, de um homem qualquer no seu clube ou até mesmo de um Ministro de Estado, com o qual ele tenha se encontrado em alguma recepção pública ou privada.

Da clareza dessa informação não havia qualquer dúvida, como aquele que sai de uma floresta em direção a uma planície aberta – não havia muito para se ver, mas havia uma abundância de luz. Não, não havia muito para ver e, francamente, por um tempo considerável nem sequer tentei perceber nada. Era só uma impressão iluminada que permanecia. Ela permanecia satisfatória, mas ainda assim passiva. Em seguida, cerca de uma semana mais tarde, deparei-me com um livro que tanto quanto sei, nunca tinha alcançado qualquer destaque; uma coleção resumida das melhores lembranças de um comissário assistente de polícia, um homem capaz, sem dúvida, com um forte caráter religioso, e que foi nomeado para o cargo no exato momento dos atentados a dinamite em Londres por volta da década de oitenta. O livro era bastante interessante, muito discreto, é claro, mesmo eu já tendo esquecido a maior parte de seu conteúdo. Ele não continha revelações, pois tratou do assunto muito superficialmente, e isso foi tudo. Eu não vou nem tentar explicar porque me detive por uma pequena passagem de cerca de sete linhas, no qual o autor (acredito que o nome dele era Anderson) reproduziu um breve diálogo realizado no átrio da Câmara dos Comuns, depois de algum atentado anarquista

inesperado, com o Secretário da Casa Civil. Penso que fosse Sir William Harcourt. Ele estava muito irritado e o funcionário foi muito apologético. A frase, entre as três que se passaram entre eles, que mais me impressionou foi um comentário irritado de Sir William Harcourt, “Muito bem então. Mas a sua ideia de sigilo parece consistir de se manter o Secretário da Casa Civil na ignorância”. Isso caracteriza muito bem o temperamento de Sir W. Harcourt, melhor do que ele mesmo. Deve ter havido, no entanto, algum tipo de preocupação com um incidente de tal natureza, pois de repente me senti estimulado. E, em seguida, seguiu em minha mente o que um estudante de química compreenderia melhor a partir da analogia com a adição da menor gotinha do elemento correto que precipita o processo de cristalização em um tubo de ensaio que contém alguma solução incolor.

Inicialmente ocorreu em mim uma mudança mental, uma perturbação da imaginação que evoluiu para formas estranhas, como linhas afiadas apreendidas com imperfeição e que chamavam a atenção como cristais com suas formas bizarras e inesperadas. Uma necessária meditação diante do fenômeno – mesmo vinda do passado: América do Sul, um continente de luminosidade cruel e de brutais revoluções, do mar, a vasta extensão de águas salgadas, as visões celestiais e sorrisos, o refletor da luz do mundo. Então, a visão de uma cidade enorme surgiu; de uma cidade monstruosa mais populosa que alguns continentes e cujos habitantes são indiferentes às visões celestiais e aos sorrisos; uma devoradora cruel da luz do mundo. Havia espaço suficiente ali para colocar lá toda a história, profundidade suficiente para qualquer paixão, variedade suficiente para qualquer configuração, escuridão suficiente para enterrar cinco milhões de vidas.

Irresistivelmente, a cidade se tornou o pano de fundo para o período seguinte de meditações profundas e hesitantes. Imagens sem fim surgiram diante de mim, em várias direções. Levaria anos para encontrar o caminho correto! Pareceu levar anos!... Lentamente, a convicção esmaecida da paixão maternal da senhora Verloc cresceu transformou-se em uma chama entre mim e esse pano de fundo, tingindo-se com o ardor do seu segredo e recebendo em troca alguns das suas próprias colorações sombrias. Por fim, a história de Winnie

Verloc se destacou por completo dos dias da sua infância até o fim, mesmo que de um modo desproporcionado, com tudo ainda no primeiro plano como estava, mas pronta para ser burilada. Foi apenas uma questão de três dias.

Este livro é sobre aquela história, reduzida para proporções manejáveis, com todo um percurso sugerido e centrado na absurda crueldade da explosão ocorrida em Greenwich Park. Eu tinha por fim uma tarefa, que não digo ter sido árdua, mas de difícil absorção. Mas tinha que ser feita. Era uma necessidade. As personagens agruparam-se em torno da senhora Verloc e se relacionavam, direta ou indiretamente, com a sua trágica suspeita de que “a vida não fica olhando muito para isso”, e que é o resultado de sua própria necessidade. Pessoalmente, eu nunca tive dúvida da verossimilhança da história da senhora Verloc; entretanto teve que ser desvinculada de sua obscuridade nessa cidade imensa, tornando-a crível, não me referindo tanto à sua alma, mas ao seu entorno, não tanto à sua psicologia, mas à sua humanidade. Sugestões de ambientações não faltaram. Eu tive que lutar muito para manter à distância as lembranças dos meus passeios noturnos e solitários por Londres nos meus primeiros dias, para que não me apressasse e oprimisse em cada página da história, emergindo um após o outro, tão seriamente diante de seus sentimentos, pensados como quaisquer outros que eu já tivesse colocados nas linhas. Por causa disto, realmente acredito que O AGENTE SECRETO é uma peça perfeitamente genuína de trabalho. Mesmo por propósitos puramente artísticos, aplicando-se um método irônico a um tema desse tipo, foi formulado com deliberação e na crença fervorosa de que o tratamento irônico por si só, permitiu-me dizer tudo o que eu sentia, seja com desprezo ou com misericórdia. Foi uma das satisfações menores da minha vida de escritor ter que desenvolver o que eu pretendia, levando-me diretamente até o fim. Quanto às personagens que a necessidade absoluta do processo – o caso da senhora Verloc – trouxe para fora do submundo de Londres, a partir delas, também obtive aquelas pequenas satisfações que realmente contam para tanto contra a massa de dúvidas opressiva que assombram tão persistentemente todos os esforços do trabalho criativo. Por exemplo, sobre o próprio senhor Vladimir (que

foi um jogo justo para uma apresentação caricatural) fiquei satisfeito ao ouvir que um homem experiente do mundo havia dito “que Conrad deve ter estado em contato com a esfera, ou então tem uma excelente intuição das coisas”, porque o senhor Vladimir “não era alguém possível apenas em detalhes, mas sim em toda a sua razão de existir”. Então, um visitante dos Estados Unidos informou-me que todos os refugiados revolucionários em Nova Iorque afirmavam que o livro havia sido escrito por alguém que sabia muito sobre eles. Isso me pareceu um elogio muito grande, considerando-se que, por uma questão realmente de fato, eu pouco conhecera daquela espécie, nada além do que o onisciente amigo me dera para a primeira sugestão para o romance. Não tenho nenhuma dúvida, porém, que houve momentos durante a elaboração do livro, que me tornei um extremista revolucionário, não menos convencido do que eles, mas certamente estimando um propósito mais concentrado do que qualquer um deles já tinha feito no curso inteiro de suas vidas. Eu não digo isso para me gabar. Eu estava simplesmente concentrado em meus afazeres. Com relação a todos os meus livros eu sempre me concentrei no que estava fazendo. Eu me dediquei a ele com total autoentrega. E esta afirmação, também, não é uma ostentação. Eu não poderia tê-lo feito de outra maneira, pois ele muito me perturbou para que fosse crível de fato.

As sugestões para certas personagens do conto, tanto cumpridores da lei e quanto infratores dela, vieram de várias fontes que, talvez, aqui e ali, algum leitor possa ter reconhecido. Elas não são muito recônditas. Mas eu não estou preocupado aqui em legitimar quaisquer dessas pessoas, ou mesmo a minha visão geral das reações morais existentes entre o criminoso e a polícia; tudo o que eu me arrisco a dizer é que me pareceu ser, pelo menos, discutível.

Os doze anos que se passaram desde a publicação do livro não mudaram em nada minha atitude. Não me arrependo de tê-lo escrito. Ultimamente, as circunstâncias, que nada têm a ver com o teor geral deste prefácio, obrigaram-me a tirar este conto do manto literário do desprezo indignado que me custou tanto para me servir decentemente, anos atrás. Fui forçado, por assim dizer, a olhar para o seu total despojamento. Confesso que ele produz um esqueleto horrendo. Mas

continuo dizendo que me submeto à história de Winnie Verloc até o fim anarquista da desolação, da loucura e do desespero, e dizer que, como já disse aqui, que não tenho a intenção de cometer um ultraje gratuito sobre os sentimentos da humanidade.

1920

Joseph Conrad



À

H. G. WELLS

O NARRADOR DO AMOR DO SENHOR LEWISHAM,  
O BIÓGRAFO DE KIPPS E O HISTORIADOR DO FUTURO,  
ESTA SIMPLES HISTÓRIA DO SÉCULO XIX  
É AFETUOSAMENTE OFERECIDA.

## CAPÍTULO I

O senhor Verloc, saindo pela manhã, deixou sua loja aos cuidados do cunhado, como de costume. Não havia problemas nisso, uma vez que havia pouco movimento em qualquer horário, e praticamente nenhum antes da tarde. O senhor Verloc pouco se importava com seu pretenso negócio. E, além do mais, sua esposa cuidava do seu cunhado.

A loja era pequena, assim como a casa. Era uma daquelas casas de tijolos, sombrias, que existiam em grandes quantidades, antes que a era de reconstrução se abatesse sobre Londres. A loja era um lugar quadrado como uma caixa, com a frente envidraçada por pequenas janelas. À luz do dia, a porta permanecia fechada; à noite, ela ficava discretamente, mas suspeitosamente, entreaberta.

A janela continha fotografias de dançarinas mais ou menos nuas; pacotes, sem descrição, em embalagens de remédios sem prescrição; envelopes fechados de papel amarelo, muito frágeis e estampados com números pretos e pesados; algumas edições de antigas histórias em quadrinhos francesas, suspensas em um fio como se estivessem a secar; um velho vaso de porcelana encardido, uma cesta de madeira escura, frascos de tinta de marcação, e carimbos de borracha; alguns livros, com títulos que davam a entender que se tratava de obscenidades; algumas cópias aparentemente velhas de jornais obscuros, de má impressão, com nomes como *The Torch*, *The Gong* – títulos provocativos. E as duas bocas de gás nas janelas estavam sempre baixas, tanto para economizar, quanto pelo bem dos clientes.

Estes clientes eram sempre rapazes bem jovens, que se apoiavam nas janelas por algum tempo antes de repentinamente entrarem; ou homens de idade mais madura, mas que geralmente pareciam não ter dinheiro. Alguns deste último tipo tinham os colarinhos de seus sobretudos virados para cima até o bigode, e restos de lama no fundo de seus trajes internos, que tinham a aparência de estarem puídos e não serem de muito valor. E as pernas dentro delas não pareciam, de maneira geral, serem também muito importantes. Com as mãos

enterradas nos bolsos laterais de suas capas, entravam de lado, um ombro primeiro, temendo fazer com que o sino tocasse.

Era difícil contornar o sino, pendurado à porta por uma haste de aço curva. Estava irrecuperavelmente quebrado; mas à noite, com a menor provocação, ressoava atrás do cliente, com insolente virulência.

O sino ressoou; e com o sinal, através da empoeirada porta de vidro atrás do balcão pintado, o senhor Verloc se lançou apressadamente, vindo da sala de estar, ao fundo. Seus olhos eram naturalmente pesados; ele tinha o ar de quem rolou o dia inteiro em uma cama desfeita, completamente vestido. Outro homem teria sentido que tal aparência era uma clara desvantagem. Em uma transação comercial de ordem varejista, era muito importante o aspecto amigável e comprometido do vendedor. Mas o senhor Verloc conhecia seu negócio, e permanecia livre de qualquer dúvida estética sobre sua aparência. Com um firme e imperturbável olhar de descaramento, que parecia conter o risco de qualquer ameaça abominável, ele seguiu rumo ao balcão para vender algum objeto que obviamente, e escandalosamente, não parecia valer o dinheiro que passou pela transação: uma pequena caixa de cartões com aparentemente nada dentro, por exemplo, ou um daqueles envelopes amarelos e frágeis, cuidadosamente fechados, ou um volume encardido, com capa vagabunda e um título instigante. De vez em quando, acontecia de uma das dançarinas amarelas e desbotadas ser vendida a um amador, embora ela fosse viva e jovem.

Às vezes, era a senhora Verloc que surgia, ao chamado do sino rachado. Winnie Verloc era uma jovem dama com bustos fartos, em um corpete apertado, e cintura larga. Seu cabelo era muito ondulado. De olhos duros como os de seu marido, ela preservava um ar de impenetrável indiferença por trás da grade do balcão. Assim, o cliente de olhos suaves, em comparação aos dela, ficaria abruptamente desconcertado por ter de lidar com tal mulher, e com fúria no coração proferiria um pedido por um frasco de tinta de marcação, valor de mercado: 6 pence (valor na loja de Verloc: 1 xelim e 6 pence) que, uma vez do lado de fora, derramaria furtivamente na sarjeta.

Os visitantes da noite – os homens com os colarinhos voltados para cima e os chapéus de pano enfiados até o fundo – menearam a cabeça com intimidade para a senhora Verloc e, balbuciando um cumprimento, ergueram a aba ao final do balcão para chegar à sala de estar dos fundos, que dava acesso a uma passagem e a uma íngreme escadaria. A porta da loja era o único meio de entrada para a casa, na qual o senhor Verloc conduzia seu negócio de venda de artigos obscuros, praticava sua vocação de protetor da sociedade e cultivava seus valores domésticos. Estes últimos eram acentuados. Ele era um ser totalmente doméstico. Suas necessidades espirituais, mentais ou físicas não eram do tipo que o fazia sair muito. Ele encontrava em casa a tranquilidade para seu corpo e a paz para a sua consciência, junto com as atenções maritais da senhora Verloc e a consideração especial da mãe da senhora Verloc.

A mãe de Winnie era uma mulher robusta e ofegante, com um largo rosto bronzeado. Usava uma negra peruca sob um gorro branco. Suas pernas inchadas a tornaram inativa. Ela se considerava de descendência francesa, o que poderia ser verdade; e depois de bons anos de vida conjugal com um taberneiro licenciado, de estirpe mais comum, ela se sustentava durante a viuvez, alugando quartos mobiliados para cavalheiros, perto de Vauxhall Bridge Road, em uma praça que já teve seu esplendor e ainda estava no distrito de Belgravia. Este dado topográfico trazia-lhe alguma vantagem ao anunciar os aposentos; mas os clientes da digna viúva não eram exatamente do tipo elegante. Sendo como eram, sua filha Winnie ajudava a cuidar deles. Traços da descendência francesa, apregoados pela viúva, também eram aparentes em Winnie. Estavam aparentes nos seus cabelos brilhantes e negros, extremamente bem cuidados e artisticamente penteados. Winnie também tinha outros encantos: sua juventude; suas formas cheias e arredondadas; sua compleição limpa; a picardia de sua impenetrável índole reservada, que nunca ia tão longe a ponto de evitar uma conversa – animada, por parte dos hóspedes, e por parte dela, com igual amabilidade. Pode ser que o senhor Verloc fosse suscetível a estas fascinações. O senhor Verloc era um patrono intermitente. Aparecia e ia embora sem razão aparente. Geralmente, ele chegava a Londres (como a

gripe) desde o continente; raramente chegava despercebido pela imprensa; e suas visitas ocorriam com grande severidade. Ele tomava o desjejum na cama, e lá permanecia rolando até o meio-dia, com ar de quieta satisfação, todos os dias – e mesmo até mais tarde. Porém, quando saía, parecia encontrar grande dificuldade em encontrar o caminho de volta para seu lar temporário na praça, em Belgravia. Ele saía tarde e voltava cedo – tão cedo quanto três ou quatro horas da manhã; e, ao despertar às dez horas, chamava Winnie, que levava seu café da manhã em uma bandeja, com uma civilidade jocosa e exausta, com o tom de voz rouco e débil de um homem que estivera falando com veemência por muitas horas consecutivas. Seus olhos saltados e de pálpebras pesadas rolavam de um lado para o outro, amorosa e languidamente, as roupas de cama, puxadas até seu queixo, e seu bigode preto e liso cobriam seus grossos lábios, capazes de adocicadas conversas.

Na opinião da mãe de Winnie, o senhor Verloc era um bom cavalheiro. Pela sua experiência de vida, adquirida em várias “casas de negócios”, a boa mulher levou para a sua aposentadoria o ideal de cavalheirismo que era exibido pelos clientes de bares privados. O senhor Verloc chegava perto deste ideal; ele o era, na verdade.

“Certamente levaremos sua mobília, mamãe”, Winnie observara.

A hospedaria estava para ser fechada. Não parecia justificável continuar aberta. Teria causado muitos problemas ao senhor Verloc. Não teria sido conveniente para o seu outro negócio. Que negócio era, ele não dizia; mas, após seu noivado com Winnie, ele passou a se dar ao trabalho de despertar antes do meio-dia e, descendo as escadas desde o porão, tornou-se simpático à mãe de Winnie, na sala inferior, onde era servido o café da manhã, e onde ela passava sua existência imóvel. Ele acariciava o gato, avivava o fogo, e tinha o almoço servido ali. Ele deixou seu aconchego levemente abafado com evidente relutância, mas, invariavelmente, permanecia fora até a noite estar bem avançada. Nunca convidava Winnie para o teatro, como tal cavalheiro teria de fazer. Suas noites eram ocupadas. Seu trabalho tinha direcionamento político, ele disse uma vez à Winnie. Ele a avisou que ela teria que ser muito gentil com seus amigos políticos.

E, com seu olhar direto e impenetrável, ela respondeu que o seria, claro.

Se ele dissera mais a ela sobre sua ocupação, era impossível para a mãe de Winnie descobrir. O casal a levou junto com a mobília. O aspecto miserável da loja a surpreendeu. A mudança da praça em Belgravia para a estreita rua no Soho, afetou suas pernas negativamente. Elas ficaram de um tamanho enorme. Por outro lado, ela vivenciou um alívio completo dos cuidados materiais. A forte boa índole de seu genro lhe inspirava um sentido de segurança absoluta. O futuro de sua filha estava claramente garantido e, mesmo em relação ao seu filho, Stevie, ela não precisava se preocupar. Ela não teria sido capaz de esconder de si mesma que ele era um terrível estorvo, o pobre Stevie. Mas, em vista da paixão de Winnie por seu delicado irmão, e da bondosa e generosa disposição do senhor Verloc, ela sentia que o pobre garoto estava muito seguro neste mundo duro. E, no fundo de si mesma, talvez ela não estivesse decepcionada pelo fato da família Verloc não ter filhos. Como o senhor Verloc parecia totalmente indiferente a esta circunstância, e como Winnie descobrira um objeto de afeição quase materna em seu irmão, talvez isso fosse bem adequado ao pobre Stevie.

Pois era difícil se livrar dele, pobre garoto. Ele era delicado e, de modo frágil, bonito também, exceto por seu tolo e pendente lábio inferior. Ele aprendera a ler e a escrever sob nosso excelente sistema de ensino obrigatório, a despeito do desfavorável aspecto de seu lábio inferior. Porém, como entregador, ele não se transformou em um grande sucesso. Esquecia suas mensagens; facilmente se distraía do caminho do dever, por gatos vadios e vira-latas, que ele seguia por becos estreitos e pátios degradados; pelas comédias das ruas, que ele contemplava com a boca aberta em detrimento dos interesses do patrão; ou pelos dramas dos cavalos caídos, dos quais o sofrimento e a violência o levavam, às vezes, a gritos agudos dentre a multidão, que não gostava de ser perturbada por sons de tristeza em sua silenciosa apreciação deste espetáculo nacional. Quando conduzido por um policial grave e protetor, geralmente ficava aparente que o pobre Stevie esquecera seu endereço – pelo menos, por um tempo. Uma súbita pergunta lhe fazia gaguejar a ponto de sufocar. Ele costumava entortar terrivelmente os

olhos quando assustado por algo que lhe deixava perplexo. Porém, nunca teve acessos (o que era encorajador); e, antes das explosões naturais de impaciência de seu pai, ele poderia sempre, nos dias de sua infância, buscar proteção atrás das saias curtas de sua irmã Winnie. Por outro lado, poderia suspeitar-se que ele esconderia um fundo de impulsiva falta de disciplina. Quando atingiu a idade de 14 anos, um amigo de seu finado pai, que era representante de um laticínio estrangeiro, lhe dera um emprego como mensageiro; lá foi descoberto, em uma tarde enevoada, ocupado em soltar fogos de artifício pela escada, na ausência do chefe. Ele disparava, em rápida sucessão, um conjunto de foguetes com rabo de fogo, nervosas estrelinhas, rojões de explosões ensurdecedoras – e a questão poderia ter ficado muito séria. Um pânico terrível se espalhou por todo o edifício. Escriturários apavorados e sufocados desembestavam pelos corredores cheios de fumaça, chapéus de seda e idosos homens de negócios podiam ser vistos rolando à solta pelas escadas. Stevie parecia não obter nenhuma satisfação pessoal pelo que fizera. Seus motivos por este ataque de originalidade eram difíceis de deslindar. Foi depois de algum tempo que Winnie conseguiu dele uma confissão enevoada e confusa. Parece que outros dois mensageiros no edifício haviam perturbado seus sentimentos com histórias de injustiças e opressão, até que levaram sua conduta ao extremo de tal loucura. Mas o amigo de seu pai, claro, o demitiu sumariamente por quase arruinar seu negócio. Depois daquela agradável façanha, Stevie foi colocado para ajudar a lavar a louça da cozinha no porão e para engraxar as botas dos cavalheiros que se hospedavam na casa de Belgravia. Obviamente não havia futuro em tal trabalho. Os cavalheiros lhe davam um xelim de gorjeta, ocasionalmente. O senhor Verloc se mostrava como o mais generoso dos hóspedes. Mas, no conjunto, tudo aquilo não resultava em muito, tanto como meio de sustento quanto futuro; assim, quando Winnie anunciou seu noivado com o senhor Verloc, sua mãe não pôde deixar de pensar, com um suspiro e um lance de olhar para a copa, o que seria agora do pobre Stephen.

Parecia que o senhor Verloc estava disposto a levá-lo junto com a mãe de sua esposa e a sua mobília que eram toda a fortuna visível da

família. O senhor Verloc reuniu tudo como veio ao seu colo, amplo e de boa índole. Os móveis foram dispostos da melhor maneira por toda a casa, mas a mãe da senhora Verloc ficou confinada a dois cômodos de fundo, no primeiro andar. O desafortunado Stevie dormia em um deles. Naquele momento, um tufo de pelos finos e macios surgira para nublar, como uma névoa dourada, a linha aguda de sua pequena mandíbula inferior. Ele ajudava sua irmã com amor cego e docilidade em seus deveres domésticos. O senhor Verloc julgava que alguma ocupação lhe faria bem. Seu tempo ocioso era ocupado por desenhar círculos com um compasso e um lápis em folhas de papel. Ele se aplicava a esta diversão com grande aplicação, seus cotovelos bem abertos e muito inclinados sobre a mesa da cozinha. Por entre a porta aberta da sala de estar, aos fundos da loja, Winnie, sua irmã, relanceava para ele de vez em quando, com vigilância maternal.



## CAPÍTULO II

Tal era a casa, o lar e a loja que o senhor Verloc deixou atrás de si em seu caminho para a direção oeste, às dez e meia da manhã. Era extraordinariamente cedo para ele; toda a sua pessoa exalava um frescor quase orvalhado; ele trajava seu sobretudo de pano azul desabotoado; suas botas eram brilhantes; seu rosto recém-barbeado tinha uma espécie de brilho; e mesmo seus olhos de pesadas pálpebras, renovados por uma noite de sono tranquilo, disparavam olhares de alertas comparativos. Por entre as grades do parque, estes olhares viam homens e mulheres cavalgando pelo Row, casais passando harmoniosamente a médio galope, outros avançando em um trote tranquilo, grupos de três ou quatro ociosos, cavaleiros solitários de aparência insociável e mulheres sozinhas, seguidas de longe por um cavaleiro que tinha um emblema em seu chapéu e um cinto de couro sobre seu casaco de caimento justo. As carruagens passavam, em sua maioria belinas de dois cavalos, aqui e ali uma vitória [\[1\]](#) revestida com a pele de algum animal selvagem, e um rosto e um chapéu de mulher emergindo acima da capota aberta. E um sol peculiarmente londrino – contra o qual nada poderia ser dito, exceto que parecia raiado de sangue – examinava e celebrava tudo isso. Estava suspenso a uma altura moderada sobre o Hyde Park Corner, com um ar de vigilância pontual e benigna. Sob os pés do senhor Verloc, o próprio calçamento tinha um matiz de ouro envelhecido sob aquela luz difusa, pela qual nem uma parede, ou uma árvore, nem animal ou homem, lançavam sombras. O senhor Verloc caminhava para o oeste por entre uma cidade sem sombras, em uma atmosfera polvilhada de ouro envelhecido. Havia raios de sol vermelhos e cor de cobre sobre os telhados das casas, nos cantos dos muros, nos painéis das carruagens, sobre as peles dos cavalos e sobre as amplas costas do sobretudo do senhor Verloc, onde produziam um efeito embotado de ferrugem. Mas o senhor Verloc não estava nem ao mínimo consciente de estar enferrujado. Ele vasculhava por entre as grades do parque as evidências da opulência e do luxo da cidade, com um olhar aprovador. Todas estas pessoas tinham de ser protegidas. A proteção é a primeira necessidade da opulência e do luxo.

Tinham de ser protegidas; e seus cavalos, suas carruagens, suas casas e seus criados tinham de ser protegidos; e a fonte de toda aquela abundância tinha de estar protegida, no coração da cidade e no coração do país; toda a ordem social propícia àquela higiênica ociosidade tinha de ser protegida contra a rasa inveja do trabalho imundo. Tinha de ser – e o senhor Verloc teria esfregado as mãos de contentamento, se não fosse constitucionalmente contrário a qualquer esforço supérfluo. Seu ócio não era higiênico, mas lhe caía bem. Ele se devotou, de certa maneira, a este ócio, com uma espécie de fanatismo inerte, ou talvez, melhor, com uma inércia fanática. Nascido de pais diligentes, para uma vida de trabalho, ele acolhera a indolência de um impulso tão profundo quanto inexplicável, e tão imperioso quanto o impulso que direciona a preferência de um homem para uma mulher específica, dentre milhares. Ele era muito preguiçoso até mesmo para um mero demagogo, para um orador da classe trabalhadora, para um líder de sindicato. Isto era muito trabalhoso. Ele requeria uma forma mais perfeita de tranquilidade; ou poderia ser que ele fosse vítima de uma falta de crença filosófica na efetividade de qualquer esforço humano. Tal forma de indolência requeria, implicitamente, certa quantidade de inteligência. O senhor Verloc não era desprovido de inteligência – e ele talvez tivesse piscado a si mesmo com a ideia de uma ordem social ameaçada, se não houvesse um esforço a ser feito neste sinal de ceticismo. Seus olhos grandes e saltados não eram bem adaptados a piscadelas. Eram mais do tipo que se fecha em um sono solene, com efeitos majestosos.

O senhor Verloc, contido e corpulento ao estilo de um porco gordo, sem esfregar as mãos de satisfação ou piscar ceticamente aos seus pensamentos, seguiu seu caminho. Ele pisava o terreno com força em suas botas brilhantes e sua postura geral era a de um mecânico bem estabelecido em seu próprio negócio. Ele poderia ser qualquer coisa, desde um moldureiro até um chaveiro; um empregado autônomo em pequena escala. Mas também havia nele um ar indescritível, que nenhum mecânico poderia ter alcançado pela prática de sua atividade, por mais que desonestamente exercida; o ar comum aos homens que vivem os vícios, as festas ou os medos mais baixos da humanidade; o ar de niilismo moral comum aos frequentadores de casas de jogo e

lupanares; aos detetives particulares e pesquisadores; aos vendedores de bebidas e, devo dizer, aos vendedores de revigorantes cintos elétricos e aos inventores de novos remédios. Mas destes últimos não estou bem certo, por não ter conduzido minhas investigações a níveis tão profundos. De tudo o que sei, a expressão destes últimos pode ser perfeitamente diabólica. Eu não deveria me surpreender. O que eu quero afirmar é que a expressão do senhor Verloc não era, de modo algum, diabólica.

Antes de chegar a Knightsbridge, o senhor Verloc dobrou à direita para sair da movimentada rua principal, ruidosa com o tráfego de bamboleantes ônibus e lentos automóveis, para o quase silencioso e ágil correr dos cabriolés. Sob o seu chapéu ligeiramente inclinado para trás, seu cabelo fora cuidadosamente escovado com respeitável brandura; pois seu negócio era com uma embaixada. E o senhor Verloc, firme como uma rocha – um tipo suave de rocha – marchava agora por uma rua que, com toda a propriedade, poderia ser descrita como privada. Em sua amplitude, aparência desértica e extensão, ela tinha a majestade da natureza inorgânica, da matéria que nunca perece. A única lembrança de mortalidade era o cabriolé de um médico, estacionado em augusta solidão ao meio-fio. As polidas aldravas das portas reluziam até onde os olhos podiam ver, as janelas limpas brilhavam com um fulgor escuro e opaco. E tudo estava sossegado. Mas um carrinho de leite chacoalhava ruidosamente pelo distante horizonte; um entregador de carnes, guiando com a nobre imprudência de um cocheiro nos Jogos Olímpicos, se lançou sobre a esquina, sentado bem acima de um par de rodas vermelhas. Um gato de olhar culpado emergiu do calçamento, correu por um tempo diante do senhor Verloc e então, mergulhou novamente em outro porão; e um tosco policial, alheio a qualquer emoção, como se também fosse parte da natureza inorgânica, pareceu surgir de um poste de iluminação, sem sequer notar a presença do senhor Verloc. Virando à esquerda, o senhor Verloc seguiu seu caminho por uma rua estreita, ao lado de um muro amarelo que, por alguma razão impenetrável, tinha a inscrição “Chesham Square, n° 1”, em si, com letras negras. Chesham Square se encontrava a pelo menos cinquenta metros adiante, e o senhor Verloc, cosmopolita o bastante

para não se deixar enganar pelos mistérios topográficos de Londres, seguiu confiante, sem sinal de surpresa ou de indignação. Por fim, com uma persistência sistemática, chegou à praça, e caminhou diagonalmente até o número 10. Tratava-se de uma imponente porta de garagem em uma parede alta e limpa, entre duas casas, uma das quais logicamente tinha o número 9 e a outra, o número 37; mas o fato de que esta última pertencia à Porthill Street, uma rua bem conhecida nas redondezas, estava anunciado em uma inscrição, colocada acima das janelas do térreo, por qualquer que seja a autoridade altamente eficiente que foi encarregada do dever de manter o registro de todas as casas extraviadas de Londres. Por que não encarregaram o Parlamento (um simples decreto bastaria) de obrigar estes edifícios a voltar aonde pertenciam é um dos mistérios da administração municipal. O senhor Verloc não ocupava sua mente com assuntos assim, sua missão em vida era a de proteger o mecanismo social, não a de aperfeiçoá-lo, ou mesmo criticá-lo.

Era tão cedo que o porteiro da embaixada se lançou apressadamente para fora do seu quarto, ainda lutando contra a manga esquerda do casaco de seu uniforme. Seu colete era vermelho e ele usava calças curtas, mas seu aspecto era aturdido. O senhor Verloc, ciente da investida a seu flanco, o deteve simplesmente ao estender-lhe um envelope, estampado com o brasão da embaixada, e entrou. Ele exibiu o mesmo talismã ao criado que lhe abriu a porta, e se demorou a deixá-lo passar ao vestíbulo.

Um fogo brilhante ardia em uma lareira alta, e um senhor de avançada idade – estava de costas para ele, em trajes de gala e com uma corrente ao redor do pescoço – levantou os olhos do jornal que segurava com as duas mãos, diante do rosto calmo e severo. Ele não se moveu; mas outro criado, de calça marrom e casaco de rabo de andorinha, adornado com finos fios amarelos, aproximou-se do senhor Verloc e ouviu o sussurrar de seu nome, girou em seus calcanhares e começou a caminhar, sem olhar para trás sequer uma vez. O senhor Verloc, assim conduzido por uma passagem térrea para a esquerda da escadaria acarpetada principal, foi subitamente levado a adentrar em uma sala muito pequena, mobiliada com uma mesa de escrever bem

pesada e algumas cadeiras. O criado fechou a porta e o senhor Verloc permaneceu sozinho. Ele não se sentou. Com o chapéu e a bengala em uma mão, ele olhou ao redor, passando a outra mão gorda por sua cabeça reluzente.

Outra porta abriu sem fazer ruído, e o senhor Verloc, concentrando o foco da visão naquela direção, viu primeiro apenas roupas negras, a parte superior de uma cabeça careca e costeletas cinza escuras, pendendo de cada lado de um par de mãos enrugadas. A pessoa que entrou tinha muitos papéis diante dos olhos e caminhou até a mesa com passos bem afetados, virando as páginas, depois de algum tempo. O Conselheiro Privado Wurmt, Conselheiro de Embaixada, era bastante míope. Este meritório funcionário depositou os papéis sobre a mesa, revelando um rosto de aspecto pastoso e de melancólica feiúra, cercado por uma abundância de cabelo cinza escuro, longo e fino, marcado pesadamente por sobrancelhas espessas e frondosas. Ele colocou um pincenê de armação preta sobre o nariz rombudo e sem forma, e pareceu surpreso com a aparição do senhor Verloc. Sob as enormes sobrancelhas, seus fracos olhos piscavam pateticamente, através dos óculos.

Ele não fez menção de cumprimentá-lo; nem o senhor Verloc fez alguma, já que certamente sabia seu lugar; mas uma mudança sutil na linha dos ombros e das suas costas sugeriu um leve inclinar da espinha do senhor Verloc sob a vasta superfície de seu sobretudo. O efeito foi o de uma deferência contida.

“Tenho aqui alguns de seus relatórios”, disse o burocrata, com uma voz inesperadamente suave e cansada, e pressionando a ponta do dedo indicador com força. Ele pausou; e o senhor Verloc, que reconhecera também sua própria caligrafia, aguardou em silêncio, quase sem respirar. “Não estamos muito satisfeitos com a atitude da polícia aqui”, o outro continuou, com toda a aparência de fadiga mental.

Os ombros do senhor Verloc, sem se moverem de fato, sugeriram indiferença. E, pela primeira vez desde que deixou sua casa naquela manhã, seus lábios se abriram.

“Todo país tem sua polícia”, ele disse filosoficamente. Mas, enquanto o funcionário da embaixada prosseguia piscando firme para ele, sentiu-se impelido a acrescentar, “Permita-me observar que não tenho como agir em relação à polícia, aqui”.

“O que se deseja”, disse o homem dos papéis, “é que algo definitivo ocorra, para estimular a vigilância. Isto está ao seu alcance, não é mesmo?”

O senhor Verloc não respondeu, exceto por um suspiro, que lhe escapou involuntariamente, pois imediatamente ele deu ao seu rosto um ar alegre. O funcionário piscou, em dúvida, como se incomodado pela parca luz da sala. Ele repetiu vagamente.

“A vigilância da polícia – e o rigor dos magistrados. A leniência geral dos procedimentos jurídicos daqui e a ausência extrema de qualquer medida repressiva são um escândalo para a Europa. O que se deseja para agora é o agravamento da inquietação, da fermentação, que sem dúvida existe”.

“Sem dúvida, sem dúvida”, irrompeu o senhor Verloc, em um barítono de profunda deferência, típico de oratória, o oposto do tom com que havia falado antes, o que fez seu interlocutor ficar profundamente surpreso. “Isso existe a um nível perigoso. Meus relatórios dos últimos doze meses deixam isso suficientemente claro”.

“Seus relatórios dos últimos doze meses”, começou o Conselheiro de Estado, Wurmt, em seu tom gentil e desapaixionado, “foram todos lidos por mim. Falhei em descobrir por que você os escreveu”.

Um triste silêncio reinou por algum tempo. O senhor Verloc pareceu ter engolido a língua, e o outro encarava fixamente os papéis sobre a mesa. Por fim, ele os empurrou levemente.

Presume-se que o estado das coisas que você descreve seja a primeira condição da contratação dos seus serviços. O que se necessita agora não é escrever, mas trazer à luz um fato distinto, significativo; eu quase diria um fato alarmante”.

Não preciso dizer que todos os meus esforços serão dirigidos para tal fim”, disse o senhor Verloc, com modulações seguras em seu áspero tom de conversa. Mas a sensação de receber atentas piscadelas, por trás do brilho opaco daquelas lentes, ao outro lado da mesa o desconcertava. Ele se deteve bruscamente, com um gesto de absoluta devoção. O útil e trabalhador, embora obscuro, membro da embaixada tinha o ar de quem estava impressionado por uma ideia repentina.

“Você é muito corpulento”, ele disse.

Esta observação, realmente de natureza psicológica, e expressa com a modesta hesitação de um burocrata mais familiarizado com tinta e papel, do que com as exigências de uma vida ativa, perfurou o senhor Verloc como se fosse uma rude observação pessoal. Ele recuou.

“Hein? O que disse?”, ele exclamou, com áspero ressentimento.

O *Chancelier d’Ambassade*, encarregado da condução desta entrevista, parecia achar que tudo era demais para ele.

“Eu acho”, ele disse, “que seria melhor se você visse o senhor Vladimir. Sim, decididamente penso que o senhor deve encontrar o senhor Vladimir. Seja bom o bastante para aguardar aqui”, ele acrescentou, e saiu com passos afetados.

O senhor Verloc passou a mão pelos cabelos imediatamente. Uma leve transpiração irrompera em sua testa. Ele deixou o ar escapar pelos lábios contraídos, como um homem que soprava uma colher cheia de sopa quente. Mas quando o criado de marrom apareceu silenciosamente à porta, o senhor Verloc não se moveu um centímetro do lugar que ocupara por toda a entrevista. Ele permanecera imóvel, como se se sentisse cercado por armadilhas.

Caminhou por uma passagem iluminada por uma única lâmpada de gás, então subiu por um lance de escadas curvas e passou por um corredor brilhante e alegre, no primeiro piso. O criado abriu a porta e ficou ao lado dela. Os pés do senhor Verloc sentiram um tapete espesso. A sala era ampla, com três janelas; e um jovem, com um rosto grande e barbeado, sentado em uma espaçosa poltrona, diante de uma vasta mesa de mogno, disse em francês ao *Chancelier d’Ambassade*, que saía com os papéis nas mãos:

“Você está muito certo, *mon cher*. Ele é gordo, o animal”.

O senhor Vladimir, Primeiro Secretário, tinha uma reputação em público de ser um homem tranquilo e cordial. Era como um protegido da sociedade. Seu talento consistia em descobrir ridículas conexões entre ideias incongruentes; e, quando falava nesse sentido, ele sentava-se bem para a frente, com a mão esquerda erguida, como se exibindo divertidas demonstrações entre seu dedão e o indicador, enquanto seu rosto redondo e bem barbeado exibía uma expressão de feliz perplexidade.

Mas não havia traços de alegria ou perplexidade no modo como ele olhava para o senhor Verloc. Refestelado na profunda poltrona, com os cotovelos diretamente opostos e jogando uma perna sobre um grosso joelho, ele tinha em sua feição ágil e rósea um ar de bebê sobrenatural, que não suportaria tolices de ninguém.

“Suponho que você entenda francês”, ele disse.

O senhor Verloc afirmou rudemente que sim. Toda a sua vasta massa se inclinava para a frente. Ele estava parado sobre o tapete, no meio da sala, agarrado ao seu chapéu e à sua bengala com uma mão; a outra pendia, sem vida, ao seu lado. Ele murmurou discretamente, em algum lugar nas profundezas de sua garganta, algo sobre ter feito o serviço militar na artilharia francesa. Finalmente, com uma perversidade insolente, o senhor Vladimir mudou de idioma e começou a falar em um inglês idiomático, sem o menor traço de sotaque estrangeiro.

“Ah! Sim. Claro. Vejamos. Quanto tempo você pegou por conseguir o projeto do avançado obturador do novo canhão deles?”

“Cinco anos de rigoroso confinamento em uma fortaleza”, respondeu inesperadamente o senhor Verloc, mas sem nenhum sinal de sentimento.

“Você se livrou facilmente”, foi o comentário do senhor Vladimir. “E, de qualquer forma, serviu-lhe bem por ter se deixado pegar. O que lhe fez entrar neste tipo de coisa, hein?”



Ouviu-se então a áspera voz do senhor Verloc falar de juventude, de uma fatal paixão por uma indigna...

“Aha! *Cherchez la femme*”, ousou interromper o senhor Vladimir, firme, mas sem afabilidade; havia, ao contrário, um toque de amargor em sua complacência. “Há quanto tempo você trabalha para a embaixada?”, ele perguntou.

“Desde a época do finado Barão Stott-Wartenheim”, respondeu o senhor Verloc em um tom servil, torcendo os lábios em sinal de tristeza pelo falecido diplomata. O Primeiro Secretário observou este jogo de fisionomia, sem se alterar.

“Ah! Desde então, muito bem! O que tem a dizer sobre si mesmo?”, perguntou, afiadamente.

Com alguma surpresa, o senhor Verloc respondeu que ele não sabia se havia alguma coisa especial a dizer. Ele fora convocado por uma carta; e afundou sua mão apressadamente no bolso lateral de seu sobretudo, mas diante do olhar zombeteiro, cínico e atento do senhor Vladimir, resolveu deixá-la lá.

“Bah!”, disse este, depois de um tempo. “O que você pretende ao revelar sua condição desta maneira? Você, um membro do proletariado faminto? Nunca! Você, um desesperado socialista ou anarquista: qual dos dois?”

“Anarquista”, declarou o senhor Verloc, em um tom desanimado.

“Besteira!”, prosseguiu o senhor Vladimir, sem elevar sua voz. “Você assustou o velho Wurmt. Você não enganaria um idiota. A propósito, são todos uns idiotas, mas você me parece simplesmente impossível. Então você começou sua conexão conosco ao roubar os projetos de armas francesas. E você foi preso. Isso deve ter sido muito desagradável para o nosso governo. Você não parece ser muito esperto”.

O senhor Verloc tentou se desculpar bruscamente.

“Como tive ocasião de perceber anteriormente, uma paixão fatal por uma indigna...”

O senhor Vladimir ergueu uma mão branca e gorda. “Ah, sim. O desafortunado relacionamento... de sua juventude. Ela ficou com o

dinheiro e então lhe vendeu à polícia, não é?”

A pesarosa mudança na fisionomia do senhor Verloc e o desabar momentâneo de toda a sua pessoa confessaram que tal era o lamentável caso. A mão do senhor Vladimir agarrou o tornozelo repousando em seu joelho. A meia era de seda azul escura.

“Veja que isso não foi muito inteligente de sua parte. Talvez você seja muito suscetível”.

O senhor Verloc lembrou, em um murmúrio gutural e velado, que já não era mais jovem.

“Oh! Esta é uma falha que a idade não corrige”, observou o senhor Vladimir, com sinistra familiaridade. “Mas não! Você está muito gordo para isso. Você não poderia ter chegado a este ponto se não fosse tão suscetível. Vou lhe dizer qual é a minha opinião sobre este caso: você é um camarada preguiçoso. Há quanto tempo vem arrancando dinheiro desta embaixada?”

“Onze anos”, foi a resposta, depois de um momento de irada hesitação. “Fui encarregado de muitas missões em Londres, enquanto Sua Excelência, o Barão Stott-Wartenheim, ainda era embaixador em Paris. Então, conforme as instruções de sua Excelência, fui transferido para Londres. Sou inglês”.

“Você é! Você é? Hein?”

“Um súdito inglês de nascimento”, disse o senhor Verloc, sem sentimentos. “Mas meu pai era francês, e portanto...”

“Não se preocupe com explicações”, interrompeu o outro. “Ouso dizer que você, legalmente, seria um marechal na França, ou um membro do Parlamento na Inglaterra, o que, de fato, teria sido mais útil à nossa embaixada”.

Este voo de imaginação provocou algo como um débil sorriso no rosto do senhor Verloc. O senhor Vladimir reteve sua imperturbável gravidade.

“Mas, como eu dizia, você é um camarada preguiçoso; não aproveita suas oportunidades. No tempo do Barão Stott-Wartenheim, tínhamos muitos sonsos trabalhando nesta embaixada. Eles fizeram

com que gente do seu tipo formasse uma falsa concepção sobre a natureza do fundo do serviço secreto. É meu trabalho corrigir esta falsa percepção, ao lhe dizer o que o serviço secreto não é. Isso não é uma instituição filantrópica. Eu lhe chamei aqui com o propósito de lhe dizer isso”.

O senhor Vladimir observou a expressão forçada de perplexidade no rosto de Verloc, e sorriu sarcasticamente.

“Vejo que me entende perfeitamente. Ouso dizer que você é inteligente o bastante para o seu trabalho. O que queremos é atividade; atividade”.

Ao repetir esta última palavra, o senhor Vladimir depositou um comprido dedo indicador na borda da mesa. Todos os traços de rudeza desapareceram do rosto de Verloc. A nuca de seu grosso pescoço tornou-se carmesim, acima do colarinho de veludo de seu sobretudo. Seus lábios tremiam antes de se abrirem completamente.

“Se for bondoso o suficiente para analisar meu histórico”, ele irrompeu em seu grande e límpido barítono de oratória, “você verá que avisei, há apenas três meses, na ocasião da visita do Grão Duque Romuald a Paris, que foi telegrafada daqui para a polícia francesa, e...”

“Chega, chega!”, cortou o senhor Vladimir, com um gesto de descontentamento. “A polícia francesa desconsiderou sua mensagem. Não faça este barulho. O que diabos você deseja?”

Com uma nota de orgulhosa humildade, o senhor Verloc se desculpou por se deixar ir. Sua voz, famosa por anos em eventos ao ar livre e em assembleias de trabalhadores em amplas salas, contribuíra, ele disse, para a sua reputação como um bom e confiável camarada. Era, portanto, parte de sua utilidade. Ela inspirara confiança em seus princípios. “Sempre me posicionei a falar ao lado dos líderes, em um momento crítico”, declarou o senhor Verloc, com óbvia satisfação. Não havia tumulto ou alvoroço no qual ele não se fizesse ouvir, acrescentou; e subitamente, fez uma demonstração.

“Permita-me”, ele disse. Com a cabeça baixa, sem olhar para cima, ágil e ponderadamente ele cruzou a sala até uma das janelas francesas. Como que cedendo a um impulso incontrollável, ele a abriu

um pouco. O senhor Vladimir, pulando com surpresa de sua profunda poltrona, olhou sobre seu ombro; e embaixo, através do pátio da embaixada, bem além do portão aberto, se podia ver as costas largas de um policial, observando ociosamente o belo passeio de um saudável bebê em um carrinho através da praça.

“Oficial!”, disse o senhor Verloc, sem mais esforço do que se estivesse murmurando; e o senhor Vladimir irrompeu em uma risada, ao ver o policial voltar-se como se espetado por um instrumento pontiagudo. O senhor Verloc fechou a janela tranquilamente, e voltou para o meio da sala.

“Com uma voz como essa”, ele disse, pressionando a tecla do baixo de conversação, “eu era naturalmente confiante. E sabia o que dizer também”.

O senhor Vladimir, arrumando a gravata, o observava pelo espelho sobre a lareira.

“Ouso dizer que você possui a verve da revolução social bem dentro do espírito”, ele disse com desdém. “Vox et [\[2\]](#)... Você nunca estudou latim, não é?”

“Não”, rosnou o senhor Verloc. “Você não esperava que eu soubesse. Pertença aos milhões. Quem fala latim? Apenas algumas centenas de imbecis que não conseguem nem mesmo cuidar de si mesmos”.

O senhor Vladimir seguiu estudando pelo espelho, por mais alguns segundos, o perfil cheio de carne, a grosseira massa, do homem atrás dele. E, ao mesmo tempo, tinha a vantagem de ver a própria face, bem barbeada e redonda, rósea como guelras que, com os lábios finos e sensíveis, era exatamente adequada para exprimir aquelas delicadas tiradas, que o tornaram o favorito dentre a mais alta sociedade. Então, virou-se e avançou pela sala com tanta determinação que as próprias pontas do seu esquisito e antiquado laço da gravata pareciam encrespadas, com ameaças indizíveis. O movimento foi tão ágil e feroz que o senhor Verloc, lançando um olhar oblíquo, desanimou, dentro de si.

“Aha! Você ousa ser impudente!”, começou o senhor Vladimir, com uma entonação surpreendentemente gutural, não apenas não inglesa, mas também, não europeia, assustando até mesmo a experiência do senhor Verloc, em favelas cosmopolitanas. “Você ousa! Bem, lhe direi em inglês castiço. A voz não basta. Não temos serviços para a sua voz. Não queremos uma voz. Queremos fatos – fatos assustadores – maldito seja”, ele acrescentou, com uma espécie de feroz conclusão, bem diante do senhor Verloc.

“Não tente se sobrepor a mim com suas maneiras hiperbóreas”, defendeu-se o senhor Verloc, com rudeza, olhando para o carpete. Com isso, seu interlocutor, sorrindo zombeteiramente acima do laço encrespado de sua gravata, mudou a conversação para o francês.

“Você se considera um *agent provocateur*. A própria ocupação de *agent provocateur* é a de provocar. Até onde pude julgar pelo seu histórico em nosso poder, você não fez nada para justificar seu salário nos últimos três anos”.

“Nada!”, exclamou o senhor Verloc, sem levantar um membro, sem erguer seus olhos, mas com o tom de sinceros sentimentos em sua voz. “Por várias vezes, evitei o que poderia ser...”

“Há um provérbio neste país que diz que a prevenção é melhor do que a cura”, interrompeu o senhor Vladimir, jogando-se na poltrona. “De modo geral, isso é estúpido. Não há fim para a prevenção. Mas é característico. Não se gosta de fins neste país. Não seja muito inglês. E, neste caso em particular, não seja absurdo. O demônio já está aqui. Não queremos prevenção – queremos a cura”.

Ele parou, voltou-se à mesa, e virando algumas folhas de papel sobre ela, falou em um tom alterado, de negócios, sem olhar para o senhor Verloc.

“Você sabe, claro, da Conferência Internacional, reunida em Milão?”

O senhor Verloc declarou, com rouquidão, que tinha o hábito de ler os jornais. Sua resposta, a uma questão posterior, foi a de que, claro, ele entendera o que lera. Com isso, o senhor Vladimir, sorrindo

debilmente, com os documentos que ainda analisava, um após o outro, murmurou, “já que não estava escrito em latim, suponho”.

“Ou chinês”, acrescentou o senhor Verloc, com indiferença.

“Hum. Algumas efusões dos seus amigos revolucionários são escritas em uma *charabia*<sup>[3]</sup>, tão incompreensível quanto o chinês”. O senhor Vladimir deixou cair desdenhosamente uma folha cinza com algo impresso. “O que são estes panfletos encabeçados com um F.P., um martelo, uma pena e uma tocha, entrecruzados? O que isso significa, este F.P.?” O senhor Verloc se aproximou da imponente escrivaninha.

“O Futuro do Proletariado. É uma sociedade”, ele explicou, deixando-se ficar pesadamente ao lado da poltrona, “não anarquista em princípios, mas aberta a todas as vertentes da opinião revolucionária”.

“Você é membro dela?”

“Um dos vice-presidentes”, soltou pesadamente o senhor Verloc; e o Primeiro Secretário da embaixada ergueu a cabeça para olhar para ele.

“Então você deveria ter vergonha de si mesmo”, ele disse incisivamente. “Sua sociedade não é capaz de nada além de imprimir esta profética besteira em letras embotadas, neste papel imundo, não é? Por que você não faz algo? Olhe aqui. Estou cuidando disso agora, e lhe digo claramente que você terá de batalhar pelo seu dinheiro. Os bons tempos do velho Stott-Wartenheim acabaram. Sem trabalho, sem salário”.

O senhor Verloc sentiu a rara sensação de debilidade, em suas vigorosas pernas. Deu um passo para trás e assoou ruidosamente seu nariz.

Ele estava, na verdade, assustado e preocupado. A enferrujada luz do sol de Londres lutava para se livrar da névoa londrina, derramando um brilho morno sobre a sala privativa do Primeiro Secretário; e, no silêncio, o senhor Verloc ouvia o débil voar de uma mosca contra a janela – sua primeira mosca do ano – anunciando, melhor do que qualquer quantidade de andorinhas, a chegada da primavera. O alvoroço inútil daquele pequeno organismo energético

afetou desagradavelmente aquele homem enorme, ameaçado em sua indolência.

Durante a pausa, o senhor Vladimir formulou, em sua mente, uma série de observações depreciativas sobre o rosto e a figura do senhor Verloc. O camarada era inesperadamente vulgar, pesado e impudentemente estúpido. Ele parecia, de forma incomum, como o mestre encanador que viera cobrar por um serviço. O Primeiro Secretário da embaixada, a partir de suas excursões ocasionais pelo humor norte-americano, formara uma ideia peculiar daquela classe de mecânicos, como a personificação da preguiça e da incompetência fraudulentas.

Isso era quando o famoso e confiável agente secreto, tão secreto que nunca fora designado, senão pelo símbolo – um delta –, nas correspondências oficiais, semioficiais e confidenciais do finado barão Stott-Wartenheim; o célebre agente – delta –, cujos avisos tinham o poder de alterar os planos e as datas das viagens reais, imperiais e dos grão-duques e, às vezes, até mesmo de cancelá-las! Este indivíduo! E o senhor Vladimir se deixou levar mentalmente por um enorme e sarcástico acesso de contentamento, parcialmente pelo seu próprio assombro, que ele julgava ingênuo, mas em sua maior parte, à custa do universalmente chorado barão Stott-Wartenheim. Sua finada Excelência, o qual, pela augusta preferência de seu mestre imperial, fora imposto como embaixador, sobre vários Ministros de Relações Exteriores relutantes, apreciara durante a sua vida a fama de crédulo apalermado e pessimista. Sua Excelência tinha a revolução social em sua mente. Ele se imaginava um diplomata diferenciado, por uma dispensa especial, para observar o fim da diplomacia e, praticamente, o final do mundo, em um horrível motim democrático. Seus proféticos e pesarosos despachos foram, por anos, motivo de piada no ministério. Contava-se que ele dissera, em seu leito de morte (visitado pelo seu amigo e mestre, o imperador): “Infeliz Europa! Tu deves morrer pela insanidade moral de teus filhos!” Ele estava destinado a ser vítima do primeiro vigarista que surgisse, pensou o senhor Vladimir, sorrindo vagamente para o senhor Verloc.

“Você deve venerar a memória do barão Stott-Wartenheim”, ele exclamou subitamente.

A rebaixada fisionomia do senhor Verloc expressou uma perturbação sombria e cansada.

“Permita-me lhe observar”, ele disse, “que vim aqui convocado por uma carta peremptória. Estive aqui apenas duas vezes nos últimos onze anos, e certamente nunca às onze da manhã. Não é muito sábio me convocar desta maneira. Há apenas uma chance de ser visto. E isso não seria engraçado para mim”.

O senhor Vladimir deu de ombros.

“Isso destruiria minha utilidade”, continuou o outro, com ardor.

“Isso é problema seu”, murmurou o senhor Vladimir, com suave brutalidade. “Quando deixar de ser útil, deixará de ser empregado. Sim. Imediatamente. Eliminado. Você deve...”; e o senhor Vladimir, franzindo, parou, buscando uma expressão idiomática que bastaria, e se iluminando instantaneamente, com um sorriso de belos dentes brancos. “Você será despejado”, ele soltou com ferocidade.

Mais uma vez, o senhor Verloc teve de reagir com toda a força de sua vontade contra a sensação de debilidade que correu até as pernas, que uma vez inspiraram algum pobre diabo com a feliz expressão: “Meu coração desceu aos meus pés”. O senhor Verloc, ciente desta sensação, ergueu bravamente a cabeça.

O senhor Vladimir tinha o ar de forte curiosidade com perfeita serenidade.

“O que queremos é administrar um tônico à Conferência em Milão”, ele disse lentamente. “Suas deliberações em relação à ação internacional para a supressão do crime político não parecem chegar a lugar algum. A Inglaterra patina. Este país é absurdo com sua consideração sentimental sobre a liberdade individual. É intolerável pensar que todos os seus amigos chegaram apenas a passar para...”

“Deste modo, eu os tenho todos sob vigilância”, interrompeu o senhor Verloc bruscamente.



“Seria muito mais útil tê-los todos trancafiados. A Inglaterra tem de entrar na linha. A imbecil burguesia deste país se tornou cúmplice das mesmas pessoas cujo objetivo é tirar esta mesma burguesia de suas casas para passar fome em valas. E eles ainda têm o poder político, se apenas tivessem o bom senso de usá-lo para se preservarem. Suponho que você concorde que a classe média seja estúpida”.

O senhor Verloc anuiu com rouquidão.

“Eles são”.

“Eles não têm imaginação. Estão cegos por uma vaidade idiota. O que querem agora é uma festa bem assustadora. Este é o momento psicológico para colocar seus amigos para trabalhar. Eu lhe chamei aqui para lhe contar minha ideia”.

E o senhor Vladimir lhe contou sua ideia toda, com escárnio e condescendência, exibindo, ao mesmo tempo, uma quantidade de ignorância quanto aos reais objetivos, pensamentos e métodos do mundo revolucionário, que encheu o silencioso senhor Verloc de íntimo constrangimento. Ele confundia causas com efeitos, além do justificável; os propagandistas mais destacados com impulsivos lançadores de bombas; supunha organização onde não poderia haver uma, na natureza das coisas; falava do partido revolucionário social como um exército perfeitamente disciplinado em um momento, onde a palavra dos chefes era suprema e, em outro, como se fosse a associação mais frouxa de desesperados bandoleiros, sempre acampados em cavernas nas montanhas. Uma vez o senhor Verloc abriu sua boca para protestar, mas uma mão branca, grande e talhada o conteve. Logo ele ficou demasiado chocado, mesmo para protestar. Ele ouvia em um silêncio terrível, que se assemelhava a uma imobilidade de profunda atenção.

“Uma série de atentados”, continuou calmamente o senhor Vladimir, “executada neste país; não apenas *planejada* aqui – isso não bastaria – eles não se importariam. Seus amigos poderiam incendiar metade do continente, sem influenciar a opinião pública, a favor de uma legislação repressiva universal. Eles não olham para além de seus quintais, aqui”.

O senhor Verloc pigarreou, mas seu coração lhe falhou e ele nada disse.

“Não é preciso que estes atentados sejam sangrentos”, prosseguiu o senhor Vladimir, como se ministrando uma palestra científica, “mas devem ser suficientemente assustadores – eficazes. Que sejam dirigidos contra edifícios, por exemplo. Qual é o fetiche do momento, que toda a burguesia reconheceria, hein, senhor Verloc?”

O senhor Verloc abriu as mãos e encolheu levemente os ombros.

“Você é muito preguiçoso para pensar”, foi o comentário do senhor Vladimir sobre tal gesto. “Preste atenção ao que direi. O fetiche do dia não é nem a realeza ou a religião. Portanto, o palácio e a igreja devem ser deixados de lado. Você compreende o que eu digo, senhor Verloc?”

A surpresa e o escárnio do senhor Verloc acharam escape em uma tentativa de desprezo.

“Perfeitamente. Mas e as embaixadas? Uma série de ataques a várias embaixadas”, ele começou; mas não podia resistir ao olhar frio e atento do Primeiro Secretário.

“Vejo que você pode ser brincalhão”, o último observou indiferente. “Está tudo bem. Pode avivar sua oratória em congressos socialistas. Mas esta sala não é o lugar para isso. Seria infinitamente mais seguro para você seguir cuidadosamente o que eu digo. Como você está sendo chamado para fornecer fatos, ao invés de histórias da carochinha[4], seria melhor que você tentasse lucrar com o que estou me dando ao trabalho de lhe explicar. O fetiche sacrossanto de hoje é a ciência. Por que você não faz com que alguns dos seus amigos corram atrás desta prepotência com cara de pau, hein? Não é parte destas instituições que devem ser varridas antes que o F.P. se vingue?”

O senhor Verloc não disse nada. Ele temia abrir seus lábios e deixar um gemido escapar por eles.

“Isso é o que você deveria tentar. Uma tentativa em uma cabeça coroada ou em um presidente é sensacional por um lado, mas não tanto como costumava ser. Já entrou na concepção geral da existência de

todos os chefes de estado. É quase convencional – especialmente quando tantos presidentes já foram assassinados. Agora vamos planejar um atentado contra, digamos, uma igreja. Bem horrível, à primeira vista, sem dúvida e, ainda assim, nem tão eficaz quanto uma pessoa de mente comum poderia pensar. Não importa o quanto revolucionário e anarquista seja em sua concepção, haveria tolos o bastante para dar a tal atentado um caráter de manifestação religiosa. E isso tiraria o alarmante significado especial que queremos dar ao ato. Uma tentativa de assassinato em um restaurante ou em um teatro sofreria, igualmente, da possibilidade de paixão apolítica: o desespero de um homem faminto, um ato de vingança social. Tudo isso já foi usado; já não é mais instrutivo como um objeto de lição no anarquismo revolucionário. Qualquer jornal já tem frases prontas para explicar tais manifestações. Estou prestes a lhe ensinar a filosofia de jogar bombas, do meu ponto de vista; do ponto de vista ao qual você fingiu servir nos últimos onze anos. Tentarei não falar mais do que você pode compreender. As sensibilidades da classe que estará atacando logo ficam enfraquecidas. A propriedade lhes parece algo indestrutível. Você não pode contar com suas emoções, seja de pena ou de medo, por muito tempo. Para um atentado a bomba ter alguma influência sobre a opinião pública agora, deve ir além da intenção de vingança ou terrorismo. Deve ser puramente destrutivo. Deve ser isso, só isso, além da mais débil suspeita de qualquer outro motivo. Vocês anarquistas devem deixar claro que estão perfeitamente determinados a fazer uma ampla varredura de toda a criação social. Mas como fazer esta noção, apavorante e absurda, entrar na cabeça da classe média, para que não haja dúvidas? Eis a questão. Ao dirigir seus golpes a algo além das paixões comuns da humanidade, esta é a resposta. Claro, existe a arte. Uma bomba na National Gallery faria algum barulho. Mas não seria sério o bastante. A arte nunca foi o fetiche deles. É como quebrar o vidro de algumas janelas atrás da casa de alguém; enquanto você deve tentar pelo menos arrancar o telhado, para realmente assustá-lo. Certamente haveria alguns gritos, mas de quem? Artistas – críticos de arte e quetais – pessoas irrelevantes. Ninguém se importa com o que dizem. Mas há o ensino – a ciência. Qualquer imbecil que tenha um salário se importa com isso. Ele não sabe o porquê, mas acredita que, de alguma maneira,

isso é importante. É o fetiche sacrossanto. Todos os malditos professores são radicais em sua essência. Deixe-os saber que a grande prepotência terá de ir também, para dar lugar ao Futuro do Proletariado. Um uivo destes intelectuais idiotas deverá ajudar no avanço dos trabalhos da Conferência de Milão. Eles escreverão aos jornais. Sua indignação estará acima de suspeitas, já que nenhum interesse material estará abertamente declarado, e alarmará todo o egoísmo da classe que deve ser impressionada. Eles acreditam que, de alguma misteriosa maneira, a ciência é a fonte da sua prosperidade material. Eles crêem. E a absurda ferocidade de tal demonstração os afetará mais profundamente do que a destruição de uma rua inteira – ou de um teatro – repleto de gente igual a eles. Para este último, eles sempre podem dizer: “Oh! É apenas ódio de classe”. Mas o que alguém dirá de um ato de ferocidade destrutiva tão absurdo, senão que é incompreensível, inexplicável, quase impensável; na verdade, louco? A loucura em estado puro é verdadeiramente terrível, visto que não é possível aplacá-la por ameaças, persuasão ou suborno. Além do mais, sou um homem civilizado. Eu nunca sonharia em direcioná-lo para organizar um massacre, mesmo se eu esperasse os melhores resultados disso. Mas eu não esperaria que um massacre resultasse no que desejo. O assassinato está sempre conosco. É quase uma instituição. A demonstração deve ser contra a educação – a ciência. Mas não contra qualquer ciência. O ataque deve ter toda a chocante falta de sentido da blasfêmia gratuita. Já que as bombas são o nosso meio de expressão, seria realmente revelador se fosse possível jogar uma bomba na matemática pura. Mas isso é impossível. Estou tentando lhe educar; estou lhe expondo a mais alta filosofia da nossa utilidade, e lhe sugeri alguns argumentos de bom uso. A aplicação prática do meu ensino interessa muito *a você*. Mas, a partir do momento em que me encarreguei de lhe entrevistar, também dei alguma atenção ao aspecto prático da questão. O que você acha de tentar com a astronomia?”

Por já há algum tempo, a imobilidade do senhor Verloc, ao lado da poltrona, se assemelhava a um estado de coma – uma espécie de passiva insensibilidade, interrompida por leves acessos compulsivos, tais como podem ser observados no cão doméstico que tem pesadelos

no seu tapete. E foi com um intranquilo grunhido, semelhante ao canino, que ele repetiu a palavra:

“A astronomia”.

Ele ainda não tinha se recuperado totalmente daquele estado de perplexidade causado pelo esforço em seguir a fala rápida e incisiva do senhor Vladimir. Aquilo havia dominado seu poder de assimilação. Tinha o deixado irascível. Esta ira foi complicada pela incredulidade. E, de repente, lhe ocorreu que tudo aquilo era uma elaborada piada. O senhor Vladimir exibiu seus brancos dentes em um sorriso, com covinhas nas bochechas, todo o seu rosto com uma complacente inclinação acima do encrespado nó de sua gravata. O favorito das inteligentes mulheres da sociedade assumira sua atitude de sala de jantar, com direito às suas delicadas tiradas. Sentado bem adiante, sua mão branca erguida, ele parecia segurar delicadamente, entre o dedão e o indicador, a sutileza de sua sugestão.

“Não poderia haver nada melhor. Tal atentado combina a maior consideração possível pela humanidade com a mais alarmante amostra de feroz imbecilidade. Desafio o gênio de jornalistas a persuadir seus leitores de que qualquer membro do proletariado possa ter algum ressentimento pessoal contra a astronomia. A própria fome mal pode ser colocada nisso, hein? E há outras vantagens. Todo o mundo civilizado já ouviu falar de Greenwich. Os próprios engraxates no porão de Charing Cross sabem algo sobre isso. Entende?”

Os traços do senhor Vladimir, tão bem conhecidos na mais alta sociedade, pela sua engraçada urbanidade, irradiavam uma cínica autosatisfação, que teria surpreendido as inteligentes mulheres, que seu talento entretinha tão sofisticadamente. “Sim”, ele continuou, com um sorriso de desprezo, “mandar pelos ares o primeiro meridiano deve levantar um uivo de execração”.

“Um negócio difícil”, murmurou o senhor Verloc, sentindo que esta era a única coisa segura a dizer.

“Qual é o problema? Você não tem a gangue toda na sua mão? Os melhores da turma? Aquele velho terrorista, Yundt, está aqui. Eu o vejo caminhar por Piccadilly com sua cobre-nuca verde quase todos os dias.

E Michaelis, o apóstolo da liberdade condicional – você não quer dizer que não sabe onde ele está, não é? Porque se não sabe, eu posso lhe dizer”, o senhor Vladimir seguiu ameaçadoramente. “Se você imagina que é o único na lista do fundo secreto, está enganado”.

Esta sugestão, perfeitamente gratuita, fez com que o senhor Verloc balançasse levemente o pé.

“E todo o grupo de Lausanne, hein? Não estiveram todos passeando por aqui, na primeira pista da Conferência de Milão? Este é um país absurdo”.

“Isso custará dinheiro”, disse o senhor Verloc, por uma espécie de instinto.

“Este galo não é de briga”, retrucou o senhor Vladimir, com um surpreendente e genuíno sotaque inglês. “Você receberá sua grana todos os meses, e nada mais até que algo aconteça. E, se nada acontecer, logo nem isso você terá. Qual a sua ocupação visível? Qual é a sua suposta fonte de renda?”

“Tenho uma loja”, respondeu o senhor Verloc.

“Uma loja! Que tipo de loja?”

“Papeleria, jornais. Minha esposa...”

“Sua o que?”, interrompeu o senhor Vladimir, com seus tons guturais da Ásia Central.

“Minha esposa”, o senhor Verloc ergueu levemente sua voz rouca. “Sou casado”.

“Que história de maluco”, exclamou o outro, em verdadeiro assombro. “Casado! E você, um anarquista confesso! O que significa esta confusa besteira? Mas suponho que seja apenas um modo de falar. Anarquistas não se casam. Isso é bem conhecido. Não podem. Seria uma deserção”.

“Minha esposa não é anarquista”, o senhor Verloc balbuciou com irritação. “Além do mais, isso não é do seu interesse”.

“Ah, se é!”, disparou o senhor Vladimir. “Estou começando a me convencer de que você não é o homem para o trabalho que tem. Ora,

você deve estar totalmente desacreditado em seu próprio mundo por causa deste casamento. Você não poderia se ajustar sem o casamento? Esta é a sua virtuosa relação, não é? Com este e outros tipos de relacionamentos, sua utilidade está se desvanecendo”.

O senhor Verloc, enchendo as bochechas, deixou o ar escapar violentamente, e isso foi tudo. Ele se armara com paciência. Ela não deveria ser testada mais. O Primeiro Secretário se tornou, repentinamente, muito breve, distante, pragmático.

“Você pode ir agora”, ele disse. “Um atentado à dinamite deve ser provocado. Dou-lhe um mês. As sessões da Conferência estão suspensas. Antes que se reúnam novamente, algo deve ter acontecido aqui, ou sua ligação conosco será interrompida”.

Ele alterou o tom mais uma vez, com uma versatilidade imoral.

“Pense na minha filosofia, senhor... senhor... Verloc”, ele disse, com uma espécie de zombeteira condescendência, agitando a mão na direção da porta. “Tente o primeiro meridiano. Você não conhece a classe média tão bem quanto eu. A sensibilidade dela está esgotada. O primeiro meridiano. Nada melhor e mais fácil, eu acho”.

Ele se levantara e, com seus lábios sensíveis e finos se contorcendo humoristicamente, observou pelo espelho acima da lareira o senhor Verloc sair da sala pesadamente, chapéu e bengala nas mãos. A porta se fechou.

O criado de calças curtas, aparecendo subitamente no corredor, indicou ao senhor Verloc outra saída, por meio de uma pequena porta ao canto do pátio. O porteiro, diante do portão, ignorou sua saída por completo; e o senhor Verloc refez o caminho de sua peregrinação matutina como se em um sonho – um sonho nervoso. Este distanciamento do mundo material era tão completo que, embora a forma mortal do senhor Verloc não tenha se lançado desnecessariamente pelas ruas, aquela parte dele, à qual seria injustificadamente rude recusar a imortalidade, se encontrou na porta da loja de uma vez, como se trazida do oeste para leste, nas asas de um forte vento. Ele passou diretamente pelo balcão e sentou-se em uma cadeira de madeira que havia ali. Ninguém pareceu perturbar sua

solidão. Stevie, usando um avental de baeta verde, estava no momento varrendo e tirando o pó no andar de cima, aplicado e consciente, embora estivesse brincando com aquilo; e a senhora Verloc, recebendo o aviso pelo tilintar do sino rachado na cozinha, tinha apenas ido até a porta de vidro da sala de estar, e puxando um pouco a cortina de lado, olhou para a loja escurecida. Vendo seu marido sentado ali, sombrio e corpulento, com seu chapéu inclinado bem atrás na cabeça, voltou de vez ao seu fogão. Uma hora ou mais depois, ela pegou o avental de baeta verde de seu irmão Stevie e o instruiu a lavar as mãos e o rosto, no tom peremptório ao qual se acostumara com aquela conexão por quinze anos ou mais – desde que deixara, na verdade, de cuidar ela mesma das mãos e do rosto do garoto. Ela tirou os olhos do prato que cozinhava para inspecionar aquele rosto e aquelas mãos com que Stevie, se aproximando da mesa da cozinha, apresentava-se para a sua aprovação, com um ar de segurança própria, que ocultava um resíduo perpétuo de ansiedade. Antes, a ira do pai era a suprema sanção eficaz daqueles ritos, mas a placidez do senhor Verloc na vida doméstica teria feito qualquer menção de ira inacreditável, mesmo para o nervosismo do pobre Stevie. Segundo a teoria, o senhor Verloc ficaria inexpressivamente incomodado e chocado por qualquer deficiência de limpeza na hora das refeições. Após a morte de seu pai, Winnie encontrou considerável consolo ao sentir que não precisaria mais tremer pelo pobre Stevie. Ela não podia suportar ao ver o garoto ferido. Aquilo a enlouquecia. Quando era ainda uma garotinha, frequentemente enfrentava com olhos flamejantes de raiva o irascível taberneiro licenciado, em defesa de seu irmão. Agora, nada na aparência da senhora Verloc poderia levar alguém a supor que ela fosse capaz de um protesto apaixonado.

Ela terminou de cozinhar. A mesa estava posta na sala. Indo ao pé da escada, ela gritou “Mãe!”. Depois, abrindo a porta de vidro que dava para a loja, ela disse calmamente, “Adolf!”. O senhor Verloc não mudara de posição – aparentemente, não esticara um membro do corpo, por uma hora e meia. Levantou-se pesadamente, e sentou-se à mesa com seu sobretudo e chapéu, sem soltar uma palavra. Seu silêncio, em si mesmo, não tinha nada de assustadoramente incomum neste lar, oculto



nas sombras da sórdida rua e raramente tocado pelo sol, atrás da obscura loja, com suas mercadorias que eram um lixo vergonhoso. Só que a taciturnidade do senhor Verloc estava tão obviamente pensativa, que as duas mulheres se impressionaram. Elas se sentaram em silêncio, mantendo o olhar no pobre Stevie para que ele não irrompesse em um dos seus acessos de tagarelice. Ele estava de frente para o senhor Verloc, e permanecia muito bem e quieto, olhando para o nada. O esforço em evitar com que ele se tornasse, de algum modo, condenável ao senhor da casa colocou uma considerável ansiedade na vida daquelas duas mulheres. “Esse garoto”, como aludiam a ele entre si, era uma fonte daquele tipo de ansiedade, quase desde o dia em que nascera. A humilhação do finado taberneiro licenciado, por ter tal garoto peculiar como filho, se manifestou na propensão a um tratamento brutal; pois ele era uma pessoa de fina sensibilidade, e seu sofrimento como homem e pai eram perfeitamente genuínos. Depois, Stevie tinha de ser contido para não se tornar um incômodo aos hóspedes solteiros, que são eles mesmos um grupo estranho e facilmente irritadiço. E sempre houve a ansiedade, por sua mera existência, a enfrentar. Visões de uma enfermaria em um reformatório para o seu filho assombravam a velha senhora na sala do desjejum, no porão da decadente casa em Belgravia. “Se você não tivesse encontrado um marido tão bom, minha querida”, ela costumava dizer à filha, “eu não sei o que seria daquele pobre garoto”.

O senhor Verloc concedia tanto reconhecimento a Stevie, quanto um homem que não gosta de animais daria ao amado gato de sua esposa; e este reconhecimento, benevolente e superficial, era essencialmente da mesma qualidade. As duas mulheres admitiam para si mesmas que não se poderia esperar muito, com razão. Já bastava para o senhor Verloc conquistar a reverente gratidão da velha senhora. Nos primeiros dias, feita cética pelos julgamentos da vida solitária, ela costumava, às vezes, perguntar com ansiedade: “Você não acha, minha querida, que o senhor Verloc está se cansando de ver Stevie por perto?”, ao que Winnie respondia habitualmente com um leve meneio. Uma vez, porém, ela replicou, com amarga audácia, “Ele terá de se cansar de mim primeiro”. Um longo silêncio se seguiu. A mãe, com os pés apoiados em um banco,

tentava alcançar o fundo daquela resposta, cuja profundidade feminina lhe escapava por completo. Ela nunca realmente entendera por que Winnie se casara com o senhor Verloc. Era muito sensato da parte dela, e evidentemente resultara no melhor, mas sua filha decerto poderia esperar encontrar alguém de idade mais adequada. Havia um insistente jovem, apenas o filho do açougueiro na outra rua, que ajudava seu pai no negócio e com quem Winnie tinha saído com óbvio gosto. Ele dependia do pai, é verdade; mas o negócio era bom, e seu futuro excelente. Ele levou sua filha ao teatro várias vezes. Então, assim que ela começou a temer o compromisso (pois o que ela teria feito sozinha com aquela casa enorme, com Stevie em suas mãos?), o romance chegou a um fim abrupto e Winnie passou a ter uma aparência bem entediada. Mas tendo o senhor Verloc aparecido providencialmente para ocupar o quarto de frente do primeiro andar, já não havia mais interesse no jovem açougueiro. Foi claramente providencial.

[1] Tipo de carruagem da época vitoriana.

[2] “Vox et praetera nihil”, ou “Voz e mais nada”, em latim.

[3] Palavra francesa, que significa “algo incompreensível”.

[4] “Cock-and-Bull stories” é uma expressão popular que teria origem na vila de Stony Stratford, perto de Buckingham. A vila era uma parada dos viajantes entre Londres e o norte da Inglaterra, e duas hospedarias (Cock e Bull) apregoavam as mais fantasiosas histórias para conseguir mais hóspedes.

### CAPÍTULO III

“Qualquer idealização empobrece a vida. Torná-la bela é tirar seu caráter de complexidade – é destruí-la. Deixe isso para os moralistas, meu garoto. A história é feita por homens, mas eles não a fazem em suas mentes. As ideias que nascem em suas consciências têm um papel insignificante na marcha dos eventos. A história é determinada e dominada pela ferramenta e pela produção – pela força das condições econômicas. O capitalismo cunhou o socialismo, e as leis feitas pelo capitalismo para a proteção da propriedade são responsáveis pelo anarquismo. Ninguém pode dizer qual a forma que a organização social pode tomar no futuro. Então, por que ceder a fantasias proféticas? Na melhor das hipóteses, podem apenas interpretar a mente do profeta, sem ter valor objetivo algum. Deixe esta diversão aos moralistas, meu garoto”.

Michaelis, o apóstolo da liberdade condicional, falava com voz uniforme, uma voz que assobiava, como se enfraquecida e oprimida pela camada de gordura em seu peito. Ele saíra de uma prisão altamente higiênica, redondo como uma banheira, com um estômago enorme e um rosto inchado de feições pálidas e quase transparentes, como se por quinze anos os criados de uma sociedade revoltada fizessem questão de empanturrá-lo com comidas gordurosas em uma cela úmida e sem luz. E desde então, tudo o que ele conseguira reduzir em seu peso foram alguns gramas.

Dizia-se que, por três temporadas consecutivas, uma velha senhora muito rica tinha lhe enviado para se curar em Marienbad – onde ele estava prestes a conquistar a curiosidade pública uma vez, com sua cabeça coroadada – mas a polícia, naquela ocasião, lhe ordenou que partisse em doze horas. Seu martírio continuou, ao ser proibido de frequentar as águas que lhe curariam. Mas ele estava conformado, agora.

Com o cotovelo não apresentando nenhuma aparência de uma junta, e muito mais uma curva em um membro de um boneco, jogado às costas de uma poltrona, ele se apoiou levemente para a frente, sobre suas curtas e enormes coxas, para cuspir na lareira.

“Sim! Tive tempo para pensar um pouco nas coisas”, ele acrescentou sem ênfase. “A sociedade me deu muito tempo para meditar”.

Ao outro lado da lareira, na poltrona de pelo de cavalo, onde a mãe da senhora Verloc geralmente tinha o privilégio de se sentar, Karl Yundt fingia sorrir amargamente, com um débil gesto negro de uma boca sem dentes. O terrorista, como ele se chamava, era velho e careca, com um estreito filete, branco como a neve, de uma barbicha de bode, suspenso fragilmente de seu queixo. Uma expressão extraordinária de ardilosa malevolência sobrevivia em seus olhos exauridos. Ao erguer dolorosamente uma mão magra e vacilante, deformada por inchaços de gota, pareceu o esforço de um assassino moribundo que reunia toda a força que lhe restava para um último golpe. Ele se apoiou em uma grossa bengala, que tremia sob a outra mão.

“Eu sempre sonhei”, disse ele, com impetuosidade, “com um grupo de homens firmes em sua resolução de descartar todos os escrúpulos na escolha dos meios, fortes o bastante para darem a si mesmos o nome de destruidores, e livres da mácula daquele resignado pessimismo que apodrece o mundo. Sem compaixão por nada na terra, incluindo a si mesmos, com a morte alistada para o bem e tudo a serviço da humanidade – isso é o que eu gostaria de ver”.

Sua pequena cabeça careca tremia, dando uma cômica vibração ao filete de barbicha branca. Seu enunciado poderia ser quase que totalmente ininteligível a um estranho. Sua paixão desgastada, lembrando, em sua impetuosidade impotente, a excitação de um sensualista senil, não combinava com uma garganta seca e gengivas desprovidas de dentes, que pareciam prender a ponta de sua língua. O senhor Verloc, acomodado no canto do sofá, na outra ponta da sala, emitiu dois vigorosos resmungos de aprovação.

O velho terrorista girou lentamente a cabeça, sobre seu fino pescoço, de lado a lado.

“E eu nunca poderia reunir mais do que três homens assim. Isso é muito para o seu podre pessimismo”, ele resmungou com Michaelis, que

descruzou as grossas pernas, similares a almofadas, e deslizou seus pés abruptamente sobre sua cadeira, em sinal de exasperação.

Ele, um pessimista! Absurdo! Ele exclamou que a acusação era ultrajante. Ele estava tão distante do pessimismo, que até via o fim de toda a propriedade privada, surgindo logicamente, inevitavelmente, pelo simples desenvolvimento de seu vício inato. Os possuidores de propriedades não apenas tinham de enfrentar o proletariado despertado, mas também tinham de lutar entre si mesmos. Sim. Luta, combate, era a condição da propriedade privada. Era fatal. Ah! Ele não dependia da excitação emocional para manter sua crença, sem declamações, sem ira, sem visões de bandeiras vermelhas como sangue balançando, ou metafóricos sóis tempestuosos de vingança, erguendo-se sobre o horizonte de uma sociedade condenada. Não ele! A fria razão, ele apregooou, era a base do seu otimismo. Sim, otimismo.

Seu trabalhoso zumbido parou, então, e depois de uma ou duas arfadas, ele acrescentou:

“Você não acha que, se eu não fosse o otimista que sou, eu não teria encontrado em quinze anos algum meio de cortar minha garganta? E, em último caso, sempre havia as paredes da minha cela para eu bater a cabeça”.

A brevidade de seu fôlego tirou todo o fogo e o ânimo de sua voz; suas bochechas, grandes e pálidas, estavam penduradas feito bolsas, imóveis, sem balançar; mas, em seus olhos azuis, apertados como se buscassem algo, havia o mesmo olhar de confiante astúcia, um pouco louco em sua rigidez, que eles tinham, enquanto o indomável otimista sentava-se, pensando em sua cela, à noite. Diante dele, Karl Yundt permanecia de pé, com um lado de sua verde e esvaída cobre-nuca caída de modo altivo sobre seu ombro. Sentado na frente da lareira, o Camarada Ossipon, ex-estudante de medicina, o principal redator dos panfletos F.P., estendeu suas pernas robustas, mantendo as solas de suas botas viradas para o fogo. Um arbusto de revoltos cabelos amarelos encimava seu rosto sardento e róseo, com um nariz achatado e uma boca proeminente, lançada no molde bruto do seu tipo racial negro. Seus olhos amendoados fitavam de soslaio, languidamente, acima dos

pômulos salientes. Ele usava uma camisa de flanela cinza, as pontas soltas de uma gravata de seda negra, caídas por sobre o peito abotoado de seu casaco de sarja; e com sua cabeça descansando no encosto da cadeira, sua garganta bem exposta, ele levava aos lábios um cigarro em um comprido tubo de madeira, soltando baforadas diretamente para o teto.

Michaelis continuava com sua ideia – *a* ideia de sua solitária reclusão – o pensamento outorgado à sua prisão; e crescendo como uma fé revelada por visões. Ele falava para si mesmo, indiferente à simpatia ou hostilidade de seus ouvintes, indiferente até mesmo à presença deles, pelo hábito que ele adquirira de pensar em voz alta com esperança, na solidão das quatro paredes brancas de sua cela, em meio ao silêncio sepulcral da grande pilha de tijolos cegos, próxima a um rio, sinistra e feia como um colossal necrotério para os socialmente afogados.

Ele não era bom em discussões, não porque nenhuma quantidade de argumentos poderia abalar sua fé, mas porque o simples fato de ouvir outra voz o desconcertava dolorosamente, confundindo totalmente seus pensamentos – estes pensamentos que, por tantos anos, em uma solidão mental mais estéril que um deserto sem água, nenhuma voz viva jamais combatera, comentara ou aprovara.

Ninguém o interrompia agora, e ele novamente confessou sua fé, dominando-o irresistível e completamente, como um ato de graça: o segredo do destino revelado no lado material da vida; a condição econômica do mundo responsável pelo passado e moldando o futuro; a fonte de toda a história, de todas as ideias, guiando o desenvolvimento mental da humanidade e os próprios impulsos de suas paixões.

Uma áspera risada do Camarada Ossipon matou o discurso, em um súbito tropeço da língua e um atônito vacilo dos levemente exaltados olhos do apóstolo. Ele os fechou lentamente por um momento, como se para reunir seus pensamentos em fuga. Um silêncio caiu; mas, com as duas lâmpadas de gás sobre a mesa e a lareira acesa, a sala detrás da loja do senhor Verloc se tornara assustadoramente quente. O senhor Verloc, levantando-se do sofá com aborrecida

relutância, abriu a porta que dava para a cozinha, com o intuito de deixar entrar ar, e com isso revelou o inocente Stevie, sentado confortavelmente e tranquilo, diante da mesa, desenhando círculos, círculos, círculos; inumeráveis círculos, concêntricos, excêntricos; um reluzente redemoinho de círculos que, pela emaranhada multiplicidade de curvas repetidas, formas uniformes e confusão de intersecção de linhas, sugeriam uma reprodução do caos cósmico, o simbolismo de uma arte louca, tentando o inconcebível. O artista nunca levantava sua cabeça; e com toda a dedicação de sua alma à tarefa, suas costas tremiam, seu fino pescoço, afundado em uma profunda cavidade na base do crânio, parecia pronto para estalar.

O senhor Verloc, com um grunhido de desaprovação, retornou ao sofá. Alexander Ossipon levantou-se, ereto em seu surrado traje de sarja azul, sob o teto baixo, sacudiu a rigidez de longa imobilidade e caminhou até a cozinha (dois degraus para baixo) para espiar sobre o ombro de Stevie. Voltou, pronunciando profeticamente: “Muito bom. Muito característico, perfeitamente típico”.

“O que é muito bom?”, resmungou com curiosidade o senhor Verloc, acomodado novamente no canto do sofá. O outro explicou o que quis dizer com negligência, com uma sombra de condescendência e um balançar de cabeça na direção da cozinha:

“Típico desta forma de degeneração – estes desenhos, digo”.

“Você chamaria este rapaz de degenerado, não é?”, murmurou o senhor Verloc.

O Camarada Alexander Ossipon – apelidado de Doutor, ex-estudante de medicina sem se formar; depois, conferencista ambulante para associações de trabalhadores, falando sobre os aspectos socialistas da higiene; autor de um popular estudo quase médico (publicado como um panfleto barato, capturado imediatamente pela polícia), intitulado “Os vícios corrosivos da classe média”; delegado especial do mais ou menos misterioso Comitê Vermelho, juntamente com Karl Yundt e Michaelis, para o trabalho de propaganda literária, voltou, para a familiaridade obscura de pelo menos duas embaixadas, aquele olhar de

insuportável, desesperançada e densa suficiência, que nada além da frequência da ciência pode dar à estupidez dos comuns mortais.

“Cientificamente é como ele pode ser chamado. Um tipo muito bom, por completo, deste tipo de degeneração. Basta olhar para os lóbulos das orelhas. Se você ler Lombroso...”

O senhor Verloc, mal-humorado e largado sobre o sofá, continuava a olhar para a fila de botões de seu colete; mas seu rosto se coloriu de um débil rubor. Ultimamente, mesmo a mais remota derivação da palavra ciência (um termo em si mesmo inofensivo e de significado indefinido), tinha o curioso poder de evocar uma visão mental, absolutamente ofensiva, do senhor Vladimir, no corpo em que vivia, com uma quase sobrenatural limpidez. E este fenômeno, merecendo justamente ser classificado entre as maravilhas da ciência, levava o senhor Verloc a um estado emocional de pavor e exasperação, tendendo a se expressar em violentos xingamentos. Mas ele nada disse. Foi Karl Yundt quem disse, implacável até o último fôlego.

“Lombroso é um imbecil”.

O Camarada Ossipon enfrentou o choque desta blasfêmia com um fitar terrível e vazio. E o outro, seus olhos exauridos, sem brilho, enegrecendo as profundas sombras sob a grande e protuberante testa, murmurou, prendendo a ponta da língua entre seus lábios a cada segunda palavra, como se a estivesse mastigando com raiva:

“Você já viu tamanho idiota? Para ele, o criminoso é o prisioneiro. Simples, não é? E sobre aqueles que o trancaram lá – o trancafiaram lá? Exatamente. Encarceraram-no lá. E o que é crime? Será que ele sabe disso, aquele imbecil que abriu seu caminho por este mundo de tolos gordos, ao olhar para as orelhas e os dentes de uma porção de demônios pobres e sem sorte? Dentes e orelhas indicam o criminoso? Indicam? E sobre a lei que o indica ainda melhor – o belo instrumento de marcação inventado pelos bem alimentados para se protegerem dos famintos? Aplicações incandescentes em suas peles vis – hein? Você não pode sentir nem ouvir daqui a grossa pele do povo a queimar e chamuscar? Assim se fazem os criminosos, para que os seus Lombrosos escrevam suas sandices”.



A empunhadura da bengala e suas pernas balançavam juntas, com paixão, enquanto seu tronco, guarnecido pelas dobras do cobrenuca, preservava sua histórica atitude de desafio. Ele parecia farejar o ar maculado da crueldade social, a aguçar seus ouvidos para alcançar seus sons atrozes. Havia uma extraordinária força sugestiva nesta postura. O pouco menos que moribundo veterano das guerras de dinamite fora um grande ator em seu tempo – ator em plataformas, em assembleias secretas, em entrevistas privadas. Nunca em sua vida o famoso terrorista erguera, pessoalmente, tanto quanto seu dedo mindinho contra o edifício social. Ele não era um homem de ação; não era nem mesmo um orador de caudalosa eloquência, arrebatando consigo as multidões no barulho torrencial e na espuma de um grande entusiasmo. Com uma intenção mais sutil, ele interpretou um evocador, insolente e venenoso, de impulsos sinistros que espreitam na cega inveja e na vaidade exasperada da ignorância, no sofrimento e na miséria da pobreza, em toda a esperançosa e nobre ilusão da virtuosa raiva, comisseração e revolta. A sombra de seu malévolo dom se agarrou a ele, ainda, como o cheiro de uma droga mortal em um velho frasco de veneno, vazio agora, inútil, pronto para ser dispensado à montanha de lixo das coisas que serviram ao seu tempo.

Michaelis, o apóstolo da liberdade condicional, sorriu vagamente com seus lábios colados; sua gorda face lunar caiu sob o peso do melancólico assentimento. Ele mesmo fora um prisioneiro. Sua própria pele chamuscara sob o ferro ardente, ele murmurou com suavidade. Mas o Camarada Ossipon, apelidado, o Doutor, já se recuperara do choque.

“Vocês não entendem”, ele começou desdenhosamente, mas logo se deteve, intimidado pela inerte escuridão dos olhos cavernosos, no rosto que se voltou lentamente para ele com uma mirada cega, como se guiada apenas pelo som. Ele desistiu da discussão, com um leve dar de ombros.

Stevie, acostumado a se movimentar sem ser percebido, levantou-se da mesa da cozinha, carregando seus desenhos com ele para a cama. Ele chegara à porta da sala de estar no momento de receber por completo o choque da eloquente imagem de Karl Yundt. A folha de papel, coberta de círculos, escapou-lhe dos dedos e ele permaneceu

encarando o velho terrorista, como se arraigado repentinamente ao local, pelo seu mórbido horror e pavor à dor física. Stevie sabia muito bem que o ferro quente, aplicado à pele de alguém, doía muito. Seus olhos assustados brilhavam de indignação: doía terrivelmente. Sua boca estava escancarada.

Michaelis, ao olhar sem piscar ao fogo, reconquistara aquele sentimento de isolamento necessário para a continuação de seus pensamentos. O otimismo começara a fluir de seus lábios. Ele via o capitalismo, condenado em seu berço, nascido com o veneno do princípio da competição em seu sistema. Os grandes capitalistas, devorando os pequenos, concentrando o poder e os meios de produção em grandes massas, aperfeiçoando os processos industriais, e na loucura do autoengrandecimento, apenas preparando, organizando, enriquecendo, aprontando a ilegal herança do proletariado sofredor. Michaelis pronunciava a grande palavra, “Paciência” – e seu olhar límpido e azul, levado ao teto baixo da sala de estar do senhor Verloc, tinha um aspecto de mística confiança. No corredor, Stevie, mais calmo, parecia submerso na indiferença.

O rosto do Camarada Ossipon contorceu-se em exasperação.

“Então é inútil fazer qualquer coisa – completamente inútil”.

“Eu não digo isso”, protestou Michaelis, gentilmente. Sua visão da verdade tinha se tornado tão intensa, que o som de uma voz estranha falhou em afugentá-la, desta vez. Ele continuou a olhar para as brasas incandescentes. A preparação para o futuro era necessária, e ele estava desejoso de admitir que a grande mudança talvez viesse no despontar de uma revolução. Mas ele argumentava que a propaganda revolucionária era um trabalho delicado, de alta consciência. Era a educação dos mestres do mundo. Deveria ser tão cuidadosa quanto à educação dada aos reis. Ele teria de avançar seus dogmas com precaução, mesmo timidamente, na nossa ignorância do efeito que poderia ser causado por qualquer mudança econômica, sobre a felicidade, a moral, o intelecto, a história da humanidade. Pois a história é feita com ferramentas, não com ideias; e tudo se altera pelas condições econômicas – a arte, a filosofia, o amor, a virtude – a própria verdade!

As brasas na lareira se ajustaram com um leve ruído; e Michaelis, o ermitão das visões no deserto de uma penitenciária, levantou-se impetuosamente. Gordo como um balão distendido, ele abriu seus braços curtos e grossos, como se tentasse pateticamente abraçar e levar ao seu peito um universo autorregenerado. Ele arfava com ardor.

“O futuro é tão certo quanto o passado – escravidão, feudalismo, individualismo, coletivismo. Esta é a declaração da lei, não uma profecia vazia”.

A desdenhosa curva dos grossos lábios do Camarada Ossipon acentuou as características de raça negra do seu rosto.

“Besteira”, ele disse com muita calma. “Não há nenhuma lei e nenhuma certeza. A propaganda de ensino deve ser enforcada. O que o povo sabe não importa, fosse seu conhecimento sempre tão preciso. A única coisa que importa para nós é o estado emocional das massas. Sem emoção, não há ação”.

Ele pausou, e depois acrescentou com modesta firmeza:

“Falo para vocês, cientificamente – cientificamente, hein? O que você disse, Verloc?”

“Nada”, rosnou do sofá o senhor Verloc, que, provocado pelo aborrecido som, apenas murmurara um “Maldito”.

O venenoso balbuciar do velho terrorista sem dentes se ouviu.

“Você sabe como eu chamaria a natureza das atuais condições econômicas? Eu a chamaria de canibal. É isso mesmo! Estão nutrindo sua cobiça na trêmula carne e no sangue quente do povo – nada mais”.

Stevie engoliu a terrível afirmação com um gole audível e, de uma vez, como se fosse veneno puro, afundou-se claramente em uma postura de sentado, nos degraus da porta da cozinha.

Michaelis não sinalizou ter ouvido nada. Seus lábios pareciam colados em si mesmos para sempre; nem um tremor passou pelo seu pesado rosto. Com olhos turbulentos, ele procurou seu chapéu redondo e duro, e o colocou na cabeça redonda. Seu corpo redondo e obeso parecia flutuar baixo, entre as cadeiras, sob o afiado cotovelo de Karl Yundt. O velho terrorista, erguendo a mão indecisa e parecida com uma

garra, deu ousada inclinação a um chapéu de veludo preto, sombreando as cavidades e as rugas do rosto gasto. Moveu-se lentamente, batendo no chão com sua bengala a cada passo. Era bem complicado tirá-lo da casa, porque – de vez em quando – ele parava, como se estivesse a pensar, e não oferecia um movimento novamente, até ser empurrado para a frente por Michaelis. O gentil apóstolo agarrava seu braço com cuidado fraternal; e, atrás deles, com as mãos nos bolsos, o robusto Ossipon bocejava vagamente. Um boné azul, com aba de couro, colocado bem atrás de seu arbusto de cabelos loiros, dava-lhe a aparência de um marinheiro norueguês, entediado com o mundo, depois de uma orgia de trovões. O senhor Verloc viu os convidados saírem de sua casa, despedindo-se com a cabeça descoberta, seu pesado sobretudo aberto, os olhos no chão.

Fechou a porta, depois que saíram, com contida violência, virou a chave e trancou a fechadura. Não estava satisfeito com seus amigos. À luz da filosofia do senhor Vladimir sobre jogar bombas, eles pareciam irremediavelmente fúteis. O papel do senhor Verloc na política revolucionária foi a de observar, e ele não poderia, definitivamente, nem na sua própria casa ou em assembleias maiores, tomar a iniciativa da ação. Ele tinha de ser cuidadoso. Movido pela justa indignação de um homem passado há muito dos quarenta anos, ameaçado no que lhe era mais caro – seu repouso e sua segurança – ele se perguntava com escárnio o que mais poderia se esperar de tais pessoas: este Karl Yundt, este Michaelis, este Ossipon.

Interrompendo sua intenção de desligar o gás, ardendo no meio da loja, o senhor Verloc desceu ao abismo das reflexões morais. Com a visão de um temperamento semelhante, ele pronunciou seu veredicto. Um grupo preguiçoso – este Karl Yundt, sustentado por uma velha de olhos ofuscados, uma mulher que há anos ele roubara de um amigo, e depois tentou, mais de uma vez, jogar na sarjeta. Foi muita sorte de Yundt que ela tivesse insistido em aparecer de tempos em tempos, senão não haveria mais ninguém para ajudá-lo a descer do ônibus, nos caminhos de Green Park, onde aquele espectro rastejava constitucionalmente a cada manhã ensolarada. Quando aquela velha bruxa, rabugenta e indomável, morresse, o aventureiro espectro teria de

perecer também – seria o fim do esquentado Karl Yundt. E a moral do senhor Verloc também estava ofendida com o otimismo de Michaelis, junto com sua rica velha senhora, que passara ultimamente a lhe enviar a uma cabana que ela tinha no campo. O ex-presidiário podia vaguear por trilhas sombrias por vários dias, em um ócio delicioso e humanitário. Quanto a Ossipon, aquele mendigo tinha certeza de não querer mais nada da vida, enquanto houvesse garotas tolas com cadernetas de poupança pelo mundo. E o senhor Verloc, idêntico em temperamento aos seus amigos, estabelecia finas distinções em sua mente sobre a força das diferenças insignificantes. Ele as definia com certa complacência, porque o instinto do respeito convencional era forte dentro dele, sendo apenas superado por sua aversão a todos os tipos de trabalho reconhecido – um defeito temperamental que ele compartilhava com uma grande proporção dos reformadores revolucionários de um dado grupo social. Pois, obviamente, ninguém se revolta contra as vantagens e as oportunidades de tal grupo, mas contra o preço que deve ser pago pelos mesmos, na moeda da moralidade aceita, autocontrole e trabalho. A maioria dos revolucionários é inimiga, em grande parte, da disciplina e da fadiga. Há qualidades, também, para cujos sentidos de justiça o preço cobrado resultava monstruosamente enorme, odioso, opressivo, preocupante, humilhante, chantagista, intolerável. Estes são os fanáticos. A porção remanescente dos rebeldes sociais é responsabilizada pela vaidade, a mãe de todas as ilusões nobres e vis, a companheira dos poetas, dos reformadores, dos charlatões, dos profetas e dos incendiários.

Perdido por um minuto inteiro no abismo da meditação, o senhor Verloc não atingiu a profundidade destas considerações abstratas. Talvez ele não fosse capaz. De qualquer forma, não tinha tempo. Ele foi penosamente compelido pela lembrança do senhor Vladimir, outro de seus associados, em quem a virtude das sutis afinidades morais ele era capaz de julgar corretamente. Ele o considerava perigoso. Uma sombra de inveja crepitou entre seus pensamentos. Vadiar estava muito bem para estes rapazes, que não conheciam o senhor Vladimir, e tinham mulheres a quem recorrer; enquanto ele tinha uma mulher a sustentar...

Neste ponto, por uma simples associação de ideias, o senhor Verloc foi levado, diante da necessidade de ir para a cama em algum momento daquela noite. Então, porque não ir agora – de uma vez? Ele suspirou. A necessidade não era tão normalmente prazerosa como deveria ser para um homem da sua idade e temperamento. Ele temia o demônio da insônia, que sentia ter se apoderado dele. Ergueu o braço e desligou a lâmpada de gás acima de sua cabeça.

Um feixe de luz brilhante passou pela porta da sala de estar, naquela parte da loja, atrás do balcão. Isso permitiu ao senhor Verloc se assegurar, em uma olhadela, do número de moedas de prata dentro do caixa. Eram poucas; e, pela primeira vez, desde que tinham aberto o negócio, ele fez um balanço comercial do seu valor. O balanço foi desfavorável. Ele entrara no negócio sem motivo comercial. Fora guiado na escolha desta peculiar linha de negócios por uma instintiva inclinação para transações obscuras, onde o dinheiro é obtido facilmente. Além do mais, aquilo não o tirava de seu círculo – o círculo que é vigiado pela polícia. Ao contrário, dava-lhe uma posição publicamente confessa, naquela esfera, e como o senhor Verloc tinha relações não confessadas que o tornavam familiar, ainda que indiferente à polícia, havia uma vantagem distinta em tal situação. Mas como meio de subsistência, claramente, o negócio em si mesmo era insuficiente.

Tirou a gaveta de dinheiro do caixa e, voltando-se para deixar a loja, se deu conta de que Stevie ainda estava lá embaixo.

“Que diabos estaria ele fazendo ali?”, se perguntou o senhor Verloc. “O que significava aquela travessura?”. Ele olhou dubiamente para o seu cunhado, mas não lhe pediu informações. O relacionamento do senhor Verloc com Stevie era limitado à expressão casual de um bom dia, depois do desjejum. “Minhas botas”, e mesmo isso era mais a comunicação de uma necessidade, do que uma ordem direta ou um pedido. O senhor Verloc compreendeu, com alguma surpresa, que ele realmente não sabia o que dizer a Stevie. Ele estava imóvel no meio da sala de estar, e olhava para a cozinha em silêncio. Nem ele sabia o que aconteceria se ele dissesse alguma coisa. E isso parecia muito estranho ao senhor Verloc, em vista dos fatos, lançado repentinamente sobre seus ombros, o fato de que ele tinha de sustentar aquele rapaz também.

Ele nunca dera sequer um minuto de pensamento, até então, àquele aspecto da existência de Stevie.

Positivamente, ele não sabia como falar ao rapaz. Ele o observava gesticular e murmurar na cozinha. Stevie caminhava ao redor da mesa como um animal excitado em uma jaula. A tentativa “Não seria melhor ir para a cama agora?” não produziu efeito algum; e o senhor Verloc, abandonando a pétrea contemplação do comportamento de seu cunhado, cruzou a sala de estar com cansaço, a gaveta de dinheiro nas mãos. Sendo puramente mental a causa da fadiga geral que sentia enquanto subia as escadas, tornou-se alarmado pelo seu caráter inexplicável. Ele esperava não estar adoecendo. Parou ao fim da escura escada para examinar suas sensações. Mas um som, leve e contínuo, de um ronco invadindo a obscuridade interferiu em sua limpidez. O som vinha do quarto de sua sogra. “Mais um a quem sustentar”, ele pensou – e, com este pensamento, entrou em seu quarto.

A senhora Verloc adormecera com a lâmpada (não se havia instalado gás no andar superior) acesa sobre o criado-mudo. A luz lançada pela cortina caía ofuscante sobre o travesseiro branco, que se afundava com o peso da cabeça repousando, de olhos fechados e o cabelo negro preso em várias tranças, para dormir. Ela despertou ao ouvir o som de seu nome nos ouvidos, e viu seu marido inclinado sobre ela.

“Winnie! Winnie!”

Ela não se ergueu de imediato, permanecendo bem quieta a olhar para a gaveta de dinheiro na mão do senhor Verloc. Mas quando ela entendeu que seu irmão estava “aprontando lá embaixo”, ela se jogou em um só movimento brusco para o lado da cama. Seus pés descalços, como se empurrados através do fundo de um saco de algodão sem enfeites e com mangas, abotoado firmemente no pescoço e nos pulsos, buscaram seus chinelos sobre o tapete, enquanto ela olhava acima, para o rosto de seu marido.

“Não sei como lidar com ele”, explicou o senhor Verloc, nervoso. “Não é uma boa ideia deixá-lo sozinho com as luzes”.

Ela nada disse, deslizou agilmente sobre o quarto e a porta se fechou atrás de seu vulto branco.

O senhor Verloc depositou a gaveta de dinheiro no criado-mudo e começou a operação de se despir ao arremessar seu sobretudo em uma distante cadeira. Depois, seguiram-se seu casaco e seu colete. Ele caminhou pelo quarto com seus pés vestidos, e sua figura robusta, com as mãos correndo nervosamente pela sua garganta, passou e repassou pela longa faixa espelhada na porta do armário de sua esposa. Depois, deslizando suas braçadeiras pelos ombros, ele empurrou violentamente a persiana e apoiou sua testa contra a fria janela – um frágil filme de vidro estendido entre ele e a enormidade da fria, negra, úmida, inóspita acumulação de tijolos, telhas e pedras, coisas das quais um homem não pode ser amigo e nem amar.

O senhor Verloc sentia a inimizade latente de tudo além das portas com uma força que se aproximava da positiva angústia corporal. Não havia nenhuma ocupação mais capaz de frustrar um homem do que a de um agente policial secreto. É como se seu cavalo de súbito caísse morto sobre você, em meio a uma planície deserta e sem água. A comparação ocorreu ao senhor Verloc porque ele havia montado vários cavalos de exército em sua juventude, e tinha agora a sensação de uma queda incipiente. As perspectivas eram tão negras como a janela contra a qual ele agora apoiava a testa. E repentinamente o rosto do senhor Vladimir, bem barbeado e sarcástico, surgiu enevoado no brilho de sua compleição rósea, como uma espécie de foca rosa, impressa na escuridão fatal.

Esta luminosa e mutilada visão era tão assustadoramente física que o senhor Verloc se afastou da janela com um pulo, deixando cair a veneziana com um grande chacoalhar. Decomposto e sem fala, apreensivo com muitas mais visões, ele observou sua esposa adentrar novamente no quarto e se deitar na cama de modo calmo e sistemático, que o fez irremediavelmente solitário no mundo. A senhora Verloc expressou sua surpresa ao encontrá-lo ainda de pé.

“Não me sinto muito bem”, ele murmurou, passando suas mãos sobre a fronte úmida.



“Enjôo?”

“Sim. Não estou nada bem”.

A senhora Verloc, com toda a placidez de uma esposa experiente, expressou uma opinião confiante quanto à causa, e sugeriu os remédios habituais; mas seu marido, arraigado no meio do quarto, balançou tristemente sua cabeça baixa.

“Você vai pegar um resfriado se ficar aí”, ela observou.

O senhor Verloc fez um esforço, terminou de se despir e deitou-se na cama. Lá embaixo, na quieta e estreita rua, passos comedidos aproximaram-se da casa e então se afastaram, firmes e sem pressa, como se o transeunte tivesse começado a percorrer toda a eternidade, de poste de luz a poste de luz, em uma noite interminável; e o soporífero tique-taque do velho relógio no patamar da escada se tornou claramente audível no quarto.

A senhora Verloc, deitada de costas e olhando para o teto, fez um comentário.

“Poucas entradas hoje”.

O senhor Verloc, na mesma posição, pigarreou como se fosse dizer algo importante, mas somente perguntou:

“Você desligou o gás lá embaixo?”

“Sim, desliguei”, respondeu a senhora Verloc, consciente. “Aquele pobre garoto está em um estado muito excitado nesta noite”, ela murmurou, após uma pausa que durou três tique-taques do relógio.

O senhor Verloc não se importava com a excitação de Stevie, mas ele se sentia terrivelmente insone e temeu enfrentar a escuridão e o silêncio que se seguiriam com o extinguir da lâmpada. Este temor o levou a comentar que Stevie desconsiderara sua sugestão de ir para a cama. A senhora Verloc, caindo na armadilha, começou a explicar para o seu marido que não era uma “impudência” de qualquer tipo, mas simplesmente “excitação”. Não havia nenhum jovem da sua idade em Londres com mais boa vontade e dócil do que Stephen, ela afirmou; ninguém mais afetuoso e disposto a agradar, e mesmo útil, enquanto as pessoas não lhe perturbassem sua pobre cabeça. A senhora Verloc,

voltando-se para seu marido reclinado, ergueu-se sobre o cotovelo e inclinou-se sobre ele com ansiedade de fazê-lo entender que Stevie era um membro útil da família. Este ardor de protetora compaixão, exaltado morbidamente em sua infância pela miséria de outra criança, tingiu seu pálido rosto de um rubor acentuado e fez brilhar os seus grandes olhos, sob as escuras pálpebras. Então a senhora Verloc pareceu mais jovem; ela pareceu tão jovem quanto Winnie costumava ser, e muito mais animada do que a Winnie dos dias da mansão em Belgravia se permitira parecer para os hóspedes cavalheiros. As ansiedades do senhor Verloc evitavam que ele obtivesse qualquer sentido do que sua esposa lhe falava. Era como se a voz dela estivesse falando do outro lado de uma grossa parede. Era a aparência dela que o trazia de volta à realidade.

Ele gostava daquela mulher, e o sentimento desta estima, avivado pela demonstração de algo que lembrava emoção, apenas adicionou outra dor à sua angústia mental. Quando a voz dela se calou, ele se moveu intranquilo e disse:

“Não venho me sentindo bem há alguns dias”.

Ele poderia pretender, com isso, um prelúdio para uma confiança total; mas a senhora Verloc deixou sua cabeça cair sobre o travesseiro novamente e, olhando para cima, prosseguiu:

“Aquele garoto escuta muito do que é dito aqui. Se eu soubesse que eles estariam vindo esta noite, eu teria feito com que ele viesse se deitar no mesmo horário que eu. Ele estava ensandecido por algo que ouviu, sobre pessoas comendo carne e bebendo sangue de outras pessoas. Qual a benefício de se falar sobre essas coisas?”

Havia um tom de indignado desprezo em sua voz. O senhor Verloc estava disposto a lhe responder.

“Pergunte a Karl Yundt”, ele grunhiu com selvageria.

A senhora Verloc, com confiança, chamou Karl Yundt de “velho nojento”. Ela declarou abertamente sua afeição por Michaelis. Do robusto Ossipon, em cuja presença ela sempre se sentia intranquila, por detrás de uma pétrea reserva, ela nada disse. E, continuando a falar de seu irmão, que fora por tantos anos o objeto de preocupação e medos:

“Ele não pode ouvir o que é dito aqui. Ele acredita que é tudo verdade. Ele não sabe que não é assim. Ele coloca suas paixões nisso”.

O senhor Verloc não se pronunciou.

“Ele olhou para mim como se não soubesse quem eu era, quando desci. Seu coração batia como um martelo. Ele não pode evitar ficar excitado. Acordei mamãe, e pedi que ela se sentasse com ele até que ele caísse no sono. Não foi culpa dele. Ele não causa problemas, quando lhe deixam em paz”.

O senhor Verloc não se pronunciou.

“Queria que ele nunca tivesse ido à escola”, recomeçou bruscamente a senhora Verloc. “Ele está sempre pegando estes jornais da janela para ler. Ele sempre se avermelha quando os decifra. Não vendemos doze números ao mês. Eles apenas ocupam espaço na janela da frente. E o senhor Ossipon traz, todas as semanas, uma pilha destes folhetos F.P. para vender por meio centavo cada. Eu não daria meio centavo pelo lote todo. É uma leitura imbecil – é isso o que eles são. Não vendem. Um dia desses, Stevie se apoderou de um, onde havia uma história de um oficial alemão que arrancou metade da orelha de um recruta e nada lhe aconteceu. Que bruto! Eu não soube o que fazer com Stevie naquela tarde. A história era suficiente, também, para ferver o sangue de qualquer um. Mas qual o sentido de imprimir coisas como aquelas? Não somos escravos alemães, graças a Deus. Não é da nossa conta – ou é?”

O senhor Verloc não respondeu.

“Tive de tirar a faca do garoto”, continuou a senhora Verloc, um pouco mais sonolenta. “Ele estava gritando, batendo e soluçando. Ele não suporta a ideia de qualquer crueldade. Ele teria esfaqueado aquele oficial como a um porco se o encontrasse. É justo, também! Algumas pessoas não merecem piedade”. A voz da senhora Verloc se calou, e a expressão de seus olhos imóveis se tornou mais e mais contemplativa e velada durante a longa pausa. “Confortável, querido?”, ela perguntou em uma voz débil e distante. “Posso apagar a luz agora?”

A terrível convicção de que ele não dormiria manteve o senhor Verloc mudo e irrecuperavelmente inerte em seu medo do escuro. Ele

fez um grande esforço.

“Sim. Apague a luz”, ele disse, por fim, em um tom de voz oco.

## CAPÍTULO IV

A maioria das trinta e poucas mesas, cobertas de vermelho e com um desenho branco, estava disposta em ângulos corretos sobre o piso escuro de madeira do salão no subsolo. Candelabros de bronze, com muitos globos, pendiam do teto baixo e levemente abobadado, e os afrescos recobriam completa e monotonamente todas as paredes sem janelas, representando cenas de caça e piqueniques em roupas medievais. Jovens fidalgos, vestidos de jaquetões verdes, brandiam facas de caça e levantavam grandes taças de espumante cerveja.

“A menos que eu esteja muito enganado, você é o homem que deveria conhecer os detalhes deste confuso caso”, disse o robusto Ossipon, apoiando-se para a frente, seus cotovelos bem distantes sobre a mesa, e os pés enfiados completamente sob sua cadeira. Seus olhos fitavam com louca ansiedade.

Uma pianola levantada, perto da porta e flanqueada por duas palmeiras em vasos, executou repentinamente e sozinha uma valsa com agressiva virtuosidade. O som era ensurdecedor. Quando parou, tão abrupto como começara, o pequeno homem, de óculos e sujo, que estava diante de Ossipon e atrás de uma pesada caneca de vidro cheia de cerveja, emitiu calmamente o que soava como uma proposição geral.

“Em princípio, o que um de nós pode ou não saber sobre qualquer fato dado não pode ser uma matéria de curiosidade para outros”.

“Certamente, não”, concordou o Camarada Ossipon em um sobretom tranquilo. “Em princípio”.

Com seu rosto grande e amplo nas mãos, ele continuou a olhar fixamente, enquanto o imundo homenzinho de óculos tranquilamente tomava um gole de sua cerveja e colocava a caneca de vidro de volta sobre a mesa. Suas grandes e lisas orelhas eram muito afastadas das laterais de seu crânio, que parecia frágil o suficiente para que Ossipon o esmagasse entre os dedos; o domo de sua testa parecia se apoiar nas hastes de seus óculos; as bochechas planas, de um aspecto engordurado e enfermo, estavam simplesmente manchadas pela miserável pobreza de

uma barba rala e escura. A lamentável inferioridade de todo aquele físico se fazia ridícula pelo porte de suprema autoconfiança do indivíduo. Sua fala era curta, e ele tinha uma maneira particularmente impressionante de se manter em silêncio.

Ossipon falou novamente com a cabeça nas mãos, em um murmúrio.

“Esteve fora por muito tempo, hoje?”

“Não, fiquei na cama a manhã inteira”, respondeu o outro. “Por quê?”

“Oh! Por nada”, disse Ossipon, olhando com sinceridade e tremendo por dentro, com o desejo de descobrir algo, mas obviamente intimidado pelo surpreendente ar de despreocupação do homenzinho. Ao falar com este camarada – o que acontecia raramente – o grande Ossipon sofria de um sentimento moral, às vezes até físico, de insignificância. Porém, ele tentou outra questão: “Veio caminhando até aqui?”

“Não, ônibus”, respondeu bem depressa o homenzinho. Ele vivia na distante Irlington, em uma pequena casa que ficava em uma rua imunda, coberta de palha e papéis sujos onde, fora do horário escolar, uma tropa de crianças de todos os tipos corria e brigava com gritos estridentes, tristes, grosseiros. Ele alugava de duas idosas solteiras, humildes modistas com uma clientela de empregadas domésticas em sua maioria, um quarto único de fundos com todos os móveis, notável por ter um armário extremamente grande. Ele trancava o armário com um pesado cadeado, mas, por outro lado, era um inquilino exemplar, que não causava problemas e não exigia praticamente atenção nenhuma. Suas excentricidades eram a de exigir que ele estivesse presente quando seu quarto estivesse sendo varrido e que, quando saísse, ele trancasse a porta e levasse a chave consigo.

Ossipon tinha uma visão destes óculos redondos de armação escura avançando pelas ruas em cima de um ônibus, seu brilho autoconfiante caindo aqui e acolá nos muros das casas ou despejados sobre as cabeças no fluxo inconsciente das pessoas nas calçadas. O fantasma de um sorriso doentio alterou a forma dos grossos lábios de

Ossipon com a ideia dos muros meneando, das pessoas correndo para salvar a sua vida com a visão daqueles óculos. Se eles soubessem! Que pânico! Ele murmurou interrogativamente: “Sentado há muito tempo aqui?”

“Por uma hora, ou mais” respondeu o outro com má vontade, e tomou outro trago da cerveja escura. Todos os seus movimentos – o modo como pegava a caneca, o ato de beber, o modo como pousava a pesada caneca e cruzava os braços – tinham uma firmeza, uma precisão tão certa que fez com que o grande e musculoso Ossipon, apoiando-se para a frente com olhos atentos e lábios avultados, aparentasse uma ansiosa indecisão.

“Uma hora”, ele disse. “Então você pode não ter ouvido ainda o que acabei de ouvir na rua, não?”

O homenzinho balançou ao mínimo a cabeça, negativamente. Mas, como não dava nenhuma indicação de curiosidade, Ossipon se aventurou a acrescentar que ele ouvira bem ao lado de fora de onde estavam. Um jornaleiro mirim tinha gritado a coisa sob seu próprio nariz e, não estando preparado para nada daquele tipo, ele estava muito assustado e preocupado. Ele chegara ali com a boca seca. “Nunca pensei em lhe encontrar aqui”, ele acrescentou, murmurando com firmeza, seus cotovelos plantados na mesa.

“Venho aqui às vezes”, disse o outro, preservando seu comportamento provocativamente frio.

“É surpreendente que só você não tenha ouvido nada sobre isso”, continuou o grande Ossipon. Suas pálpebras se agitavam com nervosismo sobre os brilhantes olhos. “O único”, ele repetiu sua tentativa. Esta evidente restrição levantou uma incrível e inexplicável timidez do sujeito grande, diante do calmo homenzinho, que novamente ergueu a caneca de vidro, bebeu e a colocou de volta, com movimentos seguros e bruscos. E foi tudo.

Ossipon, depois de aguardar por algo, palavra ou sinal, que não veio, esforçou-se para assumir um ar de indiferença.

“Você”, ele disse, rebaixando sua voz ainda mais, “dá suas coisas para qualquer um que lhe peça?”

“Minha regra absoluta é não recusar ninguém – enquanto eu tenha um pouco para mim”, respondeu o homenzinho, com decisão.

“É um princípio?”, inquiriu Ossipon.

“É um princípio”.

“E você crê que faz sentido?”

Os grandes óculos redondos, que davam um ar de firme confiança ao rosto pálido, confrontaram Ossipon como orbes insones e sem piscar, disparando um fogo frio.

“Perfeitamente. Sempre. Sob qualquer circunstância. O que poderia me impedir? Por que não? Por que deveria pensar duas vezes sobre isso?”

Ossipon gaguejou, por assim dizer, com discrição.

“Você quer dizer que entregaria a um ‘tira’ se um deles viesse lhe pedir suas coisas?”

O outro sorriu levemente.

“Deixe-os tentar, e você verá”, ele disse. “Eles me conhecem, mas eu também conheço cada um deles. Eles não se aproximarão de mim – não eles”.

Seus lívidos e finos lábios se apertaram com força. Ossipon começou a discutir.

“Mas se eles enviarem alguém – armarem uma armadilha para você. Não vê? Conseguem a coisa com você deste modo e então lhe prendem com a prova nas mãos”.

“Prova do que? Talvez de vender explosivos sem licença”. Isso foi dito com o propósito de ser uma soberba ironia, embora a expressão do rosto magro e doentio permanecesse inalterada e a forma de falar, negligente. “Eu não acho que há um dentre eles ansioso por fazer uma prisão. Eu não acho que eles conseguiriam alguém dentre eles para solicitar um mandado. Eu digo, um dos melhores. Ninguém”.

“Por quê?”, perguntou Ossipon.

“Porque sabem muito bem que sempre tenho o cuidado de nunca me separar do último punhado das minhas coisas. Sempre a trago



comigo”. Ele tocou o peito de seu casaco levemente. “Em um frasco grosso de vidro”, acrescentou.

“Assim me disseram”, disse Ossipon, com uma sombra de admiração em sua voz. “Mas eu não sabia se...”

“Eles sabem”, interrompeu o homenzinho encrespado, apoiando-se contra as costas retas da cadeira, que se erguia mais alto que sua frágil cabeça. “Nunca serei preso. O jogo não é bom o suficiente para qualquer policial. Lidar com um homem como eu, requer um heroísmo elevado, simples e inútil”. Novamente seus lábios se fecharam em um ruído de confiança em si mesmo. Ossipon reprimiu de impaciência.

“Ou ousadia – ou, simplesmente, ignorância”, ele replicou. “Eles apenas conseguirão alguém para o trabalho, que não saiba que você carrega, em seu bolso, o bastante para explodir a si mesmo e tudo o que estiver a 15 metros ao redor”.

“Eu nunca afirmei que não poderia ser eliminado”, continuou. “Mas isso não seria uma prisão. Além do mais, não é tão fácil quanto parece”.

“Bah!”, contradisse Ossipon. “Não esteja tão certo disso. Como evitar que meia dúzia deles chegue por trás e pule sobre você em uma rua? Com seus braços presos às suas costas, não há muito que fazer, não é?”

“Sim, há. Raramente saio pelas ruas à noite”, disse o homenzinho, impassível, “e jamais pela madrugada. Ando sempre com minha mão direita fechada sobre a bola de borracha que tenho em meu bolso traseiro. Pressionar esta bola aciona um detonador dentro do frasco que carrego em meu bolso. É o princípio do disparador instantâneo pneumático de uma máquina fotográfica. O tubo leva...”

Com um rápido gesto, ele revelou a Ossipon um tubo de borracha que parecia com um pequeno verme escuro, saindo de seu colete e afundando no bolso interno de seu casaco. Suas roupas, de uma mistura marrom indescritível, estavam puídas e manchadas, empoeiradas nas dobras e com as casas dos botões rotas. “O detonador é parte mecânico, parte químico”, ele explicou, com a condescendência habitual.

“É instantâneo, certamente?”, murmurou Ossipon, com um leve tremor.

“Longe disso”, confessou o outro, com uma relutância que pareceu contorcer dolorosamente sua boca. “Vinte segundos completos se passam desde o momento em que aperto a bola até que a explosão ocorra”.

“Fiu”, assobiou Ossipon, completamente espantado. “Vinte segundos! Que horror! Como você aguenta isso? Eu enlouqueceria...”

“Não importa se você enlouquecesse. Claro que é o ponto falho deste sistema, que é apenas para o meu próprio uso. O pior é que a maneira de explodir é sempre o ponto falho entre nós. Estou tentando inventar um detonador que se ajustaria sozinho a todas as condições de ação, e mesmo a alterações inesperadas das condições. Um mecanismo variável e, ainda assim, preciso. Um detonador realmente inteligente”.

“Vinte segundos”, murmurou novamente Ossipon. “Uh! E então...”

Com um leve voltar da cabeça, o brilho dos óculos pareceu medir o tamanho da cervejaria, no porão do renomado Restaurante Silenus.

“Ninguém neste salão poderia esperar escapar”, foi o veredicto da análise. “Nem mesmo este casal subindo as escadas agora”.

O piano, no pé da escadaria, irrompeu por uma mazurca com ardente impetuosidade, como se um fantasma vulgar e impudente estivesse tocando. As teclas subiam e desciam misteriosamente. Depois, tudo ficou em silêncio. Por um momento, Ossipon imaginou o lugar cheio de luz convertido em um apavorante buraco negro, vomitando fumaças horríveis e cheio de terríveis escombros de alvenaria e cadáveres mutilados. Ele tinha uma percepção tão límpida da ruína e da morte, que tremeu outra vez. O outro observava, com um ar de tranquila suficiência:

“Em última instância, apenas o caráter garante a segurança de alguém. Há poucas pessoas no mundo cujo caráter seja tão bem estabelecido quanto o meu”.

“Eu me pergunto como você conseguiu”, grunhiu Ossipon.

“Força da personalidade”, disse o outro, sem erguer sua voz; e, vindo da boca de um organismo tão obviamente miserável, a asserção fez com que Ossipon mordesse o lábio inferior. “Força da personalidade”, ele repetiu, com ostensiva calma. “Tenho os meios de me fazer mortífero, mas isso, em si mesmo, entenda, não é absolutamente nada em termos de proteção. O que é eficaz é a crença que as pessoas têm em minha vontade de empregar tais meios. Esta é a sua impressão. É absoluta. Portanto, sou mortífero”.

“Há indivíduos de caráter, entre eles também”, murmurou profeticamente Ossipon.

“É possível. Mas isso é uma questão relativa, obviamente, desde que, por exemplo, não sou impressionado por eles. Portanto, eles são inferiores. E não poderiam ser de outra maneira. Seu caráter é construído sobre a moralidade convencional. Ela se apoia na ordem social. A minha é livre de qualquer coisa que seja artificial. Eles são limitados por todo o tipo de convenção. Eles dependem da vida que, nesta conexão, é um fato histórico cercado de todos os tipos de restrições e considerações, um fato de organização complexa aberto ao ataque de qualquer ponto; enquanto eu me atenho à morte, que não conhece limitações e não pode ser atacada. Minha superioridade é evidente”.

“Este é um modo transcendental de colocar a questão”, disse Ossipon, observando o brilho frio dos óculos redondos. “Ouvi Karl Yundt dizer muito sobre a mesma coisa há pouco tempo”.

“Karl Yundt,”, murmurou o outro com desprezo, “o delegado do Comitê Vermelho Internacional, tem sido uma sombra fazendo pose, por toda a sua vida. Há três delegados como você, certo? Não falarei sobre os outros dois, já que você é um deles. Mas o que vocês dizem não tem significado nenhum. Vocês são os dignos delegados da propaganda revolucionária, mas o problema é que vocês não apenas são incapazes de pensar independentemente, quanto qualquer dono de mercearia ou jornalista respeitável, mas não têm caráter algum”.

Ossipon não pôde conter o nascer da indignação.

“Mas o que você quer de nós?”, ele perguntou com a voz amortecida. “O que você está buscando?”

“Um detonador perfeito”, foi a categórica resposta. “Por que está fazendo esta cara? Veja que você não pode suportar a menção de algo conclusivo”.

“Não estou fazendo cara nenhuma”, grunhiu o perturbado Ossipon, rude.

“Vocês, revolucionários”, continuou o outro, com calculada confiança em si mesmo, “são os escravos da convenção social, que teme vocês; escravos dela, tanto quanto a mesma polícia que se ergue na defesa desta convenção. Certamente, vocês são, já que querem revolucioná-la. Ela governa seu pensamento, claro, e sua ação também e, portanto, nem suas ideias, nem suas ações podem ser conclusivas”. Ele pausou, tranquilo, com aquele ar de silêncio fechado e infinito; e então, quase que imediatamente, prosseguiu. “Vocês não são nem um pouco melhores do que as forças reunidas contra vocês – do que a polícia, por exemplo. Dia desses, encontrei repentinamente o Chefe Inspetor Heat, na esquina da Tottenham Court Road. Ele me olhou bem firme. Mas não olhei para ele. Por que eu deveria? Ele estava pensando em tantas coisas – em seus superiores, em sua reputação, nos juizados, no seu salário, nos jornais – uma centena de coisas. Mas eu pensava apenas em meu detonador perfeito. Ele não significa nada para mim. Ele era tão insignificante quanto – nada tão insignificante me vem à mente para compará-lo – exceto Karl Yundt, talvez. Tal e qual. O terrorista e o policial saíram ambos da mesma cesta. Revolução, legalidade – movimentos contrários no mesmo jogo; formas de ócio de fundo idêntico. Ele joga seu joguinho – assim como seus propagandistas. Mas eu não jogo; trabalho quatorze horas ao dia, e passo fome às vezes. Minhas experiências custam caro, de vez em quando, e então fico sem comida por um dia ou dois. Você olha para a minha cerveja. Sim, já tomei duas canecas, e pedirei mais uma. Hoje é um pequeno feriado, e eu o celebro sozinho. Por que não? Tenho a força de trabalhar sozinho, bem sozinho, completamente sozinho. Trabalho sozinho há anos”.

O rosto de Ossipon ruborizou-se fortemente.

“No detonador perfeito, não é?”, ele ironizou em voz bem baixa.

“Sim”, replicou o outro. “É uma boa definição. Você não poderia encontrar algo que fosse metade tão preciso quanto, para definir a natureza de sua atividade, com todos os seus comitês e suas delegações. Eu é que sou o verdadeiro propagandista”.

“Não discutiremos este assunto”, disse Ossipon, com um ar se elevando acima das considerações pessoais. “Temo ter de estragar seu feriado. Explodiram um homem em Greenwich Park, nesta manhã”.

“Como você sabe?”

“Estão gritando as notícias nas ruas, desde às duas. Comprei o jornal e corri para cá. Então lhe vi sentado à mesa. Está no meu bolso”.

Ele retirou o jornal. Era uma folha rósea, de bom tamanho, como se corada pelo calor de suas próprias convicções, que eram otimistas. Ele folheou as páginas rapidamente.

“Ah! Aqui está. Bomba em Greenwich Park. Não há muitas informações ainda. Às onze e meia. Manhã cheia de neblina. Efeitos da explosão sentidos tão longe quanto Romney Road e Park Place. Enorme buraco no chão sob uma árvore cheia de raízes esmagadas e galhos quebrados. Ao redor, fragmentos de um corpo de homem. Isso é tudo. O resto é somente conversa de jornal. Dizem que é uma tentativa de explodir o observatório. Hum. Isso é pouco provável”.

Ele olhou para o jornal por um bom tempo em silêncio; e então o passou para o outro que, depois de encarar distraidamente as letras, o colocou na mesa, sem comentários.

Foi Ossipon quem falou primeiro – ainda ressentido.

“Os fragmentos de um *único* homem, veja você. Por conseguinte: ele *se* detonou. Isso estraga seu dia, não? Você esperava por este tipo de jogada? Eu não tinha a menor idéia, nem o espírito da noção de algo do tipo sendo planejado aqui, neste país. Sob a presente circunstância, certamente é algo criminoso”.

O homenzinho ergueu suas sobrancelhas negras e finas com um escárnio imparcial.

“Criminoso! O que é isso? O que é crime? Qual pode ser o significado de tal afirmativa?”

“Como posso me expressar? Devem-se usar as palavras atuais”, disse Ossipon com impaciência. “O significado desta frase é que este negócio pode afetar muito adversamente nossa posição neste país. Não é um crime o bastante para você? Estou convencido de que você andou dando muito das suas coisas ultimamente”.

Ossipon o olhou duramente. O outro, sem hesitar, baixou e ergueu sua cabeça lentamente.

“Você o fez!”, manifestou-se energicamente o editor dos panfletos F.P., em um sussurro intenso. “Não posso acreditar...! E, só por perguntar, você está realmente dando isso em grandes quantidades para o primeiro imbecil que aparece?”

“Justamente! A condenada ordem social não foi construída com papel e tinta, e eu não imagino que uma combinação de papel e tinta jamais colocará um final nisso, seja o que você pensar. Sim, eu daria a coisa com ambas as mãos para qualquer homem, mulher ou imbecil que aparecer. Sei o que você está pensando. Mas não estou adotando a linha do Comitê Vermelho. Eu os veria feridos, presos ou degolados por isso, e não moveria um fio de cabelo. O que acontece a nós, indivíduos, não tem a menor consequência”.

Ele falava com indiferença, sem calor, quase sem sentimento e Ossipon, secretamente muito afetado, tentou copiar esse desapego.

“Se a polícia daqui conhecesse seu trabalho, você estaria cheio de buracos de balas ou tentariam lhe sequestrar em plena luz do dia”.

O homenzinho parecia já ter considerado aquele ponto de vista de modo indiferente e autoconfiante.

“Sim”, ele assentiu com extrema prontidão. “Mas, para isso, teriam de enfrentar suas próprias instituições. Você vê? Isso requer coragem incomum. Coragem de um tipo especial”.

Ossipon piscou.

“Imagino que seria exatamente o que lhe aconteceria se você instalasse seu laboratório nos Estados Unidos. Eles não se perdem em

cerimônias com as suas instituições”.

“Provavelmente não irei ver. Por outro lado, seu comentário é justo”, admitiu o outro. “Eles têm mais caráter por lá, um caráter essencialmente anárquico. Um solo fértil para nós, os Estados Unidos – um solo muito bom. A grande república tem a raiz da matéria destrutiva em si. O temperamento coletivo não tem lei. Excelente. Eles podem nos balar, mas...”

“Você é muito transcendental para mim”, grunhiu Ossipon, com preocupação mal-humorada.

“Lógico”, protestou o outro. “Há vários tipos de lógica. Esta é do tipo iluminado. A América está certa. Este é o país perigoso, com sua concepção idealista de igualdade. O espírito social deste povo está envolto em orgulhos preconceituosos, e isso é fatal para o nosso trabalho. Você fala da Inglaterra como sendo nosso único refúgio! Tanto pior. O que queremos com refúgios? Aqui você fala, imprime, conspira e não faz nada. Ouso dizer que é muito conveniente para os Karls Yundts”.

Ele deu levemente de ombros, então acrescentou com a mesma calculada confiança em si mesmo: “Acabar com a superstição e com o culto à legalidade deve ser o nosso objetivo. Nada me agradaria mais do que ver o Inspetor Heat e seus semelhantes atirando em nós, à luz do dia, com a aprovação do público. Metade de nossa batalha estaria vencida, então; a desintegração da velha moralidade ocorreria em seu próprio tempo. Isso é o que vocês deveriam tentar. Mas vocês, revolucionários, nunca entenderão isso. Vocês planejam o futuro, se perdem em fantasias de sistemas econômicos derivados do que já existe; enquanto o que se deseja é uma clara destruição e um claro começo para um novo conceito de vida. Este tipo de futuro cuidará de si mesmo, apenas se vocês derem espaço para isso. Portanto, eu empilharia minhas coisas nas esquinas das ruas se eu tivesse o bastante para isso; e, como não tenho, faço o melhor que posso para aperfeiçoar um detonador realmente confiável”.

Ossipon, que estivera mentalmente nadando em águas profundas, agarrou aquelas palavras como se fossem uma prancha a lhe

salvar a vida.

“Sim. Seus detonadores. Eu não me surpreenderia se fosse um dos seus detonadores que fez uma clara destruição do homem no parque”.

Uma sombra de irritação escureceu o rosto pálido diante de Ossipon.

“Minha dificuldade consiste, precisamente, em experimentar na prática os vários tipos. Eles devem ser testados, no fim das contas. Além disso...”

Ossipon interrompeu.

“Quem poderia ser esse indivíduo? Eu lhe garanto que nós em Londres não o conhecemos – você não poderia descrever a pessoa a quem deu a coisa?”

O outro voltou seus óculos para Ossipon como um par de faróis.

“Descrever a pessoa...”, ele repetiu, lentamente. “Não acho que possa haver a menor dificuldade agora. Eu o descreverei em uma palavra – Verloc”.

Ossipon, a quem a curiosidade erguera alguns centímetros acima do assento, caiu de volta, como se atingido na face.

“Verloc! Impossível!”

O homenzinho, dono de si, meneou a cabeça levemente uma vez.

“Sim. Ele é a pessoa. Você não pode dizer que, neste caso, eu estava dando minhas coisas ao primeiro imbecil que apareceu. Ele era um membro destacado do grupo, até onde sei”.

“Sim”, disse Ossipon. “Destacado. Não, não exatamente. Ele era o centro da inteligência geral, e geralmente recebia os camaradas que vinham para cá. Mais útil do que importante. Um homem sem ideias. Anos atrás, ele costumava falar nos encontros – na França, acredito. Porém, ele não falava muito bem. Ele era de confiança de homens como Latorre, Moser e todo o velho grupo. O único talento que ele realmente exibía era a sua habilidade em enganar as atenções da polícia, de alguma forma. Aqui, por exemplo, ele não parecia ser vigiado de perto. Ele era



legalmente casado, sabe. Suponho que ele abriu aquela loja com o dinheiro dela. Parecia se pagar, também”.

Ossipon pausou abruptamente, sussurrando para si mesmo, “Eu me pergunto o que aquela mulher fará agora”, e mergulhou em pensamentos.

O outro esperou com ostensiva indiferença. Sua ascendência era obscura, e ele era conhecido por todos pelo apelido de Professor. Seu título a esta designação consistia em ter sido, uma vez, assistente de demonstração de química em algum instituto técnico. Tivera uma disputa judicial com as autoridades sobre alguma questão de tratamento injusto. Depois, obteve um posto no laboratório de uma fabricante de anilina. Lá também, ele fora tratado com revoltante injustiça. Suas lutas, suas privações, seu trabalho duro para se erguer na escala social o encheram de tamanha e exaltada convicção de seus méritos, que era extremamente difícil para o mundo tratá-lo com justiça – o padrão daquela ideia dependendo tanto da paciência do indivíduo. O Professor tinha gênio, mas lhe faltava a grande virtude social da resignação.

“Nulo, intelectualmente”, Ossipon declarou em voz alta, abandonando subitamente a contemplação interna da pessoa enlutada da senhora Verloc e de seu negócio. “Uma personalidade bem ordinária. Você está equivocado em não manter mais contato com os camaradas, Professor”, ele acrescentou em um tom reprovador. “Ele lhe disse algo – lhe deu alguma ideia de suas intenções? Não o via há um mês. Parece impossível que ele tenha se ido”.

“Ele me disse que seria uma demonstração contra um edifício”, disse o Professor. “Eu tinha que saber disso para preparar um míssil. Eu lhe adverti que mal tinha a quantidade suficiente para um resultado completamente destrutivo, mas ele me pressionou duramente para que eu fizesse o meu melhor. Como ele queria algo que pudesse ser carregado abertamente nas mãos, eu lhe propus usar uma lata velha de verniz que, por casualidade, eu tinha. Ele ficou satisfeito com a ideia. Isso me deu certo trabalho, porque eu tinha de cortar primeiro o fundo e soldá-lo novamente, depois. Quando pronto para uso, a lata abrigava

um frasco de gargalo grande e bem arrolhado de vidro grosso, envolto em um pouco de argila úmida e contendo quatrocentos gramas de pó verde X2. O detonador estava conectado ao parafuso superior da lata. Era engenhoso – uma combinação de tempo e choque. Expliquei-lhe o sistema. Era um tubo fino de lata que continha...”

A atenção de Ossipon se dissipara.

“O que você acha que aconteceu?”, ele interrompeu.

“Não posso dizer. Parafusou a tampa demais, o que daria a conexão, e se esqueceu do tempo. Estava ajustado para vinte minutos. Por outro lado, uma vez feito o contato de tempo, um choque agudo causaria a explosão de uma vez. Ou ele deixou o tempo passar ou deixou a coisa cair, simplesmente. O contato estava correto – isso está claro para mim, de qualquer forma. O sistema funcionou perfeitamente. E, ainda você acharia que um tolo qualquer, apressadamente, estaria muito mais propenso a esquecer de fazer o contato completamente. Eu me preocupava com este tipo de falha, principalmente. Mas há mais tipos de imbecis do que se pode proteger. Você não pode esperar que um detonador seja completamente a prova de tolos”.

Ele acenou para um garçom. Ossipon estava sentado, rígido, com o olhar distraído de um esforço mental. Depois que o homem se foi com o dinheiro, ele se levantou, com um ar de profunda insatisfação.

“Isso é extremamente desagradável para mim”, ele ruminou. “Karl está de cama, com bronquite, por uma semana. Há até mesmo a chance de que ele nunca se recupere. Michaelis está se divertindo em algum lugar do interior. Um editor de reputação lhe ofereceu quinhentas libras por um livro. Será um terrível fracasso. Ele perdeu o hábito do raciocínio consecutivo na prisão, sabe”.

O Professor, de pé, agora abotoando seu casaco, olhou para ele com perfeita indiferença.

“O que você irá fazer?”, perguntou Ossipon, cansado. Ele temia a censura do Comitê Vermelho Central, um corpo que não tinha lugar permanente como sede, e não conhecia seus membros. Se este caso acarretasse na interrupção do modesto subsídio alocado para a

publicação dos panfletos F.P., então ele de fato teria o que lamentar a respeito da inexplicável fantasia de Verloc.

“A solidariedade com a forma mais extrema de ação é uma coisa, e a tola ousadia é outra”, ele disse, com um tipo de brutalidade mal-humorada. “Não sei o que deu em Verloc. Há algum mistério aqui. Porém, ele se foi. Pense o que quiser, mas sob as circunstâncias, a única política para o grupo revolucionário militante é a de negar qualquer ligação com esta sua maldita loucura. Como fazer com que esta declaração seja convincente é o que me preocupa”.

O homenzinho, de pé, abotoado e pronto para partir, não era mais alto que Ossipon sentado. Ele nivelou seus óculos com o rosto deste último à queima-roupa.

“Você pode pedir à polícia por um testemunho de boa conduta. Eles sabem onde cada um de vocês dormiu na noite passada. Talvez, se vocês pedissem, eles concordariam em publicar algum tipo de declaração oficial”.

“Sem dúvida que estão bem cientes de que não tivemos nada a ver com isso”, murmurou Ossipon, amargo. “O que dirão é outra coisa”. Ele continuou pensativo, desconsiderando o pequeno indivíduo com cara de coruja e mal vestido que estava ao seu lado. “Devo encontrar Michaelis de uma vez, e fazer com que fale de modo sincero em uma de nossas reuniões. O público tem uma sorte de consideração sentimental por este cidadão. Seu nome é conhecido. E tenho contatos com alguns repórteres nos grandes diários. O que ele diria seria certamente um palavrório, mas ele tem um modo de falar que os faria engolir qualquer coisa”.

“Como melado”, observou o Professor, em voz baixa e mantendo uma expressão impassível.

O perplexo Ossipon seguiu falando para si mesmo, de forma meio audível, como um homem que raciocina em perfeita solidão.

“Maldito idiota! Deixar um assunto imbecil como esse em minhas mãos. E nem mesmo sei se...”

Ele se sentou com os lábios apertados. A ideia de procurar notícias diretamente na loja não lhe parecia boa. Imaginava que a loja de Verloc já poderia ter se tornado uma armadilha da polícia. Eles se dedicariam a algumas prisões, ele pensou, com algo assemelhado a uma virtuosa indignação, pois mesmo o teor de sua vida revolucionária estava ameaçado, sem que a culpa fosse sua. E, ainda, a menos que ele fosse até lá, corria o risco de permanecer sem saber o que talvez fosse importante que ele soubesse. Então refletiu que, se o homem no parque estivesse tão despedaçado como os jornais vespertinos disseram, ele não poderia ser identificado. E, se assim fosse, a polícia não teria nenhum motivo em especial para observar a loja de Verloc, mais de perto, do que qualquer outro local conhecido por anarquistas marcados – nenhuma outra razão, na verdade, para vigiar as portas do Silenus. Haveria muita vigilância por todos os lados, não importava aonde ele fosse. Ainda...

“Eu me pergunto o que seria o melhor a fazer”, ele murmurou, se aconselhando consigo mesmo.

Uma voz áspera perto de seu cotovelo disse, com tranqüilo escárnio:

“Agarre-se a esta mulher, com tudo o que ela tem”.

Depois de pronunciar tais palavras, o Professor se afastou da mesa. Ossipon, pego desprevenido por este conselho, deu mostras de sair, mas permaneceu ali, com um olhar de desalento, como se estivesse pregado ao assento. O solitário piano, sem mais do que um tamborete a lhe ajudar, tocou alguns acordes corajosamente e, começando uma seleção de músicas nacionais, tocou finalmente “Blue Bells of Scotland”. As notas dolorosamente arrancadas cresceram lânguidas por trás dele, enquanto lentamente subia as escadas, cruzando o salão e ganhando a rua.

Diante do grande corredor, uma pequena fileira de jornaleiros parados fora da calçada, vendia seus materiais na sarjeta. Era um dia sombrio e cru, no começo da primavera; e o céu sujo, a lama das ruas, os andrajos dos homens imundos se harmonizavam perfeitamente com a erupção de folhas de papéis úmidas e emporcalhadas, impregnadas de tinta de impressão. Os cartazes, manchados de sujeira, guarneciam

como tapeçaria as curvas do meio-fio. O comércio dos jornais vespertinos era animado e, ainda, em comparação com o tráfego de pés ágeis e de marcha constante, o efeito era de indiferença, de uma distribuição ignorada. Ossipon olhou apressadamente para os dois lados, antes de se perder na multidão, mas o Professor já estava fora de vista.

## CAPÍTULO V

O Professor virara para uma rua à esquerda e a percorria, com a sua cabeça carregada, rigidamente ereta, em uma multidão onde cada indivíduo quase sobrepujava sua estatura atrofiada. Era em vão fingir a si mesmo que ele não estava desapontado. Mas isso era mero sentimento; o estoicismo de seu raciocínio não podia ser perturbado por esta ou aquela falha. Da próxima vez, ou na próxima depois da próxima, um golpe revelador seria dado – algo realmente assustador – um golpe apto a abrir a primeira rachadura na imponente fachada do grande edifício das concepções legais, que abrigava a atroz injustiça da sociedade. De origem humilde, e com uma aparência realmente tão mediana, como a reprimir suas consideráveis habilidades naturais, sua imaginação fora avivada na juventude pelas histórias dos homens erguendo-se das profundezas da pobreza para posições de autoridade e afluência. A pureza extrema, quase ascética, de seu raciocínio, combinada com uma chocante ignorância das condições mundanas, colocara diante dele uma meta de poder e prestígio, a ser alcançada, sem o meio da arte, graça, tato, riqueza – pela pura força do mérito, apenas. Neste ponto de vista, ele se considerava elegível a um sucesso unânime. Seu pai, um delicado e obscuro entusiasta, com uma testa em declive, fora um pregador itinerante e agitador de alguma obscura, mas rígida, seita cristã – um homem extremamente confiante nos privilégios de sua justeza. No filho, individualista por natureza, quando a ciência das escolas substituíra por completo a fé das reuniões secretas, esta atitude moral se traduziu em um frenético puritanismo de ambição. Ele a fomentava como algo secularmente sagrado. Vê-la frustrada abriu seus olhos à verdadeira natureza do mundo, cuja moralidade era artificial, corrupta e blasfema. O modo como mesmo as mais justificáveis revoluções são preparadas por impulsos pessoais disfarçava-se em credos. A indignação do Professor encontrou em si mesma a causa final, que o absolvía do pecado de recorrer à destruição, como o agente de sua ambição. Destruir a fé pública na legalidade era a fórmula imperfeita de seu fanatismo pedante; mas a convicção em seu subconsciente, de que a estrutura de uma ordem social estabelecida não

poderia ser eficazmente estilhaçada, exceto por alguma forma de violência, coletiva ou individual, era precisa e correta. Ele era um agente moral – isso estava certo em sua mente. Ao exercer esse papel com brutal oposição, ele buscou para si mesmo as aparências do poder e do prestígio social. Isso era inegável em seu vingativo amargor. Isso pacificava sua inquietude; e, de seu próprio modo, o mais ardente dos revolucionários não está fazendo nada mais do que, talvez, buscar a paz em comum com o resto da humanidade – a paz da vaidade apaziguada, dos apetites satisfeitos, ou talvez da consciência aplacada.

Perdido na multidão, miserável e reduzido, ele meditava confiante sobre seu poder, mantendo a mão no bolso esquerdo da calça, agarrando levemente a bola de borracha, a suprema garantia de sua sinistra liberdade; mas, depois de algum tempo, ele ficou desconfortável com a visão da avenida amontoada de veículos e das calçadas repletas de homens e mulheres. Ele estava em uma rua longa e reta, ocupada por uma mera fração da imensa multidão; mas em todo o seu redor, mais e mais, até os limites do horizonte oculto pelas enormes pilhas de tijolos, ele sentia a massa de humanidade poderosa em sua quantidade. Eles se agrupavam, numerosos como grilos, engenhosos como formigas, instintivos como uma força natural, seguindo cegos, ordeiros e absortos, impenetráveis ao sentimento, à lógica, ao terror também, talvez.

Esta era a forma de dúvida que ele mais temia. Impenetráveis ao medo! Frequentemente, enquanto caminhando fora do país, quando acontecia de ele estar também fora de si mesmo, ele tinha tais momentos de terrível e sã desconfiança na humanidade. E se nada pudesse movê-los? Tais momentos vinham a todos os homens com ambição direcionada a um controle direto sobre a humanidade – a artistas, políticos, pensadores, reformadores ou santos. Um estado emocional desprezível, este, contra o qual a solidão fortifica um caráter superior; e, com severa exultação, o Professor pensou no refúgio de seu quarto, com seu armário trancado, perdido em uma imensidão de casas pobres, o eremitério do perfeito anarquista. Para chegar mais rápido ao ponto onde deveria pegar seu ônibus, ele virou bruscamente para fora da rua cheia de gente, para uma viela estreita e escura, pavimentada

com lajotas. A um lado, as baixas casas de tijolos tinham em suas janelas empoeiradas o ar sem vista e moribundo de incurável decadência – couraças vazias aguardando a demolição. Ao outro lado, a vida não tinha partido por completo, ainda. Frente à única iluminação, bocejava uma caverna de um lojista de móveis usados onde, mergulhado na escuridão de um tipo de estreita avenida, abrindo caminho através de uma bizarra floresta de guarda-roupas, com uma vegetação rasteira de pernas de mesa emaranhadas, um alto espelho reluzia como um lago em uma mata. Um sofá sem lar e infeliz, acompanhado por duas cadeiras que não eram da sua família, estava exposto. O único humano fazendo uso da viela, além do Professor, vinha altivo e ereto na direção oposta; e interrompeu sua caminhada repentinamente.

“Olá”, ele disse, e ficou vigilante à pequena distância.

O Professor já havia se detido, com uma pronta meia volta que levou seus ombros para bem perto da outra parede. Sua mão direita caiu levemente sobre as costas do sofá abandonado, a esquerda permaneceu objetivamente enterrada no bolso da calça, e a forma redonda dos óculos de pesada armação dava um ar de coruja ao seu rosto mal-humorado e tranquilo.

Era como um encontro em um corredor lateral de uma mansão cheia de vida. O altivo homem estava abotoado em um sobretudo escuro e trazia um guarda-chuva. Seu chapéu, jogado para trás, revelava boa parte da testa, que parecia muito branca ao entardecer. Nas manchas escuras das órbitas, os olhos brilhavam penetrantes. O bigode longo e caído, cor de milho maduro, emoldurava com suas pontas o bloco quadrado de seu queixo barbeado.

“Não estou buscando por você”, ele disse abrupto.

O Professor não se moveu um centímetro. Os ruídos misturados da enorme cidade se reduziam a um murmúrio baixo e inarticulado. O Inspetor Chefe Heat, do Departamento de Crimes Especiais, mudou seu tom.

“Não está apressado para voltar para casa?”, ele perguntou, com zombeteira simplicidade.



O pequeno agente moral da destruição, de aparência doentia, exultou silenciosamente, na posse de prestígio pessoal, mantendo em suspenso este homem armado com o mandato de defesa de uma sociedade ameaçada. Mais afortunado que Calígula, que desejava que o Senado Romano tivesse apenas uma cabeça para melhor satisfazer sua cruel cobiça, ele via naquele homem todas as forças que havia desafiado; a força da lei, da propriedade, da opressão e da injustiça. Ele viu todos os seus inimigos e os confrontou destemido, na suprema satisfação da sua vaidade. Eles todos ficaram perplexos diante dele, como se diante de um terrível portento. Ele se deliciava internamente com a oportunidade deste encontro, que afirmava sua superioridade sobre toda a multidão da humanidade.

Era, na realidade, um encontro casual. O Inspetor Chefe Heat tivera um dia desagradavelmente ocupado, desde que seu departamento recebera o primeiro telegrama de Greenwich, pouco antes das onze da manhã. Primeiro de tudo, o fato do atentado ter sido praticado menos de uma semana depois que ele garantira a um alto oficial que nenhuma erupção de atividade anarquista estava prevista era suficientemente perturbador. Se alguma vez ele pensara estar seguro ao fazer uma declaração, havia sido naquele momento. Ele fizera a declaração com infinita satisfação a si mesmo, porque estava claro que o alto oficial desejava muito ouvir justamente aquilo. Ele afirmara que nada do tipo poderia nem mesmo ser planejado, sem que o departamento estivesse ciente em vinte e quatro horas; e ele falara cômico de ser o grande especialista de seu departamento. Ele fora tão longe a ponto de expressar palavras que a verdadeira sabedoria teria guardado. Mas o Inspetor Chefe Heat não era muito sábio – pelo menos, não verdadeiramente. A verdadeira sabedoria, que não está certa de nada, neste mundo de contradições, teria o impedido de adotar aquela postura. Ela teria alarmado seus superiores e eliminado suas chances de promoção. Sua promoção teria sido bem rápida.

“Não há nenhum deles, senhor, em que não poríamos nossas mãos em qualquer hora do dia ou da noite. Sabemos o que cada um deles está fazendo de hora em hora”, ele declarara. E o alto oficial se dignificara a sorrir. Isso era muito obviamente a coisa certa a dizer para

um oficial da reputação do Inspetor Chefe Heat, que era perfeitamente aprazível. O alto oficial acreditou na declaração, que ressoou com sua ideia de compatibilidade das coisas. Sua sabedoria era do tipo oficial, caso contrário ele poderia refletir sobre uma questão não teórica, mas prática que, na intrincada trama das relações entre conspirador e polícia, ocorriam soluções inesperadas de continuidade, súbitos vazios no espaço e no tempo. Certo anarquista pode ser vigiado centímetro a centímetro e minuto a minuto, mas sempre chega o momento, quando, de alguma forma, toda a visão e contato com ele se perdem por algumas horas, durante o qual alguma coisa (geralmente uma explosão) mais ou menos deplorável acontece. Mas o alto oficial, levado pelo sentimento de compatibilidade das coisas, sorria e agora a lembrança daquele sorriso era irritante para o Inspetor Chefe Heat, o maior especialista em procedimentos anarquistas.

Esta não era a única circunstância cuja lembrança deprimia a habitual serenidade do eminente especialista. Havia outra, datada daquela mesma manhã. Fora uma humilhação evidente quando, chamado urgentemente à sala privada do Comissário Assistente, ele não pudera esconder sua surpresa. Seu instinto de homem de sucesso lhe ensinara, há muito tempo, que, como regra geral, uma reputação é construída sobre modos, tanto quanto sobre feitos. E ele sentira que seus modos não foram impressionantes quando confrontados com o telegrama. Ele escancarara seus olhos e exclamara “Impossível”, expondo-se, portanto, ao irresponsável retrucar de uma ponta de dedo colocada forçosamente no telegrama que o Comissário Assistente, depois de ler em voz alta, jogara sobre a mesa. Ser esmagado, como ele fora, pela ponta de um indicador, era uma experiência desagradável. Muito prejudicial, também! Além do mais, o Inspetor Chefe Heat estava ciente de que não consertara as coisas ao se permitir expressar uma convicção.

“Posso lhe dizer uma coisa de uma vez: ninguém do nosso grupo tem nada a ver com isso”.

Ele era forte em sua integridade de um bom detetive, mas agora via que uma impenetrável e atenciosa reserva em relação a este incidente teria sido de grande ajuda para sua reputação. Por outro lado,

ele admitia para si mesmo que era difícil preservar a reputação, se gente de fora iria se intrometer no negócio. Intrusos são a ruína da polícia, como a de outras profissões. O tom dos comentários do Comissário Assistente foi ácido o bastante para fazer os dentes tremerem.

E, desde o café da manhã, o Inspetor Chefe Heat não conseguira comer coisa alguma.

Começando imediatamente sua investigação no local do acidente, ele engolira uma boa porção da insalubre e crua neblina no parque. Depois, caminhara até o hospital; e, quando a investigação em Greenwich estava finalmente concluída, ele perdera o apetite. Não acostumado, como os médicos, a examinar de perto os restos mutilados de um ser humano, ele se chocara pela visão clara de uma folha a prova d'água que fora erguida de uma mesa em certo apartamento do hospital.

Outra folha a prova d'água estava estendida sobre a mesa, como uma toalha de mesa, com as pontas para cima, como se fosse um morro – uma pilha de trapos, chamuscados e manchados de sangue, como que escondendo o que poderia ter sido uma acumulação de matérias-primas para uma festa canibal. Era preciso uma considerável firmeza mental para não recuar diante daquela visão. O Inspetor Chefe Heat, um oficial eficiente de seu departamento, fincou pé, mas, por um minuto inteiro, não avançou. Um policial local, uniformizado, lançou um olhar de lado e disse, com fria simplicidade:

“Ele está todo aí. Cada pedaço dele. Foi trabalhoso”.

Ele fora o primeiro homem a chegar ao local depois da explosão. Mencionara o fato novamente. Ele vira algo como um forte jato de luz, pela neblina. Naquele momento, ele conversava com o porteiro do King William Street Lodge. A explosão o fez dar um pulo. Ele correu por entre as árvores, na direção do Observatório. “O mais rápido que minhas pernas podiam aguentar”, ele repetiu duas vezes.

O Inspetor Chefe Heat, inclinando-se sobre a mesa de forma cautelosa e aterrorizada, deixou-o prosseguir. O porteiro do hospital e outro homem abaixaram as pontas do tecido e puseram-se de lado. Os olhos do Inspetor Chefe examinaram o assustador detalhe daquela

pilha de coisas reviradas, que pareciam ter sido coletadas em um matadouro ou em uma lixeira.

“Vocês usaram uma pá”, ele observou, olhando para uma borrifada de pequenos cascalhos, pequenos pedaços de cortiça marrom e partículas de madeira esmigalhada, tão fina quanto uma agulha.

“Estivemos, em um lugar”, disse o policial, impassível. “Pedi a um zelador que me desse uma pá. Quando me ouviu escavando o chão, ele apoiou sua testa contra uma árvore e vomitava sem parar”.

O Inspetor Chefe, inclinado cuidadosamente sobre a mesa, lutava contra a desagradável sensação em sua garganta. A desatada violência da destruição, que fizera daquele corpo uma pilha de fragmentos sem nome, afetou seus sentimentos com um senso de impiedosa crueldade, embora sua razão dissesse que o efeito fosse tão rápido quanto o jato de luz. O homem, fosse quem fosse, morrera instantaneamente; e, ainda, parecia impossível crer que um corpo humano pudesse chegar àquele estado de desintegração, sem passar pelas dores de uma inconcebível agonia. O Inspetor Chefe Heat, sem ser um fisiologista, e menos ainda um metafísico, levantou-se pela força da simpatia, que era uma forma de medo, acima da concepção vulgar do tempo. Instantâneo! Ele recordava tudo o que já tinha lido em publicações populares de antigamente e dos terríveis sonhos, que tivera no instante de despertar; de toda a vida passada, vivida com aterradora intensidade, por um homem se afogando, enquanto sua cabeça condenada balançava, trêmula, pela última vez. Os mistérios inexplicáveis da existência consciente acossavam o Inspetor Chefe Heat, até que ele desenvolveu uma ideia horrenda, de que eras de dor atroz e tortura mental poderiam ser contidas em duas sucessivas piscadelas de um olho. E, neste entretempo, o Inspetor Chefe prosseguiu, olhando para a mesa com um rosto tranquilo e a levemente ansiosa atenção de um cliente despreocupado, inclinando-se sobre o que poderiam ser os restos de um açougue com vistas a um jantar dominical bem barato. Durante todo o tempo, suas treinadas faculdades de um excelente investigador, que não despreza nenhuma oportunidade de obter informações, seguiam a satisfeita e incoerente loquacidade do policial.

“Um sujeito de cabelos claros”, o último observou em tom plácido, e parou. “A velha mulher que conversava com o sargento percebeu um sujeito de cabelos claros saindo da Maze Hill Station”. Ele pausou. “E ele era um sujeito de cabelos claros. Ela percebeu dois homens saindo da estação, assim que o trem partiu”, ele continuou, lentamente. “Ela não podia dizer se estavam juntos. Ela não deu atenção em particular para o maior, mas o outro era um sujeito claro e magro, carregando uma lata de verniz em uma das mãos”. O policial parou.

“Você conhece a mulher?”, murmurou o Inspetor Chefe, com os olhos fixos sobre a mesa e uma vaga noção em sua mente de uma investigação a ser realizada sobre esta pessoa que, provavelmente, ficaria desconhecida para sempre.

“Sim. Ela é a governanta de um hoteleiro aposentado, e vai à capela em Park Place, às vezes”, explicou vigorosamente o policial; e parou, com outro olhar oblíquo para a mesa.

Depois, repentinamente: “Bem, aqui está ele – tudo o que eu posso ver. Claro. Magro – bem magro. Olhe para este pé. Peguei as pernas primeiro, uma depois da outra. Ele estava tão espalhado que não se sabia por onde começar”.

O policial parou; a última centelha de um inocente sorriso de autoelogio envolveu seu rosto redondo com uma expressão infantil.

“Tropeço”, ele anunciou com segurança. “Eu mesmo tropecei e bati minha cabeça também, enquanto corria. As raízes afloram por todas as partes. Tropeçou na raiz de uma árvore e caiu, e a coisa que ele carregava deve ter ido para bem debaixo do seu peito, é o que acho”.

O eco das palavras “Pessoa desconhecida” se repetindo em sua consciência incomodava consideravelmente o Inspetor Chefe. Ele gostaria de seguir a pista até sua misteriosa origem, por seus próprios meios. Ele era profissionalmente curioso. Antes do público, ele gostaria de vingar a eficiência de seu departamento, ao identificar aquele homem. Ele era um servidor leal. Isso, porém, parecia impossível. O primeiro termo do problema não era legível – tinha a única sugestão da atroz crueldade.

Superando sua repugnância física, o Inspetor Chefe Heat esticou a mão, sem convicção, para aplacar sua consciência; e pegou o menos imundo dos trapos. Era uma faixa estreita de veludo, de onde pendia um pedaço triangular de tecido azul escuro. Ele o levou até os olhos; e o policial falou.

“Colarinho de veludo. Engraçado que a velha senhora percebesse o colarinho de veludo. Sobretudo azul escuro, com um colarinho de veludo, ela nos disse. Ele era o tipo que ela viu, sem dúvida. E aqui ele está todo completo, com colarinho de veludo e tudo. Eu não acho que perdi nenhum pedaço maior que um selo”.

Neste ponto, as treinadas faculdades do Inspetor Chefe deixaram de ouvir a voz do policial. Ele abriu uma das janelas para iluminar melhor. Seu rosto, voltado contra a sala, expressava um interesse assustado e intenso, enquanto ele examinava de perto o pedaço triangular de pano. Com um puxão súbito, ele o separou e só depois de enfiá-lo em seu bolso ele se voltou para a sala, e jogou o colarinho de veludo de volta sobre a mesa...

“Cubra-o”, ele ordenou sucintamente aos servidores, sem olhar de novo e, cumprimentado pelo policial, carregou seu espólio apressadamente.

Um conveniente trem o levou até a cidade, sozinho e em profunda reflexão, em um vagão de terceira classe. Aquele pedaço queimado de tecido era incrivelmente valioso e ele não podia evitar seu espanto, pela maneira casual com que havia caído em sua posse. Era como se o Destino tivesse empurrado aquela pista até suas mãos. E, conforme a maneira do homem comum, cuja ambição é a de comandar os eventos, ele começou a desconfiar de tal êxito gratuito e acidental – só porque parecia impingido a ele. O valor prático do sucesso depende nem um pouco do modo como você o encara. O Destino não olha para nada. Não tem critério. Ele já não mais considerava eminentemente desejável definir publicamente a identificação do homem que explodira a si mesmo naquela manhã, com tal horrível completude. Mas não estava certo da opinião que seu departamento teria. Um departamento, para aqueles lá empregados, é uma personalidade complexa, com ideias

e mesmo manias próprias. Ele depende da devoção leal de seus servidores, e a devotada lealdade de seus confiáveis servidores está associada a certa quantidade de afetuoso desprezo que o mantém doce, por assim dizer. Por uma benévola provisão da Natureza, nenhum homem é um herói para seu criado, caso contrário, os heróis teriam de escovar suas próprias roupas. De igual forma, nenhum departamento parece perfeitamente sábio à intimidade de seus funcionários. Um departamento não sabe tanto quanto alguns de seus servidores. Por ser um organismo sem paixão, ele nunca pode ser totalmente informado. Não seria bom para a sua eficiência saber demais. O Inspetor Chefe Heat desembarcou do trem em um estado de reflexão inteiramente imaculado de deslealdade, mas não totalmente livre daquela desconfiança ciumenta, que tão frequentemente brota no solo da perfeita devoção, seja nas mulheres ou nas instituições.

Era com esta disposição mental, fisicamente bem vazio, mas ainda nauseado pelo que vira, que ele se encontrara com o Professor. Sob estas condições, que causam a irritabilidade em um homem firme e normal, este encontro era especialmente desagradável para o Inspetor Chefe Heat. Ele não estivera pensando no Professor; ele não estava pensando absolutamente em nenhum anarquista em especial. A feição daquele caso tinha, de alguma maneira, impingido a ele a ideia geral do absurdo das coisas humanas que, em resumo, era suficientemente perturbador frente a um temperamento não filosófico e, em casos concretos, se torna exasperante além do suportável. No começo de sua carreira, o Inspetor Chefe Heat se preocupava com as formas mais energéticas do roubo. Ele conquistou seus estímulos nesta esfera, e naturalmente se manteve nela, depois de sua promoção para outro departamento, um sentimento não muito longe da afeição. Roubar não era um absurdo total. Era uma forma de engenhosidade humana, de fato perversa, mas ainda uma indústria exercida em um mundo engenhoso; era um trabalho executado pela mesma razão que o trabalho em olarias, minas de carvão, nas lavouras, em oficinas de esmerilhação. Era trabalho, cuja diferença prática das outras formas de trabalho consistia na natureza de seu risco, que não repousava em anquilose, ou envenenamento por chumbo, ou grisu, ou a poeira arenosa, mas no que

poderia ser brevemente definido em sua própria fraseologia específica como “sete anos duros”. O Inspetor Chefe Heat era, certamente, não insensível à gravidade das diferenças morais. Mas não eram os ladrões, a quem ele perseguia. Eles se submetiam às severas sanções de uma moralidade conhecida do Inspetor Chefe Heat, com certa resignação.

Eram seus concidadãos, que erravam devido à educação imperfeita, acreditava o Inspetor Chefe Heat; mas, deixando de lado a diferença, ele podia entender a mente de um arrombador de casas, porque, de fato, a mente e os instintos de um arrombador são do mesmo tipo que a mente e os instintos de um policial. Ambos reconhecem as mesmas convenções, e tem um conhecimento operacional dos métodos e da rotina das respectivas atividades de cada um. Eles entendem um ao outro, o que é vantajoso a ambos, e estabelece uma sorte de amenidade em suas relações. Produtos da mesma máquina, um classificado como útil e outro como nocivo, eles aceitavam a máquina de formas diferentes, mas com uma seriedade que era essencialmente a mesma. A mente do Inspetor Chefe Heat não alcançava ideias de revolta. Mas seus ladrões não eram rebeldes. Seu vigor físico, sua maneira fria e inflexível, sua coragem e sua justeza, lhe garantiram muito respeito e alguma adulação na esfera de seus primeiros êxitos. Ele se sentia reverenciado e admirado. E o Inspetor Chefe Heat, parado a seis passos do anarquista conhecido como Professor, pensou com pena no mundo dos ladrões – são, sem ideias mórbidas, trabalhando na rotina, respeitoso das autoridades constituídas, livre de qualquer matiz de ódio e desespero.

Depois de prestar seu tributo ao que é normal na constituição da sociedade (pois a ideia de roubo parecia normal ao seu instinto, como a ideia de propriedade), o Inspetor Chefe Heat ficou furioso consigo mesmo por ter parado, por ter falado, por ter tomado aquele caminho, somente por ser um atalho entre a estação e a sede da polícia. E ele falou novamente com sua grande voz autoritária que, estando moderada, tinha um aspecto ameaçador.

“Você não está sendo procurado, eu lhe digo”, ele repetiu.

O anarquista não se moveu. Uma risada interna de escárnio revelou não apenas seus dentes, mas suas gengivas e o balançou todo,



sem o menor som. O Inspetor Chefe Heat foi levado a acrescentar, contra seu bom julgamento:

“Não ainda. Quando eu quiser, saberei onde encontrá-lo”.

Aquelas eram palavras perfeitamente apropriadas, dentro da tradição, e adequadas ao caráter de um policial que se dirige a um de seu rebanho. Mas a recepção que tiveram estava longe da tradição e da propriedade. Era ultrajante. A figura atrofiada e fraca diante dele falou, por fim.

“Não tenho dúvidas que os jornais lhe darão um obituário depois. Você sabe melhor o que lhe valeria mais a pena. Devo pensar que você facilmente pode imaginar o tipo de coisa que seria impressa. Mas você pode ser exposto ao fato desagradável de ser enterrado comigo, embora eu suponha que seus amigos façam um esforço em nos separar ao máximo possível”.

Com todo seu vigoroso desprezo pelo espírito, ditando tais discursos, a atroz alusão das palavras teve seu efeito no Inspetor Chefe Heat. Ele tinha muito discernimento, e muitas informações exatas também, para dispensá-las como podres. A penumbra desta estreita viela recebeu um tom sinistro daquela pequena figura escura e frágil, suas costas na parede; e falando com uma voz fraca e confiante. À vigorosa e tenaz vitalidade do Inspetor Chefe, a ruína física daquele ser, tão obviamente não adequado a viver, era agourenta; pois lhe parecia que, se ele tivesse o infortúnio de ser um objeto tão miserável, não se importaria em morrer tão rápido. A vida tinha um domínio tão forte sobre ele que uma onda fresca de náusea irrompeu em leve transpiração na sua testa. O murmúrio da vida na cidade, o rumor subjogado das rodas sobre as duas ruas, invisíveis, à esquerda e à direita, chegaram pela curva da sórdida viela aos seus ouvidos, com uma preciosa familiaridade e uma atraente doçura. Ele era humano. Mas o Inspetor Chefe Heat também era um homem, e não podia tolerar tais palavras.

“Tudo isso é bom para assustar crianças”, ele disse. “Ainda pegarei você”.

Tudo foi dito apropriadamente, sem escárnio, com uma tranquilidade quase austera.

“Sem dúvida”, foi a resposta; “mas não há ocasião como agora, acredite. Para um homem de reais convicções, esta é uma ótima oportunidade de autossacrifício. Você pode não encontrar outra tão favorável, tão humana. Não há nem mesmo um gato perto de nós, e estas velhas casas condenadas dariam uma boa pilha de tijolos. Você nunca me pegaria com custos tão pequenos para a vida e para a propriedade, aos quais você é pago para proteger”.

“Você não sabe com quem está falando”, disse o Inspetor Chefe Heat, com firmeza. “Se eu pusesse minhas mãos sobre você agora, eu não seria melhor que você”.

“Ah! O jogo!”

“Você pode estar certo de que nosso lado vencerá, no final. Pode ser ainda necessário fazer as pessoas crerem que alguns de vocês devem ser liquidados onde estiverem, como cães loucos. Então, este será o jogo. Mas maldito seja eu, se soubesse qual é o seu. Eu não acredito que vocês mesmos saibam. Você nunca conseguirá nada com isso”.

“Enquanto isso, é você quem consegue algo – até agora. E você consegue facilmente, também. Não falarei de seu salário, mas você não fez seu nome simplesmente por não entender do que estamos atrás?”

“Do que você está atrás, então?” perguntou o Inspetor Chefe Heat, com uma desdenhosa pressa, como um homem que, acelerado, percebe que está perdendo seu tempo.

O perfeito anarquista respondeu com um sorriso que não separou seus lábios finos e sem cor; e o celebrado Inspetor Chefe sentiu-se superior, o que lhe levou a erguer um dedo de advertência.

“Desista – seja do que for”, ele disse em um tom admoestador, mas não tão bondoso, como se estivesse condescendendo a aconselhar um ladrão de cofres de renome. “Desista. Você verá que somos muitos para vocês”.

O sorriso fixo nos lábios do Professor se desvaneceu, como se o espírito zombeteiro perdesse sua segurança. O Inspetor Chefe Heat prosseguiu:

“Você não acredita em mim, não é? Bem, basta olhar ao seu redor. Nós estamos atrás de você. E, de qualquer modo, você não está indo bem. Você está sempre confundindo tudo. Ora, se os ladrões não conhecessem bem o seu trabalho, morreriam de fome”.

A deixa de uma multidão invencível atrás das costas daquele homem ergueu uma sombria indignação no peito do Professor. Ele já não mais sorria seu sorriso enigmático e zombeteiro. O resistente poder dos números, a inatacável estupidez de uma grande multidão, era o medo que assombrava sua sinistra solidão. Seus lábios tremeram por algum tempo, antes que pudesse dizer, em uma voz estrangulada:

“Estou fazendo meu trabalho melhor do que você, o seu”.

“Basta”, interrompeu o Inspetor Chefe Heat, apressadamente; e o Professor riu abertamente, desta vez. Enquanto ainda ria, foi saindo, mas não riu por muito tempo. Era um homenzinho de rosto triste e miserável que emergia da estreita passagem para o tumulto da ampla rua. Ele caminhava com o passo inerte de um vagabundo que ia, e continuava a ir, indiferente à chuva ou ao sol, em um sinistro desprendimento dos aspectos do céu e da terra. O Inspetor Chefe Heat, por outro lado, depois de observá-lo por um tempo, apertou o passo, com a rapidez cheia de objetivo de um homem que desconsiderava, de fato, as inclemências do clima, mas cômico de ter uma missão autorizada sobre a terra e o apoio moral dos seus iguais. Todos os habitantes da imensa cidade, a população de todo o país, e mesmo os abundantes milhões batalhando pelo planeta, estavam com ele – até mesmo os ladrões e os mendigos. Sim, os próprios ladrões seguramente estavam ao seu lado, neste presente trabalho. A consciência do apoio universal, para sua atividade geral, o alentava a lidar com este problema particular.

O problema imediatamente diante do Inspetor Chefe era o de lidar com o Comissário Assistente de seu departamento, seu superior imediato. Este é o problema eterno dos servidores confiáveis e leais; o anarquismo lhe dava uma feição particular, mas nada mais. É verdadeiro dizer que o Inspetor Chefe Heat pensava muito pouco no anarquismo. Ele não dava importância muito grande a isso, e nunca poderia ser

levado a considerá-lo seriamente. Aquilo tinha mais a aparência de uma conduta desordeira; desordeira sem a desculpa humana da bebedeira, que, aliás, de certa forma, implicava em bom sentimento e inclinação amigável para a festividade. Como criminosos, os anarquistas não tinham classe – absolutamente nenhuma. E, ao se lembrar do Professor, o Inspetor Chefe Heat, sem interromper seu passo ritmado, falou entre os dentes:

“Lunático”.

Prender ladrões era outro problema completamente diferente. Este tinha aquela qualidade de seriedade, pertencente a cada forma de esporte aberto onde o melhor vence, sob regras perfeitamente compreensíveis. Não havia regras para lidar com anarquistas. E isso era desagradável para o Inspetor Chefe. Tudo era uma tolice, mas esta tolice excitava a mente do público, afetava as pessoas de cargos importantes e resvalava nas relações internacionais. Um desprezo duro e impiedoso se instalou rigidamente no rosto do Inspetor Chefe, enquanto caminhava. Sua mente passou por todos os anarquistas do seu rebanho. Nenhum deles tinha nem a metade da bravura deste ou daquele arrombador de casas que ele conhecera. Nem a metade – nem um décimo.

Ao chegar ao quartel general, o Inspetor Chefe foi admitido imediatamente à sala privada do Comissário Assistente. Ele o encontrou, caneta na mão, inclinado sobre uma grande mesa cheia de papéis espalhados, como se cultuando um enorme tinteiro duplo de bronze e cristal. Tubos acústicos<sup>[1]</sup>, semelhantes a cobras, estavam amarrados pelas pontas às costas da poltrona de madeira do Comissário Assistente, e suas bocas escancaradas pareciam prontas a morder seus cotovelos. E, nesta posição, ele ergueu seus olhos apenas, cujas pálpebras eram mais escuras que seu rosto e muito enrugadas. Os relatórios haviam chegado; cada anarquista havia sido rigorosamente esquadrinhado.

Depois de dizer isso, ele abaixou os olhos, assinou rapidamente duas folhas separadas e então, largando a caneta, sentou-se bem atrás na sua poltrona, dirigindo um olhar inquisidor ao seu renomado

subordinado. O Inspetor Chefe aguentou bem, deferente, mas inescrutável.

“Ouso dizer que você estava certo”, disse o Comissário Assistente, “ao me dizer primeiro que os anarquistas de Londres não tinham nada a ver com isso. Aprecio muito a excelente vigilância que seus homens exercem sobre eles. Por outro lado, isso, para o público, não é mais do que uma confissão de ignorância”.

A fala do Comissário Assistente era moderada, como que cautelosa. Seu pensamento parecia pesar cada palavra, antes de passar para outra, como se as palavras fossem pedras de medida, para que seu intelecto escolhesse seu caminho pelas águas do erro. “A menos que você tenha trazido algo útil de Greenwich”, ele acrescentou.

O Inspetor Chefe começou de uma vez o relato de sua investigação, de modo claro e conciso. Seu superior, virando um pouco sua poltrona, e cruzando suas finas pernas, apoiou-se de lado em seu cotovelo, com uma mão sombreando os olhos. Sua posição de ouvinte tinha uma espécie de graça inflexível e pesarosa. Lampejos de prata altamente polida brincavam nas laterais de sua cabeça negra como ébano, quando ele a inclinou lentamente, ao final.

O Inspetor Chefe Heat aguardou, aparentando revirar em sua mente tudo o que dissera, mas, a bem da verdade, considerando a possibilidade de dizer algo mais. O Comissário Assistente interrompeu sua hesitação:

“Você crê que eram dois homens?”, perguntou, sem descobrir os olhos.

O Inspetor Chefe pensava que era o mais provável. Em sua opinião, os dois homens se separaram a cerca de dez metros dos muros do Observatório. Ele também explicou como o outro homem poderia ter escapado do parque sem ter sido observado. A neblina, embora não muito densa, lhe favorecia. Ele parecia ter acompanhado o outro até o local, e então o deixou lá, para fazer o trabalho sem ajudantes. Considerando a hora em que os dois foram vistos saindo de Maze Hill Station, pela velha senhora, e a hora em que a explosão foi ouvida, o Inspetor Chefe pensava que o outro homem poderia ter realmente

estado na Greenwich Park Station, pronto para pegar o próximo trem, no momento em que seu camarada se destruía completamente.

“Bem completamente, não?”, murmurou o Comissário Assistente, sob a sombra de sua mão.

O Inspetor Chefe, em poucas e vigorosas palavras, descreveu o aspecto dos restos. “Os legistas terão um prato cheio”, ele acrescentou, mal-humorado.

O Comissário Assistente descobriu os olhos.

“Não lhes diremos nada”, ele observou languidamente.

Ele olhou para cima e olhou, por algum tempo, a marcada posição de liberdade de seu Inspetor Chefe. Sua natureza não era facilmente acessível a ilusões. Ele sabia que um departamento estava à mercê de seus subordinados, que têm sua própria concepção de lealdade. Sua carreira começara em uma colônia tropical. Ele gostara de trabalhar ali. Era um trabalho policial. Ele tivera muito sucesso em rastrear e desbaratar certas nefastas sociedades secretas entre os nativos. Então tirou uma longa licença e se casou, de modo impulsivo. Do ponto de vista mundano, era uma boa união, mas sua mulher tinha uma opinião desfavorável ao clima colonial, baseada em evidências advindas de rumores. Por outro lado, ela tinha ligações influentes. Era um excelente casamento. Mas ele não gostava do trabalho que tinha a fazer agora. Ele se sentia dependente dos muitos subordinados e dos muitos tutores. A presença próxima daquele estranho fenômeno emocional, chamado opinião pública, pesava em seu humor e o alarmava, pela sua natureza irracional. Sem dúvida, por ignorância, ele exagerava a idéia que tinha de seu próprio poder de fazer o bem e o mal – especialmente o mal; e os ventos rudes do oeste da primavera inglesa (que agradavam à sua esposa) aumentavam sua desconfiança geral dos motivos do homem e da eficiência de sua organização. A futilidade do trabalho em escritório o horrorizava em especial, naqueles dias tão desafiadores ao seu sensível fígado.

Ele se levantou, revelando-se em toda a sua altura, e com passos pesados, notáveis para um homem tão magro, moveu-se pela sala e foi até a janela. Os vidros batiam com a chuva; e a pequena rua para a qual

olhava estava úmida e vazia, como se varrida repentinamente por uma grande inundação. Estava um dia difícil, que começara engasgado com uma rude neblina e agora se afogava em uma chuva fria. As chamas bruxuleantes e embaçadas das luzes de gás pareciam se dissolver em uma atmosfera aquosa. E as altas pretensões de uma humanidade oprimida pelos miseráveis insultos do clima pareciam vaidades, colossais e sem esperança, merecedoras de escárnio, surpresa e compaixão.

“Horrível, horrível!”, pensou o Comissário Assistente consigo mesmo, com seu rosto próximo à janela. “Estamos com este tipo de coisa há dez dias; não... por uma quinzena; uma quinzena”. Ele parou de pensar completamente por algum tempo. Aquela extrema imobilidade de seu cérebro durou cerca de três segundos. Então ele disse, superficialmente: “Já iniciou as investigações para descobrir quem é o outro homem?”

Ele não tinha dúvidas de que tudo o que fosse necessário já tinha sido feito. O Inspetor Chefe Heat certamente conhecia o negócio de caçar um homem. E estes eram os procedimentos de rotina, também, que seriam tomados como matéria de curso, pelo mais principiante. Algumas perguntas entre os bilheteiros e os porteiros das duas pequenas estações ferroviárias dariam informações adicionais quanto à aparência dos dois homens; a inspeção dos bilhetes apreendidos mostraria de uma vez de onde vieram naquela manhã. Era elementar, e não poderia ser negligenciado. Com efeito, o Inspetor Chefe respondeu que tudo já tinha sido feito, logo após que a velha senhora fizera seu depoimento. E ele mencionou o nome de uma estação. “É de onde vieram, senhor”, ele prosseguiu. “O porteiro que pegou os bilhetes em Maze Hill lembra de dois tipos, que batem com a descrição, passando pela catraca. Eles lhe pareceram dois respeitáveis trabalhadores de uma espécie superior – pintores de sinais ou decoradores de interiores. O homem grande saltou de um vagão de terceira classe mais para trás, com uma lata brilhante nas mãos. Na plataforma ele a deu, para que um jovem rapaz, claro, que o seguia, a carregasse. Tudo isso coincide perfeitamente com o que a velha senhora disse ao sargento da polícia em Greenwich”.

O Comissário Assistente, ainda com o rosto voltado para a janela, expressou sua dúvida quanto ao fato destes dois homens terem algo a ver com o atentado. Toda esta teoria se apoiava nas falas de uma velha faxineira que quase perdeu os sentidos por causa de um homem apressado. De fato, não uma autoridade muito significativa, a menos que fosse um súbito entusiasmo, o que era pouco sustentável.

“Francamente, como ela poderia se entusiasmar?”, ele perguntou com grave ironia, mantendo suas costas para a sala, como se em transe pela contemplação das colossais formas da cidade, meio que perdidas na noite. Ele nem mesmo olhou ao redor, quando ouviu o som da palavra “providencial” do principal subordinado de seu departamento, cujo nome, às vezes impresso nos jornais, era conhecido do grande público, como um de seus zelosos e trabalhadores protetores. O Inspetor Chefe Heat elevou um pouco a voz.

“Tiras e lascas de lata brilhante eram bem visíveis para mim”, ele disse. “Esta é uma corroboração muito boa”.

“E estes homens vieram daquela pequena estação do interior”, o Comissário Assistente pensou em voz alta, vagueando. Ele ouvira que tal era o nome nos dois bilhetes, dentre os três que foram dados no trem, em Maze Hill. A terceira pessoa que desembarcou era um mascate de Gravesend, bem conhecido dos porteiros. O Inspetor Chefe compartilhou aquela informação com um tom de encerramento e algum mau-humor, como servidores leais fazem na consciência de sua lealdade e com o senso de valor de seus esforços leais. E, ainda, o Comissário Assistente não se voltou da escuridão lá fora, tão vasta quanto o mar.

“Dois anarquistas estrangeiros vindos daquele lugar”, ele disse, aparentemente para a janela. “É quase inexplicável”.

“Sim, senhor. Mas seria ainda mais inexplicável se aquele Michaelis não estivesse em uma cabana nos arredores”.

Ao som daquele nome, caindo inesperadamente naquele incômodo caso, o Comissário Assistente dissipou bruscamente a vaga lembrança das partidas diárias de whist[2], no clube. Era o hábito mais confortável de sua vida, em uma exibição, no geral, cheia de êxito de sua habilidade, sem a ajuda de qualquer subordinado. Ele entrava em seu



clube para jogar das cinco às sete, antes de ir para casa jantar, se esquecendo, por aquelas duas horas, de tudo o que era desagradável em sua vida, como se o jogo fosse uma droga benéfica para aliviar as dores do descontentamento moral. Seus parceiros eram o melancolicamente engraçado editor de uma celebrada revista; um advogado silencioso e idoso, com olhinhos maliciosos; e um velho coronel, altamente marcial e de mente simples, com as mãos nervosas. Eram apenas seus conhecidos de clube. Ele nunca os encontrava em outro lugar, senão na mesa de cartas. Mas todos pareciam abordar o jogo com o espírito de sofredores, como se de fato fosse uma droga contra os males secretos da existência; e, todos os dias, quando o sol se inclinava sobre os incontáveis telhados da casa, uma impaciência suave e prazerosa, lembrando o impulso de uma amizade certa e profunda, iluminava seus afazeres profissionais. E agora, esta agradável sensação se irradiava dele, com algo semelhante a um choque físico, e foi substituída por um tipo especial de interesse neste trabalho de proteção social – um tipo inapropriado de interesse, que pode ser definido melhor como uma desconfiança súbita e vigilante da arma em sua mão.

[1] Dispositivo antigo de comunicação que consistia em dois cones conectados por um tubo de ar, bastante usados em escritórios do século 19. Sua utilização foi substituída pelo telefone.

[2] Jogo de cartas, semelhante ao jogo de copas, e que é considerado o ancestral do bridge. Foi muito popular nos séculos 18 e 19.

## CAPÍTULO VI

A dama protetora de Michaelis, o apóstolo da liberdade condicional de esperanças humanitárias, era uma das mais influentes e distintas conexões da esposa do Comissário Assistente, a quem ela chamava de Annie, e ainda tratava como uma jovem garota não muito esperta e extremamente inexperiente. Mas ela consentia em aceitá-lo em uma base amigável, o que não era de modo algum o caso com todas as conexões influentes de sua esposa. Casou-se jovem e de modo esplêndido, em alguma época remota do passado; tivera por um tempo uma visão íntima dos grandes casos, e mesmo de alguns grandes homens. Ela mesma era uma grande dama. Velha, agora, pelo número de anos, ela tinha aquele tipo de excepcional temperamento que desafia o tempo com desprezível desconsideração, como se fosse uma convenção bem vulgar a quem se submete a classe inferior da humanidade. Muitas outras convenções mais fáceis de se deixar de lado, ah!, falharam em obter seu reconhecimento, também em bases temperamentais – tanto porque a entediavam, ou porque bloqueavam seus desprezos e suas simpatias. A admiração lhe era um sentimento desconhecido (era uma das secretas mágoas de seu mais nobre marido em relação a ela) – primeiro, como sempre, mais ou menos maculada de mediocridade, e depois por ser, de certo modo, uma confissão de inferioridade. E ambas eram francamente inconcebíveis à sua natureza. Ser destemida ao declarar suas opiniões lhe era fácil, já que ela julgava apenas desde o ponto de vista de sua posição social. Ela igualmente não via limites em suas ações; e, como seu tato provinha da genuína humanidade, seu vigor físico permanecia notável e sua superioridade, serena e cordial, três gerações a admiraram infinitamente, e a última que ela provavelmente veria lhe havia declarado uma mulher maravilhosa. Entretanto, inteligente, com uma espécie de alta simplicidade, e curiosa em sua essência, mas não como muitas mulheres que eram curiosas sobre a sociedade, ela se entretinha atraindo ao seu alcance, por meio do poder de seu grande, quase histórico, prestígio social, tudo o que se erguia acima do nível morto da humanidade, legal ou ilegalmente, pela posição, pelo gênio, audácia, fortuna ou infortúnio. Nobres, artistas,

cientistas, jovens estadistas e charlatões de todas as idades e condições; aqueles que, sem substância e leves, flutuando como rolhas, mostravam melhor a direção das correntes da superfície, eram recepcionados naquela casa, e eram ouvidos, penetrados, compreendidos, elogiados para a sua própria satisfação. Em suas próprias palavras, ela gostava de ver para onde o mundo ia. E, como ela tinha uma mente prática, seu julgamento dos homens e das coisas, embora baseado em orgulho especial, raramente era totalmente equivocado, e quase nunca absurdo. Sua sala de estar era provavelmente o único lugar no vasto mundo, onde um Comissário Assistente da Polícia poderia encontrar um preso em liberdade condicional, em outras bases que não as profissionais e oficiais. Quem levara Michaelis para lá, em uma tarde, o Comissário Assistente já não se lembrava tão bem. Ele tinha uma noção de que deveria ter sido certo Membro do Parlamento, de ilustre parentesco e afinidades não condicionais, que era a piada do dia para os jornais cômicos. Os notáveis, e mesmo as simples notoriedades do dia, convidavam-se livremente para aquele templo de uma velha senhora de curiosidade não ignóbil. Não se podia adivinhar nunca quem provavelmente se encontraria sendo recebido em semiprivacidade, atrás do biombo de seda azul desbotada e de bordas douradas, que fazia um abrigo aconchegante para um sofá e algumas poltronas na grande sala de estar, com seu zunir de vozes e os grupos de pessoas sentados ou de pé, sob a luz de seis altas janelas.

Michaelis fora o objeto de uma mudança repentina no sentimento popular, o mesmo sentimento que anos atrás aplaudira a ferocidade da sentença de prisão perpétua que lhe foi aplicada, por cumplicidade em uma louca tentativa de resgatar alguns prisioneiros de um carro policial. O plano dos conspiradores era abater os cavalos e vencer a escolta. Desgraçadamente, um dos policiais também foi morto. Ele deixou uma esposa e três filhos pequenos, e a morte daquele homem excitou, por toda a extensão e amplitude de um reino, por cuja defesa, bem estar e glória homens morriam todos os dias, no cumprimento do dever, uma explosão de furiosa indignação, de uma pena implacável e raivosa, pela vítima. Três líderes foram enforcados. Michaelis, jovem e magro, chaveiro de ofício, e grande frequentador das escolas noturnas,

nem mesmo sabia que alguém fora morto, sendo a sua parte, como a dos demais, a de forçar a porta ao fundo do comboio especial. Ao ser preso, ele tinha uma gazua de chaves mestras em um bolso e um pesado cinzel em outro; e um pé de cabra na mão: nem mais, nem menos do que um arrombador de casas. Mas nenhum ladrão teria recebido tão pesada sentença. A morte do policial o fizera de fato triste, mas igualmente a falha do plano. Ele não ocultou nenhum destes sentimentos de seus conterrâneos no júri, e este tipo de remorso pareceu chocantemente imperfeito à corte repleta de gente. O juiz, ao comunicar a sentença, comentou sentidamente a depravação e a frieza do jovem prisioneiro.

Isso fez a fama infundada de sua condenação; a fama de sua libertação lhe veio em bases nada melhores, pelas pessoas que desejavam explorar o aspecto sentimental de sua prisão, tanto para fins próprios, quanto para nenhum fim inteligível. Ele permitiu que fizessem isso, na inocência de seu coração e na simplicidade de sua mente. Nada que lhe acontecera individualmente tivera qualquer significado. Ele era como aqueles homens divinos, cuja personalidade se perdeu na contemplação da sua fé. Suas ideias não tinham a natureza das convicções. Eram inacessíveis ao raciocínio. Elas formavam, em toda a sua contradição e obscuridade, um credo invencível e humanitário, que ele confessava, ao invés de pregar, com uma gentileza obstinada, um sorriso de pacífica segurança em seus lábios; e seus cândidos olhos azuis para baixo, porque a visão de rostos atrapalhava sua inspiração, desenvolvida na solidão. Nesta atitude característica, patética em sua grotesca e incurável obesidade, que ele tinha de arrastar como um escravo de um galeão até o final de seus dias, o Comissário Assistente da Polícia observava o apóstolo da liberdade condicional sentado em uma privilegiada poltrona atrás do biombo. Ele sentava-se ali, perto do sofá da velha dama, de voz suave e tranquila, sem maior consciência de si mesmo do que teria uma criança bem pequena, e com algo do charme infantil – o atraente charme da confiança. Confiante no futuro, cujos métodos secretos lhe foram revelados dentro das quatro paredes de uma penitenciária bem conhecida, ele não tinha motivos para olhar com suspeita para ninguém. Se ele não pudesse dar à grande e curiosa dama uma ideia definitiva sobre para onde o mundo estava indo, ele lograria,

sem esforço, impressioná-la pela sua fé sem amargura, pela qualidade elevada de seu otimismo.

Certa simplicidade de pensamento é comum às almas serenas de ambas as extremidades da escala social. A grande dama era simples, ao seu próprio modo. As opiniões e crenças de Michaelis nada tinham para chocar ou assustá-la, já que ela as julgava desde sua eminente posição. De fato, as simpatias dela eram facilmente acessíveis a homens de qualquer tipo. Ela mesma não era uma capitalista exploradora; ela estava, de certo modo, acima do jogo das condições econômicas. E ela tinha uma grande capacidade de se apiedar pelas formas mais óbvias das comuns misérias humanas, e precisamente porque ela era uma total estranha a elas, que começara a traduzir sua concepção em termos de sofrimento mental, antes que ela pudesse alcançar a noção da crueldade delas. O Comissário Assistente se lembrava muito bem da conversa entre aqueles dois. Ele a ouvira em silêncio. De certa forma, era algo excitante, e mesmo tocante, em sua predestinada futilidade, como os esforços no intercuro moral entre os habitantes de planetas remotos. Mas esta grotesca encarnação da paixão humanitária atraía, de alguma forma, a imaginação. Por fim, Michaelis se levantou, e tomando a mão estendida da grande dama, a cumprimentou, mantendo-a em sua grande palma acolchoada com extrovertida amizade, e deu as costas ao semiprivado aconchego da sala de estar, vasta e quadrada, como se estendida sob a curta jaqueta de tweed. Olhando ao redor em serena benevolência, ele mancou até a distante porta, entre os grupos de outros visitantes. O murmúrio das conversas pausava com a sua passagem. Ele sorriu inocentemente para uma garota alta e magnífica, cujos olhos ele encontrou acidentalmente e saiu sem perceber os olhares que o seguiam pela sala. A primeira aparição de Michaelis no mundo fora um sucesso – um sucesso de opinião, não danificado por nenhum murmúrio de escárnio. As conversações pausadas retomavam em seu tom apropriado, grave ou leve. Apenas um homem de quarenta anos, de boa posição, magro e de aspecto ativo, conversando com duas damas perto de uma janela, observou em voz alta, com uma inesperada profundidade de sentimentos: “cento e quinze quilos[1], eu diria, e pouco mais de um metro e meio[2]. Pobre sujeito! É terrível, terrível”.

A dama da casa, encarando distraidamente o Comissário Assistente, deixado sozinho com ela no lado privado do biombo, parecia estar rearranjando suas impressões mentais por trás da pensativa imobilidade de um belo rosto idoso. Homens com bigodes cinza e feições cheias, vigorosas e vagamente sorridentes se aproximaram, circulando pelo biombo; um indivíduo bem barbeado, com o rosto afundado e agitando uma lente com armação de ouro, em uma larga faixa de borracha, tinha um efeito velho mundo e dândi. Um silêncio respeitoso, mas cheio de reservas, reinou por um momento, e então a grande dama exclamou, não com ressentimento, mas com um tipo de protesto indignado:

“E oficialmente se supõe que este seja um revolucionário! Que bobagem”. Ela olhou com dureza para o Comissário Assistente, que murmurou com tom de desculpa:

“Talvez não tão perigoso”.

“Nada perigoso – eu não pensaria o contrário. Ele é um mero crente. É o temperamento de um santo”, declarou a grande dama, em uma voz firme. “E eles o mantiveram preso por vinte anos. É de se temer com uma estupidez dessas. E agora o libertaram, quando todos os seus parentes se mudaram para outro país, ou estão mortos. Seus pais estão mortos; a garota com quem iria se casar faleceu enquanto ele estava na prisão; ele perdeu a habilidade necessária para a sua ocupação manual. Ele mesmo me disse isso com a mais doce paciência; mas então, ele disse que tivera muito tempo para pensar nisso tudo sozinho. Uma bela compensação! Se é disso que os revolucionários são feitos, alguns de nós podem ir muito bem de joelhos até eles”, ela continuou em um tom levemente provocante, enquanto os sorrisos da banal sociedade endureciam nos rostos mundanos que se voltavam para ela com convencional reverência. “A pobre criatura já não está mais em condições de cuidar de si mesma. Alguém terá de cuidar dele um pouco”.

“Ele deveria ser aconselhado a seguir algum tipo de tratamento”, a voz soldadesca do homem de aparência ativa se ouviu distante, em tom de recomendação. Ele estava no auge de sua condição para a sua

idade, e mesmo a textura de seu longo hábito tinha um aspecto de elástica resistência, como se fosse um tecido vivo. “O homem é virtualmente um aleijado”, ele acrescentou com inequívoco sentimento.

Outras vozes, como que felizes pela abertura, murmuraram apressada compaixão. “Muito assustador”, “Monstruoso”, “Muito doloroso de se ver”. O homem alto e magro, com uma lente em uma ampla faixa, pronunciou elegantemente a palavra “Grotesco”, cuja justeza foi apreciada por aqueles ao seu lado. Eles sorriram entre si.

O Comissário Assistente não expressou sua opinião naquele momento e nem depois, sua posição tornando impossível, para ele, expressar qualquer opinião independente sobre o presidiário em liberdade condicional. Mas, na verdade, ele compartilhava a opinião do amigo e hóspede de sua esposa, de que Michaelis era um sentimentalista humanitário, um pouco louco, mas no todo incapaz de matar uma mosca intencionalmente. Assim, quando aquele nome surgiu repentinamente naquele vexatório caso da bomba, ele compreendeu todo o perigo disso para o apóstolo da liberdade condicional, e sua mente voltou de uma vez para a bem estabelecida paixão de sua esposa. Sua arbitrária bondade não carregava, com paciência, nenhuma interferência à liberdade de Michaelis. Era uma paixão profunda, calma, convencida. Ela não apenas sentira que ele era inofensivo, como assim ela dissera, que ultimamente, por uma confusão de sua mente absolutista, se tornou uma espécie de demonstração incontroversa. Era como se a monstruosidade do homem, com seus cândidos olhos infantis e um sorriso gordo e angelical, a fascinasse. Ela chegara a quase acreditar em sua teoria sobre o futuro, já que não era repugnante aos seus orgulhos. Ela não gostava do novo elemento de plutocracia na composição social, e o industrialismo, como um método de desenvolvimento humano, lhe parecia singularmente repulsivo em seu caráter mecânico e sem sentimentos. As esperanças humanitárias do suave Michaelis tendiam não para a extrema destruição, mas apenas na direção da completa ruína econômica do sistema. E ela realmente não via onde estava o dano moral disso. Isso varreria com toda a multidão dos “parvenus”, de quem ela não gostava e desconfiava, não porque tinham chegado a algum lugar (o que ela negava), mas por causa da

profunda falta de inteligência do mundo, que era a primeira causa da crueza de suas percepções e da aridez de seus corações. Com o aniquilamento de todo o capital, eles também desapareceriam; mas a ruína universal (dado que era universal, como se revelou a Michaelis) deixaria os valores sociais intocados. O desaparecimento da última peça de dinheiro não poderia afetar as pessoas de posição. Ela não podia conceber como isso afetaria sua posição, por exemplo. Ela tinha explanado estas descobertas ao Comissário Assistente, com todo o sereno destemor de uma velha mulher que escapara da praga da indiferença. Ele tomara para si mesmo a regra de receber todo aquele tipo de coisa em um silêncio que ele cuidava, com política e vontade, que não se tornasse ofensivo. Ele tinha uma afeição pela velha discípula de Michaelis, um sentimento complexo, dependendo um pouco do prestígio dela, de sua personalidade, mas principalmente do instinto de gratidão bajulada. Ele se sentia realmente apreciado naquela casa. Ela era a bondade personificada. E ela era, de maneira prática, sábia também, com os modos de uma mulher experiente. Ela tornara a vida de casado dele muito mais simples do que teria sido, sem seu reconhecimento completamente generoso dos direitos, como esposo de Annie. A influência dela sobre a esposa dele, uma mulher devorada por todos os tipos de pequenos egoísmos, pequenas invejas, pequenos ciúmes, era excelente. Infelizmente, tanto sua bondade quanto sua sabedoria eram de feição irracional, distintamente feminina e difícil de lidar. Ela permanecera uma mulher perfeita por toda a sua vida, e não como algumas delas se tornam – uma espécie de velho evasivo e pestilento em anáguas. E era como uma mulher que ele pensava nela – a especial encarnação da escolha pelo feminino, onde é recrutado o guarda-costas terno, engenhoso e feroz para todos os tipos de homem que falam sob a influência de uma emoção, verdadeira ou fraudulenta; para pregadores, videntes, profetas ou reformistas.

Apreciando o distinto e bom amigo de sua esposa, e ele mesmo, deste modo, o Comissário Assistente se tornou alarmado com o possível destino do presidiário Michaelis. Preso uma vez na suspeita de ser, de alguma maneira, porém remota, uma festa a este atentado, o homem mal poderia escapar de ser enviado para cumprir toda a sua sentença,



finalmente. E isso o mataria; ele nunca poderia sair vivo. O Comissário Assistente fez uma reflexão extremamente inconveniente à sua posição oficial, sem ser realmente creditado à sua humanidade.

“Se o sujeito for preso novamente”, ele pensou, “ela nunca me perdoará”.

A franqueza de tal pensamento, revelado apenas secretamente, não poderia passar sem alguma irônica autocrítica. Nenhum homem ocupado em um trabalho, que não gosta, pode manter muitas ilusões salvadoras sobre si mesmo. O desgosto e a ausência de glamour se projetam do emprego para a personalidade. É somente quando nossas atividades específicas parecem, por uma feliz coincidência, obedecer a particular seriedade de nosso temperamento, que podemos experimentar o conforto da completa autoenganação. O Comissário Assistente não gostava de seu trabalho em casa. O trabalho policial do qual ele se ocupava em uma parte distante do globo tinha o aspecto salvador de uma espécie irregular de batalha ou, pelo menos, o risco e a excitação de uma luta ao ar livre. Suas habilidades reais, que eram principalmente de ordem administrativa, se combinavam com uma disposição aventureira. Acorrentado a uma mesa, em meio a quatro milhões de homens, ele se considerava vítima de um destino irônico – o mesmo, sem dúvida, que lhe levava a um casamento com uma mulher excepcionalmente sensível com a questão do clima colonial, além de outras limitações que testemunhavam a delicadeza da natureza dela – e de seus gostos. Ainda que julgasse este alarme sardonicamente, ele não apagou o pensamento impróprio de sua mente. O instinto de autopreservação era forte dentro dele. Ao contrário, ele a repetia mentalmente com ênfase profana e precisão absoluta: “Maldição! Se este Heat infernal pegar a pista dele, o sujeito morrerá na prisão, asfixiado em sua gordura, e ela nunca me perdoará”.

Sua figura negra e esguia, com o lado branco do colarinho sob o brilho prateado no cabelo cortado rente em sua nuca, permanecia imóvel. O silêncio durara tanto tempo, que o Inspetor Chefe Heat se aventurou a pigarrear. Tal barulho provocou seu efeito. O funcionário, zeloso e inteligente, foi inquirido pelo seu superior, cujas costas permaneciam voltadas fixamente contra ele:

“Você relaciona Michaelis a este caso?”

O Inspetor Chefe Heat foi bem assertivo, mas cauteloso.

“Bem, senhor”, ele disse, “temos o bastante para ir atrás dele. Um homem como este não tem por que estar livre, de qualquer forma”.

“Você precisa de alguma evidência conclusiva”, veio a observação, em um murmúrio.

O Inspetor Chefe Heat ergueu suas sobrancelhas para o costado escuro e esguio, que permanecia obstinadamente voltado contra sua inteligência e seu zelo.

“Não haverá dificuldade em obter provas suficientes contra ele”, disse, com virtuosa complacência. “Você pode confiar em mim, senhor”, ele acrescentou sem necessidade, com todo o seu coração; pois lhe parecia algo excelente ter aquele homem na mão para lançá-lo ao público, se o público julgasse adequado se levantar com qualquer indignação a este caso. Era impossível ainda dizer se ele se levantaria ou não. Isso, em última instância, dependeria, claro, dos jornais. Mas, de qualquer forma, o Inspetor Chefe Heat, fornecedor de prisões por vocação, e um homem de instintos legais, logicamente acreditava que a prisão era o destino apropriado para todos os inimigos declarados da lei. Com a força desta convicção, ele cometeu uma falta de tato. Ele se permitiu uma pequena risada oculta, e repetiu:

“Conte comigo para isso, senhor”.

Aquilo foi demais para a forçada calma, sob a qual o Comissário Assistente havia, por mais de dezoito meses, escondido sua irritação com o sistema e com os subordinados de seu departamento. Um tarugo quadrado forçado a entrar em um orifício redondo, ele sentira como um ultraje diário aquele, há muito estabelecido e polido círculo, ao qual um homem de forma angular menos aguda teria de se ajustar a si mesmo, com voluptuosa aquiescência, depois de algumas contorções. Do que ele mais ressentia era justamente da necessidade de tanto acreditar. Com a pequena risada do Inspetor Chefe Heat, ele girou sob seus calcanhares, como se levado da janela por um choque elétrico. Ele pegou, na cara do último, não apenas a complacência própria para a ocasião, à espreita, sob o bigode, mas os vestígios da vigilância experimental, nos olhos

redondos que, sem dúvida, estiveram presos em suas costas, e agora encontravam seu olhar por um segundo antes que o aspecto intencional de sua mirada tivesse tempo de mudar para uma aparência simplesmente assustada.

O Comissário Assistente de Polícia tinha, de fato, algumas qualificações para seu posto. Repentinamente, suas suspeitas foram despertadas. Mas era justo dizer que suas suspeitas, sobre o método da polícia (a menos que acontecesse da polícia ser um corpo semimilitar, organizado por si mesmo), não eram difíceis de levantar. Se elas chegaram a dormir no mero cansaço, foi apenas levemente; e a sua apreciação do zelo e da habilidade do Inspetor Chefe Heat, moderada em si mesma, excluía qualquer noção de confiança moral. “Ele está aprontando alguma”, exclamou mentalmente, e ficou irado de uma vez. Cruzando a sala até a sua mesa em largas passadas, ele sentou-se violentamente. “Aqui estou eu, preso em uma lixeira de papel”, ele refletiu, com ressentimento inexplicável, “supostamente com a meada toda nas mãos, e ainda só posso manejar o que colocam em minhas mãos e nada mais. E eles podem prender as outras pontas onde quiserem”.

Ele ergueu a cabeça e voltou para seu subordinado um rosto longo e enxuto, com os traços exagerados de um energético Dom Quixote.

“O que você tem na manga agora?”

O outro lhe olhou assustado. Olhou assustado, sem piscar os olhos redondos, perfeitamente imóveis, como costumava olhar aos vários membros da classe criminal quando, depois de devidamente prevenidos, faziam suas declarações em tons de ferida inocência, ou falsa simplicidade, ou tétrica resignação. Porém, por trás daquela fixação profissional e pétrea, havia alguma surpresa também, pois em tal tom, combinando perfeitamente uma nota de desprezo e impaciência, o Inspetor Chefe Heat, o braço direito do departamento, não estava acostumado a ser interpelado. Ele começou de modo procrastinador, como um homem pego desprevenido por uma experiência nova e inesperada.

“O que eu tenho contra esse Michaelis, o senhor quer dizer?”

O Comissário Assistente observou a cabeça redonda; as pontas daquele bigode de salteador norueguês, caindo abaixo da linha da pesada mandíbula; toda a pálida fisionomia, cujo aspecto determinado estava embotado de tanta carne; nas astutas rugas irradiando-se dos cantos externos dos olhos – e naquela propositada contemplação do estimado e confiável funcionário, ele tirou uma convicção tão súbita que lhe tocou como uma inspiração.

“Tenho motivos para pensar que, quando você adentrou por esta sala”, ele começou, em tons comedidos, “não era Michaelis quem você tinha em mente; não principalmente – talvez, por completo”.

“Você tem motivos para pensar assim, senhor?”, murmurou o Inspetor Chefe Heat, com toda a aparência de surpresa, que até certo ponto era bem genuína. Ele descobrira neste caso um lado delicado e perplexo, forçando sobre o descobridor certa quantidade de insinceridade – aquele tipo de falsidade que, sob os nomes de habilidade, prudência, discrição, aparece em um ponto ou outro da maioria dos casos humanos. Ele sentia-se, naquele momento, como um equilibrista poderia se sentir se, subitamente, no meio da apresentação, o gerente do teatro saíria de sua apropriada reclusão gerencial e começaria a balançar a corda. Indignação, o sentido da insegurança moral engendrada por tal procedimento traiçoeiro, juntou-se à imediata apreensão de um pescoço quebrado que, como se diz, o alterou. E havia também certa escandalizada preocupação pela sua arte, já que um homem deve identificar-se com algo mais tangível do que sua personalidade, e colocar seu orgulho em alguma coisa, seja em sua posição social ou na qualidade do trabalho que ele é obrigado a fazer, ou simplesmente na superioridade do ócio de que ele pode ser afortunado o bastante para aproveitar.

“Sim”, disse o Comissário Assistente, “eu tenho. Não quero dizer que você não tenha pensado nem um pouco em Michaelis. Mas você está dando ao fato que mencionou uma importância que me soa não muito cândida, Inspetor Heat. Se este é realmente o caminho da descoberta, por que você não o percorreu imediatamente, tanto pessoalmente ou enviando um de seus homens à vila?”

“O senhor acha que falhei em meu dever, por lá?”, o Inspetor Chefe perguntou, em um tom que procurou tornar simplesmente refletivo. Inesperadamente forçado a concentrar suas faculdades na tarefa de preservar seu equilíbrio, ele se agarrara naquele ponto e se expôs a uma reprimenda; pois o Comissário Assistente, fechando a cara levemente, observou que este era um comentário inapropriado.

“Mas já que o fez”, ele continuou friamente, “eu lhe direi que não é isso o que quero dizer”.

Ele pausou, com um olhar direto de seus olhos fundos, que era o completo equivalente a não dita conclusão “e você sabe disso”. O líder do assim chamado Departamento de Crimes Especiais, impedido pela sua posição de sair à rua pessoalmente em busca de segredos trancafiados em peitos culpados, tinha uma propensão a exercitar seus consideráveis dons de detecção da verdade incriminadora, em seus próprios subordinados. Era natural. Ele nascera um detetive. Isso tinha governado inconscientemente sua escolha de carreira e, se isso lhe falhara na vida, era por causa talvez da excepcional circunstância de seu casamento – o que também era natural. Já que não podia vaguear por aí, o alimentava com material humano, que se chegava até sua reclusão oficial. Nunca podemos deixar de ser quem somos.

Com o cotovelo sobre a mesa, as pernas finas cruzadas e acariciando seu rosto com a palma da mão esguia, o Comissário Assistente, responsável pela divisão de Crimes Especiais, estava se apoderando do caso, com crescente interesse. Seu Inspetor Chefe, se não um adversário absolutamente digno de sua incursão, era de qualquer forma o mais digno de todos ao seu alcance. Desconfiar das reputações estabelecidas estava estritamente em linha com as habilidades do Comissário Assistente de descobridor. Sua memória evocava um velho chefe nativo, velho e gordo e rico, na distante colônia, a quem era uma tradição, para os sucessores Governadores Gerais, confiar, e fazer dele um grande amigo e apoiador da ordem e da legalidade estabelecidas pelos homens brancos; não obstante, quando ceticamente examinado, descobriu-se que ele era amigo de si mesmo e de ninguém mais. Não precisamente um traidor, mas ainda um homem de muitas reservas perigosas em sua fidelidade, causada pela devida

consideração pela sua própria vantagem, conforto e segurança. Um sujeito de alguma inocência em seu ingênuo jogo duplo, mas não por isso menos perigoso. Ele fez algumas descobertas. Fisicamente, ele também era um homem grande (dada à diferença de cor, claro) e a aparência do Inspetor Chefe Heat trazia-lhe a lembrança de seu superior. Não era bem os olhos e nem os lábios. Era bizarro. Mas não relata Alfred Wallace, em seu famoso livro sobre o Arquipélago Malaio, entre os Arus, que ele descobrira um selvagem velho e nu, com uma pele fuliginosa peculiarmente semelhante a um grande amigo em sua terra natal?

Pela primeira vez desde que assumira seu posto, o Comissário Assistente sentia como se finalmente fosse trabalhar de verdade pelo seu salário. E aquela era uma sensação prazerosa. “Eu o virarei do avesso, como a uma luva”, pensou o Comissário Assistente, com seus olhos postados pensativamente sobre o Inspetor Chefe Heat.

“Não, não era isso o que eu pensava”, ele retomou. “Não há dúvida que você conhece seu trabalho – dúvida nenhuma; e é precisamente por isso que eu...”, ele interrompeu bruscamente e mudou seu tom: “O que você poderia levantar contra Michaelis de natureza definitiva? Quero dizer, à parte do fato que os dois suspeitos – você está certo de que eram dois – saíram de uma estação ferroviária a três milhas da vila onde Michaelis está morando agora”.

“Isso, por si só, é o bastante para irmos atrás dele, senhor, sendo ele este tipo de homem”, disse o Inspetor Chefe, retomando a compostura. O leve movimento de aprovação da cabeça do Comissário Assistente foi suficiente para apaziguar a ressentida surpresa do renomado funcionário. Pois o Inspetor Chefe Heat era um bom homem, um excelente marido, um pai dedicado; e a confiança pública e departamental de que ele desfrutava agia favoravelmente sobre uma natureza amável, dispondo um sentimento amigável para com os sucessivos Comissários Assistentes, que ele vira passar por aquela mesma sala. Foram três desde que começara a trabalhar ali. O primeiro, uma pessoa soldadesca, abrupta e de rosto avermelhado, com sobrancelhas brancas e um temperamento explosivo, dava para lidar com um fio de seda; ele deixara o posto ao atingir a idade limite. O

segundo, um perfeito cavalheiro, conhecedor exato do seu lugar e os dos demais, ao se demitir para assumir um posto superior fora da Inglaterra, fora condecorado pelos serviços do Inspetor Heat (realmente). Trabalhar com ele fora um orgulho e um prazer. O terceiro, um pouco obscuro, como o primeiro, foi, ao fim de dezoito meses, também obscuro para o departamento. No final das contas, o Inspetor Chefe Heat o via principalmente como inofensivo – esquisito, mas inofensivo. Ele falava agora, e o Inspetor Chefe o ouvia com superficial reverência (o que nada significa, por ser um dever de rotina) e, por dentro, com benevolente tolerância.

“Michaelis se apresentou antes de deixar Londres e ir para o campo?”

“Sim, senhor”.

“E o que ele poderia estar fazendo lá?”, continuou o Comissário Assistente, que estava perfeitamente inteirado sobre este assunto. Encaixado a duras penas em uma velha poltrona de madeira, diante de uma mesa de carvalho carcomida, em uma sala no andar superior de uma cabana de quatro cômodos com telhas verdes de musgo, Michaelis escrevia noite e dia com uma mão trêmula e inclinada a “Autobiografia de um Prisioneiro”, que deveria ser o livro da Revelação na história da humanidade. As condições do espaço confinado, da reclusão e da solidão em uma pequena cabana de quatro cômodos eram favoráveis à sua inspiração. Era como estar na prisão, exceto pelo fato de que não se perturbava nunca com o odioso propósito de se exercitar, conforme as tirânicas determinações de seu velho lar na penitenciária. Ele não podia dizer se o sol brilhava sobre a terra. A transpiração do trabalho literário caía de sua fronte. Um delicioso entusiasmo o impelia. Era a liberação de sua vida interior, o jorrar de sua alma por sobre o mundo todo. E o zelo de sua ingênua vaidade (que foi primeiro despertada pela oferta de quinhentas libras por um editor) parecia algo predestinado e sagrado.

“Poderia ser, claro, mais desejável estar exatamente informado”, insistiu o Comissário Assistente, sem candura.

O Inspetor Chefe Heat, ciente da renovada irritação com esta exibição de escrúpulos, disse que a polícia do condado fora notificada

desde o primeiro momento da chegada de Michaelis, e que um relatório completo poderia ser obtido em poucas horas. Um cabo para o superintendente...

Assim ele falou, bem devagar, enquanto sua mente já parecia estar ponderando as consequências. Um leve franzir de sua testa foi o sinal exterior disso. Mas ele foi interrompido por uma pergunta:

“Você já enviou o cabo?”

“Não, senhor”, ele respondeu, como se surpreendido.

O Comissário Assistente descruzou as pernas repentinamente. A brusquidão de tal movimento contrastou com o modo casual com que lançou uma sugestão.

“Você acharia que Michaelis tem algo a ver com o preparo da bomba, por exemplo?”

O Inspetor Chefe assumiu um modo pensativo.

“Não diria que não. Não há necessidade de dizer nada neste momento. Ele se associa a homens classificados como perigosos. Ele se tornou delegado do Comitê Vermelho, menos de um ano após sua liberação. Uma espécie de elogio, suponho”.

E o Inspetor Chefe riu um pouco nervoso, um pouco desdenhoso. Com um homem daquele tipo, escrúpulo era um sentimento fora de lugar e até mesmo ilegal. A celebridade concedida a Michaelis, quando de sua liberação há dois anos, por alguns emocionados jornalistas em busca de uma matéria especial causara amargura, desde então, em seu coração. Era perfeitamente legal prender aquele homem devido à menor suspeita. Era legal e conveniente, em face disso. Seus dois chefes anteriores teriam visto isso imediatamente; enquanto este, sem dizer sim nem não, ficava sentado, como se perdido em um sonho. Além do mais, sendo legal e conveniente, a prisão de Michaelis resolvia uma pequena dificuldade pessoal que, de certa forma, preocupava o Inspetor Chefe Heat. Esta dificuldade estava relacionada à sua reputação, à sua tranquilidade e mesmo ao seu desempenho suficiente do dever. Pois, se Michaelis sem dúvida sabia algo sobre este atentado, o Inspetor Chefe estava muito certo de que ele não sabia muito. Era assim e nada mais.



Ele sabia muito menos – o Inspetor Chefe tinha certeza – que outros indivíduos que ele tinha em mente, mas cuja prisão lhe parecia inútil, além de ser uma questão mais complicada, conforme as regras do jogo. As regras do jogo não protegiam tanto Michaelis, que era um ex-presidiário. Seria estúpido não se aproveitar das vantagens legais, e os jornalistas que o elogiaram, com jorro de emoção, estariam prontos para criticá-lo com emocionada indignação.

Este panorama, visto com confiança, tinha o atrativo de ser um triunfo pessoal para o Chefe Inspetor Heat. E bem no fundo de seu peito, sem culpa de um cidadão casado de classe média, quase inconsciente, apesar de potente, o desgosto de ser levado pelos eventos a se intrometer com a desesperada ferocidade do Professor teve o seu peso. O desgosto se aprofundara pelo encontro casual na viela. O encontro não deixara no Inspetor Chefe Heat aquele sentimento satisfatório de superioridade que os membros da força policial alcançam com o lado não oficial, mas íntimo, de seu relacionamento com as classes criminais, pelo qual a vaidade do poder é acariciada e o amor vulgar pela dominação sobre seus semelhantes é bajulado, tão dignamente quanto merece.

O perfeito anarquista não foi reconhecido como semelhante pelo Inspetor Chefe Heat. Ele era impossível – um cão louco a ser abandonado. Não que o Inspetor Chefe Heat tivesse medo dele; ao contrário, ele almejava colocar as mãos nele algum dia. Mas não ainda; ele queria prendê-lo na sua própria hora, apropriada e eficazmente, de acordo com as regras do jogo. Aquele momento não era propício para tentar tal feito, não era a hora certa por muitas razões, pessoais e de serviço público. Sendo este o forte sentimento do Inspetor Heat, parecia-lhe justo e próprio que este caso fosse desviado de seu caminho obscuro e inconveniente, que levaria sabe Deus onde, para um tranquilo (e cumpridor da lei) lado chamado Michaelis. E ele repetiu, como se reconsiderando a sugestão conscientemente:

“A bomba. Não, eu não diria isso exatamente. Pode ser que nunca venhamos a descobrir isso. Mas está claro que ele está envolvido nisso de alguma forma, o que poderemos descobrir, sem muito trabalho”.

Sua feição tinha aquele ar de grave e arrogante indiferença, definitivamente bem conhecido e muito temido pela melhor estirpe de ladrão. O Inspetor Chefe Heat, por ser chamado de homem, não era um animal sorridente. Mas seu estado interno tinha aquela satisfação, pela atitude passivamente receptiva do Comissário Assistente, que murmurou gentilmente:

“E você realmente acha que a investigação deve ser conduzida nesta direção?”

“Acho, senhor”.

“Está bem certo disso?”

“Estou, senhor. Esta é a melhor linha que seguimos”.

O Comissário Assistente retirou o apoio de sua mão da cabeça reclinada, com uma rapidez que, considerando sua lânguida atitude, pareceu ameaçar todo o seu corpo com um colapso. Mas, ao contrário, ele sentou-se extremamente alerta detrás da grande escrivaninha, na qual sua mão caíra com o som de um golpe agudo.

“O que eu quero saber é o que você maquinou em sua cabeça até agora”.

“Maquinei em minha cabeça”, repetiu bem lentamente o Inspetor Chefe.

“Sim. Até ser chamado a esta sala, você sabe”.

O Inspetor Chefe sentiu-se como se o ar entre suas roupas e sua pele se tornasse desagradavelmente quente. Era uma sensação de uma experiência incrível e inédita.

“Claro”, ele disse, exagerando ao máximo possível a deliberação de sua fala, “se houver uma razão, que ignoro completamente, para não mexer com Michaelis, talvez tenha sido bom eu não ter acionado a polícia do condado para ir atrás dele”.

Isso levou tanto tempo para ser dito que a incansável atenção do Comissário Assistente pareceu um feito maravilhoso de resistência. Sua resposta veio sem demora.

“Não há nenhuma razão que eu conheça. Vamos, Inspetor Chefe, estes subterfúgios comigo são altamente impróprios de sua parte – altamente impróprios. E você sabe que também são injustos. Você não deveria me deixar sozinho para encaixar as peças dessa maneira. Realmente, estou surpreso”.

Ele parou e depois acrescentou agilmente: “Não preciso lhe dizer que esta conversa é completamente extraoficial”.

Estas palavras passaram longe de pacificar o Inspetor Chefe. A indignação de um equilibrista traído estava forte dentro dele. Em seu orgulho de servidor confiável, ele fora atingido pela certeza de que a corda não seria balançada com o propósito de quebrar seu pescoço, como em uma exibição de imprudência. Como se alguém tivesse medo! Comissários Assistentes passam, mas um valioso Inspetor Chefe não é um fenômeno burocrático efêmero. Ele não temia quebrar o pescoço. Ter seu desempenho arruinado era mais do que suficiente para fazer brilhar sua honesta indignação. E, como o pensamento não respeita pessoas, o pensamento do Inspetor Chefe Heat tomou uma forma profética e ameaçadora. “Você, meu rapaz”, ele disse para si mesmo, mantendo seus olhos redondos e, no geral, errantes, sobre o rosto do Comissário Assistente, “você, meu rapaz, não conhece seu lugar, e seu lugar não lhe conhecerá por muito tempo também, aposto”.

Como se em uma provocadora resposta a tal pensamento, algo como o espírito de um sorriso amável passou pelos lábios do Comissário Assistente. Seus modos eram tranquilos e formais, enquanto ele continuava a balançar a corda.

“Vamos passar agora a o que você descobriu no local, Inspetor Chefe”, ele disse.

“Um tolo e seu trabalho logo se separam”, seguiu o profético pensamento pela cabeça do Inspetor Chefe Heat. Mas imediatamente se seguiu a reflexão de que um funcionário superior, mesmo quando “desligado” (esta era a imagem exata) ainda tinha tempo, enquanto voa para a porta, para desferir um chute matreiro nas canelas de um subordinado. Sem atenuar muito a natureza de réptil de seu olhar, ele disse impassível:

“Estamos chegando a esta parte da investigação, senhor”.

“Está bem. E o que você tem sobre isso?”

O Inspetor Chefe, que se decidira a pular da corda, chegou ao chão com melancólica franqueza.

“Tenho um endereço”, ele disse, retirando de seu bolso, sem pressa, o pedaço de pano azul. “Isso pertence ao sobretudo que o sujeito que se explodiu estava usando. Claro, o sobretudo pode não ser dele, e pode até mesmo ser roubado. Mas nada disso é provável se você olhar para isso”.

O Inspetor Chefe, avançando até a mesa, entregou cuidadosamente o pedaço de pano azul. Ele o pegara da repulsiva pilha no necrotério, porque o nome do alfaiate às vezes é encontrado no colarinho. Não era muito útil, mas ainda assim (ele tinha apenas 50% de esperança de encontrar algo de útil, mas certamente não esperava encontrar), não sob o colarinho, mas cuidadosamente enfiado no lado inferior da lapela, um pedaço quadrado de algodão com um endereço escrito com tinta de postagem.

O Inspetor Chefe tirou sua mão ágil.

“Trouxe comigo sem que ninguém percebesse”, ele disse. “Achei melhor. Sempre pode ser apresentado, se necessário”.

O Comissário Assistente, erguendo-se um pouco da cadeira, puxou o tecido para o seu lado da mesa. Sentou-se olhando para ele, em silêncio. Apenas o número 32 e o nome da Brett Street estavam escritos, em tinta de postagem, no pedaço de tecido de algodão que era pouco maior que um papel de enrolar fumo normal. Ele estava verdadeiramente surpreso.

“Não posso entender por que ele sairia com uma etiqueta dessas”, ele disse, subindo o olhar para o Inspetor Chefe Heat. “É algo muito extraordinário”.

“Conheci, uma vez, na sala de fumar de um hotel, um velho cavalheiro que tinha seu nome e endereço costurados em todos os seus casacos, na hipótese de um acidente ou mal súbito”, disse o Inspetor Chefe. “Ele disse que tinha 84 anos, mas que não aparentava. Ele me

disse que também temia perder a memória repentinamente, como estas pessoas sobre as quais ele lia nos jornais”.

Uma pergunta do Comissário Assistente, que queria saber o que havia naquele endereço, interrompeu a lembrança abruptamente. O Inspetor Chefe, levado ao solo por artifícios injustos, escolhera trilhar o caminho da abertura sem reservas. Se ele acreditava piamente que saber demais era bom para o departamento, a judiciosa retenção do conhecimento ia até onde sua lealdade ousava ir, pelo bem do serviço. Se o Comissário Assistente desejava gerenciar mal este caso, nada certamente o impediria. Mas, de sua própria parte, ele não via motivos agora para mostrar alegria. Então ele respondeu, conciso:

“É uma loja, senhor”.

O Comissário Assistente, com os olhos caídos sobre o pedaço de tecido azul, aguardou por mais informações. Como não vieram, ele passou a obtê-las por meio de uma série de perguntas, feitas com gentil paciência. Assim ele teve ideia da natureza do comércio do senhor Verloc, de sua aparência pessoal e, por fim, ouviu seu nome. Em uma pausa, o Comissário Assistente ergueu seus olhos e descobriu alguma animação no rosto do Inspetor Chefe. Entreolharam-se em silêncio.

“Claro”, disse este último, “o departamento não tem registros sobre este homem”.

“Algum dos meus predecessores tem algum conhecimento do que você acabou de me dizer?”, perguntou o Comissário Assistente, colocando os cotovelos sobre a mesa e erguendo as mãos unidas diante do rosto, como se prestes a rezar, se seus olhos tivessem uma expressão piedosa.

“Não, senhor; certamente não. Qual teria sido o propósito? Este tipo de homem nunca poderia ser apresentado publicamente para qualquer boa finalidade. Foi suficiente para eu saber quem ele era, e fazer uso dele de modo que possa ser utilizado publicamente”.

“E você acha que este tipo de conhecimento privado é coerente com a posição oficial que você ocupa?”

“Perfeitamente, senhor. Acho bem apropriado. Tomarei a liberdade de lhe dizer, senhor, que isso me faz o que sou – e sou considerado um homem que conhece seu trabalho. É um caso particular meu. Um amigo pessoal na polícia francesa me deu a pista que o sujeito era um espião de embaixada. Amizade pessoal, informações pessoais, uso privado disso – é como eu vejo a coisa”.

O Comissário Assistente, depois de observar para si mesmo que o estado mental do renomado Inspetor Chefe parecia afetar a linha de sua mandíbula inferior, como se o lívido sentido de sua alta distinção profissional se localizasse naquela parte de sua anatomia, deixou o assunto cair para o momento, com um calmo “eu sei”. Depois, apoiando seu rosto em suas mãos unidas:

“Bem, então – falando em particular, como você prefere – por quanto tempo você esteve em contato particular com este espião de embaixada?”

A resposta particular do Inspetor Chefe a esta pergunta, tão particular que nunca tomou a forma de palavras audíveis, foi:

“Bem antes de você sequer pensar em trabalhar aqui”.

A expressão pública, por assim dizer, foi muito mais precisa.

“Eu o vi pela primeira vez na vida há pouco mais de sete anos, quando duas Altezas Imperiais e o Chanceler Imperial estavam de visita por aqui. Fui responsável por providenciar sua vigilância. O embaixador naquela época era o Barão Stott-Wartenheim. Era um velho cavalheiro, muito nervoso. Uma noite, três dias após o Banquete Guildhall, ele avisou que gostaria de me ver por um momento. Desci as escadas e as carruagens estavam à porta, para levar as Altezas Imperiais e o Chanceler para a ópera. Fui imediatamente. Encontrei o barão caminhando de um lado para outro, em seu quarto, em um estado lamentável de incômodo, apertando as mãos. Ele me garantiu que tinha a mais alta confiança em nossa polícia e em minhas habilidades, mas que havia um homem recém-chegado de Paris, cuja informação podia ser simplesmente confiável. Ele quis que eu ouvisse o que o homem tinha a dizer. Ele logo me conduziu a um quarto de vestir ao lado, onde vi um sujeito grande, com um pesado sobretudo, sentado sozinho em uma

cadeira, com seu chapéu e bengala na mão. O barão lhe disse em francês, ‘fale, meu amigo’. A luz naquele quarto não estava boa. Falei com ele por uns cinco minutos, acho. Ele certamente me deu notícias muito assustadoras. Então o barão me levou para um canto com nervosismo, para elogiá-lo, e quando me voltei novamente descobri que o sujeito desaparecera como um fantasma. Levantou e se esgueirou pelas escadas, suponho. Não havia mais como correr atrás dele, pois eu tinha de me apressar para cuidar do embaixador a descer a grande escada e ver se a festa estaria segura após a ópera. Porém, usei a informação naquela mesma noite. Fosse perfeitamente correta ou não, ela parecia ser muito séria. Provavelmente ela nos salvou de um terrível problema, no dia da visita imperial à cidade”.

“Algum tempo depois, um mês ou mais após minha promoção a Inspetor Chefe, minha atenção foi atraída para um homem grande e musculoso, que eu pensava já ter visto antes em algum lugar, saindo apressadamente de uma joalheria no Strand. Fui atrás dele, já que estava no meu caminho para Charing Cross e, vendo lá um dos nossos detetives do outro lado da rua, eu o chamei e apontei para ele o sujeito, com instruções para observar seus movimentos por um par de dias, e então me relatar. Já na tarde seguinte meu homem voltou para me dizer que o homem se casara com a filha da sua senhoria em um cartório naquele mesmo dia, às 11:30h, e partira com ela para Margate, por uma semana. Nosso homem vira as bagagens sendo colocadas no táxi. Havia algumas velhas etiquetas de Paris em uma das malas. Por algum motivo, eu não podia tirar o sujeito da cabeça, e da próxima vez que eu tive de ir à Paris a trabalho, falei dele ao meu amigo da polícia parisiense. Meu amigo disse: ‘pelo que você me conta, acho que pode ser um parasita e emissário do Comitê Vermelho Revolucionário. Ele diz que é inglês de nascimento. Suspeitamos que agora ele seja, já por uns bons anos, um agente secreto de uma das embaixadas estrangeiras em Londres’. Isso avivou minha memória por completo. Ele era o sujeito que desapareceu, que estava sentado em uma cadeira no banheiro do barão Stott-Wartenheim. Disse ao meu amigo que ele estava muito certo. O sujeito era um agente secreto, até onde eu sabia. Depois, meu amigo se deu ao trabalho de vasculhar toda a ficha do sujeito para mim. Achei que era

melhor saber tudo o que havia para saber; mas suponho que não queira ouvir toda a história dele agora, não é senhor?”

O Comissário Assistente balançou sua cabeça apoiada. “A história de suas relações com este útil personagem é a única coisa que importa agora”, ele disse, fechando lentamente os olhos cansados e fundos, e então abrindo-os rapidamente com um olhar bem mais fresco.

“Não há nada oficial sobre elas”, disse o Inspetor Chefe, amargo. “Fui à sua loja uma tarde, disse-lhe quem eu era e o lembrei de nosso primeiro encontro. Ele sequer torceu a sobancelha. Disse que estava casado e assentado, e que tudo o que queria era não ter problemas com seu pequeno negócio. Eu me encarreguei de prometer a ele que, enquanto ele não entrasse em nada obviamente ultrajante, ele estaria livre da polícia. Isso lhe valia algo, porque um aviso nosso para a Alfândega teria sido o bastante para que alguns pacotes que ele recebe de Paris e Bruxelas fossem abertos em Dover, e certamente seriam confiscados, talvez com um processo no final”.

“É um comércio muito precário”, murmurou o Comissário Assistente. “Por que ele está neste ramo?”

O Inspetor Chefe elevou suas sobancelhas, com desdém e sem paixão.

“Muito provavelmente ele tem conexões... amigos no continente... gente que lida com estes artigos. Eles seriam bem o tipo com quem ele se juntaria. Ele é muito preguiçoso, também, como todos eles”.

“O que você cobrou dele, em troca da proteção?”

O Inspetor Chefe não estava inclinado a aumentar o valor dos serviços do senhor Verloc.

“Ele não seria de muita utilidade a ninguém, além de mim. É preciso saber muita coisa antes para usar um homem como ele. Posso entender o tipo de pista que ele me dá. E, quando quero uma pista, ele em geral me pode fornecer”.

O Inspetor Chefe perdeu-se repentinamente em um modo discreto de reflexão; e o Comissário Assistente reprimiu um sorriso,



com a ideia passageira de que a reputação do Inspetor Chefe Heat poderia ter sido feita, em grande parte, pelo Agente Secreto Verloc.

“Em um modo mais geral de utilidade, todos os nossos homens da seção de Crimes Especiais, encarregados de Charing Cross e Victoria, têm ordens de dar atenção específica a qualquer um que possa visitá-lo. Ele se encontra com recém-chegados frequentemente, e depois os acompanha. Parece ter sido feito para este tipo de trabalho. Quando quero um endereço rapidamente, sempre posso consegui-lo, com ele. Claro, eu sei gerenciar nossas relações. Nos últimos dois anos, eu o encontrei três vezes para conversar. Deixo-lhe um bilhete, anônimo, e ele me responde da mesma forma em meu endereço particular”.

De vez em quando, o Comissário Assistente dava um meneio quase imperceptível. O Inspetor Chefe acrescentou que ele não acreditava que o senhor Verloc tivesse muita confiança dos destacados membros do Conselho Revolucionário Internacional, mas que ele era estimado, em geral, não havia dúvidas. “Sempre que eu pensava haver algo no ar”, ele concluiu, “descobria que ele poderia me dizer algo que valeria a pena saber”.

O Comissário Assistente fez um comentário significativo.

“Ele lhe falhou desta vez”.

“Eu nem suspeitava de algo, de qualquer modo”, replicou o Inspetor Chefe Heat. “Não lhe perguntei nada, assim que ele nada poderia me dizer. Ele não é um dos nossos homens. Não é como se ele recebesse dinheiro nosso”.

“Não”, murmurou o Comissário Assistente. “Ele é um espião pago por um governo estrangeiro. Nunca poderemos reconhecê-lo”

“Devo fazer meu trabalho do meu próprio jeito”, declarou o Inspetor Chefe. “Em casos como esse, eu mesmo falaria com o demônio, e sofreria as consequências. Há coisas que nem todos devem saber”.

“Sua ideia de segredo parece consistir em manter o chefe do seu departamento no escuro. Isso está indo um pouco longe demais, não acha? Ele vive do seu negócio?”

“Quem, Verloc? Ah sim. Ele vive de sua loja. A mãe de sua esposa, imagino, vive com eles”.

“A casa está vigiada?”

“Ah, não. Não funcionaria. Certas pessoas que vão lá são vigiadas. Minha opinião é que ele não sabe de nada sobre este caso”.

“Como você explica isso?” e o Comissário Assistente apontou com a cabeça para o pedaço de pano colocado diante dele, sobre a mesa.

“Não tenho explicação nenhuma, senhor. É simplesmente inexplicável. Não pode ser entendido por nada que eu saiba”. O Inspetor Chefe fez estas confissões com a franqueza de um homem cuja reputação está estabelecida como se fosse de pedra. “De qualquer forma, não neste presente momento. Acho que o homem que mais tem a ver com isso será revelado como Michaelis”.

“Você acha?”

“Sim, senhor; porque posso responder por todos os outros”.

“E sobre o outro homem que supostamente escapou do parque?”

“Acho que ele já está bem longe neste momento”, opinou o Inspetor Chefe.

O Comissário Assistente olhou duramente para ele e se ergueu de pronto, como se tivesse decidido um caminho de ação. Na verdade, ele tinha, naquele mesmo momento, sucumbido a uma tentação fascinante. O Inspetor Chefe ouviu que estava liberado, com instruções de encontrar seu superior na manhã seguinte, logo cedo, para mais consultas sobre o caso. Ele escutou com um rosto impenetrável, e saiu da sala, com passos comedidos.

Fossem quais fossem os planos do Comissário Assistente, eles nada tinham a ver com o trabalho burocrático, que era a maldição de sua existência, dada a sua natureza confinada e aparente falta de realidade. E nem poderia ter, do contrário, o ar geral de rapidez, que se abateu sobre o Comissário Assistente, teria sido inexplicável. Assim que ele foi deixado sozinho, procurou impulsivamente seu chapéu e o colocou sobre a cabeça. Tendo feito isso, ele sentou-se novamente para reconsiderar toda a questão. Mas, como já estava decidido, isso não

durou muito. E, antes que o Inspetor Chefe Heat estivesse já longe em seu caminho para casa, ele também deixou o edifício.

[1] No original, “eighteen stone”. Stone refere-se a uma antiga unidade de medida de massa, equivalente a 14 libras, ou 6,36 quilos.

[2] “Five foot six”. Um pé equivale a 30,48 centímetros.

## CAPÍTULO VII

O Comissário Assistente caminhou por uma rua pequena e estreita, como uma trincheira úmida e lamacenta, e depois cruzou por uma avenida bem larga e entrou em um edifício público; e pediu uma audiência com um jovem secretário particular (não pago), de um grande personagem.

Este jovem claro e de rosto calmo, cujo cabelo simetricamente penteado lhe dava um ar de um estudante grande e limpo, atendeu ao pedido do Comissário Assistente com um olhar duvidoso, e falou com a respiração cortada:

“Se ele lhe veria? Não posso dizer. Ele saiu da casa há uma hora para conversar com o sub-secretário permanente, e agora está pronto para voltar novamente. Ele poderia tê-lo chamado; mas foi até lá para se exercitar um pouco, acredito. Este é todo o exercício que ele pode fazer, enquanto dura a sessão. Não reclamo; até gosto destes pequenos passeios. Ele se apoia em meu braço e não abre, os lábios. Mas, digo, ele está bem cansado e, bem, não está em seu mais bom humor agora”.

“É sobre aquele caso de Greenwich”.

“Ah! Não diga! Ele está muito ressentido com vocês. Mas irei ver, se você insiste”.

“Por favor. É um bom rapaz”.

O secretário não pago apreciou a determinação. Composto-se com um rosto inocente, ele abriu uma porta e entrou com a segurança de um bom filho predileto. E imediatamente ele reapareceu, meneando a cabeça para o Comissário Assistente que, passando pela mesma porta que lhe foi aberta, se encontrou com o grande personagem em uma grande sala.

Vasto em massa e em estatura, com um grande rosto branco que, ampliado na base por uma grande papada, a aparência de um ovo na borda do fino bigode grisalho, o grande personagem parecia um homem em expansão. Infeliz, do ponto de vista de um alfaiate, as dobras no meio do casaco preto abotoado pioravam a impressão, como se os

fechos da roupa estivessem estendidos ao extremo. Desde a cabeça, assentada sobre um grosso pescoço, os olhos, com as pálpebras caídas e fofas, fitavam com arrogante inclinação aos lados de um pontiagudo e agressivo nariz, nobremente saliente, na vasta circunferência pálida de seu rosto. Um brilhante chapéu de seda e um par de luvas desgastadas, postados ao fim de uma grande mesa, também pareciam ampliados, enormes.

Ele permaneceu sobre o tapete perto da lareira, com suas botas grandes e brilhantes, e não o cumprimentou.

“Gostaria de saber se este é o começo de outra campanha à dinamite”, ele perguntou de uma vez, com uma voz profunda e ágil. “Não entre em detalhes. Não tenho tempo para isso”.

A figura do Comissário Assistente, diante desta grande e rústica presença, tinha a frágil debilidade de um junco se dirigindo a um carvalho. E, de fato, o histórico intacto dos descendentes daquele homem ultrapassava, em número de séculos, a idade do carvalho mais velho do país.

“Não. Até onde se pode ter certeza sobre algo, posso lhe assegurar que não é”.

“Sim. Mas sua ideia de certeza sobre isso”, disse o grande homem, com um ondear desdenhoso da mão na direção de uma janela que dava para a ampla avenida, “parece consistir principalmente em fazer o Secretário de Estado parecer um tolo. Já me disseram, com certeza, nesta mesma sala, há menos de um mês, que nada deste tipo seria possível”.

O Comissário Assistente olhou na direção da janela tranquilamente.

“Permita-me observar, Sir Ethelred, que até o momento não tive a oportunidade de lhe garantir coisa alguma”.

A arrogante inclinação dos olhos se concentrou agora no Comissário Assistente.

“Verdade”, confessou a profunda e suave voz. “Mandei chamar Heat. Você ainda está bem novo em seu cargo. E como estão indo as

coisas por lá?”

“Acho que aprendo algo novo todos os dias”.

“Claro, claro. Espero que você engrene”.

“Obrigado, Sir Ethelred. Aprendi uma coisa hoje, e nem mesmo há uma hora. Há muitas coisas neste caso de um tipo que não se encontra em um típico atentado anarquista, mesmo se analisado o mais profundo possível. É por isso que estou aqui”.

O grande homem colocou as mãos no cinto, as costas das grandes mãos descansando em sua cintura.

“Muito bem. Prossiga. Esqueça os detalhes, por favor. Poupe-me dos detalhes”.

“O senhor não será incomodado por eles, Sir Ethelred”, começou o Comissário Assistente, com uma segurança tranquila e imperturbável. Enquanto falava, os ponteiros do mostrador do relógio, atrás das costas do grande homem – uma massa pesada e fulgurante de imponentes voltas, com o mesmo mármore escuro que a lareira, e com um bater fantasmagórico e evanescente – se moveram pelo espaço de sete minutos. Ele falou com uma fidelidade calculada, no qual cada fato menor – ou seja, cada detalhe – se encaixava com deliciosa facilidade. Nem um murmúrio, nem mesmo um movimento, sinalizaram uma interrupção. O grande personagem poderia ser a estátua de um de seus principescos ancestrais, arrancado dos arreios de um cruzador de guerra, e colocado em um mal ajambrado casaco de padre. O Comissário Assistente sentia como se pudesse falar por uma hora. Mas ele se mantinha atento e, ao final do tempo mencionado acima, interrompeu com súbita conclusão que, reproduzindo a declaração de abertura, agradavelmente surpreendeu Sir Ethelred pela aparente rapidez e força.

“O tipo de coisa que nos encontra abaixo da superfície deste caso, embora sem gravidade, é raro – em sua forma precisa, pelo menos – e requer tratamento especial”.

O tom de Sir Ethelred se aprofundou, cheio de convicção.

“Concordo – envolvendo o embaixador de uma potência estrangeira!”

“Oh, o embaixador!”, protestou o outro, ereto e magro, permitindo-se apenas um meio sorriso. “Seria estúpido de minha parte adiantar qualquer coisa deste tipo. E é absolutamente desnecessário, porque, se estou certo em minhas premissas, se é um embaixador ou um porteiro, isso é um mero detalhe”.

Sir Ethelred escancarou a boca, como uma caverna, a qual o pontiagudo nariz parecia ansioso para espiar; de lá, surgiu um som crescente e subjugado, como se de um distante órgão com uma interrupção indignada e desdenhosa.

“Não! Estas pessoas são demasiadamente impossíveis. O que pretendem ao importar os métodos de Crim-Tartary<sup>[1]</sup> para cá? Um turco teria mais decência”.

“Você esquece, Sir Ethelred, que, a rigor, não temos nada confirmado – ainda”.

“Não! Mas como você define isso? Rapidamente?”

“Uma deslavada audácia que remonta a uma infantilidade de algum tipo”.

“Não podemos tolerar a inocência de pequenas crianças travessas”, disse o grande e expandido personagem, como se ainda estivesse se expandindo. A arrogante inclinação do olhar atingiu o tapete como que o esmagando, aos pés do Comissário Assistente. “Eles terão de receber uma dura pancada nas juntas, por causa deste caso. Devemos estar em uma posição de... qual é a sua ideia geral, bem rápido? Não é preciso entrar nos detalhes”.

“Não, Sir Ethelred. Em princípio, devo declarar que a existência de agentes secretos não deve ser tolerada, pois tende a aumentar os objetivos perigosos do mal, contra quem os usa. Que o espião fabricará suas informações é um mero lugar comum. Mas, na esfera da ação política e revolucionária, confiando parcialmente na violência, o espião profissional tem toda a facilidade de fabricar os próprios fatos, e espalhará duplamente o mal: a rivalidade, em uma direção e, na outra, o pânico, as leis apressadas, o ódio impensado. Porém, este mundo é imperfeito...”

A presença de profunda voz, no tapete ao lado da lareira, imóvel, com grandes cotovelos adiantados, disse apressadamente:

“Seja lúcido, por favor”.

“Sim, Sir Ethelred – um mundo imperfeito. Portanto, sendo o aspecto deste caso sugerido diretamente, por si só, a mim, achei que ele deve ser tratado com segredo especial e me aventurei a vir até aqui”.

“Está certo”, aprovou o grande personagem, olhando para baixo com complacência sobre sua papada. “Estou feliz que há alguém em seu departamento que pensa que o Secretário de Estado pode ser confiável, de vez em quando”.

O Comissário Assistente sorriu, surpreso.

“Eu estava realmente pensando que poderia ser melhor, a esta altura, que Heat fosse substituído por...”

“O que! Heat? Um imbecil, não?”, exclamou o grande homem, com distinta animosidade.

“Nem um pouco. Por favor, Sir Ethelred, não coloque esta injusta interpretação em meus comentários”.

“Então, o que? Muito inteligente, pela metade?”

“Também não – pelo menos, não como uma regra. Consegui todas as bases das minhas hipóteses com ele. A única coisa que descobri sozinho foi que ele estava fazendo uso privadamente daquele homem. Quem poderia culpá-lo? Ele é um velho policial. Ele me disse virtualmente que deve ter ferramentas para trabalhar. Ocorreu a mim que esta ferramenta pode ser entregue à divisão de Crimes Especiais como um todo, ao invés de permanecer propriedade privada do Inspetor Chefe Heat. Amplio minha concepção dos nossos deveres departamentais, à supressão do agente secreto. Mas o Inspetor Chefe Heat é um funcionário da velha guarda. Ele me acusaria de perverter sua moralidade e atacar sua eficiência. Ele definiria isso, com amargura, de proteção ampliada à classe criminosa dos revolucionários. Isso não teria outro significado para ele”.

“Sim. Mas o que você quer dizer?”



“Primeiro, quero dizer que nada mais há, além de pouco conforto, em ser capaz de declarar que qualquer ato de violência – danos à propriedade ou destruição de vidas – não é o trabalho de anarquistas, mas completamente de outra coisa – alguma espécie de patifaria autorizada. Isso, imagino, é muito mais frequente do que imaginamos. Depois, é óbvio que a existência destas pessoas na folha de pagamento de governos estrangeiros destrói, em certa medida, a eficiência de nossa supervisão. Um espião deste tipo pode se dar ao luxo de ser mais ousado do que o mais ousado dos conspiradores. Sua ocupação está livre de qualquer limite. Ele não tem tanta fé quanto é necessário para a completa negação, e sem tanta lei, como está implícito na ilegalidade. Em terceiro lugar, a existência destes espiões entre grupos revolucionários, que nós reprovamos, por ancorarem aqui, tira toda a credibilidade. Você recebeu uma declaração reconfortante do Inspetor Chefe Heat, há algum tempo. Não era, de maneira alguma, sem base – e, ainda, acontece este episódio. Eu o chamo de episódio, porque este caso, e me atrevo a dizer, é episódico; não é parte alguma de um plano geral, embora louco. As mesmas peculiaridades que surpreendem e deixam o Inspetor Chefe Heat perplexo apresentam seu caráter a mim. Não estou entrando em detalhes, Sir Ethelred”.

O personagem, sobre o tapete ao lado da lareira, ouvia com profunda atenção.

“Assim seja. Seja o mais conciso possível”.

O Comissário Assistente indicou, com um gesto formal e reverente, que estava ansioso por ser conciso.

“Há uma estupidez e uma fragilidade singulares na conduta deste caso, que me dão grandes esperanças de chegar ao seu fundo e encontrar algo mais que um acesso individual de fanatismo. Pois, sem dúvida, é algo planejado. O verdadeiro autor parece ter sido conduzido pela mão ao lugar, e então abandonado apressadamente a si mesmo. A inferência é que ele foi trazido de fora com o propósito de cometer este atentado. Ao mesmo tempo, se força à conclusão de que ele não sabia inglês o suficiente para descobrir o caminho, a menos que se aceitasse a fantástica hipótese de que ele fosse surdo-mudo. Eu me pergunto agora

– mas isso é inútil. Ele se destruiu por acidente, é óbvio. Não um acidente extraordinário. Mas um extraordinário fato menor permanece: o endereço em sua roupa, descoberto por uma simples coincidência. É um fato menor incrível, tão incrível que a explicação quase chega ao fundo deste caso. Ao invés de instruir Heat a prosseguir com o caso, minha intenção é a de buscar esta explicação pessoalmente – por eu mesmo, quero dizer onde ela pode ser resgatada. Que é em uma pequena loja em Brett Street, e dos lábios de certo agente secreto que, era uma vez, foi o espião secreto e estimado do finado barão Stott-Wartenheim, embaixador de uma grande potência na Corte de St. James”.

O Comissário Assistente parou e então, acrescentou: “Estes sujeitos são uma peste perfeita”. Para subir seu olhar caído ao rosto de quem falava, o personagem, sobre o tapete ao lado da lareira, gradualmente inclinou sua cabeça ainda mais para trás, o que lhe deu um aspecto de extraordinária arrogância.

“Por que não deixar isso com Heat?”

“Porque ele é um funcionário da velha guarda. Eles têm sua própria moral. Minha linha de investigação lhe pareceria uma terrível perversão do dever. Para ele, o simples dever é o de apontar a culpa em tantos renomados anarquistas ele puder, com a menor indicação que ele tiver no decorrer de sua investigação no local; enquanto eu, ele diria, sou inclinado à vingança de sua inocência. Estou tentando ser o mais lúcido que posso, ao lhe apresentar este obscuro caso sem detalhes”.

“Ele iria, não é?”, expressou a orgulhosa cabeça de Sir Ethelred, desde sua vetusta elevação.

“Temo que sim – disse, com uma indignação e um desgosto que nem você ou eu podemos sequer imaginar. Ele é um excelente servidor. Não devemos tentar macular sua lealdade. Sempre é um erro. Além disso, eu quero uma mão livre – uma mão mais livre do que seria, talvez, aconselhável ao Inspetor Chefe Heat. Não tenho o menor desejo de poupar este homem, Verloc. Ele, imagino, se assustará extremamente em descobrir sua ligação com este caso, seja qual for, levada até ele tão rapidamente. Assustá-lo não será muito difícil. Mas nosso objetivo está

em algum lugar além dele. Quero sua autorização para lhe dar as garantias de segurança pessoal que eu achar apropriadas”.

“Certamente”, disse o personagem sobre o tapete. “Descubra tudo o que puder; faça de seu próprio modo”.

“Devo começar sem perda de tempo, nesta mesma tarde”, disse o Comissário Assistente.

Sir Ethelred pôs uma mão sob o rabo de seu casaco e, inclinando sua cabeça para trás, olhou fixamente para ele.

“Teremos uma sessão que irá pela noite”, ele disse. “Venha à Casa com suas descobertas, se não tivermos ido embora. Avisarei Toodles para lhe esperar. Ele o levará até minha sala”.

A numerosa família e as amplas conexões do Secretário Privado, de aparência jovem, lhe acalentavam a esperança de um destino austero e exaltado. Enquanto isso, a esfera social que ele adornava em suas horas de ócio escolhera colocar nele o apelido acima. E Sir Ethelred, ouvindo isso todos os dias de sua esposa e de suas filhas (quase sempre na hora do desjejum), lhe conferira a dignidade de adotá-lo, sem sorrisos.

O Comissário Assistente ficou extremamente surpreso e grato.

“Certamente trarei minhas descobertas à Casa, com a oportunidade que você tenha de...”

“Não terei tempo”, interrompeu o grande personagem. “Mas eu lhe verei. Não tenho tempo agora... e você irá sozinho?”

“Sim, Sir Ethelred. Acho que é o melhor modo”.

O personagem inclinara tanto a cabeça que, para manter o Comissário Assistente sob sua observação, tinha quase que fechar os olhos.

“Hum. Hã! E como você proporá... irá disfarçado?”

“Não, totalmente! Mudarei minhas roupas, claro”.

“Claro”, repetiu o grande homem, com uma espécie de arrogância distraída. Ele girou a cabeça lentamente, e sob seu ombro deu uma olhada oblíqua e orgulhosa ao pesado relógio de mármore com

o bater dissimulado e frágil. Os ponteiros dourados tiveram a oportunidade de roubar não menos do que vinte e cinco minutos, por trás dele.

O Comissário Assistente, que não os podia ver, ficou um pouco nervoso durante o intervalo. Mas o grande homem lhe apresentou um rosto calmo e impávido.

“Muito bem”, ele disse, e parou, como se em um desprezo deliberado para o relógio oficial. “Mas o que lhe levou a seguir esta direção?”

“Sempre tive minhas opiniões”, começou o Comissário Assistente.

“Ah. Sim! Opinião. Claro. Mas o motivo imediato?”

“O que devo dizer, Sir Ethelred? Um antagonismo de um iniciante contra os velhos métodos. Um desejo de saber algo em primeira mão. Alguma impaciência. É o meu velho trabalho, mas com novos problemas. Isso está me picando em um ou dois lugares sensíveis”.

“Espero que você resolva isso”, disse gentilmente o grande homem, estendendo sua mão, suave ao toque, mas ampla e poderosa como a mão de um glorioso fazendeiro. O Comissário Assistente a balançou e se retirou.

Na sala externa, Toodles, que estava esperando apoiado na borda de uma mesa, foi até ele, subjugando seu ânimo natural.

“E...? Satisfatório?”, ele perguntou, com ar importante.

“Perfeitamente. Você conquistou minha eterna gratidão”, respondeu o Comissário Assistente, cujo rosto comprido parecia rude, em contraste com o caráter peculiar da gravidade do outro, que parecia perpetuamente pronto para quebrar em sussurros e risadas contidas.

“Tudo bem. Mas, seriamente, você não pode imaginar como ele está irritado pelos ataques à sua Lei pela Nacionalização da Pesca. Eles a chamam de começo da revolução social. Claro que é uma medida revolucionária. Mas esses sujeitos não têm decência. Os ataques pessoais...”

“Leio os jornais”, observou o Comissário Assistente.

“Odiosos? Hein? E você não faz ideia de quanto trabalho ele tem todos os dias. Ele faz tudo sozinho. Parece incapaz de confiar em alguém com esse assunto da pesca”.

“E ainda assim deu quase meia hora às considerações de minha minúscula sardinha”, interrompeu o Comissário Assistente.

“Pequeno? É mesmo? Fico feliz em saber disso. Mas é uma pena que você não pode segurá-la, então. Essa luta o cansa terrivelmente. O homem está ficando exausto. Sinto pelo modo como ele se apoia em meu braço quando caminhamos. E, eu digo, ele está seguro nas ruas? Mullins mandou seus homens para cá nesta tarde. Há um policial plantado em cada poste, e uma a cada duas pessoas no caminho entre aqui e o Palácio Yard, que encontramos, é um óbvio detetive. Logo isso lhe dará nos nervos. Digo, estes estrangeiros malandros provavelmente não jogarão nada nele, não é? Seria uma calamidade nacional. O país não pode ficar sem ele”.

“Para não mencionar você mesmo. Ele se apoia em seu braço”, sugeriu o Comissário Assistente, sobriamente. “Os dois se iriam”.

“Não seria um modo fácil de um jovem entrar para a história? Nem tantos ministros britânicos foram assassinados para tornar isso um fato menor. Mas, seriamente agora...”

“Temo que, para entrar na história, você terá de fazer algo para isso. Seriamente, não há perigo para nenhum dos dois, além do excesso de trabalho”.

O simpático Toodles recebeu isso abrindo um sorriso.

“A lei sobre a pesca não me matará. Estou acostumado a horas extras”, ele declarou, com ingênua frivolidade. Mas, sentindo uma compunção instantânea, começou a assumir um ar carrancudo de um homem de estado, como se tirasse uma luva. “Seu massivo intelecto suporta qualquer quantidade de trabalho. São os seus nervos o que eu temo. A gangue reacionária, com o bruto abusado Cheeseman de líder, o insulta todas as noites”.

“Se ele insistir em começar uma revolução!”, murmurou o Comissário Assistente.

“A hora já chegou, e ele é o único homem grande o bastante para o trabalho”, protestou o revolucionário Toodles, ardendo sob o olhar calmo e especulativo do Comissário Assistente. Em algum lugar do corredor, um distante sino ressoou com urgência, e com devota vigilância o jovem apurou seus ouvidos com o som. “Ele está pronto para ir, agora”, ele exclamou com um sussurro, agarrou seu chapéu e desapareceu da sala.

O Comissário Assistente saiu da sala por outra porta, e de modo menos elástico. Novamente ele cruzou a ampla avenida, caminhou por uma rua estreita e reentrou apressadamente no edifício de seu próprio departamento. Manteve seu passo acelerado até a porta de sua sala privada. Antes que a tivesse fechado completamente, seus olhos varreram a mesa. Ele ficou parado por um momento, então caminhou, olhou por todo o andar, sentou-se à sua mesa, tocou uma campainha e aguardou.

“O Inspetor Chefe Heat já foi?”

“Sim, senhor. Foi embora há meia hora”.

Assentiu. “Tudo bem”. E, imóvel, com seu chapéu puxado até a testa, ele pensou que era bem próprio da maldita insolência de Heat levar sorrateiramente a única peça de evidência material. Mas ele pensou nisso sem animosidade. Servidores velhos e valiosos tomam liberdades. A peça do sobretudo com o endereço costurado não era, certamente, algo para se deixar. Liberando de sua mente esta manifestação de desconfiança do Inspetor Chefe Heat, ele escreveu e despachou uma mensagem para sua esposa, encarregando-a de se desculpar por ele à grande dama de Michaelis, com quem deveriam jantar naquela noite.

A jaqueta curta e o chapéu baixo e redondo que ele vestira em uma espécie de alcova acortinada, contendo uma pia de lavar, uma fileira de pregadores de madeira e uma estante, acentuou maravilhosamente a extensão de seu rosto grave e bronzeado. Ele voltou à luz plena de seu escritório, parecendo-se com a visão de um

Dom Quixote, frio e pensativo, com os olhos fundos de um fanático obscuro e modos muito decididos. Ele deixou a cena de seus afazeres diários rapidamente, como uma sombra discreta. Desceu à rua como desceria a um estreito aquário, onde não havia mais água. Uma umidade turva e sombria o envolveu. Os muros das casas estavam úmidos, a lama da calçada brilhava com um efeito fosforescente e, quando ele apareceu no Strand, saindo de uma rua estreita na lateral de Charing Cross Station, o gênio do lugar o possuiu. Ele podia ser mais um dos estranhos peixes estrangeiros que podem ser vistos à noite, esvoaçando pelas esquinas escuras.

Parou bem na borda do pavimento, e aguardou. Seus olhos treinados distinguiram, nos confusos movimentos de luzes e sombras amontoando-se na calçada, o rastejar aproximador de uma carruagem. Ele não fez sinal; mas, quando o estribo, deslizando junto ao meio-fio, chegou aos seus pés, saltou com destreza diante da longa roda e falou através da pequena janela, quase antes que o homem, olhando com indiferença para a frente, em seu assento, estivesse ciente de que tinha um passageiro.

Não era um trajeto longo. Terminou, por sinal, abruptamente, em nenhum lugar específico – entre dois postes diante de um grande estabelecimento têxtil: uma ampla linha de lojas já cobertas por ferro corrugado –, para passar a noite. O passageiro desceu, depois de passar uma moeda pela janela do motorista, deixando um efeito de misteriosa e excêntrica fantasmagoria na mente do motorista. Mas o tamanho da moeda era satisfatório ao seu toque e, sendo sua educação não literária, permaneceu ele livre do medo de vê-la se transformar em folhas mortas, no seu bolso. Elevado acima do mundo dos passageiros, pela natureza de sua vocação, ele contemplava suas ações com interesse limitado. O forte puxão em seu cavalo, para fazê-lo dar a volta, bem expressava a sua filosofia.

Enquanto isso, o Comissário Assistente já estava ordenando ao garçom de um pequeno restaurante italiano na esquina – uma destas armadilhas para o faminto, comprida e estreita, atraente por uma perspectiva de espelhos e toalhas brancas de mesa; sem ar, mas com uma atmosfera própria – uma atmosfera de culinária fraudulenta,

zombando de uma humanidade abjeta na mais urgente das suas miseráveis necessidades. Nesta atmosfera imoral, o Comissário Assistente, refletindo sobre sua aventura, pareceu perder algo mais da sua identidade. Ele se sentia solitário, em má liberdade. Era bem agradável. Quando, depois de pagar pela sua pequena refeição, se levantou e esperou pelo troco, viu a si mesmo no espelho, e ficou surpreso com sua aparência esquisita. Ele contemplou sua própria imagem com um olhar melancólico e inquiridor, e então, por súbita inspiração, levantou o colarinho do casaco. Tal arranjo lhe pareceu recomendável, e ele o completou ao dobrar para cima as pontas do bigode preto. Ele se satisfez com a sutil mudança de seu aspecto pessoal, causada por estas pequenas alterações. “Isso ficou muito bom”, ele pensou. “Ficarei um pouco molhado, um pouco enlameado...”

Deu-se conta da presença do garçom ao seu cotovelo e de uma pequena pilha de moedas de prata, na beira da mesa, diante dele. O garçom manteve um olho nela, enquanto o outro seguia as longas costas negras de uma mulher alta e não muito jovem, que passava para uma mesa distante, parecendo perfeitamente invisível e completamente inalcançável. Ela parecia ser uma freguesa habitual.

Ao sair, o Comissário Assistente observou, para si mesmo, que os clientes do lugar haviam perdido, ao frequentar a cozinha fraudulenta, todas as suas características nacionais e particulares. E isso era estranho, já que o restaurante italiano é uma instituição peculiarmente britânica. Mas aquelas pessoas estavam tão desnacionalizadas quanto os pratos diante delas, com todas as circunstâncias de uma respeitabilidade sem selos. Nem a personalidade delas era selada de algum modo, profissional, social ou racialmente. Eles pareciam criados para aquele restaurante italiano, a menos que o restaurante italiano fosse, de alguma forma, criado para eles. Mas essa última hipótese era impensável, já que não se podia colocar aquelas pessoas em nenhum lugar fora daqueles estabelecimentos. Não se podia encontrar aquelas pessoas enigmáticas em lugar algum. Era impossível formar uma ideia precisa sobre as profissões que tinham de dia e aonde iam para cama, à noite. E mesmo ele se tornara deslocado. Teria sido impossível para alguém adivinhar sua ocupação. Quanto a ir para cama, havia uma



dúvida em sua própria mente. Claro que não era em relação ao seu próprio domicílio, mas em grande parte sobre o horário em que poderia voltar para ele. Um sentimento agradável de independência o possuiu, quando ouviu as portas de vidro balançarem atrás de si, com um tipo de ruído imperfeito e amortecido. Ele avançou de uma vez para uma imensidão de lama engordurada e gesso úmido, mesclada com lâmpadas, e envolto, oprimido, penetrado, engasgado e sufocado pelo negror de uma noite londrina, que é composta de fuligem e gotas d'água.

Brett Street não estava muito longe. Ela saía, estreita, de um lado de um espaço aberto e triangular, cercada por casas escuras e misteriosas, templos do pequeno comércio, vazia de comerciantes por causa da noite. Apenas uma quitanda, na esquina, fazia um fulgor violento de luz e cor. Além disso, tudo era escuridão, e as poucas pessoas passando naquela direção desapareciam de uma vez, além das reluzentes pilhas de laranjas e limões. Nenhum passo ecoava. Nunca os ouviriam novamente. O aventureiro líder do Departamento de Crimes Especiais observava estas desapareições a distância, com um olhar interessado. Ele sentia o coração disparado, como se estivesse emboscado e completamente sozinho, em uma selva muito distante das mesas do departamento e dos tinteiros oficiais. Esta alegria e dispersão de pensamento, antes de uma tarefa de alguma importância, pareciam provar que este nosso mundo não é um caso tão sério, no final das contas. Pois o Comissário Assistente não era constitucionalmente inclinado à leviandade.

O policial do turno projetou sua sombra e sua forma movediça contra a luminosa glória das laranjas e dos limões, e entrou na Brett Street sem pressa. O Comissário Assistente, como se fosse um membro das classes criminosas, permaneceu fora de vista, esperando pelo seu retorno. Mas este policial parecia estar perdido para sempre da força. Ele nunca retornou: deve ter saído pelo outro lado da rua.

Ao chegar a esta conclusão, o Comissário Assistente entrou na rua e chegou a um carro enorme, estacionado diante de uma vitrine mal iluminada de um restaurante de carroceiro. O próprio homem se refrescava lá dentro, e os cavalos, suas grandes cabeças abaixadas até o

chão, se alimentavam de feno, sem pausa. Mais adiante, do outro lado da rua, outro raio suspeito de parca luz saía da frente da loja do senhor Verloc, com papéis pendurados, pesadas pilhas obscuras de caixas de cartolina e formas de livros. O Comissário Assistente parou na calçada e observava. Não podia haver erro. Ao lado da janela de frente, amontoada pelas sombras de objetos indescritíveis, a porta escancarada deixava escapar, sobre a calçada, um raio de luz estreito e claro, de dentro da casa.

Atrás do Comissário Assistente, o carro e os cavalos, fundidos em uma massa, pareciam algo vivo – um monstro negro, de costas quadradas, bloqueando metade da rua, com passos metálicos, o chocar feroz e bufares pesados. A festividade agressiva e a claridade de mau presságio de uma grande e próspera taberna davam para o outro lado da Brett Street, através de uma ampla avenida. Esta barreira de luzes brilhantes, oposta às sombras reunidas próxima à humilde morada da felicidade doméstica do senhor Verloc, parecia conduzir a obscuridade da rua de volta para si mesma, tornando-a mais tétrica, taciturna e sinistra.

[1] Antigo nome da região da Crimeia, em referência à etnia preponderante que habitava a região, os Tártaros da Crimeia (Crimean Tartars). Hoje, a Crimeia é a única república autônoma da Ucrânia, com uma constituição própria, vinculada à ucraniana.

## CAPÍTULO VIII

Tendo infundido, por persistentes inconveniências, algum tipo de calor no frio interesse de muitos taberneiros licenciados (os relacionamentos que foram, uma vez, de seu finado e azarado marido), a mãe da senhora Verloc tinha, finalmente, garantido sua admissão a certos asilos para pobres, fundados por um rico dono de hospedaria para as viúvas destituídas de seu ramo.

Tal fim, concebido com a astúcia de seu coração intranquilo, a velha mulher perseguira com segredo e determinação. Essa era a hora em que sua filha, Winnie, não poderia deixar de comentar com o senhor Verloc que “mamãe esteve gastando meia coroa e cinco xelins quase todos os dias, nesta última semana, com táxi”. Mas o comentário não foi sovina. Winnie respeitava as enfermidades de sua mãe. Ela estava apenas um pouco surpresa com esta mania repentina de locomoção. O senhor Verloc, que era suficientemente magnificente, à sua maneira, grunhiu impaciente que tal comentário estava interferindo em suas meditações. Estas eram frequentes, profundas e prolongadas; eram sobre algo mais importante do que cinco xelins. Distintamente mais importantes e, além de toda a comparação, mais difíceis de considerar em todos os seus aspectos, com serenidade filosófica.

A heróica velha mulher, tendo garantido seu objeto com astuto segredo, revelou-o inteiramente à senhora Verloc. Sua alma triunfava e seu coração, tremia. Por dentro, ela estremecia, porque temia e admirava o caráter calmo e constricto de sua filha, Winnie, cujo desprazer se tornou respeitável por uma diversidade de terríveis silêncios. Mas ela não permitiu que suas apreensões internas lhe roubassem a vantagem da venerável placidez que sua pessoa externa desfrutava, pela sua grande papada, a flutuante amplidão de sua forma anciã e a condição impotente de suas pernas.

O choque da informação foi tão inesperado que a senhora Verloc, contra seu hábito quando lhe falavam, interrompeu o afazer doméstico com que se ocupava. Era tirar o pó dos móveis na sala de estar, atrás da loja. Ela voltou sua cabeça para a mãe.

“O que levou você a fazer isso?”, ela perguntou, com surpresa escandalizada.

O choque deve ter sido severo para fazê-la se separar daquela aceitação distante e sem curiosidade dos fatos, que era a sua força e salvaguarda na vida.

“Você não está confortável o bastante aqui?”

Ela pausara para fazer estas perguntas mas, no momento seguinte, reassumira a coerência de sua conduta, ao retomar a limpeza, enquanto a velha mulher estava sentada, assustada e inerte, sob seu gorro branco e lúgubre, e sua peruca sem brilho e escura.

Winnie terminou com a cadeira e passou o pano sobre o mogno nas costas do sofá de crina de cavalo, no qual o senhor Verloc adorava descansar com chapéu e sobretudo. Ela estava concentrada em seu trabalho, mas naquele momento se permitia outra questão.

“Por quais meios você conseguiu isso, mamãe?”

Como se não afetasse a introspecção das coisas, que era o princípio da senhora Verloc ignorar, esta curiosidade era desculpável. Ela se importava apenas com os métodos. A velha mulher a recebeu ansiosamente, como se adiantasse algo que poderia ser dito com muita sinceridade.

Ela deu à sua filha uma resposta longa, cheia de nomes e enriquecida por comentários adjacentes sobre a fúria do tempo, como se observa na alteração das feições humanas. Os nomes eram principalmente aqueles dos taberneiros licenciados – “os pobres amigos de seu pai, minha querida”. Ela aumentou com apreciação especial a bondade e a condescendência de um grande cervejeiro, um baronete e um deputado, o Presidente dos Governantes da Caridade. Ela se expressava tão afetuosamente, porque lhe fora permitida uma entrevista com ele, por meio de seu Secretário Particular – “um cavalheiro muito polido, todo de negro, com uma voz gentil e triste, mas muito, muito magro e tranquilo. Ele era como uma sombra, minha querida”.

Winnie, prolongando suas operações de limpeza até que a história chegasse ao fim, saiu da sala para a cozinha (dois degraus abaixo) em seu modo habitual, sem o menor comentário.

Derramando algumas lágrimas, em sinal de regozijo pela delicadeza de sua filha com um assunto tão delicado, a mãe da senhora Verloc dava vazão à sua astúcia na direção de sua mobília, porque era sua; e, às vezes, ela desejava que não fosse. O heroísmo é muito bom, mas há circunstâncias nas quais a disposição de algumas mesas e cadeiras, estrados de metal e assim por diante, pode ser grande, com remotas e desastrosas consequências. Ela mesma precisava de algumas peças; a Fundação que, depois de muitos infortúnios, as reunira, de bom coração, lhe dando nada mais do que simples tábuas de assoalho e tijolos cobertos com papel de parede barato; os objetos de sua solidão. A delicadeza, guiando sua escolha para os artigos menos valiosos e mais dilapidados, passou despercebida, porque a filosofia de Winnie consistia em não dar conta do lado de dentro dos fatos; ela supunha que sua mãe pegava o que mais lhe convinha. Quanto ao senhor Verloc, sua intensa meditação, como uma espécie de grande muralha da China, o isolava completamente dos fenômenos deste mundo, de esforços vãos e aparências ilusórias.

Feita a sua escolha, a disposição do resto se tornou uma questão perturbadora, de modo particular. Ela os deixava em Brett Street, claro. Mas ela tinha dois filhos. Winnie estava garantida pela sua sensível união com aquele excelente marido, o senhor Verloc. Stevie não tinha nada – e era um pouco peculiar. Sua posição tinha de ser considerada diante das circunstâncias legais e, mesmo, com os impulsos da preferência. A posse dos móveis não seria, de forma alguma, uma provisão. Ele deveria tê-los, pobre garoto. Mas dar os móveis a ele seria como falsificar sua total dependência. Era uma espécie de direito que ela temia enfraquecer. Além do mais, a suscetibilidade do senhor Verloc poderia, talvez, tolerar que fossem passadas ao seu cunhado as cadeiras nas quais ele se sentava. Com uma longa experiência em hospedarias para cavalheiros, a mãe da senhora Verloc adquirira uma ideia, pequena mas resignada, do lado fantástico da natureza humana. E se o senhor Verloc colocasse na cabeça de dizer a Stevie para levar suas abençoadas

madeiras para qualquer outro lugar? Uma divisão, por outro lado, embora feita com cuidado, poderia causar algum tipo de ofensa a Winnie. Não, Stevie deveria continuar sem nada e dependente. E, no momento de deixar Brett Street, ela dissera à sua filha: “É inútil esperar que eu morra, está bem? Tudo o que eu deixo aqui é seu agora, minha querida”.

Winnie, usando seu chapéu, quieta atrás de sua mãe, continuou a arrumar o colarinho do casaco da velha mulher. Ela pegou sua mala de mão e um guarda-chuva com o rosto impassível. A hora chegara para o gasto da soma de 3 xelins e 6 pence, no que seria o último passeio de táxi da mãe da senhora Verloc. Elas continuaram na porta da loja.

O veículo que as aguardava teria ilustrado o provérbio que diz, “a verdade pode ser bem pior que a caricatura”, se tal provérbio existisse. Arrastando-se atrás de um cavalo débil, uma carruagem urbana surgiu com rodas tortas e um condutor aleijado. Esta última particularidade causou algum constrangimento. Observando o dispositivo de ferro curvado, saindo da manga esquerda do casaco do homem, a mãe da senhora Verloc perdeu, repentinamente, a heróica coragem daqueles dias. Ela realmente não podia confiar em si mesma. “O que você acha, Winnie?” Ela recuou. As apaixonadas censuras do taxista, de rosto grande, pareciam ser extraídas de uma garganta travada. Apoiando-se em sua cabine, ele sussurrava com misteriosa indignação. Qual era o problema agora? Era possível tratar um homem assim? Sua feição enorme e imunda se incendiava na extensão lamacenta da rua. Teriam lhe dado a licença, ele perguntava desesperadamente, se...

O policial do bairro o acalmou com um olhar amigável; depois, dirigindo-se para as duas mulheres, sem muita consideração, disse:

“Ele está conduzindo táxis por vinte anos. Ao menos pelo que sei, ele nunca sofreu um acidente”.

“Acidente!”, gritou o condutor com um sussurro de desdém.

O testemunho do policial consertou a situação. O modesto conjunto de sete pessoas, a maioria menor de idade, se dispersou. Winnie seguiu sua mãe até o táxi. Stevie montou na cabina. Sua boca

aberta e seus olhos aflitos mostravam seu estado mental com relação ao que acontecia. O progresso da jornada pelas ruas estreitas se tornou sensível às passageiras lá dentro, pelas fachadas das casas próximas, deslizando lenta e tremulamente, com muito chacoalhar e bater de vidros, como se a entrar em colapso atrás do táxi; e o cavalo vacilante, com os arreios sobre sua pontiaguda espinha, batendo fracamente perto de suas ancas, parecia dançar apuradamente, com os dedos dos pés e com infinita paciência. Depois, no espaço mais amplo de Whitehall, todas as evidências visuais de movimento se tornaram imperceptíveis. O chacoalho e o bater dos vidros seguiam indefinidamente, diante do enorme prédio do Tesouro – e o próprio tempo pareceu estar imóvel.

Por fim, Winnie observou: “Este cavalo não é muito bom”.

Seus olhos brilhavam na sombra do táxi que estava à frente, imóvel. Na cabine, Stevie fechou a boca aberta, para soltar com sinceridade: “Não”.

O condutor, mantendo os arreios altos e retorcidos perto do gancho, não deu atenção. Talvez ele não ouvisse. O peito de Stevie arfou.

“Não chicoteie”.

O homem voltou lentamente seu rosto inchado de bebedeira, com múltiplas cores encrespadas de cabelos grisalhos. Seus pequenos olhos vermelhos brilhavam de úmidos. Seus grandes lábios tinham um tom violeta. Eles permaneciam fechados. Com as costas sujas da mão com o chicote, ele esfregou os pelos eriçados, surgindo em seu queixo enorme.

“Você não deve”, gaguejou Stevie, com violência. “Isso dói”.

“Não deve chicotear”, repetiu o outro com um sussurro pensativo, e chicoteou imediatamente. Ele o fez não porque sua alma era cruel e seu coração, mau, mas porque ele tinha de ganhar seu salário. E, por um tempo, os muros de St. Stephen, com suas torres e pináculos, contemplaram, imóveis e em silêncio, um táxi que retinia. Ele rolava, também. Mas, sobre a ponte, houve uma comoção. Stevie repentinamente pulou fora da cabine. Houve gritos na calçada, as pessoas correram e o motorista parou, sussurrando xingamentos

indignados e surpresos. Winnie abaixou a janela, e colocou a cabeça por ela, branca como um fantasma. Nos fundos do táxi, sua mãe exclamava, com tons de angústia: “O garoto se machucou? O garoto se machucou?”

Stevie não se machucara, nem mesmo chegara a cair, mas a excitação, como de hábito, lhe roubara o poder de concatenar um discurso. Ele não podia mais do que gaguejar na janela. “Muito pesado. Muito pesado”. Winnie colocara a mão sobre seu ombro.

“Stevie! Suba agora para a cabine, e não tente descer novamente”.

“Não. Não. Andar. Tenho de andar”.

Ao tentar avaliar a natureza daquela necessidade, ele gaguejou até a mais extrema incoerência. Nenhuma impossibilidade física impedia seu capricho. Stevie podia facilmente manter o passo com o cavalo vacilante e dançarino, sem perder o fôlego. Mas sua irmã negou seu consentimento, com decisão. “Que ideia! Quem já ouviu tal coisa! Correr atrás de um táxi!” Sua mãe, assustada e inútil no fundo do carro, rogou: “Não deixe que ele faça isso, Winnie! Ele vai se perder! Não deixe.”

“Certamente que não. E agora! O senhor Verloc lamentará saber desta bobagem, Stevie... eu posso lhe dizer. Ele não vai ficar nem um pouco feliz”.

A ideia da tristeza e da infelicidade do senhor Verloc, agindo com o habitual poder sobre o temperamento fundamentalmente dócil de Stevie, fez com que ele abandonasse toda a resistência e subisse novamente na cabine, com um rosto de desespero.

O condutor voltou-se para ele com a truculência de sua feição enorme e inflamada. “Não tente essa jogada estúpida novamente, jovem rapaz”.

Depois de se entregar assim em um sussurro austero, tenso quase até a extinção, ele seguiu dirigindo, com um solene ruminar. Em sua mente, o incidente permanecia de alguma forma, obscuro. Mas seu intelecto, embora perdesse sua prístina vivacidade nos anos estúpidos da exposição sedentária ao clima, não perdeu a independência ou a



sanidade. Ele dispensou gravemente a hipótese de Stevie ser um jovem bêbado.

Dentro do táxi, o encanto do silêncio, com o qual as duas mulheres resistiam, ombro a ombro, às sacudidas, ao chacoalho e aos ruídos da jornada, fora quebrado pelo acesso de Stevie. Winnie ergueu sua voz.

“Você fez o que queria, mamãe. Você terá apenas a si mesma para agradecer por isso, se não estiver feliz depois. E eu não acho que você estará. Não mesmo. Você não estava bem confortável na casa? O que as pessoas pensarão de nós – você se jogando dessa maneira em um asilo?”

“Minha querida”, gritou a velha mulher acima do barulho, “você foi a melhor das filhas para mim. Quanto ao senhor Verloc... lá...”

As palavras lhe faltando para falar da excelência do senhor Verloc, ela voltou seus velhos olhos lacrimejantes para o teto do táxi. Depois, ela desviou seu rosto para fingir que olhava pela janela, como se a julgar o andamento da viagem. Era insignificante, e seguiam perto do meio-fio. A noite, a suja e tenra noite, a sinistra, barulhenta, sem esperança e bruta noite do sul de Londres, a alcançara em seu último passeio de táxi. Na luz das lojas de fachada baixa, seu rosto grande brilhava com um tom laranja, sob um gorro negro e roxo.

A feição da mãe da senhora Verloc se tornara amarelada, pelo efeito da idade e de uma predisposição natural à biliar, favorecida pelas privações de uma existência difícil e preocupada, primeiro como esposa e depois como viúva. Era uma feição, que sob a influência de pó para rosto, pegaria um tom laranja. E esta mulher, de fato modesta, mas endurecida pelos incêndios da adversidade, de uma idade, além do mais, quando os póis de rosto não são mais usados, tinha certamente corado diante de sua filha. Na privacidade da carruagem, em seu caminho para uma cabana do asilo (uma dentre várias) que, pela insignificância de suas dimensões e simplicidade de suas acomodações, podia ser, com bondade pretendida, como um lugar de treinamento para as circunstâncias ainda mais reduzidas do túmulo, ela foi forçada a esconder de sua própria filha um ruborizar de remorso e vergonha.

O que as pessoas pensariam? Ela sabia muito bem o que eles pensariam, as pessoas que Winnie tinha em mente... os velhos amigos de seu marido, e os outros também, cujo interesse ela havia suscitado com sucesso bajulador. Ela não sabia antes que ela podia ser uma boa mendiga. Mas adivinhava muito bem qual inferência seria feita com o pedido dela. Em razão daquela reduzida delicadeza, que coexiste com a agressiva brutalidade na natureza masculina, as perguntas sobre suas circunstâncias não foram muito intrusivas. Ela as interrompera com uma visível compressão dos lábios e certa exibição de uma emoção, que determinaram um silêncio eloquente. E os homens ficariam repentinamente sem curiosidade, pelo seu hábito natural. Ela se felicitara mais de uma vez por não ter nada a ver com as mulheres que, sendo mais naturalmente insensíveis e ávidas por detalhes, teriam ficado ansiosas para serem informadas com exatidão sobre qual o tipo de má conduta de sua filha e de seu genro que a teria levado a tomar tal triste e extrema atitude. Foi apenas diante do secretário do grande cervejeiro, deputado e Presidente da Caridade que, agindo pelo seu superior, sentiu-se obrigado a ser conscientemente inquisitivo quanto às reais circunstâncias da solicitante, que ela explodira em lágrimas imediatamente e em voz alta, como uma mulher encurralada choraria. O magro e polido cavalheiro, depois de contemplá-la com um ar de ter sido “pego de surpresa”, abandonou sua posição sob a capa de comentários reconfortantes. Ela não deveria se incomodar. A instituição não especificava em absoluto que era apenas para “viúvas sem filhos”. Na verdade isso, de modo algum, a desqualificava. Mas a descrição do Comitê teria de ser uma descrição informada. Podia-se entender muito bem sua falta de vontade em ser um fardo etc. etc. E, com isso, para o profundo desapontamento dele, a mãe da senhora Verloc chorou ainda mais, com uma veemência maior.

As lágrimas daquela enorme mulher em uma peruca escura e empoeirada, e um vestido antigo de seda, enfeitado com um laço de algodão branco e lúgubre, eram as lágrimas de uma genuína frustração. Ela chorara porque fora heróica, escrupulosa e cheia de amor pelos seus dois filhos. As mulheres geralmente se sacrificam pelo bem estar dos homens. Neste caso, ela sacrificava Winnie. Ao suprimir a verdade, ela a

ultrajava. Claro que Winnie era independente, e não precisava se importar com a opinião das pessoas que ela nunca veria, e que nunca a veriam; enquanto o pobre Stevie não tinha nada no mundo que pudesse chamar de seu, exceto o heroísmo e os escrúpulos de sua mãe.

O primeiro sentido de segurança, que se seguiu ao casamento de Winnie, se desfez com o tempo (pois nada dura) e a mãe da senhora Verloc, no isolamento do quarto dos fundos, a lembrara do ensinamento daquela experiência que o mundo impõe sobre uma mulher viúva. Mas ela o recordava sem vã amargura; seu quinhão de resignação remontava quase que à dignidade. Ela ponderava estoicamente que tudo cai, se desgasta, neste mundo; que o caminho da bondade deve ser fácil para os ricos; que sua filha, Winnie, era uma filha das mais devotadas e uma esposa bem confiante, de fato. No que concerne à devoção fraternal de Winnie, seu estoicismo hesitou. Ela isentava aquele sentimento da regra de decadência que afeta a todas as coisas humanas e algumas divinas. Ela não podia evitar; não fazer isso a teria assustado demais. Mas, ao considerar as condições do estado marital de sua filha, ela rejeitou firmemente todas as ilusões fáceis. Ela adotou a perspectiva fria e razoável de que, quanto menor fosse a tensão depositada sobre a bondade do senhor Verloc, mais tempo seus efeitos poderiam durar. Aquele excelente homem amava sua esposa, claro, mas sem dúvida ele preferiria manter algumas das suas relações, coerentes com a demonstração apropriada a tal sentimento. Seria melhor se todo o seu efeito se concentrasse no pobre Stevie. E a heróica velha mulher decidira se afastar de seus filhos, como um ato de devoção e uma jogada de profunda política.

A “virtude” de tal política consistia nisso (a mãe da senhora Verloc era sutil a seu modo), que o apoio moral de Stevie deveria ser fortalecido. O pobre garoto – um garoto bom e útil, se bem que um pouco estranho – não tinha uma posição suficiente. Ele fora levado com a sua mãe, de certa forma, do mesmo modo como os móveis da mansão em Belgravia foram levados, como se pertencesse a ela exclusivamente. O que acontecerá, ela se perguntava (pois a mãe da senhora Verloc era, de certa medida, criativa), quando eu morrer? E, quando ela se fazia essa pergunta, era com terror. Era também terrível pensar que ela não

teria meios de saber o que aconteceria com o pobre garoto. Mas, ao passá-lo para sua irmã, ela lhe dava a vantagem de uma posição diretamente dependente. Esta era a sanção mais sutil do heroísmo e dos escrúpulos da mãe da senhora Verloc. Seu ato de abandono era realmente um arranjo de arrumar permanentemente a vida de seu filho. Outras pessoas fizeram sacrifícios materiais com tal objetivo, ela, daquele jeito. Era o único modo. Além do mais, ela seria capaz de ver como funcionaria. Bem ou mal, ela evitaria a horrível incerteza no leito de morte. Mas era difícil, difícil, cruelmente difícil.

O táxi chacoalhava, fazia barulho, jogava; na verdade, era extraordinário. Pela sua violência e magnitude desproporcionais, aquilo apagava qualquer sensação de movimento adiante; e o efeito era de estar sendo sacudido em um aparato estacionário, como um dispositivo medieval para a punição de um crime, ou alguma invenção supérflua para a cura de um fígado ocioso. Era extremamente incômodo; e o elevar da voz da mãe da senhora Verloc soou como um lamento de dor.

“Eu sei, querida, que você irá me visitar quando puder, não é?”

“Claro”, respondeu Winnie, rapidamente, olhando diretamente para ela.

E o táxi chacoalhou diante de uma loja fumacenta e engordurada, em um jato de gás e cheiro de peixe frito.

A velha mulher soltou um lamento outra vez.

“E, minha querida, devo ver o pobre garoto todo domingo. Ele não se importará em passar o dia com sua velha mãe...”

Winnie gritou sem sentimento:

“Importar! Acho que não. Esse pobre garoto sentirá saudades cruéis de você. Quero que pense um pouco nisso, mamãe”.

Não pensar nisso! A heróica mulher engoliu um objeto travesso e inconveniente como uma bola de bilhar, que tentou pular para fora de sua garganta. Winnie ficou muda por algum tempo, emburrada na frente do táxi, e então disparou, em um tom que não era o seu habitual:

“Espero ter muito trabalho com ele no começo, ele será aquele impaciente...”

“Faça o que fizer, não o deixe incomodar seu marido, minha querida”.

Assim elas discutiram em linhas familiares as bases de uma nova situação. E o táxi balançava. A mãe da senhora Verloc expressou algumas preocupações. Poderia Stevie fazer todo aquele caminho sozinho? Winnie sustentou que ele estava muito menos “distraído” agora. Elas concordaram quanto a isso. Não podia ser negado. Muito menos – quase completamente. Elas gritavam entre si, entre os ruídos, com relativa alegria. Mas, repentinamente, a ansiedade maternal irrompeu novamente. Era preciso tomar dois ônibus e caminhar um pouco até lá. Era muito difícil! A velha mulher cedeu à tristeza e à consternação.

Winnie olhava para a frente.

“Não se preocupe desta maneira, mamãe. Você o verá, claro”.

“Não, minha querida. Tentarei não me preocupar”.

Ela esfregou os olhos chorosos.

“Mas você não terá muito tempo disponível para acompanhá-lo, e se ele se esquecer e perder o caminho, e alguém falar rudemente com ele, seu nome e o endereço podem fugir de sua memória e ele ficará perdido por dias e dias...”

A visão de uma enfermaria de reformatório para o pobre Stevie – apenas como uma hipótese – ferrou seu coração. Pois ela era uma mulher orgulhosa. O olhar de Winnie se endurecera, ficara intenso, calculado.

“Não posso levá-lo comigo todas as semanas”, ela exclamou. “Mas não se preocupe, mamãe. Providenciarei para que ele não se perca por muito tempo”.

Elas sentiram um golpe peculiar; a visão de pilares de tijolos se deteve diante das janelas batendo no táxi; uma súbita interrupção das atrozidades sacudidas e do ruidoso som surpreendeu as duas mulheres. O que teria acontecido? Elas sentavam-se imóveis e assustadas em profundo silêncio, até que a porta se abriu e um sussurro rude e tenso se ouviu:

“Aqui estão!”

Uma faixa de pequenas casas triangulares, cada uma com uma turva janela amarela no térreo, cercava o escuro espaço aberto de um terreno gramado, com arbustos e separado do retalho de luzes e sombras, na ampla avenida, ressoando com o soar inerte do tráfego. Diante da porta de uma destas pequenas casas, sem luz na pequena janela das escadas, o táxi parou. A mãe da senhora Verloc desceu primeiro, de costas, com uma chave na mão. Winnie se demorou no caminho de cascalho para pagar o taxista. Stevie, depois de ajudar a levar para dentro muitas bagagens pequenas, saiu e ficou sob a luz de um poste que pertencia à Caridade. O taxista olhou para as peças de prata que, parecendo muito insignificantes em sua palma grande e magra, simbolizavam os pequenos resultados que recompensavam a ambiciosa coragem e o trabalho de uma humanidade, cujos dias são curtos, nesta terra má.

Ele fora pago decentemente – quatro moedas de um xelim – e ele as contemplava em perfeita imobilidade, como se fossem os termos surpreendentes de um melancólico problema. A lenta transferência daquele tesouro para um bolso interno exigiu muito menos das trabalhosas apalpadelas nas profundidades das roupas decadentes. Sua forma era atarracada e sem flexibilidade. Stevie, magro, seus ombros um pouco altos e suas mãos enfiadas fundo nos bolsos laterais de seu quente sobretudo, ficou emburrado na beira do caminho.

O taxista, parando seus deliberados movimentos, parecia surpreso com alguma enevoadá lembrança.

“Oh, aí está você, jovem rapaz”, ele sussurrou. “Você o verá de novo, não é?”

Stevie encarava o cavalo, cujas ancas pareciam excessivamente elevadas pelo efeito do emagrecimento. A pequena e dura cauda parecia adequada a uma piada grosseira; e do outro lado, o pescoço liso e magro, como uma tábua coberta com velho couro de cavalo, caída ao chão, sob o peso de uma enorme e ossuda cabeça. As orelhas, suspensas em ângulos diferentes, com negligência; e a figura macabra daquele mudo

residente na terra, se erigia direto das costelas e da espinha, na úmida imobilidade do ar.

O taxista bateu de leve no peito de Stevie com o gancho de ferro que saía de uma manga rota e engordurada.

“Olhe aqui, jovem rapaz. Você gostaria de se sentar atrás deste cavalo até duas horas da manhã, talvez?”

Stevie olhou indiferente para os pequenos e agressivos olhos com pálpebras bordejadas de vermelho.

“Ele não é preguiçoso”, continuou o outro, sussurrando com energia. “Ele não tem ferida nenhuma. Aqui está ele. Você gostaria...”

Sua voz tensa e extinguida investiu estas frases com um caráter de veemente segredo. O olhar indiferente de Stevie se alterava lentamente para o terror.

“Você pode olhar muito bem! Até as três ou quatro horas da manhã. Frio e faminto. Buscando por passageiros. Bêbados”.

Seu rosto púrpuro e jovial se encrespou com os cabelos grisalhos; e, como o Sileno de Virgílio, que, com o rosto untado com suco de uvas, discursou sobre os Deuses Olímpicos aos inocentes pastores da Sicília, ele falou para Stevie sobre os assuntos domésticos e os trabalhos dos homens, cujos sofrimentos são grandes e a imortalidade, de modo algum garantida.

“Sou um taxista noturno, sim”, ele sussurrou, com um tipo de exasperação orgulhosa. “Tenho de agarrar o que surge para mim aí fora. Tenho minha senhora e quatro crianças em casa”.

A monstruosa natureza daquela declaração de paternidade parecia deixar o mundo inerte. Um silêncio reinou, durante o qual os flancos do velho cavalo, o corcel de apocalíptica miséria, soltou vapor para cima, à luz da caridosa luz do poste.

O taxista grunhiu e então acrescentou em seu misterioso sussurro:

“Este não é um mundo fácil”. O rosto de Stevie se franziu por algum tempo e, por fim, seus sentimentos irromperam com a forma habitual e concisa.

“Mau! Mau!”

Seu olhar permaneceu fixo nas costelas do cavalo, consciente de si mesmo e sombrio, como se ele tivesse medo de olhar, ao seu redor, a maldade do mundo. Sua magreza, seus lábios róseos e sua compleição pálida e clara, lhe dava o aspecto de um garoto delicado, apesar dos felpudos cabelos dourados crescendo em seu rosto. Ele estava emburrado de modo assustador, como uma criança. O taxista, baixo e gordo, o olhava com seus pequenos e ferozes olhos, que pareciam irromper em um líquido corrosivo e límpido.

“Duro para os cavalos, mas bem mais duro para pessoas pobres como eu”, ele soltou quase imperceptivelmente.

“Pobre! Pobre!”, gaguejou Stevie, afundando ainda mais suas mãos nos bolsos, com convulsiva simpatia. Ele nada podia dizer; pois a ternura a toda dor e miséria, o desejo de fazer o cavalo feliz e o taxista feliz, atingiu o ponto de um bizarro desejo de levá-los para cama com ele. E isso, ele sabia, era impossível. Pois Stevie não era louco. Era, por assim dizer, um desejo simbólico; e, ao mesmo tempo, era muito distinto, porque nascia da experiência, a mãe da sabedoria. Assim, quando era criança, ele se agachava em um canto escuro, assustado, arruinado, ferido e miserável com a miséria, negra, negra da alma, e sua irmã, Winnie, costumava se aproximar, e levá-lo para a cama com ela, como se fossem para um paraíso de confortável paz. Stevie, embora apto a esquecer fatos simples, tais como seu nome e seu endereço, por exemplo, tinha uma fiel memória para sensações. Ser levado para uma cama de compaixão era a solução suprema, com a única desvantagem de ser difícil uma aplicação em grande escala. E, olhando para o taxista, Stevie percebia isso claramente, porque ele raciocinava.

O taxista prosseguiu com seus moderados preparativos, como se Stevie não existisse. Ele estava a ponto de saltar para a cabine, mas no último momento, por algum motivo obscuro, talvez apenas pelo desgosto ao esforço da carruagem, desistiu. Ele se aproximou, ao invés disso, do imóvel parceiro de seu trabalho e, inclinando-se para agarrar as rédeas, ergueu a cabeça grande e cansada até a altura de seu ombro, com o esforço de seu braço esquerdo, como uma demonstração de força.



“Venha”, ele sussurrou secretamente.

Coxeando, ele partiu com o táxi. Havia um ar de austeridade nesta despedida, o cascalho do passeio revoltado, gritando sob as rodas girando lentamente, as magras coxas do cavalo, movendo-se com ascética deliberação para longe da luz e para dentro da escuridão do espaço aberto, bordejado pelos mal iluminados telhados pontiagudos e pelas janelas de brilho frágil das pequenas casas do asilo. O lamento do cascalho viajava lentamente por todo o caminho. Entre as lâmpadas do portão da Caridade, o lento cortejo reapareceu, iluminado por um momento, o homem atarracado e curto, mancando intensamente, com a cabeça do cavalo suspensa em seu punho, o esquálido animal trotando com rígida e lastimável dignidade, a cabine baixa e escura, com as rodas girando comicamente, com um ar de bamboleio. Viraram à esquerda. Havia um bar mais abaixo, na rua, a uns cem metros do portão.

Stevie, abandonado ao lado do poste de luz privado da Caridade, suas mãos enfiadas fundo nos bolsos, olhava com uma tristeza vazia. Ao fundo de seus bolsos, suas mãos fracas e incapazes estavam fechadas em um par de punhos coléricos. Em face de qualquer coisa que afetava direta ou indiretamente seu terror mórbido da dor, Stevie terminava por se tornar maldoso. Uma indignação magnânima inchava seu frágil peito até arder, e fazia seus olhos cândidos ficarem apertados. Extremamente sábio em saber sua própria impotência, Stevie não era sábio o bastante para conter suas paixões. A ternura de sua caridade universal tinha duas fases, unidas e conectadas de forma tão indissolúvel quanto os lados reverso e anverso de uma medalha. A angústia da compaixão sem medida se seguia pela dor de uma fúria inocente, mas sem misericórdia. Estes dois estados, expressando-se externamente pelos mesmos sinais de fútil agitação corporal, faziam sua irmã, Winnie, aliviar sua excitação, sem mesmo entender a fundo seu caráter duplo. A senhora Verloc não gastava nenhuma porção de sua vida transiente buscando por informações fundamentais. Era um tipo de economia que tinha toda a aparência e algumas vantagens da prudência. Obviamente, podia ser bom para alguém não saber demais. E tal ponto de vista cai muito bem com a indolência constitucional.

Naquela noite, em que se pode dizer que a mãe da senhora Verloc, tendo se despedido definitivamente de seus filhos, também se despedira desta vida, Winnie Verloc não pesquisou a psicologia de seu irmão. O pobre garoto estava excitado, claramente. E, depois de garantir uma vez mais à velha mulher, no umbral, que ela saberia como se proteger do risco de Stevie se perder por muito tempo em suas peregrinações de piedade filial, ele pegou o braço de seu irmão para ir embora. Stevie sequer resmungava consigo mesmo, mas com o sentimento especial de fraterna devoção, desenvolvida na sua mais tenra infância, ela sentia que o garoto estava de fato muito excitado. Segurando firme o braço do irmão, como se estivesse se apoiando nele, ela pensou em algumas palavras adequadas à ocasião.

“Agora, Stevie, você deve cuidar muito bem de mim nos cruzamentos, e subir primeiro no ônibus, como um bom irmão”.

Este apelo à proteção masculina foi recebido por Stevie com sua docilidade habitual. Aquilo o bajulava. Ele ergueu a cabeça e encheu seu peito.

“Não fique nervosa, Winnie. Você não deve ficar nervosa! Tudo bem com o ônibus”, ele respondeu com um brusco e truncado gaguejar típico do temor de uma criança e da resolução de um homem. Ele avançou intrepidamente com a mulher em seu braço, mas seu lábio inferior caído. Apesar disso, na calçada da esqualida e ampla avenida, cuja pobreza de todas as amenidades da vida permanecia tolamente exposta por uma louca profusão de lâmpadas de gás, cuja semelhança, umas com as outras, era tão marcante, que era com se quisessem assustar os casuais transeuntes.

Diante das portas da taberna na esquina, onde a profusão de luzes atingia o ápice da perversidade, um táxi de quatro rodas, parado no meio-fio, sem ninguém na cabine, parecia lançado à sarjeta, por conta de sua irremediável decadência. A senhora Verloc reconheceu o carro. Seu aspecto era tão profundamente lamentável, com tal perfeição de grotesca miséria e estranheza de detalhes macabros, como se fosse o próprio Táxi da Morte, que a senhora Verloc, com aquela pronta

compaixão de uma mulher por um cavalo (quando ela não estava sentada atrás dele), exclamou vagamente;

“Pobre animal”.

Parando subitamente, Stevie infligiu um puxão que conteve a sua irmã.

“Pobre! Pobre!”, ele soltou com gratidão. “Taxista pobre também. Ele mesmo me disse”.

A contemplação do cavalo vacilante e solitário o dominou. Atrapalhado, mas obstinado, ele ficaria ali, tentando expressar a visão recém-aberta às suas simpatias pela miséria humana e equina, em íntima associação. Mas isso era muito difícil. “Pobre animal, pobres pessoas!” era tudo o que ele podia repetir. Isso não parecia muito impetuoso, e ele parou com um colérico balbucio: “Vergonha!” Stevie não era um mestre das frases, e talvez por este mesmo motivo seus pensamentos não tinham clareza nem precisão. Mas ele sentia, em toda a completude e alguma profundidade. Aquela pequena palavra continha todo o seu senso de indignação e horror com um tipo de ruína tendo de se alimentar com a angústia de outra – com um pobre taxista batendo em um pobre cavalo, em nome, como disse, de seus filhos pobres, em casa. E Stevie sabia o que era apanhar. Ele sabia por experiência própria. Era um mundo ruim. Ruim! Ruim!

A senhora Verloc, sua única irmã, guardiã e protetora, não podia supor tais profundezas de raciocínio. Além do mais, ela não experimentara a magia da eloquência do taxista. Ela ignorava a essência da palavra “Vergonha”. E ela disse placidamente:

“Vamos, Stevie. Você não pode impedir isso”.

O dócil Stevie prosseguiu; mas agora ele ia sem orgulho, cambaleando e dizendo meias palavras, e mesmo palavras que teriam sido completas, se não fossem feitas de metades que pertencessem a si mesmas. Era como se ele tentasse combinar todas as palavras que ele pudesse recordar com seus sentimentos, para obter algum tipo de ideia correspondente. E, na realidade, ele a obteve, por fim. Ele parou para expressá-la de uma vez:

“Mundo ruim para as pessoas pobres”.

Assim que ele expressou aquele pensamento, se deu conta de que já lhe era familiar, com todas as suas consequências. Esta circunstância reforçou imensamente sua convicção, mas também aumentou sua indignação. Alguém, ele sentia, devia ser punido por isso, punido com grande severidade. Não sendo cético, mas uma criatura moral, ele estava, de certa forma, sob a misericórdia de suas justas paixões.

“Animal!”, ele acrescentou, conciso.

Estava claro para a senhora Verloc que ele estava muito excitado.

“Ninguém pode evitar isso”, ela disse. “Vamos. É assim que você vai cuidar de mim?”

Stevie retomou seu passo, obediente. Ele se orgulhava de ser um bom irmão. Sua moral, que estava inteira, exigia isso dele. Ainda, ele se incomodava com a informação dada pela sua irmã, Winnie, que era boa. Ninguém podia evitar aquilo! Ele seguia triste, mas então se iluminou. Como o resto da humanidade, perplexa pela miséria do universo, ele tinha seus momentos de consoladora confiança nos poderes organizados da terra.

“Polícia”, ele sugeriu confiante.

“A polícia não é para isso”, observou a senhora Verloc, superficialmente, apressando-se pelo caminho.

O rosto de Stevie encompridou-se consideravelmente. Ele estava pensando. Quanto mais intenso seu pensamento, mais indolente era a queda de sua mandíbula inferior.

E era com este aspecto de vazia falta de esperança que ele abandonou sua aventura intelectual.

“Não para isso?”, ele murmurou, resignado mas surpreso. “Não para isso?” Ele formara, para si mesmo, um conceito ideal da polícia metropolitana como uma espécie de benevolente instituição para a supressão do mal. A ideia de benevolência, especialmente, estava intimamente associada ao seu sentido de poder dos homens de azul. Ele gostava com ternura de todos os policiais, com uma confiança ingênua. Pois Stevie era franco e aberto como o próprio dia. O que queriam com

esse fingimento, então? Ao contrário de sua irmã, que colocava sua confiança nos valores superficiais, ele desejava ir ao fundo da questão. Ele seguiu sua averiguação por meio de um colérico desafio.

“Para que eles servem então, Winn? Para que servem? Diga-me”.

Winnie não gostava de controvérsia. Porém, temendo mais um acesso de negra depressão, em consequência da saudade inicial de Stevie pela sua mãe, ela não declinou a discussão. Isenta de qualquer ironia, respondeu de forma que não fosse, talvez, artificial na esposa do senhor Verloc, Delegado do Comitê Vermelho Central, amigo íntimo de certos anarquistas e um devoto da revolução social.

“Você não sabe para que serve a polícia, Stevie? Eles estão aí para evitar que os que nada têm tomem daqueles que têm”.

Ela evitou usar o verbo “roubar”, porque isso já tinha feito seu irmão desconfortável. Pois Stevie era delicadamente honesto. Certos princípios simples foram instilados nele com tanta ansiedade (por causa de sua “estranheza”) que a mera citação de certas transgressões o enchia de terror. Ele sempre fora facilmente impressionável por discursos. Ele estava impressionado e assustado agora, e sua inteligência estava muito alerta.

“O que?”, ele perguntou imediatamente, ansioso. “Nem mesmo se estiverem com fome? Não deveriam?”

Os dois interromperam a caminhada.

“Nem mesmo assim”, disse a senhora Verloc, com a tranquilidade de uma pessoa não atormentada pelo problema da distribuição de renda, e explorando a perspectiva da passagem de um ônibus da cor certa. “Certamente não. Mas para que falar sobre isso? Você não está sempre faminto”.

Ela lançou um olhar rápido ao garoto, como um jovem homem, ao seu lado. Ela o viu como amável, atraente, afetuoso e apenas um pouco, bem pouco, peculiar. E ela não poderia vê-lo de outro modo, pois ele estava conectado com o que havia de sal da paixão em sua vida sem sabor – a paixão da indignação, da coragem, da pena e mesmo do autossacrifício. Ela não acrescentou: “E você provavelmente não passará

fome enquanto eu viver”. Mas ela bem que poderia ter dito isso, já que tomara ações efetivas para tal fim. O senhor Verloc era um marido muito bom. Era sua honesta impressão a de que ninguém poderia deixar de gostar do garoto. Ela gritou de repente:

“Rápido, Stevie. Pare aquele ônibus verde”.

E Stevie, trêmulo e importante, com sua irmã Winnie em seu braço, levantou o outro acima de sua cabeça para o ônibus que se aproximava, com sucesso total.

Uma hora depois, o senhor Verloc ergueu seus olhos do jornal que estava lento, ou de qualquer forma olhando, atrás do balcão e ao fim do som da sineta da porta, observou Winnie, sua esposa, entrar e cruzar a loja para ir ao andar superior, seguida por Stevie, seu cunhado. A visão de sua esposa era agradável ao senhor Verloc. Era sua idiossincrasia. A figura do cunhado continuava imperceptível a ele por causa da morosa reflexão que caíra como um véu entre o senhor Verloc e as aparências do mundo dos sentidos. Ele olhou fixamente para a sua mulher, como se ela fosse um fantasma. Em casa, sua voz era rouca e plácida, mas agora não era sequer ouvida. Não era ouvida no jantar, ao qual ele era chamado por sua mulher do habitual modo breve: “Adolf”. Ele se sentava para consumi-lo sem convicção, usando seu chapéu bem para trás na cabeça. Não era uma devoção à vida ao ar livre, mas a frequência aos cafés estrangeiros que era responsável por este hábito, dando um caráter de efemeridade sem cerimônia à rígida fidelidade do senhor Verloc, ao seu canto junto à lareira. Por duas vezes, com o tilintar do sino rachado, ele se levantou sem uma palavra, desapareceu pela loja e retornou em silêncio. Durante estas ausências, a senhora Verloc, tornando-se agudamente ciente do lugar vazio à sua direita, sentia muita saudade de sua mãe, e petrificava seu olhar; enquanto Stevie, pela mesma razão, continuava a balançar seus pés, como se o chão sob a mesa estivesse desconfortavelmente quente. Quando o senhor Verloc retornava ao seu lugar, como a própria personificação do silêncio, o aspecto do olhar da senhora Verloc passava por uma sutil mudança, e Stevie parava de incomodar com os pés, por causa de sua grande e temerosa consideração pelo marido de sua irmã. Ele lhe dava olhares de respeitosa compaixão. O senhor Verloc estava triste. Sua irmã lhe

incutira (no ônibus) que o senhor Verloc estaria em casa muito triste, e não deveria ser importunado. A ira de seu pai, a irritabilidade dos cavalheiros hóspedes e a predisposição do senhor Verloc à excessiva tristeza foram as principais sanções do autocontrole de Stevie. Destes sentimentos, todos facilmente provocáveis, mas nem sempre fáceis de entender, o último tinha a maior eficiência moral – porque o senhor Verloc era bom. Sua mãe e sua irmã estabeleceram este fato ético em uma fundação irremovível. Elas estabeleceram, erigiram e o consagraram pelas costas do senhor Verloc, por razões que nada tinham a ver com a moralidade abstrata. E o senhor Verloc não estava ciente disso. Era nada mais do que a pura justiça dizer que ele não tinha ideia de parecer bom para Stevie. Ele era mesmo o único homem tão qualificado, segundo o conhecimento de Stevie, porque os cavalheiros hóspedes foram muito passageiros e muito distantes para ter alguma distinção, além de suas botas; e, no que se refere às medidas disciplinares de seu pai, a desolação de sua mãe e de sua irmã evitava estabelecer uma teoria de bondade diante da vítima. Teria sido muito cruel. E era mesmo possível que Stevie não acreditasse nela. Até onde o senhor Verloc estava envolvido, nada podia obstruir o caminho da crença de Stevie. O senhor Verloc era obviamente, ainda que misteriosamente, bom. E a tristeza de um homem bom é venerável.

Stevie dava olhares de reverente compaixão ao seu cunhado. O senhor Verloc estava triste. O irmão de Winnie nunca sentira a si mesmo, antes, em tão íntima comunhão com o mistério da bondade daquele homem. Era uma mágoa compreensível. E o próprio Stevie estava triste. Ele estava muito triste. A mesma espécie de mágoa. E sua atenção, sendo atraída por este estado desagradável, fazia Stevie balançar seus pés. Seus sentimentos eram manifestados habitualmente pela agitação de seus membros.

“Pare de balançar seus pés, querido”, disse a senhora Verloc, com autoridade e ternura; então, voltando-se para o marido com voz indiferente, obra mestra do tato instintivo, ela perguntou: “Vai sair esta noite?”

A simples sugestão pareceu repugnante ao senhor Verloc. Ele balançou a cabeça, de mau humor, e então se sentou imóvel com os

olhos baixos, olhando para o pedaço de queijo em seu prato por um minuto inteiro. Ao final disso, ele se levantou e saiu – saiu junto com o tilintar do sino na porta da loja. Ele agiu desta forma inconsciente, não por algum desejo de se fazer desagradável, mas por causa de uma indomável inquietação. Por nada no mundo era bom sair. Ele não podia encontrar o que queria em lugar algum de Londres. Mas ele saiu. Ele conduzia um cortejo de pequenos pensamentos por ruas escuras, através de ruas iluminadas, dentro e fora de dois bares duvidosos, como se em uma tentativa sem coração de passar a noite, e finalmente de volta ao seu ameaçado lar, onde ele se sentou fatigado atrás do balcão e logo os pensamentos se amontoaram com urgência ao seu redor, como uma matilha de sabujos negros famintos. Depois de trancar a casa e desligar o gás, ele os levou consigo para cima – um acompanhamento terrível para um homem que ia dormir. Sua esposa o precedera algum tempo antes, e com sua ampla forma vagamente definida sob o lençol, sua cabeça sobre o travesseiro, e uma mão sob o rosto, à sua distração se oferecia a visão do torpor inicial reclamando a posse de uma alma serena. Seus olhos enormes ficaram bem abertos, inertes e escuros contra a roupa de cama, branca como a neve. Ela não se moveu.

Ela tinha uma alma serena. Ela sentia profundamente que as coisas não toleram um olhar muito profundo. Ela tirava sua força e sua sabedoria deste instinto. Mas o silêncio do senhor Verloc estava pesando demais sobre ela, por muitos dias. Estava, de fato, afetando seus nervos. Reclinada e imóvel, ela disse placidamente:

“Você pegará um resfriado se andar de meias deste jeito”.

Tal falar, se tornando a preocupação da esposa e a prudência da mulher, pegou o senhor Verloc desprevenido. Ele deixara suas botas embaixo, mas esquecera de colocar os chinelos, e estava dando voltas pelo quarto sem deixar ruídos, como um urso em uma jaula. Com o som da voz de sua esposa, ele parou e a fitou com um olhar de sonâmbulo, sem expressão, por tanto tempo que a senhora Verloc moveu seus membros levemente sob as roupas de cama. Mas ela não moveu sua cabeça negra, afundada no travesseiro branco, a mão sob seu rosto e os olhos grandes, negros e que não piscavam.



Sob o olhar sem expressão de seu marido, e recordando o quarto vazio de sua mãe do outro lado do parador, ela sentiu uma dor aguda de solidão. Ela nunca se separara de sua mãe antes. Sempre ficaram uma ao lado da outra, e agora ela dizia para si mesma que sua mãe se fora – para sempre. A senhora Verloc não tinha ilusões. Stevie permanecera, porém. E ela disse:

“Mamãe fez o que queria fazer. Não há sentido nisso, no que posso ver. Estou certa de que ela não poderia pensar que você se fartara dela. É muito mau nos deixar assim”.

O senhor Verloc não era uma pessoa muito lida; sua variedade de frases alusivas era limitada, mas havia uma aptidão peculiar nas circunstâncias que o fazia pensar em ratos abandonando um barco condenado. Ele quase disse isso. Ele se tornara suspeito e amargurado. Podia ser que a velha mulher tivesse percebido? Mas a improbabilidade de tal suspeita era evidente, e o senhor Verloc se conteve. Não por completo, porém. Ele sussurrou, pesadamente:

“Talvez esteja bem assim”.

Ele começou a se despir. A senhora Verloc se manteve bem parada, perfeitamente parada, com seus olhos presos em um olhar sonhador e tranquilo. E seu coração, pela fração de um segundo, também pareceu parar. Naquela noite, ela “não era bem si mesma”, como se diz, e lhe ocorreu que uma simples frase pode conter muitos significados diferentes – em sua maioria, desagradáveis. Qual era o melhor? E por quê? Mas ela não se permitiu cair no ócio da estéril especulação. Ela estava convicta de sua crença de que as coisas não toleram ser analisadas. Prática e sutil de seu próprio jeito, ela tocou no assunto Stevie, sem perda de tempo, porque nela, a unicidade do propósito tinha a natureza infalível e a força de um instinto.

“Estou certa de que não sei o que fazer para animar aquele garoto nos primeiros dias. Ele ficará preocupado da manhã até a noite, antes de se acostumar com a ausência de mamãe. E ele é um garoto tão bom. Não posso ficar sem ele”.

O senhor Verloc continuou a se despir, com a absorta concentração interna de um homem se despindo na solidão de um vasto

deserto sem esperanças. Pois assim a nossa bela terra, nossa herança comum, apresentava sua própria falta de hospitalidade à visão mental do senhor Verloc. Dentro e fora, tudo estava tão quieto que o solitário bater do relógio no descanso entrava no quarto, à guisa de companhia.

O senhor Verloc, entrando na cama pelo seu próprio lado, permaneceu inclinado e mudo atrás das costas da senhora Verloc. Seus braços grossos descansavam abandonados fora dos lençóis como armas caídas, como ferramentas descartadas. Naquele momento, ele estava a um fio de cabelo de desabafar tudo à sua esposa. O momento parecia propício. Olhando além das órbitas dos olhos, ele via os amplos ombros dela vestidos de branco, a sua nuca, com o cabelo arrumado para dormir em três tranças, com fitas negras nas pontas. Mas ele se conteve. O senhor Verloc amava sua mulher, como uma esposa deve ser amada, ou seja, maritalmente, com o respeito que se tem pela sua posse principal. Aquela cabeça arrumada para dormir, aqueles ombros largos, tinham um aspecto de uma familiar santidade – a santidade da paz doméstica. Ela não se movia, massiva e sem forma como uma estátua inclinada e bruta; ele lembrava seus olhos bem abertos, encarando o quarto vazio. Ela era misteriosa, com o mistério dos seres vivos. O renomado agente secreto [delta], dos despachos alarmistas do finado barão Stott-Wartenheim, não era o homem para desvendar tais mistérios. Ele ficava facilmente intimidado. E ele também era preguiçoso, com a indolência que é tão frequentemente o segredo da boa índole. Ele se absteve de tocar em tal mistério por causa do amor, da timidez e da preguiça. Sempre haveria mais tempo. Por vários minutos, ele suportou seus sofrimentos silenciosamente, no sonolento silêncio do quarto. E então ele o perturbou, por uma decidida declaração.

“Irei ao continente, amanhã”.

Sua esposa poderia já ter caído no sono. Ele não podia dizer. Na verdade, a senhora Verloc o ouvira. Seus olhos continuavam bem abertos, e ela estava deitada totalmente imóvel, confirmando em sua instintiva convicção, que as coisas não suportam muito um olhar incisivo. E, ainda, não era nada muito incomum que o senhor Verloc fizesse tal viagem. Ele renovava seu estoque em Paris e Bruxelas. Com frequência ia fazer suas compras pessoalmente. Uma pequena e seleta

conexão de amadores ia se formando ao redor da loja em Brett Street, uma conexão secreta e eminentemente apropriada para qualquer negócio conduzido pelo senhor Verloc, que, por um acordo místico de temperamento e necessidade, fora levado a ser um agente secreto por toda a sua vida.

Ele aguardou um pouco e depois acrescentou: “Ficarei fora por uma semana ou mesmo uma quinzena. Peça à senhora Neale para vir de dia”.

A senhora Neale era a faxineira de Brett Street. Vítima de seu casamento com um degenerado marceneiro, ela estava oprimida pelas necessidades de muitas crianças pequenas. De braços vermelhos, e vestida com um grosseiro avental que lhe chegava às axilas, ela exalava a angústia da pobreza em um hálito de sabão barato e rum, em meio ao ruído da esfregação, no bater dos baldes de lata.

A senhora Verloc, cheia de um profundo objetivo, falou com o tom da mais superficial indiferença.

“Não é necessário ter a mulher aqui todos os dias. Posso lidar muito bem com Stevie”.

Ela deixou o solitário relógio no descanso contar quinze tiques ao abismo da eternidade e perguntou;

“Devo apagar a luz?”

O senhor Verloc respondeu bruscamente e rouco à sua mulher:

“Apague”.

## CAPÍTULO IX

O senhor Verloc, retornando do continente ao final de dez dias, trouxe de volta uma mente evidentemente nada renovada pelas maravilhas de uma viagem ao estrangeiro; e uma feição não iluminada pelas alegrias do retorno à casa. Ele entrou, no retinir do sino da loja, com um ar de cansaço sombrio e vexado. A bolsa nas mãos, a cabeça baixa, ele passou diretamente pelo balcão e deixou-se cair na cadeira, como se tivesse perambulado por todo o caminho, desde Dover. Era manhã cedo. Stevie, espanando vários objetos exibidos nas vitrines, voltou-se para ele boquiaberto, com reverência e pavor.

“Aqui!”, disse o senhor Verloc, dando um leve chute na bolsa de Gladstone no chão; e Stevie jogou-se sobre ela, agarrou-a e a levou com triunfante devoção. Ele foi tão ligeiro que o senhor Verloc ficou distintamente surpreso.

Já com o retinir do sino da loja, a senhora Neale, passando grafite na lareira da sala de estar, olhara pela porta e, erguendo-se, fora dizer, de avental e suja do trabalho interminável, para a senhora Verloc, na cozinha, que “o patrão chegou”.

Winnie não passou da porta interna da loja.

“Vai querer o desjejum?”, quis saber, à distância.

O senhor Verloc moveu suas mãos levemente, como se dominado por uma sugestão impossível. Mas imediatamente seduzido a ir à sala de estar, ele não rejeitou a comida diante dele. Ele comeu como se estivesse em um lugar público, seu chapéu jogado para trás, as fraldas de seu pesado sobretudo suspensas em um triângulo de cada lado da cadeira. E por toda a extensão da mesa coberta com uma lanolina marrom, Winnie, sua esposa, lhe falava suavemente a conversa de esposa, tão ardilosamente adaptada, sem dúvida, às circunstâncias de seu retorno, como a conversa de Penélope com o retorno do viajante Ulisses. A senhora Verloc, porém, não tecera nada durante a ausência de seu marido. Mas ela limpara a sala de cima por completo, vendera alguns produtos e vira o senhor Michaelis várias vezes. Ele dissera a ela, na última vez, que estava indo morar em uma cabana no campo, em

algum lugar da linha Londres, Chatham e Dover. Karl Yundt também viera uma vez, de braço dado com aquela “velha bruxa zeladora dele”. Ele era um “velho nojento”. Do Camarada Ossipon, a quem ela recebera brevemente, entrincheirada atrás do balcão com um rosto de pedra e um olhar distante, ela nada disse, sua referência mental ao robusto anarquista sendo marcada por uma pausa curta, com o menor corar possível. E levando seu irmão Stevie, assim que pôde, à corrente dos eventos domésticos, ela mencionou que o garoto atrapalhou em muito.

“É tudo consequência de mamãe nos deixar desta maneira”.

O senhor Verloc não disse nem “Maldito!” ou ainda, “Stevie deveria apanhar!”. E a senhora Verloc, sem entrar no segredo dos pensamentos dele, não pôde apreciar a generosidade de tal controle.

“Não é que ele não esteja trabalhando tão bem quanto antes”, ela continuou. “Ele está se tornando muito útil. Você verá que ele não pode fazer mais por nós”.

O senhor Verloc dirigiu um olhar casual e sonolento a Stevie, que se sentava à sua direita, delicado, de rosto pálido, sua boca rósea aberta sem expressão. Não era um olhar crítico. Não havia intenção. E, se o senhor Verloc pensou por um momento que o irmão de sua mulher parecia inútil de modo incomum, foi apenas um pensamento tolo e passageiro, vazio daquela força e durabilidade que permite, às vezes, que um pensamento mude o mundo. Apoiando-se na cadeira, o senhor Verloc tirou seu chapéu. Antes que seu braço estendido pudesse largar o chapéu, Stevie o atacou e o levou com reverência à cozinha. E novamente o senhor Verloc se surpreendeu.

“Você pode fazer qualquer coisa com este garoto, Adolf”, disse a senhora Verloc, com seu melhor tom de inflexível calma. “Ele atravessaria o fogo por você. Ele...”

Ela pausou, atenta, com os ouvidos na direção da porta da cozinha.

Lá, a senhora Neale esfregava o chão. Com o surgimento de Stevie, ela gemeu lamentavelmente, tendo observado que ele poderia ser facilmente levado a dar a ela, em benefício de suas crianças, o xelim que sua irmã, Winnie, lhe presenteava de vez em quando. De quatro, entre

as poças no chão, molhada e imunda, como um tipo de animal anfíbio doméstico, vivendo em cinzeiros e águas sujas, ela exprimiu o habitual exórdio: “Está muito bem para você, continuar a não fazer nada como um cavalheiro”. E ela seguiu com o infundável lamento dos pobres, pateticamente falsa, miseravelmente autenticada pelo terrível hálito de rum barato e sabonete de má qualidade. Ela esfregava com força, fungando o tempo todo e falando rapidamente. E ela era sincera. E, em cada lado de seu nariz fino e avermelhado, seus olhos ofuscados e enevoados nadavam em lágrimas, porque ela realmente sentia a falta de algum tipo de estimulante pela manhã.

Na sala de estar a senhora Verloc observou, com conhecimento:

“Lá vai de novo a senhora Neale com suas histórias assustadoras sobre seus filhos pequenos. Eles não podem ser assim tão pequenos como ela diz. Alguns deles devem ser grandes o bastante agora para tentar fazer algo por eles mesmos. Isso só faz Stevie ficar mais nervoso”.

Estas palavras se confirmaram com uma pancada, como um punho batendo na mesa da cozinha. Na evolução normal de sua simpatia, Stevie se encolerizara ao descobrir que ele não tinha o xelim em seu bolso.

Dada a sua falta de habilidade para remediar de vez as privações “dos pequenos”, ele sentia que alguém deveria sofrer por elas. A senhora Verloc se ergueu e foi até a cozinha para “parar com aquela besteira”. E ela o fez, firme, mas gentilmente. Ela sabia muito bem que assim que a senhora Neale recebesse seu dinheiro, ela iria até a esquina para tomar uns fortes tragos em uma taberna humilde e rançosa – a estação inevitável da via dolorosa de sua vida. O comentário da senhora Verloc sobre esta prática teve uma profundidade inesperada, como se vindo de uma pessoa sem vontade de olhar debaixo da superfície das coisas. “Claro, o que ela deve fazer para suportar? Se eu fosse como a senhora Neale, não esperaria fazer nada diferente”.

Na tarde daquele mesmo dia, quando o senhor Verloc, saindo de um pulo da última de uma longa série de cochilos diante da lareira da sala de estar, declarou sua intenção de sair para um passeio, Winnie disse, da loja:

“Quero que você leve aquele garoto com você, Adolf”.

Pela terceira vez naquele dia, o senhor Verloc se surpreendeu. Ele olhou estupidamente para sua esposa. Ela continuou em seu modo inflexível. O garoto, sempre que não estava fazendo nada, atrapalhava toda a casa. Aquilo a exasperava; a tornava nervosa, ela confessou. E isso, vindo da calma Winnie, soava como um exagero. Mas, na verdade, Stevie atrapalhava de modo surpreendente, como um animal doméstico infeliz. Ele subia até o fim da escada escura, para se sentar ao pé do alto relógio, com seus joelhos levantados e sua cabeça nas mãos. Deparar com seu rosto pálido, seus olhos enormes brilhando na escuridão, era perturbador; pensar nele lá em cima, desconfortável.

O senhor Verloc se acostumou com a assustadora novidade da ideia. Ele era apaixonado pela sua esposa como um homem deve ser, ou seja, generosamente. Mas uma forte objeção se apresentou a sua mente, e ele a formulou.

“Talvez ele me perca de vista; e fique perdido pelas ruas”, ele disse.

A senhora Verloc balançou sua cabeça com segurança.

“Ele não fará isso. Você não o conhece. Aquele garoto lhe cultua. Mas se você se perder dele...”

A senhora Verloc parou por um momento, mas apenas por um momento.

“Então, vá; pode ir. Não se preocupe. Ele ficará bem. Certamente ele ficará seguro aqui, sem mais tardar”.

Este otimismo produziu no senhor Verloc sua quarta surpresa do dia.

“Será?”, ele grunhiu em dúvida. Mas, talvez, seu cunhado não fosse o idiota que parecia ser. Sua esposa saberia melhor. Ele voltou seus olhos pesados, dizendo, com rouquidão: “Bem, que ele venha junto, então”, e voltou a cair nas garras da negra preocupação, que talvez prefira cair sobre um cavaleiro, mas sabe como se enroscar nos calcanhares das pessoas não suficientemente ricas para ter cavalos – como o senhor Verloc, por exemplo.

Winnie, na porta da loja, não viu esta fatal acompanhante dos passeios do senhor Verloc. Ela observava as duas figuras descendo a esquelética rua, um alto e musculoso, o outro magro e baixo, com um fino pescoço, e os ombros pontiagudos levemente erguidos sobre as grandes e quase transparentes orelhas. O material de seus sobretudos era o mesmo, seus chapéus eram pretos e de forma arredondada. Inspirada pela semelhança de suas roupas, a senhora Verloc deu asas à sua imaginação.

“Poderiam ser pai e filho”, ela disse a si mesma. Ela também pensou que o senhor Verloc era muito como um pai, que o pobre Stevie nunca tivera em sua vida. Ela estava ciente que este era seu dever. E, com pacífico orgulho, ela se felicitou por certa resolução que tomara alguns anos atrás. Aquilo lhe custara algum esforço e mesmo algumas lágrimas.

Ela se felicitou ainda mais ao observar, no decorrer dos dias, que o senhor Verloc parecia receber com bondade a companhia de Stevie. Agora, pronto para sair ao seu passeio, o senhor Verloc chamou o garoto em voz alta, com o espírito, sem dúvida, no qual um homem chama a companhia de seu cão de estimação, embora, claro, de modo diferente. Na casa, o senhor Verloc podia ser visto, por muito tempo, observando Stevie com curiosidade. Seu próprio comportamento mudara. Ainda taciturno, ele não estava tão apático. A senhora Verloc achou que ele estava mais agitado, às vezes. Isso poderia ser considerado uma melhora. Quanto a Stevie, ele já não ficava mais ao pé do relógio, mas sussurrava consigo mesmo, ao invés disso, em um tom ameaçador. Quando perguntado, “o que você está dizendo, Stevie?”, ele apenas abria sua boca e entortava os olhos para a sua irmã. De vez em quando, ele fechava seus punhos sem causa aparente, e quando deixado só, ele preferia encarar a parede, com a folha de papel e o lápis – dados para que desenhasse círculos – em branco e ociosa na mesa da cozinha. Isso era novo, mas não um avanço. Incluindo todos estes caprichos na definição geral de excitação, a senhora Verloc começou a temer que Stevie ouvisse mais do que seria bom para ele das conversas de seu marido com seus amigos. Durante seus “passeios”, o senhor Verloc, claro, encontrava e conversava com várias pessoas. Dificilmente poderia



ser de outro modo. Suas caminhadas eram parte integral de suas atividades externas, que sua mulher nunca olhara com mais profundidade. A senhora Verloc sentia que a posição era delicada, mas ela a via com a mesma calma impenetrável que impressionava e mesmo surpreendia os clientes da loja, e fazia os outros visitantes manterem distância com um pouco de surpresa. Não! Ela temia que houvesse coisas nada boas para que Stevie as ouvisse, ela disse ao seu marido. Isso apenas excitava o pobre garoto, porque ele não poderia evitá-las, sendo assim. Ninguém poderia.

Isso ocorreu na loja. O senhor Verloc não fez comentário. Ele não replicou, e ainda a réplica era óbvia. Mas ele evitou apontar à sua esposa que a ideia de fazer Stevie o companheiro de suas caminhadas era dela mesma, e de ninguém mais. Naquele momento, para um observador imparcial, o senhor Verloc teria parecido mais que humano em sua magnanimidade. Ele pegou uma pequena caixa de cartolina de uma estante, abriu para ver se o conteúdo estava correto e a colocou gentilmente sobre o balcão. Não saiu até que estivesse feito isso, quando ele quebrou o silêncio, dizendo que muito provavelmente Stevie gostaria de sair da cidade por um tempo; ele apenas supunha que sua esposa não aguentaria ficar sem ele.

“Eu não poderia aguentar ficar sem ele!”, repetiu lentamente a senhora Verloc. “Eu não poderia aguentar ficar sem ele, se fosse para o bem dele! Que ideia! Claro que posso aguentar sem ele. Mas não há lugar para ele ir”.

O senhor Verloc pegou uma folha de papel marrom e um rolo de corda; e, enquanto isso, sussurrou que Michaelis estava vivendo em uma pequena cabana no campo. Michaelis não se importaria em ceder um quarto para Stevie dormir. Não havia visitantes e nenhuma conversa. Michaelis estava escrevendo um livro.

A senhora Verloc declarou seu afeto por Michaelis; mencionou sua objeção a Karl Yundt, “velho safado”; e nada disse sobre Ossipon. Quanto a Stevie, ele não poderia ficar mais satisfeito. O senhor Michaelis era sempre tão gentil e bondoso com ele. Parecia gostar do garoto. Bem, o garoto era um bom garoto.

“Você parece ter se tornado muito ligado a ele ultimamente”, ela acrescentou, depois de uma pausa, com segurança inflexível.

O senhor Verloc, tentando colocar a caixa de cartolina em um pacote para o correio, quebrou a corda com um puxão desastrado, e sussurrou vários palavrões, confidencialmente para si mesmo. Então, erguendo seu tom para seu habitual murmúrio rouco, anunciou sua intenção de levar Stevie ao campo ele mesmo, e deixá-lo seguro com Michaelis.

Ele executou seu plano logo no dia seguinte. Stevie não pôs objeção. Ele parecia muito ansioso, de um jeito confuso. Voltava seu olhar inocente de modo inquisidor para a feição pesada do senhor Verloc, em intervalos frequentes, especialmente quando sua irmã não estava olhando para ele. Sua expressão era orgulhosa, apreensiva e concentrada, como a de uma pequena criança, a quem lhe confiam pela primeira vez uma caixa de fósforos e a permissão de riscar um deles. Mas a senhora Verloc, grata pela docilidade de seu irmão, lhe recomendava a não sujar suas roupas indevidamente no campo. A isso, Stevie deu um olhar à sua irmã, guardiã e protetora, que pela primeira vez em sua vida parecia não ter a qualidade da perfeita confiança infantil. Era arrogante e sombrio. A senhora Verloc sorriu.

“Meu Deus! Não precisa se ofender. Você sabe que consegue ficar bem sujo quando tem uma chance, Stevie”.

O senhor Verloc já avançava um bom trecho pela rua.

Assim, em consequência das heróicas atitudes de sua mãe, e da ausência de seu irmão por esta ida ao campo, a senhora Verloc se descobriu totalmente sozinha, com mais frequência, não apenas na loja, mas também em casa. Pois o senhor Verloc tinha de dar suas caminhadas. Ela estava sozinha por mais tempo que o habitual no dia da tentativa de atentado a bomba no Greenwich Park, porque o senhor Verloc saiu bem cedo naquela manhã e não voltou até quase o cair da noite. Ela não se importava em ficar sozinha. Ela não tinha desejo de sair. O tempo estava tão ruim, e a loja era mais aconchegante que as ruas. Sentada atrás do balcão, costurando algo, ela não levantou seus

olhos de seu trabalho quando o senhor Verloc entrou com o agressivo retinir do sino. Ela reconhecera seus passos na calçada, lá fora.

Ela não levantou os olhos, mas quando o senhor Verloc, quieto, e com seu chapéu enfiado até a testa, foi diretamente para a porta da sala de estar, ela disse com serenidade:

“Que dia ruim. Talvez você tenha ido ver Stevie?”

“Não, não fui”, disse o senhor Verloc suavemente, e bateu a porta de vidro da sala de estar com inesperada energia.

Por algum tempo, a senhora Verloc permaneceu parada, com seu trabalho caído sobre seu colo, até que ela o colocou sob o balcão e se levantou para acender o gás. Isso feito, ela foi até a sala de estar, em seu trajeto até a cozinha. O senhor Verloc queria seu chá naquele momento. Confiante no poder de seus encantos, Winnie não esperava de seu marido, no relacionamento diário de sua vida de casada, uma amenidade cerimoniosa de falar e cortesia de modos; formas vãs e antiquadas na melhor das hipóteses, provavelmente nunca muito exatamente observadas, descartadas hoje em dia, mesmo nas esferas mais altas, e sempre estranhas aos padrões da classe dela. Ela não esperava por cortesias da parte dele. Mas ele era um bom marido, e ela tinha um respeito leal pelos direitos dele.

A senhora Verloc teria passado pela sala de estar e seguido aos seus afazeres domésticos na cozinha com a perfeita serenidade de uma mulher certa do poder de seus encantos. Mas um leve chocalhar, muito leve e rápido, chegou aos seus ouvidos. Bizarro e incompreensível, atraiu a atenção da senhora Verloc. Então, assim que seu caráter se tornou claro ao ouvido, ela parou de pronto, surpresa e preocupada. Acendendo um fósforo da caixa que ela tinha em mãos, ela se voltou e iluminou, acima da mesa da sala de jantar, um dos bicos de gás que, estando com defeito, primeiro assobiava, como se surpreso, e então seguia ronronando confortavelmente como um gato.

O senhor Verloc, contra sua prática habitual, lançara longe seu sobretudo. Estava deitado no sofá. Seu chapéu, que ele também lançara, estava virado sob a borda do sofá. Ele puxara uma cadeira para diante da lareira, com os pés plantados dentro da proteção da lareira, sua

cabeça entre as mãos, ele se encurvava sobre as brasas. Seus dentes batiam com uma violência incontrollável, fazendo com que as suas enormes costas tremessem da mesma forma. A senhora Verloc se assustou.

“Você se molhou”, ela disse.

“Nem tanto”, o senhor Verloc conseguiu balbuciar com um profundo tremor. Com grande esforço, ele reprimiu o chacoalhar de seus dentes.

“Eu mesma vou lhe deitar”, ela disse, verdadeiramente intranquila.

“Acho que não”, observou o senhor Verloc, fungando violentamente.

Por certo que, de alguma forma, ele tramara ficar abominavelmente resfriado entre as sete da manhã e as cinco da tarde. A senhora Verloc olhou para as suas costas encurvadas.

“Onde você esteve hoje?”, ela quis saber.

“Em lugar nenhum”, respondeu o senhor Verloc com a voz baixa, no tom de seu nariz entupido. Sua atitude sugeria um ressentido mal-humor ou uma severa dor de cabeça. As poucas e culpadas palavras de sua resposta se tornaram dolorosamente aparentes no silêncio morto do quarto. Ele fungou como se pedisse desculpas, e acrescentou: “Fui ao banco”.

A senhora Verloc se tornou mais atenciosa.

“Você foi?”, ela disse sem paixão. “Para que?”

O senhor Verloc murmurou, com seu nariz sobre a lareira, e com acentuada má vontade.

“Tirar dinheiro!”

“O que quer dizer? Todo o dinheiro?”

“Sim, todo o dinheiro”.

A senhora Verloc estendeu cuidadosamente a parca toalha de mesa, tirou duas facas e dois garfos da gaveta e logo parou com seus procedimentos metódicos.

“Para que?”

“Posso precisar logo”, falou vagamente o senhor Verloc com o nariz entupido, chegando ao fim de suas calculadas indiscrições.

“Não sei o que você quer dizer”, observou sua esposa, de modo perfeitamente casual, mas completamente imóvel, entre a mesa e o armário.

“Você sabe que pode confiar em mim”, o senhor Verloc observou para a lareira, com um sentimento áspero.

A senhora Verloc voltou-se lentamente para o armário, dizendo decididamente:

“Ah sim. Eu confio em você”.

E ela prosseguiu com seus procedimentos metódicos. Ela colocou dois pratos, pegou o pão e a manteiga, indo e voltando em silêncio, da mesa para o armário, na paz e no silêncio de sua casa. A ponto de pegar a geleia, ela refletiu com praticidade: “Ele deve estar faminto, estando fora por todo o dia”, e voltou para o armário mais uma vez para pegar a carne fria. Ela a colocou sob o jato de gás chiando, e passando o olhar sobre seu marido imóvel, envolvendo o fogo, ela desceu (dois degraus) para a cozinha. Foi somente quando voltou, faca e garfo para a carne nas mãos, que ela falou outra vez.

“Se eu não confiasse, não teria me casado com você”.

Inclinado sobre o suporte superior da lareira, o senhor Verloc, segurando sua cabeça com as duas mãos, parecia ter caído no sono. Winnie fez o chá e o chamou com voz baixa.

“Adolf”.

O senhor Verloc se ergueu imediatamente e vacilou antes de se sentar à mesa. Sua esposa, examinando a lâmina afiada da faca de cortar carne, a colocou sobre o prato e chamou a atenção dele para a carne fria. Ele pareceu insensível à sugestão, com o queixo sobre o peito.

“Você tem de cuidar de seu resfriado”, disse dogmaticamente a senhora Verloc.

Ele subiu o olhar e balançou a cabeça. Seus olhos estavam injetados e seu rosto, vermelho. Seus dedos ondularam os cabelos até os desarrumar por completo. Todo o seu aspecto era degradante, expressando o desconforto, a irritação e a tristeza que se segue a uma farra pesada. Mas o senhor Verloc não era um farrista. Sua conduta o fazia respeitável. Sua aparência podia ser o efeito de um febril resfriado. Ele bebeu três copos de chá, mas se absteve da refeição por completo. Ele se afastou dela com a sombria aversão ao ser solicitado pela senhora Verloc, que disse finalmente:

“Seus pés não estão molhados? Melhor calçar seus chinelos. Você não sairá mais esta noite”.

O senhor Verloc comunicou, por meio de grunhidos e sinais lentos, que seus pés não estavam molhados, e que de forma alguma ele se importava com isso. A proposta sobre os chinelos foi desconsiderada por sob tal aviso. Mas a questão de sair à noite recebeu um desenrolar inesperado. Não era sobre sair à noite que pensava o senhor Verloc. Seus pensamentos envolviam um plano ainda maior. Por frases irritadas e incompletas, se tornou aparente que o senhor Verloc estava considerando o recurso de emigrar. Não estava claro se ele tinha em mente a França ou a Califórnia.

O evento, por tão inesperado, improvável e inconcebível, roubou a vaga declaração de todo o seu efeito. A senhora Verloc, tão plácida quanto se seu marido a estivesse ameaçando com o fim do mundo, disse:

“Que ideia!”

O senhor Verloc se declarou farto e cheio de tudo, e além disso... ela o interrompeu.

“Você está com um péssimo resfriado”.

Estava bem óbvio que o senhor Verloc não estava em seu estado habitual, física e mesmo mentalmente. Uma sombria indecisão o manteve calado por um instante. Depois, ele murmurou algumas banalidades agourentas sobre a questão da necessidade.

“Seremos obrigados”, repetiu Winnie, sentando-se calmamente, com os braços cruzados, defronte ao seu marido. “Queria saber quem lhe obriga. Você não é um escravo. Você não precisa ser um escravo neste país – e não se torne um”. Ela parou, e com uma franqueza invencível e rígida. “O negócio não vai tão mal”, ela continuou. “Você tem uma casa confortável”.

Ela olhou por toda a sala de estar, desde o armário de canto até o bom fogo na lareira. Abrigada confortavelmente atrás da loja de produtos duvidosos, com a misteriosa janela mal iluminada, e sua porta suspeitosamente aberta na rua obscura e estreita, era, na essência da propriedade e do conforto domésticos, um lar respeitável. Sua afetuosa devoção sentia saudade de seu irmão Stevie, que agora desfrutava de uma úmida estadia nas trilhas de Kentish, aos cuidados do senhor Michaelis. Ela a sentia de forma aguda, com toda a força de sua paixão protetora. Aquele era o lar do garoto, também: o teto, o armário, a fornida lareira. Com este pensamento, a senhora Verloc se levantou e, indo até o outro lado da mesa, disse com todo o seu coração:

“E você não está cansado de mim”.

O senhor Verloc não emitiu nenhum som. Winnie apoiou-se em seu ombro, por detrás, e pressionou seus lábios contra a testa dele. E assim ela se deteve. Nem um sussurro vindo do mundo exterior lhes alcançou.

O som de passos sobre a calçada morreu no discreto lusco-fusco da loja. Apenas o gás acima da mesa continuava ronronando da mesma forma, no taciturno silêncio da sala de estar.

Durante o contato daquele beijo inesperado e longo, o senhor Verloc, agarrando com ambas as mãos as bordas de sua cadeira, preservou uma hierática imobilidade. Quando a pressão terminou, ele soltou a cadeira, levantou e ficou diante da lareira. Ele já não dava mais as costas para a sala. Com seu rosto inchado e o ar de estar drogado, ele seguia os movimentos de sua esposa com os olhos.

A senhora Verloc andava com serenidade, limpando a mesa. Sua voz tranquila comentou a ideia lançada em um tom razoável e doméstico. A ideia não aguentaria uma análise. Ela a condenava sob

qualquer ponto de vista. Mas sua única real preocupação era o bem estar de Stevie. Para ela, ele aparentava, naquele sentido, ser bastante “peculiar” para não ser levado abruptamente para outro país. E isso era tudo. Mas discutindo sobre este ponto vital, ela se aproximou da veemência absoluta ao se exprimir. Enquanto isso, com movimentos bruscos, ela vestiu um avental para lavar as xícaras. E, como se excitada pelo som de sua voz não contradita, ela chegou ao ponto mesmo de dizer, em um tom quase mordaz:

“Se você emigrar, terá de ir sem mim”.

“Você sabe que eu não iria”, disse o senhor Verloc com rouquidão, e a voz sem ressonância de sua vida particular tremeu com uma emoção enigmática.

A senhora Verloc já se arrependia de suas palavras. Elas soaram mais maldosas do que ela pretendia. Elas também tinham a falta de sabedoria das coisas desnecessárias. Na verdade, ela nunca quis dizer aquilo. Era um tipo de frase que se sugeria por um demônio de inspiração perversa. Mas ela sabia como fazer para que a frase não soasse assim.

Ela voltou sua cabeça acima do ombro e deu àquele homem, plantado pesadamente diante da lareira, um olhar meio travesso, meio cruel, com seus grandes olhos... Um olhar que a Winnie dos dias da mansão em Belgravia teria sido incapaz, por causa da sua respeitabilidade e de sua ignorância. Mas o homem era seu marido agora, e ela não era mais uma ignorante. Ela o manteve por um segundo inteiro, com seu rosto grave e imóvel, como uma máscara, enquanto ela disse em tom de brincadeira:

“Você não conseguiria. Sentiria muitas saudades de mim”.

O senhor Verloc deu um pulo para a frente.

“Exato”, ele disse em voz alta, estendendo seus braços e avançando na direção dela. Algo louco e duvidoso em seu semblante o fez parecer sem saber se ele queria estrangular ou abraçar sua esposa. Mas a atenção da senhora Verloc foi atraída pela manifestação do sino na porta da loja.



“A loja, Adolf. Vá”.

Ele parou, e seus braços caíram lentamente.

“Vá”, repetiu a senhora Verloc. “Estou de avental”.

O senhor Verloc obedeceu sem jeito, os olhos petrificados, como um autômato cujo rosto foi pintado de vermelho. E esta semelhança com uma figura mecânica foi até tal ponto, que ele tinha o ar absurdo de um autômato que se dá conta do mecanismo dentro de si.

Ele fechou a porta da sala de estar e a senhora Verloc, movendo-se rapidamente, levou a bandeja para a cozinha. Ela lavou as xícaras e algumas outras coisas, antes de parar seu trabalho para escutar. Nenhum som chegou até ela. O cliente estava há algum tempo na loja. Era um cliente porque, se não fosse, o senhor Verloc o levaria para dentro. Soltando seu avental com um puxão, ela o jogou sobre a cadeira e voltou lentamente para a sala de estar.

Naquele preciso momento, o senhor Verloc voltou da loja.

Ele fora vermelho. Voltara como um estranho papel branco. Seu rosto, perdendo o estupor, drogado e febril, tinha, naquele curto espaço de tempo, adquirido uma expressão aturdida e perturbada. Ele caminhou diretamente para o sofá e ficou a observar seu sobretudo que ali jazia, como se tivesse medo de tocá-lo.

“Qual é o problema?”, perguntou a senhora Verloc com a voz branda. Pela porta escancarada, ela podia ver que o cliente ainda não fora embora.

“Soube que terei de partir nesta noite”, disse o senhor Verloc. Ele não tentou pegar seu abrigo.

Sem uma palavra, Winnie foi até a loja e, fechando a porta atrás de si, caminhou para o balcão. Ela não olhou abertamente para o cliente, até que se fez confortavelmente estabelecida na cadeira. Mas, por aquele momento, ela notara que ele era alto e magro, e tinha as pontas de seu bigode para cima. Na verdade, ele acabara de cofiar as pontas finas. Seu rosto, longo e ossudo, saía de um colarinho levantado. Ele estava um pouco enlameado, um pouco úmido. Um homem escuro, com

a linha de sua mandíbula bem definida sob as têmporas levemente côncavas. Um total estranho. Também não era um cliente.

A senhora Verloc olhou para ele com placidez.

“Você veio do continente?”, ela disse depois de um tempo.

O comprido e magro estranho, sem olhar exatamente para senhora Verloc, respondeu apenas com um sorriso débil e peculiar.

O olhar fixo e indiferente da senhora Verloc se demorou sobre ele.

“Você compreende inglês, não?”

“Ah sim, eu entendo inglês”.

Não havia nada estrangeiro em seu sotaque, exceto que, em sua lenta pronúncia, ele parecia se incomodar com isso. E a senhora Verloc, em sua ampla experiência, concluíra que alguns estrangeiros podem falar inglês melhor que os nativos. Ela disse, sem tirar os olhos da porta da sala de estar:

“Você não pensa talvez em ficar para sempre na Inglaterra?”

Novamente o estranho lhe deu um sorriso silencioso. Ele tinha uma boca bondosa e olhos perscrutadores. E pareceu que ele balançou sua cabeça com um pouco de tristeza.

“Meu marido lhe verá em um outro momento. Enquanto isso, por alguns dias o melhor a fazer é se hospedar com o senhor Giugliani. O hotel se chama Continental. Privado. Tranquilo. Meu marido o levará até lá”.

“Uma boa ideia”, disse o homem magro e escuro, cujo olhar se endurecera repentinamente.

“Você já conhecia o senhor Verloc de antes, não? Talvez na França?”

“Ouvi falar sobre ele”, admitiu o visitante com sua voz lenta e complicada, que ainda tinha uma intenção de brevidade.

Houve uma pausa. Então ele falou novamente, de maneira bem menos elaborada.

“Seu marido não saiu para me esperar na rua?”

“Na rua!”, repetiu a senhora Verloc, surpresa. “Ele não poderia. Não há outra porta na casa”.

Por um momento ela sentou-se impassível, depois se ergueu para espiar pela porta de vidro. De súbito ela a abriu e desapareceu pela sala de estar.

O senhor Verloc não fizera mais do que vestir seu sobretudo. Mas ela não podia entender por que ele continuava se apoiando sobre seus dois braços na mesa, como se estivesse enjoado ou tonto. “Adolf”, ela chamou a meia voz; e, quando ele se ergueu:

“Você conhece esse homem?”, ela perguntou rapidamente.

“Ouvi falar sobre ele”, sussurrou intranquilo o senhor Verloc, lançando um olhar selvagem para a porta.

Os olhos belos e indiferentes da senhora Verloc se acenderam com um irromper de repugnância.

“Um dos amigos de Karl Yundt – esse velho bestial”.

“Não, não”, protestou o senhor Verloc, ocupado em encontrar seu chapéu. Mas, quando o pegou do sofá, ele o segurou como se não soubesse fazer uso dele.

“Bem, ele está lhe esperando”, disse a senhora Verloc, por fim. “Adolf, ele não é uma das pessoas da embaixada que têm lhe importunado ultimamente?”

“Importunado pelas pessoas da embaixada”, repetiu o senhor Verloc, com um pesado sobressalto de surpresa e medo. “Quem lhe falou do pessoal da embaixada?”

“Você mesmo”.

“Eu! Eu! Falar da embaixada para você!”

O senhor Verloc parecia assustado e horrorizado sem medidas. Sua esposa explicou:

“Você tem falado algumas coisas enquanto dorme ultimamente, Adolf”.

“O que – o que eu disse? O que você sabe?”

“Nada demais. Pareciam mais coisas sem sentido. O bastante para me deixar adivinhar que algo lhe preocupava”.

O senhor Verloc enfiou o chapéu na cabeça. Uma corrente carmesim de ódio varreu sua face.

“Coisas sem sentido, hein? As pessoas da embaixada! Eu tiraria o coração de cada um deles. Mas logo verão. Tenho uma língua na cabeça”.

Ele estava furibundo, indo de um lado a outro entre a mesa e o sofá, seu sobretudo aberto batendo contra todos os ângulos. A maré vermelha de ódio baixou e deixou seu rosto inteiramente branco, com as narinas trêmulas. A senhora Verloc, para os propósitos da existência prática, deixou passar essa aparência.

“Bem”, ela disse, “livre-se do homem, seja ele quem for, o mais rápido possível e volte para casa. Você precisa descansar um ou dois dias”.

O senhor Verloc se acalmou e, com a decisão impressa em seu rosto pálido, já abria a porta quando sua esposa o chamou de volta em um sussurro:

“Adolf! Adolf!” Ele voltou assustado. “E o dinheiro que você sacou?”, ela perguntou. “Está no seu bolso? Não seria melhor...”

O senhor Verloc olhou estupidamente para a palma estendida da mão de sua mulher por algum tempo, antes de bater em sua testa.

“Dinheiro! Sim, claro! Eu não sabia do que você falava”.

Ele retirou do bolso interno uma carteira nova de pele de porco. A senhora Verloc a recebeu sem mais falar e ficou parada até que o sino, ressoando diante do senhor Verloc e do visitante do senhor Verloc, se aquietou. Só depois disso ela espiou para ver quanto havia, tirando as notas para tal propósito. Depois desta inspeção, olhou pensativa ao redor, com um ar de desconfiança no silêncio e na solidão da casa. Esta morada de sua vida de casada lhe parecia tão solitária e insegura como se estivesse localizada no meio de uma floresta. Ela não podia pensar em nenhum receptáculo dentre a sólida e pesada mobília, que mais parecia frágil e particularmente tentadora à sua concepção de ladrão de

residências. Era um conceito ideal, beneficiado com sublimes faculdades e uma inspiração miraculosa. Não se poderia pensar na gaveta. Seria o primeiro lugar onde o ladrão procuraria. A senhora Verloc, soltando apressadamente dois ganchos, enfiou a carteira sob seu espartilho. Tendo assim guardado o capital de seu marido, ela ficou mais aliviada ao ouvir o ressoar do sino da porta, anunciando uma chegada. Assumindo o olhar fixo e imperturbável, a expressão pétrea que reservava para o cliente casual, ela caminhou para trás do balcão.

Um homem, parado no meio da loja, a inspecionava com um olhar aguçado, calmo e abrangente. Seus olhos corriam pelas paredes, foram ao teto, se deram conta do chão – tudo em um momento. As pontas de um longo e claro bigode caíam abaixo da linha da mandíbula. Ele deu um sorriso de uma antiga, embora distante, amizade, e a senhora Verloc se lembrou de tê-lo visto antes. Não era um cliente. Ela suavizou seu “olhar para cliente” até uma mera indiferença, e o encarou do balcão.

Ele se aproximou, por seu turno, confiante mas sem aparentar tanto.

“O seu marido está, senhora Verloc?”, ele perguntou com voz tranquila e firme.

“Não, ele saiu”.

“Lamento por isso. Estou aqui para obter uma pequena informação particular”.

Aquela era a verdade exata. O Inspetor Chefe Heat fora até sua casa e chegara mesmo a pensar em calçar seus chinelos, já que ele praticamente estava, como disse a si mesmo, retirado do caso. Ele cedeu a alguns pensamentos desdenhosos, e outros irados, e entendeu que esta ocupação era tão insatisfatória que decidiu buscar alívio fora. Nada o evitava de visitar amigavelmente o senhor Verloc, casualmente. Era no caráter de cidadão privado que, saindo em privado, ele fazia uso de seus movimentos costumeiros. Em geral, as direções que estas tomavam eram até a casa do senhor Verloc. O Inspetor Chefe Heat respeitava tão a fundo seu próprio caráter privado, que tomava cuidados especiais para evitar todos os policiais vigiando ou patrulhando as vizinhanças de

Brett Street. Esta precaução era muito mais necessária para um homem em sua posição do que para um obscuro Comissário Assistente. O Cidadão Privado Heat entrou pela rua, movendo-se de modo no qual um membro das classes criminais seria estigmatizado como fugidio. O pedaço de pano que ele pegou em Greenwich estava em seu bolso. Não que ele tivesse a menor intenção de mostrá-lo, em sua função privada. Ao contrário, ele queria saber apenas o que o senhor Verloc estaria disposto a dizer por vontade própria. Ele esperava que a conversa do senhor Verloc seria de modo a incriminar Michaelis. Era uma esperança conscientemente profissional, no geral, mas não sem seu valor moral. Pois o Inspetor Chefe Heat era um servidor da justiça. Vendo que o senhor Verloc não estava em casa, ele se sentiu desapontado.

“Eu esperaria por ele se tivesse certeza de que ele não demoraria”, ele disse.

A senhora Verloc não ofereceu garantias de nenhum tipo.

“A informação que preciso é muito particular”, ele repetiu. “Você entende o que quero dizer? Será que você poderia me dar uma ideia de onde ele foi?”

A senhora Verloc balançou sua cabeça.

“Não sei dizer”.

Ela voltou-se para acomodar algumas caixas nas estantes atrás do balcão. O Inspetor Chefe Heat olhou pensativamente para ela por algum tempo.

“Suponho que você saiba quem eu sou”, ele disse.

A senhora Verloc olhou sobre o ombro. O Inspetor Chefe Heat surpreendeu-se com a sua calma.

“Vamos! Você sabe que trabalho para a polícia”, ele disse, afiado.

“Não me incomode muito com isso”, observou a senhora Verloc, voltando para a arrumação das caixas.

“Meu nome é Heat. Inspetor Chefe Heat da seção de Crimes Especiais”.

A senhora Verloc ajustou com precisão uma pequena caixa de cartolina em seu lugar, encarou-o novamente, com os olhos pesados e as mãos negligentes, livremente suspensas. Um silêncio reinou por um tempo.

“Então seu marido saiu há quinze minutos! E ele não disse quando voltaria?”

“Ele não saiu sozinho”, a senhora Verloc deixou escapar de má vontade.

“Um amigo?”

A senhora Verloc mexeu atrás do cabelo. Estava perfeitamente arrumado.

“Um estranho que apareceu”.

“Sei. Que tipo de homem era este estranho? Você se importaria em me dizer?”

A senhora Verloc não se importava. E, quando o Inspetor Chefe Heat ouviu sobre um homem escuro, magro, com um rosto comprido e bigodes voltados para cima, deu sinais de perturbação e exclamou:

“Mas eu já sabia! Ele não perdeu tempo”.

Ele estava completamente desgostoso, do fundo do seu coração, pela conduta nada oficial de seu chefe imediato. Mas ele não era quixotesco. Ele perdera toda a vontade de esperar pelo retorno do senhor Verloc. Para o que saíram, ele não sabia, mas imaginava ser possível que voltariam juntos. O caso não está sendo conduzido apropriadamente, estão se metendo nele, ele pensou com amargura.

“Temo não ter tempo para aguardar seu marido”, ele disse.

A senhora Verloc recebeu tal declaração com desinteresse. Seu desprendimento impressionara o Inspetor Chefe Heat por completo. Naquele preciso momento, isso aguçava sua curiosidade. O Inspetor Chefe Heat estava suspenso ao vento, levado pelas suas paixões como o mais privado dos cidadãos.

“Acho”, ele disse, olhando fixamente para ela, “que você pode me dar uma boa ideia do que está acontecendo, caso queira”.

Forçando seus belos e inertes olhos a fitar o olhar fixo dele, a senhora Verloc murmurou:

“Acontecendo! O que está acontecendo?”

“Ora, o caso que vim discutir um pouco com seu marido”.

Naquele dia, a senhora Verloc olhara nos jornais da manhã como de hábito. Mas ela não saíra à rua. Os jornaleiros nunca invadiam Brett Street. Não era uma rua para aquele negócio. E o eco dos seus gritos, espalhando-se pelas avenidas populosas, morria entre as sujas paredes de tijolos, sem chegar ao umbral da loja. Seu marido não trouxera os diários vespertinos. De qualquer forma, ela não vira aquilo. A senhora Verloc não sabia nada de caso algum. E foi o que ela disse, com um tom verdadeiro de surpresa em sua voz tranquila.

O Inspetor Chefe Heat não acreditou por momento algum em tanta desinformação. Ríspido e sem amabilidade, ele declarou simplesmente o fato.

A senhora Verloc desviou seu olhar.

“Eu acho isso imbecil”, ela disse lentamente. Ela parou. “Não somos escravos humilhados aqui”.

O Inspetor Chefe aguardou, observando. Nada mais veio.

“E seu marido não mencionou nada a você quando voltou para casa?”

A senhora Verloc simplesmente virou seu rosto da direita para a esquerda em sinal de negativa. Um silêncio lânguido e embaraçoso dominou a loja. O Inspetor Chefe Heat se sentiu provocado além do que poderia resistir.

“Há outra questão menor”, ele começou em um tom desapegado, “que eu queria tratar com seu marido. Chegou a nossas mãos um... um... o que achamos é... um sobretudo roubado”.

A senhora Verloc, com sua mente especialmente atenta a ladrões naquela noite, tocou levemente o peito de seu vestido.

“Não perdemos nenhum sobretudo”, ela disse calmamente.



“Isso é engraçado”, continuou o Cidadão Privado Heat. “Vejo que há muita tinta de postagem aqui...”

Ele pegou um pequeno frasco e olhou para ele contra a luz de gás no meio da loja.

“Púrpura, não é?”, ele observou, colocando-o no lugar novamente. “Como eu disse, estranho. Porque o sobretudo tinha uma etiqueta costurada por dentro com seu endereço marcado em tinta de postagem”.

A senhora Verloc se inclinou sobre o balcão com uma exclamação em voz baixa.

“É do meu irmão, então”.

“Onde está seu irmão? Posso vê-lo?”, perguntou rispidamente o Inspetor Chefe. A senhora Verloc se inclinou um pouco mais sobre o balcão.

“Não, ele não está aqui. Eu mesma escrevi a etiqueta”.

“Onde está seu irmão agora?”

“Está fora com... um amigo... no campo”.

“O sobretudo vem do interior. E qual é o nome do amigo?”

“Michaelis”, confessou a senhora Verloc em um sussurro apavorado.

O Inspetor Chefe soltou um assobio. Seus olhos faiscaram.

“Justo. Fundamental. Agora, seu irmão, como ele é... um rapaz robusto e moreno, hein?”

“Ah não”, exclamou a senhora Verloc com fervor. “Este deve ser o ladrão. Stevie é magro e claro”.

“Bom”, disse o Inspetor Chefe em um tom aprovador. E, enquanto a senhora Verloc, oscilando entre a preocupação e a surpresa, o olhava, ele buscou por informações. Porque o endereço foi costurado desta maneira dentro do casaco? E ele ouvia que os restos mutilados que inspecionara naquela manhã, com extrema repugnância, eram os de um jovem, nervoso, de mente distraída, peculiar, e que também a mulher que lhe falava se encarregara daquele garoto desde que ele era um bebê.

“Facilmente excitável?”, ele sugeriu.

“Ah sim. Ele é. Mas como ele perdeu seu casaco...”

O Inspetor Chefe Heat repentinamente tirou um jornal em papel cor de rosa que ele comprara há menos de meia hora. Ele se interessava por cavalos. Forçado pela sua vocação a assumir uma atitude de dúvida e suspeita em relação aos seus conterrâneos, o Inspetor Chefe Heat aliviou o instinto de credulidade implantando no peito humano ao despejar uma fé sem limites nos profetas do esporte daquela publicação vespertina em particular. Jogando o jornal extra no balcão, ele afundou sua mão novamente no bolso e retirou o pedaço de tecido que o destino lhe apresentara com uma pilha de coisas que pareciam ter sido coletadas em matadouros e lojas de trapos, oferecendo-o para a inspeção da senhora Verloc.

“Suponho que você reconheça isso”.

Ela o pegou mecanicamente com as duas mãos. Seus olhos pareciam aumentar à medida que olhava.

“Sim”, ela sussurrou, então ergueu sua cabeça e cambaleou para trás um pouco.

“Porque está estragado deste jeito?”

O Inspetor Chefe tirou das mãos dela o tecido e ela sentou-se gravemente na cadeira. Ele pensou: identificação perfeita. E, naquele momento, ele vislumbrou toda a verdade. Verloc era o “outro homem”.

“senhora Verloc”, ele disse, “me surpreende que você saiba mais sobre este caso da bomba do que você mesma acredita saber”.

A senhora Verloc sentava-se imóvel, aturdida, perdida em infinito assombro. Qual era a conexão? Ela ficou tão completamente rígida que não foi capaz de voltar sua cabeça ao ressoar do sino, que fez o investigador privado Heat girar em seus calcanhares. O senhor Verloc trancara a porta, e por um momento os dois homens se entreolharam.

O senhor Verloc, sem olhar para a sua esposa, caminhou até o Inspetor Chefe, que ficou aliviado ao vê-lo voltar sozinho.

“Você aqui!”, sussurrou pesadamente o senhor Verloc. “Quem você procura?”

“Ninguém”, disse o Inspetor Chefe Heat em voz baixa. “Olhe, gostaria de trocar algumas palavras com você”.

O senhor Verloc, ainda pálido, trouxera um ar de resolução com ele. Ainda não olhara para a sua esposa. Ele disse:

“Entre, então”. E ele o conduziu até a sala de estar.

A porta mal foi fechada quando a senhora Verloc, saltando da cadeira, correu até ela como fosse escancará-la, mas ao invés disso caiu de joelhos, com seu ouvido na fechadura. Os dois homens deviam ter parado imediatamente assim que entraram, porque ela ouvia claramente a voz do Inspetor Chefe Heat, embora não pudesse ver seu dedo enfaticamente pressionando o peito de seu marido.

“Você é o outro homem, Verloc. Dois homens foram vistos entrando no parque”.

E a voz do senhor Verloc disse:

“Bem, leve-me agora. O que lhe impede? Você tem o direito”.

“Ah não! Sei muito bem a quem você estava se abrindo. Ele terá de lidar com este pequeno caso sozinho. Mas não cometa um erro, fui eu quem lhe descobri”.

Depois, ela ouviu apenas balbucios. O Inspetor Heat devia mostrar ao senhor Verloc o pedaço do sobretudo de Stevie, porque a irmã, guardiã e protetora de Stevie ouviu seu marido um pouco mais alto.

“Nunca percebi que ela tinha entendido essa jogada”.

Novamente, por um momento, a senhora Verloc não ouvia nada além de murmúrios, cujo mistério era menos assustador ao seu cérebro do que as horríveis sugestões das palavras completas. Então, o Inspetor Chefe Heat, ao outro lado da porta, ergueu sua voz.

“Você deve ter enlouquecido”.

E a voz do senhor Verloc respondeu, com um tipo de triste fúria:

“Estive louco por um mês ou mais, mas não estou louco agora. Acabou. Tudo deve sair da minha cabeça e vou aguentar as consequências”.

Houve um silêncio, e então o Cidadão Privado Heat murmurou:

“O que está saindo?”

“Tudo”, exclamou a voz do senhor Verloc, e então caiu para muito baixo.

Depois de um momento, ergueu-se de novo.

“Você me conhece já por vários anos, e me acha muito útil, também. Você sabe que sou um homem direito. Sim, direito”.

Este apelo à velha amizade deve ter sido extremamente desgostoso ao Inspetor Chefe.

Sua voz tomou um tom de advertência.

“Não confie tanto no que lhe prometeram. Se eu fosse você, fugiria. Não acho que iríamos atrás de você”.

Ouviu-se o senhor Verloc rir um pouco.

“Ah sim; você espera que os outros se livrem de mim para você, não é? Não, não; você não me assusta agora. Fui um homem direito a estas pessoas por muito tempo, e agora tudo deve ser revelado”.

“Que se revele, então”, a voz indiferente do Inspetor Chefe Heat consentiu. “Mas diga-me o que você lhe contou”.

“Eu estava indo a Chesterfield Walk”, ouviu a senhora Verloc a voz de seu marido, “quando ouvi o estrondo. Comecei a correr, então. Neblina. Não vi ninguém até que passei o final da George Street. Não acho que encontrei ninguém, até então”.

“Fácil assim!”, maravilhou-se a voz do Inspetor Chefe Heat. “O estrondo lhe assustou, hein?”

“Sim, veio muito rápido”, confessou a voz triste e rouca do senhor Verloc.

A senhora Verloc apertou o ouvido contra a fechadura; seus lábios estavam azuis, suas mãos frias como gelo e seu rosto pálido, nos quais os dois olhos pareciam dois buracos negros, lhe fizeram sentir como se estivessem envoltos em chamas.

Ao outro lado da porta, as vozes caíram para bem baixo. Ela pegava as palavras de vez em quando, às vezes da voz de seu marido, às

vezes dos tons ágeis do Inspetor Chefe. Ela ouviu este último dizer:

“Será que ele tropeçou na raiz de uma árvore?”

Houve um rouco e volúvel murmúrio, que durou por algum tempo, e então o Inspetor Chefe, como se respondendo a alguma pergunta, falou enfaticamente:

“Claro. Reduzido a pequenos pedaços: membros, cascalho, ossos, fragmentos – tudo misturado junto. Digo-lhe que tiveram de usar uma pá para reuni-lo”.

A senhora Verloc, levantando-se repentinamente de sua posição ajoelhada e tirando seus ouvidos da porta, ia e voltava entre o balcão e as estantes na parede, na direção da cadeira. Seus olhos enlouquecidos notaram o jornal de esportes deixado pelo Inspetor Chefe, e enquanto ela se chocava contra o balcão, ela o agarrou, caiu na cadeira, rasgou a folha otimista e rosa na tentativa de abri-lo, então o jogou no chão. Ao outro lado da porta, o Inspetor Chefe Heat estava dizendo ao senhor Verloc, o agente secreto:

“Então sua defesa será praticamente uma confissão completa?”

“Será. Irei contar a história toda”.

“Ninguém lhe acreditará como você imagina que irão”.

E o Inspetor Chefe permaneceu pensativo. A reviravolta que este caso tomava significava a revelação de muitas coisas – o desperdício de campos do conhecimento que, cultivados por um homem capaz, tinha o valor distinto para o indivíduo e para a sociedade. Era uma confusão triste, muito triste. Deixaria Michaelis incólume; traria à luz a indústria doméstica do Professor; desorganizaria todo o sistema de supervisão; causaria manchetes sem fim nos jornais que – daquele ponto de vista, lhe parecia por uma súbita iluminação – invariavelmente eram escritos por tolos para a leitura por imbecis. Mentalmente, ele concordava com as palavras que o senhor Verloc soltava ao final, em resposta ao seu último comentário.

“Talvez não. Mas desordenará muitas coisas. Tenho sido um homem direito, e devo me manter direito nisso...”

“Se lhe deixarem”, disse o Inspetor Chefe cinicamente. “Você receberá um sermão, sem dúvida, antes de lhe colocarem no banco dos réus. E, no final, você pode ainda pegar uma sentença que lhe surpreenda. Eu não confiaria muito no cavalheiro com quem você esteve conversando”.

O senhor Verloc ouvia, com o rosto fechado.

“Meu conselho a você é que fuja enquanto pode. Não tenho instruções. Há alguns deles”, continuou o Inspetor Chefe Heat, dando um realce peculiar à palavra “deles”, “que acham que você já está fora do mundo”.

“De fato”, o senhor Verloc foi levado a dizer. Embora desde seu retorno de Greenwich, ele passara a maior parte de seu tempo sentado no balcão de um bar obscuro, ele mal poderia ter esperanças por tal favorável notícia.

“Esta é a impressão sobre você”, meneou o Inspetor Chefe para ele. “Fuja. Desapareça”.

“Para onde?”, resmungou o senhor Verloc. Ele ergueu sua cabeça e, olhando para a porta fechada da sala de estar, sussurrou sentido: “Apenas espero que você me leve esta noite. Irei em silêncio”.

“Ouso dizer”, concordou sardonicamente o Inspetor Chefe, seguindo a direção de seu olhar.

A testa do senhor Verloc irrompeu em leve umidade. Ele reduziu sua voz rouca confidencialmente, ante o impassível Inspetor Chefe.

“O rapaz foi meio burro, irresponsável. Qualquer corte veria isso imediatamente. Adequado apenas para um hospício. E que isso seria o pior que teria acontecido a ele se...”

O Inspetor Chefe, as mãos na maçaneta, sussurrou perto do rosto do senhor Verloc.

“Ele pode ter sido meio burro, mas você foi louco. O que lhe levou a perder o juízo desta maneira?”

O senhor Verloc, pensando no senhor Vladimir, não hesitou na escolha das palavras.

“Um porco Hiperbóreo”, ele soltou com violência. “Um que eu poderia chamar de... cavaleiro”.

O Inspetor Chefe, olhos fixos, mexeu a cabeça brevemente em sinal de compreensão; e abriu a porta. A senhora Verloc, atrás do balcão, poderia ter ouvido, mas não viu sua saída, seguida pelo agressivo ressoar do sino. Ela sentou-se sem sua posição de trabalho atrás do balcão. Sentou-se rigidamente ereta na cadeira, com dois pedaços sujos de papel espalhados aos seus pés. As palmas de suas mãos estavam apertadas convulsivamente em seu rosto, com as pontas dos dedos contraídos contra a testa, como se a pele fosse uma máscara que ela estava prestes a arrancar violentamente. A perfeita imobilidade de sua pose expressava a agitação de fúria e desespero, toda a violência potencial das paixões trágicas, melhor que qualquer exibição superficial de gritos, com o bater de uma cabeça distraída contra as paredes, pudesse ter feito. O Inspetor Chefe Heat, cruzando a loja com seu passo ocupado e alternante, deu-lhe apenas um olhar apressado. E, quando o sino quebrado parou de tremer em sua faixa encurvada de aço, nada vibrava perto da senhora Verloc, como se sua atitude tivesse o poder mágico da imobilidade. Mesmo as chamas de gás, em formato de borboleta, saindo das pontas do suporte em T suspenso, ardiam sem bruxulear. Na loja de produtos sombrios, decorada com estantes comerciais pintadas de marrom opaco, que pareciam devorar o resplendor da luz, o círculo dourado do anel de casamento na mão esquerda da senhora Verloc brilhava em excesso, com a glória imaculada de uma peça de algum esplêndido tesouro de joias, jogado em uma lixeira.

## CAPÍTULO X

O Comissário Assistente, levado rapidamente em uma carruagem do bairro do Soho na direção de Westminster, desceu bem no centro do Império onde o sol nunca se põe. Alguns solertes policiais, que não pareciam particularmente impressionados pelo dever de vigiar o lugar augusto, o cumprimentaram. Entrando por um portal alto nas dependências da Casa, que era a Casa, par excellence, nas mentes de muitos milhares de homens, ele foi abordado finalmente pelo volátil e revolucionário Toodles.

Aquele limpo e bom jovem ocultou sua surpresa pela precoce aparição do Comissário Assistente, a quem lhe disseram para procurar, por volta da meia noite. Ele concluía que, por aparecer tão cedo, era o sinal de que as coisas, fossem quais fossem, estavam indo mal. Com uma simpatia extremamente diligente, a que os bons jovens oferecem frequentemente com um alegre temperamento, ele lamentou pela grande Presença, que ele chamava de “O Chefe”, e também pelo Comissário Assistente, cujo rosto lhe pareceu mais preocupante e inflexível do que nunca antes, e bem maravilhosamente longo. “Que cara estranho, com aparência estranha...”, ele pensou consigo mesmo, sorrindo a distância com amistosa animação. E imediatamente depois que se juntaram, ele começou a falar com a boa intenção de enterrar o constrangimento do fracasso sob uma pilha de palavras. Parecia como se o grande assalto, ameaçado para aquela noite, estivesse fadado ao fracasso. Um seguidor inferior “daquele bruto Cheeseman” estava entediando impiedosamente uma Casa muito vazia com algumas estatísticas vergonhosamente manipuladas. Ele, Toodles, esperava a cada minuto que ele esvaziasse a Casa. Mas então, ele apenas poderia marcar o tempo para deixar aquele guloso do Cheeseman jantar ao seu prazer. De qualquer modo, o Chefe não podia ser convencido a voltar para casa.

“Ele o verá imediatamente, acho. Ele está sentado sozinho nesta sala, pensando em todos os peixes do mar”, concluiu Toodles, lentamente. “Vamos”.



A despeito da bondade de sua disposição, o jovem secretário particular (não pago) era acessível às falhas comuns da humanidade. Ele não desejava angustiar os sentimentos do Comissário Assistente, que lhe parecia, de forma rara, um homem que perdera seu emprego. Mas sua curiosidade era muito forte para ser contida por mera compaixão. Ele não podia evitar, enquanto seguiam, jogar levemente o ombro:

“E sua sardinha?”

“Fisgado”, respondeu o Comissário Assistente, com uma concisão que não queria ser nem ao mínimo repelente.

“Ótimo. Você não tem ideia de como estes grandes homens detestam ser desapontados nas menores coisas”.

Depois desta profunda observação, o experiente Toodles pareceu refletir. De qualquer forma, ele nada disse por bons dois segundos. Então:

“Fico feliz. Mas, digo, é realmente uma coisa muito pequena, como você mesmo diz?”

“Você sabe o que pode ser feito com uma sardinha?”, perguntou por sua vez o Comissário Assistente.

“Às vezes, é colocada em uma lata”, riu Toodles, cuja erudição sobre o tema da indústria da pesca estava fresca e, em comparação com sua ignorância de todos os outros assuntos industriais, imenso. “Há fábricas de conservas de sardinha na costa espanhola que...”

O Comissário Assistente interrompeu o aprendiz de estadista.

“Sim, sim. Mas uma sardinha também é lançada, às vezes, para capturar uma baleia”.

“Uma baleia. Uau!”, exclamou Toodles, com a respiração contida. “Você está atrás de uma baleia, então?”

“Não, exatamente. Estou perseguindo o que é mais um esquilo. Você talvez não saiba o que é um esquilo”.

“Sim, eu sei. Estamos enterrados em livros especiais até nossos pescoços – estantes cheias deles – com figuras... É uma besta, nociva, de

aparência vil, completamente detestável, com uma espécie de rosto comprido e bigodes”.

“Descrito tal e qual”, elogiou o Comissário Assistente. “Só que o meu é completamente barbeado. Você já o viu. É um peixe esperto”.

“Eu o vi!”, disse Toodles, incrédulo. “Não posso conceber onde poderia tê-lo visto”.

“No Explorers, eu diria”, soltou o Comissário Assistente calmamente. Ao nome daquele clube extremamente exclusivo, Toodles se assustou e parou imediatamente.

“Besteira”, ele protestou, mas em um tom apavorado. “O que você quer dizer? Um membro?”

“Honorário”, sussurrou o Comissário Assistente, entre os dentes.

“Céus!”

Toodles parecia tão surpreso que o Comissário Assistente sorriu debilmente.

“Isso fica entre nós apenas”, ele disse.

“Esta é a coisa mais brutal que já ouvi na minha vida”, declarou Toodles, debilmente.

O Comissário Assistente lhe deu um olhar sem sorrir. Até que chegassem à porta da sala do grande homem, Toodles preservava um silêncio escandalizado e solene, como se estivesse ofendido com o Comissário Assistente por expor um fato tão de mau gosto e perturbador. Aquilo revolucionava sua ideia da extrema seleção do Explorers’s Club, de sua pureza social. Toodles era revolucionário apenas na política; suas crenças sociais e seus sentimentos pessoais, ele preferia preservar inalterados pelos anos dados a ele nesta terra que, no final das contas, ele acreditava ser um bom lugar para viver.

Ele ficou de lado.

“Entre sem bater”, ele disse.

Cortinas de seda verde caídas sobre todas as luzes davam à sala algo da profunda escuridão da selva. Os olhos arrogantes eram, fisicamente, o ponto fraco do grande homem. Este ponto estava envolto

em segredo. Quando se oferecia uma oportunidade, ele os descansava conscientemente.

Ao entrar, o Comissário Assistente viu primeiro apenas uma grande mão pálida apoiando uma cabeça grande e ocultando a parte superior de um grande rosto pálido. Uma caixa de despachos, aberta, estava sobre a escrivaninha, perto de algumas folhas oblongas de papel e um punhado espalhado de bicos de pena. Não havia absolutamente nada mais na enorme superfície plana, exceto uma estatueta de bronze vestida em uma toga, misteriosamente vigilante em sua sombria imobilidade. O Comissário Assistente, convidado a ocupar uma cadeira, sentou-se. Na parca luz, os pontos salientes de sua personalidade, o rosto comprido, o cabelo negro, sua esqualidez o faziam mais estranho que nunca.

O grande homem não manifestou surpresa, ansiedade ou qualquer outro sentimento. A atitude na qual ele descansava seus olhos ameaçados era profundamente negativa. Ele não a alterava nem um pouco. Mas seu tom não era sonhador.

“Bem! O que você já descobriu? Você se deparou com algo inesperado, em primeiro lugar”.

“Não exatamente inesperado, Sir Ethelred. O que principalmente descobri foi um estado psicológico”.

A Grande Presença fez um leve movimento. “Seja lúcido, por favor”.

“Sim, Sir Ethelred. Sem dúvida, sabe que a maioria dos criminosos, em algum momento, sente uma necessidade irresistível de confessar – de desabafar para alguém. E frequentemente eles o fazem para a polícia. Neste Verloc, a quem Heat queria tanto remexer, encontrei um homem neste particular estado psicológico. O homem, falando figurativamente, se jogou sobre mim. Foi o bastante para eu sussurrar a ele quem eu era e acrescentar, ‘sei que você está metido até o fundo neste caso’. Devia parecer miraculoso a ele que nós já soubéssemos, mas ele aceitou tudo com naturalidade. A surpresa de tudo isso não o bloqueou por um momento. Restava-me apenas colocar a ele duas questões: quem lhe envolveu nisso e quem era o homem que

fez isso. Ele respondeu à primeira com ênfase notável. E, quanto à segunda questão, deduzi que o rapaz com a bomba era seu cunhado, um rapaz esquisito, uma criatura de mente fraca... É um caso muito curioso, muito comprido talvez para explicar completamente agora”.

“O que você descobriu, então?”, perguntou o grande homem.

“Primeiro, descobri que o ex-preso, Michaelis, nada tem a ver com isso, embora de fato o rapaz estivesse vivendo temporariamente com ele no campo, até às oito horas desta manhã. É mais que provável que Michaelis nada saiba sobre isso neste momento”.

“Você está certo disso?”, perguntou o grande homem.

“Bem certo, Sir Ethelred. Este sujeito, Verloc, foi para lá nesta manhã e levou o rapaz sob pretexto de caminhar pelas veredas. Como não era a primeira vez que ele o fazia, Michaelis não poderia ter a menor suspeição de nada incomum. Quanto ao resto, Sir Ethelred, a indignação deste sujeito, Verloc, não deixa nada em dúvida, seja o que for. Ele perdeu o juízo por causa de uma performance extraordinária que, para você ou para mim, seria difícil levar a sério, mas que obviamente teve um grande efeito sobre ele”.

O Comissário Assistente, então, relatou brevemente ao grande homem, sentado imóvel, descansando seus olhos sob a proteção de sua mão, as opiniões do senhor Verloc sobre os procedimentos e o caráter do senhor Vladimir. O Comissário Assistente não parecia recusar a isso certa dose de competência. Mas o grande personagem observou:

“Tudo isso parece fantástico”.

“Não é mesmo? Poder-se-ia pensar em uma piada feroz. Mas nosso homem parece levar isso a sério. Ele se sente ameaçado. Na ocasião, ele tinha comunicação direta com o próprio velho Stott-Wartenheim, e considerava seus serviços como indispensáveis. Foi um despertar extremamente rude. Imagino que ele perdeu a cabeça. Ele ficou irado e assustado. Com a minha palavra, minha impressão é a de que ele pensou que estas pessoas da embaixada seriam bem capazes de, não só demiti-lo, mas também de denunciá-lo de alguma maneira...”

“Por quanto tempo você esteve com ele?”, interrompeu a Presença, de trás de sua grande mão.

“Uns quarenta minutos, Sir Ethelred, em uma casa de má reputação chamada Hotel Continental, fechado em um quarto onde, a propósito, me hospedei à noite. Encontrei-o sob a influência daquela reação que se segue ao esforço do crime. O homem não pode ser definido como um criminoso de longa prática. Estava óbvio que ele não planejou a morte daquele rapaz prejudicado, seu cunhado. Aquilo foi um choque para ele – pude notar isso. Talvez ele seja um homem de fortes sensibilidades. Talvez ele até mesmo gostasse do garoto – quem sabe? Ele poderia esperar que o garoto pudesse ter escapado; neste caso, teria sido quase impossível descobrir tudo isso. De qualquer forma, ele arriscou, conscientemente, nada mais que a liberdade dele”.

O Comissário Assistente pausou suas especulações para refletir por um momento.

“Embora como, neste último caso, ele poderia esperar que sua participação no negócio ficasse oculta, é mais do que posso dizer”, ele continuou, em sua ignorância sobre a devoção do pobre Stevie ao senhor Verloc (que era bom) e de sua peculiar estupidez, que no velho caso dos fogos de artifício nas escadas resistira, por muitos anos, a solicitações, sedução, ira e outros meios de investigação usados pela sua amada irmã. Pois Stevie era leal... “Não, não posso imaginar. É possível que ele nunca tenha pensado sobre isso. Soa como um modo extravagante de mencionar isso, Sir Ethelred, mas seu estado de desalento me sugeriu um homem impulsivo que, depois de cometer suicídio com a ideia de que isso terminaria com todos os seus problemas, descobre que não obteve efeito algum”.

O Comissário Assistente deu esta definição com voz apologetica. Mas, na verdade, havia uma espécie de lucidez própria da linguagem extravagante, e o grande homem não se ofendeu. Um leve movimento brusco do grande corpo, meio perdido na escuridão das cortinas de seda verde, da grande cabeça se apoiando na grande mão, acompanhou um som intermitente e reprimido, porém poderoso. O grande homem ria.

“O que você fez com ele?”

O Comissário Assistente respondeu muito prontamente:

“Como ele parecia muito ansioso para voltar à loja e ver sua esposa, deixei-o ir, Sir Ethelred”.

“É mesmo? Mas o sujeito vai desaparecer”.

“Perdoe-me. Eu não acho. Para onde ele poderia ir? Além do mais, você deve se lembrar que ele tem de pensar no perigo de seus camaradas também. Ele está em seu posto. Como ele pode explicar seu abandono? Mas, mesmo que não houvesse nenhum obstáculo para a sua liberdade de ação, ele nada faria. No momento, ele não tem energia moral suficiente para tomar decisão de tipo algum. Permita-me também apontar que, se eu o tivesse detido, ele seria levado a um curso de ação no qual eu desejaria saber suas precisas intenções, primeiro”.

O grande personagem levantou-se pesadamente, uma imponente forma de sombra na escuridão esverdeada da sala.

“Verei o Procurador Geral à noite, e o verei amanhã de manhã. Há algo mais que você queira me dizer agora?”

O Comissário Assistente também se levantara, esguio e flexível.

“Acho que não, Sir Ethelred, a menos que entre nos detalhes os quais...”

“Não. Sem detalhes, por favor”.

A grande forma sombreada parecia se encolher, como se tivesse medo físico dos detalhes; então, avançou, expandida, enorme e pesada, oferecendo uma mão enorme. “E você disse que este homem tem uma esposa?”

“Sim, Sir Ethelred”, disse o Comissário Assistente, apertando com reverência a mão estendida. “Uma esposa genuína e uma relação marital genuína e respeitável. Ele me disse que, depois de sua entrevista na embaixada, ele poderia ter largado tudo, tentaria vender sua loja e deixar o país, porém tinha certeza de que sua esposa sequer escutaria falar de emigrar. Nada pode ser mais característico da respeitável ligação do que isso”, prosseguiu, com um toque de ódio, o Comissário Assistente, cuja própria esposa também recusava ouvir falar em sair do

país. “Sim, uma verdadeira esposa. E a vítima era um verdadeiro cunhado. De certo ponto de vista, estamos diante de um drama doméstico”.

O Comissário Assistente riu um pouco; mas os pensamentos do grande homem pareciam ter ido bem longe, talvez às questões da política doméstica de seu país, o campo de batalha de sua cruzada contra o infiel Cheeseman. O Comissário Assistente se retirou em silêncio, despercebido, como se já esquecido.

Ele tinha seus próprios instintos de cruzado. Este caso, que, de um modo ou de outro, desagradava ao Inspetor Chefe Heat, lhe parecia um ponto de início caído do céu para uma cruzada. Ele desejava muito começar. Ele caminhava lentamente para casa, meditando sobre tal empresa pelo caminho, e pensando na psicologia do senhor Verloc com um humor mesclado de repugnância e satisfação. Ele caminhou por todo o trajeto. Encontrando a sala de estar às escuras, ele subiu as escadas e passou algum tempo entre o dormitório e o quarto de se vestir, mudando suas roupas, indo de lá para cá com o ar de um sonâmbulo pensativo. Mas ele despertou antes de sair novamente para se juntar à sua esposa, na casa da grande dama que era a protetora de Michaelis.

Ele sabia que seria bem recebido ali. Ao entrar na menor das duas salas de estar, ele viu sua esposa em um pequeno grupo perto do piano. Um jovem compositor, à beira de se tornar famoso, estava discursando em uma banqueta de música para dois homens espessos, cujas costas pareciam velhas, e três mulheres esguias, cujas costas pareciam jovens. Atrás do biombo, a grande dama tinha apenas duas pessoas com ela: um homem e uma mulher, que se sentavam lado a lado em poltronas aos pés de seu sofá. Ela estendeu a mão para o Comissário Assistente.

“Não esperava lhe ver aqui hoje. Annie me disse...”

“Sim. Não tinha ideia de que meu trabalho acabasse tão cedo”.

O Comissário Assistente acrescentou em voz baixa. “Fico feliz em lhe dizer que Michaelis está totalmente limpo disso...”

A protetora do ex-presidiário recebeu esta garantia com indignação.

“Por quê? Seu pessoal foi tão estúpido a ponto de conectá-lo com...”

“Não estúpido”, interrompeu o Comissário Assistente, reverentemente a contrariando. “Bem inteligente – inteligente o bastante para isso”.

Um silêncio caiu. O homem ao pé do sofá parara de falar à dama, e olhava com um débil sorriso.

“Não sei se vocês já se encontraram antes”, disse a grande dama.

O senhor Vladimir e o Comissário Assistente, apresentados, cumprimentaram a existência um do outro com cortesia pontual e precavida.

“Ele estava me assustando”, declarou repentinamente a dama que se sentava ao lado do senhor Vladimir, inclinando a cabeça na direção daquele cavalheiro. O Comissário Assistente conhecia a dama.

“Você não parece assustada”, ele afirmou, depois de perscrutá-la conscientemente com seu olhar cansado e equânime. Ele pensava, no entretanto, que naquela casa todos se encontram, mais cedo ou mais tarde. A rósea feição do senhor Vladimir se cobriu em sorrisos, porque ele era vivaz, mas seus olhos continuaram sérios, como os olhos de um homem convencido.

“Bom, pelo menos ele tentou”, emendou a dama.

“Força do hábito, talvez”, disse o Comissário Assistente, levado por uma irresistível inspiração.

“Ele esteve ameaçando a sociedade com todos os tipos de horrores”, continuou a dama, cuja pronúncia era carinhosa e lenta, “sobre esta explosão em Greenwich Park. Parece que todos devemos tremer só de pensar no que aconteceria se estas pessoas não fossem suprimidas em todo o mundo. Eu não tinha ideia de que este caso era tão grave”.

O senhor Vladimir, fingindo não escutar, inclinou-se na direção do sofá, falando amigavelmente em voz baixa, mas ele ouviu o



Comissário Assistente dizer:

“Não tenho dúvidas de que o senhor Vladimir tem uma ideia muito precisa da verdadeira importância deste caso”.

O senhor Vladimir se perguntou aonde aquele maldito e intrusivo policial queria chegar. Descendente de gerações vítimas dos instrumentos de um poder arbitrário, ele temia a polícia racial, nacional e individualmente. Era uma fraqueza herdada, completamente independente de seu julgamento, de sua razão, de sua experiência. Ele nasceu assim. Mas aquele sentimento, que se assemelhava ao horror irracional que algumas pessoas têm por gatos, não detinha seu imenso desprezo pela polícia inglesa. Ele completou a frase dirigida à grande dama e voltou-se lentamente em sua poltrona.

“Você quer dizer que tem muita experiência com estas pessoas. Sim; de fato, sofremos muito com a atividade deles, enquanto você...” – o senhor Vladimir hesitou por um momento, em sorridente perplexidade – “enquanto vocês suportam sua presença com felicidade em seu meio”, ele completou, mostrando covinhas em cada bochecha bem barbeada. Depois, acrescentou com mais gravidade: “Eu mesmo posso dizer, por que vocês ficam”.

Quando o senhor Vladimir parou de falar, o Comissário Assistente baixou os olhos e a conversa morreu. Quase imediatamente depois, o senhor Vladimir se despediu.

Assim que ele deu as costas para o sofá, o Comissário Assistente também se levantou.

“Pensei que você fosse ficar e levar Annie para casa”, disse a dama protetora de Michaelis.

“Descobri que tenho um pouco de trabalho para esta noite”.

“Sobre...?”

“Bem, sim... de certo modo”.

“Diga-me sobre o que é de fato – este horror?”

“É difícil dizer sobre o que é, mas pode ser ainda uma cause célèbre”, disse o Comissário Assistente.

Ele deixou a sala de estar apressadamente, e encontrou o senhor Vladimir ainda no corredor, envolvendo sua garganta cuidadosamente em um grande lenço de seda. Atrás dele aguardava um porteiro, segurando seu sobretudo. Outro permanecia pronto para abrir a porta. O Comissário Assistente foi convenientemente ajudado a vestir seu casaco, e saiu de uma vez. Depois de descer a escada da frente, ele parou, como se a pensar sobre o caminho a tomar. Ao vê-lo assim pela porta aberta, o senhor Vladimir se demorou no corredor, para pegar um charuto e pedir por fogo. Este lhe foi fornecido por um senhor idoso, sem uniforme, e com um ar de calma solicitude. Mas o fósforo se apagou; o porteiro então fechou a porta, e o senhor Vladimir acendeu seu enorme Havana com vagaroso cuidado.

Quando, por fim, ele saiu da casa, viu com desgosto o “maldito policial” ainda parado na calçada.

“Pode ser que esteja esperando por mim”, pensou o senhor Vladimir, olhando para cima e para baixo por algum sinal de um trole. Ele não viu nenhum. Um par de carruagens esperava junto ao meio-fio, suas lanternas brilhando rigidamente, os cavalos perfeitamente imóveis, como se gravados em pedra, os cocheiros sentados sem se mexer sob as grandes capas de pele, sem muito mais do que um tremor eriçando as correias brancas de seus grandes chicotes. O senhor Vladimir caminhou, e o “maldito policial” seguiu-o de perto. Ele não disse mais nada. Ao final do quarto passo, o senhor Vladimir se sentiu furioso e intranquilo. Isso não podia durar.

“Maldito tempo”, ele grunhiu com selvageria.

“Tempinho chato...”, disse o Comissário Assistente sem paixão. Ele permaneceu quieto por pouco tempo. “Estamos com um sujeito chamado Verloc”, anunciou casualmente.

O senhor Vladimir não tropeçou, nem voltou cambaleante, nem alterou seu passo. Mas não pôde deixar de exclamar: “O que?”. O Comissário Assistente não repetiu sua declaração. “Você o conhece”, ele seguiu no mesmo tom.

O senhor Vladimir parou e se tornou gutural. “O que lhe faz dizer isso?”

“Não digo. É Verloc quem diz isso”.

“Um cão mentiroso de algum tipo”, disse o senhor Vladimir, em algum tipo de ditado oriental. Mas, em seu coração, ele estava quase apavorado pela miraculosa inteligência da polícia inglesa. A mudança de sua opinião sobre o tema foi tão violenta que o fez sentir levemente enjoado por um momento. Ele jogou fora seu charuto e seguiu adiante.

“O que mais me agrada neste caso”, o Assistente continuou, falando lentamente, “é que ele se tornou um excelente ponto de partida para um trabalho que sinto ser necessário levar à cabo – ou seja, a limpeza deste país de todos os espões políticos, policiais e este tipo de... de... cães estrangeiros. Em minha opinião, são um incômodo terrível; um elemento de perigo também. Não posso procurá-los muito bem sozinho. O único modo é tornar seu emprego desagradável para seus empregadores. A coisa está ficando indecente. E perigosa também, para nós aqui”.

O senhor Vladimir parou novamente, por um momento.

“O que você quer dizer?”

“A condenação do senhor Verloc demonstrará ao público tanto o perigo quanto a indecência”.

“Ninguém acreditará no que um homem daquele tipo disser”, disse o senhor Vladimir com desprezo.

“A riqueza e a precisão dos detalhes darão convicção à grande massa do público”, avançou gentilmente o Comissário Assistente.

“Então é decididamente assim que você pretende fazer”.

“Temos o homem; não temos escolha”.

“Você estará apenas alimentando o espírito mentiroso destes canalhas revolucionários”, protestou o senhor Vladimir. “Para que você quer um escândalo? Pela moralidade ou o que mais?”

A ansiedade do senhor Vladimir estava óbvia. O Comissário Assistente, tendo se certificado, deste modo, que havia alguma verdade nas sumárias declarações do senhor Verloc, disse com indiferença:

“Há um lado prático, também. Temos realmente muito a fazer para chegar ao artigo genuíno. Você não pode dizer que não somos eficazes. Mas não pretendemos nos deixar ser incomodados por falsidades, por qualquer pretexto”.

O tom do senhor Vladimir se elevou.

“De minha parte, não posso concordar com sua opinião. É egoísta. Meus sentimentos pelo meu próprio país não podem ser postos em dúvida; mas sempre senti que devíamos ser bons europeus, além do mais – quero dizer, governos e homens”.

“Sim”, disse simplesmente o Comissário Assistente. “Só que você olha para a Europa de sua ponta oposta. Mas”, ele prosseguiu em um tom gentil, “os governos estrangeiros não podem reclamar da ineficiência da nossa polícia. Olhe para este atentado; um caso especialmente difícil de rastrear, embora tenha sido um truque. Em não menos de doze horas estabelecemos a identidade do homem que literalmente foi despedaçado, descobrimos o organizador do atentado e vislumbramos o incentivador por trás dele. E poderíamos ter ido mais longe; só que paramos nos limites de nosso território”.

“De forma que este instrutivo crime foi planejado no exterior”, disse rapidamente o senhor Vladimir. “Você admite que foi planejado lá fora?”

“Teoricamente. Só teoricamente, em um território estrangeiro; no exterior, só por ficção”, disse o Comissário Assistente, aludindo ao caráter das embaixadas, que são parte do país ao qual pertencem. “Mas isso é um detalhe. Falei para você sobre este caso porque é seu governo quem mais reclama sobre nossa polícia. Você vê que não somos tão ruins. Quis lhe contar particularmente sobre nosso sucesso”.

“Estou muito grato”, exprimiu o senhor Vladimir por entre os dentes.

“Podemos colocar as mãos em qualquer anarquista aqui”, prosseguiu o Comissário Assistente, como se estivesse citando o Inspetor Chefe Heat. “Tudo o que queremos agora é nos livrar do agente provocador, para deixar tudo seguro”.

O senhor Vladimir ergueu a mão para um trole que passava.

“Você não vai caber aí”, observou o Comissário Assistente, olhando para um edifício de nobres proporções e um aspecto acolhedor, com a luz de um grande salão caído pelas suas portas de vidro em um amplo lance de degraus.

Mas o senhor Vladimir, sentando-se, os olhos petrificados, dentro do trole, partiu sem palavra.

O próprio Comissário Assistente não se voltou para dentro do nobre edifício. Era o Explorers’ Club. O pensamento que passou pela sua mente era que o senhor Vladimir, membro honorário, não seria visto frequentemente por lá no futuro. Ele olhou para o relógio. Eram só dez e meia. Ele tivera uma noite cheia.

## CAPÍTULO XI

Depois que o Inspetor Chefe Heat o deixou, o senhor Verloc moveu-se pela sala de estar.

De vez em quando, ele observava sua esposa pela porta aberta. “Agora, ela sabe de tudo”, ele pensou, com comiseração pela tristeza dela e alguma satisfação, no que se relacionava a ele. A alma do senhor Verloc, se talvez lhe faltasse grandeza, era capaz de sentimentos ternos. A perspectiva de ter de lhe revelar as notícias lhe dera febre. O Inspetor Chefe Heat lhe aliviou a tarefa. Tudo ia bem até aquele momento. Restava-lhe, agora, enfrentar a tristeza dela.

O senhor Verloc nunca esperou ter de lidar com ela a respeito de morte, cujo caráter catastrófico não pode ser ignorado por um raciocínio sofisticado ou uma eloquência persuasiva. O senhor Verloc nunca quis que Stevie perecesse com tão abrupta violência. Ele nunca quis que morresse. Stevie morto era um incômodo muito maior do que ele jamais seria se estivesse vivo. O senhor Verloc previra um final favorável à sua empreitada, baseando-se não na inteligência de Stevie, que às vezes aplicava estranhos golpes sobre o homem, mas na cega docilidade e na cega devoção do garoto. Ainda que não fosse muito um psicólogo, o senhor Verloc medira a profundidade do fanatismo de Stevie. Ele ousou acalentar a esperança de Stevie se afastar das paredes do Observatório como fora instruído a fazer, pegando o caminho que lhe fora ensinado tantas vezes antes, e de se juntar ao seu cunhado, o sábio e bom senhor Verloc, fora da área do parque. Quinze minutos bastariam para o completo tolo depositar o engenho e se afastar. E o Professor garantira mais de quinze minutos. Mas Stevie tropeçara cinco minutos depois de ficar sozinho. E o senhor Verloc fora reduzido a pedaços, moralmente. Ele previra tudo, menos aquilo. Ele previra Stevie distraído e perdido – procurado – encontrado em alguma delegacia policial ou reformatório provincial, no final. Ele previra Stevie preso, e não temeu, porque o senhor Verloc tinha uma ótima opinião sobre a lealdade de Stevie, que fora cuidadosamente doutrinação com a necessidade de silêncio no decorrer de muitas caminhadas. Como um filósofo peripatético, o senhor Verloc, perambulando pelas ruas de

Londres, modificara a visão de Stevie sobre a polícia por meio de conversas cheias de raciocínios sutis. Nunca um sábio tivera um discípulo mais atencioso e admirador. A submissão e o culto eram tão aparentes que o senhor Verloc começava a sentir algo como uma apreciação pelo garoto. De qualquer forma, ele não previra a rápida identificação de sua ligação. Que sua esposa tivesse a precaução de costurar o endereço do garoto no lado de dentro de seu caso era a última coisa em que o senhor Verloc pensaria. Não se pode pensar em tudo. Era isso o que ela quis dizer ao falar que ele não precisava se preocupar se ele perdesse Stevie durante seus passeios. Ela lhe assegurara de que o garoto reapareceria bem em sua casa. Bem, ele reaparecera com uma vingança!

“Bem, bem”, sussurrou o senhor Verloc, em seu assombro. O que ela queria dizer com aquilo? Poupar-lhe o trabalho de vigiar Stevie ansiosamente? Mais provavelmente ela quis dizer isso. Porém, ela deveria ter lhe dito sobre a precaução que tomara.

O senhor Verloc passou por trás do balcão da loja. Sua intenção não era sobrecarregar sua esposa com amargas reprovações. O senhor Verloc não se sentia amargo. O inesperado avanço dos acontecimentos lhe convertera à doutrina do fatalismo. Nada poderia ser evitado agora. Ele disse:

“Não quis que nada acontecesse ao garoto”.

A senhora Verloc tremeu com o som da voz de seu marido. Ela não descobriu seu rosto. O confiável agente secreto do finado Barão Stott-Wartenheim olhou para ela por algum tempo, com um olhar pesado, persistente, cego. O jornal vespertino rasgado estava aos pés dela. Ele não poderia lhe dizer muito. O senhor Verloc sentiu a necessidade de falar com sua esposa.

“É este maldito Heat, hein”, ele disse. “Ele lhe deixou preocupada. Ele é um bruto, revelando um segredo como este a uma mulher. Eu fiquei doente ao pensar em como lhe contar isso. Sentei por horas na pequena sala do Cheshire Cheese, pensando na melhor maneira. Você entende que nunca quis que nada acontecesse ao garoto”.

O senhor Verloc, o Agente Secreto, falava a verdade. Era seu afeto marital que tinha recebido o maior choque com a prematura explosão. Ele disse mais:

“Não me senti particularmente alegre sentado lá e pensando em você”.

Ele viu outro leve tremor em sua esposa, que afetou sua sensibilidade. Como ela insistia em esconder o rosto com as mãos, ele achou melhor deixá-la sozinha por enquanto. Com este delicado impulso, o senhor Verloc se retirou para a sala de estar novamente, onde o jato de gás ronronava como um gato feliz. A atenção de esposa da senhora Verloc deixara a carne fria sobre a mesa, com a faca de cortar carne e um garfo, e metade de um pão, para o jantar do senhor Verloc. Ele percebia todas estas coisas agora, pela primeira vez, e cortando para si mesmo um pedaço de pão e de carne, começou a comer.

Seu apetite não brotava da frieza. O senhor Verloc não comera nada por todo o dia. Ele deixara sua casa em jejum. Não sendo um homem energético, ele formara sua resolução com nervosa excitação, que parecia lhe segurar principalmente pela garganta. Ele não poderia ter engolido nada sólido. A cabana de Michaelis era desprovida de provisões, como a cela de um prisioneiro. O apóstolo da liberdade condicional passava com um pouco de leite e crostas de pão velho. Além do mais, quando o senhor Verloc chegou, ele já tinha subido para o andar de cima, depois de sua frugal refeição. Absorvido pelo trabalho e pelo prazer da composição literária, ele nem mesmo respondera ao grito do senhor Verloc na pequena escada.

“Estou levando este jovem rapaz para casa por uns dias”.

E, na verdade, o senhor Verloc nem esperou pela resposta, pois marchara para fora da cabana de uma vez, seguido pelo obediente Stevie.

Agora que toda a ação se acabara, e seu destino fora tirado de suas mãos com uma rapidez inesperada, o senhor Verloc sentia-se terrivelmente vazio, fisicamente. Ele cortou a carne, cortou o pão e devorou seu jantar ao lado da mesa, e de vez em quando, lançando um



olhar para sua esposa. A prolongada imobilidade dela perturbava o conforto de sua refeição. Ele foi novamente até a loja e chegou bem perto dela. Esta mágoa, com um rosto velado, não tranquilizou o senhor Verloc. Ele esperava, claro, que sua esposa estivesse muito triste e revoltada, mas ele queria que ela se recompusesse. Ele precisava de toda a sua ajuda e lealdade nestas novas conjunturas que seu fatalismo já aceitara.

“Não pode ser evitado”, ele disse em um tom de triste simpatia. “Vamos, Winnie, temos de pensar no amanhã. Você vai precisar de todas as suas forças depois que eu for levado”.

Ele parou. O peito da senhora Verloc arfava convulsivamente. Isso não tranquilizava o senhor Verloc, em cuja opinião a situação recém-criada requeria, das duas pessoas mais envolvidas nela, tranquilidade, decisão e outras qualidades incompatíveis com a desordem mental da mágoa apaixonada. O senhor Verloc era humano; ele viera para casa preparado para admitir qualquer projeção do afeto de sua esposa pelo irmão.

Porém, ele não compreendia a natureza e nem a total extensão daquele sentimento. E, nisso, ele era perdoável, já que lhe era impossível compreender sem deixar de ser ele mesmo. Ele estava assustado e desapontado, e sua fala o denunciava, pela, de certa forma, rudeza de tom.

“Você poderia me olhar”, ele disse depois de aguardar um pouco.

Como se forçada, através das mãos cobrindo o rosto da senhora Verloc, a resposta veio, frágil, quase piedosa.

“Não quero olhar para você enquanto eu viver”.

“Hein? O que?”, O senhor Verloc se assustou simplesmente com o significado superficial e literal desta declaração. Era obviamente irracional, o simples grito de uma tristeza exagerada. Ele lançou o manto de sua indulgência marital. À mente do senhor Verloc faltava profundidade. Com a impressão equivocada de que o valor dos indivíduos consiste em como eles mesmos são, ele não poderia, possivelmente, compreender o valor de Stevie aos olhos da senhora Verloc. Ela estava pegando demasiadamente pesado, ele pensou. Tudo

era culpa daquele maldito Heat. Para que ele queria enervar a mulher? Para seu próprio bem, não se podia permitir que ela continuasse naquela situação, até que ficasse totalmente fora de si.

“Olhe aqui! Você não pode se sentar deste jeito na loja”, ele disse com afetada severidade, na qual havia um pouco de verdadeira reprovação; pois questões práticas urgentes tinham de ser discutidas, se fossem ficar sentados por toda a noite. “Alguém pode chegar a qualquer minuto”, ele acrescentou, e esperou novamente. Nenhum efeito se produziu, e a ideia da irreversibilidade da morte ocorreu ao senhor Verloc, durante a pausa. Ele mudou de tom. “Vamos. Isso não o trará de volta”, ele disse gentilmente, sentindo-se pronto a tomá-la em seus braços e apertá-la contra seu peito, onde residiam a impaciência e a compaixão, lado a lado. Mas, exceto por um leve tremor, a senhora Verloc permaneceu aparente inalterada pela força daquele terrível axioma. Foi o próprio senhor Verloc quem se emocionou. Ele foi levado, em sua simplicidade, a pedir moderação, fazendo valer os clamores de sua própria personalidade.

“Seja razoável, Winnie. Como seria se você tivesse perdido a mim!”

Ele vagamente esperava ouvi-la chorar. Mas ela não se mexeu. Ela se encostou mais atrás e se aquietou em uma imobilidade completamente ilegível. O coração do senhor Verloc começou a bater mais forte com exasperação e algo semelhante a um alarme. Ele colocou a mão no ombro dela, dizendo:

“Não seja tola, Winnie”.

Ela não deu sinal nenhum. Era impossível conversar sobre qualquer assunto com uma mulher de quem não se pode ver o rosto. O senhor Verloc prendeu os pulsos de sua esposa. Mas suas mãos pareciam bem coladas. Ela foi para a frente com o puxão dele, e quase caiu da cadeira. Assustado em vê-la tão desamparadamente sem forças, ele tentava encostá-la na cadeira quando repentinamente ela se endireitou, livrou-se das mãos dele e saiu correndo da loja, passou pela sala de estar e foi para a cozinha. Isso foi muito rápido. Ele apenas tivera

um relance do rosto dela e, dos muitos olhares dela que ele conhecia, ele não viu nenhum.

Tudo tinha a aparência de uma luta pela posse de uma cadeira, porque o senhor Verloc instantaneamente ocupou o lugar de sua esposa. O senhor Verloc não cobriu seu rosto as suas mãos, mas um pensamento sombrio velou seus traços. Um período na prisão não poderia ser evitado. Ele não queria, agora, evitá-lo. Uma prisão era um lugar tão seguro de certas vinganças ilegais quanto o túmulo, com a vantagem de que, na prisão, há espaço para a esperança. O que ele via diante dele era um período de prisão, uma libertação rápida e então, viver em algum lugar no exterior, tal como ele já contemplava, no caso de falha. Bem, era uma falha, se não exatamente o tipo de falha que ele temia. O sucesso esteve tão próximo que ele poderia, certamente, aterrorizar o senhor Vladimir para além de suas ferozes troças, com esta prova de oculta eficiência. Pelo menos assim parecia agora ao senhor Verloc. Seu prestígio com a embaixada teria sido imenso se... se sua esposa não tivesse a péssima ideia de costurar o endereço dentro do casaco de Stevie. O senhor Verloc, que não era nada tolo, logo percebera o extraordinário caráter da influência que tinha sobre Stevie, embora ele não entendesse exatamente sua origem – a doutrina de sua suprema sabedoria e bondade inculcada por duas mulheres ansiosas. Todas as eventualidades que previra, o senhor Verloc calculara, com correto pressentimento, a instintiva lealdade e a cega discricção de Stevie. A eventualidade que ele não previra o apavorava como um homem humano e um marido apaixonado. De qualquer outro ponto de vista, aquilo era muito vantajoso. Nada pode igualar o eterno critério da morte. O senhor Verloc sentado, perplexo e assustado, na pequena sala do Cheshire Cheese, não podia deixar de reconhecer isso para si mesmo, já que sua sensibilidade não poderia alterar seu julgamento. A violenta desintegração de Stevie, embora perturbadora em pensamento, apenas assegurava o sucesso; pois, claro, derrubar uma parede não era o objetivo das ameaças do senhor Vladimir, mas a produção de um efeito moral. Com muito trabalho e sacrifício, da parte do senhor Verloc, poderia dizer-se que o efeito fora produzido. Quando, porém, mais inesperadamente, o efeito veio se acomodar em Brett Street, o senhor

Verloc, que lutava como um homem no pesadelo pela preservação do seu emprego, aceitara o golpe com o espírito de um convencido fatalista. De fato, o cargo se fora sem culpa de alguém. Um pequeno e insignificante fato o causara. Era como escorregar em um pedaço de casca de laranja no escuro, e quebrar sua perna.

O senhor Verloc tinha a respiração cansada. Ele não tinha nenhum ressentimento contra a sua esposa. Ele pensava: ela terá de cuidar da loja enquanto eu estiver preso. E também pensando o quanto cruelmente ela inicialmente sentiria saudades de Stevie, ele estava muito preocupado com sua saúde e seu humor. Como ela suportaria a solidão – completamente sozinha naquela casa? Não seria provável que ela tivesse um colapso enquanto ele estivesse trancafiado? O que aconteceria à loja, então? A loja era um ativo. Embora o fatalismo do senhor Verloc aceitasse seu erro como agente secreto, ele não se via extremamente arruinado, principalmente, deveria ser reconhecido, da consideração pela sua esposa.

Quieta e fora de seu campo de visão, na cozinha, ela o assustava. Se apenas ela tivesse sua mãe consigo... mas aquela velha tola – um irado desalento se apossou do senhor Verloc. Ele tinha de falar com sua esposa. Ele poderia lhe dizer, certamente, que um homem se desespera sob certas circunstâncias. Mas ele não partiu incontinentemente para lhe comunicar tal informação. Primeiro de tudo, estava claro para ele que não haveria negócios naquela noite. Ele chegou perto da porta da rua e desligou o gás dentro da loja.

Tendo, assim, garantido a solidão ao redor de seu lar, o senhor Verloc passou para a sala de estar e desceu o olhar até a cozinha. A senhora Verloc estava sentada no lugar onde o pobre Stevie geralmente se estabelecia à noite, com papel e caneta para o passatempo de desenhar aqueles fulgurantes e inumeráveis círculos, sugerindo caos e eternidade. Seus braços estavam dobrados sobre a mesa, e sua cabeça caída sobre os braços. O senhor Verloc contemplou suas costas e o penteado de seu cabelo por um tempo e depois se afastou da porta da cozinha. A filosófica, quase desdenhosa falta de interesse da senhora Verloc, a fundação de seu acordo na vida doméstica tornava extremamente difícil entrar em contato com ela, agora que esta trágica

necessidade tinha surgido. O senhor Verloc sentiu intensamente esta dificuldade. Ele deu a volta ao redor da mesa na sala de estar com seu ar habitual de enorme animal enjaulado.

Sendo a curiosidade uma das formas de autorrevelação, uma pessoa sistematicamente sem curiosidade permanece sempre parcialmente misteriosa. Sempre que passava perto da porta, o senhor Verloc olhava para a sua esposa com perturbação. Não que a temesse. O senhor Verloc se imaginava amado por aquela mulher. Mas ela não o acostumara a fazer confidências. E a confidência que ele tinha a fazer era de uma ordem profundamente psicológica. Como, com esta falta de prática, ele poderia dizer a ela o que ele sentia, senão vagamente; que há conspirações de destino fatal, que uma noção cresce na mente até adquirir uma existência externa, um poder independente e próprio, e mesmo uma voz cheia de sugestão? Ele não poderia informá-la que um homem pode ser perseguido por um rosto gordo, genioso e bem barbeado até que o recurso mais louco para se livrar disso parece uma sabedoria infantil.

Com esta referência mental ao Primeiro Secretário de uma grande embaixada, o senhor Verloc parou no corredor, e descendo o olhar para a cozinha com o rosto enfurecido e os punhos fechados, se dirigiu à sua esposa.

“Você não sabe com que facínora eu tenho de lidar”.

Ele se lançou a outra perambulação pela mesa; então, quando passou pela porta novamente, se deteve, olhando da altura de dois degraus.

“Um tolo, zombeteiro e perigoso facínora, com não menos inteligência do que – depois de todos estes anos! Um homem como eu! E eu me joguei de cabeça nisso tudo. Você não sabe. Muito certo, também. Para que lhe dizer que corri o risco de ter uma faca enfiada em mim a qualquer momento, nestes sete anos em que estamos casados? Não sou do tipo que preocupa uma mulher que é apaixonada por mim. Não tinha motivo para que você soubesse”. O senhor Verloc deu outra volta pela sala de estar, espumando.

“Uma besta venenosa”, ele começou novamente, do corredor. “Levou-me a uma trincheira para que eu morresse de fome, por uma piada. Posso ver que ele pensou que era uma maldita boa piada. Um homem como eu! Olhe aqui! Alguns dos mais poderosos no mundo têm de me agradecer por caminhar com suas duas pernas hoje. Esse é o homem com quem você se casou, minha garota!”

Ele percebeu que sua esposa se sentara. Os braços da senhora Verloc permaneciam estendidos e inertes sobre a mesa. O senhor Verloc olhou para as suas costas, como se pudesse ler ali o efeito de suas palavras.

“Não houve uma trama de assassinato, nos últimos onze anos, em que eu não estivesse metido, arriscando minha vida. Há listas de revolucionários a quem enviei, com bombas em seus bolsos culpados, para serem pegos na fronteira. O velho barão sabia o que eu valia para seu país. E de repente, um suíno chega – um ignorante e presunçoso suíno”.

O senhor Verloc, descendo lentamente os dois degraus, entrou na cozinha, pegou um copo no armário e, segurando-o nas mãos, aproximou-se da pia, sem olhar para a sua esposa. “Não seria o velho barão que teria tido a insana fantasia de me convocar às onze da manhã. Há duas ou três pessoas nesta cidade que, se tivessem me visto entrar, não teriam limites para me golpear na cabeça, mais cedo ou mais tarde. Foi um truque imbecil e mortal expor um homem como eu por nada”.

O senhor Verloc, abrindo a torneira sobre a pia, despejou três copos de água, um após o outro, pela garganta, para apagar as chamas de sua indignação. A conduta do senhor Vladimir era como uma marca, que deixara sua economia interna registrada a fogo. Ele não podia superar a deslealdade daquilo. Aquele homem, que não podia trabalhar com as habituais tarefas difíceis que a sociedade dispõe aos seus membros mais humildes, exercitara sua indústria secreta com uma devoção incansável. Havia, no senhor Verloc, um fundo de lealdade. Ele fora leal aos seus patrões, à causa da estabilidade social – e às suas afeições também – como se tornou aparente quando, depois de colocar o copo na pia, ele retomou, dizendo:

“Se eu não tivesse pensado em você, teria pegado o calhorda provocador pela garganta e o esmagado contra a lareira. Teria sido mais que um fósforo para aquele rosadinho barbeado...”

O senhor Verloc desistiu de terminar a frase, como se não houvesse dúvida sobre a palavra terminal. Pela primeira vez em sua vida, ele estava fazendo confidências àquela mulher nada curiosa. A singularidade do evento, a força e a importância dos sentimentos pessoais que se ergueram no decorrer desta confissão, levaram o destino de Stevie para longe da mente do senhor Verloc. A gaga existência do garoto, feita de medos e indignações, juntamente com a violência de seu fim, desapareceram da visão mental do senhor Verloc por um tempo. Por esta razão, quando ele subiu os olhos, assustou-se com o caráter inapropriado do olhar de sua esposa. Não era um olhar louco, e não era também desatencioso, mas sua atenção era peculiar e nada satisfatória, ainda que parecesse concentrada em algum ponto além da pessoa do senhor Verloc. A impressão foi tão forte que o senhor Verloc olhou sobre seu ombro. Nada havia atrás dele: apenas a parede branca. O excelente marido de Winnie Verloc não entendeu nada. Ele voltou-se novamente para a sua esposa, repetindo com alguma ênfase:

“Eu o teria pegado pela garganta. Essa é a verdade mais pura; se eu não pensasse em você, eu o teria engasgado até a morte daquele crápula, antes de deixá-lo se levantar. E não ache que ele ficaria ansioso para chamar a polícia. Ele não ousaria. Você entende por que, não?”

Ele piscou para sua esposa, cúmplice.

“Não”, disse a senhora Verloc, em uma voz sem ressonância, e sem olhar para ele. “Sobre o que você está falando?”

Um enorme desalento, o resultado da fadiga, se abateu sobre o senhor Verloc. Ele tivera um dia cheio, e seus nervos foram testados à exaustão. Depois de um mês de enlouquecedora preocupação, culminando em uma inesperada catástrofe, o espírito atormentado do senhor Verloc desejava repouso. Sua carreira como agente secreto chegara ao fim de modo que ninguém poderia prever; só que, agora, talvez ele pudesse conseguir pelo menos uma noite de sono. Mas, ao

olhar para a sua esposa, ele duvidou disso. Ela estava sofrendo muito... já não era dona de si mesma, ele pensou. Ele fez um esforço para falar.

“Você terá de se reerguer, minha garota”, ele disse com simpatia. “O que está feito não pode ser desfeito”.

A senhora Verloc deu um leve pulo, embora nenhum músculo de seu rosto branco tivesse um mínimo movimento. O senhor Verloc, que não estava olhando para ela, continuou pesadamente:

“Vá para cama agora. Você precisa de um bom choro”.

Esta recomendação não tinha outro aval que senão o consentimento geral da humanidade. É universalmente entendido que, como se não houvesse nada mais substancioso que vapor flutuando no céu, cada emoção de uma mulher deve terminar em chuva. E é muito provável que, se Stevie tivesse morrido em sua cama, sob seu olhar desesperado, em seus braços protetores, a tristeza da senhora Verloc encontraria alívio em uma torrente de lágrimas amargas e puras. A senhora Verloc, em comum com outros seres humanos, foi brindada com um fundo suficiente de inconsciente resignação para atender à manifestação normal do destino humano. Sem “incomodar sua cabeça com isso”, ela estava ciente de que “não adianta pensar muito sobre isso”. Mas as circunstâncias lamentáveis do fim de Stevie, que para a mente do senhor Verloc tivera apenas um caráter episódico, como parte de um grande desastre, secou as lágrimas dela na própria fonte. Era o efeito do ferro incandescente aplicado sobre seus olhos; ao mesmo tempo seu coração, duro e frio como um bloco de gelo, mantinha seu corpo em um tremor interno, mantinha seus traços em uma congelada imobilidade contemplativa, dirigida à parede branca, sem nada escrito nela. As exigências do temperamento da senhora Verloc, que, quando dispensada de sua filosófica reserva, era maternal e violenta, a forçavam a revolver pensamentos em sucessão, em sua cabeça sem movimento. Estes pensamentos eram bem mais imaginados do que expressados. A senhora Verloc era uma mulher de singulares poucas palavras, tanto para uso público quanto privado. Com a fúria e o desalento de uma mulher traída, ela revisou o teor de sua vida em visões relacionadas, principalmente, à difícil existência de Stevie, desde seus primeiros dias.



Era uma vida de objetivo único e de uma nobre unidade de inspiração, como aquelas vidas raras que deixaram sua marca nas ideias e nos sentimentos da humanidade. Mas, às visões da senhora Verloc, faltavam nobreza e grandeza. Ela se via colocando o garoto para dormir sob a luz de uma vela solitária no vazio andar superior de uma “casa de negócios”, escura sob o teto e cintilando em demasia com as luzes e os cristais chanfrados ao nível da rua, como um palácio de fadas. Este esplendor impudico era o único que se podia descobrir nas visões da senhora Verloc. Ela recordava escovar os cabelos do garoto e abotoar seus aventais – ela mesmo ainda de avental; os consolos dirigidos a uma criatura pequena e terrivelmente assustada com outra criatura, praticamente tão pequena quanto, mas não tão assustada; ela tinha a visão dos golpes interceptados (geralmente com a própria cabeça dela), de uma porta fechada desesperadamente com a fúria de um homem (não por muito tempo); de um avivador de fogo jogado uma vez (não muito longe), que apaziguou aquela particular tormenta com o silêncio inerte e terrível que se segue a uma trovoada. E todas estas cenas de violência iam e vinham acompanhadas pelo barulho indistinto de profundas vociferações provenientes de um homem ferido em seu orgulho paternal, declarando-se obviamente amaldiçoado desde que um de seus filhos era um “idiota que baba e a outra, um demônio perverso”. Isso se disse dela há muitos anos.

A senhora Verloc ouvia as palavras novamente de modo fantasmagórico, e então a assustadora sombra da mansão em Belgravia caía sobre seus ombros. Era uma memória aterradora, uma visão exaustiva das incontáveis bandejas de desjejum levadas para cima e para baixo por inumeráveis escadas, de infindáveis discussões sobre ninharias, da interminável labuta de varrer, tirar o pó, limpar – do porão ao sótão; enquanto a mãe impotente, mancando com suas pernas inchadas, cozinhava em uma cozinha sombria e o pobre Stevie, o inconsciente gênio que presidia todo o trabalho delas, engraxava as botas dos cavalheiros na copa. Mas esta visão tinha o ar de um quente verão londrino, e como figura central, um jovem vestindo a sua melhor roupa, com um chapéu de palha em sua cabeça morena e um cachimbo de madeira na boca. Afetuoso e jovial, ele era uma companhia fascinante

para a viagem pela corrente borbulhante da vida; só que seu barco era muito pequeno. Havia espaço para uma garota lhe ajudar com os remos, mas não havia acomodação para passageiros. Ele foi deixado à deriva desde o solado da porta da mansão de Belgravia, enquanto Winnie voltava seus olhos chorosos. Ele não era um hóspede. O hóspede era o senhor Verloc, indolente e dormindo tarde da noite, com sono e brincalhão às manhãs, sob os lençóis, mas com os lampejos da paixão em seus olhos sob pesadas pálpebras, e sempre com algum dinheiro em seus bolsos. Não havia nenhum tipo de faíscas na preguiçosa torrente de sua vida. Ela seguia por lugares secretos. Mas seu barco parecia espaçoso, e sua taciturna magnanimidade aceitava, como fato dado, a presença de passageiros.

A senhora Verloc seguiu com as visões de sete anos de segurança para Stevie, lealmente pagos, de sua parte; a segurança se tornou confiança, e então um sentimento doméstico, estagnado e profundo como um plácido lago, cuja protegida superfície mal se agitava com a passagem ocasional do Camarada Ossipon, o robusto anarquista com olhos desavergonhadamente convidativos, cujo olhar era de uma limpeza corrupta o bastante para iluminar qualquer mulher que não fosse uma imbecil em absoluto.

Poucos segundos se passaram desde que a última palavra fora dita em voz alta na cozinha, e a senhora Verloc já estava contemplando a visão de um episódio ocorrido há não menos de quinze dias. Com as pupilas dos olhos extremamente dilatadas, ela teve a visão de seu marido e do pobre Stevie descendo a Brett Street lado a lado, partindo da loja. Era a última cena de uma existência criada pelo gênio da senhora Verloc; uma existência estranha a toda graça e encanto, sem beleza e quase sem decência, mas admirável pela continuidade de sentimentos, e pela tenacidade do propósito. E esta última visão era de tão plástico alívio, de tanta proximidade de formas, de tamanha fidelidade dos detalhes sugestivos, que arrancou da senhora Verloc um murmúrio débil e angustiado, reproduzindo a suprema ilusão de sua vida, um murmúrio aterrador que morreu em seus lábios pálidos.

“Poderiam ter sido pai e filho”.

O senhor Verloc parou e ergueu seu rosto agoniado. “Hein? O que você disse?”, ele perguntou. Não recebendo resposta, ele voltou à sua canhestra caminhada. Então, com um ameaçador sacudir de um punho grosso e cheio de carne, ele explodiu:

“Sim. As pessoas da embaixada. Um belo grupo, não? Em menos de uma semana, farei com que alguns deles queiram estar a vinte pés debaixo da terra. Hein? O que?”

Ele olhou de lado, com a cabeça baixa. A senhora Verloc encarava a parede branca. Uma parede vazia – perfeitamente vazia. Um vazio de correr para bater sua cabeça contra ele. A senhora Verloc permanecia sentada, imóvel. Ela estava parada, como a população de metade do mundo ficaria, atônita e desesperada, caso o sol desaparecesse repentinamente do céu de verão pela perfídia de uma confiável providência.

“A embaixada”, retomou o senhor Verloc, depois de um esgar preliminar que desnudou seus dentes como se fosse um lobo. “Gostaria de ser solto lá dentro com um porrete por meia hora. Eu ficaria batendo até que não sobrasse um osso que não estivesse quebrado de todos. Mas não importa, eu lhes ensinarei ainda o que acontece quando se tenta jogar um homem como eu para apodrecer nas ruas. Eu tenho língua! Todo mundo saberá o que fiz por eles. Não tenho medo. Não me importo. Tudo será revelado. Cada maldita coisa. Eles que se cuidem!”

Nestes termos, o senhor Verloc declarou sua sede de vingança. Era uma vingança bem apropriada. Estava em harmonia com os impulsos do gênio do senhor Verloc. Tinha, também, a vantagem de estar dentro do alcance de seus poderes e de se ajustarem facilmente à prática de sua vida, que consistia precisamente em trair os procedimentos secretos e ilegais de seus companheiros. Anarquistas e diplomatas, para ele, eram a mesma coisa. Por temperamento, o senhor Verloc não respeitava as pessoas. Seu desprezo era distribuído igualmente sobre todo o campo de suas operações. Mas, como membro do proletariado revolucionário – o que ele, indiscutivelmente, era – ele nutria um sentimento bem hostil contra a distinção social.

“Nada na terra pode me deter agora”, ele acrescentou e pausou, olhando fixamente para a sua esposa, que estava olhando fixamente para uma parede vazia.

O silêncio na cozinha se prolongou, e o senhor Verloc sentiu-se desapontado. Ele esperava que sua esposa dissesse algo. Mas os lábios da senhora Verloc, compostos em sua forma habitual, preservavam uma imobilidade de estátua, como o resto de seu rosto. E o senhor Verloc estava desapontado. Ainda que a ocasião, ele reconheceu, não exigisse que ela falasse. Ela era uma mulher de bem poucas palavras. Por motivos envolvidos na própria fundação de sua psicologia, o senhor Verloc estava inclinado a depositar sua confiança em qualquer mulher que se doasse a ele. Portanto, ele confiava em sua esposa. O acordo era perfeito, mas impreciso. Era um acordo tácito, congênito à falta de interesse da senhora Verloc e aos hábitos da mente do senhor Verloc, que eram preguiçosos e secretos. Eles evitavam ir ao fundo dos fatos e dos motivos.

Esta reserva, expressando, de certo modo, a profunda confiança recíproca entre ambos, apresentava ao mesmo tempo certo elemento de incerteza em sua intimidade. Nenhum sistema de relações conjugais é perfeito. O senhor Verloc presumia que sua esposa o compreendia, mas ele teria ficado feliz em ouvir o que ela pensava naquele momento. Teria sido reconfortante.

Havia várias razões pelas quais este conforto lhe era negado. Havia um obstáculo físico: a senhora Verloc não tinha controle suficiente sobre sua voz. Ela não via nenhuma alternativa entre o grito e o silêncio, e instintivamente, escolhera o silêncio. Winnie Verloc era, por temperamento, uma pessoa silenciosa. E havia a paralisante atrocidade do pensamento que lhe ocupava. Seu rosto estava pálido, seus lábios cinzentos, sua imobilidade surpreendente. E ela pensava sem olhar para o senhor Verloc: “Este homem levou o garoto para matá-lo. Ele tirou o garoto de sua casa para matá-lo. Ele tirou o garoto de mim para matá-lo!”

Todo o ser da senhora Verloc foi assolado por aquela ideia, inconclusiva e enlouquecedora. Estava em suas veias, em seus ossos, nas

raízes dos seus cabelos. Mentalmente, ela assumia a atitude bíblica do lamento – o rosto coberto, as roupas de renda; o som dos gemidos e da lamentação lhe enchiam a cabeça. Mas seus dentes estavam violentamente cerrados, e seus olhos secos ardiam de fúria, porque ela não era uma criatura submissa. A proteção que ela estendera ao seu irmão tivera sua origem em uma tez bárbara e repulsiva. Ela tinha de amá-lo com um amor militante. Ela lutara por ele – mesmo contra si mesma. Sua perda tinha o amargor da derrota, com a angústia de uma paixão que se desmoronou. Não era um golpe ordinário da morte. Além do mais, não foi a morte que tirou Stevie dela. Foi o senhor Verloc quem o levou. Ela o vira. Ela o observara, sem erguer uma mão, levar o garoto embora. E ela deixara-o ir, como – como uma tola – uma cega tola. E então, depois que assassinou o garoto, ele voltou para ela. Veio para casa assim como qualquer outro homem voltaria para casa e para sua esposa...

Por entre seus dentes fechados, a senhora Verloc murmurou para a parede:

“E eu pensei que ele tivesse pegado um resfriado”.

O senhor Verloc ouviu estas palavras e se apropriou delas.

“Não foi nada”, ele disse de mau humor. “Eu estava preocupado. Estava preocupado por você”.

A senhora Verloc, voltando lentamente a cabeça, transferiu seu olhar da parede para a pessoa de seu marido. O senhor Verloc, com a ponta dos dedos entre os lábios, encarava o chão.

“Não pode ser evitado”, ele resmungou, deixando sua mão cair. “Você tem de se recuperar. Você precisará de todas as suas forças. Foi você quem colocou a polícia em nosso encalço. Não importa, não direi mais nada sobre isso”, continuou o senhor Verloc, magnânimo. “Você não poderia saber”.

“Eu não poderia”, exalou a senhora Verloc. Era como se um cadáver tivesse falado. O senhor Verloc retomou a linha de seu raciocínio.

“Eu não lhe culpo. Eu os farei se acalmar. Uma vez preso, estarei seguro o suficiente para falar – você entende. Você deve avaliar que ficarei dois anos longe de você”, ele continuou, em um tom de sincera preocupação. “Será mais fácil para você do que para mim. Você terá algo para fazer, enquanto eu... olhe, Winnie, o que você deve fazer é manter esse negócio em operação por dois anos. Você sabe o suficiente para isso. Você tem uma boa cabeça. Eu lhe avisarei quando for hora de tentar vender. Você deverá ter o máximo de cuidado. Os camaradas manterão os olhos em você por todo o tempo. Você terá de ser tão ardilosa quanto você bem sabe ser, e tão fechada quanto um túmulo. Ninguém deve saber o que você fará. Não quero saber de levar uma pancada na cabeça ou uma faca nas costas assim que eu sair”.

Assim falou o senhor Verloc, aplicando sua mente com engenho e previdência aos problemas do futuro. Sua voz era sombria, porque ele tinha um sentimento correto sobre a situação. Tudo o que ele não queria que acontecesse, aconteceu. O futuro se tornara precário. Seu julgamento talvez tivesse sido momentaneamente eclipsado, pelo seu temor da truculenta fantasia do senhor Vladimir. Um homem com pouco mais de quarenta anos pode ser, com desculpas, jogado em considerável desordem com a perspectiva de perder seu emprego, especialmente se o homem é um agente secreto de polícia política, vivendo seguro na consciência de seu alto valor e estima dos altos personagens. Ele estava perdoado.

Agora tudo terminara em um desastre. O senhor Verloc estava tranquilo; mas ele não estava alegre. Um agente secreto que lança seu segredo aos ventos, com o desejo de vingança, e gaba-se de seus feitos em público, se torna o alvo de indignação desesperada e sedenta de sangue. Sem exagerar indevidamente o perigo, o senhor Verloc tentou levá-lo com clareza à mente de sua mulher. Ele repetiu que não tinha intenção de deixar os revolucionários acabarem com ele.

Ele a encarou diretamente. As pupilas alargadas da mulher receberam seu olhar com suas insondáveis profundezas.

“Eu amo muito você para isso”, ele disse, com uma risada um pouco nervosa.

Um débil rubor corou o rosto pálido e imóvel da senhora Verloc. Tendo acabado as visões do passado, ela não apenas ouvira, mas compreendera as palavras expressas pelo seu marido. Pelo extremo desacordo com sua mental condição, estas palavras produziram nela um efeito levemente sufocante. A condição mental da senhora Verloc tinha o mérito da simplicidade; mas não era profunda. Ela estava governada em muito por uma ideia fixa. Cada canto e fenda de seu cérebro estava preenchido pelo pensamento de que aquele homem, com quem ela vivera sem desgosto por sete anos, levava o “pobre garoto” dela para matá-lo – o homem a quem ela se acostumara de corpo e alma; o homem em quem ela confiava, levou o garoto embora para matá-lo! Em sua forma, em sua substância, em seu efeito, que era universal, alterando até mesmo o aspecto das coisas inanimadas, era uma ideia para se sentar e meditar a respeito por muito, muito tempo. A senhora Verloc estava imóvel, sentada. E através daquele pensamento (não através da cozinha), a forma do senhor Verloc ia e voltava, de modo familiar em seu chapéu e sobretudo, pisando com suas botas no cérebro dela. Ele provavelmente estava falando também; mas o pensamento da senhora Verloc cobria, em grande parte, a voz.

De vez em quando, porém, a voz se fazia ouvir. Várias palavras conectadas emergiam, às vezes. O significado delas era, geralmente, esperançoso. Em cada uma destas ocasiões, as pupilas dilatadas da senhora Verloc, perdendo sua fixação no distante, seguiam os movimentos de seu marido com o efeito de uma atenção negra e impenetrável. Bem informado sobre todas as questões relacionadas à sua vocação secreta, o senhor Verloc pressagiava para o bem o sucesso de seus planos e maquinações. Ele realmente acreditava que seria, sobretudo, fácil para ele escapar da faca dos furiosos revolucionários. Ele exagerara a força da fúria e a extensão dos braços deles (para propósitos profissionais) com frequência, para ter muitas ilusões, de um modo ou de outro. Pois, para exagerar no julgamento, deve-se começar ao medir com precisão. Ele também sabia quanta virtude e quanta infâmia é esquecida em dois anos – dois longos anos. Seu primeiro discurso realmente de confiança para a sua esposa era otimista por convicção. Ele também achou ser boa política mostrar toda a segurança

que ele pudesse juntar. Daria forças à pobre mulher. Com a sua soltura, que, harmonizando com todo o conteúdo de sua vida, seria secreta, claro, eles fugiriam juntos sem perda de tempo. Quanto a cobrir as pegadas, ele implorou que sua esposa confiasse nele, a esse respeito. Ele sabia o que devia ser feito para que o próprio demônio...

Ele agitou sua mão. Ele parecia se gabar. Ele desejava apenas animá-la. Era uma intenção bondosa, mas o senhor Verloc tinha o infortúnio de estar desalinhado em relação à sua plateia. O tom autoconfiante cresceu sobre os ouvidos da senhora Verloc, que deixava passar a maior parte das palavras; pois, o que eram aquelas palavras para ela agora? O que aquelas palavras poderiam fazer a ela, para o bem ou para o mal, em face de sua ideia fixa? Seu olhar negro seguia aquele homem que assegurava sua impunidade – o homem que tirara o pobre Stevie de casa para matá-lo em algum lugar. A senhora Verloc não podia se lembrar exatamente onde, mas seu coração começara a bater muito perceptivelmente.

O senhor Verloc, em um tom suave e conjugal, expressava agora sua firme crença de que haveria ainda alguns bons anos de vida tranquila diante deles. Ele não entrou na questão dos meios. Um vida tranquila eles teriam, como tinha que ser, por assim dizer, aconchegados na sombra, escondidos entre homens cuja carne é grama; modesta, como a vida das violetas. As palavras usadas pelo senhor Verloc foram: “Sossegar um pouco”. E longe da Inglaterra, claro. Não estava claro se o senhor Verloc tinha em sua mente a Espanha ou a América do Sul; mas, de qualquer forma, em algum lugar no exterior.

Esta última palavra, caindo sobre o ouvido da senhora Verloc, produziu uma definitiva impressão. Este homem falava de sair do país. A impressão estava completamente desconectada; e tal era a força do hábito mental que a senhora Verloc, de uma vez e automaticamente, se perguntou: “E Stevie?”

Foi um tipo de esquecimento por descuido; mas instantaneamente, ela se deu conta de que não havia mais nenhum motivo para preocupação sobre esta questão. Nunca mais haveria



qualquer outro motivo. O pobre garoto tinha sido levado e assassinado. O pobre garoto estava morto.

Este descuido abalador estimulou a inteligência da senhora Verloc. Ela começou a perceber certas consequências que poderiam surpreender o senhor Verloc. Não havia necessidade agora para ela ficar ali, naquela cozinha, naquela casa, com aquele homem – já que o garoto se fora para sempre. Nenhuma necessidade. E, com isso, a senhora Verloc se ergueu, como se impulsionada por uma mola. Mas ela também não podia ver o que a manteria no mundo por completo. E esta inabilidade a deteve. O senhor Verloc a observava com solicitude marital.

“Você se parece mais consigo mesma”, ele disse intranquilo. Algo peculiar na escuridão dos olhos de sua esposa atrapalhava seu otimismo. Naquele preciso momento, a senhora Verloc começou a se ver livre de todos os laços terrenos.

Ela tinha sua liberdade. Seu contrato com a existência, como que representado por aquele homem ali parado, chegara ao fim. Ela era uma mulher livre. Se esta visão tivesse se tornado perceptível, de algum modo, ao senhor Verloc, ele teria ficado extremamente chocado. Em seus assuntos sentimentais, o senhor Verloc sempre fora indiferentemente generoso, ainda que sempre com nenhuma outra ideia que a de ser amado simplesmente por ser o que era. Sobre este assunto, suas noções éticas, estando de acordo com sua vaidade, ele era completamente incorrigível. Que assim fosse, no caso de sua virtuosa e legal conexão, ele estava perfeitamente certo. Ele envelhecera, engordara e ficara mais pesado, na crença de que ele não perdera o fascínio para ser amado por si só. Quando viu a senhora Verloc começar a caminhar para fora da cozinha, sem uma palavra, ele se desapontou.

“Onde você está indo?”, ele falou com brusquidão. “Para cima?”

A senhora Verloc voltou-se, no corredor, com a voz. Um instinto de prudência nasceu do medo, do excessivo medo de ser abordada e tocada por aquele homem, que a induziu a menear a cabeça levemente para ele (desde a altura de dois degraus), com um estremecer dos lábios

que o otimismo conjugal do senhor Verloc tomou como um sorriso triste e incerto.

“Está bem”, ele a incentivou com rispidez. “Descanse e sossegue o quanto quiser. Vá adiante. Não demorará muito para que eu me junte a você”.

A senhora Verloc, a mulher livre que realmente não tinha ideia de para onde estava indo, seguiu a sugestão com rígida firmeza.

O senhor Verloc a observou. Ela desapareceu pelas escadas. Ele estava desapontado. Havia algo em seu interior que ficaria mais satisfeito se ela fosse levada a se lançar contra seu peito. Mas ele era generoso e indulgente. Winnie sempre fora contida e silenciosa. Nem o senhor Verloc era, ele mesmo, pródigo de ternuras e palavras, habitualmente. Mas aquela não era uma tarde comum. Era uma ocasião quando um homem quer se fortificar e se reforçar por provas abertas de simpatia e afeição. O senhor Verloc suspirou e apagou a luz de gás na cozinha. A afeição do senhor Verloc por sua esposa era genuína e intensa. Quase trazia lágrimas aos seus olhos, enquanto ele estava na sala de estar, refletindo sobre a solidão, balançando sobre sua cabeça. Neste humor, o senhor Verloc sentiu muita falta de Stevie, livre deste mundo difícil. Ele lamentou mentalmente o fim dele. Se ao menos aquele rapaz não tivesse se destruído estupidamente.

A sensação de uma fome implacável, não desconhecida aos aventureiros de fibra mais dura do que a do senhor Verloc, após o esforço de empresas arriscadas, o dominou novamente. O pedaço de rosbife, disposto com a semelhança de carne assada para os serviços funerais de Stevie, se oferecia com generosidade à sua atenção. E, novamente, o senhor Verloc comeu. Ele comia com ferocidade, sem comedimento e decência, cortando grossas fatias com a afiada faca de carne e as engolindo sem pão. No decorrer daquela refeição, ocorreu ao senhor Verloc que ele não ouvia sua esposa se mover pelo dormitório, como ele teria feito. A ideia de encontrá-la, talvez sentada na cama na escuridão, não apenas cortou o apetite do senhor Verloc, como também lhe tirou a vontade de segui-la escada acima de imediato. Deitando a faca de cortar carne, o senhor Verloc escutava com preocupada atenção.

Ele se confortou ao ouvi-la finalmente se mover. Ela caminhou, repentinamente, pela sala, e abriu a janela. Depois de um período de silêncio lá em cima, durante o qual ele a imaginou com a cabeça para fora, ele ouviu a vidraça sendo lentamente baixada. Então ela deu alguns passos e se sentou. Cada ressonância de sua casa era familiar ao senhor Verloc, que era completamente doméstico. Quando ele ouviu os passos de sua esposa sobre sua cabeça, ele soube, como se a visse fazer, que ela estava calçando seus sapatos de caminhar. O senhor Verloc balançou levemente os ombros com este ameaçador sintoma e, afastando-se da mesa, ficou de costas para a lareira, sua cabeça a um lado, e roendo com perplexidade as pontas dos dedos. Ele acompanhava os movimentos dela pelo som. Ela caminhava de lá para cá com violência, com paradas abruptas, agora diante do gaveteiro, depois frente ao armário. Uma carga imensa de cansaço, a colheita de um dia de choques e surpresas, jogava as energias do senhor Verloc ao chão.

Ele não levantou seus olhos até que ouviu sua esposa descer as escadas. Foi como ele adivinhara. Ela estava vestida para sair.

A senhora Verloc era uma mulher livre. Ela abrira a janela do quarto tanto com a intenção de gritar Assassinato! Ajuda! ou de se jogar por ela. Pois ela não sabia exatamente o que fazer de sua liberdade. Sua personalidade parecia ter sido rasgada em dois pedaços, cujas operações mentais não se ajustavam muito bem entre si. A rua, silenciosa e vazia de ponta a ponta, a repelia por ficar ao lado daquele homem que estava tão certo de sua impunidade. Ela temia gritar e ninguém aparecer. Obviamente ninguém viria. Seu instinto de autopreservação recuava da profundidade da queda naquele tipo de vala enlameada e funda. A senhora Verloc fechou a janela e se vestiu para ir à rua, de outro modo. Ela era uma mulher livre. Ela se vestira completamente, até amarrando um véu negro sobre seu rosto. Enquanto ela aparecia diante dele, sob a luz da sala de estar, o senhor Verloc observava que ela tinha até mesmo sua pequena bolsa de mão suspensa em seu punho esquerdo... voando até sua mãe, por certo.

A ideia de que mulheres são criaturas cansativas, no fim das contas, se apresentava ao seu cérebro fatigado. Mas ele era muito generoso para hospedá-la por mais que um instante. Este homem,

cruelmente ferido em sua vaidade, permanecia magnânimo em sua conduta, permitindo-se nenhuma satisfação com um sorriso amargo ou um gesto de desprezo. Com verdadeira grandeza de alma, ele apenas relanceou para o relógio de madeira na parede, e disse de maneira perfeitamente calma, mas forçosamente:

“Oito e vinte e cinco, Winnie. Não faz sentido em ir até lá tão tarde. Você nunca conseguirá voltar hoje ainda”.

Diante da mão estendida dele, a senhora Verloc parara de imediato. Ele adicionou, pesadamente: “Sua mãe terá ido para a cama antes de você chegar lá. Este é o tipo de notícia que pode esperar”.

Nada estava mais distante dos pensamentos da senhora Verloc do que ir até sua mãe. Ela recuou com a simples ideia, e sentido uma cadeira atrás dela, obedeceu à sugestão do toque, e sentou-se. Sua intenção era simplesmente sair pela porta para sempre. E, se este sentimento estava correto, sua forma mental adotava um formato indistinto, correspondente à sua origem e estação. “Preferiria caminhar pelas ruas por todos os dias da minha vida”, ela pensou. Mas esta criatura, cuja natureza moral tinha se sujeitado a um choque, do qual, na ordem física, o mais violento terremoto da história seria apenas uma débil e lânguida tradução, estava à misericórdia de meras ninharias, de contatos casuais. Ela se sentou. Com seu chapéu e véu, ela tinha o ar de uma visitante, de ir ver o senhor Verloc por um momento. Sua docilidade instantânea o incentivou, enquanto seu aspecto de aquiescência apenas temporária e silenciosa lhe provocou um pouco.

“Deixe-me dizer, Winnie”, ele disse com autoridade, “que seu lugar é aqui nesta noite. Que se dane tudo! Você trouxe a maldita polícia para me rastrear de cima a baixo. Eu não lhe culpo – mas é tudo obra sua. É melhor que você tire este maldito chapéu. Não posso deixar-lhe ir, mulher”, ele adicionou em uma voz mais suave.

A mente da senhora Verloc se apoderou daquela declaração com mórbida tenacidade. O homem que tirara Stevie debaixo dos próprios olhos dela para matá-lo em uma localidade cujo nome, naquele momento, não estava presente em sua memória, não permitiria que ela fosse embora. Claro que não.

Agora que ele assassinara Stevie, ele não a deixaria nunca ir. Ele queria mantê-la para nada. E, com este característico raciocínio, tendo toda a força da lógica insana, o gênio desconectado da senhora Verloc passou a funcionar no sentido prático. Ela podia passar por ele, abrir a porta, correr para fora. Mas ele se lançaria atrás dela, para agarrá-la pelo corpo e arrastá-la de volta à loja. Ela poderia arranhar, chutar e morder – e esfaquear também; mas, para isso, ela precisaria de uma faca. A senhora Verloc sentou-se imóvel sob seu véu negro, em sua própria casa, como uma visitante mascarada e misteriosa de intenções impenetráveis.

A magnanimidade do senhor Verloc não era mais que humana. Ela o exasperou, por fim.

“Você não pode dizer alguma coisa? Você tem seus próprios meios para incomodar um homem. Ah, sim! Conheço seu truque de surdo e mudo. Já lhe vi fazendo isso antes, hoje. Mas agora, chega. E, para começar, tire esta maldita coisa. Não se pode dizer se estou conversando com um boneco ou com uma mulher viva”.

Ele avançou e esticando sua mão, puxou o véu, desmascarando um rosto imóvel e ilegível, contra o qual sua nervosa exasperação se estilhaçou como uma bolha de vidro jogada contra uma pedra. “Assim está melhor”, ele disse, para cobrir sua momentânea falta de tranquilidade, e recuou de volta para sua antiga posição ao lado da lareira. Nunca entraria em sua cabeça que sua esposa o deixaria. Ele se sentiu um pouco envergonhado, pois estava apaixonado e generoso. O que ele poderia fazer? Tudo já tinha sido dito. Ele protestou veementemente.

“Pelos céus! Você sabe que eu batalhei de todas as maneiras. Corri todos os riscos de me revelar para encontrar alguém para este amaldiçoado trabalho. E eu lhe digo novamente, que não pude encontrar ninguém louco ou faminto o suficiente. O que você acha que sou – um assassino ou o que? O garoto se foi. Você acha que eu quis que ele se explodisse? Ele se foi. Os problemas dele terminaram. Os nossos estão apenas começando a surgir, eu lhe digo, precisamente porque ele se explodiu. Eu não lhe culpo. Mas apenas tente entender que foi um

puro acidente; um acidente, como se ele fosse atingido por um ônibus enquanto cruzava a rua”.

Sua generosidade não era infinita, porque ele era um ser humano – e não um monstro, como a senhora Verloc acreditava que ele fosse. Ele pausou, e um grunhido levantou seu bigode por cima de um fulgor de dentes brancos, que lhe deu a expressão de uma besta reflexiva, mas não perigosa – uma lenta besta com uma cabeça lisa, mais tenebrosa que uma foca, e com uma voz rouca.

“E, no que tange a isso, é tanto obra sua quanto minha. Isso mesmo. Você pode olhar do modo que quiser. Sei que você pode fazer deste modo. Mate-me se eu sequer considere o garoto para este propósito. Foi você quem continuou a jogá-lo no meu caminho, quando eu estava meio distraído com a preocupação de manter todos nós livres de problemas. Que diabos você fez? Poderia se pensar que você fez de propósito. E maldito seja eu se souber que você não fez. Não há como dizer quanto do que está acontecendo você tem de guardar de modo dissimulado, com seu modo infernal de “não me importo”, de olhar para lugar algum em particular, e de nada dizer...”

Sua doméstica e rouca voz parou por um momento. A senhora Verloc não deu resposta. Diante daquele silêncio, ele sentiu-se envergonhado do que disse. Mas, como frequentemente acontece a homens pacíficos em querelas domésticas, ao ficar envergonhado, ele levou a outro ponto.

“Você tem um modo demoníaco de segurar sua língua, às vezes”, ele recomeçou, sem erguer sua voz. “O suficiente para enlouquecer alguns homens. Você tem sorte de que não sou tão facilmente influenciável como alguns seriam pelos ataques surdos-mudos. Sou apaixonado por você. Mas não vá muito longe. Não é a hora agora. Devemos pensar no que iremos fazer. E não posso deixar que você saia nesta noite, correndo para a sua mãe com alguma história louca sobre mim. Eu não permito. Não se engane quanto a isto: se você acha que eu matei o garoto, então você o matou tanto quanto eu”.

Na sinceridade de sentimento e na franqueza da declaração, estas palavras foram bem além de tudo o que já fora dito naquela casa,

mantida com os salários de um trabalho secreto, ampliados com as vendas de produtos mais ou menos secretos: os pobres expedientes inventados por uma medíocre humanidade para preservar uma sociedade imperfeita dos perigos da corrupção moral e física, ambas também secretas. Elas foram faladas, pois o senhor Verloc realmente se sentia ultrajado; mas as reticentes decências de sua vida doméstica, em uma rua obscura, atrás de uma loja onde o sol nunca brilhava, permaneciam aparentemente tranquilas. A senhora Verloc o escutava com perfeita propriedade, e então se levantou de sua cadeira, com seu chapéu e casaco, como uma visitante ao fim da visita. Ela caminhou na direção de seu marido, um braço estendido como se para um cumprimento silencioso de despedida. Seu véu de rendas, balançando em uma ponta ao lado esquerdo de seu rosto, dava um ar de desordeira formalidade aos seus movimentos contidos. Mas, quando ela chegou até o tapete da lareira, o senhor Verloc já não estava mais ali. Ele se movera na direção do sofá, sem erguer os olhos para observar os efeitos de sua retirada. Ele estava cansado, resignado em uma forma verdadeiramente marital. Mas ele se sentia ferido no terno lugar de sua secreta fraqueza. Se ela continuasse aborrecida naquele terrível silêncio sobrecarregado – ora, que assim fosse. Ela era uma mestra naquela arte doméstica. O senhor Verloc se jogou pesadamente sobre o sofá, desconsiderando, como sempre, o destino de seu chapéu que, como se acostumado a cuidar de si mesmo, buscou um abrigo seguro sob a mesa.

Ele estava cansado. A última partícula de sua força nervosa fora gasta nos assombros e nas agonias deste dia cheio de surpreendentes fracassos, chegando ao fim de um mês vergonhoso de planos e insônia. Ele estava cansado. Um homem não é feito de pedra. Dane-se tudo! O senhor Verloc repousou caracteristicamente, vestido em suas roupas de sair. Um lado de seu aberto sobretudo caía parcialmente sobre o chão. O senhor Verloc recostou-se. Mas ele ansiava por um descanso mais conveniente – dormir – por algumas horas de delicioso esquecimento. Isso viria depois. Por agora, ele descansava. E ele pensou: “Quero que ela termine com essa maldita besteira. É desesperador”.

Deveria haver algo imperfeito no sentimento de reconquistada liberdade, da senhora Verloc. Ao invés de seguir para a porta, ela se

recostou, com seus ombros contra a chapa da lareira, como um viajante descansa contra uma cerca. Um toque selvagem em seu aspecto, derivado do véu negro, balançando como um trapo contra seu rosto, e da rigidez de seu olhar negro, onde a luz da sala era absorvida e sumia sem o traço de um único fulgor. Esta mulher, capaz de uma barganha cuja mera suspeita teria sido infinitamente chocante à ideia de amor do senhor Verloc, permanecia irresoluta, como se escrupulosamente ciente de algo que lhe faltava para encerrar formalmente a transação.

No sofá, o senhor Verloc ajustou seus ombros para o perfeito conforto, e com todo o seu coração, emitiu um desejo, que era certamente tão pio quanto qualquer coisa que igualmente viesse de tal fonte.

“Como eu queria”, ele grunhiu roucamente, “que eu nunca tivesse visto Greenwich Park ou qualquer coisa daquele lugar”.

O som velado preencheu a pequena sala com seu volume moderado, bem adaptado à modesta natureza de seu pedido. As ondas de ar, de comprimento apropriado, se propagaram de acordo com as fórmulas matemáticas corretas, passaram por todas as coisas inanimadas na sala, e se agitaram sobre a cabeça da senhora Verloc como se fosse uma cabeça de pedra. E, tão incrível como possa parecer, os olhos da senhora Verloc aparentaram estar ainda maiores. O audível desejo do coração transbordando do senhor Verloc, fluíu para um lugar vazio na memória da sua esposa. Greenwich Park. Um parque! Eis o lugar onde o garoto foi morto. Um parque – galhos arrancados, folhas despedaçadas, cascalho, pedaços fraternais de carne e osso, tudo voando junto como fogos de artifício. Ela lembrou então de tudo o que ouvira, e lembrou imagneticamente. Tiveram de juntá-lo com uma pá. Tremendo por inteira com calafrios irreprimíveis, ela via diante de si a própria ferramenta com sua terrível carga recolhida do chão. A senhora Verloc fechou os olhos desesperadamente, jogando sobre aquela visão a noite de suas pálpebras, onde depois de uma chuva de membros mutilados, a cabeça decapitada de Stevie se demorava, suspensa e sozinha, desaparecendo lentamente como a última estrela de um show pirotécnico. A senhora Verloc abriu os olhos.



Sua face já não era mais pétrea. Qualquer um poderia ter notado a mudança sutil em seus traços e no seu olhar, dando-lhe uma expressão nova e espantosa; uma expressão raramente observada por pessoas competentes, sob a condição do lazer e da segurança, exigidas para uma análise completa, mas cujo significado não poderia se equivocar de relance. As dúvidas da senhora Verloc quanto ao fim da negociação já se dissipavam; suas forças, já não mais dispersas, trabalhavam sob o controle de sua vontade. Mas o senhor Verloc não via nada. Ele estava repousando naquela patética condição de otimismo, à qual o excesso de fadiga levava. Ele não queria mais problemas – com sua esposa também – com todas as pessoas do mundo. Ele estivera irrepreensível em seu desagravo. Ele era amado por si próprio. Ele interpretava a fase atual do silêncio dela favoravelmente. Esta era a hora de fazer as pazes com ela. O silêncio durara o bastante. Ele o quebrou ao chamá-la em voz baixa.

“Winnie”.

“Sim”, respondeu obedientemente a senhora Verloc, mulher livre. Ela comandava suas forças agora, seus órgãos vocais; ela sentia estar sob um controle quase sobrenaturalmente perfeito de cada fibra do seu corpo. Tudo era dela própria, porque a negociação terminara. Ela via com clareza. Ela se tornara esperta. Ela escolhera responder tão prontamente a ele porque tinha um propósito. Ela não queria que aquele homem mudasse de posição no sofá, que era muito adequada às circunstâncias. Ela conseguiu. O homem não se levantou. Mas, depois de responder, ela continuou negligentemente apoiada contra a lareira, na pose de um viajante em descanso. Ela não tinha pressa. Sua frente estava plácida. A cabeça e os ombros do senhor Verloc estavam ocultos dela, pelo lado mais alto do sofá. Ela mantinha os olhos presos em seus pés.

Ela permanecia assim, misteriosamente parada e repentinamente recomposta, até que se ouviu o senhor Verloc com um sotaque de autoridade marital, e movendo-se lentamente para dar espaço para que ela sentasse na beira do sofá.

“Venha aqui”, ele disse em um tom peculiar, que poderia ser o tom da brutalidade, mas era intimamente conhecido pela senhora

Verloc como uma nota de desejo.

Ela avançou de imediato, como se ainda fosse uma mulher leal, ligada àquele homem por um contrato intacto. Sua mão direita deslizou levemente pela borda da mesa, e quando ela passou na direção do sofá, a faca de carne, ao lado do prato, desaparecera sem o menor som. O senhor Verloc ouviu o ranger do assoalho e ficou contente. Ele aguardou. A senhora Verloc estava vindo. Como se a alma sem lar de Stevie tivesse voado por abrigo diretamente ao peito de sua irmã, guardiã e protetora, a semelhança de seu rosto com o de seu irmão se tornava maior a cada passo, até mesmo o cair do lábio inferior, mesmo ao leve estrabismo dos olhos. Mas o senhor Verloc não via isso. Ele estava deitado de costas, olhando para cima. Ele via parcialmente, no teto, e parcialmente, na parede, a sombra em movimento de um braço com uma mão fechada, segurando uma faca de cortar carne. A sombra se agitava de cima para baixo. Seus movimentos eram lentos. Eram tão lentos que o senhor Verloc pôde reconhecer o braço e a arma.

Eram lentos o bastante para que ele compreendesse o significado completo da tentativa, e provar o sabor da morte subindo pela sua garganta. Sua esposa se tornara uma louca furiosa – uma louca assassina. Eles eram lentos o bastante para que o primeiro efeito paralisador da descoberta passasse antes de uma resoluta determinação para sair vitorioso da terrível luta com aquela lunática armada. Eles eram lentos o bastante para que o senhor Verloc elaborasse um plano de defesa, envolvendo correr para atrás da mesa e derrubar a mulher com uma pesada cadeira de madeira. Mas não foram lentos o bastante para permitir ao senhor Verloc o tempo para mover tanto a mão quanto o pé. A faca já estava plantada em seu peito. Ela não encontrou resistência pelo caminho. O acaso tinha suas exatidões. Naquela facada, dada sobre o lado do sofá, a senhora Verloc colocara toda a herança da sua descendência, imemorial e obscura, a simples ferocidade da idade das cavernas, e a desequilibrada fúria nervosa da época dos bares. O senhor Verloc, o Agente Secreto, virando-se levemente de lado com a força do golpe, morreu sem levantar um braço, com o som da palavra “Não” como meio de protesto.

A senhora Verloc soltara a faca, e a sua extraordinária semelhança com seu finado irmão desaparecera, se tornara então bem comum. Ela respirou fundo, a primeira respiração tranquila desde que o Inspetor Chefe Heat lhe mostrara o pedaço do sobretudo de Stevie com o endereço. Ela se apoiou para a frente, sobre os braços dobrados, ao lado do sofá. Ela adotara aquela atitude tranquila não para observar ou tripudiar sobre o corpo do senhor Verloc, mas por causa dos movimentos ondulatórios e jogados da sala de estar, que por algum tempo se comportou como se estivesse no mar, sob uma tempestade. Ela estava tonta, mas calma. Ela se tornara uma mulher livre, com uma perfeição de liberdade que nada deixava para desejar e absolutamente nada para fazer, já que a urgente demanda de Stevie pela sua devoção estava já satisfeita. A senhora Verloc, que pensava por imagens, não era perturbada agora por visões, porque ela não pensava mais. E ela não se movia. Ela era uma mulher apreciando sua completa irresponsabilidade e infinito ócio, quase como um cadáver. Ela não se movia, ela não pensava. Assim como o envelope morto do finado senhor Verloc, repousando sobre o sofá. Exceto pelo fato de que a senhora Verloc respirava, aqueles dois poderiam estar perfeitamente de acordo: aquele acordo de prudente reserva, sem palavras supérfluas, e poupando sinais, que fora a fundação de sua respeitável vida doméstica. Pois fora respeitável, cobrindo com uma decente reticência os problemas que podem surgir na prática de uma profissão secreta e do comércio de mercadorias obscuras. Ao fim, seu decoro permanecera sem perturbação por gritos inconvenientes e outras sinceridades de conduta deslocadas. E, depois do golpe, esta respeitabilidade continuou, imóvel e em silêncio.

Nada se movia na sala de estar, até que a senhora Verloc lentamente ergueu sua cabeça e olhou para o relógio com uma desconfiança indagadora. Ela se tornara ciente do som das batidas na sala. Aumentava de volume em seu ouvido, enquanto ela recordava claramente que o relógio na parede estava silencioso, não tinha um ruído audível. O que significava aquilo, de começar a bater em volume tão alto de repente? Seu rosto indicava dez para as nove. A senhora Verloc não se importava por completo com o horário, e o bater

continuou. Ela concluiu que não poderia ser o relógio, e seu olhar triste se moveu pelas paredes, perambulou e tornou-se vago, enquanto ela afinava sua audição para localizar o som. Tic, tic, tic.

Depois de ouvir por algum tempo, a senhora Verloc baixou seu olhar deliberadamente para o corpo de seu marido. Sua atitude de repouso era tão caseira e familiar que ela podia olhá-lo sem se sentir constrangida por qualquer pronunciada novidade no fenômeno de sua vida doméstica. O senhor Verloc estava em seu descanso habitual. Ele parecia confortável.

Pela posição do corpo, o rosto do senhor Verloc não era visível à senhora Verloc, sua viúva. Seus olhos finos e sonolentos, viajando para baixo na busca do som, se tornaram contemplativos ao encontrar um objeto achatado de osso, que saía um pouco além da borda do sofá. Era o cabo da faca doméstica de cortar carne, com nada de estranho em si além de sua posição perpendicular em relação ao colete do senhor Verloc, e o fato de que algo caía dele. Gotas escuras caíam no tapete, uma após outra, com um tic, tic, tic, que aumentava rapidamente e furiosamente, como o pulso de um relógio insano. Em sua maior velocidade, o tic, tic, tic se tornou um som contínuo de algo escorrendo. A senhora Verloc observava esta transformação com sombras de ansiedade, indo e vindo pelo seu rosto. Era um filete, escuro, rápido, fino... Sangue!

Com esta imprevista circunstância, a senhora Verloc abandonou sua pose de ócio e irresponsabilidade.

Com um repentino arrebatamento de suas saias e um débil grito, ela correu para a porta, como se o filete fosse o primeiro sinal de uma destruidora enchente. Encontrando a mesa em seu caminho, ela lhe deu um empurrão com as duas mãos como se ela estivesse viva, com tanta força que ela percorreu alguma distância, com as suas quatro pernas, com um barulho alto e dissonante, enquanto o grande prato com a carne caía pesadamente sobre o chão.

Depois, tudo se acalmou. Ao chegar à porta, a senhora Verloc parou. Um chapéu redondo, que se revelou no meio do chão com o

movimento da mesa, balançou levemente sobre sua copa, com o vento de sua fuga.

## CAPÍTULO XII

Winnie Verloc, a viúva do senhor Verloc, a irmã do finado e fiel Stevie (explodido em pedaços em um estado de inocência e com a convicção de estar comprometido com uma causa humanitária) não correu além da porta da sala de estar. Ela, de fato, correria para longe, por causa de um mero filete de sangue, mas aquele foi um movimento de instintiva repulsão. E lá ela parara, com os olhos fixos e a cabeça baixa. Como se tivesse corrido por anos em sua fuga pela pequena sala de estar, a senhora Verloc, na porta, era uma pessoa bem diferente da mulher que estava apoiada sobre o sofá, a cabeça um pouco caída, mas por outro lado, livre para aproveitar a profunda calma do ócio e da irresponsabilidade. A senhora Verloc não estava mais entorpecida. Sua cabeça estava firme. Mas, ela não estava calma, pelo contrário. Ela tinha medo.

Se ela evitava olhar na direção de seu marido em repouso, não era porque ela o temia. Não havia nada de pavoroso em se observar o senhor Verloc. Ele parecia confortável. Além do mais, ele estava morto. A senhora Verloc não entretinha vãs ilusões sobre a questão dos mortos. Nada o traria de volta, nem o amor ou o ódio. Eles não podem fazer nada para você. Eles são como o nada. Seu estado mental foi tingido por um tipo de austero desprezo por aquele homem que se deixara ser assassinado tão facilmente. Ele era o patrão de uma casa, o marido de uma mulher e o assassino do seu Stevie. E, agora, ele não valia nada, sob nenhum aspecto. Ele era de um valor menos prático do que a roupa que vestia, do que o sobretudo, as botas – valia menos ainda que aquele chapéu caído no chão. Ele era nada. Não valia a pena olhar para ele. Ele não era nem mesmo o assassino do pobre Stevie. A única pessoa, que matou alguém, a ser encontrada na sala, quando vierem procurar pelo senhor Verloc, seria... Ela mesma!

Suas mãos tremiam tanto que ela não conseguiu, por duas vezes, prender novamente seu véu. A senhora Verloc já não era mais uma pessoa ociosa e responsável. Ela tinha medo. O esfaqueamento do senhor Verloc fora apenas um golpe. Aliviara a agonia encurralada de gritos estrangulados em sua garganta, das lágrimas que se secaram em

seus olhos ardentes, da fúria enlouquecedora e indignada pelo papel atroz que coube àquele homem, que era menos que nada agora, ao roubá-la do garoto.

Foi um golpe de impulso obscuro. O sangue escorrendo sobre o chão, pelo cabo da faca, transformou-se em um caso extremamente claro de assassinato. A senhora Verloc, que sempre evitara olhar com profundidade para as coisas, foi levada a olhar bem para o fundo desta. Ela não viu lá nenhum rosto assustador, nenhuma sombra de reprovação, nenhuma visão de remorso, nenhum tipo de conceito ideal. Ela viu lá um objeto. O objeto era a força e a senhora Verloc temia a força.

Ela estava mortificada idealmente. Nunca tendo colocado os olhos neste último argumento da justiça dos homens, exceto por gravuras ilustrativas de certo tipo de histórias, ela primeiro se viu ereta, contra um fundo negro e tormentoso, decorada com correntes e ossos humanos, com uma revoada de pássaros que bicavam os olhos dos mortos. Isso era bastante assustador, mas a senhora Verloc, embora não fosse uma mulher bem informada, tinha conhecimento suficiente das instituições de seu país para saber que a força já não era mais romanticamente construída às margens de rios pequenos ou em promontórios varridos pelos ventos, mas aos fundos das prisões. Lá, dentro de quatro muros altos, como se em um poço, no raiar do dia, o assassino era trazido para ser executado, com uma horrível quietude e, como as matérias dos jornais sempre diziam, “na presença das autoridades”. Com seus olhos no chão, suas narinas tremendo de angústia e vergonha, ela se imaginava completamente sozinha, entre muitos cavalheiros estranhos, de chapéus de seda, que seguiam calmamente com a tarefa de pendurá-la pelo pescoço. Aquilo – nunca! Nunca! E como se fazia? A impossibilidade de imaginar os detalhes de tal silenciosa execução acrescentava algo enlouquecedor ao seu abstrato terror. Os jornais nunca davam outros detalhes, além daquele, mas aquele, com tal afetação, sempre aparecia ao final de uma matéria insuficiente. A senhora Verloc recordava sua natureza. Vinha com uma dor cruel e ardente à sua cabeça, como se as palavras “a queda foi de

quatro metros” fossem escritas em seu cérebro com uma agulha quente. “A queda foi de quatro metros”.

Estas palavras lhe afetavam fisicamente, também. Sua garganta se convulsionava, em ondas, para resistir ao estrangulamento; e a sensação do solavanco foi tão vívida que ela agarrou sua cabeça com as duas mãos, como para salvá-la de ser destacada de seus ombros. “A queda foi de quatro metros”. Não! Isso nunca aconteceria. Ela não passaria por aquilo. Até mesmo a ideia daquilo era insuportável. Ela não podia aguentar pensar nisso. Portanto, a senhora Verloc decidiu ir diretamente e se jogar no rio, de uma das pontes.

Desta vez, ela conseguiu prender novamente seu véu. Como se tivesse o rosto mascarado, de preto dos pés à cabeça, exceto por algumas flores em seu chapéu, ela olhou mecanicamente para o relógio. Ela pensou que estivesse parado. Ela não podia acreditar que apenas dois minutos se tivessem passado desde que olhou para ele pela última vez. Claro que não. Não ficara parado todo o tempo. Na verdade, apenas três minutos haviam se passado desde o momento em que conseguira respirar, profunda e tranquilamente, depois do golpe, até este momento, em que a senhora Verloc decidiu se jogar no Tâmis. Mas a senhora Verloc não podia acreditar nisso. Ela parecia ter ouvido, ou lido, que os relógios sempre paravam na hora do assassinato, para arruinar o assassino. Ela não se importou. “Para a ponte... e dela me vou”. Mas seus movimentos eram lentos.

Ela se arrastou dolorosamente pela loja, e teve de segurar a maçaneta da porta antes de encontrar a força necessária para abri-la. A rua lhe assustou, já que conduzia tanto para a força quanto para o rio. Ela avançou com dificuldade pela soleira, a cabeça para a frente, os braços estendidos, como uma pessoa caindo do parapeito de uma ponte. Adentrar pelo ar fresco tinha o sabor antecipado do afogamento; uma umidade lodosa a envolveu, entrou pelo seu nariz, prendeu-se nos seus cabelos. Não chovia de fato, mas cada lâmpada de gás tinha um pequeno halo enferrujado de névoa. A carroça e os cavalos se foram e, na rua negra, a janela, com as cortinas fechadas, do restaurante dos carroceiros produzia um remendo quadrado de uma luz suja e vermelha como sangue, brilhando debilmente, próximo ao nível da calçada. A



senhora Verloc, arrastando-se lentamente na direção dela, pensou que era uma mulher muito solitária. Era verdade. Era tão verdade que, em uma vontade repentina de ver algum rosto amigo, ela não podia pensar em mais ninguém além da senhora Neale, a faxineira. Ela não tinha nenhum relacionamento próprio. Ninguém sentiria falta dela, em um sentido social. Não se deveria imaginar que a Viúva Verloc esquecera-se de sua mãe. Não era assim. Winnie fora uma boa filha porque fora uma irmã devotada. Sua mãe sempre se apoiara nela. Nenhum consolo ou conselho poderia ser esperado sobre isso. Agora que Stevie estava morto, o laço parecia estar quebrado. Ela não poderia encarar a velha mulher com tal horrível história. Além do mais, era muito longe. O rio era seu destino atual. A senhora Verloc tentou esquecer sua mãe.

Cada passo lhe custava um esforço de vontade que parecia o último possível. A senhora Verloc passara se arrastando pelo fulgor vermelho da janela do restaurante. “Para a ponte... e dela me vou”, ela repetia para si mesma com feroz obstinação. Ela estendeu a mão bem na hora para se firmar contra um poste. “Não chegarei nunca lá antes da manhã”, pensou. O medo da morte paralisava seus esforços para escapar da força. Parecia a ela que estava cambaleando naquela rua por horas. “Nunca chegarei lá”, ela pensou. “Eles me acharão perdida pelas ruas. É muito longe”. Ela parou, ofegante sob seu véu negro.

“A queda foi de quatro metros”.

Ela empurrou violentamente o poste de si e se descobriu caminhando. Mas outra onda de debilidade a dominou, como um grande oceano, levando seu coração do peito. “Nunca chegarei lá”, ela disse, de súbito presa, balançando levemente onde estava. “Nunca”.

E, percebendo a extrema impossibilidade de caminhar tão longe quanto à próxima ponte, a senhora Verloc pensou em fugir para fora do país.

Viera-lhe de repente. Assassinos escapavam. Fugiam para fora do país. Espanha ou Califórnia. Meros nomes. O vasto mundo criado para a glória do homem era apenas um vasto vazio para a senhora Verloc. Ela não sabia para onde ir. Assassinos tinham amigos, relações, ajudantes – eles tinham conhecimento. Ela não tinha nada. Ela era a mais solitária

dos assassinos que jamais deram um golpe mortal. Ela estava sozinha em Londres: e toda a cidade de maravilhas e lama, com seu emaranhado de ruas e sua profusão de luzes, se afundava em uma noite desesperançada, caída no fundo de um abismo negro, do qual nenhuma mulher desfavorecida poderia esperar escalar para fora.

Ela se inclinou para a frente, e recomeçou a caminhar cegamente, com um terrível temor de cair; mas ao final de alguns passos, inesperadamente, ela sentiu-se apoiada, segura. Erguendo a cabeça, ela viu o rosto de um homem encarando atentamente seu véu. O Camarada Ossipon não tinha medo de mulheres estranhas, e nenhum sentimento de falsa delicadeza poderia impedi-lo de firmar um relacionamento com uma mulher aparentemente muito intoxicada. O Camarada Ossipon estava interessado em mulheres. Ele segurou esta entre suas duas enormes palmas, olhando minuciosamente para ela até que a ouviu dizer, debilmente, “Senhor Ossipon!” e então ele quase a deixou cair no chão.

“Senhora Verloc!”, ele exclamou. “Você aqui!”.

Pareceu-lhe impossível que ela estivesse bebendo. Mas nunca se sabe. Ele não adentrou esta questão, mas atento para desencorajar o bom destino, que lhe enviou a viúva do Camarada Verloc, ele tentou puxá-la para o seu peito. Para sua surpresa, ela foi com bastante facilidade, e mesmo descansou em seu braço por um momento, até tentar se soltar. O Camarada Ossipon não seria brusco com o bom destino. Ele retirou seu braço de modo natural.

“Você me reconheceu”, ela balbuciou, diante ele, mal se firmando em suas pernas.

“Claro que sim”, disse Ossipon, com perfeita prontidão. “Temi que você estivesse caindo. Tenho pensado em você com muita frequência, ultimamente, para não lhe reconhecer em qualquer lugar, a qualquer hora. Sempre penso em você... desde que primeiro lhe vi”.

A senhora Verloc não pareceu escutar. “Você estava indo à loja?”, ela disse, nervosa.

“Sim, imediatamente”, respondeu Ossipon. “Assim que li o jornal”.

Na verdade, o Camarada Ossipon estava à espreita por um bom par de horas nos arredores de Brett Street, incapaz de se decidir por uma jogada ousada. O robusto anarquista não era exatamente um conquistador audaz. Ele se lembrava que a senhora Verloc nunca respondera aos seus olhares com o menor sinal de incentivo. Além disso, ele julgava que a loja estaria vigiada pela polícia, e o Camarada Ossipon não desejava que a polícia tivesse uma noção exagerada de suas simpatias revolucionárias. Ainda agora ele não sabia precisamente o que fazer. Em comparação com suas habituais especulações amadoras, esta era uma atribuição grande e séria. Ele ignorava quanto havia ali e o quanto ele teria de avançar para se apoderar do que estava à disposição – supondo que, ao fim, houvesse uma chance. Estas perplexidades, obstruindo sua euforia, davam ao seu tom uma sobriedade adequada, dadas as circunstâncias.

“Posso saber aonde você estava indo?”, ele perguntou com a voz branda.

“Não me pergunte!”, exclamou a senhora Verloc, com uma violência estremecedora e reprimida. Toda a sua forte vitalidade se recolheu com a ideia da morte. “Não importa para onde eu ia...”

Ossipon concluiu que ela estava muito excitada, mas perfeitamente sóbria. Ela permaneceu em silêncio, ao seu lado, por um momento, mas depois, de uma vez, ela fez algo que ele não esperava. Ela deslizou sua mão pelo braço dele. Ele se assustou com o ato, em si, certamente, e também pelo aspecto palpável e resolutivo daquele movimento. Mas, sendo este um caso delicado, o Camarada Ossipon se comportou com delicadeza. Ele se contentou em apertar a mão levemente contra sua robusta costela. Ao mesmo tempo, ele se sentiu impulsionado para a frente, e cedeu ao impulso. Ao final da Brett Street, ele soube que estava sendo levado para a esquerda. Ele cedeu.

O fruteiro da esquina revelara a fulgurante glória de suas laranjas e seus limões, e Brett Place estava completamente escura, entremeada com os halos úmidos das poucas lâmpadas, que definiam sua forma triangular, com um grupo de três lâmpadas em um suporte no meio. As

formas escuras do homem e da mulher, deslizando de braços dados pelos muros como se fossem amantes e mendigos, na noite miserável.

“O que você diria se eu lhe contasse que estava lhe procurando?”, perguntou a senhora Verloc, agarrando o braço dele com força.

“Eu diria que você não poderia encontrar ninguém mais disposto a lhe ajudar com seu problema”, respondeu Ossipon, com a sensação de fazer um tremendo avanço. Na verdade, o progresso deste caso delicado estava quase lhe deixando sem fôlego.

“Com meu problema!”, repetiu lentamente a senhora Verloc.

“Sim”.

“E você sabe qual é meu problema?”, ela sussurrou com estranha intensidade.

“Dez minutos depois de ver o jornal vespertino”, explicou Ossipon com ardor, “encontrei um sujeito a quem você deve ter visto uma ou duas vezes, talvez, na loja, e tive uma conversa com que não me deixou nenhuma dúvida. Então corri para cá, me perguntando se você... estou apaixonado por você, além do que as palavras podem descrever, desde que pus os olhos em seu rosto”, ele exclamou, como se incapaz de controlar seus sentimentos.

O Camarada Ossipon supôs corretamente que nenhuma mulher era capaz de não acreditar totalmente em tal declaração. Mas ele não sabia que a senhora Verloc aceitaria isso com toda a selvageria que o instinto de autopreservação coloca na firmeza de uma pessoa se afogando. Para a viúva do senhor Verloc, o robusto anarquista era como um radiante mensageiro da vida.

Eles caminhavam lentamente, no mesmo compasso. “Achei que sim”, murmurou debilmente a senhora Verloc.

“Você leu nos meus olhos”, sugeriu Ossipon, com grande segurança.

“Sim”, ela sussurrou em seu ouvido.

“Um amor como o meu não pode ficar oculto de uma mulher como você”, ele prosseguiu, tentando tirar de sua mente as considerações materiais, como o valor de negócio da loja e a quantidade

de dinheiro que o senhor Verloc poderia ter deixado no banco. Ele se aplicou no lado sentimental do caso.

No fundo de seu coração, ele estava um pouco chocado com seu sucesso. Verloc fora um bom homem, e certamente um marido muito decente até onde se podia ver. Porém, o Camarada Ossipon não iria discutir com sua sorte por causa de um homem morto. Ele resolutamente suprimiu sua simpatia pelo espírito do Camarada Verloc, e seguiu em frente.

“Não pude guardar segredo. Eu estava muito repleto de você. Ouso dizer que você não tinha como não ver isso em meus olhos. Mas você não poderia adivinhar. Você era sempre tão distante...”

“O que mais você esperava?”, explodiu a senhora Verloc. “Eu era uma mulher respeitável...”

Ela parou e então acrescentou, como se falando para si mesma, com um ressentimento sinistro: “Até que ele me fez o que sou”.

Ossipon deixou essa passar, e retomou seu curso. “Ele nunca me pareceu ser digno de você”, ele começou, lançando a lealdade aos ventos. “Você merecia um destino melhor”.

A senhora Verloc interrompeu amargamente:

“Melhor destino! Ele me roubou sete anos de vida”.

“Você parecia viver tão feliz com ele”. Ossipon tentou escusar a indiferença de sua conduta passada. “Foi isso o que me intimidou. Você parecia amá-lo. Fiquei surpreso – e enciumado”, ele acrescentou.

“Amá-lo!”, exclamou, com um sussurro cheio de desdém e fúria a senhora Verloc. “Amá-lo! Eu era uma boa esposa para ele. Sou uma mulher respeitável. Você pensou que eu o amava! Você pensou! Olhe aqui, Tom...”

O som deste nome eriçou o Camarada Ossipon de orgulho. Pois seu nome era Alexander, e ele era chamado de Tom por um acordo entre os mais familiares de seus íntimos. Era um nome de amizade – dos momentos de expansão. Ele não tinha ideia de que ela já o ouvira sendo usado por alguém. Estava aparente que ela não apenas o havia guardado, mas entesourado em sua memória – talvez, em seu coração.

“Olhe aqui, Tom! Sou jovem. Estava sem saída. Estava cansada. Tinha duas pessoas dependendo do que eu poderia fazer, e parecia que eu não podia fazer mais nada. Duas pessoas – mamãe e o garoto. Ele era muito mais meu do que de mamãe. Fiquei noites e noites com ele em meu colo, sozinhos no quarto, quando eu mesma não tinha mais de oito anos de idade. E então... ele era meu, eu lhe digo... Você não pode entender isso. Nenhum homem pode entender isso. O que eu deveria fazer? Eis um jovem rapaz...”

A memória do primeiro romance com o jovem açougueiro sobrevivia, tenaz, como a imagem de um ideal vislumbrado naquele coração enturvado, diante do medo da força e cheio de revolta contra a morte.

“Aquele foi o homem que eu amei”, continuou a viúva do senhor Verloc. “Suponho que ele podia ver isso nos meus olhos, também. Vinte e cinco xelins por semana, e seu pai o ameaçou de expulsá-lo do negócio se ele fosse tão tolo a ponto de casar-se com uma garota que tinha uma mãe inválida e um garoto louco e idiota nas mãos. Mas ele continuou a me procurar, até que uma tarde, tive a coragem de bater a porta na cara dele. Tive de fazer isso. Eu o amava demais. Vinte e cinco xelins por semana! Havia aquele outro homem – um bom hóspede. O que uma garota deveria fazer? Deveria ter ido às ruas? Ele parecia bom. Ele me queria, de qualquer forma. O que eu devia fazer, com mamãe e aquele pobre garoto, hein? Eu disse sim. Ele parecia de boa índole, ele era liberal, tinha dinheiro e nunca disse nada. Sete anos... por sete anos, uma boa esposa para ele, a bondosa, a boa, a generosa, a... e ele me amava. Ah, sim. Ele me amava, às vezes, a ponto de eu mesma querer... sete anos. Por sete anos, uma boa esposa para ele. E você sabe o que ele era, aquele caro amigo seu? Você sabe o que ele era? Ele era um demônio!”

A veemência sobre-humana daquela sussurrada declaração aturdiu por completo o Camarada Ossipon. Winnie Verloc ficou de frente e o segurou com os dois braços, encarando-o sob a névoa que caía pela escuridão e solidão de Brett Place, na qual todos os sons da vida pareciam se perder, como em um poço triangular de asfalto e tijolos, de casas cegas e pedras insensíveis.

“Não, eu não sabia”, ele declarou, com um tipo de flácida estupidez, cujo aspecto cômico se perdeu sobre uma mulher assombrada pelo medo da força, “mas eu sei, eu... eu entendo”, ele se esforçou, sua mente especulando sobre quais tipos de atrocidades Verloc poderia ter executado sob as aparências sonolentas e plácidas de sua propriedade marital. Era positivamente terrível, “eu entendo”, ele repetia, e então com uma súbita inspiração, ele emitiu um... “Mulher infeliz!” de tamanha comiseração, ao invés do mais familiar “Pobre querida!”, de sua prática habitual. Aquele não era um caso habitual. Ele se sentia consciente de algo anormal acontecendo, embora ele não perdesse de vista a enormidade da aposta. “Mulher infeliz e corajosa!”

Ele ficou feliz por ter descoberto aquela variação; mas ele não podia descobrir nada mais.

“Ah, mas ele está morto agora”, foi o melhor que ele pôde fazer. E ele colocou uma dose notável de animosidade em sua comedida exclamação. A senhora Verloc pegou em seu braço em um tipo de delírio.

“Você sabia que ele estava morto...”, ela murmurou, como se estivesse ao lado de si mesma. “Você! Você sabia o que eu tinha de fazer. Tive de fazer!”

Houve sugestões de triunfo, alívio e gratidão no tom indefinível daquelas palavras. Foi o tom que atraiu toda a atenção de Ossipon, em detrimento do mero sentido literal. Ele se perguntou o que acontecia com ela, porque ela estava neste estado de louca excitação. Ele começou até mesmo a se perguntar se as causas ocultas daquele caso de Greenwich Affair não repousavam profundas nas infelizes circunstâncias da vida de casado dos Verloc. Ele chegou ao ponto de suspeitar se era mesmo verdade que o senhor Verloc escolhera aquela maneira extraordinária de cometer suicídio. Por Júpiter! Isso explicaria a extrema idiotice e estupidez da coisa. As circunstâncias não exigiam nenhuma manifestação anarquista. Pelo contrário; e Verloc sabia muito bem disso, tanto quanto qualquer outro revolucionário de sua posição. Que grande piada seria se Verloc tivesse enganado toda a Europa, o mundo revolucionário, a polícia, a imprensa e o convencido Professor

também. De fato, pensou Ossipon, atônito, parecia quase certo que era isso! Pobre mendigo! Ocorreu-lhe que era bem possível que, do lar daquele casal, não era precisamente o homem quem era o demônio.

Alexander Ossipon, apelidado de Doutor, estava naturalmente inclinado a pensar com indulgência de seus amigos. Ele olhava para a senhora Verloc, pendurada em seu braço. De suas amigas, ele pensava de modo especialmente prático. O fato de a senhora Verloc ter afirmado que ele sabia da morte do senhor Verloc – não como uma suposição, ou um palpite – não o perturbou de maneira nenhuma. Às vezes, elas falavam como lunáticas. Mas ele estava curioso para saber como ela fora informada. Os jornais nada lhe poderiam dizer além do simples fato: o homem que ficara em pedaços em Greenwich Park não fora identificado. Era inconcebível, por qualquer hipótese, que Verloc tivesse feito qualquer insinuação a ela sobre sua intenção – seja qual fosse. Este problema interessou em muito o Camarada Ossipon. Ele parou de imediato. Tinham passado por três lados de Brett Place e estavam próximos ao final da Brett Street novamente.

“Como você soube disso?”, ele perguntou, em um tom que tentou tornar apropriado ao caráter das revelações que tinham sido feitas a ele, pela mulher ao seu lado.

Ela tremeu violentamente por um momento antes de responder com uma voz apática.

“Pela polícia. Um inspetor chefe apareceu, ele disse que era o Inspetor Chefe Heat. Ele me mostrou...”

A senhora Verloc engasgou. “Oh, Tom, tiveram de juntá-lo com uma pá”.

Seu peito arfava com soluços secos. Em um momento, Ossipon encontrou o que dizer.

“A polícia! Você quer dizer que a polícia já veio? Que o próprio Inspetor Chefe de fato veio para lhe contar?”

“Sim”, ela confirmou no mesmo tom apático. “Ele veio assim, do nada. Ele veio. Eu não sabia. Ele me mostrou um pedaço de sobretudo e... assim, do nada. ‘Você conhece isso?’, ele disse”.



“Heat! Heat! E o que ele fez?”

A cabeça da senhora Verloc baixou. “Nada. Ele não fez nada. Ele foi embora. A polícia estava ao lado daquele homem”, ela murmurou tragicamente. “Outro policial também apareceu”.

“Outro... outro inspetor, você quer dizer?”, perguntou Ossipon, muito agitado, com o tom de uma criança assustada.

“Não sei. Ele veio. Parecia um estrangeiro. Ele pode ser uma daquelas pessoas da embaixada”.

O Camarada Ossipon quase entrou em colapso com aquele novo choque.

“Embaixada! Você sabe o que está dizendo? Que embaixada? O que você quer dizer com embaixada?”

“É aquele lugar em Chesham Square. As pessoas que ele xingava. Não sei. O que isso importa?”

“E este camarada, o que ele fez ou disse para você?”

“Não me lembro... nada... não me importo. Não me pergunte”, ela rogou com uma voz cansada.

“Tudo bem. Não perguntarei mais”, assentiu Ossipon, com ternura. E ele foi sincero, não porque foi tocado pela tristeza da voz que lhe rogava, mas porque ele sentia estar se perdendo nas profundezas daquele caso tenebroso. Polícia! Embaixada! Uh! Temendo aventurar sua inteligência por caminhos onde suas luzes naturais poderiam não guiá-la com segurança, ele decidiu desistir de todas as suposições, suspeitas e teorias em sua mente. Ele tinha a mulher ali, absolutamente agarrada a ele, e esta era a principal consideração. Mas depois do que ouvira, nada poderia chocá-lo mais. E quando a senhora Verloc, como se despertada repentinamente de um sonho de segurança, começou a lhe falar loucamente sobre a necessidade de fugir para o continente, ele não exclamou nada. Ele simplesmente disse, com sincero desapontamento, que não havia nenhum trem até a manhã, e ficou a olhar pensativamente para o rosto dela, velado em renda negra, à luz de um poste velado em uma rede de névoa.

Perto dele, a forma negra dela se misturava à noite, como uma figura meio esculpida em um bloco de pedra escura. Era impossível dizer o que ela sabia, o quanto ela estava envolvida com os policiais e as embaixadas. Mas, se ela queria fugir, não era ele quem iria objetar. Ele mesmo ansiava por ir embora. Ele sentia que a coisa, a loja tão estranhamente familiar a inspetores chefes e embaixadas estrangeiras, não era lugar para ele. Aquilo deveria ser esquecido. Mas havia o resto. As economias. O dinheiro!

“Você precisa me esconder em algum lugar até a manhã”, ela disse com uma voz assustada.

“A verdade, querida, é que não posso lhe levar para onde moro. Divido a casa com um amigo”.

Ele próprio estava, de certa forma, assustado. Pela manhã, os abençoados tiras estarão em todas as estações, sem dúvida. E, se eles a pegarem, por uma razão ou por outra, ela estaria definitivamente perdida para ele.

“Mas você deve. Você não se importa nem um pouco comigo? Nem um pouco? O que você está pensando?”

Ela disse isso com violência, mas deixou suas mãos fechadas cair, em desânimo. Houve um silêncio enquanto a névoa caía, e a escuridão reinava tranquilamente sobre Brett Place. Nem uma alma, nem mesmo a vagabunda, criminosa e amorosa alma de um gato se aproximou do homem e da mulher que se encaravam.

“Seria possível, talvez, encontrar uma hospedaria segura em algum lugar”, falou finalmente Ossipon. “Mas a verdade é, querida, que não tenho dinheiro bastante para isso... apenas alguns pence. Nós, os revolucionários, não somos ricos”.

Ele tinha quinze xelins em seu bolso. Ele acrescentou:

“E há também a viagem diante nós... a primeira coisa pela manhã será isso”.

Ela não se moveu nem fez som algum, e o coração do Camarada Ossipon se abateu levemente. Aparentemente, ela não tinha nenhuma

sugestão a dar. De repente, ela levou a mão ao peito, apertando-o, como se sentisse uma dor aguda.

“Mas eu tenho”, ela suspirou. “Tenho dinheiro. Tenho o suficiente. Tom! Vamos embora daqui”.

“Quanto você tem?”, ele quis saber, sem se levar pelo ímpeto dela; pois ele era um homem cauteloso.

“Tenho o dinheiro, é o que lhe digo. Todo o dinheiro”.

“O que você quer dizer com isso? Todo o dinheiro que havia no banco, ou alguma coisa assim?”, ele perguntou incrédulo, mas disposto a não se surpreender com nada que parecesse sorte.

“Sim, sim!”, ela disse, nervosa. “Tudo o que havia lá. Peguei tudo”.

“Como você já conseguiu pegar tudo?”, ele se surpreendeu.

“Ele me deu”, ela murmurou, repentinamente subjugada e tremendo. O Camarada Ossipon baixou sua crescente surpresa com uma mão firme.

“Ora, então... estamos salvos”, ele falou lentamente.

Ela se inclinou para a frente e se afundou no peito dele. Ele a recebeu ali. Ela tinha todo o dinheiro. O chapéu estava no caminho de efusões mais acentuadas; o véu também. Ele tinha manifestações adequadas, nada mais. Ela as recebia sem resistência e sem abandono, passivamente, como se apenas semissensível. Ela se libertou de seus abraços frouxos sem dificuldade.

“Você me salvará, Tom”, ela se soltou, mas ainda segurando-o pelas duas lapelas de seu casaco úmido. “Salve-me. Esconda-me. Não deixe que me peguem. Você deve me matar primeiro. Não poderia fazer isso sozinha – não poderia, não poderia... nem mesmo pelo que temo”.

Ela estava malditamente bizarra, ele pensou. Ela estava começando a lhe instilar uma indefinida intranquilidade. Ele disse grosseiramente, pois estava envolvido em importantes pensamentos:

“De que diabos você tem medo?”

“Você não sabe o que eu fui levada a fazer!”, exclamou a mulher. Distraída pela vivacidade de suas terríveis preocupações, sua cabeça ressoando com palavras contundentes, que mantinham o horror da sua situação diante de sua mente, ela imaginara que sua incoerência era clara em si mesma. Ela não tinha consciência de quanto pouco ela dissera em tom audível, nas frases desconexas que eram completadas apenas em seus pensamentos. Ela sentira o alívio de uma confissão total, e deu um significado especial para cada frase dita pelo Camarada Ossipon, cujo conhecimento não era nem ao mínimo semelhante ao seu. “Você não sabe o que eu fui levada a fazer?”. Sua voz sumiu. “Você não precisa demorar muito para adivinhar do que tenho medo”, ela continuou em um murmúrio amargo e sombrio. “Não passarei por isso. Não. Não. Não. Você tem de prometer me matar primeiro!”. Ela chacoalhou as lapelas do casaco dele. “Isso nunca acontecerá!”.

Ele a assegurou sumariamente que nenhuma promessa da parte dele era necessária, mas ele tomou muito cuidado para não contradizê-la em termos formais, porque ele tivera muito trabalho com mulheres agitadas e ele estava inclinado, em geral, a deixar sua experiência guiar sua conduta, ao invés de aplicar sua sagacidade para cada caso especial. Neste caso, sua sagacidade estava ocupada com outras coisas. As palavras das mulheres se vão com a corrente, mas as inconveniências dos horários permanecem. A natureza insular da Grã-Bretanha se impunha sobre a atenção dele de forma odiosa. “Como se estivéssemos trancados todas as noites”, ele pensava irritado, tão confuso como se tivesse de escalar uma parede com uma mulher às costas. De repente, ele bateu na testa. Ele acabara de se lembrar, à força de espancar seus miolos, da linha Southampton – St. Malo. O barco saía à meia-noite. Havia um trem às 22:30h. Ele se alegrou e ficou disposto para agir.

“Sai de Waterloo. Muito tempo. Estamos bem, no fim das contas... qual o problema agora? Este não é o caminho”, ele protestou.

A senhora Verloc, tendo preso seu braço ao dele, estava tentando arrastá-lo para Brett Street novamente.

“Esqueci de fechar a porta da loja quando saí”, ela sussurrou, terrivelmente agitada.

A loja, e tudo dentro dela, deixara de interessar o Camarada Ossipon. Ele sabia como limitar seus desejos. Ele estava a ponto de dizer, “O que tem isso? Deixe assim”, mas se segurou. Ele não gostava de discutir por ninharias. Ele até mesmo acelerou consideravelmente seu passo, com a ideia de que ela pudesse ter deixado o dinheiro na gaveta. Mas sua boa vontade era bem menor que a febril impaciência dela.

A loja parecia estar bem escura de início. A porta permanecia escancarada. A senhora Verloc, apoiando-se na entrada, arfou:

“Ninguém entrou. Olhe! A luz... a luz na sala de estar”.

Ossipon, esticando a cabeça, viu um débil brilho na escuridão da loja.

“É mesmo”, ele disse.

“Esqueci disso”. A voz da senhora Verloc veio fraca por detrás do véu. E, como ela estava a esperar que ele entrasse primeiro, disse em voz alta: “Vá e apague – ou ficarei louca”.

Ele não fez nenhuma objeção imediata a tal pedido, tão estranhamento motivado. “Onde está todo o dinheiro?”, ele perguntou.

“Comigo! Vá, Tom. Rápido! Apague a luz... entre!”, ela exclamou, agarrando-o pelos ombros, por trás.

Não esperando uma amostra de força física, o Camarada Ossipon tropeçou para dentro da loja com o empurrão dela. Ele se surpreendeu com a força da mulher, e se scandalizou com seus modos. Mas ele não recuou para dar-lhe uma severa bronca no meio da rua. Ele estava começando a se impressionar desagradavelmente com o fantástico comportamento dela. Além do mais, era agora ou nunca o momento de agradar a mulher. O Camarada Ossipon evitou com facilidade o final do balcão e se aproximou calmamente da porta de vidro da sala de estar. Estando as cortinas sobre os painéis ligeiramente abaixadas, ele, com um impulso muito natural, olhou para dentro, assim que esteve pronto para virar a maçaneta. Olhou para dentro sem pensar, sem a intenção, sem nenhum tipo de curiosidade. Olhou para dentro porque não pôde

deixar de olhar para dentro. Olhou para dentro e descobriu o senhor Verloc repousando tranquilamente no sofá.

Um grito, vindo das profundezas mais íntimas de seu peito, morreu surdo e transformado em um tipo de gosto oleoso e doentio em seus lábios. Ao mesmo tempo, a personalidade mental do Camarada Ossipon executou um salto nervoso para trás. Mas seu corpo, deixado portanto sem orientação intelectual, apoiou-se na maçaneta da porta, com a força irracional do instinto. O robusto anarquista nem mesmo cambaleou. E ele ficou a olhar, seu rosto colado ao vidro, seus olhos saindo de sua cabeça. Ele teria dado tudo para ir embora, mas sua razão, ao retornar, lhe informou que não adiantaria soltar a maçaneta da porta. O que era aquilo – loucura, pesadelo ou uma armadilha à qual ele fora atraído com demoníaca artimanha? Por que? – para quê? Ele não sabia. Sem nenhum sentimento de culpa em seu peito, na paz completa de sua consciência, no que tangia àquelas pessoas, a ideia de que ele seria assassinado por razões misteriosas pelo casal Verloc passou nem tanto pela sua mente quanto pela boca de seu estômago, e se dispersou, deixando atrás de si uma trilha de enjoada fragilidade, uma indisposição. O Camarada Ossipon não se sentiu muito bem de modo bem especial por um momento – um longo momento. E ficou a olhar. O senhor Verloc estava deitado, bem imóvel, entretempos, simulando dormir por motivos muito próprios, enquanto ela, aquela sua selvagem mulher, estava guardando a porta – invisível e silenciosa na rua escura e deserta. Seria tudo aquilo algum tipo de terrível arranjo inventado pela polícia para benefício especial dele? Sua modéstia se afastou de tal explicação.

Mas o verdadeiro sentido da cena que ele estava observando veio a Ossipon por meio da contemplação do chapéu. Parecia uma coisa extraordinária, um objeto agourento, um sinal. Negro, e com as bordas para cima, estava sobre o chão diante do sofá, como se preparado para receber as contribuições de pence das pessoas que passariam para observar o senhor Verloc na completude de sua tranquilidade doméstica, repousando no sofá. Os olhos do robusto anarquista passaram do chapéu para a mesa fora de lugar, olharam para a louça quebrada por um tempo, receberam um tipo de choque ótico ao

observar um brilho branco sob as pálpebras mal fechadas do homem no sofá. O senhor Verloc não parecia tão adormecido agora quanto caído com a cabeça inclinada e olhando insistentemente para seu peito esquerdo. E, quando o Camarada Ossipon discerniu o cabo da faca, ele se virou da porta de vidro e teve violentas náuseas.

O bater da porta da rua ressoou para fazer sua própria alma pular em pânico. Esta casa, com seu inofensivo inquilino, ainda poderia se tornar uma armadilha – uma armadilha de um tipo terrível. O Camarada Ossipon não tinha formado um conceito ainda do que lhe estava acontecendo. Batendo sua coxa contra a ponta do balcão, ele se voltou, cambaleou com um grito de dor, sentiu, no retinir perturbador do sino, seus braços imobilizados ao seu lado por um abraço convulsivo, enquanto os lábios frios de uma mulher se moveram assustadoramente para a sua orelha, para formar as seguintes palavras:

“Um policial! Ele me viu!”

Ele desistiu de lutar; ela nunca o soltaria. As mãos dela se prenderam com os dedos inseparavelmente entrelaçados sobre as robustas costas dele. Enquanto os passos se aproximavam, eles respiravam rapidamente, peito a peito, com a respiração difícil e trabalhosa, como se fosse a atitude de uma batalha mortal, embora, na verdade, fosse a atitude de um medo mortal. E o tempo custou a passar.

O policial em ronda vira, de fato, algo da senhora Verloc; só que, como vinha da avenida iluminada na outra ponta de Brett Street, ela não fora nada mais para ele do que um revolteio na escuridão. E ele nem mesmo estava certo de que fora um revolteio. Ele não tinha motivos para se apressar. Ao chegar diante da loja, observou que fora fechada mais cedo. Não havia nada de estranho nisso. O efetivo a trabalho tinha instruções especiais sobre aquela loja: o que acontecia por lá não deveria ser investigado, a menos que fosse algo de absoluta desordem, mas quaisquer observações feitas lá deveriam ser relatadas. Não havia observações a fazer; mas, por um sentido de dever e pela paz de sua consciência, devendo também àquele duvidoso revolteio da escuridão, o policial atravessou a rua e forçou a porta. A mola da fechadura, cuja chave estava para sempre repousando, inútil, no bolso

do colete do finado senhor Verloc, trancou tão bem quanto o habitual. Enquanto o consciente policial sacudia a maçaneta, Ossipon sentiu os frios lábios da mulher se erguendo assustadoramente, outra vez, contra seu ouvido:

“Se ele entrar, mate-me... mate-me, Tom”.

O policial foi embora, relampejando ao passar pela luz de sua lanterna escura, apenas pela forma, na vitrine da loja. Por um momento mais, o homem e a mulher lá dentro permaneceram imóveis, arquejantes, peito contra peito; então os dedos dela se destravaram, seus braços caíram lentamente, ao seu lado. Ossipon se apoiou contra o balcão. O robusto anarquista precisava desesperadamente de apoio. Isto era terrível. Ele estava muito desgostoso para falar. Ainda assim, conseguiu exprimir um pensamento melancólico, mostrando pelo menos que entendia sua situação.

“Só mais um par de minutos e você me teria feito cometer um erro contra o sujeito batendo na porta com sua maldita lanterna escura”.

A viúva do senhor Verloc, imóvel no centro da loja, disse com insistência:

“Vá apagar a luz, Tom. Ela vai me deixar louca”.

Ela viu vagamente seu veemente gesto de recusa. Nada no mundo teria levado Ossipon a entrar na sala de estar. Ele não era supersticioso, mas havia muito sangue no chão; uma poça enorme de sangue ao redor do chapéu. Ele julgou que estava muito perto do cadáver para a sua paz de espírito – para a segurança de seu pescoço, talvez!

“Ao medidor, então! Lá. Olhe. Naquele canto”.

A forma robusta do Camarada Ossipon, caminhando brusca e sombriamente pela loja, agachou-se a um canto obedientemente; mas sua obediência era sem graça. Ele tateava com nervosismo – e, de repente, com o som de um xingamento, a luz atrás da porta de vidro tremeu até um suspiro engasgado e histérico de uma mulher. A noite, a inevitável recompensa dos fiéis trabalhos dos homens nesta terra, a



noite caíra sobre o senhor Verloc, o esforçado revolucionário – “um da velha guarda” – o humilde guardião da sociedade; o inestimável Agente Secreto [delta] dos despachos do Barão Stott-Wartenheim; um servidor da lei e da ordem, fiel, confiável, preciso, admirável, com também uma única fraqueza simpática: a idealista crença em ser amado simplesmente por ser o que era.

Ossipon tateou de volta por entre a asfixiante atmosfera, agora tão negra quanto tinta, até o balcão. A voz da senhora Verloc, parada no meio da loja, vibrou atrás dele naquele negror com um protesto desesperado.

“Não serei enforcada, Tom. Não serei...”

Ela começou a chorar. Ossipon, no balcão, lançou um aviso: “Não grite assim”, depois pareceu refletir profundamente. “Você fez isso completamente sozinha?”, ele perguntou com uma voz oca, mas com a aparência de calma maestria, que encheu o coração da senhora Verloc com uma grata confiança em sua força protetora.

“Sim”, ela sussurrou, invisível.

“Eu não acreditaria que fosse possível”, ele sussurrou. “Ninguém acreditaria”. Ela o ouviu mover-se; e o estalar de uma trava na porta da sala de estar. O Camarada Ossipon trancara a porta para o repouso do senhor Verloc; ele não o fez pela reverência pela sua natureza eterna ou por qualquer outra consideração de sentimento obscuro, mas pelo motivo preciso de que ele não estava nem um pouco certo de que não haveria alguém mais escondido em algum lugar da casa. Ele não acreditava na mulher, ou melhor, ele não era capaz agora de julgar o que poderia ser verdadeiro, possível ou mesmo provável, neste surpreendente universo. Ele estava mais assustado do que toda a capacidade para acreditar ou não neste caso extraordinário, que começava com inspetores policiais e embaixadas; e terminaria, sabe lá Deus onde... No cadafalso, para alguém. Ele estava assustado com a ideia de que não teria álibi a partir das sete horas, pois estivera vagando por Brett Street. Ele estava assustado com esta mulher selvagem, que lhe levara até lá e provavelmente o implicaria em cumplicidade; pelo menos, se ele não tivesse cuidado. Ele estava assustado com a rapidez

com que se envolvera em tais perigos – seduzido até ali. Foram perto de vinte minutos desde que a encontrara – não mais.

A voz da senhora Verloc se tornou ainda mais submissa, suplicando miseravelmente: “Não deixe que me enforcem, Tom! Leve-me para fora do país. Trabalharei para você. Serei sua escrava. Eu lhe amarei. Não tenho ninguém no mundo... quem olharia por mim se você não olhar?” Ela parou por um momento; então, nas profundezas da solidão que lhe circundava, por um filete insignificante de sangue pingando do cabo de uma faca, ela encontrou uma terrível idéia para si mesma – que fora a respeitável garota da mansão em Belgravia, a leal e respeitável esposa do senhor Verloc. “Não lhe pedirei que se case comigo”, ela disparou, em tons de vergonha.

Ela avançou um passo pela escuridão. Ele estava assustado com ela. Ele não teria ficado surpreso se ela repentinamente tirasse uma faca, destinada ao seu peito. Ele certamente não faria nenhuma resistência. Ele não tinha, realmente, força suficiente dentro dele, naquele momento, para dizer a ela que recuasse. Mas perguntou, em um tom cavernoso, estranho: “Ele estava dormindo?”

“Não”, ela exclamou, e prosseguiu rapidamente. “Não estava. Não ele. Ele estava me dizendo que nada poderia tocá-lo. Depois de levar o garoto embora debaixo dos meus próprios olhos para matá-lo... o amável, inocente e inofensivo rapaz. Um dos meus, eu lhe digo. Ele estava deitado no sofá, bem tranquilo... depois de matar o garoto... o meu garoto. Eu teria corrido pelas ruas para fugir da visão dele. E ele me diz, assim: ‘Venha cá’, depois de me falar que eu ajudei a matar o garoto. Você está escutando, Tom? Ele diz, assim: ‘Venha cá’, depois de tirar meu próprio coração de mim, junto com o garoto, para esmagar na sujeira”.

Ela parou, então repetiu duas vezes, sonhadoramente: “Sangue e sujeira. Sangue e sujeira”. Uma grande luz irrompeu sobre o Camarada Ossipon. Era aquele rapaz meio débil mental que perecera no parque. E as troças de todos ao redor pareciam mais completas do que nunca – colossais. Ele exclamou cientificamente, na extremidade de sua surpresa: “O degenerado... pelos céus!”

“Venha cá”. A voz da senhora Verloc se ergueu novamente. “Do que ele achava que sou feita? Diga-me, Tom. Venha cá! Eu! Dessa maneira! Eu estava olhando para a faca, e pensei que iria se ele me quisesse tanto. Ah, sim! Eu fui... pela última vez... com a faca”.

Ele estava demasiado assustado com ela – a irmã do degenerado – ela mesma uma degenerada, de um tipo... assassino. Ou também, do tipo mentiroso. Do Camarada Ossipon, poderia se dizer que ele estava assustado cientificamente, além de todos os outros tipos de medo. Era um pânico incomensurável e composto, que, pelo seu próprio excesso, lhe dava, no escuro, uma falsa aparência de calma e pensativa deliberação. Pois ele se movia e falava com dificuldade, como se estivesse meio congelado em seu arbítrio e espírito – e ninguém pudesse ver seu rosto pálido. Ele se sentia meio cadáver.

Ele pulou um pé de altura. Inesperadamente, a senhora Verloc profanou a intacta e reservada decência de seu lar, com um estridente e terrível grito.

“Me ajude, Tom! Salve-me. Não serei enforcada!”

Ele correu em sua direção, tateando-a pela boca, com uma mão silenciadora, e o grito se desvaneceu. Mas, em sua corrida, ele a atingira. Ele sentia que ela agora agarrava suas pernas, e seu terror alcançara o ponto culminante, tornara-se um tipo de intoxicação, ilusões acalentadas, adquiriam as características do delirium tremens. Ele tinha certeza de estar vendo serpentes, agora. Ele via a mulher retorcida ao redor dele como uma cobra, que não deveria ser espantada. Ela não era mortal. Ela era a própria morte – a companheira da vida.

A senhora Verloc, como se aliviada pelo seu acesso, estava longe de se comportar ruidosamente agora. Ela estava lamentável.

“Tom, você não pode me largar agora”, ela murmurou, no chão. “Não, a menos que você esmague minha cabeça com o calcanhar. Eu não lhe deixarei”.

“Levante-se”, disse Ossipon.

O rosto dele estava tão pálido que poderia ser visto no profundo negror da loja; enquanto a senhora Verloc, velada, não tinha rosto,

quase nenhuma forma discernível. O tremor de algo pequeno e branco, uma flor em seu chapéu, indicava seu lugar, seus movimentos.

Ela se levantou na escuridão, se pôs de pé; e Ossipon lamentou não ter corrido de uma vez pela rua. Mas ele facilmente percebeu que não daria certo. Não daria certo. Ela correria atrás dele. O perseguiria, gritando, até que ela enviasse todos os policiais que a ouvissem, em sua busca. E então, só Deus saberia o que ela diria sobre ele. Ele estava tão assustado que, por um momento, a ideia insana de estrangulá-la no escuro passou pela sua mente. E ele se tornou mais assustado do que nunca! Ela o tinha! Ele se viu, vivendo em abjeto terror, em algum pequeno vilarejo na Espanha ou na Itália; até que, em uma bela manhã, eles o encontrariam morto também, com uma faca no peito – como o senhor Verloc. Ele suspirou profundamente. Ele não ousou se mover. E a senhora Verloc aguardou em silêncio pela boa vontade de seu salvador, obtendo conforto de seu pensativo silêncio.

De repente ele falou, com voz quase natural. Suas reflexões chegaram ao fim.

“Vamos embora; ou perderemos o trem”.

“Para onde iremos, Tom?”, ela perguntou timidamente. A senhora Verloc não era mais uma mulher livre.

“Paris primeiro, o melhor caminho que temos... vá primeiro e veja se a rua está limpa”.

Ela obedeceu. Sua voz se tornou submissa, pela porta cuidadosamente aberta.

“Está tudo bem”.

Ossipon saiu. Apesar de seus esforços para ser gentil, o sino rachado ressoou detrás da porta fechada pela loja vazia, como se tentasse, em vão, avisar o senhor Verloc, em repouso, da partida final de sua esposa – acompanhada de seu amigo.

Na carruagem que tinham tomado, o robusto anarquista se tornou explicativo. Ainda estava terrivelmente pálido; os olhos pareciam ter afundado meia polegada para dentro de seu rosto tenso. Mas ele parecia ter pensado em tudo com extraordinário método.

“Ao chegarmos”, ele discursou em um tom esquisito e monótono, “você deve entrar na estação, na minha frente, como se não conhecêssemos um ao outro. Comprarei os bilhetes e deslizarei o seu para a sua mão, enquanto estiver passando por você. Depois, você irá para a sala de espera da primeira classe feminina, e ficará sentada lá até dez minutos antes de o trem partir. A seguir, você sairá. Estarei do lado de fora. Você entra primeiro na plataforma, como se não me conhecesse. Pode ser que haja olhos lá que saibam quem é quem. Sozinha, você é apenas uma mulher partindo de trem. Eu sou conhecido. Comigo, você pode ser descoberta como a senhora Verloc em fuga. Você me entende, querida?”, ele acrescentou, com esforço.

“Sim”, disse a senhora Verloc, sentada diante dele na carruagem, completamente rígida, com o temor da força e o medo da morte. “Sim, Tom”. E ela acrescentou para si mesma, como um terrível refrão: “A queda foi de quatro metros”.

Ossipon, sem olhar para ela, e com o rosto parecendo um molde fresco de si mesmo, depois de uma doença que lhe consumiu, disse, “Além disso, tenho de ter o dinheiro para as passagens agora”.

A senhora Verloc, soltando algumas presilhas de seu espartilho, enquanto prosseguia olhando para além do para-lama, lhe passou a nova carteira de pele de porco. Ele a recebeu sem palavra e pareceu enfiá-la fundo, em algum lugar no seu próprio peito. Então bateu no lado de fora de seu casaco.

Tudo isso se passou sem a troca de um único relance de olhar; eram como duas pessoas procurando pelo primeiro vislumbre de uma meta desejada. Não foi até que a carruagem virasse em uma esquina, na direção da ponte, que Ossipon abriu seus lábios outra vez.

“Você sabe quanto dinheiro há nesta coisa?”, ele perguntou, como se lentamente dirigindo-se para algum duende sentado entre as orelhas do cavalo.

“Não”, disse a senhora Verloc. “Ele me deu a carteira. Não contei. Não pensei nisso no momento. Depois...”

Ela moveu a mão direita um pouco. Foi tão expressivo aquele pequeno movimento da mão direita que desferira o golpe mortal no

coração de um homem, há menos de uma hora, que Ossipon não pôde reprimir um tremor. Ele o exagerou propositalmente, e murmurou:

“Tenho frio. Estou completamente gelado”.

A senhora Verloc olhou diretamente para a frente, à perspectiva de sua fuga. De vez em quando, como uma zibelina atravessando, correndo a pista, as palavras “A queda foi de quatro metros” passavam diante de seu olhar tenso. Através de seu véu negro, o branco de seus olhos reluzia tremendamente, como os olhos de uma mulher mascarada.

A rigidez de Ossipon tinha algo de formalidade, uma expressão estranhamente oficial. Ele foi ouvido novamente, de repente, como se tivesse soltado um prisioneiro para que falasse.

“Olhe aqui! Você sabe se seu... se ele mantinha sua conta no banco com seu próprio nome ou com algum outro”.

A senhora Verloc voltou para ele seu rosto mascarado e o grande e branco brilho de seus olhos.

“Outro nome?”, ela disse, pensativa.

“Seja exata no que diz”, Ossipon admoestou no rápido movimento da carruagem. “É extremamente importante. O banco tem o número destas notas. Se eles pagaram a ele pelo seu nome verdadeiro, então, quando... quando sua morte for descoberta, as notas podem servir para nos rastrear, já que não temos outro dinheiro. Você não traz outro dinheiro?”

Ela balançou sua cabeça negativamente.

“Nenhum mesmo?”, ele insistiu.

“Alguns cobres”.

“Seria perigoso neste caso. O dinheiro teria de receber tratamento especial. Muito especial. Talvez tivéssemos de perder mais da metade para conseguir trocar estas notas em certo lugar seguro que conheço, em Paris. Caso contrário – quero dizer – se ele tinha sua conta e fosse pago sob qualquer outro nome, digamos, Smith, por exemplo, o dinheiro seria perfeitamente seguro para usar. Você entende? O banco não tem como saber que o senhor Verloc e, digamos, Smith, são a

mesma pessoa. Você vê como é importante que você não erre ao me responder? Você pode responder a esta pergunta? Talvez não. Hein?”

Ela disse com compostura:

“Eu me lembro agora! Ele não tinha conta em seu próprio nome. Ele me disse uma vez que depositara em nome de Prozor”.

“Você tem certeza?”

“Tenho”.

“Você não acha possível que o banco tenha conhecimento do nome real dele? Ou alguém no banco, ou...”

Ela deu de ombros.

“Como posso saber? Há chances disso, Tom?”

“Não. Suponho que não seja provável. Seria mais reconfortante saber... Aqui estamos. Saia primeiro; e entre diretamente. Ande rápido”.

Ele permaneceu lá dentro e pagou ao taxista com seu próprio dinheiro. O programa traçado por sua minuciosa previsão foi executado. Quando a senhora Verloc, com seu bilhete para St. Malo nas mãos, entrou na sala de espera para damas, o Camarada Ossipon caminhou para o bar e, em sete minutos, absorveu três doses de conhaque quente e água.

“Tentando espantar o frio”, ele explicou à moça do balcão, com um meneio amigável e um sorriso brincalhão. Depois ele saiu, levando daquele festivo interlúdio o rosto de um homem que bebera na própria Fonte das Tristezas. Ele subiu os olhos ao relógio. Havia tempo. Ele esperou.

Pontual, a senhora Verloc saiu com seu véu abaixado e toda de preto – preto como o lugar comum da própria morte, coroada com algumas flores baratas e pálidas. Ela passou perto de um pequeno grupo de homens que estavam rindo, mas cuja risada poderia morrer com uma única palavra. Seu passo era indolente, mas suas costas estavam eretas, e o Camarada Ossipon olhou para trás com horror, antes de ele mesmo começar a andar.

O trem estava pronto, com poucas pessoas perto de sua fileira de portas abertas. Devido ao tempo do ano e ao clima abominável, mal havia passageiros. A senhora Verloc caminhou lentamente pela fila de compartimentos vazios, até que Ossipon tocou seu cotovelo por trás.

“Por aqui”.

Ela entrou, e ele permaneceu na plataforma, olhando ao redor. Ela se inclinou para a frente e, com um sussurro:

“O que é, Tom? Há algum perigo? Espere um pouco. Eis o guarda”.

Ela o viu abordar o homem de uniforme. Conversaram por um momento. Ela ouviu o guarda dizer, “Muito bem, senhor”, e o viu tocar seu quepe. Então Ossipon voltou, dizendo: “Disse-lhe que não deixasse ninguém subir em nosso compartimento”.

Ela estava apoiada em seu assento. “Você pensa em tudo... Você vai me deixar, Tom?”, ela quis saber, em uma rajada de angústia, erguendo seu véu bruscamente para encarar seu salvador.

Ela tinha revelado um rosto inflexível. E, além deste rosto, os olhos encaravam, grandes, secos, alargados, sem luz, dissipados, como dois buracos negros em globos brancos e brilhantes.

“Não há perigo”, ele disse, olhando para eles com uma seriedade quase arrebatada, que para a senhora Verloc, fugindo da força, parecia estar cheia de força e ternura. Esta devoção a emocionou profundamente – e o rosto inflexível perdeu a dura rigidez de seu terror. O Camarada Ossipon olhou para ele como nenhum enamorado jamais olhou para o rosto de sua amada. Alexander Ossipon, anarquista, apelidado de o Doutor, autor de um panfleto médico (e impróprio), antigo palestrante sobre os aspectos sociais da higiene para clubes de trabalhadores, estava livre das correias da moralidade convencional – mas ele se submetia às regras da ciência. Ele era científico, e olhava cientificamente para aquela mulher, a irmã de um degenerado, ela mesma uma degenerada – de um tipo assassino. Ele olhava para ela e invocava Lombroso, como um camponês italiano se recomenda ao seu santo de devoção. Ele a olhava cientificamente. Ele olhava para as suas bochechas, para o seu nariz, seus olhos, seus ouvidos... Ruim! Fatal! Os



lábios pálidos da senhora Verloc se separando, levemente relaxados sob o olhar de apaixonada atenção dele, ele também olhou para seus dentes... Nenhuma dúvida permanecia... Do tipo assassina... Se o Camarada Ossipon não encomendasse sua alma aterrorizada à Lombroso, era só porque, em bases científicas, ele não podia acreditar que levava consigo tal coisa como uma alma. Mas ele tinha em si o espírito científico, que o levava a testemunhar, na plataforma de uma estação ferroviária, em frases nervosas e incompletas:

“Ele era um rapaz extraordinário, aquele seu irmão. Muito interessante para se estudar. De certo modo, um tipo perfeito. Perfeito!”

Ele falava cientificamente, em seu medo secreto. E a senhora Verloc, ouvindo aquelas palavras elogiosas, dirigidas ao seu amado morto, inclinou-se para a frente, com um cintilar de luz em seus olhos sombrios, como um raio de sol anunciando uma tempestade.

“Decerto ele era isso”, ela sussurrou suavemente, com os lábios trêmulos. “Você dava muita atenção a ele, Tom. Eu lhe amava por isso”.

“É quase inacreditável a semelhança que há entre vocês dois”, prosseguiu Ossipon, dando voz ao seu imponente terror, e tentando esconder sua nervosa e nauseabunda impaciência para que o trem partisse. “Sim, ele lembrava você”.

Estas palavras não foram especialmente tocantes ou simpáticas. Mas o fato de que aquela semelhança persistisse bastava, em si mesma, para agir sobre as emoções dela com força. Com um pequeno e débil grito, e lançando seus braços, a senhora Verloc irrompeu finalmente em lágrimas.

Ossipon entrou no vagão, fechou rapidamente a porta e viu as horas no relógio da estação. Oito minutos mais. Pelos três primeiros, a senhora Verloc chorou violenta e desamparadamente, sem pausa ou interrupção. Depois, ela se recuperou um pouco, e soluçou levemente em um abundante derrubar de lágrimas. Ela tentou falar com seu salvador, ao homem que era o mensageiro da vida.

“Oh, Tom! Como posso temer a morte depois que ele foi levado tão cruelmente de mim! Como posso! Como posso ser tão covarde!”

Ela lamentou em voz alta seu amor pela vida, aquela vida sem graça ou encanto, e quase sem decência, mas de uma exaltada fidelidade de propósito, a ponto de chegar ao assassinato. E, como frequentemente acontece no lamento da pobre humanidade, rico em sofrimento, mas indigente em palavras, a verdade – a própria exclamação da verdade – foi encontrada em uma forma gasta e artificial, escolhida de algum lugar entre as frases de sentimentos simulados.

“Como eu poderia ter tanto medo da morte! Tom, eu tentei. Mas tenho medo. Tentei liquidar comigo mesma. E não pude. Sou má? Acho que a taça de horrores não estava cheia o suficiente para alguém como eu. Então você apareceu...”

Ela parou. Depois, em um jorro de confiança e gratidão, “Viverei todos os meus dias para você, Tom!”, ela soluçou.

“Vá para o outro canto do vagão, longe da plataforma”, disse Ossipon, solícito. Ela deixou que seu salvador a arrumasse confortavelmente, e ele observou a chegada de outra crise de choro, ainda mais violenta que a anterior. Ele observava os sintomas com uma espécie de ar clínico, como se contasse os segundos. Ele ouviu o apito do guarda, por fim. Uma contração involuntária do lábio superior desnudou seus dentes, com todo o aspecto da resolução selvagem, enquanto ele sentia o trem começando a se mover. A senhora Verloc ouviu e nada sentiu, e Ossipon, seu salvador, ficou imóvel. Ele sentiu o trem andar mais rápido, passando pesadamente ao som dos altos soluços da mulher, e então, cruzando o vagão com duas longas passadas, ele abriu a porta deliberadamente e pulou para fora.

Ele pulara bem ao fim da plataforma; e tal era sua determinação em se manter no seu desesperado plano, que conseguiu, por um tipo de milagre, executado quase no ar, bater a porta do vagão. Apenas então ele se descobriu rolando de ponta cabeça, como um coelho abatido. Ele estava machucado, transtornado, pálido como a morte e sem respiração, quando se levantou. Mas ele estava calmo, e perfeitamente capaz de encarar a excitada multidão de ferroviários, que se juntou ao redor dele em dois tempos. Ele explicou, em tom suave e convincente, que sua esposa partira de última hora para a Bretanha, para ver sua mãe

moribunda; que, claro, ela estava muito alterada, e ele consideravelmente preocupado com o estado dela; que ele estava tentando alegrá-la e não percebeu, em absoluto, que o trem estava partindo. À exclamação geral, “Por que o senhor não continuou até Southampton então, senhor?”, ele objetou com a inexperiência de seu jovem cunhado, deixado sozinho na casa, com três crianças pequenas, e o temor dela, com a ausência dele, as agências de telégrafo fechadas. Ele agira por impulso. “Mas não acho que tentarei fazer isso de novo”, ele concluiu; sorriu para todos; distribuiu uns poucos trocados e marchou sem mancar para fora da estação.

Do lado de fora, o Camarada Ossipon, segurando como nunca em sua vida um monte de notas de dinheiro, recusou a oferta de um táxi.

“Eu posso andar”, ele disse, com uma risada pouco amigável ao taxista.

Ele podia andar. Ele andava. Ele cruzou a ponte. Depois, as torres da Abadia, em sua massiva imobilidade, viram o arbusto amarelo de seu cabelo passar sob as lâmpadas. As luzes de Victoria o viram também, e Sloane Square, e os caminhos do parque. E o Camarada Ossipon, mais uma vez, se encontrou em uma das pontes. O rio, a sinistra maravilha de sombras imóveis e lampejos corrediços, misturando-se logo abaixo, em um silêncio negro, prendeu sua atenção. Ficou parado, a olhar sobre o parapeito, por um bom tempo. O relógio da torre ressoou uma ruidosa badalada acima de sua cabeça caída. Ele olhou para o mostrador... Meia-noite e meia de uma noite louca no canal.

E novamente o Camarada Ossipon caminhou. Sua forma robusta foi vista, naquela noite, em partes distantes da enorme cidade, que dormia monstruosamente sobre um tapete de lama, sob um véu de rude névoa. Foi visto cruzando as ruas sem vida e som, ou diminuindo nas intermináveis perspectivas retas das sombrias casas, bordejando avenidas vazias, alinhadas com sequências de luzes de gás. Ele caminhou por praças, largos, rotatórias e alamedas, por ruas monótonas com nomes desconhecidos, onde a poeira da humanidade repousa inerte e sem esperanças, fora do fluxo da vida. Ele caminhou. E de repente, virando para uma faixa de um jardim frontal, com um pedaço

de grama imunda, ele entrou em uma pequena casa suja, com uma chave que ele tirou de seu bolso.

Ele se jogou em sua cama completamente vestido, e ficou deitado e imóvel por todo um quarto de hora. Então ele se sentou repentinamente, ergueu seus joelhos e abraçou suas pernas. A primeira aurora o encontrou de olhos abertos, naquela mesma posição. Este homem, que podia andar por tanto tempo, por tantos caminhos, tão a esmo, sem mostrar um sinal de fadiga, também podia permanecer sentado, imóvel, por horas, sem mexer um membro ou uma pálpebra. Mas quando o sol da manhã lançou seus raios para dentro do quarto, ele soltou suas mãos e caiu de costas sobre o travesseiro. Seus olhos fitavam o teto. E de repente, se fecharam. O Camarada Ossipon dormiu à luz do sol.

## CAPÍTULO XIII

O enorme cadeado de ferro nas portas do armário na parede era o único objeto do quarto no qual o olho podia descansar sem ficar aflito com a miserável falta de encanto das formas e com a pobreza do cômodo. Invendável, no curso ordinário dos negócios, por causa de suas nobres proporções, fora cedido ao Professor, por alguns pence, por um vendedor da marinha a oeste de Londres. A sala era grande, limpa, respeitável e pobre, com aquela pobreza que sugeria a fome de toda a necessidade humana por um mero naco de pão. Não havia nada nas paredes além de papel, uma extensão de verde arsênico, manchado com borrões indelévels aqui e ali, e com manchas que lembravam mapas gastos de continentes inabitados.

Em uma mesa de negociação perto de uma janela, sentava-se o Camarada Ossipon, segurando a cabeça entre os punhos. O Professor, vestido com seu único terno barato de tweed, batendo pernas para lá e para cá, um par de inacreditavelmente gastas chinelas sobre um piso nu, enfiara as mãos no fundo dos bolsos gastos do paletó. Ele estava contando ao seu robusto convidado sobre uma visita que fizera recentemente ao Apóstolo Michaelis. O Perfeito Anarquista até mesmo relaxara um pouco.

“O sujeito não sabia nada sobre a morte de Verloc. Claro! Ele nunca lê os jornais. Ele diz que eles o entristecem demais. Mas não importa. Fui até sua cabana. Nem uma alma por ali. Tive de gritar seis vezes antes de ele me responder. Pensei que ainda estivesse aferrado no sono, na cama. Mas nada disso. Ele já estava escrevendo seu livro há quatro horas. Estava sentado naquela pequena jaula, em meio a uma bagunça de manuscritos. Havia uma cenoura crua, meio comida, na mesa perto dele. Seu café da manhã. Ele vive com uma dieta de cenouras cruas e um pouco de leite, agora”.

“Como ele está?”, perguntou o Camarada Ossipon, indiferente.

“Angélico... peguei um punhado de páginas do chão. A pobreza de raciocínio é surpreendente. Ele não tem lógica. Não consegue pensar consecutivamente. Mas isso não é nada. Ele dividiu sua biografia em

três partes, intituladas “Fé, Esperança, Caridade”. Ele está elaborando agora a ideia de um mundo planejado como um imenso e bom hospital, com jardins e flores, no qual os fortes devem se dedicar a cuidar dos fracos”.

O Professor parou.

“Consegue imaginar tal bobagem, Ossipon? Os fracos! A fonte de todo o mal nesta terra!”, ele continuou com desgostosa segurança. “Eu lhe disse que sonhava um mundo como um matadouro, onde os fracos fossem levados pela mão para a total aniquilação”.

“Você compreende, não é Ossipon? A fonte de todo o mal! Eles são nossos sinistros mestres – os fracos, os frouxos, os tolos, os covardes, os de coração fraco, e os escravos da mente. Eles têm poder. Eles são a multidão. Deles é o reino da terra. Exterminar, exterminar! Este é o único modo de progredir. É! Acompanhe meu raciocínio, Ossipon. Primeiro, a grande multidão de fracos deve ir, depois os apenas relativamente fortes. Você vê? Primeiro os cegos, depois os surdos e os mudos, depois os mancos e os aleijados – e por aí em diante. Cada mácula, cada vício, cada preconceito, cada convenção deve encontrar sua destruição”.

“E o que fica?”, perguntou Ossipon, com uma voz reprimida.

“Eu fico – se for forte o bastante”, assegurou o pálido e pequeno Professor, cujas grandes orelhas, finas como membranas, e destacadas das laterais de seu frágil crânio, tomaram de repente um tom de profundo vermelho.

“Já não sofri o bastante com a opressão dos fracos?”, ele continuou, violento. Depois, batendo no bolso do peito de seu paletó: “E, ainda assim, eu sou a força”, ele prosseguiu. “Mas o tempo! O tempo! Dê-me tempo! Ah, essa multidão, tão estúpida para sentir pena ou medo. Às vezes, acho que eles têm tudo a seu favor. Tudo – mesmo a morte – minha própria arma”.

“Venha tomar uma cerveja comigo no Silenus”, disse o robusto Ossipon, depois de um intervalo silencioso, invadido pelo rápido flap, flap das chinelas nos pés do Perfeito Anarquista. Este acedeu. Ele estava

jovial naquele dia, de seu modo bem peculiar. Ele bateu nos ombros de Ossipon.

“Cerveja! Então, vamos! Vamos beber e comemorar, pois somos fortes, e amanhã morremos”.

Ele se ocupou em calçar as botas e, nesse afã, falava em seu tom curto e resolutivo.

“Qual o problema com você, Ossipon? Você parece aborrecido e até procura minha companhia. Soube que você foi constantemente visto em lugares onde homens falam grandes besteiras entre copos de bebida. Por quê? Você abandonou sua coleção de mulheres? Elas são as fracas que alimentam os fortes, hein?”

Ele pisou com um pé e pegou sua outra bota amarrada, pesada, de sola grossa, sem engraxar, consertada várias vezes. Sorriu para si mesmo, melancolicamente.

“Diga-me, Ossipon, homem terrível, alguma das suas vítimas já se matou por você – ou seus triunfos são tão incompletos assim – pois apenas o sangue coloca um selo sobre a grandeza? Sangue. Morte. Olhe para a história”.

“Vá para o inferno”, disse Ossipon, sem voltar sua cabeça.

“Por quê? Deixe que seja a esperança dos fracos, cuja teologia inventou o inferno para os fortes. Ossipon, o que sinto por você é um desprezo amistoso. Você não poderia matar uma mosca”.

Mas, a caminho da cerveja, em cima do ônibus, o Professor perdeu seu bom humor. A contemplação das multidões amontoando-se pelas calçadas extinguiu sua certeza com uma carga de dúvidas e de inquietude, da qual ele apenas poderia se livrar após um período de reclusão no quarto, com o grande armário fechado por um enorme cadeado.

“E assim”, disse, sobre seu ombro, o Camarada Ossipon, que estava no assento de trás. “E assim, Michaelis sonha um mundo como um belo e alegre hospital”.

“Exatamente. Uma imensa caridade para a cura dos fracos”, assentiu o Professor, sardonicamente.

“Isso é tolo”, admitiu Ossipon. “Não é possível curar a fraqueza. Mas, no fim das contas, Michaelis não pode estar tão errado. Em duzentos anos, os médicos irão dominar o mundo. A ciência já reina. Ela reina na sombra, talvez... mas reina. E toda a ciência deve culminar, por fim, na ciência da cura – não dos fracos, mas dos fortes. A humanidade quer viver – viver”.

“A humanidade”, declarou o Professor, com um brilho de autoconfiança em seus óculos de aro de ferro, “não sabe o que quer”.

“Mas você sabe”, grunhiu Ossipon. “Agora há pouco você estava chorando por tempo – tempo. Bem. Os médicos irão lhe aquinhoar seu tempo – se você for bom. Você professa ser um dos fortes – porque você leva, em seu bolso, coisa o bastante para mandar você e, digamos, outros vinte, para a eternidade. Mas a eternidade é um buraco maldito. É de tempo que você precisa. Você – se você encontrar um homem que lhe pudesse dar, por certo, dez anos de tempo, você o chamaria de seu mestre”.

“Meu modelo é: Não há deus; não há mestre”, disse o Professor, sentenciosamente, enquanto se erguia para descer do ônibus.

Ossipon seguiu. “Espere até estar confinado a uma cama, nos últimos dos seus dias”, ele replicou, saltando dos degraus. “Seu pedacinho desprezível, surrado e asqueroso de tempo”, ele continuou pela rua, pulando para o meio-fio.

“Ossipon, acho que você é um impostor”, disse o professor, abrindo com propriedade as portas do renomado Silenus. E, quando se estabeleceram em uma pequena mesa, ele desenvolveu mais este gracioso pensamento. “Você nem mesmo é um médico. Mas você é engraçado. Sua noção de humanidade, universalmente pondo a língua para fora e tomando a pílula, de pólo a pólo, por ordem de alguns solenes piadistas, é digno do profeta. Profecia! Para que pensar no que será!” Ele ergueu seu copo. “À destruição do que é”, ele disse calmamente.

Ele bebeu e retomou seu silêncio, fechado, de modo peculiar. A ideia de uma humanidade tão numerosa quanto a areia de uma praia, tão indestrutível, difícil de lidar, lhe oprimia. O som de bombas



explodindo se perdia na imensidão de grãos passivos, sem um eco. Por exemplo, este caso Verloc. Quem pensava nisso agora?

Ossipon, como se subitamente impelido por alguma força misteriosa, sacou do bolso um jornal bem dobrado. O Professor ergueu sua cabeça com o farfalhar.

“Que jornal é esse? Há algo nele?”, ele perguntou.

Ossipon pulou como um sonâmbulo assustado.

“Nada. Nada importante. Coisa velha; já tem dez dias. Esqueci no meu bolso, acho”.

Mas ele não jogou a coisa velha fora. Antes de devolvê-lo ao seu bolso, ele deu uma olhada nas últimas linhas de um parágrafo. Elas diziam: “Um impenetrável mistério parece destinado a ficar suspenso para sempre sobre este ato de loucura e desespero”.

Tais eram as palavras finais de uma notícia com a manchete: “Suicídio de passageira no vapor que cruzava o Canal”. O camarada Ossipon conhecia bem as belezas de seu estilo jornalístico. “Um impenetrável mistério parece destinado a ficar suspenso para sempre...” Ele sabia cada palavra de cor. “Um impenetrável mistério...”

E o robusto anarquista, repousando a cabeça sobre seu peito, caiu em um longo delírio.

Ele estava ameaçado por esta coisa nas próprias fontes de sua existência. Ele não podia se lançar às suas várias conquistas, aquelas que ele cortejava nos bancos de Kensington Gardens, e aquelas que ele encontrava próximas às grades da área, sem temer começar a falar com elas de um impenetrável mistério destinado... Ele estava se tornando cientificamente amedrontado pela insanidade, deitada à espera dele por entre aquelas linhas. “A ficar suspenso para sempre”. Era uma obsessão, uma tortura. Ultimamente, ele falhara em manter vários destes encontros, cujo caráter costumava ser uma confiança ilimitada na linguagem do sentimento e na ternura viril. A confiante disposição de várias classes de mulheres satisfazia as necessidades de seu amor próprio, e colocava alguns meios materiais em sua mão. Ele precisava disso para viver. Estava ali. Mas se ele não pudesse mais usá-lo, correria

o risco de lançar seu corpo e seus ideais à fome... “Este ato de loucura e desespero”.

“Um impenetrável mistério”, sem dúvida, a “se manter para sempre”, até onde toda a humanidade se interessava. Mas, o que seria, se apenas ele, dentre todos os homens, nunca mais pudesse se ver livre do maldito conhecimento deste fato? E o conhecimento do camarada Ossipon era tão preciso quanto poderia torná-lo o jornalista – até o próprio limite do “mistério destinado a ficar suspenso para sempre”...

O camarada Ossipon estava bem informado. Ele sabia o que homem do portaló do vapor tinha visto: “Uma dama em um vestido e véu negros, vagueando à meia-noite pelo cais. ‘Você está indo ao barco, madame’, ele lhe dissera, encorajando-a. ‘Para este lado’. Ela parecia não saber o que fazer. Ele a ajudou a subir. Ela parecia fraca”.

E ele também sabia o que a camareira tinha visto: uma dama de negro, com o rosto pálido, parada no meio da vazia cabina feminina. A camareira a convenceu a se deitar ali. A dama parecia pouco à vontade para falar, como se estivesse em alguma terrível confusão. A camareira depois se deu conta de que ela tinha saído da cabine feminina. Então, a camareira foi ao convés para procurá-la, e o camarada Ossipon foi informado que a boa mulher encontrou a infeliz dama deitada em um dos assentos protegidos. Seus olhos estavam abertos, mas ela não respondia a nada que lhe era dito. Ela parecia muito doente. A camareira buscou o comissário de bordo, e aquelas duas pessoas ficaram ao lado do assento protegido, discutindo sobre a extraordinária e trágica passageira. Conversavam em sussurros audíveis (porque parecia que ela os ouvia) sobre St. Malo e o cônsul de lá, e sobre se comunicarem com a família dela, na Inglaterra. Depois, seguiram a providenciar pela sua remoção para um lugar embaixo, pois, de fato, pelo que podiam ver do seu rosto, ela lhes parecia estar morrendo. Mas o camarada Ossipon sabia que, por trás daquela máscara branca de desespero, lutava, contra o terror e o desespero, um vigor de vitalidade, um amor pela vida que resistiria à furiosa angústia que leva ao assassinato e ao medo, o cego e louco medo da força. Ele sabia. Mas a camareira e o comissário de bordo nada sabiam, exceto que, quando voltaram por ela, em menos de cinco minutos, a dama de preto já não

estava mais no assento protegido. Ela não estava em lugar nenhum. Ela se fora. Eram então cinco horas da manhã, e não foi nenhum acidente. Uma hora depois, um dos marinheiros do vapor encontrou um anel de casamento abandonado no assento. Ficara preso à madeira em uma parte umedecida, e o seu brilho chamou a atenção do homem. Havia uma data, 24 de junho de 1879, gravada do lado de dentro. “Um impenetrável mistério é destinado a ficar suspenso para sempre...”

E o camarada Ossipon ergueu sua cabeça inclinada, amada por várias mulheres humildes daquelas ilhas, como Apolo no brilho de sol de seu matagal de cabelos.

O Professor ficara impaciente. Ele se ergueu.

“Fique”, disse Ossipon apressadamente. “Veja, o que você conhece sobre a loucura e o desespero?”

O Professor passou a ponta de sua língua em seus lábios secos e finos e disse, doutoral:

“Não há tais coisas. Toda a paixão se perdeu. O mundo é medíocre, claudicante, sem força. E a loucura e o desespero são forças. E a força é um crime, aos olhos dos tolos, dos fracos e dos imbecis que dominam o poleiro. Você é medíocre. Verloc, cujo caso a polícia conseguiu abafar tão agilmente, era medíocre. E a polícia o assassinou. Ele era medíocre. Todos são medíocres. Loucura e desespero! Se me dessem como alavancas, eu moveria o mundo. Ossipon, você tem meu cordial desprezo. Você é incapaz de conceber o que mesmo o gordo cidadão chamaria de crime. Você não tem força”. Ele parou, sorrindo sardonicamente sob o brutal brilho de seus grossos óculos.

“E deixe-me dizer que este pequeno legado, que – dizem – você teria recebido, não melhorou sua inteligência. Sente-se com sua cerveja, como um boneco. Adeus”.

“Você a aceitaria?”, disse Ossipon, olhando para cima, com um riso idiota.

“O que?”

“O legado. Todo ele”.

O incorruptível Professor sorriu, apenas. Suas roupas todas caíam sobre ele, suas botas, disformes pelos reparos, pesadas como chumbo, salpicavam água a cada passo. Ele disse:

“A propósito, lhe enviarei uma pequena conta por certos agentes químicos que deverei pedir amanhã. Eu realmente preciso deles. Entendido, hein?”

Ossipon baixou lentamente a cabeça. Ele estava sozinho. “Um impenetrável mistério...” Parecia a ele, que via seu próprio cérebro, suspenso no ar, diante dele, pulsando ao ritmo de um impenetrável mistério. Estava claramente adoentado... “Este ato de loucura ou desespero”.

O piano mecânico, perto da porta, tocava uma valsa atrevidamente, e então caiu em silêncio de uma vez, como se ficasse irritado.

O camarada Ossipon, apelidado o Doutor, saiu do bar Silenus. Ele hesitou à porta, piscando por causa de um sol nem tão esplêndido – e o jornal, com a notícia do suicídio de uma dama, estava em seu bolso. Seu coração começou a bater contra isso. O suicídio de uma dama – este ato de loucura ou desespero.

Caminhou pela rua sem olhar para onde punha os pés; e caminhou em uma direção, que não lhe levaria ao lugar do encontro com outra dama (uma idosa governanta que pusera sua confiança em uma ambrosíaca cabeça de Apolo). Ele caminhava na direção oposta. Ele não podia encarar nenhuma mulher. Era a ruína. Ele nem podia pensar, trabalhar, dormir ou comer. Mas ele estava começando a beber, com prazer, com expectativa, com esperança. Era a ruína. Sua carreira de revolucionário, mantida pelo sentimento e pela confiança de muitas mulheres, estava ameaçada por um impenetrável mistério – o mistério de um cérebro humano, pulsando equivocadamente, ao ritmo de frases jornalísticas. “Se manterá suspenso para sempre sobre este ato...” Estava se dirigindo para a sarjeta. “...de loucura ou desespero”.

“Estou seriamente doente”, sussurrou consigo mesmo, com percepção científica. Sua robusta forma, doravante, com o dinheiro de um serviço secreto mantido por uma embaixada (legado do senhor

Verloc), em seus bolsos, estava marchando na sarjeta, como se em treinamento para a tarefa de um futuro inevitável. Ele já inclinava seus amplos ombros, sua cabeça de cachos ambrosíacos, como se pronto para receber a canga de couro do cartaz sanduíche. Como naquela noite, há mais de uma semana, quando o camarada Ossipon caminhava sem olhar onde punha os pés, sem sentir cansaço, nada sentindo, nada vendo, não ouvindo som nenhum. “Um mistério impenetrável...” Ele caminhava ignorado... “Este ato de loucura ou desespero”.

E o incorruptível Professor também caminhava, evitando olhar a odiosa multidão da humanidade. Ele não tinha futuro. Ele o desdenhava. Ele era a força. Seus pensamentos acariciavam as imagens de ruína e destruição. Ele caminhava frágil, insignificante, surrado, miserável – e terrível, na simplicidade de sua ideia, que convocava a loucura e o desespero para regenerar o mundo. Ninguém olhava para ele. E ele prosseguiu, inesperada e fatalmente, seguindo como uma peste em uma rua cheia de homens.

FIM

## THE SECRET AGENT: A SIMPLE TALE

## AUTHOR'S NOTE

The origin of THE SECRET AGENT: subject, treatment, artistic purpose, and every other motive that may induce an author to take up his pen, can, I believe, be traced to a period of mental and emotional reaction.

The actual facts are that I began this book impulsively and wrote it continuously. When in due course it was bound and delivered to the public gaze I found myself reproved for having produced it at all. Some of the admonitions were severe, others had a sorrowful note. I have not got them textually before me but I remember perfectly the general argument, which was very simple; and also my surprise at its nature. All this sounds a very old story now! And yet it is not such a long time ago. I must conclude that I had still preserved much of my pristine innocence in the year 1907. It seems to me now that even an artless person might have foreseen that some criticisms would be based on the ground of sordid surroundings and the moral squalor of the tale.

That of course is a serious objection. It was not universal. In fact it seems ungracious to remember so little reproof amongst so much intelligent and sympathetic appreciation; and I trust that the readers of this Preface will not hasten to put it down to wounded vanity or a natural disposition to ingratitude. I suggest that a charitable heart could very well ascribe my choice to natural modesty. Yet it isn't exactly modesty that makes me select reproof for the illustration of my case. No, it isn't exactly modesty. I am not at all certain that I am modest; but those who have read so far through my work will credit me with enough decency, tact, savoir-faire, what you will, to prevent me from making a song for my own glory out of the words of other people, No! The true motive of my selection lies in quite a different trait. I have always had a propensity to justify my action.

Not to defend. To justify. Not to insist that I was right but simply to explain that there was no perverse intention, no secret scorn for the natural sensibilities of mankind at the bottom of my impulses.

That kind of weakness is dangerous only so far that it exposes one to the risk of becoming a bore; for the world generally is not interested in the motives of any overt act but in its consequences. Man may smile and smile but he is not an investigating animal. He loves the obvious. He shrinks from explanations. Yet I will go on with mine. It's obvious that I need not have written that book. I was under no necessity to deal with that subject; using the word subject both in the sense of the tale itself and in the larger one of a special manifestation in the life of mankind. This I fully admit. But the thought of elaborating mere ugliness in order to shock, or even simply to surprise my readers by a change of front, has never entered my head. In making this statement I expect to be believed, not only on the evidence of my general character but also for the reason, which anybody can see, that the whole treatment of the tale, its inspiring indignation and underlying pity and contempt, prove my detachment from the squalor and sordidness which lie simply in the outward circumstances of the setting.

The inception of THE SECRET AGENT followed immediately on a two years' period of intense absorption in the task of writing that remote novel, "Nostromo", with its far-off Latin-American atmosphere; and the profoundly personal "Mirror of the Sea". The first an intense creative effort on what I suppose will always remain my largest canvas, the second an unreserved attempt to unveil for a moment the profounder intimacies of the sea and the formative influences of nearly half my lifetime. It was a period, too, in which my sense of the truth of things was attended by a very intense imaginative and emotional readiness which, all genuine and faithful to facts as it was, yet made me feel (the task once done) as if I were left behind, aimless amongst mere husks of sensations and lost in a world of other, of inferior, values.

I don't know whether I really felt that I wanted a change, change in my imagination, in my vision, and in my mental attitude. I rather think that a change in the fundamental mood had already stolen over me unawares. I don't remember anything definite happening. With "The Mirror of the Sea" finished in the full consciousness that I had dealt honestly with myself and my readers in every line of that



book, I gave myself up to a not unhappy pause. Then, while I was yet standing still, as it were, and certainly not thinking of going out of my way to look for anything ugly, the subject of The Secret Agent--I mean the tale--came to me in the shape of a few words uttered by a friend in a casual conversation about anarchists or rather anarchist activities; how brought about I don't remember now.

I remember, however, remarking on the criminal futility of the whole thing, doctrine, action, mentality; and on the contemptible aspect of the half-crazy pose as of a brazen cheat exploiting the poignant miseries and passionate credulities of a mankind always so tragically eager for self-destruction. That was what made for me its philosophical pretences so unpardonable. Presently, passing to particular instances, we recalled the already old story of the attempt to blow up the Greenwich Observatory; a blood-stained inanity of so fatuous a kind that it was impossible to fathom its origin by any reasonable or even unreasonable process of thought. For perverse unreason has its own logical processes. But that outrage could not be laid hold of mentally in any sort of way, so that one remained faced by the fact of a man blown to bits for nothing even most remotely resembling an idea, anarchistic or other. As to the outer wall of the Observatory it did not show as much as the faintest crack.

I pointed all this out to my friend who remained silent for a while and then remarked in his characteristically casual and omniscient manner: "Oh, that fellow was half an idiot. His sister committed suicide afterwards." These were absolutely the only words that passed between us; for extreme surprise at this unexpected piece of information kept me dumb for a moment and he began at once to talk of something else. It never occurred to me later to ask how he arrived at his knowledge. I am sure that if he had seen once in his life the back of an anarchist that must have been the whole extent of his connection with the underworld. He was, however, a man who liked to talk with all sorts of people, and he may have gathered those illuminating facts at second or third hand, from a crossing-sweeper, from a retired police officer, from some vague man in his club, or even perhaps from a Minister of State met at some public or private reception.

Of the illuminating quality there could be no doubt whatever. One felt like walking out of a forest on to a plain--there was not much to see but one had plenty of light. No, there was not much to see and, frankly, for a considerable time I didn't even attempt to perceive anything. It was only the illuminating impression that remained. It remained satisfactory but in a passive way. Then, about a week later, I came upon a book which as far as I know had never attained any prominence, the rather summary recollections of an Assistant Commissioner of Police, an obviously able man with a strong religious strain in his character who was appointed to his post at the time of the dynamite outrages in London, away back in the eighties. The book was fairly interesting, very discreet of course; and I have by now forgotten the bulk of its contents. It contained no revelations, it ran over the surface agreeably, and that was all. I won't even try to explain why I should have been arrested by a little passage of about seven lines, in which the author (I believe his name was Anderson) reproduced a short dialogue held in the Lobby of the House of Commons after some unexpected anarchist outrage, with the Home Secretary. I think it was Sir William Harcourt then. He was very much irritated and the official was very apologetic. The phrase, amongst the three which passed between them, that struck me most was Sir W. Harcourt's angry sally: "All that's very well. But your idea of secrecy over there seems to consist of keeping the Home Secretary in the dark." Characteristic enough of Sir W. Harcourt's temper but not much in itself. There must have been, however, some sort of atmosphere in the whole incident because all of a sudden I felt myself stimulated. And then ensued in my mind what a student of chemistry would best understand from the analogy of the addition of the tiniest little drop of the right kind, precipitating the process of crystallization in a test tube containing some colourless solution.

It was at first for me a mental change, disturbing a quieted-down imagination, in which strange forms, sharp in outline but imperfectly apprehended, appeared and claimed attention as crystals will do by their bizarre and unexpected shapes. One fell to musing before the phenomenon--even of the past: of South America, a

continent of crude sunshine and brutal revolutions, of the sea, the vast expanse of salt waters, the mirror of heaven's frowns and smiles, the reflector of the world's light. Then the vision of an enormous town presented itself, of a monstrous town more populous than some continents and in its man-made might as if indifferent to heaven's frowns and smiles; a cruel devourer of the world's light. There was room enough there to place any story, depth enough for any passion, variety enough there for any setting, darkness enough to bury five millions of lives.

Irresistibly the town became the background for the ensuing period of deep and tentative meditations. Endless vistas opened before me in various directions. It would take years to find the right way! It seemed to take years!... Slowly the dawning conviction of Mrs Verloc's maternal passion grew up to a flame between me and that background, tingeing it with its secret ardour and receiving from it in exchange some of its own sombre colouring. At last the story of Winnie Verloc stood out complete from the days of her childhood to the end, unproportioned as yet, with everything still on the first plane as it were; but ready now to be dealt with. It was a matter of about three days.

This book is that story, reduced to manageable proportions, its whole course suggested and centred round the absurd cruelty of the Greenwich Park explosion. I had there a task I will not say arduous but of the most absorbing difficulty. But it had to be done. It was a necessity. The figures grouped about Mrs Verloc and related directly or indirectly to her tragic suspicion that "life doesn't stand much looking into", are the outcome of that very necessity. Personally I have never had any doubt of the reality of Mrs Verloc's story; but it had to be disengaged from its obscurity in that immense town, it had to be made credible, I don't mean so much as to her soul but as to her surroundings, not so much as to her psychology but as to her humanity. For the surroundings hints were not lacking. I had to fight hard to keep at arm's length the memories of my solitary and nocturnal walks all over London in my early days, lest they should rush in and overwhelm each page of the story as these emerged one after another from a mood

as serious in feeling and thought as any in which I ever wrote a line. In that respect I really think that *The Secret Agent* is a perfectly genuine piece of work. Even the purely artistic purpose, that of applying an ironic method to a subject of that kind, was formulated with deliberation and in the earnest belief that ironic treatment alone would enable me to say all I felt I would have to say in scorn as well as in pity. It is one of the minor satisfactions of my writing life that having taken that resolve I did manage, it seems to me, to carry it right through to the end. As to the personages whom the absolute necessity of the case-- Mrs Verloc's case--brings out in front of the London background, from them, too, I obtained those little satisfactions which really count for so much against the mass of oppressive doubts that haunt so persistently every attempt at creative work. For instance, of Mr Vladimir himself (who was fair game for a caricatural presentation) I was gratified to hear that an experienced man of the world had said "that Conrad must have been in touch with that sphere or else has an excellent intuition of things", because Mr Vladimir was "not only possible in detail but quite right in essentials". Then a visitor from America informed me that all sorts of revolutionary refugees in New York would have it that the book was written by somebody who knew a lot about them. This seemed to me a very high compliment, considering that, as a matter of hard fact, I had seen even less of their kind than the omniscient friend who gave me the first suggestion for the novel. I have no doubt, however, that there had been moments during the writing of the book when I was an extreme revolutionist, I won't say more convinced than they but certainly cherishing a more concentrated purpose than any of them had ever done in the whole course of his life. I don't say this to boast. I was simply attending to my business. In the matter of all my books I have always attended to my business. I have attended to it with complete self-surrender. And this statement, too, is not a boast. I could not have done otherwise. It would have bored me too much to make-believe.

The suggestions for certain personages of the tale, both law-abiding and lawless, came from various sources which, perhaps, here and there, some reader may have recognized. They are not very

recondite. But I am not concerned here to legitimize any of those people, and even as to my general view of the moral reactions as between the criminal and the police all I will venture to say is that it seems to me to be at least arguable.

The twelve years that have elapsed since the publication of the book have not changed my attitude. I do not regret having written It. Lately, circumstances, which have nothing to do with the general tenor of this Preface, have compelled me to strip this tale of the literary robe of indignant scorn it has cost me so much to fit on it decently, years ago. I have been forced, so to speak, to look upon its bare bones. I confess that it makes a grisly skeleton. But still I will submit that telling Winnie Verloc's story to its anarchistic end of utter desolation, madness, and despair, and telling it as I have told it here, I have not intended to commit a gratuitous outrage on the feelings of mankind.

1920

Joseph Conrad

TO  
H. G. WELLS  
THE CHRONICLER OF MR LEWISHAM'S LOVE  
THE BIOGRAPHER OF KIPPS AND THE  
HISTORIAN OF THE AGES TO COME  
THIS SIMPLE TALE OF THE XIX CENTURY  
IS AFFECTIONATELY OFFERED

## CHAPTER I

Mr Verloc, going out in the morning, left his shop nominally in charge of his brother-in-law. It could be done, because there was very little business at any time, and practically none at all before the evening. Mr Verloc cared but little about his ostensible business. And, moreover, his wife was in charge of his brother-in-law.

The shop was small, and so was the house. It was one of those grimy brick houses which existed in large quantities before the era of reconstruction dawned upon London. The shop was a square box of a place, with the front glazed in small panes. In the daytime the door remained closed; in the evening it stood discreetly but suspiciously ajar.

The window contained photographs of more or less undressed dancing girls; nondescript packages in wrappers like patent medicines; closed yellow paper envelopes, very flimsy, and marked two-and-six in heavy black figures; a few numbers of ancient French comic publications hung across a string as if to dry; a dingy blue china bowl, a casket of black wood, bottles of marking ink, and rubber stamps; a few books, with titles hinting at impropriety; a few apparently old copies of obscure newspapers, badly printed, with titles like *The Torch*, *The Gong* – rousing titles. And the two gas jets inside the panes were always turned low, either for economy's sake or for the sake of the customers.

These customers were either very young men, who hung about the window for a time before slipping in suddenly; or men of a more mature age, but looking generally as if they were not in funds. Some of that last kind had the collars of their overcoats turned right up to their moustaches, and traces of mud on the bottom of their nether garments, which had the appearance of being much worn and not very valuable. And the legs inside them did not, as a general rule, seem of much account either. With their hands plunged deep in the side pockets of their coats, they dodged in sideways, one shoulder first, as if afraid to start the bell going.

The bell, hung on the door by means of a curved ribbon of steel, was difficult to circumvent. It was hopelessly cracked; but of an evening, at the slightest provocation, it clattered behind the customer with impudent virulence.

It clattered; and at that signal, through the dusty glass door behind the painted deal counter, Mr Verloc would issue hastily from the parlour at the back. His eyes were naturally heavy; he had an air of having wallowed, fully dressed, all day on an unmade bed. Another man would have felt such an appearance a distinct disadvantage. In a commercial transaction of the retail order much depends on the seller's engaging and amiable aspect. But Mr Verloc knew his business, and remained undisturbed by any sort of æsthetic doubt about his appearance. With a firm, steady-eyed impudence, which seemed to hold back the threat of some abominable menace, he would proceed to sell over the counter some object looking obviously and scandalously not worth the money which passed in the transaction: a small cardboard box with apparently nothing inside, for instance, or one of those carefully closed yellow flimsy envelopes, or a soiled volume in paper covers with a promising title. Now and then it happened that one of the faded, yellow dancing girls would get sold to an amateur, as though she had been alive and young.

Sometimes it was Mrs Verloc who would appear at the call of the cracked bell. Winnie Verloc was a young woman with a full bust, in a tight bodice, and with broad hips. Her hair was very tidy. Steady-eyed like her husband, she preserved an air of unfathomable indifference behind the rampart of the counter. Then the customer of comparatively tender years would get suddenly disconcerted at having to deal with a woman, and with rage in his heart would proffer a request for a bottle of marking ink, retail value sixpence (price in Verloc's shop one-and-sixpence), which, once outside, he would drop stealthily into the gutter.

The evening visitors – the men with collars turned up and soft hats rammed down – nodded familiarly to Mrs Verloc, and with a muttered greeting, lifted up the flap at the end of the counter in order to pass into the back parlour, which gave access to a passage and to a



steep flight of stairs. The door of the shop was the only means of entrance to the house in which Mr Verloc carried on his business of a seller of shady wares, exercised his vocation of a protector of society, and cultivated his domestic virtues. These last were pronounced. He was thoroughly domesticated. Neither his spiritual, nor his mental, nor his physical needs were of the kind to take him much abroad. He found at home the ease of his body and the peace of his conscience, together with Mrs Verloc's wifely attentions and Mrs Verloc's mother's deferential regard.

Winnie's mother was a stout, wheezy woman, with a large brown face. She wore a black wig under a white cap. Her swollen legs rendered her inactive. She considered herself to be of French descent, which might have been true; and after a good many years of married life with a licensed victualler of the more common sort, she provided for the years of widowhood by letting furnished apartments for gentlemen near Vauxhall Bridge Road in a square once of some splendour and still included in the district of Belgravia. This topographical fact was of some advantage in advertising her rooms; but the patrons of the worthy widow were not exactly of the fashionable kind. Such as they were, her daughter Winnie helped to look after them. Traces of the French descent which the widow boasted of were apparent in Winnie too. They were apparent in the extremely neat and artistic arrangement of her glossy dark hair. Winnie had also other charms: her youth; her full, rounded form; her clear complexion; the provocation of her unfathomable reserve, which never went so far as to prevent conversation, carried on the lodgers' part with animation, and on hers with an equable amiability. It must be that Mr Verloc was susceptible to these fascinations. Mr Verloc was an intermittent patron. He came and went without any very apparent reason. He generally arrived in London (like the influenza) from the Continent, only he arrived unheralded by the Press; and his visitations set in with great severity. He breakfasted in bed, and remained wallowing there with an air of quiet enjoyment till noon every day – and sometimes even to a later hour. But when he went out he seemed to experience a great difficulty in finding his way back to his temporary home in the Belgravian square.

He left it late, and returned to it early – as early as three or four in the morning; and on waking up at ten addressed Winnie, bringing in the breakfast tray, with jocular, exhausted civility, in the hoarse, failing tones of a man who had been talking vehemently for many hours together. His prominent, heavy-lidded eyes rolled sideways amorously and languidly, the bedclothes were pulled up to his chin, and his dark smooth moustache covered his thick lips capable of much honeyed banter.

In Winnie's mother's opinion Mr Verloc was a very nice gentleman. From her life's experience gathered in various "business houses" the good woman had taken into her retirement an ideal of gentlemanliness as exhibited by the patrons of private-saloon bars. Mr Verloc approached that ideal; he attained it, in fact.

"Of course, we'll take over your furniture, mother," Winnie had remarked.

The lodging-house was to be given up. It seems it would not answer to carry it on. It would have been too much trouble for Mr Verloc. It would not have been convenient for his other business. What his business was he did not say; but after his engagement to Winnie he took the trouble to get up before noon, and descending the basement stairs, make himself pleasant to Winnie's mother in the breakfast-room downstairs where she had her motionless being. He stroked the cat, poked the fire, had his lunch served to him there. He left its slightly stuffy cosiness with evident reluctance, but, all the same, remained out till the night was far advanced. He never offered to take Winnie to theatres, as such a nice gentleman ought to have done. His evenings were occupied. His work was in a way political, he told Winnie once. She would have, he warned her, to be very nice to his political friends.

And with her straight, unfathomable glance she answered that she would be so, of course.

How much more he told her as to his occupation it was impossible for Winnie's mother to discover. The married couple took her over with the furniture. The mean aspect of the shop surprised her. The change from the Belgravian Square to the narrow street in Soho

affected her legs adversely. They became of an enormous size. On the other hand, she experienced a complete relief from material cares. Her son-in-law's heavy good nature inspired her with a sense of absolute safety. Her daughter's future was obviously assured, and even as to her son Stevie she need have no anxiety. She had not been able to conceal from herself that he was a terrible encumbrance, that poor Stevie. But in view of Winnie's fondness for her delicate brother, and of Mr Verloc's kind and generous disposition, she felt that the poor boy was pretty safe in this rough world. And in her heart of hearts she was not perhaps displeased that the Verlocs had no children. As that circumstance seemed perfectly indifferent to Mr Verloc, and as Winnie found an object of quasi-maternal affection in her brother, perhaps this was just as well for poor Stevie.

For he was difficult to dispose of, that boy. He was delicate and, in a frail way, good-looking too, except for the vacant droop of his lower lip. Under our excellent system of compulsory education he had learned to read and write, notwithstanding the unfavourable aspect of the lower lip. But as errand-boy he did not turn out a great success. He forgot his messages; he was easily diverted from the straight path of duty by the attractions of stray cats and dogs, which he followed down narrow alleys into unsavoury courts; by the comedies of the streets, which he contemplated open-mouthed, to the detriment of his employer's interests; or by the dramas of fallen horses, whose pathos and violence induced him sometimes to shriek piercingly in a crowd, which disliked to be disturbed by sounds of distress in its quiet enjoyment of the national spectacle. When led away by a grave and protecting policeman, it would often become apparent that poor Stevie had forgotten his address – at least for a time. A brusque question caused him to stutter to the point of suffocation. When startled by anything perplexing he used to squint horribly. However, he never had any fits (which was encouraging); and before the natural outbursts of impatience on the part of his father he could always, in his childhood's days, run for protection behind the short skirts of his sister Winnie. On the other hand, he might have been suspected of hiding a fund of reckless naughtiness. When he had reached the age of fourteen a friend

of his late father, an agent for a foreign preserved milk firm, having given him an opening as office-boy, he was discovered one foggy afternoon, in his chief's absence, busy letting off fireworks on the staircase. He touched off in quick succession a set of fierce rockets, angry catherine wheels, loudly exploding squibs – and the matter might have turned out very serious. An awful panic spread through the whole building. Wild-eyed, choking clerks stampeded through the passages full of smoke, silk hats and elderly business men could be seen rolling independently down the stairs. Stevie did not seem to derive any personal gratification from what he had done. His motives for this stroke of originality were difficult to discover. It was only later on that Winnie obtained from him a misty and confused confession. It seems that two other office-boys in the building had worked upon his feelings by tales of injustice and oppression till they had wrought his compassion to the pitch of that frenzy. But his father's friend, of course, dismissed him summarily as likely to ruin his business. After that altruistic exploit Stevie was put to help wash the dishes in the basement kitchen, and to black the boots of the gentlemen patronising the Belgravian mansion. There was obviously no future in such work. The gentlemen tipped him a shilling now and then. Mr Verloc showed himself the most generous of lodgers. But altogether all that did not amount to much either in the way of gain or prospects; so that when Winnie announced her engagement to Mr Verloc her mother could not help wondering, with a sigh and a glance towards the scullery, what would become of poor Stephen now.

It appeared that Mr Verloc was ready to take him over together with his wife's mother and with the furniture, which was the whole visible fortune of the family. Mr Verloc gathered everything as it came to his broad, good-natured breast. The furniture was disposed to the best advantage all over the house, but Mrs Verloc's mother was confined to two back rooms on the first floor. The luckless Stevie slept in one of them. By this time a growth of thin fluffy hair had come to blur, like a golden mist, the sharp line of his small lower jaw. He helped his sister with blind love and docility in her household duties. Mr Verloc thought that some occupation would be good for him. His spare

time he occupied by drawing circles with compass and pencil on a piece of paper. He applied himself to that pastime with great industry, with his elbows spread out and bowed low over the kitchen table. Through the open door of the parlour at the back of the shop Winnie, his sister, glanced at him from time to time with maternal vigilance.

## CHAPTER II

Such was the house, the household, and the business Mr Verloc left behind him on his way westward at the hour of half-past ten in the morning. It was unusually early for him; his whole person exhaled the charm of almost dewy freshness; he wore his blue cloth overcoat unbuttoned; his boots were shiny; his cheeks, freshly shaven, had a sort of gloss; and even his heavy-lidded eyes, refreshed by a night of peaceful slumber, sent out glances of comparative alertness. Through the park railings these glances beheld men and women riding in the Row, couples cantering past harmoniously, others advancing sedately at a walk, loitering groups of three or four, solitary horsemen looking unsociable, and solitary women followed at a long distance by a groom with a cockade to his hat and a leather belt over his tight-fitting coat. Carriages went bowling by, mostly two-horse broughams, with here and there a victoria with the skin of some wild beast inside and a woman's face and hat emerging above the folded hood. And a peculiarly London sun – against which nothing could be said except that it looked bloodshot – glorified all this by its stare. It hung at a moderate elevation above Hyde Park Corner with an air of punctual and benign vigilance. The very pavement under Mr Verloc's feet had an old-gold tinge in that diffused light, in which neither wall, nor tree, nor beast, nor man cast a shadow. Mr Verloc was going westward through a town without shadows in an atmosphere of powdered old gold. There were red, coppery gleams on the roofs of houses, on the corners of walls, on the panels of carriages, on the very coats of the horses, and on the broad back of Mr Verloc's overcoat, where they produced a dull effect of rustiness. But Mr Verloc was not in the least conscious of having got rusty. He surveyed through the park railings the evidences of the town's opulence and luxury with an approving eye. All these people had to be protected. Protection is the first necessity of opulence and luxury. They had to be protected; and their horses, carriages, houses, servants had to be protected; and the source of their wealth had to be protected in the heart of the city and the heart of the country; the whole social order favourable to their hygienic idleness had to be

protected against the shallow enviousness of unhygienic labour. It had to... and Mr Verloc would have rubbed his hands with satisfaction had he not been constitutionally averse from every superfluous exertion. His idleness was not hygienic, but it suited him very well. He was in a manner devoted to it with a sort of inert fanaticism, or perhaps rather with a fanatical inertness. Born of industrious parents for a life of toil, he had embraced indolence from an impulse as profound as inexplicable and as imperious as the impulse which directs a man's preference for one particular woman in a given thousand. He was too lazy even for a mere demagogue, for a workman orator, for a leader of labour. It was too much trouble. He required a more perfect form of ease; or it might have been that he was the victim of a philosophical unbelief in the effectiveness of every human effort. Such a form of indolence requires, implies, a certain amount of intelligence. Mr Verloc was not devoid of intelligence – and at the notion of a menaced social order he would perhaps have winked to himself if there had not been an effort to make in that sign of scepticism. His big, prominent eyes were not well adapted to winking. They were rather of the sort that closes solemnly in slumber with majestic effect.

Undemonstrative and burly in a fat-pig style, Mr Verloc, without either rubbing his hands with satisfaction or winking sceptically at his thoughts, proceeded on his way. He trod the pavement heavily with his shiny boots, and his general get-up was that of a well-to-do mechanic in business for himself. He might have been anything from a picture-frame maker to a lock-smith; an employer of labour in a small way. But there was also about him an indescribable air which no mechanic could have acquired in the practice of his handicraft however dishonestly exercised: the air common to men who live on the vices, the follies, or the baser fears of mankind; the air of moral nihilism common to keepers of gambling hells and disorderly houses; to private detectives and inquiry agents; to drink sellers and, I should say, to the sellers of invigorating electric belts and to the inventors of patent medicines. But of that last I am not sure, not having carried my investigations so far into the depths. For all I know, the expression of these last may be perfectly diabolic. I shouldn't be

surprised. What I want to affirm is that Mr Verloc's expression was by no means diabolic.

Before reaching Knightsbridge, Mr Verloc took a turn to the left out of the busy main thoroughfare, uproarious with the traffic of swaying omnibuses and trotting vans, in the almost silent, swift flow of hansom. Under his hat, worn with a slight backward tilt, his hair had been carefully brushed into respectful sleekness; for his business was with an Embassy. And Mr Verloc, steady like a rock – a soft kind of rock – marched now along a street which could with every propriety be described as private. In its breadth, emptiness, and extent it had the majesty of inorganic nature, of matter that never dies. The only reminder of mortality was a doctor's brougham arrested in august solitude close to the curbstone. The polished knockers of the doors gleamed as far as the eye could reach, the clean windows shone with a dark opaque lustre. And all was still. But a milk cart rattled noisily across the distant perspective; a butcher boy, driving with the noble recklessness of a charioteer at Olympic Games, dashed round the corner sitting high above a pair of red wheels. A guilty-looking cat issuing from under the stones ran for a while in front of Mr Verloc, then dived into another basement; and a thick police constable, looking a stranger to every emotion, as if he too were part of inorganic nature, surging apparently out of a lamp-post, took not the slightest notice of Mr Verloc. With a turn to the left Mr Verloc pursued his way along a narrow street by the side of a yellow wall which, for some inscrutable reason, had No. 1 Chesham Square written on it in black letters. Chesham Square was at least sixty yards away, and Mr Verloc, cosmopolitan enough not to be deceived by London's topographical mysteries, held on steadily, without a sign of surprise or indignation. At last, with business-like persistency, he reached the Square, and made diagonally for the number 10. This belonged to an imposing carriage gate in a high, clean wall between two houses, of which one rationally enough bore the number 9 and the other was numbered 37; but the fact that this last belonged to Porthill Street, a street well known in the neighbourhood, was proclaimed by an inscription placed above the ground-floor windows by whatever highly efficient authority



is charged with the duty of keeping track of London's strayed houses. Why powers are not asked of Parliament (a short act would do) for compelling those edifices to return where they belong is one of the mysteries of municipal administration. Mr Verloc did not trouble his head about it, his mission in life being the protection of the social mechanism, not its perfectionment or even its criticism.

It was so early that the porter of the Embassy issued hurriedly out of his lodge still struggling with the left sleeve of his livery coat. His waistcoat was red, and he wore knee-breeches, but his aspect was flustered. Mr Verloc, aware of the rush on his flank, drove it off by simply holding out an envelope stamped with the arms of the Embassy, and passed on. He produced the same talisman also to the footman who opened the door, and stood back to let him enter the hall.

A clear fire burned in a tall fireplace, and an elderly man standing with his back to it, in evening dress and with a chain round his neck, glanced up from the newspaper he was holding spread out in both hands before his calm and severe face. He didn't move; but another lackey, in brown trousers and claw-hammer coat edged with thin yellow cord, approaching Mr Verloc listened to the murmur of his name, and turning round on his heel in silence, began to walk, without looking back once. Mr Verloc, thus led along a ground-floor passage to the left of the great carpeted staircase, was suddenly motioned to enter a quite small room furnished with a heavy writing-table and a few chairs. The servant shut the door, and Mr Verloc remained alone. He did not take a seat. With his hat and stick held in one hand he glanced about, passing his other podgy hand over his uncovered sleek head.

Another door opened noiselessly, and Mr Verloc immobilising his glance in that direction saw at first only black clothes, the bald top of a head, and a drooping dark grey whisker on each side of a pair of wrinkled hands. The person who had entered was holding a batch of papers before his eyes and walked up to the table with a rather mincing step, turning the papers over the while. Privy Councillor Wurmt, Chancelier d'Ambassade, was rather short-sighted. This meritorious official laying the papers on the table disclosed a face of pasty complexion and of melancholy ugliness surrounded by a lot of fine,

long dark grey hairs, barred heavily by thick and bushy eyebrows. He put on a black-framed pince-nez upon a blunt and shapeless nose, and seemed struck by Mr Verloc's appearance. Under the enormous eyebrows his weak eyes blinked pathetically through the glasses.

He made no sign of greeting; neither did Mr Verloc, who certainly knew his place; but a subtle change about the general outlines of his shoulders and back suggested a slight bending of Mr Verloc's spine under the vast surface of his overcoat. The effect was of unobtrusive deference.

"I have here some of your reports," said the bureaucrat in an unexpectedly soft and weary voice, and pressing the tip of his forefinger on the papers with force. He paused; and Mr Verloc, who had recognised his own handwriting very well, waited in an almost breathless silence. "We are not very satisfied with the attitude of the police here," the other continued, with every appearance of mental fatigue.

The shoulders of Mr Verloc, without actually moving, suggested a shrug. And for the first time since he left his home that morning his lips opened.

"Every country has its police," he said philosophically. But as the official of the Embassy went on blinking at him steadily he felt constrained to add: "Allow me to observe that I have no means of action upon the police here."

"What is desired," said the man of papers "is the occurrence of something definite which should stimulate their vigilance. That is within your province – is it not so?"

Mr Verloc made no answer except by a sigh, which escaped him involuntarily, for instantly he tried to give his face a cheerful expression. The official blinked doubtfully, as if affected by the dim light of the room. He repeated vaguely.

"The vigilance of the police – and the severity of the magistrates. The general leniency of the judicial procedure here, and the utter absence of all repressive measures, are a scandal to Europe. What is

wished for just now is the accentuation of the unrest – of the fermentation which undoubtedly exists –”

“Undoubtedly, undoubtedly,” broke in Mr Verloc in a deep deferential bass of an oratorical quality, so utterly different from the tone in which he had spoken before that his interlocutor remained profoundly surprised. “It exists to a dangerous degree. My reports for the last twelve months make it sufficiently clear.”

“Your reports for the last twelve months,” State Councillor Wurmt began in his gentle and dispassionate tone, “have been read by me. I failed to discover why you wrote them at all.”

A sad silence reigned for a time. Mr Verloc seemed to have swallowed his tongue and the other gazed at the papers on the table fixedly. At last he gave them a slight push.

“The state of affairs you expose there is assumed to exist as the first condition of your employment. What is required at present is not writing, but the bringing to light of a distinct, significant fact – I would almost say of an alarming fact.”

“I need not say that all my endeavours shall be directed to that end,” Mr Verloc said, with convinced modulations in his conversational husky tone. But the sense of being blinked at watchfully behind the blind glitter of these eye-glasses on the other side of the table disconcerted him. He stopped short with a gesture of absolute devotion. The useful, hard-working, if obscure member of the Embassy had an air of being impressed by some newly-born thought.

“You are very corpulent,” he said.

This observation, really of a psychological nature, and advanced with the modest hesitation of an officeman more familiar with ink and paper than with the requirements of active life, stung Mr Verloc in the manner of a rude personal remark. He stepped back a pace.

“Eh? What were you pleased to say?” he exclaimed, with husky resentment.

The Chancellor d’Ambassade entrusted with the conduct of this interview seemed to find it too much for him.

“I think,” he said, “that you had better see Mr Vladimir. Yes, decidedly I think you ought to see Mr Vladimir. Be good enough to wait here,” he added, and went out with mincing steps.

At once Mr Verloc passed his hand over his hair. A slight perspiration had broken out on his forehead. He let the air escape from his pursed-up lips like a man blowing at a spoonful of hot soup. But when the servant in brown appeared at the door silently, Mr Verloc had not moved an inch from the place he had occupied throughout the interview. He had remained motionless, as if feeling himself surrounded by pitfalls.

He walked along a passage lighted by a lonely gas-jet, then up a flight of winding stairs, and through a glazed and cheerful corridor on the first floor. The footman threw open a door, and stood aside. The feet of Mr Verloc felt a thick carpet. The room was large, with three windows; and a young man with a shaven, big face, sitting in a roomy arm-chair before a vast mahogany writing-table, said in French to the Chancelier d’Ambassade, who was going out with, the papers in his hand:

“You are quite right, mon cher. He’s fat... the animal.”

Mr Vladimir, First Secretary, had a drawing-room reputation as an agreeable and entertaining man. He was something of a favourite in society. His wit consisted in discovering droll connections between incongruous ideas; and when talking in that strain he sat well forward of his seat, with his left hand raised, as if exhibiting his funny demonstrations between the thumb and forefinger, while his round and clean-shaven face wore an expression of merry perplexity.

But there was no trace of merriment or perplexity in the way he looked at Mr Verloc. Lying far back in the deep arm-chair, with squarely spread elbows, and throwing one leg over a thick knee, he had with his smooth and rosy countenance the air of a preternaturally thriving baby that will not stand nonsense from anybody.

“You understand French, I suppose?” he said.

Mr Verloc stated huskily that he did. His whole vast bulk had a forward inclination. He stood on the carpet in the middle of the room,

clutching his hat and stick in one hand; the other hung lifelessly by his side. He muttered unobtrusively somewhere deep down in his throat something about having done his military service in the French artillery. At once, with contemptuous perversity, Mr Vladimir changed the language, and began to speak idiomatic English without the slightest trace of a foreign accent.

“Ah! Yes. Of course. Let’s see. How much did you get for obtaining the design of the improved breech-block of their new field-gun?”

“Five years’ rigorous confinement in a fortress,” Mr Verloc answered unexpectedly, but without any sign of feeling.

“You got off easily,” was Mr Vladimir’s comment. “And, anyhow, it served you right for letting yourself get caught. What made you go in for that sort of thing... eh?”

Mr Verloc’s husky conversational voice was heard speaking of youth, of a fatal infatuation for an unworthy...

“Aha! Cherchez la femme,” Mr Vladimir deigned to interrupt, unbending, but without affability; there was, on the contrary, a touch of grimness in his condescension. “How long have you been employed by the Embassy here?” he asked.

“Ever since the time of the late Baron Stott-Wartenheim,” Mr Verloc answered in subdued tones, and protruding his lips sadly, in sign of sorrow for the deceased diplomat. The First Secretary observed this play of physiognomy steadily.

“Ah! ever since. Well! What have you got to say for yourself?” he asked sharply.

Mr Verloc answered with some surprise that he was not aware of having anything special to say. He had been summoned by a letter... And he plunged his hand busily into the side pocket of his overcoat, but before the mocking, cynical watchfulness of Mr Vladimir, concluded to leave it there.

“Bah!” said that latter. “What do you mean by getting out of condition like this? You haven’t got even the physique of your

profession. You – a member of a starving proletariat – never! You – a desperate socialist or anarchist – which is it?”

“Anarchist,” stated Mr Verloc in a deadened tone.

“Bosh!” went on Mr Vladimir, without raising his voice. “You startled old Wurmt himself. You wouldn’t deceive an idiot. They all are that by-the-by, but you seem to me simply impossible. So you began your connection with us by stealing the French gun designs. And you got yourself caught. That must have been very disagreeable to our Government. You don’t seem to be very smart.”

Mr Verloc tried to exculpate himself huskily.

“As I’ve had occasion to observe before, a fatal infatuation for an unworthy...”

Mr Vladimir raised a large white, plump hand. “Ah, yes. The unlucky attachment... of your youth. She got hold of the money, and then sold you to the police... eh?”

The doleful change in Mr Verloc’s physiognomy, the momentary drooping of his whole person, confessed that such was the regrettable case. Mr Vladimir’s hand clasped the ankle reposing on his knee. The sock was of dark blue silk.

“You see, that was not very clever of you. Perhaps you are too susceptible.”

Mr Verloc intimated in a throaty, veiled murmur that he was no longer young.

“Oh! That’s a failing which age does not cure,” Mr Vladimir remarked, with sinister familiarity. “But no! You are too fat for that. You could not have come to look like this if you had been at all susceptible. I’ll tell you what I think is the matter: you are a lazy fellow. How long have you been drawing pay from this Embassy?”

“Eleven years,” was the answer, after a moment of sulky hesitation. “I’ve been charged with several missions to London while His Excellency Baron Stott-Wartenheim was still Ambassador in Paris. Then by his Excellency’s instructions I settled down in London. I am English.”

“You are! Are you? Eh?”

“A natural-born British subject,” Mr Verloc said stolidly. “But my father was French, and so...”

“Never mind explaining,” interrupted the other. “I daresay you could have been legally a Marshal of France and a Member of Parliament in England... and then, indeed, you would have been of some use to our Embassy.”

This flight of fancy provoked something like a faint smile on Mr Verloc’s face. Mr Vladimir retained an imperturbable gravity.

“But, as I’ve said, you are a lazy fellow; you don’t use your opportunities. In the time of Baron Stott-Wartenheim we had a lot of soft-headed people running this Embassy. They caused fellows of your sort to form a false conception of the nature of a secret service fund. It is my business to correct this misapprehension by telling you what the secret service is not. It is not a philanthropic institution. I’ve had you called here on purpose to tell you this.”

Mr Vladimir observed the forced expression of bewilderment on Verloc’s face, and smiled sarcastically.

“I see that you understand me perfectly. I daresay you are intelligent enough for your work. What we want now is activity... activity.”

On repeating this last word Mr Vladimir laid a long white forefinger on the edge of the desk. Every trace of huskiness disappeared from Verloc’s voice. The nape of his gross neck became crimson above the velvet collar of his overcoat. His lips quivered before they came widely open.

“If you’ll only be good enough to look up my record,” he boomed out in his great, clear oratorical bass, “you’ll see I gave a warning only three months ago, on the occasion of the Grand Duke Romuald’s visit to Paris, which was telegraphed from here to the French police, and – ”

“Tut, tut!” broke out Mr Vladimir, with a frowning grimace. “The French police had no use for your warning. Don’t roar like this. What the devil do you mean?”

With a note of proud humility Mr Verloc apologised for forgetting himself. His voice, famous for years at open-air meetings and at workmen's assemblies in large halls, had contributed, he said, to his reputation of a good and trustworthy comrade. It was, therefore, a part of his usefulness. It had inspired confidence in his principles. "I was always put up to speak by the leaders at a critical moment," Mr Verloc declared, with obvious satisfaction. There was no uproar above which he could not make himself heard, he added; and suddenly he made a demonstration.

"Allow me," he said. With lowered forehead, without looking up, swiftly and ponderously he crossed the room to one of the French windows. As if giving way to an uncontrollable impulse, he opened it a little. Mr Vladimir, jumping up amazed from the depths of the arm-chair, looked over his shoulder; and below, across the courtyard of the Embassy, well beyond the open gate, could be seen the broad back of a policeman watching idly the gorgeous perambulator of a wealthy baby being wheeled in state across the Square.

"Constable!" said Mr Verloc, with no more effort than if he were whispering; and Mr Vladimir burst into a laugh on seeing the policeman spin round as if prodded by a sharp instrument. Mr Verloc shut the window quietly, and returned to the middle of the room.

"With a voice like that," he said, putting on the husky conversational pedal, "I was naturally trusted. And I knew what to say, too."

Mr Vladimir, arranging his cravat, observed him in the glass over the mantelpiece.

"I daresay you have the social revolutionary jargon by heart well enough," he said contemptuously. "Vox et... You haven't ever studied Latin, have you?"

"No," growled Mr Verloc. "You did not expect me to know it. I belong to the million. Who knows Latin? Only a few hundred imbeciles who aren't fit to take care of themselves."

For some thirty seconds longer Mr Vladimir studied in the mirror the fleshy profile, the gross bulk, of the man behind him. And at



the same time he had the advantage of seeing his own face, clean-shaved and round, rosy about the gills, and with the thin sensitive lips formed exactly for the utterance of those delicate witticisms which had made him such a favourite in the very highest society. Then he turned, and advanced into the room with such determination that the very ends of his quaintly old-fashioned bow necktie seemed to bristle with unspeakable menaces. The movement was so swift and fierce that Mr Verloc, casting an oblique glance, quailed inwardly.

“Aha! You dare be impudent,” Mr Vladimir began, with an amazingly guttural intonation not only utterly un-English, but absolutely un-European, and startling even to Mr Verloc’s experience of cosmopolitan slums. “You dare! Well, I am going to speak plain English to you. Voice won’t do. We have no use for your voice. We don’t want a voice. We want facts – startling facts – damn you,” he added, with a sort of ferocious discretion, right into Mr Verloc’s face.

“Don’t you try to come over me with your Hyperborean manners,” Mr Verloc defended himself huskily, looking at the carpet. At this his interlocutor, smiling mockingly above the bristling bow of his necktie, switched the conversation into French.

“You give yourself for an ‘agent provocateur.’ The proper business of an ‘agent provocateur’ is to provoke. As far as I can judge from your record kept here, you have done nothing to earn your money for the last three years.”

“Nothing!” exclaimed Verloc, stirring not a limb, and not raising his eyes, but with the note of sincere feeling in his tone. “I have several times prevented what might have been...”

“There is a proverb in this country which says prevention is better than cure,” interrupted Mr Vladimir, throwing himself into the arm-chair. “It is stupid in a general way. There is no end to prevention. But it is characteristic. They dislike finality in this country. Don’t you be too English. And in this particular instance, don’t be absurd. The evil is already here. We don’t want prevention, we want cure.”

He paused, turned to the desk, and turning over some papers lying there, spoke in a changed business-like tone, without looking at

Mr Verloc.

“You know, of course, of the International Conference assembled in Milan?”

Mr Verloc intimated hoarsely that he was in the habit of reading the daily papers. To a further question his answer was that, of course, he understood what he read. At this Mr Vladimir, smiling faintly at the documents he was still scanning one after another murmured “As long as it is not written in Latin, I suppose.”

“Or Chinese,” added Mr Verloc stolidly.

“H’m. Some of your revolutionary friends’ effusions are written in a charabia every bit as incomprehensible as Chinese...” Mr Vladimir let fall disdainfully a grey sheet of printed matter. “What are all these leaflets headed F. P., with a hammer, pen, and torch crossed? What does it mean, this F. P.?” Mr Verloc approached the imposing writing-table.

“The Future of the Proletariat. It’s a society,” he explained, standing ponderously by the side of the arm-chair, “not anarchist in principle, but open to all shades of revolutionary opinion.”

“Are you in it?”

“One of the Vice-Presidents,” Mr Verloc breathed out heavily; and the First Secretary of the Embassy raised his head to look at him.

“Then you ought to be ashamed of yourself,” he said incisively. “Isn’t your society capable of anything else but printing this prophetic bosh in blunt type on this filthy paper eh? Why don’t you do something? Look here. I’ve this matter in hand now, and I tell you plainly that you will have to earn your money. The good old Stott-Wartenheim times are over. No work, no pay.”

Mr Verloc felt a queer sensation of faintness in his stout legs. He stepped back one pace, and blew his nose loudly.

He was, in truth, startled and alarmed. The rusty London sunshine struggling clear of the London mist shed a lukewarm brightness into the First Secretary’s private room; and in the silence Mr Verloc heard against a window-pane the faint buzzing of a fly – his

first fly of the year – heralding better than any number of swallows the approach of spring. The useless fussing of that tiny energetic organism affected unpleasantly this big man threatened in his indolence.

In the pause Mr Vladimir formulated in his mind a series of disparaging remarks concerning Mr Verloc's face and figure. The fellow was unexpectedly vulgar, heavy, and impudently unintelligent. He looked uncommonly like a master plumber come to present his bill. The First Secretary of the Embassy, from his occasional excursions into the field of American humour, had formed a special notion of that class of mechanic as the embodiment of fraudulent laziness and incompetency.

This was then the famous and trusty secret agent, so secret that he was never designated otherwise but by the symbol [delta] in the late Baron Stott-Wartenheim's official, semi-official, and confidential correspondence; the celebrated agent [delta], whose warnings had the power to change the schemes and the dates of royal, imperial, grand ducal journeys, and sometimes caused them to be put off altogether! This fellow! And Mr Vladimir indulged mentally in an enormous and derisive fit of merriment, partly at his own astonishment, which he judged naive, but mostly at the expense of the universally regretted Baron Stott-Wartenheim. His late Excellency, whom the august favour of his Imperial master had imposed as Ambassador upon several reluctant Ministers of Foreign Affairs, had enjoyed in his lifetime fame for an owlsh, pessimistic gullibility. His Excellency had the social revolution on the brain. He imagined himself to be a diplomatist set apart by a special dispensation to watch the end of diplomacy, and pretty nearly the end of the world, in a horrid democratic upheaval. His prophetic and doleful despatches had been for years the joke of Foreign Offices. He was said to have exclaimed on his deathbed (visited by his Imperial friend and master): "Unhappy Europe! Thou shalt perish by the moral insanity of thy children!" He was fated to be the victim of the first humbugging rascal that came along, thought Mr Vladimir, smiling vaguely at Mr Verloc.

"You ought to venerate the memory of Baron Stott-Wartenheim," he exclaimed suddenly.

The lowered physiognomy of Mr Verloc expressed a sombre and weary annoyance.

“Permit me to observe to you,” he said, “that I came here because I was summoned by a peremptory letter. I have been here only twice before in the last eleven years, and certainly never at eleven in the morning. It isn’t very wise to call me up like this. There is just a chance of being seen. And that would be no joke for me.”

Mr Vladimir shrugged his shoulders.

“It would destroy my usefulness,” continued the other hotly.

“That’s your affair,” murmured Mr Vladimir, with soft brutality. “When you cease to be useful you shall cease to be employed. Yes. Right off. Cut short. You shall –” Mr Vladimir, frowning, paused, at a loss for a sufficiently idiomatic expression, and instantly brightened up, with a grin of beautifully white teeth. “You shall be chucked,” he brought out ferociously.

Once more Mr Verloc had to react with all the force of his will against that sensation of faintness running down one’s legs which once upon a time had inspired some poor devil with the felicitous expression: “My heart went down into my boots.” Mr Verloc, aware of the sensation, raised his head bravely.

Mr Vladimir bore the look of heavy inquiry with perfect serenity.

“What we want is to administer a tonic to the Conference in Milan,” he said airily. “Its deliberations upon international action for the suppression of political crime don’t seem to get anywhere. England lags. This country is absurd with its sentimental regard for individual liberty. It’s intolerable to think that all your friends have got only to come over to –”

“In that way I have them all under my eye,” Mr Verloc interrupted huskily.

“It would be much more to the point to have them all under lock and key. England must be brought into line. The imbecile bourgeoisie of this country make themselves the accomplices of the very people

whose aim is to drive them out of their houses to starve in ditches. And they have the political power still, if they only had the sense to use it for their preservation. I suppose you agree that the middle classes are stupid?"

Mr Verloc agreed hoarsely.

"They are."

"They have no imagination. They are blinded by an idiotic vanity. What they want just now is a jolly good scare. This is the psychological moment to set your friends to work. I have had you called here to develop to you my idea."

And Mr Vladimir developed his idea from on high, with scorn and condescension, displaying at the same time an amount of ignorance as to the real aims, thoughts, and methods of the revolutionary world which filled the silent Mr Verloc with inward consternation. He confounded causes with effects more than was excusable; the most distinguished propagandists with impulsive bomb throwers; assumed organisation where in the nature of things it could not exist; spoke of the social revolutionary party one moment as of a perfectly disciplined army, where the word of chiefs was supreme, and at another as if it had been the loosest association of desperate brigands that ever camped in a mountain gorge. Once Mr Verloc had opened his mouth for a protest, but the raising of a shapely, large white hand arrested him. Very soon he became too appalled to even try to protest. He listened in a stillness of dread which resembled the immobility of profound attention.

"A series of outrages," Mr Vladimir continued calmly, "executed here in this country; not only planned here – that would not do – they would not mind. Your friends could set half the Continent on fire without influencing the public opinion here in favour of a universal repressive legislation. They will not look outside their backyard here."

Mr Verloc cleared his throat, but his heart failed him, and he said nothing.

"These outrages need not be especially sanguinary," Mr Vladimir went on, as if delivering a scientific lecture, "but they must be sufficiently startling, effective. Let them be directed against buildings,

for instance. What is the fetish of the hour that all the bourgeoisie recognize, eh, Mr Verloc?"

Mr Verloc opened his hands and shrugged his shoulders slightly.

"You are too lazy to think," was Mr Vladimir's comment upon that gesture. "Pay attention to what I say. The fetish of today is neither royalty nor religion. Therefore the palace and the church should be left alone. You understand what I mean, Mr Verloc?"

The dismay and the scorn of Mr Verloc found vent in an attempt at levity.

"Perfectly. But what of the Embassies? A series of attacks on the various Embassies," he began; but he could not withstand the cold, watchful stare of the First Secretary.

"You can be facetious, I see," the latter observed carelessly. "That's all right. It may enliven your oratory at socialistic congresses. But this room is no place for it. It would be infinitely safer for you to follow carefully what I am saying. As you are being called upon to furnish facts instead of cock-and-bull stories, you had better try to make your profit off what I am taking the trouble to explain to you. The sacrosanct fetish of today is science. Why don't you get some of your friends to go for that wooden-faced panjandrum, eh? Is it not part of these institutions which must be swept away before the F. P. comes along?"

Mr Verloc said nothing. He was afraid to open his lips lest a groan should escape him.

"This is what you should try for. An attempt upon a crowned head or on a president is sensational enough in a way, but not so much as it used to be. It has entered into the general conception of the existence of all chiefs of state. It's almost conventional – especially since so many presidents have been assassinated. Now let us take an outrage upon – say a church. Horrible enough at first sight, no doubt, and yet not so effective as a person of an ordinary mind might think. No matter how revolutionary and anarchist in inception, there would be fools enough to give such an outrage the character of a religious manifestation. And that would detract from the especial alarming

significance we wish to give to the act. A murderous attempt on a restaurant or a theatre would suffer in the same way from the suggestion of non-political passion: the exasperation of a hungry man, an act of social revenge. All this is used up; it is no longer instructive as an object lesson in revolutionary anarchism. Every newspaper has ready-made phrases to explain such manifestations away. I am about to give you the philosophy of bomb throwing from my point of view; from the point of view you pretend to have been serving for the last eleven years. I will try not to talk above your head. The sensibilities of the class you are attacking are soon blunted. Property seems to them an indestructible thing. You can't count upon their emotions either of pity or fear for very long. A bomb outrage to have any influence on public opinion now must go beyond the intention of vengeance or terrorism. It must be purely destructive. It must be that, and only that, beyond the faintest suspicion of any other object. You anarchists should make it clear that you are perfectly determined to make a clean sweep of the whole social creation. But how to get that appallingly absurd notion into the heads of the middle classes so that there should be no mistake? That's the question. By directing your blows at something outside the ordinary passions of humanity is the answer. Of course, there is art. A bomb in the National Gallery would make some noise. But it would not be serious enough. Art has never been their fetish. It's like breaking a few back windows in a man's house; whereas, if you want to make him really sit up, you must try at least to raise the roof. There would be some screaming of course, but from whom? Artists – art critics and such like – people of no account. Nobody minds what they say. But there is learning, science. Any imbecile that has got an income believes in that. He does not know why, but he believes it matters somehow. It is the sacrosanct fetish. All the damned professors are radicals at heart. Let them know that their great panjandrum has got to go too, to make room for the Future of the Proletariat. A howl from all these intellectual idiots is bound to help forward the labours of the Milan Conference. They will be writing to the papers. Their indignation would be above suspicion, no material interests being openly at stake, and it will alarm every selfishness of the class which should be impressed. They believe that in some mysterious way science is at the

source of their material prosperity. They do. And the absurd ferocity of such a demonstration will affect them more profoundly than the mangling of a whole street – or theatre – full of their own kind. To that last they can always say: ‘Oh! it’s mere class hate.’ But what is one to say to an act of destructive ferocity so absurd as to be incomprehensible, inexplicable, almost unthinkable; in fact, mad? Madness alone is truly terrifying, inasmuch as you cannot placate it either by threats, persuasion, or bribes. Moreover, I am a civilised man. I would never dream of directing you to organise a mere butchery, even if I expected the best results from it. But I wouldn’t expect from a butchery the result I want. Murder is always with us. It is almost an institution. The demonstration must be against learning – science. But not every science will do. The attack must have all the shocking senselessness of gratuitous blasphemy. Since bombs are your means of expression, it would be really telling if one could throw a bomb into pure mathematics. But that is impossible. I have been trying to educate you; I have expounded to you the higher philosophy of your usefulness, and suggested to you some serviceable arguments. The practical application of my teaching interests you mostly. But from the moment I have undertaken to interview you I have also given some attention to the practical aspect of the question. What do you think of having a go at astronomy?”

For sometime already Mr Verloc’s immobility by the side of the arm-chair resembled a state of collapsed coma – a sort of passive insensibility interrupted by slight convulsive starts, such as may be observed in the domestic dog having a nightmare on the hearthrug. And it was in an uneasy doglike growl that he repeated the word:

“Astronomy.”

He had not recovered thoroughly as yet from that state of bewilderment brought about by the effort to follow Mr Vladimir’s rapid incisive utterance. It had overcome his power of assimilation. It had made him angry. This anger was complicated by incredulity. And suddenly it dawned upon him that all this was an elaborate joke. Mr Vladimir exhibited his white teeth in a smile, with dimples on his round, full face posed with a complacent inclination above the bristling



bow of his neck-tie. The favourite of intelligent society women had assumed his drawing-room attitude accompanying the delivery of delicate witticisms. Sitting well forward, his white hand upraised, he seemed to hold delicately between his thumb and forefinger the subtlety of his suggestion.

“There could be nothing better. Such an outrage combines the greatest possible regard for humanity with the most alarming display of ferocious imbecility. I defy the ingenuity of journalists to persuade their public that any given member of the proletariat can have a personal grievance against astronomy. Starvation itself could hardly be dragged in there – eh? And there are other advantages. The whole civilised world has heard of Greenwich. The very boot-blacks in the basement of Charing Cross Station know something of it. See?”

The features of Mr Vladimir, so well known in the best society by their humorous urbanity, beamed with cynical self-satisfaction, which would have astonished the intelligent women his wit entertained so exquisitely. “Yes,” he continued, with a contemptuous smile, “the blowing up of the first meridian is bound to raise a howl of execration.”

“A difficult business,” Mr Verloc mumbled, feeling that this was the only safe thing to say.

“What is the matter? Haven’t you the whole gang under your hand? The very pick of the basket? That old terrorist Yundt is here. I see him walking about Piccadilly in his green havelock almost every day. And Michaelis, the ticket-of-leave apostle – you don’t mean to say you don’t know where he is? Because if you don’t, I can tell you,” Mr Vladimir went on menacingly. “If you imagine that you are the only one on the secret fund list, you are mistaken.”

This perfectly gratuitous suggestion caused Mr Verloc to shuffle his feet slightly.

“And the whole Lausanne lot – eh? Haven’t they been flocking over here at the first hint of the Milan Conference? This is an absurd country.”

“It will cost money,” Mr Verloc said, by a sort of instinct.

“That cock won’t fight,” Mr Vladimir retorted, with an amazingly genuine English accent. “You’ll get your screw every month, and no more till something happens. And if nothing happens very soon you won’t get even that. What’s your ostensible occupation? What are you supposed to live by?”

“I keep a shop,” answered Mr Verloc.

“A shop! What sort of shop?”

“Stationery, newspapers. My wife –”

“Your what?” interrupted Mr Vladimir in his guttural Central Asian tones.

“My wife.” Mr Verloc raised his husky voice slightly. “I am married.”

“That be damned for a yarn,” exclaimed the other in unfeigned astonishment. “Married! And you a professed anarchist, too! What is this confounded nonsense? But I suppose it’s merely a manner of speaking. Anarchists don’t marry. It’s well known. They can’t. It would be apostasy.”

“My wife isn’t one,” Mr Verloc mumbled sulkily. “Moreover, it’s no concern of yours.”

“Oh yes, it is,” snapped Mr Vladimir. “I am beginning to be convinced that you are not at all the man for the work you’ve been employed on. Why, you must have discredited yourself completely in your own world by your marriage. Couldn’t you have managed without? This is your virtuous attachment – eh? What with one sort of attachment and another you are doing away with your usefulness.”

Mr Verloc, puffing out his cheeks, let the air escape violently, and that was all. He had armed himself with patience. It was not to be tried much longer. The First Secretary became suddenly very curt, detached, final.

“You may go now,” he said. “A dynamite outrage must be provoked. I give you a month. The sittings of the Conference are suspended. Before it reassembles again something must have happened here, or your connection with us ceases.”

He changed the note once more with an unprincipled versatility.

“Think over my philosophy, Mr – Mr – Verloc,” he said, with a sort of chaffing condescension, waving his hand towards the door. “Go for the first meridian. You don’t know the middle classes as well as I do. Their sensibilities are jaded. The first meridian. Nothing better, and nothing easier, I should think.”

He had got up, and with his thin sensitive lips twitching humorously, watched in the glass over the mantelpiece Mr Verloc backing out of the room heavily, hat and stick in hand. The door closed.

The footman in trousers, appearing suddenly in the corridor, let Mr Verloc another way out and through a small door in the corner of the courtyard. The porter standing at the gate ignored his exit completely; and Mr Verloc retraced the path of his morning’s pilgrimage as if in a dream – an angry dream. This detachment from the material world was so complete that, though the mortal envelope of Mr Verloc had not hastened unduly along the streets, that part of him to which it would be unwarrantably rude to refuse immortality, found itself at the shop door all at once, as if borne from west to east on the wings of a great wind. He walked straight behind the counter, and sat down on a wooden chair that stood there. No one appeared to disturb his solitude. Stevie, put into a green baize apron, was now sweeping and dusting upstairs, intent and conscientious, as though he were playing at it; and Mrs Verloc, warned in the kitchen by the clatter of the cracked bell, had merely come to the glazed door of the parlour, and putting the curtain aside a little, had peered into the dim shop. Seeing her husband sitting there shadowy and bulky, with his hat tilted far back on his head, she had at once returned to her stove. An hour or more later she took the green baize apron off her brother Stevie, and instructed him to wash his hands and face in the peremptory tone she had used in that connection for fifteen years or so – ever since she had, in fact, ceased to attend to the boy’s hands and face herself. She spared presently a glance away from her dishing-up for the inspection of that face and those hands which Stevie, approaching the kitchen table, offered for her approval with an air of self-assurance hiding a perpetual residue of anxiety. Formerly the anger of the father

was the supremely effective sanction of these rites, but Mr Verloc's placidity in domestic life would have made all mention of anger incredible even to poor Stevie's nervousness. The theory was that Mr Verloc would have been inexpressibly pained and shocked by any deficiency of cleanliness at meal times. Winnie after the death of her father found considerable consolation in the feeling that she need no longer tremble for poor Stevie. She could not bear to see the boy hurt. It maddened her. As a little girl she had often faced with blazing eyes the irascible licensed victualler in defence of her brother. Nothing now in Mrs Verloc's appearance could lead one to suppose that she was capable of a passionate demonstration.

She finished her dishing-up. The table was laid in the parlour. Going to the foot of the stairs, she screamed out "Mother!" Then opening the glazed door leading to the shop, she said quietly "Adolf!" Mr Verloc had not changed his position; he had not apparently stirred a limb for an hour and a half. He got up heavily, and came to his dinner in his overcoat and with his hat on, without uttering a word. His silence in itself had nothing startlingly unusual in this household, hidden in the shades of the sordid street seldom touched by the sun, behind the dim shop with its wares of disreputable rubbish. Only that day Mr Verloc's taciturnity was so obviously thoughtful that the two women were impressed by it. They sat silent themselves, keeping a watchful eye on poor Stevie, lest he should break out into one of his fits of loquacity. He faced Mr Verloc across the table, and remained very good and quiet, staring vacantly. The endeavour to keep him from making himself objectionable in any way to the master of the house put no inconsiderable anxiety into these two women's lives. "That boy," as they alluded to him softly between themselves, had been a source of that sort of anxiety almost from the very day of his birth. The late licensed victualler's humiliation at having such a very peculiar boy for a son manifested itself by a propensity to brutal treatment; for he was a person of fine sensibilities, and his sufferings as a man and a father were perfectly genuine. Afterwards Stevie had to be kept from making himself a nuisance to the single gentlemen lodgers, who are themselves a queer lot, and are easily aggrieved. And there was always the anxiety

of his mere existence to face. Visions of a workhouse infirmary for her child had haunted the old woman in the basement breakfast-room of the decayed Belgravian house. "If you had not found such a good husband, my dear," she used to say to her daughter, "I don't know what would have become of that poor boy."

Mr Verloc extended as much recognition to Stevie as a man not particularly fond of animals may give to his wife's beloved cat; and this recognition, benevolent and perfunctory, was essentially of the same quality. Both women admitted to themselves that not much more could be reasonably expected. It was enough to earn for Mr Verloc the old woman's reverential gratitude. In the early days, made sceptical by the trials of friendless life, she used sometimes to ask anxiously: "You don't think, my dear, that Mr Verloc is getting tired of seeing Stevie about?" To this Winnie replied habitually by a slight toss of her head. Once, however, she retorted, with a rather grim pertness: "He'll have to get tired of me first." A long silence ensued. The mother, with her feet propped up on a stool, seemed to be trying to get to the bottom of that answer, whose feminine profundity had struck her all of a heap. She had never really understood why Winnie had married Mr Verloc. It was very sensible of her, and evidently had turned out for the best, but her girl might have naturally hoped to find somebody of a more suitable age. There had been a steady young fellow, only son of a butcher in the next street, helping his father in business, with whom Winnie had been walking out with obvious gusto. He was dependent on his father, it is true; but the business was good, and his prospects excellent. He took her girl to the theatre on several evenings. Then just as she began to dread to hear of their engagement (for what could she have done with that big house alone, with Stevie on her hands), that romance came to an abrupt end, and Winnie went about looking very dull. But Mr Verloc, turning up providentially to occupy the first-floor front bedroom, there had been no more question of the young butcher. It was clearly providential.

### CHAPTER III

“... All idealisation makes life poorer. To beautify it is to take away its character of complexity – it is to destroy it. Leave that to the moralists, my boy. History is made by men, but they do not make it in their heads. The ideas that are born in their consciousness play an insignificant part in the march of events. History is dominated and determined by the tool and the production – by the force of economic conditions. Capitalism has made socialism, and the laws made by the capitalism for the protection of property are responsible for anarchism. No one can tell what form the social organisation may take in the future. Then why indulge in prophetic phantasies? At best they can only interpret the mind of the prophet, and can have no objective value. Leave that pastime to the moralists, my boy.”

Michaelis, the ticket-of-leave apostle, was speaking in an even voice, a voice that wheezed as if deadened and oppressed by the layer of fat on his chest. He had come out of a highly hygienic prison round like a tub, with an enormous stomach and distended cheeks of a pale, semi-transparent complexion, as though for fifteen years the servants of an outraged society had made a point of stuffing him with fattening foods in a damp and lightless cellar. And ever since he had never managed to get his weight down as much as an ounce.

It was said that for three seasons running a very wealthy old lady had sent him for a cure to Marienbad – where he was about to share the public curiosity once with a crowned head – but the police on that occasion ordered him to leave within twelve hours. His martyrdom was continued by forbidding him all access to the healing waters. But he was resigned now.

With his elbow presenting no appearance of a joint, but more like a bend in a dummy's limb, thrown over the back of a chair, he leaned forward slightly over his short and enormous thighs to spit into the grate.

“Yes! I had the time to think things out a little,” he added without emphasis. “Society has given me plenty of time for

meditation.”

On the other side of the fireplace, in the horse-hair arm-chair where Mrs Verloc’s mother was generally privileged to sit, Karl Yundt giggled grimly, with a faint black grimace of a toothless mouth. The terrorist, as he called himself, was old and bald, with a narrow, snow-white wisp of a goatee hanging limply from his chin. An extraordinary expression of underhand malevolence survived in his extinguished eyes. When he rose painfully the thrusting forward of a skinny groping hand deformed by gouty swellings suggested the effort of a moribund murderer summoning all his remaining strength for a last stab. He leaned on a thick stick, which trembled under his other hand.

“I have always dreamed,” he mouthed fiercely, “of a band of men absolute in their resolve to discard all scruples in the choice of means, strong enough to give themselves frankly the name of destroyers, and free from the taint of that resigned pessimism which rots the world. No pity for anything on earth, including themselves, and death enlisted for good and all in the service of humanity – that’s what I would have liked to see.”

His little bald head quivered, imparting a comical vibration to the wisp of white goatee. His enunciation would have been almost totally unintelligible to a stranger. His worn-out passion, resembling in its impotent fierceness the excitement of a senile sensualist, was badly served by a dried throat and toothless gums which seemed to catch the tip of his tongue. Mr Verloc, established in the corner of the sofa at the other end of the room, emitted two hearty grunts of assent.

The old terrorist turned slowly his head on his skinny neck from side to side.

“And I could never get as many as three such men together. So much for your rotten pessimism,” he snarled at Michaelis, who uncrossed his thick legs, similar to bolsters, and slid his feet abruptly under his chair in sign of exasperation.

He a pessimist! Preposterous! He cried out that the charge was outrageous. He was so far from pessimism that he saw already the end of all private property coming along logically, unavoidably, by the mere

development of its inherent viciousness. The possessors of property had not only to face the awakened proletariat, but they had also to fight amongst themselves. Yes. Struggle, warfare, was the condition of private ownership. It was fatal. Ah! he did not depend upon emotional excitement to keep up his belief, no declamations, no anger, no visions of blood-red flags waving, or metaphorical lurid suns of vengeance rising above the horizon of a doomed society. Not he! Cold reason, he boasted, was the basis of his optimism. Yes, optimism...

His laborious wheezing stopped, then, after a gasp or two, he added:

“Don’t you think that, if I had not been the optimist I am, I could not have found in fifteen years some means to cut my throat? And, in the last instance, there were always the walls of my cell to dash my head against.”

The shortness of breath took all fire, all animation out of his voice; his great, pale cheeks hung like filled pouches, motionless, without a quiver; but in his blue eyes, narrowed as if peering, there was the same look of confident shrewdness, a little crazy in its fixity, they must have had while the indomitable optimist sat thinking at night in his cell. Before him, Karl Yundt remained standing, one wing of his faded greenish havelock thrown back cavalierly over his shoulder. Seated in front of the fireplace, Comrade Ossipon, ex-medical student, the principal writer of the F. P. leaflets, stretched out his robust legs, keeping the soles of his boots turned up to the glow in the grate. A bush of crinkly yellow hair topped his red, freckled face, with a flattened nose and prominent mouth cast in the rough mould of the negro type. His almond-shaped eyes leered languidly over the high cheek-bones. He wore a grey flannel shirt, the loose ends of a black silk tie hung down the buttoned breast of his serge coat; and his head resting on the back of his chair, his throat largely exposed, he raised to his lips a cigarette in a long wooden tube, puffing jets of smoke straight up at the ceiling.

Michaelis pursued his idea – the idea of his solitary reclusion – the thought vouchsafed to his captivity and growing like a faith



revealed in visions. He talked to himself, indifferent to the sympathy or hostility of his hearers, indifferent indeed to their presence, from the habit he had acquired of thinking aloud hopefully in the solitude of the four whitewashed walls of his cell, in the sepulchral silence of the great blind pile of bricks near a river, sinister and ugly like a colossal mortuary for the socially drowned.

He was no good in discussion, not because any amount of argument could shake his faith, but because the mere fact of hearing another voice disconcerted him painfully, confusing his thoughts at once – these thoughts that for so many years, in a mental solitude more barren than a waterless desert, no living voice had ever combated, commented, or approved.

No one interrupted him now, and he made again the confession of his faith, mastering him irresistible and complete like an act of grace: the secret of fate discovered in the material side of life; the economic condition of the world responsible for the past and shaping the future; the source of all history, of all ideas, guiding the mental development of mankind and the very impulses of their passion –

A harsh laugh from Comrade Ossipon cut the tirade dead short in a sudden faltering of the tongue and a bewildered unsteadiness of the apostle's mildly exalted eyes. He closed them slowly for a moment, as if to collect his routed thoughts. A silence fell; but what with the two gas-jets over the table and the glowing grate the little parlour behind Mr Verloc's shop had become frightfully hot. Mr Verloc, getting off the sofa with ponderous reluctance, opened the door leading into the kitchen to get more air, and thus disclosed the innocent Stevie, seated very good and quiet at a deal table, drawing circles, circles, circles; innumerable circles, concentric, eccentric; a coruscating whirl of circles that by their tangled multitude of repeated curves, uniformity of form, and confusion of intersecting lines suggested a rendering of cosmic chaos, the symbolism of a mad art attempting the inconceivable. The artist never turned his head; and in all his soul's application to the task his back quivered, his thin neck, sunk into a deep hollow at the base of the skull, seemed ready to snap.

Mr Verloc, after a grunt of disapproving surprise, returned to the sofa. Alexander Ossipon got up, tall in his threadbare blue serge suit under the low ceiling, shook off the stiffness of long immobility, and strolled away into the kitchen (down two steps) to look over Stevie's shoulder. He came back, pronouncing oracularly: "Very good. Very characteristic, perfectly typical."

"What's very good?" grunted inquiringly Mr Verloc settled again in the corner of the sofa. The other explained his meaning negligently, with a shade of condescension and a toss of his head towards the kitchen:

"Typical of this form of degeneracy – these drawings, I mean."

"You would call that lad a degenerate, would you?" mumbled Mr Verloc.

Comrade Alexander Ossipon – nicknamed the Doctor, ex-medical student without a degree; afterwards wandering lecturer to working-men's associations upon the socialistic aspects of hygiene; author of a popular quasi-medical study (in the form of a cheap pamphlet seized promptly by the police) entitled "The Corroding Vices of the Middle Classes"; special delegate of the more or less mysterious Red Committee, together with Karl Yundt and Michaelis for the work of literary propaganda – turned upon the obscure familiar of at least two Embassies that glance of insufferable, hopelessly dense sufficiency which nothing but the frequentation of science can give to the dullness of common mortals.

"That's what he may be called scientifically. Very good type too, altogether, of that sort of degenerate. It's enough to glance at the lobes of his ears. If you read Lombroso –"

Mr Verloc, moody and spread largely on the sofa, continued to look down the row of his waistcoat buttons; but his cheeks became tinged by a faint blush. Of late even the merest derivative of the word science (a term in itself inoffensive and of indefinite meaning) had the curious power of evoking a definitely offensive mental vision of Mr Vladimir, in his body as he lived, with an almost supernatural clearness. And this phenomenon, deserving justly to be classed amongst the

marvels of science, induced in Mr Verloc an emotional state of dread and exasperation tending to express itself in violent swearing. But he said nothing. It was Karl Yundt who was heard, implacable to his last breath.

“Lombroso is an ass.”

Comrade Ossipon met the shock of this blasphemy by an awful, vacant stare. And the other, his extinguished eyes without gleams blackening the deep shadows under the great, bony forehead, mumbled, catching the tip of his tongue between his lips at every second word as though he were chewing it angrily:

“Did you ever see such an idiot? For him the criminal is the prisoner. Simple, is it not? What about those who shut him up there – forced him in there? Exactly. Forced him in there. And what is crime? Does he know that, this imbecile who has made his way in this world of gorged fools by looking at the ears and teeth of a lot of poor, luckless devils? Teeth and ears mark the criminal? Do they? And what about the law that marks him still better – the pretty branding instrument invented by the overfed to protect themselves against the hungry? Red-hot applications on their vile skins – hey? Can’t you smell and hear from here the thick hide of the people burn and sizzle? That’s how criminals are made for your Lombrosos to write their silly stuff about.”

The knob of his stick and his legs shook together with passion, whilst the trunk, draped in the wings of the havelock, preserved his historic attitude of defiance. He seemed to sniff the tainted air of social cruelty, to strain his ear for its atrocious sounds. There was an extraordinary force of suggestion in this posturing. The all but moribund veteran of dynamite wars had been a great actor in his time – actor on platforms, in secret assemblies, in private interviews. The famous terrorist had never in his life raised personally as much as his little finger against the social edifice. He was no man of action; he was not even an orator of torrential eloquence, sweeping the masses along in the rushing noise and foam of a great enthusiasm. With a more subtle intention, he took the part of an insolent and venomous evoker of sinister impulses which lurk in the blind envy and exasperated

vanity of ignorance, in the suffering and misery of poverty, in all the hopeful and noble illusions of righteous anger, pity, and revolt. The shadow of his evil gift clung to him yet like the smell of a deadly drug in an old vial of poison, emptied now, useless, ready to be thrown away upon the rubbish-heap of things that had served their time.

Michaelis, the ticket-of-leave apostle, smiled vaguely with his glued lips; his pasty moon face drooped under the weight of melancholy assent. He had been a prisoner himself. His own skin had sizzled under the red-hot brand, he murmured softly. But Comrade Ossipon, nicknamed the Doctor, had got over the shock by that time.

“You don’t understand,” he began disdainfully, but stopped short, intimidated by the dead blackness of the cavernous eyes in the face turned slowly towards him with a blind stare, as if guided only by the sound. He gave the discussion up, with a slight shrug of the shoulders.

Stevie, accustomed to move about disregarded, had got up from the kitchen table, carrying off his drawing to bed with him. He had reached the parlour door in time to receive in full the shock of Karl Yundt’s eloquent imagery. The sheet of paper covered with circles dropped out of his fingers, and he remained staring at the old terrorist, as if rooted suddenly to the spot by his morbid horror and dread of physical pain. Stevie knew very well that hot iron applied to one’s skin hurt very much. His scared eyes blazed with indignation: it would hurt terribly. His mouth dropped open.

Michaelis by staring unwinkingly at the fire had regained that sentiment of isolation necessary for the continuity of his thought. His optimism had begun to flow from his lips. He saw Capitalism doomed in its cradle, born with the poison of the principle of competition in its system. The great capitalists devouring the little capitalists, concentrating the power and the tools of production in great masses, perfecting industrial processes, and in the madness of self-aggrandisement only preparing, organising, enriching, making ready the lawful inheritance of the suffering proletariat. Michaelis pronounced the great word “Patience” – and his clear blue glance,

raised to the low ceiling of Mr Verloc's parlour, had a character of seraphic trustfulness. In the doorway Stevie, calmed, seemed sunk in hebetude.

Comrade Ossipon's face twitched with exasperation.

"Then it's no use doing anything – no use whatever."

"I don't say that," protested Michaelis gently. His vision of truth had grown so intense that the sound of a strange voice failed to rout it this time. He continued to look down at the red coals. Preparation for the future was necessary, and he was willing to admit that the great change would perhaps come in the upheaval of a revolution. But he argued that revolutionary propaganda was a delicate work of high conscience. It was the education of the masters of the world. It should be as careful as the education given to kings. He would have it advance its tenets cautiously, even timidly, in our ignorance of the effect that may be produced by any given economic change upon the happiness, the morals, the intellect, the history of mankind. For history is made with tools, not with ideas; and everything is changed by economic conditions – art, philosophy, love, virtue – truth itself!

The coals in the grate settled down with a slight crash; and Michaelis, the hermit of visions in the desert of a penitentiary, got up impetuously. Round like a distended balloon, he opened his short, thick arms, as if in a pathetically hopeless attempt to embrace and hug to his breast a self-regenerated universe. He gasped with ardour.

"The future is as certain as the past – slavery, feudalism, individualism, collectivism. This is the statement of a law, not an empty prophecy."

The disdainful pout of Comrade Ossipon's thick lips accentuated the negro type of his face.

"Nonsense," he said calmly enough. "There is no law and no certainty. The teaching propaganda be hanged. What the people knows does not matter, were its knowledge ever so accurate. The only thing that matters to us is the emotional state of the masses. Without emotion there is no action."

He paused, and then added with modest firmness:

“I am speaking now to you scientifically – scientifically – Eh? What did you say, Verloc?”

“Nothing,” growled from the sofa Mr Verloc, who, provoked by the abhorrent sound, had merely muttered a “Damn.”

The venomous spluttering of the old terrorist without teeth was heard.

“Do you know how I would call the nature of the present economic conditions? I would call it cannibalistic. That’s what it is! They are nourishing their greed on the quivering flesh and the warm blood of the people – nothing else.”

Stevie swallowed the terrifying statement with an audible gulp, and at once, as though it had been swift poison, sank limply in a sitting posture on the steps of the kitchen door.

Michaelis gave no sign of having heard anything. His lips seemed glued together for good; not a quiver passed over his heavy cheeks. With troubled eyes he looked for his round, hard hat, and put it on his round head. His round and obese body seemed to float low between the chairs under the sharp elbow of Karl Yundt. The old terrorist, raising an uncertain and clawlike hand, gave a swaggering tilt to a black felt sombrero shading the hollows and ridges of his wasted face. He got in motion slowly, striking the floor with his stick at every step. It was rather an affair to get him out of the house because, now and then, he would stop, as if to think, and did not offer to move again till impelled forward by Michaelis. The gentle apostle grasped his arm with brotherly care; and behind them, his hands in his pockets, the robust Ossipon yawned vaguely. A blue cap with a patent leather peak set well at the back of his yellow bush of hair gave him the aspect of a Norwegian sailor bored with the world after a thundering spree. Mr Verloc saw his guests off the premises, attending them bareheaded, and his heavy overcoat hanging open, his eyes on the ground.

He closed the door behind their backs with restrained violence, turned the key, shot the bolt. He was not satisfied with his friends. In the light of Mr Vladimir’s philosophy of bomb throwing they appeared

hopelessly futile. The part of Mr Verloc in revolutionary politics having been to observe, he could not all at once, either in his own home or in larger assemblies, take the initiative of action. He had to be cautious. Moved by the just indignation of a man well over forty, menaced in what is dearest to him – his repose and his security – he asked himself scornfully what else could have been expected from such a lot, this Karl Yundt, this Michaelis – this Ossipon.

Pausing in his intention to turn off the gas burning in the middle of the shop, Mr Verloc descended into the abyss of moral reflections. With the insight of a kindred temperament he pronounced his verdict. A lazy lot – this Karl Yundt, nursed by a blear-eyed old woman, a woman he had years ago enticed away from a friend, and afterwards had tried more than once to shake off into the gutter. Jolly lucky for Yundt that she had persisted in coming up time after time, or else there would have been no one now to help him out of the 'bus by the Green Park railings, where that spectre took its constitutional crawl every fine morning. When that indomitable snarling old witch died the swaggering spectre would have to vanish too – there would be an end to fiery Karl Yundt. And Mr Verloc's morality was offended also by the optimism of Michaelis, annexed by his wealthy old lady, who had taken lately to sending him to a cottage she had in the country. The ex-prisoner could moon about the shady lanes for days together in a delicious and humanitarian idleness. As to Ossipon, that beggar was sure to want for nothing as long as there were silly girls with savings-bank books in the world. And Mr Verloc, temperamentally identical with his associates, drew fine distinctions in his mind on the strength of insignificant differences. He drew them with certain complacency, because the instinct of conventional respectability was strong within him, being only overcome by his dislike of all kinds of recognised labour – a temperamental defect which he shared with a large proportion of revolutionary reformers of a given social state. For obviously one does not revolt against the advantages and opportunities of that state, but against the price which must be paid for the same in the coin of accepted morality, self-restraint, and toil. The majority of revolutionists are the enemies of discipline and fatigue mostly. There

are natures too, to whose sense of justice the price exacted looms up monstrously enormous, odious, oppressive, worrying, humiliating, extortionate, and intolerable. Those are the fanatics. The remaining portion of social rebels is accounted for by vanity, the mother of all noble and vile illusions, the companion of poets, reformers, charlatans, prophets, and incendiaries.

Lost for a whole minute in the abyss of meditation, Mr Verloc did not reach the depth of these abstract considerations. Perhaps he was not able. In any case he had not the time. He was pulled up painfully by the sudden recollection of Mr Vladimir, another of his associates, whom in virtue of subtle moral affinities he was capable of judging correctly. He considered him as dangerous. A shade of envy crept into his thoughts. Loafing was all very well for these fellows, who knew not Mr Vladimir, and had women to fall back upon; whereas he had a woman to provide for –

At this point, by a simple association of ideas, Mr Verloc was brought face to face with the necessity of going to bed some time or other that evening. Then why not go now – at once? He sighed. The necessity was not so normally pleasurable as it ought to have been for a man of his age and temperament. He dreaded the demon of sleeplessness, which he felt had marked him for its own. He raised his arm, and turned off the flaring gas-jet above his head.

A bright band of light fell through the parlour door into the part of the shop behind the counter. It enabled Mr Verloc to ascertain at a glance the number of silver coins in the till. These were but few; and for the first time since he opened his shop he took a commercial survey of its value. This survey was unfavourable. He had gone into trade for no commercial reasons. He had been guided in the selection of this peculiar line of business by an instinctive leaning towards shady transactions, where money is picked up easily. Moreover, it did not take him out of his own sphere – the sphere which is watched by the police. On the contrary, it gave him a publicly confessed standing in that sphere, and as Mr Verloc had unconfessed relations which made him familiar with yet careless of the police, there was a distinct



advantage in such a situation. But as a means of livelihood it was by itself insufficient.

He took the cash-box out of the drawer, and turning to leave the shop, became aware that Stevie was still downstairs.

What on earth is he doing there? Mr Verloc asked himself. What's the meaning of these antics? He looked dubiously at his brother-in-law, but he did not ask him for information. Mr Verloc's intercourse with Stevie was limited to the casual mutter of a morning, after breakfast, "My boots," and even that was more a communication at large of a need than a direct order or request. Mr Verloc perceived with some surprise that he did not know really what to say to Stevie. He stood still in the middle of the parlour, and looked into the kitchen in silence. Nor yet did he know what would happen if he did say anything. And this appeared very queer to Mr Verloc in view of the fact, borne upon him suddenly, that he had to provide for this fellow too. He had never given a moment's thought till then to that aspect of Stevie's existence.

Positively he did not know how to speak to the lad. He watched him gesticulating and murmuring in the kitchen. Stevie prowled round the table like an excited animal in a cage. A tentative "Hadn't you better go to bed now?" produced no effect whatever; and Mr Verloc, abandoning the stony contemplation of his brother-in-law's behaviour, crossed the parlour wearily, cash-box in hand. The cause of the general lassitude he felt while climbing the stairs being purely mental, he became alarmed by its inexplicable character. He hoped he was not sickening for anything. He stopped on the dark landing to examine his sensations. But a slight and continuous sound of snoring pervading the obscurity interfered with their clearness. The sound came from his mother-in-law's room. Another one to provide for, he thought – and on this thought walked into the bedroom.

Mrs Verloc had fallen asleep with the lamp (no gas was laid upstairs) turned up full on the table by the side of the bed. The light thrown down by the shade fell dazzlingly on the white pillow sunk by the weight of her head reposing with closed eyes and dark hair done up

in several plaits for the night. She woke up with the sound of her name in her ears, and saw her husband standing over her.

“Winnie! Winnie!”

At first she did not stir, lying very quiet and looking at the cash-box in Mr Verloc’s hand. But when she understood that her brother was “capering all over the place downstairs” she swung out in one sudden movement on to the edge of the bed. Her bare feet, as if poked through the bottom of an unadorned, sleeved calico sack buttoned tightly at neck and wrists, felt over the rug for the slippers while she looked upward into her husband’s face.

“I don’t know how to manage him,” Mr Verloc explained peevishly. “Won’t do to leave him downstairs alone with the lights.”

She said nothing, glided across the room swiftly, and the door closed upon her white form.

Mr Verloc deposited the cash-box on the night table, and began the operation of undressing by flinging his overcoat on to a distant chair. His coat and waistcoat followed. He walked about the room in his stockinged feet, and his burly figure, with the hands worrying nervously at his throat, passed and repassed across the long strip of looking-glass in the door of his wife’s wardrobe. Then after slipping his braces off his shoulders he pulled up violently the venetian blind, and leaned his forehead against the cold window-pane – a fragile film of glass stretched between him and the enormity of cold, black, wet, muddy, inhospitable accumulation of bricks, slates, and stones, things in themselves unlovely and unfriendly to man.

Mr Verloc felt the latent unfriendliness of all out of doors with a force approaching to positive bodily anguish. There is no occupation that fails a man more completely than that of a secret agent of police. It’s like your horse suddenly falling dead under you in the midst of an uninhabited and thirsty plain. The comparison occurred to Mr Verloc because he had sat astride various army horses in his time, and had now the sensation of an incipient fall. The prospect was as black as the window-pane against which he was leaning his forehead. And suddenly the face of Mr Vladimir, clean-shaved and witty, appeared

enhaloed in the glow of its rosy complexion like a sort of pink seal, impressed on the fatal darkness.

This luminous and mutilated vision was so ghastly physically that Mr Verloc started away from the window, letting down the venetian blind with a great rattle. Discomposed and speechless with the apprehension of more such visions, he beheld his wife re-enter the room and get into bed in a calm business-like manner which made him feel hopelessly lonely in the world. Mrs Verloc expressed her surprise at seeing him up yet.

"I don't feel very well," he muttered, passing his hands over his moist brow.

"Giddiness?"

"Yes. Not at all well."

Mrs Verloc, with all the placidity of an experienced wife, expressed a confident opinion as to the cause, and suggested the usual remedies; but her husband, rooted in the middle of the room, shook his lowered head sadly.

"You'll catch cold standing there," she observed.

Mr Verloc made an effort, finished undressing, and got into bed. Down below in the quiet, narrow street measured footsteps approached the house, then died away unhurried and firm, as if the passer-by had started to pace out all eternity, from gas-lamp to gas-lamp in a night without end; and the drowsy ticking of the old clock on the landing became distinctly audible in the bedroom.

Mrs Verloc, on her back, and staring at the ceiling, made a remark.

"Takings very small today."

Mr Verloc, in the same position, cleared his throat as if for an important statement, but merely inquired:

"Did you turn off the gas downstairs?"

"Yes; I did," answered Mrs Verloc conscientiously. "That poor boy is in a very excited state tonight," she murmured, after a pause

which lasted for three ticks of the clock.

Mr Verloc cared nothing for Stevie's excitement, but he felt horribly wakeful, and dreaded facing the darkness and silence that would follow the extinguishing of the lamp. This dread led him to make the remark that Stevie had disregarded his suggestion to go to bed. Mrs Verloc, falling into the trap, started to demonstrate at length to her husband that this was not "impudence" of any sort, but simply "excitement." There was no young man of his age in London more willing and docile than Stephen, she affirmed; none more affectionate and ready to please, and even useful, as long as people did not upset his poor head. Mrs Verloc, turning towards her recumbent husband, raised herself on her elbow, and hung over him in her anxiety that he should believe Stevie to be a useful member of the family. That ardour of protecting compassion exalted morbidly in her childhood by the misery of another child tinged her sallow cheeks with a faint dusky blush, made her big eyes gleam under the dark lids. Mrs Verloc then looked younger; she looked as young as Winnie used to look, and much more animated than the Winnie of the Belgravian mansion days had ever allowed herself to appear to gentlemen lodgers. Mr Verloc's anxieties had prevented him from attaching any sense to what his wife was saying. It was as if her voice were talking on the other side of a very thick wall. It was her aspect that recalled him to himself.

He appreciated this woman, and the sentiment of this appreciation, stirred by a display of something resembling emotion, only added another pang to his mental anguish. When her voice ceased he moved uneasily, and said:

"I haven't been feeling well for the last few days."

He might have meant this as an opening to a complete confidence; but Mrs Verloc laid her head on the pillow again, and staring upward, went on:

"That boy hears too much of what is talked about here. If I had known they were coming tonight I would have seen to it that he went to bed at the same time I did. He was out of his mind with something

he overheard about eating people's flesh and drinking blood. What's the good of talking like that?"

There was a note of indignant scorn in her voice. Mr Verloc was fully responsive now.

"Ask Karl Yundt," he growled savagely.

Mrs Verloc, with great decision, pronounced Karl Yundt "a disgusting old man." She declared openly her affection for Michaelis. Of the robust Ossipon, in whose presence she always felt uneasy behind an attitude of stony reserve, she said nothing whatever. And continuing to talk of that brother, who had been for so many years an object of care and fears:

"He isn't fit to hear what's said here. He believes it's all true. He knows no better. He gets into his passions over it."

Mr Verloc made no comment.

"He glared at me, as if he didn't know who I was, when I went downstairs. His heart was going like a hammer. He can't help being excitable. I woke mother up, and asked her to sit with him till he went to sleep. It isn't his fault. He's no trouble when he's left alone."

Mr Verloc made no comment.

"I wish he had never been to school," Mrs Verloc began again brusquely. "He's always taking away those newspapers from the window to read. He gets a red face poring over them. We don't get rid of a dozen numbers in a month. They only take up room in the front window. And Mr Ossipon brings every week a pile of these F. P. tracts to sell at a halfpenny each. I wouldn't give a halfpenny for the whole lot. It's silly reading – that's what it is. There's no sale for it. The other day Stevie got hold of one, and there was a story in it of a German soldier officer tearing half-off the ear of a recruit, and nothing was done to him for it. The brute! I couldn't do anything with Stevie that afternoon. The story was enough, too, to make one's blood boil. But what's the use of printing things like that? We aren't German slaves here, thank God. It's not our business – is it?"

Mr Verloc made no reply.

“I had to take the carving knife from the boy,” Mrs Verloc continued, a little sleepily now. “He was shouting and stamping and sobbing. He can’t stand the notion of any cruelty. He would have stuck that officer like a pig if he had seen him then. It’s true, too! Some people don’t deserve much mercy.” Mrs Verloc’s voice ceased and the expression of her motionless eyes became more and more contemplative and veiled during the long pause. “Comfortable, dear?” she asked in a faint, far-away voice. “Shall I put out the light now?”

The dreary conviction that there was no sleep for him held Mr Verloc mute and hopelessly inert in his fear of darkness. He made a great effort.

“Yes. Put it out,” he said at last in a hollow tone.

## CHAPTER IV

Most of the thirty or so little tables covered by red cloths with a white design stood ranged at right angles to the deep brown wainscoting of the underground hall. Bronze chandeliers with many globes depended from the low, slightly vaulted ceiling, and the fresco paintings ran flat and dull all round the walls without windows, representing scenes of the chase and of outdoor revelry in medieval costumes. Varlets in green jerkins brandished hunting knives and raised on high tankards of foaming beer.

“Unless I am very much mistaken, you are the man who would know the inside of this confounded affair,” said the robust Ossipon, leaning over, his elbows far out on the table and his feet tucked back completely under his chair. His eyes stared with wild eagerness.

An upright semi-grand piano near the door, flanked by two palms in pots, executed suddenly all by itself a valse tune with aggressive virtuosity. The din it raised was deafening. When it ceased, as abruptly as it had started, the be-spectacled, dingy little man who faced Ossipon behind a heavy glass mug full of beer emitted calmly what had the sound of a general proposition.

“In principle what one of us may or may not know as to any given fact can’t be a matter for inquiry to the others.”

“Certainly not,” Comrade Ossipon agreed in a quiet undertone. “In principle.”

With his big florid face held between his hands he continued to stare hard, while the dingy little man in spectacles coolly took a drink of beer and stood the glass mug back on the table. His flat, large ears departed widely from the sides of his skull, which looked frail enough for Ossipon to crush between thumb and forefinger; the dome of the forehead seemed to rest on the rim of the spectacles; the flat cheeks, of a greasy, unhealthy complexion, were merely smudged by the miserable poverty of a thin dark whisker. The lamentable inferiority of the whole physique was made ludicrous by the supremely self-confident bearing

of the individual. His speech was curt, and he had a particularly impressive manner of keeping silent.

Ossipon spoke again from between his hands in a mutter.

“Have you been out much today?”

“No. I stayed in bed all the morning,” answered the other. “Why?”

“Oh! Nothing,” said Ossipon, gazing earnestly and quivering inwardly with the desire to find out something, but obviously intimidated by the little man’s overwhelming air of unconcern. When talking with this comrade – which happened but rarely – the big Ossipon suffered from a sense of moral and even physical insignificance. However, he ventured another question. “Did you walk down here?”

“No; omnibus,” the little man answered readily enough. He lived far away in Islington, in a small house down a shabby street, littered with straw and dirty paper, where out of school hours a troop of assorted children ran and squabbled with a shrill, joyless, rowdy clamour. His single back room, remarkable for having an extremely large cupboard, he rented furnished from two elderly spinsters, dressmakers in a humble way with a clientele of servant girls mostly. He had a heavy padlock put on the cupboard, but otherwise he was a model lodger, giving no trouble, and requiring practically no attendance. His oddities were that he insisted on being present when his room was being swept, and that when he went out he locked his door, and took the key away with him.

Ossipon had a vision of these round black-rimmed spectacles progressing along the streets on the top of an omnibus, their self-confident glitter falling here and there on the walls of houses or lowered upon the heads of the unconscious stream of people on the pavements. The ghost of a sickly smile altered the set of Ossipon’s thick lips at the thought of the walls nodding, of people running for life at the sight of those spectacles. If they had only known! What a panic! He murmured interrogatively: “Been sitting long here?”



“An hour or more,” answered the other negligently, and took a pull at the dark beer. All his movements – the way he grasped the mug, the act of drinking, the way he set the heavy glass down and folded his arms – had a firmness, an assured precision which made the big and muscular Ossipon, leaning forward with staring eyes and protruding lips, look the picture of eager indecision.

“An hour,” he said. “Then it may be you haven’t heard yet the news I’ve heard just now – in the street. Have you?”

The little man shook his head negatively the least bit. But as he gave no indication of curiosity Ossipon ventured to add that he had heard it just outside the place. A newspaper boy had yelled the thing under his very nose, and not being prepared for anything of that sort, he was very much startled and upset. He had to come in there with a dry mouth. “I never thought of finding you here,” he added, murmuring steadily, with his elbows planted on the table.

“I come here sometimes,” said the other, preserving his provoking coolness of demeanour.

“It’s wonderful that you of all people should have heard nothing of it,” the big Ossipon continued. His eyelids snapped nervously upon the shining eyes. “You of all people,” he repeated tentatively. This obvious restraint argued an incredible and inexplicable timidity of the big fellow before the calm little man, who again lifted the glass mug, drank, and put it down with brusque and assured movements. And that was all.

Ossipon after waiting for something, word or sign, that did not come, made an effort to assume a sort of indifference.

“Do you,” he said, deadening his voice still more, “give your stuff to anybody who’s up to asking you for it?”

“My absolute rule is never to refuse anybody – as long as I have a pinch by me,” answered the little man with decision.

“That’s a principle?” commented Ossipon.

“It’s a principle.”

“And you think it’s sound?”

The large round spectacles, which gave a look of staring self-confidence to the sallow face, confronted Ossipon like sleepless, unwinking orbs flashing a cold fire.

“Perfectly. Always. Under every circumstance. What could stop me? Why should I not? Why should I think twice about it?”

Ossipon gasped, as it were, discreetly.

“Do you mean to say you would hand it over to a ‘teck’ if one came to ask you for your wares?”

The other smiled faintly.

“Let them come and try it on, and you will see,” he said. “They know me, but I know also every one of them. They won’t come near me – not they.”

His thin livid lips snapped together firmly. Ossipon began to argue.

“But they could send someone – rig a plant on you. Don’t you see? Get the stuff from you in that way, and then arrest you with the proof in their hands.”

“Proof of what? Dealing in explosives without a licence perhaps.” This was meant for a contemptuous jeer, though the expression of the thin, sickly face remained unchanged, and the utterance was negligent. “I don’t think there’s one of them anxious to make that arrest. I don’t think they could get one of them to apply for a warrant. I mean one of the best. Not one.”

“Why?” Ossipon asked.

“Because they know very well I take care never to part with the last handful of my wares. I’ve it always by me.” He touched the breast of his coat lightly. “In a thick glass flask,” he added.

“So I have been told,” said Ossipon, with a shade of wonder in his voice. “But I didn’t know if –”

“They know,” interrupted the little man crisply, leaning against the straight chair back, which rose higher than his fragile head. “I shall never be arrested. The game isn’t good enough for any policeman of

them all. To deal with a man like me you require sheer, naked, inglorious heroism.” Again his lips closed with a self-confident snap. Ossipon repressed a movement of impatience.

“Or recklessness – or simply ignorance,” he retorted. “They’ve only to get somebody for the job who does not know you carry enough stuff in your pocket to blow yourself and everything within sixty yards of you to pieces.”

“I never affirmed I could not be eliminated,” rejoined the other. “But that wouldn’t be an arrest. Moreover, it’s not so easy as it looks.”

“Bah!” Ossipon contradicted. “Don’t be too sure of that. What’s to prevent half-a-dozen of them jumping upon you from behind in the street? With your arms pinned to your sides you could do nothing – could you?”

“Yes; I could. I am seldom out in the streets after dark,” said the little man impassively, “and never very late. I walk always with my right hand closed round the india-rubber ball which I have in my trouser pocket. The pressing of this ball actuates a detonator inside the flask I carry in my pocket. It’s the principle of the pneumatic instantaneous shutter for a camera lens. The tube leads up –”

With a swift disclosing gesture he gave Ossipon a glimpse of an india-rubber tube, resembling a slender brown worm, issuing from the armhole of his waistcoat and plunging into the inner breast pocket of his jacket. His clothes, of a nondescript brown mixture, were threadbare and marked with stains, dusty in the folds, with ragged button-holes. “The detonator is partly mechanical, partly chemical,” he explained, with casual condescension.

“It is instantaneous, of course?” murmured Ossipon, with a slight shudder.

“Far from it,” confessed the other, with a reluctance which seemed to twist his mouth dolorously. “A full twenty seconds must elapse from the moment I press the ball till the explosion takes place.”

“Phew!” whistled Ossipon, completely appalled. “Twenty seconds! Horrors! You mean to say that you could face that? I should go

crazy –”

“Wouldn’t matter if you did. Of course, it’s the weak point of this special system, which is only for my own use. The worst is that the manner of exploding is always the weak point with us. I am trying to invent a detonator that would adjust itself to all conditions of action, and even to unexpected changes of conditions. A variable and yet perfectly precise mechanism. A really intelligent detonator.”

“Twenty seconds,” muttered Ossipon again. “Ough! And then –”

With a slight turn of the head the glitter of the spectacles seemed to gauge the size of the beer saloon in the basement of the renowned Silenus Restaurant.

“Nobody in this room could hope to escape,” was the verdict of that survey. “Nor yet this couple going up the stairs now.”

The piano at the foot of the staircase clanged through a mazurka with brazen impetuosity, as though a vulgar and impudent ghost were showing off. The keys sank and rose mysteriously. Then all became still. For a moment Ossipon imagined the overlighted place changed into a dreadful black hole belching horrible fumes choked with ghastly rubbish of smashed brickwork and mutilated corpses. He had such a distinct perception of ruin and death that he shuddered again. The other observed, with an air of calm sufficiency:

“In the last instance it is character alone that makes for one’s safety. There are very few people in the world whose character is as well established as mine.”

“I wonder how you managed it,” growled Ossipon.

“Force of personality,” said the other, without raising his voice; and coming from the mouth of that obviously miserable organism the assertion caused the robust Ossipon to bite his lower lip. “Force of personality,” he repeated, with ostentatious calm. “I have the means to make myself deadly, but that by itself, you understand, is absolutely nothing in the way of protection. What is effective is the belief those people have in my will to use the means. That’s their impression. It is absolute. Therefore I am deadly.”

“There are individuals of character amongst that lot too,” muttered Ossipon ominously.

“Possibly. But it is a matter of degree obviously, since, for instance, I am not impressed by them. Therefore they are inferior. They cannot be otherwise. Their character is built upon conventional morality. It leans on the social order. Mine stands free from everything artificial. They are bound in all sorts of conventions. They depend on life, which, in this connection, is a historical fact surrounded by all sorts of restraints and considerations, a complex organised fact open to attack at every point; whereas I depend on death, which knows no restraint and cannot be attacked. My superiority is evident.”

“This is a transcendental way of putting it,” said Ossipon, watching the cold glitter of the round spectacles. “I’ve heard Karl Yundt say much the same thing not very long ago.”

“Karl Yundt,” mumbled the other contemptuously, “the delegate of the International Red Committee, has been a posturing shadow all his life. There are three of you delegates, aren’t there? I won’t define the other two, as you are one of them. But what you say means nothing. You are the worthy delegates for revolutionary propaganda, but the trouble is not only that you are as unable to think independently as any respectable grocer or journalist of them all, but that you have no character whatever.”

Ossipon could not restrain a start of indignation.

“But what do you want from us?” he exclaimed in a deadened voice. “What is it you are after yourself?”

“A perfect detonator,” was the peremptory answer. “What are you making that face for? You see, you can’t even bear the mention of something conclusive.”

“I am not making a face,” growled the annoyed Ossipon bearishly.

“You revolutionists,” the other continued, with leisurely self-confidence, “are the slaves of the social convention, which is afraid of you; slaves of it as much as the very police that stands up in the defence

of that convention. Clearly you are, since you want to revolutionise it. It governs your thought, of course, and your action too, and thus neither your thought nor your action can ever be conclusive.” He paused, tranquil, with that air of close, endless silence, then almost immediately went on. “You are not a bit better than the forces arrayed against you – than the police, for instance. The other day I came suddenly upon Chief Inspector Heat at the corner of Tottenham Court Road. He looked at me very steadily. But I did not look at him. Why should I give him more than a glance? He was thinking of many things – of his superiors, of his reputation, of the law courts, of his salary, of newspapers – of a hundred things. But I was thinking of my perfect detonator only. He meant nothing to me. He was as insignificant as – I can’t call to mind anything insignificant enough to compare him with – except Karl Yundt perhaps. Like to like. The terrorist and the policeman both come from the same basket. Revolution, legality – counter moves in the same game; forms of idleness at bottom identical. He plays his little game – so do you propagandists. But I don’t play; I work fourteen hours a day, and go hungry sometimes. My experiments cost money now and again, and then I must do without food for a day or two. You’re looking at my beer. Yes. I have had two glasses already, and shall have another presently. This is a little holiday, and I celebrate it alone. Why not? I’ve the grit to work alone, quite alone, absolutely alone. I’ve worked alone for years.”

Ossipon’s face had turned dusky red.

“At the perfect detonator – eh?” he sneered, very low.

“Yes,” retorted the other. “It is a good definition. You couldn’t find anything half so precise to define the nature of your activity with all your committees and delegations. It is I who am the true propagandist.”

“We won’t discuss that point,” said Ossipon, with an air of rising above personal considerations. “I am afraid I’ll have to spoil your holiday for you, though. There’s a man blown up in Greenwich Park this morning.”

“How do you know?”

“They have been yelling the news in the streets since two o’clock. I bought the paper, and just ran in here. Then I saw you sitting at this table. I’ve got it in my pocket now.”

He pulled the newspaper out. It was a good-sized rosy sheet, as if flushed by the warmth of its own convictions, which were optimistic. He scanned the pages rapidly.

“Ah! Here it is. Bomb in Greenwich Park. There isn’t much so far. Half-past eleven. Foggy morning. Effects of explosion felt as far as Romney Road and Park Place. Enormous hole in the ground under a tree filled with smashed roots and broken branches. All round fragments of a man’s body blown to pieces. That’s all. The rest’s mere newspaper gup. No doubt a wicked attempt to blow up the Observatory, they say. H’m. That’s hardly credible.”

He looked at the paper for a while longer in silence, and then passed it to the other, who after gazing abstractedly at the print laid it down without comment.

It was Ossipon who spoke first – still resentful.

“The fragments of only one man, you note. Ergo: blew himself up. That spoils your day off for you – don’t it? Were you expecting that sort of move? I hadn’t the slightest idea – not the ghost of a notion of anything of the sort being planned to come off here – in this country. Under the present circumstances it’s nothing short of criminal.”

The little man lifted his thin black eyebrows with dispassionate scorn.

“Criminal! What is that? What is crime? What can be the meaning of such an assertion?”

“How am I to express myself? One must use the current words,” said Ossipon impatiently. “The meaning of this assertion is that this business may affect our position very adversely in this country. Isn’t that crime enough for you? I am convinced you have been giving away some of your stuff lately.”

Ossipon stared hard. The other, without flinching, lowered and raised his head slowly.

“You have!” burst out the editor of the F. P. leaflets in an intense whisper. “No! And are you really handing it over at large like this, for the asking, to the first fool that comes along?”

“Just so! The condemned social order has not been built up on paper and ink, and I don’t fancy that a combination of paper and ink will ever put an end to it, whatever you may think. Yes, I would give the stuff with both hands to every man, woman, or fool that likes to come along. I know what you are thinking about. But I am not taking my cue from the Red Committee. I would see you all hounded out of here, or arrested – or beheaded for that matter – without turning a hair. What happens to us as individuals is not of the least consequence.”

He spoke carelessly, without heat, almost without feeling, and Ossipon, secretly much affected, tried to copy this detachment.

“If the police here knew their business they would shoot you full of holes with revolvers, or else try to sand-bag you from behind in broad daylight.”

The little man seemed already to have considered that point of view in his dispassionate self-confident manner.

“Yes,” he assented with the utmost readiness. “But for that they would have to face their own institutions. Do you see? That requires uncommon grit. Grit of a special kind.”

Ossipon blinked.

“I fancy that’s exactly what would happen to you if you were to set up your laboratory in the States. They don’t stand on ceremony with their institutions there.”

“I am not likely to go and see. Otherwise your remark is just,” admitted the other. “They have more character over there, and their character is essentially anarchistic. Fertile ground for us, the States – very good ground. The great Republic has the root of the destructive matter in her. The collective temperament is lawless. Excellent. They may shoot us down, but –”

“You are too transcendental for me,” growled Ossipon, with moody concern.



“Logical,” protested the other. “There are several kinds of logic. This is the enlightened kind. America is all right. It is this country that is dangerous, with her idealistic conception of legality. The social spirit of this people is wrapped up in scrupulous prejudices, and that is fatal to our work. You talk of England being our only refuge! So much the worse. Capua! What do we want with refuges? Here you talk, print, plot, and do nothing. I daresay it’s very convenient for such Karl Yundts.”

He shrugged his shoulders slightly, and then added with the same leisurely assurance: “To break up the superstition and worship of legality should be our aim. Nothing would please me more than to see Inspector Heat and his likes take to shooting us down in broad daylight with the approval of the public. Half our battle would be won then; the disintegration of the old morality would have set in its very temple. That is what you ought to aim at. But you revolutionists will never understand that. You plan the future, you lose yourselves in reveries of economical systems derived from what is; whereas what’s wanted is a clean sweep and a clear start for a new conception of life. That sort of future will take care of itself if you will only make room for it. Therefore I would shovel my stuff in heaps at the corners of the streets if I had enough for that; and as I haven’t, I do my best by perfecting a really dependable detonator.”

Ossipon, who had been mentally swimming in deep waters, seized upon the last word as if it were a saving plank.

“Yes. Your detonators. I shouldn’t wonder if it weren’t one of your detonators that made a clean sweep of the man in the park.”

A shade of vexation darkened the determined sallow face confronting Ossipon.

“My difficulty consists precisely in experimenting practically with the various kinds. They must be tried after all. Besides – ”

Ossipon interrupted.

“Who could that fellow be? I assure you that we in London had no knowledge – Couldn’t you describe the person you gave the stuff to?”

The other turned his spectacles upon Ossipon like a pair of searchlights.

“Describe him,” he repeated slowly. “I don’t think there can be the slightest objection now. I will describe him to you in one word – Verloc.”

Ossipon, whom curiosity had lifted a few inches off his seat, dropped back, as if hit in the face.

“Verloc! Impossible.”

The self-possessed little man nodded slightly once.

“Yes. He’s the person. You can’t say that in this case I was giving my stuff to the first fool that came along. He was a prominent member of the group as far as I understand.”

“Yes,” said Ossipon. “Prominent. No, not exactly. He was the centre for general intelligence, and usually received comrades coming over here. More useful than important. Man of no ideas. Years ago he used to speak at meetings – in France, I believe. Not very well, though. He was trusted by such men as Latorre, Moser and all that old lot. The only talent he showed really was his ability to elude the attentions of the police somehow. Here, for instance, he did not seem to be looked after very closely. He was regularly married, you know. I suppose it’s with her money that he started that shop. Seemed to make it pay, too.”

Ossipon paused abruptly, muttered to himself “I wonder what that woman will do now?” and fell into thought.

The other waited with ostentatious indifference. His parentage was obscure, and he was generally known only by his nickname of Professor. His title to that designation consisted in his having been once assistant demonstrator in chemistry at some technical institute. He quarrelled with the authorities upon a question of unfair treatment. Afterwards he obtained a post in the laboratory of a manufactory of dyes. There too he had been treated with revolting injustice. His struggles, his privations, his hard work to raise himself in the social scale, had filled him with such an exalted conviction of his merits that it was extremely difficult for the world to treat him with justice – the

standard of that notion depending so much upon the patience of the individual. The Professor had genius, but lacked the great social virtue of resignation.

“Intellectually a nonentity,” Ossipon pronounced aloud, abandoning suddenly the inward contemplation of Mrs Verloc’s bereaved person and business. “Quite an ordinary personality. You are wrong in not keeping more in touch with the comrades, Professor,” he added in a reproving tone. “Did he say anything to you – give you some idea of his intentions? I hadn’t seen him for a month. It seems impossible that he should be gone.”

“He told me it was going to be a demonstration against a building,” said the Professor. “I had to know that much to prepare the missile. I pointed out to him that I had hardly a sufficient quantity for a completely destructive result, but he pressed me very earnestly to do my best. As he wanted something that could be carried openly in the hand, I proposed to make use of an old one-gallon copal varnish can I happened to have by me. He was pleased at the idea. It gave me some trouble, because I had to cut out the bottom first and solder it on again afterwards. When prepared for use, the can enclosed a wide-mouthed, well-corked jar of thick glass packed around with some wet clay and containing sixteen ounces of X2 green powder. The detonator was connected with the screw top of the can. It was ingenious – a combination of time and shock. I explained the system to him. It was a thin tube of tin enclosing a – ”

Ossipon’s attention had wandered.

“What do you think has happened?” he interrupted.

“Can’t tell. Screwed the top on tight, which would make the connection, and then forgot the time. It was set for twenty minutes. On the other hand, the time contact being made, a sharp shock would bring about the explosion at once. He either ran the time too close, or simply let the thing fall. The contact was made all right – that’s clear to me at any rate. The system’s worked perfectly. And yet you would think that a common fool in a hurry would be much more likely to forget to make the contact altogether. I was worrying myself about that

sort of failure mostly. But there are more kinds of fools than one can guard against. You can't expect a detonator to be absolutely fool-proof."

He beckoned to a waiter. Ossipon sat rigid, with the abstracted gaze of mental travail. After the man had gone away with the money he roused himself, with an air of profound dissatisfaction.

"It's extremely unpleasant for me," he mused. "Karl has been in bed with bronchitis for a week. There's an even chance that he will never get up again. Michaelis's luxuriating in the country somewhere. A fashionable publisher has offered him five hundred pounds for a book. It will be a ghastly failure. He has lost the habit of consecutive thinking in prison, you know."

The Professor on his feet, now buttoning his coat, looked about him with perfect indifference.

"What are you going to do?" asked Ossipon wearily. He dreaded the blame of the Central Red Committee, a body which had no permanent place of abode, and of whose membership he was not exactly informed. If this affair eventuated in the stoppage of the modest subsidy allotted to the publication of the F. P. pamphlets, then indeed he would have to regret Verloc's inexplicable folly.

"Solidarity with the extremist form of action is one thing, and silly recklessness is another," he said, with a sort of moody brutality. "I don't know what came to Verloc. There's some mystery there. However, he's gone. You may take it as you like, but under the circumstances the only policy for the militant revolutionary group is to disclaim all connection with this damned freak of yours. How to make the disclaimer convincing enough is what bothers me."

The little man on his feet, buttoned up and ready to go, was no taller than the seated Ossipon. He levelled his spectacles at the latter's face point-blank.

"You might ask the police for a testimonial of good conduct. They know where every one of you slept last night. Perhaps if you asked them they would consent to publish some sort of official statement."

“No doubt they are aware well enough that we had nothing to do with this,” mumbled Ossipon bitterly. “What they will say is another thing.” He remained thoughtful, disregarding the short, owlsh, shabby figure standing by his side. “I must lay hands on Michaelis at once, and get him to speak from his heart at one of our gatherings. The public has a sort of sentimental regard for that fellow. His name is known. And I am in touch with a few reporters on the big dailies. What he would say would be utter bosh, but he has a turn of talk that makes it go down all the same.”

“Like treacle,” interjected the Professor, rather low, keeping an impassive expression.

The perplexed Ossipon went on communing with himself half audibly, after the manner of a man reflecting in perfect solitude.

“Confounded ass! To leave such an imbecile business on my hands. And I don’t even know if – ”

He sat with compressed lips. The idea of going for news straight to the shop lacked charm. His notion was that Verloc’s shop might have been turned already into a police trap. They will be bound to make some arrests, he thought, with something resembling virtuous indignation, for the even tenor of his revolutionary life was menaced by no fault of his. And yet unless he went there he ran the risk of remaining in ignorance of what perhaps it would be very material for him to know. Then he reflected that, if the man in the park had been so very much blown to pieces as the evening papers said, he could not have been identified. And if so, the police could have no special reason for watching Verloc’s shop more closely than any other place known to be frequented by marked anarchists – no more reason, in fact, than for watching the doors of the Silenus. There would be a lot of watching all rounds, no matter where he went. Still –

“I wonder what I had better do now?” he muttered, taking counsel with himself.

A rasping voice at his elbow said, with sedate scorn:

“Fasten yourself upon the woman for all she’s worth.”

After uttering these words the Professor walked away from the table. Ossipon, whom that piece of insight had taken unawares, gave one ineffectual start, and remained still, with a helpless gaze, as though nailed fast to the seat of his chair. The lonely piano, without as much as a music stool to help it, struck a few chords courageously, and beginning a selection of national airs, played him out at last to the tune of "Blue Bells of Scotland." The painfully detached notes grew faint behind his back while he went slowly upstairs, across the hall, and into the street.

In front of the great doorway a dismal row of newspaper sellers standing clear of the pavement dealt out their wares from the gutter. It was a raw, gloomy day of the early spring; and the grimy sky, the mud of the streets, the rags of the dirty men, harmonised excellently with the eruption of the damp, rubbishy sheets of paper soiled with printers' ink. The posters, maculated with filth, garnished like tapestry the sweep of the curbstone. The trade in afternoon papers was brisk, yet, in comparison with the swift, constant march of foot traffic, the effect was of indifference, of a disregarded distribution. Ossipon looked hurriedly both ways before stepping out into the cross-currents, but the Professor was already out of sight.

## CHAPTER V

The Professor had turned into a street to the left, and walked along, with his head carried rigidly erect, in a crowd whose every individual almost overtopped his stunted stature. It was vain to pretend to himself that he was not disappointed. But that was mere feeling; the stoicism of his thought could not be disturbed by this or any other failure. Next time, or the time after next, a telling stroke would be delivered-something really startling – a blow fit to open the first crack in the imposing front of the great edifice of legal conceptions sheltering the atrocious injustice of society. Of humble origin, and with an appearance really so mean as to stand in the way of his considerable natural abilities, his imagination had been fired early by the tales of men rising from the depths of poverty to positions of authority and affluence. The extreme, almost ascetic purity of his thought, combined with an astounding ignorance of worldly conditions, had set before him a goal of power and prestige to be attained without the medium of arts, graces, tact, and wealth – by sheer weight of merit alone. On that view he considered himself entitled to undisputed success. His father, a delicate dark enthusiast with a sloping forehead, had been an itinerant and rousing preacher of some obscure but rigid Christian sect – a man supremely confident in the privileges of his righteousness. In the son, individualist by temperament, once the science of colleges had replaced thoroughly the faith of conventicles, this moral attitude translated itself into a frenzied puritanism of ambition. He nursed it as something secularly holy. To see it thwarted opened his eyes to the true nature of the world, whose morality was artificial, corrupt, and blasphemous. The way of even the most justifiable revolutions is prepared by personal impulses disguised into creeds. The Professor's indignation found in itself a final cause that absolved him from the sin of turning to destruction as the agent of his ambition. To destroy public faith in legality was the imperfect formula of his pedantic fanaticism; but the subconscious conviction that the framework of an established social order cannot be effectually shattered except by some form of collective or individual violence was precise and correct. He was a moral agent –

that was settled in his mind. By exercising his agency with ruthless defiance he procured for himself the appearances of power and personal prestige. That was undeniable to his vengeful bitterness. It pacified its unrest; and in their own way the most ardent of revolutionaries are perhaps doing no more but seeking for peace in common with the rest of mankind – the peace of soothed vanity, of satisfied appetites, or perhaps of appeased conscience.

Lost in the crowd, miserable and undersized, he meditated confidently on his power, keeping his hand in the left pocket of his trousers, grasping lightly the india-rubber ball, the supreme guarantee of his sinister freedom; but after a while he became disagreeably affected by the sight of the roadway thronged with vehicles and of the pavement crowded with men and women. He was in a long, straight street, peopled by a mere fraction of an immense multitude; but all round him, on and on, even to the limits of the horizon hidden by the enormous piles of bricks, he felt the mass of mankind mighty in its numbers. They swarmed numerous like locusts, industrious like ants, thoughtless like a natural force, pushing on blind and orderly and absorbed, impervious to sentiment, to logic, to terror too perhaps.

That was the form of doubt he feared most. Impervious to fear! Often while walking abroad, when he happened also to come out of himself, he had such moments of dreadful and sane mistrust of mankind. What if nothing could move them? Such moments come to all men whose ambition aims at a direct grasp upon humanity – to artists, politicians, thinkers, reformers, or saints. A despicable emotional state this, against which solitude fortifies a superior character; and with severe exultation the Professor thought of the refuge of his room, with its padlocked cupboard, lost in a wilderness of poor houses, the hermitage of the perfect anarchist. In order to reach sooner the point where he could take his omnibus, he turned brusquely out of the populous street into a narrow and dusky alley paved with flagstones. On one side the low brick houses had in their dusty windows the sightless, moribund look of incurable decay – empty shells awaiting demolition. From the other side life had not departed wholly as yet. Facing the only gas-lamp yawned the cavern of a second-



hand furniture dealer, where, deep in the gloom of a sort of narrow avenue winding through a bizarre forest of wardrobes, with an undergrowth tangle of table legs, a tall pier-glass glimmered like a pool of water in a wood. An unhappy, homeless couch, accompanied by two unrelated chairs, stood in the open. The only human being making use of the alley besides the Professor, coming stalwart and erect from the opposite direction, checked his swinging pace suddenly.

“Hallo!” he said, and stood a little on one side watchfully.

The Professor had already stopped, with a ready half turn which brought his shoulders very near the other wall. His right hand fell lightly on the back of the outcast couch, the left remained purposefully plunged deep in the trousers pocket, and the roundness of the heavy rimmed spectacles imparted an owlish character to his moody, unperturbed face.

It was like a meeting in a side corridor of a mansion full of life. The stalwart man was buttoned up in a dark overcoat, and carried an umbrella. His hat, tilted back, uncovered a good deal of forehead, which appeared very white in the dusk. In the dark patches of the orbits the eyeballs glimmered piercingly. Long, drooping moustaches, the colour of ripe corn, framed with their points the square block of his shaved chin.

“I am not looking for you,” he said curtly.

The Professor did not stir an inch. The blended noises of the enormous town sank down to an inarticulate low murmur. Chief Inspector Heat of the Special Crimes Department changed his tone.

“Not in a hurry to get home?” he asked, with mocking simplicity.

The unwholesome-looking little moral agent of destruction exulted silently in the possession of personal prestige, keeping in check this man armed with the defensive mandate of a menaced society. More fortunate than Caligula, who wished that the Roman Senate had only one head for the better satisfaction of his cruel lust, he beheld in that one man all the forces he had set at defiance: the force of law, property, oppression, and injustice. He beheld all his enemies, and fearlessly

confronted them all in a supreme satisfaction of his vanity. They stood perplexed before him as if before a dreadful portent. He gloated inwardly over the chance of this meeting affirming his superiority over all the multitude of mankind.

It was in reality a chance meeting. Chief Inspector Heat had had a disagreeably busy day since his department received the first telegram from Greenwich a little before eleven in the morning. First of all, the fact of the outrage being attempted less than a week after he had assured a high official that no outbreak of anarchist activity was to be apprehended was sufficiently annoying. If he ever thought himself safe in making a statement, it was then. He had made that statement with infinite satisfaction to himself, because it was clear that the high official desired greatly to hear that very thing. He had affirmed that nothing of the sort could even be thought of without the department being aware of it within twenty-four hours; and he had spoken thus in his consciousness of being the great expert of his department. He had gone even so far as to utter words which true wisdom would have kept back. But Chief Inspector Heat was not very wise – at least not truly so. True wisdom, which is not certain of anything in this world of contradictions, would have prevented him from attaining his present position. It would have alarmed his superiors, and done away with his chances of promotion. His promotion had been very rapid.

“There isn’t one of them, sir, that we couldn’t lay our hands on at any time of night and day. We know what each of them is doing hour by hour,” he had declared. And the high official had deigned to smile. This was so obviously the right thing to say for an officer of Chief Inspector Heat’s reputation that it was perfectly delightful. The high official believed the declaration, which chimed in with his idea of the fitness of things. His wisdom was of an official kind, or else he might have reflected upon a matter not of theory but of experience that in the close-woven stuff of relations between conspirator and police there occur unexpected solutions of continuity, sudden holes in space and time. A given anarchist may be watched inch by inch and minute by minute, but a moment always comes when somehow all sight and touch of him are lost for a few hours, during which something

(generally an explosion) more or less deplorable does happen. But the high official, carried away by his sense of the fitness of things, had smiled, and now the recollection of that smile was very annoying to Chief Inspector Heat, principal expert in anarchist procedure.

This was not the only circumstance whose recollection depressed the usual serenity of the eminent specialist. There was another dating back only to that very morning. The thought that when called urgently to his Assistant Commissioner's private room he had been unable to conceal his astonishment was distinctly vexing. His instinct of a successful man had taught him long ago that, as a general rule, a reputation is built on manner as much as on achievement. And he felt that his manner when confronted with the telegram had not been impressive. He had opened his eyes widely, and had exclaimed "Impossible!" exposing himself thereby to the unanswerable retort of a finger-tip laid forcibly on the telegram which the Assistant Commissioner, after reading it aloud, had flung on the desk. To be crushed, as it were, under the tip of a forefinger was an unpleasant experience. Very damaging, too! Furthermore, Chief Inspector Heat was conscious of not having mended matters by allowing himself to express a conviction.

"One thing I can tell you at once: none of our lot had anything to do with this."

He was strong in his integrity of a good detective, but he saw now that an impenetrably attentive reserve towards this incident would have served his reputation better. On the other hand, he admitted to himself that it was difficult to preserve one's reputation if rank outsiders were going to take a hand in the business. Outsiders are the bane of the police as of other professions. The tone of the Assistant Commissioner's remarks had been sour enough to set one's teeth on edge.

And since breakfast Chief Inspector Heat had not managed to get anything to eat.

Starting immediately to begin his investigation on the spot, he had swallowed a good deal of raw, unwholesome fog in the park. Then

he had walked over to the hospital; and when the investigation in Greenwich was concluded at last he had lost his inclination for food. Not accustomed, as the doctors are, to examine closely the mangled remains of human beings, he had been shocked by the sight disclosed to his view when a waterproof sheet had been lifted off a table in a certain apartment of the hospital.

Another waterproof sheet was spread over that table in the manner of a table-cloth, with the corners turned up over a sort of mound – a heap of rags, scorched and bloodstained, half concealing what might have been an accumulation of raw material for a cannibal feast. It required considerable firmness of mind not to recoil before that sight. Chief Inspector Heat, an efficient officer of his department, stood his ground, but for a whole minute he did not advance. A local constable in uniform cast a sidelong glance, and said, with stolid simplicity:

“He’s all there. Every bit of him. It was a job.”

He had been the first man on the spot after the explosion. He mentioned the fact again. He had seen something like a heavy flash of lightning in the fog. At that time he was standing at the door of the King William Street Lodge talking to the keeper. The concussion made him tingle all over. He ran between the trees towards the Observatory. “As fast as my legs would carry me,” he repeated twice.

Chief Inspector Heat, bending forward over the table in a gingerly and horrified manner, let him run on. The hospital porter and another man turned down the corners of the cloth, and stepped aside. The Chief Inspector’s eyes searched the gruesome detail of that heap of mixed things, which seemed to have been collected in shambles and rag shops.

“You used a shovel,” he remarked, observing a sprinkling of small gravel, tiny brown bits of bark, and particles of splintered wood as fine as needles.

“Had to in one place,” said the stolid constable. “I sent a keeper to fetch a spade. When he heard me scraping the ground with it he leaned his forehead against a tree, and was as sick as a dog.”

The Chief Inspector, stooping guardedly over the table, fought down the unpleasant sensation in his throat. The shattering violence of destruction which had made of that body a heap of nameless fragments affected his feelings with a sense of ruthless cruelty, though his reason told him the effect must have been as swift as a flash of lightning. The man, whoever he was, had died instantaneously; and yet it seemed impossible to believe that a human body could have reached that state of disintegration without passing through the pangs of inconceivable agony. No physiologist, and still less of a metaphysician, Chief Inspector Heat rose by the force of sympathy, which is a form of fear, above the vulgar conception of time. Instantaneous! He remembered all he had ever read in popular publications of long and terrifying dreams dreamed in the instant of waking; of the whole past life lived with frightful intensity by a drowning man as his doomed head bobs up, streaming, for the last time. The inexplicable mysteries of conscious existence beset Chief Inspector Heat till he evolved a horrible notion that ages of atrocious pain and mental torture could be contained between two successive winks of an eye. And meantime the Chief Inspector went on, peering at the table with a calm face and the slightly anxious attention of an indigent customer bending over what may be called the by-products of a butcher's shop with a view to an inexpensive Sunday dinner. All the time his trained faculties of an excellent investigator, who scorns no chance of information, followed the self-satisfied, disjointed loquacity of the constable.

"A fair-haired fellow," the last observed in a placid tone, and paused. "The old woman who spoke to the sergeant noticed a fair-haired fellow coming out of Maze Hill Station." He paused. "And he was a fair-haired fellow. She noticed two men coming out of the station after the uptrain had gone on," he continued slowly. "She couldn't tell if they were together. She took no particular notice of the big one, but the other was a fair, slight chap, carrying a tin varnish can in one hand." The constable ceased.

"Know the woman?" muttered the Chief Inspector, with his eyes fixed on the table, and a vague notion in his mind of an inquest to be held presently upon a person likely to remain for ever unknown.

“Yes. She’s housekeeper to a retired publican, and attends the chapel in Park Place sometimes,” the constable uttered weightily, and paused, with another oblique glance at the table.

Then suddenly: “Well, here he is – all of him I could see. Fair. Slight – slight enough. Look at that foot there. I picked up the legs first, one after another. He was that scattered you didn’t know where to begin.”

The constable paused; the least flicker of an innocent self-laudatory smile invested his round face with an infantile expression.

“Stumbled,” he announced positively. “I stumbled once myself, and pitched on my head too, while running up. Them roots do stick out all about the place. Stumbled against the root of a tree and fell, and that thing he was carrying must have gone off right under his chest, I expect.”

The echo of the words “Person unknown” repeating itself in his inner consciousness bothered the Chief Inspector considerably. He would have liked to trace this affair back to its mysterious origin for his own information. He was professionally curious. Before the public he would have liked to vindicate the efficiency of his department by establishing the identity of that man. He was a loyal servant. That, however, appeared impossible. The first term of the problem was unreadable – lacked all suggestion but that of atrocious cruelty.

Overcoming his physical repugnance, Chief Inspector Heat stretched out his hand without conviction for the salving of his conscience, and took up the least soiled of the rags. It was a narrow strip of velvet with a larger triangular piece of dark blue cloth hanging from it. He held it up to his eyes; and the police constable spoke.

“Velvet collar. Funny the old woman should have noticed the velvet collar. Dark blue overcoat with a velvet collar, she has told us. He was the chap she saw, and no mistake. And here he is all complete, velvet collar and all. I don’t think I missed a single piece as big as a postage stamp.”

At this point the trained faculties of the Chief Inspector ceased to hear the voice of the constable. He moved to one of the windows for

better light. His face, averted from the room, expressed a startled intense interest while he examined closely the triangular piece of broad-cloth. By a sudden jerk he detached it, and only after stuffing it into his pocket turned round to the room, and flung the velvet collar back on the table –

“Cover up,” he directed the attendants curtly, without another look, and, saluted by the constable, carried off his spoil hastily.

A convenient train whirled him up to town, alone and pondering deeply, in a third-class compartment. That singed piece of cloth was incredibly valuable, and he could not defend himself from astonishment at the casual manner it had come into his possession. It was as if Fate had thrust that clue into his hands. And after the manner of the average man, whose ambition is to command events, he began to mistrust such a gratuitous and accidental success – just because it seemed forced upon him. The practical value of success depends not a little on the way you look at it. But Fate looks at nothing. It has no discretion. He no longer considered it eminently desirable all round to establish publicly the identity of the man who had blown himself up that morning with such horrible completeness. But he was not certain of the view his department would take. A department is to those it employs a complex personality with ideas and even fads of its own. It depends on the loyal devotion of its servants, and the devoted loyalty of trusted servants is associated with a certain amount of affectionate contempt, which keeps it sweet, as it were. By a benevolent provision of Nature no man is a hero to his valet, or else the heroes would have to brush their own clothes. Likewise no department appears perfectly wise to the intimacy of its workers. A department does not know so much as some of its servants. Being a dispassionate organism, it can never be perfectly informed. It would not be good for its efficiency to know too much. Chief Inspector Heat got out of the train in a state of thoughtfulness entirely untainted with disloyalty, but not quite free of that jealous mistrust which so often springs on the ground of perfect devotion, whether to women or to institutions.

It was in this mental disposition, physically very empty, but still nauseated by what he had seen, that he had come upon the Professor.

Under these conditions which make for irascibility in a sound, normal man, this meeting was specially unwelcome to Chief Inspector Heat. He had not been thinking of the Professor; he had not been thinking of any individual anarchist at all. The complexion of that case had somehow forced upon him the general idea of the absurdity of things human, which in the abstract is sufficiently annoying to an unphilosophical temperament, and in concrete instances becomes exasperating beyond endurance. At the beginning of his career Chief Inspector Heat had been concerned with the more energetic forms of thieving. He had gained his spurs in that sphere, and naturally enough had kept for it, after his promotion to another department, a feeling not very far removed from affection. Thieving was not a sheer absurdity. It was a form of human industry, perverse indeed, but still an industry exercised in an industrious world; it was work undertaken for the same reason as the work in potteries, in coal mines, in fields, in tool-grinding shops. It was labour, whose practical difference from the other forms of labour consisted in the nature of its risk, which did not lie in ankylosis, or lead poisoning, or fire-damp, or gritty dust, but in what may be briefly defined in its own special phraseology as "Seven years hard." Chief Inspector Heat was, of course, not insensible to the gravity of moral differences. But neither were the thieves he had been looking after. They submitted to the severe sanctions of a morality familiar to Chief Inspector Heat with a certain resignation.

They were his fellow-citizens gone wrong because of imperfect education, Chief Inspector Heat believed; but allowing for that difference, he could understand the mind of a burglar, because, as a matter of fact, the mind and the instincts of a burglar are of the same kind as the mind and the instincts of a police officer. Both recognise the same conventions, and have a working knowledge of each other's methods and of the routine of their respective trades. They understand each other, which is advantageous to both, and establishes a sort of amenity in their relations. Products of the same machine, one classed as useful and the other as noxious, they take the machine for granted in different ways, but with seriousness essentially the same. The mind of Chief Inspector Heat was inaccessible to ideas of revolt. But his thieves



were not rebels. His bodily vigour, his cool inflexible manner, his courage and his fairness, had secured for him much respect and some adulation in the sphere of his early successes. He had felt himself revered and admired. And Chief Inspector Heat, arrested within six paces of the anarchist nick-named the Professor, gave a thought of regret to the world of thieves – sane, without morbid ideals, working by routine, respectful of constituted authorities, free from all taint of hate and despair.

After paying this tribute to what is normal in the constitution of society (for the idea of thieving appeared to his instinct as normal as the idea of property), Chief Inspector Heat felt very angry with himself for having stopped, for having spoken, for having taken that way at all on the ground of it being a short cut from the station to the headquarters. And he spoke again in his big authoritative voice, which, being moderated, had a threatening character.

“You are not wanted, I tell you,” he repeated.

The anarchist did not stir. An inward laugh of derision uncovered not only his teeth but his gums as well, shook him all over, without the slightest sound. Chief Inspector Heat was led to add, against his better judgment:

“Not yet. When I want you I will know where to find you.”

Those were perfectly proper words, within the tradition and suitable to his character of a police officer addressing one of his special flock. But the reception they got departed from tradition and propriety. It was outrageous. The stunted, weakly figure before him spoke at last.

“I’ve no doubt the papers would give you an obituary notice then. You know best what that would be worth to you. I should think you can imagine easily the sort of stuff that would be printed. But you may be exposed to the unpleasantness of being buried together with me, though I suppose your friends would make an effort to sort us out as much as possible.”

With all his healthy contempt for the spirit dictating such speeches, the atrocious allusiveness of the words had its effect on Chief

Inspector Heat. He had too much insight, and too much exact information as well, to dismiss them as rot. The dusk of this narrow lane took on a sinister tint from the dark, frail little figure, its back to the wall, and speaking with a weak, self-confident voice. To the vigorous, tenacious vitality of the Chief Inspector, the physical wretchedness of that being, so obviously not fit to live, was ominous; for it seemed to him that if he had the misfortune to be such a miserable object he would not have cared how soon he died. Life had such a strong hold upon him that a fresh wave of nausea broke out in slight perspiration upon his brow. The murmur of town life, the subdued rumble of wheels in the two invisible streets to the right and left, came through the curve of the sordid lane to his ears with a precious familiarity and an appealing sweetness. He was human. But Chief Inspector Heat was also a man, and he could not let such words pass.

“All this is good to frighten children with,” he said. “I’ll have you yet.”

It was very well said, without scorn, with an almost austere quietness.

“Doubtless,” was the answer; “but there’s no time like the present, believe me. For a man of real convictions this is a fine opportunity of self-sacrifice. You may not find another so favourable, so humane. There isn’t even a cat near us, and these condemned old houses would make a good heap of bricks where you stand. You’ll never get me at so little cost to life and property, which you are paid to protect.”

“You don’t know who you’re speaking to,” said Chief Inspector Heat firmly. “If I were to lay my hands on you now I would be no better than yourself.”

“Ah! The game!”

“You may be sure our side will win in the end. It may yet be necessary to make people believe that some of you ought to be shot at sight like mad dogs. Then that will be the game. But I’ll be damned if I

know what yours is. I don't believe you know yourselves. You'll never get anything by it."

"Meantime it's you who get something from it – so far. And you get it easily, too. I won't speak of your salary, but haven't you made your name simply by not understanding what we are after?"

"What are you after, then?" asked Chief Inspector Heat, with scornful haste, like a man in a hurry who perceives he is wasting his time.

The perfect anarchist answered by a smile which did not part his thin colourless lips; and the celebrated Chief Inspector felt a sense of superiority which induced him to raise a warning finger.

"Give it up – whatever it is," he said in an admonishing tone, but not so kindly as if he were condescending to give good advice to a cracksman of repute. "Give it up. You'll find we are too many for you."

The fixed smile on the Professor's lips wavered, as if the mocking spirit within had lost its assurance. Chief Inspector Heat went on:

"Don't you believe me eh? Well, you've only got to look about you. We are. And anyway, you're not doing it well. You're always making a mess of it. Why, if the thieves didn't know their work better they would starve."

The hint of an invincible multitude behind that man's back roused a sombre indignation in the breast of the Professor. He smiled no longer his enigmatic and mocking smile. The resisting power of numbers, the unattackable stolidity of a great multitude, was the haunting fear of his sinister loneliness. His lips trembled for some time before he managed to say in a strangled voice:

"I am doing my work better than you're doing yours."

"That'll do now," interrupted Chief Inspector Heat hurriedly; and the Professor laughed right out this time. While still laughing he moved on; but he did not laugh long. It was a sad-faced, miserable little man who emerged from the narrow passage into the bustle of the broad thoroughfare. He walked with the nerveless gait of a tramp going on,

still going on, indifferent to rain or sun in a sinister detachment from the aspects of sky and earth. Chief Inspector Heat, on the other hand, after watching him for a while, stepped out with the purposeful briskness of a man disregarding indeed the inclemencies of the weather, but conscious of having an authorised mission on this earth and the moral support of his kind. All the inhabitants of the immense town, the population of the whole country, and even the teeming millions struggling upon the planet, were with him – down to the very thieves and mendicants. Yes, the thieves themselves were sure to be with him in his present work. The consciousness of universal support in his general activity heartened him to grapple with the particular problem.

The problem immediately before the Chief Inspector was that of managing the Assistant Commissioner of his department, his immediate superior. This is the perennial problem of trusty and loyal servants; anarchism gave it its particular complexion, but nothing more. Truth to say, Chief Inspector Heat thought but little of anarchism. He did not attach undue importance to it, and could never bring himself to consider it seriously. It had more the character of disorderly conduct; disorderly without the human excuse of drunkenness, which at any rate implies good feeling and an amiable leaning towards festivity. As criminals, anarchists were distinctly no class – no class at all. And recalling the Professor, Chief Inspector Heat, without checking his swinging pace, muttered through his teeth:

“Lunatic.”

Catching thieves was another matter altogether. It had that quality of seriousness belonging to every form of open sport where the best man wins under perfectly comprehensible rules. There were no rules for dealing with anarchists. And that was distasteful to the Chief Inspector. It was all foolishness, but that foolishness excited the public mind, affected persons in high places, and touched upon international relations. A hard, merciless contempt settled rigidly on the Chief Inspector’s face as he walked on. His mind ran over all the anarchists of his flock. Not one of them had half the spunk of this or that burglar he had known. Not half – not one-tenth.

At headquarters the Chief Inspector was admitted at once to the Assistant Commissioner's private room. He found him, pen in hand, bent over a great table bestrewn with papers, as if worshipping an enormous double inkstand of bronze and crystal. Speaking tubes resembling snakes were tied by the heads to the back of the Assistant Commissioner's wooden arm-chair, and their gaping mouths seemed ready to bite his elbows. And in this attitude he raised only his eyes, whose lids were darker than his face and very much creased. The reports had come in: every anarchist had been exactly accounted for.

After saying this he lowered his eyes, signed rapidly two single sheets of paper, and only then laid down his pen, and sat well back, directing an inquiring gaze at his renowned subordinate. The Chief Inspector stood it well, deferential but inscrutable.

"I daresay you were right," said the Assistant Commissioner, "in telling me at first that the London anarchists had nothing to do with this. I quite appreciate the excellent watch kept on them by your men. On the other hand, this, for the public, does not amount to more than a confession of ignorance."

The Assistant Commissioner's delivery was leisurely, as it were cautious. His thought seemed to rest poised on a word before passing to another, as though words had been the stepping-stones for his intellect picking its way across the waters of error. "Unless you have brought something useful from Greenwich," he added.

The Chief Inspector began at once the account of his investigation in a clear matter-of-fact manner. His superior turning his chair a little, and crossing his thin legs, leaned sideways on his elbow, with one hand shading his eyes. His listening attitude had a sort of angular and sorrowful grace. Gleams as of highly burnished silver played on the sides of his ebony black head when he inclined it slowly at the end.

Chief Inspector Heat waited with the appearance of turning over in his mind all he had just said, but, as a matter of fact, considering the advisability of saying something more. The Assistant Commissioner cut his hesitation short.

“You believe there were two men?” he asked, without uncovering his eyes.

The Chief Inspector thought it more than probable. In his opinion, the two men had parted from each other within a hundred yards from the Observatory walls. He explained also how the other man could have got out of the park speedily without being observed. The fog, though not very dense, was in his favour. He seemed to have escorted the other to the spot, and then to have left him there to do the job single-handed. Taking the time those two were seen coming out of Maze Hill Station by the old woman, and the time when the explosion was heard, the Chief Inspector thought that the other man might have been actually at the Greenwich Park Station, ready to catch the next train up, at the moment his comrade was destroying himself so thoroughly.

“Very thoroughly – eh?” murmured the Assistant Commissioner from under the shadow of his hand.

The Chief Inspector in a few vigorous words described the aspect of the remains. “The coroner’s jury will have a treat,” he added grimly.

The Assistant Commissioner uncovered his eyes.

“We shall have nothing to tell them,” he remarked languidly.

He looked up, and for a time watched the markedly non-committal attitude of his Chief Inspector. His nature was one that is not easily accessible to illusions. He knew that a department is at the mercy of its subordinate officers, who have their own conceptions of loyalty. His career had begun in a tropical colony. He had liked his work there. It was police work. He had been very successful in tracking and breaking up certain nefarious secret societies amongst the natives. Then he took his long leave, and got married rather impulsively. It was a good match from a worldly point of view, but his wife formed an unfavourable opinion of the colonial climate on hearsay evidence. On the other hand, she had influential connections. It was an excellent match. But he did not like the work he had to do now. He felt himself dependent on too many subordinates and too many masters. The near

presence of that strange emotional phenomenon called public opinion weighed upon his spirits, and alarmed him by its irrational nature. No doubt that from ignorance he exaggerated to himself its power for good and evil – especially for evil; and the rough east winds of the English spring (which agreed with his wife) augmented his general mistrust of men's motives and of the efficiency of their organisation. The futility of office work especially appalled him on those days so trying to his sensitive liver.

He got up, unfolding himself to his full height, and with a heaviness of step remarkable in so slender a man, moved across the room to the window. The panes streamed with rain, and the short street he looked down into lay wet and empty, as if swept clear suddenly by a great flood. It was a very trying day, choked in raw fog to begin with, and now drowned in cold rain. The flickering, blurred flames of gas-lamps seemed to be dissolving in a watery atmosphere. And the lofty pretensions of a mankind oppressed by the miserable indignities of the weather appeared as a colossal and hopeless vanity deserving of scorn, wonder, and compassion.

“Horrible, horrible!” thought the Assistant Commissioner to himself, with his face near the window-pane. “We have been having this sort of thing now for ten days; no, a fortnight – a fortnight.” He ceased to think completely for a time. That utter stillness of his brain lasted about three seconds. Then he said perfunctorily: “You have set inquiries on foot for tracing that other man up and down the line?”

He had no doubt that everything needful had been done. Chief Inspector Heat knew, of course, thoroughly the business of man-hunting. And these were the routine steps, too, that would be taken as a matter of course by the merest beginner. A few inquiries amongst the ticket collectors and the porters of the two small railway stations would give additional details as to the appearance of the two men; the inspection of the collected tickets would show at once where they came from that morning. It was elementary, and could not have been neglected. Accordingly the Chief Inspector answered that all this had been done directly the old woman had come forward with her deposition. And he mentioned the name of a station. “That’s where

they came from, sir," he went on. "The porter who took the tickets at Maze Hill remembers two chaps answering to the description passing the barrier. They seemed to him two respectable working men of a superior sort – sign painters or house decorators. The big man got out of a third-class compartment backward, with a bright tin can in his hand. On the platform he gave it to carry to the fair young fellow who followed him. All this agrees exactly with what the old woman told the police sergeant in Greenwich."

The Assistant Commissioner, still with his face turned to the window, expressed his doubt as to these two men having had anything to do with the outrage. All this theory rested upon the utterances of an old charwoman who had been nearly knocked down by a man in a hurry. Not a very substantial authority indeed, unless on the ground of sudden inspiration, which was hardly tenable.

"Frankly now, could she have been really inspired?" he queried, with grave irony, keeping his back to the room, as if entranced by the contemplation of the town's colossal forms half lost in the night. He did not even look round when he heard the mutter of the word "Providential" from the principal subordinate of his department, whose name, printed sometimes in the papers, was familiar to the great public as that of one of its zealous and hard-working protectors. Chief Inspector Heat raised his voice a little.

"Strips and bits of bright tin were quite visible to me," he said. "That's a pretty good corroboration."

"And these men came from that little country station," the Assistant Commissioner mused aloud, wondering. He was told that such was the name on two tickets out of three given up out of that train at Maze Hill. The third person who got out was a hawker from Gravesend well known to the porters. The Chief Inspector imparted that information in a tone of finality with some ill humour, as loyal servants will do in the consciousness of their fidelity and with the sense of the value of their loyal exertions. And still the Assistant Commissioner did not turn away from the darkness outside, as vast as a sea.



“Two foreign anarchists coming from that place,” he said, apparently to the window-pane. “It’s rather unaccountable.”

“Yes, sir. But it would be still more unaccountable if that Michaelis weren’t staying in a cottage in the neighbourhood.”

At the sound of that name, falling unexpectedly into this annoying affair, the Assistant Commissioner dismissed brusquely the vague remembrance of his daily whist party at his club. It was the most comforting habit of his life, in a mainly successful display of his skill without the assistance of any subordinate. He entered his club to play from five to seven, before going home to dinner, forgetting for those two hours whatever was distasteful in his life, as though the game were a beneficent drug for allaying the pangs of moral discontent. His partners were the gloomily humorous editor of a celebrated magazine; a silent, elderly barrister with malicious little eyes; and a highly martial, simple-minded old Colonel with nervous brown hands. They were his club acquaintances merely. He never met them elsewhere except at the card-table. But they all seemed to approach the game in the spirit of co-sufferers, as if it were indeed a drug against the secret ills of existence; and every day as the sun declined over the countless roofs of the town, a mellow, pleasurable impatience, resembling the impulse of a sure and profound friendship, lightened his professional labours. And now this pleasurable sensation went out of him with something resembling a physical shock, and was replaced by a special kind of interest in his work of social protection – an improper sort of interest, which may be defined best as a sudden and alert mistrust of the weapon in his hand.

## CHAPTER VI

The lady patroness of Michaelis, the ticket-of-leave apostle of humanitarian hopes, was one of the most influential and distinguished connections of the Assistant Commissioner's wife, whom she called Annie, and treated still rather as a not very wise and utterly inexperienced young girl. But she had consented to accept him on a friendly footing, which was by no means the case with all of his wife's influential connections. Married young and splendidly at some remote epoch of the past, she had had for a time a close view of great affairs and even of some great men. She herself was a great lady. Old now in the number of her years, she had that sort of exceptional temperament which defies time with scornful disregard, as if it were a rather vulgar convention submitted to by the mass of inferior mankind. Many other conventions easier to set aside, alas! failed to obtain her recognition, also on temperamental grounds – either because they bored her, or else because they stood in the way of her scorns and sympathies. Admiration was a sentiment unknown to her (it was one of the secret griefs of her most noble husband against her) – first, as always more or less tainted with mediocrity, and next as being in a way an admission of inferiority. And both were frankly inconceivable to her nature. To be fearlessly outspoken in her opinions came easily to her, since she judged solely from the standpoint of her social position. She was equally untrammelled in her actions; and as her tactfulness proceeded from genuine humanity, her bodily vigour remained remarkable and her superiority was serene and cordial, three generations had admired her infinitely, and the last she was likely to see had pronounced her a wonderful woman. Meantime intelligent, with a sort of lofty simplicity, and curious at heart, but not like many women merely of social gossip, she amused her age by attracting within her ken through the power of her great, almost historical, social prestige everything that rose above the dead level of mankind, lawfully or unlawfully, by position, wit, audacity, fortune or misfortune. Royal Highnesses, artists, men of science, young statesmen, and charlatans of all ages and conditions, who, unsubstantial and light, bobbing up like corks, show best the

direction of the surface currents, had been welcomed in that house, listened to, penetrated, understood, appraised, for her own edification. In her own words, she liked to watch what the world was coming to. And as she had a practical mind her judgment of men and things, though based on special prejudices, was seldom totally wrong, and almost never wrong-headed. Her drawing-room was probably the only place in the wide world where an Assistant Commissioner of Police could meet a convict liberated on a ticket-of-leave on other than professional and official ground. Who had brought Michaelis there one afternoon the Assistant Commissioner did not remember very well. He had a notion it must have been a certain Member of Parliament of illustrious parentage and unconventional sympathies, which were the standing joke of the comic papers. The notabilities and even the simple notorieties of the day brought each other freely to that temple of an old woman's not ignoble curiosity. You never could guess whom you were likely to come upon being received in semi-privacy within the faded blue silk and gilt frame screen, making a cosy nook for a couch and a few arm-chairs in the great drawing-room, with its hum of voices and the groups of people seated or standing in the light of six tall windows.

Michaelis had been the object of revulsion of popular sentiment, the same sentiment which years ago had applauded the ferocity of the life sentence passed upon him for complicity in a rather mad attempt to rescue some prisoners from a police van. The plan of the conspirators had been to shoot down the horses and overpower the escort. Unfortunately, one of the police constables got shot too. He left a wife and three small children, and the death of that man aroused through the length and breadth of a realm for whose defence, welfare, and glory men die every day as matter of duty, an outburst of furious indignation, of a raging implacable pity for the victim. Three ring-leaders got hanged. Michaelis, young and slim, locksmith by trade, and great frequenter of evening schools, did not even know that anybody had been killed, his part with a few others being to force open the door at the back of the special conveyance. When arrested he had a bunch of skeleton keys in one pocket a heavy chisel in another, and a short crowbar in his hand: neither more nor less than a burglar. But no

burglar would have received such a heavy sentence. The death of the constable had made him miserable at heart, but the failure of the plot also. He did not conceal either of these sentiments from his empanelled countrymen, and that sort of compunction appeared shockingly imperfect to the crammed court. The judge on passing sentence commented feelingly upon the depravity and callousness of the young prisoner.

That made the groundless fame of his condemnation; the fame of his release was made for him on no better grounds by people who wished to exploit the sentimental aspect of his imprisonment either for purposes of their own or for no intelligible purpose. He let them do so in the innocence of his heart and the simplicity of his mind. Nothing that happened to him individually had any importance. He was like those saintly men whose personality is lost in the contemplation of their faith. His ideas were not in the nature of convictions. They were inaccessible to reasoning. They formed in all their contradictions and obscurities an invincible and humanitarian creed, which he confessed rather than preached, with an obstinate gentleness, a smile of pacific assurance on his lips, and his candid blue eyes cast down because the sight of faces troubled his inspiration developed in solitude. In that characteristic attitude, pathetic in his grotesque and incurable obesity which he had to drag like a galley slave's bullet to the end of his days, the Assistant Commissioner of Police beheld the ticket-of-leave apostle filling a privileged arm-chair within the screen. He sat there by the head of the old lady's couch, mild-voiced and quiet, with no more self-consciousness than a very small child, and with something of a child's charm – the appealing charm of trustfulness. Confident of the future, whose secret ways had been revealed to him within the four walls of a well-known penitentiary, he had no reason to look with suspicion upon anybody. If he could not give the great and curious lady a very definite idea as to what the world was coming to, he had managed without effort to impress her by his unembittered faith, by the sterling quality of his optimism.

Certain simplicity of thought is common to serene souls at both ends of the social scale. The great lady was simple in her own way. His

views and beliefs had nothing in them to shock or startle her, since she judged them from the standpoint of her lofty position. Indeed, her sympathies were easily accessible to a man of that sort. She was not an exploiting capitalist herself; she was, as it were, above the play of economic conditions. And she had a great capacity of pity for the more obvious forms of common human miseries, precisely because she was such a complete stranger to them that she had to translate her conception into terms of mental suffering before she could grasp the notion of their cruelty. The Assistant Commissioner remembered very well the conversation between these two. He had listened in silence. It was something as exciting in a way, and even touching in its foredoomed futility, as the efforts at moral intercourse between the inhabitants of remote planets. But this grotesque incarnation of humanitarian passion appealed somehow, to one's imagination. At last Michaelis rose, and taking the great lady's extended hand, shook it, retained it for a moment in his great cushioned palm with unembarrassed friendliness, and turned upon the semi-private nook of the drawing-room his back, vast and square, and as if distended under the short tweed jacket. Glancing about in serene benevolence, he waddled along to the distant door between the knots of other visitors. The murmur of conversations paused on his passage. He smiled innocently at a tall, brilliant girl, whose eyes met his accidentally, and went out unconscious of the glances following him across the room. Michaelis' first appearance in the world was a success – a success of esteem unmarred by a single murmur of derision. The interrupted conversations were resumed in their proper tone, grave or light. Only a well-set-up, long-limbed, active-looking man of forty talking with two ladies near a window remarked aloud, with an unexpected depth of feeling: "Eighteen stone, I should say, and not five foot six. Poor fellow! It's terrible – terrible."

The lady of the house, gazing absently at the Assistant Commissioner, left alone with her on the private side of the screen, seemed to be rearranging her mental impressions behind her thoughtful immobility of a handsome old face. Men with grey moustaches and full, healthy, vaguely smiling countenances

approached, circling round the screen; two mature women with a matronly air of gracious resolution; a clean-shaved individual with sunken cheeks, and dangling a gold-mounted eyeglass on a broad black ribbon with an old-world, dandified effect. A silence deferential, but full of reserves, reigned for a moment, and then the great lady exclaimed, not with resentment, but with a sort of protesting indignation:

“And that officially is supposed to be a revolutionist! What nonsense.” She looked hard at the Assistant Commissioner, who murmured apologetically:

“Not a dangerous one perhaps.”

“Not dangerous – I should think not indeed. He is a mere believer. It’s the temperament of a saint,” declared the great lady in a firm tone. “And they kept him shut up for twenty years. One shudders at the stupidity of it. And now they have let him out everybody belonging to him is gone away somewhere or dead. His parents are dead; the girl he was to marry has died while he was in prison; he has lost the skill necessary for his manual occupation. He told me all this himself with the sweetest patience; but then, he said, he had had plenty of time to think out things for himself. A pretty compensation! If that’s the stuff revolutionists are made of some of us may well go on their knees to them,” she continued in a slightly bantering voice, while the banal society smiles hardened on the worldly faces turned towards her with conventional deference. “The poor creature is obviously no longer in a position to take care of himself. Somebody will have to look after him a little.”

“He should be recommended to follow a treatment of some sort,” the soldierly voice of the active-looking man was heard advising earnestly from a distance. He was in the pink of condition for his age, and even the texture of his long frock coat had a character of elastic soundness, as if it were a living tissue. “The man is virtually a cripple,” he added with unmistakable feeling.

Other voices, as if glad of the opening, murmured hasty compassion. “Quite startling,” “Monstrous,” “Most painful to see.” The

lank man, with the eyeglass on a broad ribbon, pronounced mincingly the word “Grotesque,” whose justness was appreciated by those standing near him. They smiled at each other.

The Assistant Commissioner had expressed no opinion either then or later, his position making it impossible for him to ventilate any independent view of a ticket-of-leave convict. But, in truth, he shared the view of his wife’s friend and patron that Michaelis was a humanitarian sentimentalist, a little mad, but upon the whole incapable of hurting a fly intentionally. So when that name cropped up suddenly in this vexing bomb affair he realised all the danger of it for the ticket-of-leave apostle, and his mind reverted at once to the old lady’s well-established infatuation. Her arbitrary kindness would not brook patiently any interference with Michaelis’ freedom. It was a deep, calm, convinced infatuation. She had not only felt him to be inoffensive, but she had said so, which last by a confusion of her absolutist mind became a sort of incontrovertible demonstration. It was as if the monstrosity of the man, with his candid infant’s eyes and a fat angelic smile, had fascinated her. She had come to believe almost his theory of the future, since it was not repugnant to her prejudices. She disliked the new element of plutocracy in the social compound, and industrialism as a method of human development appeared to her singularly repulsive in its mechanical and unfeeling character. The humanitarian hopes of the mild Michaelis tended not towards utter destruction, but merely towards the complete economic ruin of the system. And she did not really see where was the moral harm of it. It would do away with all the multitude of the “parvenus,” whom she disliked and mistrusted, not because they had arrived anywhere (she denied that), but because of their profound unintelligence of the world, which was the primary cause of the crudity of their perceptions and the aridity of their hearts. With the annihilation of all capital they would vanish too; but universal ruin (providing it was universal, as it was revealed to Michaelis) would leave the social values untouched. The disappearance of the last piece of money could not affect people of position. She could not conceive how it could affect her position, for instance. She had developed these discoveries to the Assistant

Commissioner with all the serene fearlessness of an old woman who had escaped the blight of indifference. He had made for himself the rule to receive everything of that sort in a silence which he took care from policy and inclination not to make offensive. He had affection for the aged disciple of Michaelis, a complex sentiment depending a little on her prestige, on her personality, but most of all on the instinct of flattered gratitude. He felt himself really liked in her house. She was kindness personified. And she was practically wise too, after the manner of experienced women. She made his married life much easier than it would have been without her generously full recognition of his rights as Annie's husband. Her influence upon his wife, a woman devoured by all sorts of small selfishness, small envies, small jealousies, was excellent. Unfortunately, both her kindness and her wisdom were of unreasonable complexion, distinctly feminine, and difficult to deal with. She remained a perfect woman all along her full tale of years, and not as some of them do become – a sort of slippery, pestilential old man in petticoats. And it was as of a woman that he thought of her – the specially choice incarnation of the feminine, wherein is recruited the tender, ingenuous, and fierce bodyguard for all sorts of men who talk under the influence of an emotion, true or fraudulent; for preachers, seers, prophets, or reformers.

Appreciating the distinguished and good friend of his wife, and himself, in that way, the Assistant Commissioner became alarmed at the convict Michaelis' possible fate. Once arrested on suspicion of being in some way, however remote, a party to this outrage, the man could hardly escape being sent back to finish his sentence at least. And that would kill him; he would never come out alive. The Assistant Commissioner made a reflection extremely unbecoming his official position without being really creditable to his humanity.

"If the fellow is laid hold of again," he thought, "she will never forgive me."

The frankness of such a secretly outspoken thought could not go without some derisive self-criticism. No man engaged in a work he does not like can preserve many saving illusions about himself. The distaste, the absence of glamour, extend from the occupation to the



personality. It is only when our appointed activities seem by a lucky accident to obey the particular earnestness of our temperament that we can taste the comfort of complete self-deception. The Assistant Commissioner did not like his work at home. The police work he had been engaged on in a distant part of the globe had the saving character of an irregular sort of warfare or at least the risk and excitement of open-air sport. His real abilities, which were mainly of an administrative order, were combined with an adventurous disposition. Chained to a desk in the thick of four millions of men, he considered himself the victim of an ironic fate – the same, no doubt, which had brought about his marriage with a woman exceptionally sensitive in the matter of colonial climate, besides other limitations testifying to the delicacy of her nature – and her tastes. Though he judged his alarm sardonically he did not dismiss the improper thought from his mind. The instinct of self-preservation was strong within him. On the contrary, he repeated it mentally with profane emphasis and a fuller precision: “Damn it! If that infernal Heat has his way the fellow’ll die in prison smothered in his fat, and she’ll never forgive me.”

His black, narrow figure, with the white band of the collar under the silvery gleams on the close-cropped hair at the back of the head, remained motionless. The silence had lasted such a long time that Chief Inspector Heat ventured to clear his throat. This noise produced its effect. The zealous and intelligent officer was asked by his superior, whose back remained turned to him immovably:

“You connect Michaelis with this affair?”

Chief Inspector Heat was very positive, but cautious.

“Well, sir,” he said, “we have enough to go upon. A man like that has no business to be at large, anyhow.”

“You will want some conclusive evidence,” came the observation in a murmur.

Chief Inspector Heat raised his eyebrows at the black, narrow back, which remained obstinately presented to his intelligence and his zeal.

“There will be no difficulty in getting up sufficient evidence against him,” he said, with virtuous complacency. “You may trust me for that, sir,” he added, quite unnecessarily, out of the fullness of his heart; for it seemed to him an excellent thing to have that man in hand to be thrown down to the public should it think fit to roar with any special indignation in this case. It was impossible to say yet whether it would roar or not. That in the last instance depended, of course, on the newspaper press. But in any case, Chief Inspector Heat, purveyor of prisons by trade, and a man of legal instincts, did logically believe that incarceration was the proper fate for every declared enemy of the law. In the strength of that conviction he committed a fault of tact. He allowed himself a little conceited laugh, and repeated:

“Trust me for that, sir.”

This was too much for the forced calmness under which the Assistant Commissioner had for upwards of eighteen months concealed his irritation with the system and the subordinates of his office. A square peg forced into a round hole, he had felt like a daily outrage that long established smooth roundness into which a man of less sharply angular shape would have fitted himself, with voluptuous acquiescence, after a shrug or two. What he resented most was just the necessity of taking so much on trust. At the little laugh of Chief Inspector Heat’s he spun swiftly on his heels, as if whirled away from the window-pane by an electric shock. He caught on the latter’s face not only the complacency proper to the occasion lurking under the moustache, but the vestiges of experimental watchfulness in the round eyes, which had been, no doubt, fastened on his back, and now met his glance for a second before the intent character of their stare had the time to change to a merely startled appearance.

The Assistant Commissioner of Police had really some qualifications for his post. Suddenly his suspicion was awakened. It is but fair to say that his suspicions of the police methods (unless the police happened to be a semi-military body organised by himself) was not difficult to arouse. If it ever slumbered from sheer weariness, it was but lightly; and his appreciation of Chief Inspector Heat’s zeal and ability, moderate in itself, excluded all notion of moral confidence.

“He’s up to something,” he exclaimed mentally, and at once became angry. Crossing over to his desk with headlong strides, he sat down violently. “Here I am stuck in a litter of paper,” he reflected, with unreasonable resentment, “supposed to hold all the threads in my hands, and yet I can but hold what is put in my hand, and nothing else. And they can fasten the other ends of the threads where they please.”

He raised his head, and turned towards his subordinate a long, meagre face with the accentuated features of an energetic Don Quixote.

“Now what is it you’ve got up your sleeve?”

The other stared. He stared without winking in a perfect immobility of his round eyes, as he was used to stare at the various members of the criminal class when, after being duly cautioned, they made their statements in the tones of injured innocence, or false simplicity, or sullen resignation. But behind that professional and stony fixity there was some surprise too, for in such a tone, combining nicely the note of contempt and impatience, Chief Inspector Heat, the right-hand man of the department, was not used to be addressed. He began in a procrastinating manner, like a man taken unawares by a new and unexpected experience.

“What I’ve got against that man Michaelis you mean, sir?”

The Assistant Commissioner watched the bullet head; the points of that Norse rover’s moustache, falling below the line of the heavy jaw; the whole full and pale physiognomy, whose determined character was marred by too much flesh; at the cunning wrinkles radiating from the outer corners of the eyes – and in that purposeful contemplation of the valuable and trusted officer he drew a conviction so sudden that it moved him like an inspiration.

“I have reason to think that when you came into this room,” he said in measured tones, “it was not Michaelis who was in your mind; not principally – perhaps not at all.”

“You have reason to think, sir?” muttered Chief Inspector Heat, with every appearance of astonishment, which up to a certain point was genuine enough. He had discovered in this affair a delicate and perplexing side, forcing upon the discoverer a certain amount of

insincerity – that sort of insincerity which, under the names of skill, prudence, discretion, turns up at one point or another in most human affairs. He felt at the moment like a tight-rope artist might feel if suddenly, in the middle of the performance, the manager of the Music Hall were to rush out of the proper managerial seclusion and begin to shake the rope. Indignation, the sense of moral insecurity engendered by such a treacherous proceeding joined to the immediate apprehension of a broken neck, would, in the colloquial phrase, put him in a state. And there would be also some scandalised concern for his art too, since a man must identify himself with something more tangible than his own personality, and establish his pride somewhere, either in his social position, or in the quality of the work he is obliged to do, or simply in the superiority of the idleness he may be fortunate enough to enjoy.

“Yes,” said the Assistant Commissioner; “I have. I do not mean to say that you have not thought of Michaelis at all. But you are giving the fact you’ve mentioned a prominence which strikes me as not quite candid, Inspector Heat. If that is really the track of discovery, why haven’t you followed it up at once, either personally or by sending one of your men to that village?”

“Do you think, sir, I have failed in my duty there?” the Chief Inspector asked, in a tone which he sought to make simply reflective. Forced unexpectedly to concentrate his faculties upon the task of preserving his balance, he had seized upon that point, and exposed himself to a rebuke; for, the Assistant Commissioner frowning slightly, observed that this was a very improper remark to make.

“But since you’ve made it,” he continued coldly, “I’ll tell you that this is not my meaning.”

He paused, with a straight glance of his sunken eyes which was a full equivalent of the unspoken termination “and you know it.” The head of the so-called Special Crimes Department debarred by his position from going out of doors personally in quest of secrets locked up in guilty breasts, had a propensity to exercise his considerable gifts for the detection of incriminating truth upon his own subordinates.

That peculiar instinct could hardly be called a weakness. It was natural. He was a born detective. It had unconsciously governed his choice of a career, and if it ever failed him in life it was perhaps in the one exceptional circumstance of his marriage – which was also natural. It fed, since it could not roam abroad, upon the human material which was brought to it in its official seclusion. We can never cease to be ourselves.

His elbow on the desk, his thin legs crossed, and nursing his cheek in the palm of his meagre hand, the Assistant Commissioner in charge of the Special Crimes branch was getting hold of the case with growing interest. His Chief Inspector, if not an absolutely worthy foeman of his penetration, was at any rate the most worthy of all within his reach. A mistrust of established reputations was strictly in character with the Assistant Commissioner's ability as detector. His memory evoked a certain old fat and wealthy native chief in the distant colony whom it was a tradition for the successive Colonial Governors to trust and make much of as a firm friend and supporter of the order and legality established by white men; whereas, when examined sceptically, he was found out to be principally his own good friend, and nobody else's. Not precisely a traitor, but still a man of many dangerous reservations in his fidelity, caused by a due regard for his own advantage, comfort, and safety. A fellow of some innocence in his naive duplicity, but none the less dangerous. He took some finding out. He was physically a big man, too, and (allowing for the difference of colour, of course) Chief Inspector Heat's appearance recalled him to the memory of his superior. It was not the eyes nor yet the lips exactly. It was bizarre. But does not Alfred Wallace relate in his famous book on the Malay Archipelago how, amongst the Aru Islanders, he discovered in an old and naked savage with a sooty skin a peculiar resemblance to a dear friend at home?

For the first time since he took up his appointment the Assistant Commissioner felt as if he were going to do some real work for his salary. And that was a pleasurable sensation. "I'll turn him inside out like an old glove," thought the Assistant Commissioner, with his eyes resting pensively upon Chief Inspector Heat.

“No, that was not my thought,” he began again. “There is no doubt about you knowing your business – no doubt at all; and that’s precisely why I – ” He stopped short, and changing his tone: “What could you bring up against Michaelis of a definite nature? I mean apart from the fact that the two men under suspicion – you’re certain there were two of them – came last from a railway station within three miles of the village where Michaelis is living now.”

“This by itself is enough for us to go upon, sir, with that sort of man,” said the Chief Inspector, with returning composure. The slight approving movement of the Assistant Commissioner’s head went far to pacify the resentful astonishment of the renowned officer. For Chief Inspector Heat was a kind man, an excellent husband, a devoted father; and the public and departmental confidence he enjoyed acting favourably upon an amiable nature, disposed him to feel friendly towards the successive Assistant Commissioners he had seen pass through that very room. There had been three in his time. The first one, a soldierly, abrupt, red-faced person, with white eyebrows and an explosive temper, could be managed with a silken thread. He left on reaching the age limit. The second, a perfect gentleman, knowing his own and everybody else’s place to a nicety, on resigning to take up a higher appointment out of England got decorated for (really) Inspector Heat’s services. To work with him had been a pride and a pleasure. The third, a bit of a dark horse from the first, was at the end of eighteen months something of a dark horse still to the department. Upon the whole Chief Inspector Heat believed him to be in the main harmless – odd-looking, but harmless. He was speaking now, and the Chief Inspector listened with outward deference (which means nothing, being a matter of duty) and inwardly with benevolent toleration.

“Michaelis reported himself before leaving London for the country?”

“Yes, sir. He did.”

“And what may he be doing there?” continued the Assistant Commissioner, who was perfectly informed on that point. Fitted with painful tightness into an old wooden arm-chair, before a worm-eaten

oak table in an upstairs room of a four-roomed cottage with a roof of moss-grown tiles, Michaelis was writing night and day in a shaky, slanting hand that "Autobiography of a Prisoner" which was to be like a book of Revelation in the history of mankind. The conditions of confined space, seclusion, and solitude in a small four-roomed cottage were favourable to his inspiration. It was like being in prison, except that one was never disturbed for the odious purpose of taking exercise according to the tyrannical regulations of his old home in the penitentiary. He could not tell whether the sun still shone on the earth or not. The perspiration of the literary labour dropped from his brow. A delightful enthusiasm urged him on. It was the liberation of his inner life, the letting out of his soul into the wide world. And the zeal of his guileless vanity (first awakened by the offer of five hundred pounds from a publisher) seemed something predestined and holy.

"It would be, of course, most desirable to be informed exactly," insisted the Assistant Commissioner uncandidly.

Chief Inspector Heat, conscious of renewed irritation at this display of scrupulousness, said that the county police had been notified from the first of Michaelis' arrival, and that a full report could be obtained in a few hours. A wire to the superintendent –

Thus he spoke, rather slowly, while his mind seemed already to be weighing the consequences. A slight knitting of the brow was the outward sign of this. But he was interrupted by a question.

"You've sent that wire already?"

"No, sir," he answered, as if surprised.

The Assistant Commissioner uncrossed his legs suddenly. The briskness of that movement contrasted with the casual way in which he threw out a suggestion.

"Would you think that Michaelis had anything to do with the preparation of that bomb, for instance?"

The Chief Inspector assumed a reflective manner.

"I wouldn't say so. There's no necessity to say anything at present. He associates with men who are classed as dangerous. He was

made a delegate of the Red Committee less than a year after his release on licence. A sort of compliment, I suppose.”

And the Chief Inspector laughed a little angrily, a little scornfully. With a man of that sort scrupulousness was a misplaced and even an illegal sentiment. The celebrity bestowed upon Michaelis on his release two years ago by some emotional journalists in want of special copy had rankled ever since in his breast. It was perfectly legal to arrest that man on the barest suspicion. It was legal and expedient on the face of it. His two former chiefs would have seen the point at once; whereas this one, without saying either yes or no, sat there, as if lost in a dream. Moreover, besides being legal and expedient, the arrest of Michaelis solved a little personal difficulty which worried Chief Inspector Heat somewhat. This difficulty had its bearing upon his reputation, upon his comfort, and even upon the efficient performance of his duties. For, if Michaelis no doubt knew something about this outrage, the Chief Inspector was fairly certain that he did not know too much. This was just as well. He knew much less – the Chief Inspector was positive – than certain other individuals he had in his mind, but whose arrest seemed to him inexpedient, besides being a more complicated matter, on account of the rules of the game. The rules of the game did not protect so much Michaelis, who was an ex-convict. It would be stupid not to take advantage of legal facilities, and the journalists who had written him up with emotional gush would be ready to write him down with emotional indignation.

This prospect, viewed with confidence, had the attraction of a personal triumph for Chief Inspector Heat. And deep down in his blameless bosom of an average married citizen, almost unconscious but potent nevertheless, the dislike of being compelled by events to meddle with the desperate ferocity of the Professor had its say. This dislike had been strengthened by the chance meeting in the lane. The encounter did not leave behind with Chief Inspector Heat that satisfactory sense of superiority the members of the police force get from the unofficial but intimate side of their intercourse with the criminal classes, by which the vanity of power is soothed, and the



vulgar love of domination over our fellow-creatures is flattered as worthily as it deserves.

The perfect anarchist was not recognised as a fellow-creature by Chief Inspector Heat. He was impossible – a mad dog to be left alone. Not that the Chief Inspector was afraid of him; on the contrary, he meant to have him some day. But not yet; he meant to get hold of him in his own time, properly and effectively according to the rules of the game. The present was not the right time for attempting that feat, not the right time for many reasons, personal and of public service. This being the strong feeling of Inspector Heat, it appeared to him just and proper that this affair should be shunted off its obscure and inconvenient track, leading goodness knows where, into a quiet (and lawful) siding called Michaelis. And he repeated, as if reconsidering the suggestion conscientiously:

“The bomb. No, I would not say that exactly. We may never find that out. But it’s clear that he is connected with this in some way, which we can find out without much trouble.”

His countenance had that look of grave, overbearing indifference once well known and much dreaded by the better sort of thieves. Chief Inspector Heat, though what is called a man, was not a smiling animal. But his inward state was that of satisfaction at the passively receptive attitude of the Assistant Commissioner, who murmured gently:

“And you really think that the investigation should be made in that direction?”

“I do, sir.”

“Quite convinced?”

“I am, sir. That’s the true line for us to take.”

The Assistant Commissioner withdrew the support of his hand from his reclining head with a suddenness that, considering his languid attitude, seemed to menace his whole person with collapse. But, on the contrary, he sat up, extremely alert, behind the great writing-table on which his hand had fallen with the sound of a sharp blow.

“What I want to know is what put it out of your head till now.”

“Put it out of my head,” repeated the Chief Inspector very slowly.

“Yes. Till you were called into this room – you know.”

The Chief Inspector felt as if the air between his clothing and his skin had become unpleasantly hot. It was the sensation of an unprecedented and incredible experience.

“Of course,” he said, exaggerating the deliberation of his utterance to the utmost limits of possibility, “if there is a reason, of which I know nothing, for not interfering with the convict Michaelis, perhaps it’s just as well I didn’t start the county police after him.”

This took such a long time to say that the unflagging attention of the Assistant Commissioner seemed a wonderful feat of endurance. His retort came without delay.

“No reason whatever that I know of. Come, Chief Inspector, this finessing with me is highly improper on your part – highly improper. And it’s also unfair, you know. You shouldn’t leave me to puzzle things out for myself like this. Really, I am surprised.”

He paused, then added smoothly: “I need scarcely tell you that this conversation is altogether unofficial.”

These words were far from pacifying the Chief Inspector. The indignation of a betrayed tight-rope performer was strong within him. In his pride of a trusted servant he was affected by the assurance that the rope was not shaken for the purpose of breaking his neck, as by an exhibition of impudence. As if anybody were afraid! Assistant Commissioners come and go, but a valuable Chief Inspector is not an ephemeral office phenomenon. He was not afraid of getting a broken neck. To have his performance spoiled was more than enough to account for the glow of honest indignation. And as thought is no respecter of persons, the thought of Chief Inspector Heat took a threatening and prophetic shape. “You, my boy,” he said to himself, keeping his round and habitually roving eyes fastened upon the Assistant Commissioner’s face – “you, my boy, you don’t know your place, and your place won’t know you very long either, I bet.”

As if in provoking answer to that thought, something like the ghost of an amiable smile passed on the lips of the Assistant Commissioner. His manner was easy and business-like while he persisted in administering another shake to the tight rope.

“Let us come now to what you have discovered on the spot, Chief Inspector,” he said.

“A fool and his job are soon parted,” went on the train of prophetic thought in Chief Inspector Heat’s head. But it was immediately followed by the reflection that a higher official, even when “fired out” (this was the precise image), has still the time as he flies through the door to launch a nasty kick at the shin-bones of a subordinate. Without softening very much the basilisk nature of his stare, he said impassively:

“We are coming to that part of my investigation, sir.”

“That’s right. Well, what have you brought away from it?”

The Chief Inspector, who had made up his mind to jump off the rope, came to the ground with gloomy frankness.

“I’ve brought away an address,” he said, pulling out of his pocket without haste a singed rag of dark blue cloth. “This belongs to the overcoat the fellow who got himself blown to pieces was wearing. Of course, the overcoat may not have been his, and may even have been stolen. But that’s not at all probable if you look at this.”

The Chief Inspector, stepping up to the table, smoothed out carefully the rag of blue cloth. He had picked it up from the repulsive heap in the mortuary, because a tailor’s name is found sometimes under the collar. It is not often of much use, but still – He only half expected to find anything useful, but certainly he did not expect to find – not under the collar at all, but stitched carefully on the under side of the lapel – a square piece of calico with an address written on it in marking ink.

The Chief Inspector removed his smoothing hand.

“I carried it off with me without anybody taking notice,” he said. “I thought it best. It can always be produced if required.”

The Assistant Commissioner, rising a little in his chair, pulled the cloth over to his side of the table. He sat looking at it in silence. Only the number 32 and the name of Brett Street were written in marking ink on a piece of calico slightly larger than an ordinary cigarette paper. He was genuinely surprised.

“Can’t understand why he should have gone about labelled like this,” he said, looking up at Chief Inspector Heat. “It’s a most extraordinary thing.”

“I met once in the smoking-room of a hotel an old gentleman who went about with his name and address sewn on in all his coats in case of an accident or sudden illness,” said the Chief Inspector. “He professed to be eighty-four years old, but he didn’t look his age. He told me he was also afraid of losing his memory suddenly, like those people he has been reading of in the papers.”

A question from the Assistant Commissioner, who wanted to know what was No. 32 Brett Street, interrupted that reminiscence abruptly. The Chief Inspector, driven down to the ground by unfair artifices, had elected to walk the path of unreserved openness. If he believed firmly that to know too much was not good for the department, the judicious holding back of knowledge was as far as his loyalty dared to go for the good of the service. If the Assistant Commissioner wanted to mismanage this affair nothing, of course, could prevent him. But, on his own part, he now saw no reason for a display of alacrity. So he answered concisely:

“It’s a shop, sir.”

The Assistant Commissioner, with his eyes lowered on the rag of blue cloth, waited for more information. As that did not come he proceeded to obtain it by a series of questions propounded with gentle patience. Thus he acquired an idea of the nature of Mr Verloc’s commerce, of his personal appearance, and heard at last his name. In a pause the Assistant Commissioner raised his eyes, and discovered some animation on the Chief Inspector’s face. They looked at each other in silence.

“Of course,” said the latter, “the department has no record of that man.”

“Did any of my predecessors have any knowledge of what you have told me now?” asked the Assistant Commissioner, putting his elbows on the table and raising his joined hands before his face, as if about to offer prayer, only that his eyes had not a pious expression.

“No, sir; certainly not. What would have been the object? That sort of man could never be produced publicly to any good purpose. It was sufficient for me to know who he was, and to make use of him in a way that could be used publicly.”

“And do you think that sort of private knowledge consistent with the official position you occupy?”

“Perfectly, sir. I think it’s quite proper. I will take the liberty to tell you, sir, that it makes me what I am – and I am looked upon as a man who knows his work. It’s a private affair of my own. A personal friend of mine in the French police gave me the hint that the fellow was an Embassy spy. Private friendship, private information, private use of it – that’s how I look upon it.”

The Assistant Commissioner after remarking to himself that the mental state of the renowned Chief Inspector seemed to affect the outline of his lower jaw, as if the lively sense of his high professional distinction had been located in that part of his anatomy, dismissed the point for the moment with calm “I see.” Then leaning his cheek on his joined hands:

“Well then – speaking privately if you like – how long have you been in private touch with this Embassy spy?”

To this inquiry the private answer of the Chief Inspector, so private that it was never shaped into audible words, was:

“Long before you were even thought of for your place here.”

The so-to-speak public utterance was much more precise.

“I saw him for the first time in my life a little more than seven years ago, when two Imperial Highnesses and the Imperial Chancellor were on a visit here. I was put in charge of all the arrangements for

looking after them. Baron Stott-Wartenheim was Ambassador then. He was a very nervous old gentleman. One evening, three days before the Guildhall Banquet, he sent word that he wanted to see me for a moment. I was downstairs, and the carriages were at the door to take the Imperial Highnesses and the Chancellor to the opera. I went up at once. I found the Baron walking up and down his bedroom in a pitiable state of distress, squeezing his hands together. He assured me he had the fullest confidence in our police and in my abilities, but he had there a man just come over from Paris whose information could be trusted simplicity. He wanted me to hear what that man had to say. He took me at once into a dressing-room next door, where I saw a big fellow in a heavy overcoat sitting all alone on a chair, and holding his hat and stick in one hand. The Baron said to him in French 'Speak, my friend.' The light in that room was not very good. I talked with him for some five minutes perhaps. He certainly gave me a piece of very startling news. Then the Baron took me aside nervously to praise him up to me, and when I turned round again I discovered that the fellow had vanished like a ghost. Got up and sneaked out down some back stairs, I suppose. There was no time to run after him, as I had to hurry off after the Ambassador down the great staircase, and see the party started safe for the opera. However, I acted upon the information that very night. Whether it was perfectly correct or not, it did look serious enough. Very likely it saved us from an ugly trouble on the day of the Imperial visit to the City.

"Some time later, a month or so after my promotion to Chief Inspector, my attention was attracted to a big burly man, I thought I had seen somewhere before, coming out in a hurry from a jeweller's shop in the Strand. I went after him, as it was on my way towards Charing Cross, and there seeing one of our detectives across the road, I beckoned him over, and pointed out the fellow to him, with instructions to watch his movements for a couple of days, and then report to me. No later than next afternoon my man turned up to tell me that the fellow had married his landlady's daughter at a registrar's office that very day at 11.30 a.m., and had gone off with her to Margate for a week. Our man had seen the luggage being put on the cab. There

were some old Paris labels on one of the bags. Somehow I couldn't get the fellow out of my head, and the very next time I had to go to Paris on service I spoke about him to that friend of mine in the Paris police. My friend said: 'From what you tell me I think you must mean a rather well-known hanger-on and emissary of the Revolutionary Red Committee. He says he is an Englishman by birth. We have an idea that he has been for a good few years now a secret agent of one of the foreign Embassies in London.' This woke up my memory completely. He was the vanishing fellow I saw sitting on a chair in Baron Stott-Wartenheim's bathroom. I told my friend that he was quite right. The fellow was a secret agent to my certain knowledge. Afterwards my friend took the trouble to ferret out the complete record of that man for me. I thought I had better know all there was to know; but I don't suppose you want to hear his history now, sir?"

The Assistant Commissioner shook his supported head. "The history of your relations with that useful personage is the only thing that matters just now," he said, closing slowly his weary, deep-set eyes, and then opening them swiftly with a greatly refreshed glance.

"There's nothing official about them," said the Chief Inspector bitterly. "I went into his shop one evening, told him who I was, and reminded him of our first meeting. He didn't as much as twitch an eyebrow. He said that he was married and settled now, and that all he wanted was not to be interfered in his little business. I took it upon myself to promise him that, as long as he didn't go in for anything obviously outrageous, he would be left alone by the police. That was worth something to him, because a word from us to the Custom-House people would have been enough to get some of these packages he gets from Paris and Brussels opened in Dover, with confiscation to follow for certain, and perhaps a prosecution as well at the end of it."

"That's a very precarious trade," murmured the Assistant Commissioner. "Why did he go in for that?"

The Chief Inspector raised scornful eyebrows dispassionately.

"Most likely got a connection – friends on the Continent – amongst people who deal in such wares. They would be just the sort he

would consort with. He's a lazy dog, too – like the rest of them.”

“What do you get from him in exchange for your protection?”

The Chief Inspector was not inclined to enlarge on the value of Mr Verloc's services.

“He would not be much good to anybody but myself. One has got to know a good deal beforehand to make use of a man like that. I can understand the sort of hint he can give. And when I want a hint he can generally furnish it to me.”

The Chief Inspector lost himself suddenly in a discreet reflective mood; and the Assistant Commissioner repressed a smile at the fleeting thought that the reputation of Chief Inspector Heat might possibly have been made in a great part by the Secret Agent Verloc.

“In a more general way of being of use, all our men of the Special Crimes section on duty at Charing Cross and Victoria have orders to take careful notice of anybody they may see with him. He meets the new arrivals frequently, and afterwards keeps track of them. He seems to have been told off for that sort of duty. When I want an address in a hurry, I can always get it from him. Of course, I know how to manage our relations. I haven't seen him to speak to three times in the last two years. I drop him a line, unsigned, and he answers me in the same way at my private address.”

From time to time the Assistant Commissioner gave an almost imperceptible nod. The Chief Inspector added that he did not suppose Mr Verloc to be deep in the confidence of the prominent members of the Revolutionary International Council, but that he was generally trusted of that there could be no doubt. “Whenever I've had reason to think there was something in the wind,” he concluded, “I've always found he could tell me something worth knowing.”

The Assistant Commissioner made a significant remark.

“He failed you this time.”

“Neither had I wind of anything in any other way,” retorted Chief Inspector Heat. “I asked him nothing, so he could tell me nothing. He isn't one of our men. It isn't as if he were in our pay.”



“No,” muttered the Assistant Commissioner. “He’s a spy in the pay of a foreign government. We could never confess to him.”

“I must do my work in my own way,” declared the Chief Inspector. “When it comes to that I would deal with the devil himself, and take the consequences. There are things not fit for everybody to know.”

“Your idea of secrecy seems to consist in keeping the chief of your department in the dark. That’s stretching it perhaps a little too far, isn’t it? He lives over his shop?”

“Who – Verloc? Oh yes. He lives over his shop. The wife’s mother, I fancy, lives with them.”

“Is the house watched?”

“Oh dear, no. It wouldn’t do. Certain people who come there are watched. My opinion is that he knows nothing of this affair.”

“How do you account for this?” The Assistant Commissioner nodded at the cloth rag lying before him on the table.

“I don’t account for it at all, sir. It’s simply unaccountable. It can’t be explained by what I know.” The Chief Inspector made those admissions with the frankness of a man whose reputation is established as if on a rock. “At any rate not at this present moment. I think that the man who had most to do with it will turn out to be Michaelis.”

“You do?”

“Yes, sir; because I can answer for all the others.”

“What about that other man supposed to have escaped from the park?”

“I should think he’s far away by this time,” opined the Chief Inspector.

The Assistant Commissioner looked hard at him, and rose suddenly, as though having made up his mind to some course of action. As a matter of fact, he had that very moment succumbed to a fascinating temptation. The Chief Inspector heard himself dismissed

with instructions to meet his superior early next morning for further consultation upon the case. He listened with an impenetrable face, and walked out of the room with measured steps.

Whatever might have been the plans of the Assistant Commissioner they had nothing to do with that desk work, which was the bane of his existence because of its confined nature and apparent lack of reality. It could not have had, or else the general air of alacrity that came upon the Assistant Commissioner would have been inexplicable. As soon as he was left alone he looked for his hat impulsively, and put it on his head. Having done that, he sat down again to reconsider the whole matter. But as his mind was already made up, this did not take long. And before Chief Inspector Heat had gone very far on the way home, he also left the building.

## CHAPTER VII

The Assistant Commissioner walked along a short and narrow street like a wet, muddy trench, then crossing a very broad thoroughfare entered a public edifice, and sought speech with a young private secretary (unpaid) of a great personage.

This fair, smooth-faced young man, whose symmetrically arranged hair gave him the air of a large and neat schoolboy, met the Assistant Commissioner's request with a doubtful look, and spoke with bated breath.

"Would he see you? I don't know about that. He has walked over from the House an hour ago to talk with the permanent Under-Secretary, and now he's ready to walk back again. He might have sent for him; but he does it for the sake of a little exercise, I suppose. It's all the exercise he can find time for while this session lasts. I don't complain; I rather enjoy these little strolls. He leans on my arm, and doesn't open, his lips. But, I say, he's very tired, and – well – not in the sweetest of tempers just now."

"It's in connection with that Greenwich affair."

"Oh! I say! He's very bitter against you people. But I will go and see, if you insist."

"Do. That's a good fellow," said the Assistant Commissioner.

The unpaid secretary admired this pluck. Composing for himself an innocent face, he opened a door, and went in with the assurance of a nice and privileged child. And presently he reappeared, with a nod to the Assistant Commissioner, who passing through the same door left open for him, found himself with the great personage in a large room.

Vast in bulk and stature, with a long white face, which, broadened at the base by a big double chin, appeared egg-shaped in the fringe of thin greyish whisker, the great personage seemed an expanding man. Unfortunate from a tailoring point of view, the cross-folds in the middle of a buttoned black coat added to the impression, as if the fastenings of the garment were tried to the utmost. From the

head, set upward on a thick neck, the eyes, with puffy lower lids, stared with a haughty droop on each side of a hooked aggressive nose, nobly salient in the vast pale circumference of the face. A shiny silk hat and a pair of worn gloves lying ready on the end of a long table looked expanded too, enormous.

He stood on the hearthrug in big, roomy boots, and uttered no word of greeting.

“I would like to know if this is the beginning of another dynamite campaign,” he asked at once in a deep, very smooth voice. “Don’t go into details. I have no time for that.”

The Assistant Commissioner’s figure before this big and rustic Presence had the frail slenderness of a reed addressing an oak. And indeed the unbroken record of that man’s descent surpassed in the number of centuries the age of the oldest oak in the country.

“No. As far as one can be positive about anything I can assure you that it is not.”

“Yes. But your idea of assurances over there,” said the great man, with a contemptuous wave of his hand towards a window giving on the broad thoroughfare, “seems to consist mainly in making the Secretary of State look a fool. I have been told positively in this very room less than a month ago that nothing of the sort was even possible.”

The Assistant Commissioner glanced in the direction of the window calmly.

“You will allow me to remark, Sir Ethelred, that so far I have had no opportunity to give you assurances of any kind.”

The haughty droop of the eyes was focussed now upon the Assistant Commissioner.

“True,” confessed the deep, smooth voice. “I sent for Heat. You are still rather a novice in your new berth. And how are you getting on over there?”

“I believe I am learning something every day.”

“Of course, of course. I hope you will get on.”

“Thank you, Sir Ethelred. I’ve learned something today, and even within the last hour or so. There is much in this affair of a kind that does not meet the eye in a usual anarchist outrage, even if one looked into it as deep as can be. That’s why I am here.”

The great man put his arms akimbo, the backs of his big hands resting on his hips.

“Very well. Go on. Only no details, pray. Spare me the details.”

“You shall not be troubled with them, Sir Ethelred,” the Assistant Commissioner began, with a calm and untroubled assurance. While he was speaking the hands on the face of the clock behind the great man’s back – a heavy, glistening affair of massive scrolls in the same dark marble as the mantelpiece, and with a ghostly, evanescent tick – had moved through the space of seven minutes. He spoke with a studious fidelity to a parenthetical manner, into which every little fact – that is, every detail – fitted with delightful ease. Not a murmur nor even a movement hinted at interruption. The great Personage might have been the statue of one of his own princely ancestors stripped of a crusader’s war harness, and put into an ill-fitting frock coat. The Assistant Commissioner felt as though he were at liberty to talk for an hour. But he kept his head, and at the end of the time mentioned above he broke off with a sudden conclusion, which, reproducing the opening statement, pleasantly surprised Sir Ethelred by its apparent swiftness and force.

“The kind of thing which meets us under the surface of this affair, otherwise without gravity, is unusual – in this precise form at least – and requires special treatment.”

The tone of Sir Ethelred was deepened, full of conviction.

“I should think so – involving the Ambassador of a foreign power!”

“Oh! The Ambassador!” protested the other, erect and slender, allowing himself a mere half smile. “It would be stupid of me to advance anything of the kind. And it is absolutely unnecessary, because if I am right in my surmises, whether ambassador or hall porter it’s a mere detail.”

Sir Ethelred opened a wide mouth, like a cavern, into which the hooked nose seemed anxious to peer; there came from it a subdued rolling sound, as from a distant organ with the scornful indignation stop.

“No! These people are too impossible. What do they mean by importing their methods of Crim-Tartary here? A Turk would have more decency.”

“You forget, Sir Ethelred, that strictly speaking we know nothing positively – as yet.”

“No! But how would you define it? Shortly?”

“Barefaced audacity amounting to childishness of a peculiar sort.”

“We can’t put up with the innocence of nasty little children,” said the great and expanded personage, expanding a little more, as it were. The haughty drooping glance struck crushingly the carpet at the Assistant Commissioner’s feet. “They’ll have to get a hard rap on the knuckles over this affair. We must be in a position to – What is your general idea, stated shortly? No need to go into details.”

“No, Sir Ethelred. In principle, I should lay it down that the existence of secret agents should not be tolerated, as tending to augment the positive dangers of the evil against which they are used. That the spy will fabricate his information is a mere commonplace. But in the sphere of political and revolutionary action, relying partly on violence, the professional spy has every facility to fabricate the very facts themselves, and will spread the double evil of emulation in one direction, and of panic, hasty legislation, unreflecting hate, on the other. However, this is an imperfect world – ”

The deep-voiced Presence on the hearthrug, motionless, with big elbows stuck out, said hastily:

“Be lucid, please.”

“Yes, Sir Ethelred – An imperfect world. Therefore directly the character of this affair suggested itself to me, I thought it should be dealt with special secrecy, and ventured to come over here.”

“That’s right,” approved the great Personage, glancing down complacently over his double chin. “I am glad there’s somebody over at your shop who thinks that the Secretary of State may be trusted now and then.”

The Assistant Commissioner had an amused smile.

“I was really thinking that it might be better at this stage for Heat to be replaced by – ”

“What! Heat? An ass – eh?” exclaimed the great man, with distinct animosity.

“Not at all. Pray, Sir Ethelred, don’t put that unjust interpretation on my remarks.”

“Then what? Too clever by half?”

“Neither – at least not as a rule. All the grounds of my surmises I have from him. The only thing I’ve discovered by myself is that he has been making use of that man privately. Who could blame him? He’s an old police hand. He told me virtually that he must have tools to work with. It occurred to me that this tool should be surrendered to the Special Crimes division as a whole, instead of remaining the private property of Chief Inspector Heat. I extend my conception of our departmental duties to the suppression of the secret agent. But Chief Inspector Heat is an old departmental hand. He would accuse me of perverting its morality and attacking its efficiency. He would define it bitterly as protection extended to the criminal class of revolutionists. It would mean just that to him.”

“Yes. But what do you mean?”

“I mean to say, first, that there’s but poor comfort in being able to declare that any given act of violence – damaging property or destroying life – is not the work of anarchism at all, but of something else altogether – some species of authorised scoundrelism. This, I fancy, is much more frequent than we suppose. Next, it’s obvious that the existence of these people in the pay of foreign governments destroys in a measure the efficiency of our supervision. A spy of that sort can afford to be more reckless than the most reckless of conspirators. His

occupation is free from all restraint. He's without as much faith as is necessary for complete negation, and without that much law as is implied in lawlessness. Thirdly, the existence of these spies amongst the revolutionary groups, which we are reproached for harbouring here, does away with all certitude. You have received a reassuring statement from Chief Inspector Heat some time ago. It was by no means groundless – and yet this episode happens. I call it an episode, because this affair, I make bold to say, is episodic; it is no part of any general scheme, however wild. The very peculiarities which surprise and perplex Chief Inspector Heat establish its character in my eyes. I am keeping clear of details, Sir Ethelred."

The Personage on the hearthrug had been listening with profound attention.

"Just so. Be as concise as you can."

The Assistant Commissioner intimated by an earnest deferential gesture that he was anxious to be concise.

"There is a peculiar stupidity and feebleness in the conduct of this affair which gives me excellent hopes of getting behind it and finding there something else than an individual freak of fanaticism. For it is a planned thing, undoubtedly. The actual perpetrator seems to have been led by the hand to the spot, and then abandoned hurriedly to his own devices. The inference is that he was imported from abroad for the purpose of committing this outrage. At the same time one is forced to the conclusion that he did not know enough English to ask his way, unless one were to accept the fantastic theory that he was a deaf mute. I wonder now – But this is idle. He has destroyed himself by an accident, obviously. Not an extraordinary accident. But an extraordinary little fact remains: the address on his clothing discovered by the merest accident, too. It is an incredible little fact, so incredible that the explanation which will account for it is bound to touch the bottom of this affair. Instead of instructing Heat to go on with this case, my intention is to seek this explanation personally – by myself, I mean where it may be picked up. That is in a certain shop in Brett Street, and on the lips of a certain secret agent once upon a time the



confidential and trusted spy of the late Baron Stott-Wartenheim, Ambassador of a Great Power to the Court of St James.”

The Assistant Commissioner paused, then added: “Those fellows are a perfect pest.” In order to raise his drooping glance to the speaker’s face, the Personage on the hearthrug had gradually tilted his head farther back, which gave him an aspect of extraordinary haughtiness.

“Why not leave it to Heat?”

“Because he is an old departmental hand. They have their own morality. My line of inquiry would appear to him an awful perversion of duty. For him the plain duty is to fasten the guilt upon as many prominent anarchists as he can on some slight indications he had picked up in the course of his investigation on the spot; whereas I, he would say, am bent upon vindicating their innocence. I am trying to be as lucid as I can in presenting this obscure matter to you without details.”

“He would, would he?” muttered the proud head of Sir Ethelred from its lofty elevation.

“I am afraid so – with an indignation and disgust of which you or I can have no idea. He’s an excellent servant. We must not put an undue strain on his loyalty. That’s always a mistake. Besides, I want a free hand – a freer hand than it would be perhaps advisable to give Chief Inspector Heat. I haven’t the slightest wish to spare this man Verloc. He will, I imagine, be extremely startled to find his connection with this affair, whatever it may be, brought home to him so quickly. Frightening him will not be very difficult. But our true objective lies behind him somewhere. I want your authority to give him such assurances of personal safety as I may think proper.”

“Certainly,” said the Personage on the hearthrug. “Find out as much as you can; find it out in your own way.”

“I must set about it without loss of time, this very evening,” said the Assistant Commissioner.

Sir Ethelred shifted one hand under his coat tails, and tilting back his head, looked at him steadily.

“We’ll have a late sitting tonight,” he said. “Come to the House with your discoveries if we are not gone home. I’ll warn Toodles to look out for you. He’ll take you into my room.”

The numerous family and the wide connections of the youthful-looking Private Secretary cherished for him the hope of an austere and exalted destiny. Meantime the social sphere he adorned in his hours of idleness chose to pet him under the above nickname. And Sir Ethelred, hearing it on the lips of his wife and girls every day (mostly at breakfast-time), had conferred upon it the dignity of unsmiling adoption.

The Assistant Commissioner was surprised and gratified extremely.

“I shall certainly bring my discoveries to the House on the chance of you having the time to – ”

“I won’t have the time,” interrupted the great Personage. “But I will see you. I haven’t the time now – And you are going yourself?”

“Yes, Sir Ethelred. I think it the best way.”

The Personage had tilted his head so far back that, in order to keep the Assistant Commissioner under his observation, he had to nearly close his eyes.

“H’m. Ha! And how do you propose – Will you assume a disguise?”

“Hardly a disguise! I’ll change my clothes, of course.”

“Of course,” repeated the great man, with a sort of absent-minded loftiness. He turned his big head slowly, and over his shoulder gave a haughty oblique stare to the ponderous marble timepiece with the sly, feeble tick. The gilt hands had taken the opportunity to steal through no less than five and twenty minutes behind his back.

The Assistant Commissioner, who could not see them, grew a little nervous in the interval. But the great man presented to him a calm and undismayed face.

“Very well,” he said, and paused, as if in deliberate contempt of the official clock. “But what first put you in motion in this direction?”

“I have been always of opinion,” began the Assistant Commissioner.

“Ah. Yes! Opinion. That’s of course. But the immediate motive?”

“What shall I say, Sir Ethelred? A new man’s antagonism to old methods. A desire to know something at first hand. Some impatience. It’s my old work, but the harness is different. It has been chafing me a little in one or two tender places.”

“I hope you’ll get on over there,” said the great man kindly, extending his hand, soft to the touch, but broad and powerful like the hand of a glorified farmer. The Assistant Commissioner shook it, and withdrew.

In the outer room Toodles, who had been waiting perched on the edge of a table, advanced to meet him, subduing his natural buoyancy.

“Well? Satisfactory?” he asked, with airy importance.

“Perfectly. You’ve earned my undying gratitude,” answered the Assistant Commissioner, whose long face looked wooden in contrast with the peculiar character of the other’s gravity, which seemed perpetually ready to break into ripples and chuckles.

“That’s all right. But seriously, you can’t imagine how irritated he is by the attacks on his Bill for the Nationalisation of Fisheries. They call it the beginning of social revolution. Of course, it is a revolutionary measure. But these fellows have no decency. The personal attacks – ”

“I read the papers,” remarked the Assistant Commissioner.

“Odious? Eh? And you have no notion what a mass of work he has got to get through every day. He does it all himself. Seems unable to trust anyone with these Fisheries.”

“And yet he’s given a whole half hour to the consideration of my very small sprat,” interjected the Assistant Commissioner.

“Small! Is it? I’m glad to hear that. But it’s a pity you didn’t keep away, then. This fight takes it out of him frightfully. The man’s getting exhausted. I feel it by the way he leans on my arm as we walk over. And, I say, is he safe in the streets? Mullins has been marching his men up here this afternoon. There’s a constable stuck by every lamp-post, and every second person we meet between this and Palace Yard is an obvious ‘tec.’ It will get on his nerves presently. I say, these foreign scoundrels aren’t likely to throw something at him – are they? It would be a national calamity. The country can’t spare him.”

“Not to mention yourself. He leans on your arm,” suggested the Assistant Commissioner soberly. “You would both go.”

“It would be an easy way for a young man to go down into history? Not so many British Ministers have been assassinated as to make it a minor incident. But seriously now – ”

“I am afraid that if you want to go down into history you’ll have to do something for it. Seriously, there’s no danger whatever for both of you but from overwork.”

The sympathetic Toodles welcomed this opening for a chuckle.

“The Fisheries won’t kill me. I am used to late hours,” he declared, with ingenuous levity. But, feeling an instant compunction, he began to assume an air of statesman-like moodiness, as one draws on a glove. “His massive intellect will stand any amount of work. It’s his nerves that I am afraid of. The reactionary gang, with that abusive brute Cheeseman at their head, insult him every night.”

“If he will insist on beginning a revolution!” murmured the Assistant Commissioner.

“The time has come, and he is the only man great enough for the work,” protested the revolutionary Toodles, flaring up under the calm, speculative gaze of the Assistant Commissioner. Somewhere in a corridor a distant bell tinkled urgently, and with devoted vigilance the young man pricked up his ears at the sound. “He’s ready to go now,” he exclaimed in a whisper, snatched up his hat, and vanished from the room.

The Assistant Commissioner went out by another door in a less elastic manner. Again he crossed the wide thoroughfare, walked along a narrow street, and re-entered hastily his own departmental buildings. He kept up this accelerated pace to the door of his private room. Before he had closed it fairly his eyes sought his desk. He stood still for a moment, then walked up, looked all round on the floor, sat down in his chair, rang a bell, and waited.

“Chief Inspector Heat gone yet?”

“Yes, sir. Went away half-an-hour ago.”

He nodded. “That will do.” And sitting still, with his hat pushed off his forehead, he thought that it was just like Heat’s confounded cheek to carry off quietly the only piece of material evidence. But he thought this without animosity. Old and valued servants will take liberties. The piece of overcoat with the address sewn on was certainly not a thing to leave about. Dismissing from his mind this manifestation of Chief Inspector Heat’s mistrust, he wrote and despatched a note to his wife, charging her to make his apologies to Michaelis’ great lady, with whom they were engaged to dine that evening.

The short jacket and the low, round hat he assumed in a sort of curtained alcove containing a washstand, a row of wooden pegs and a shelf, brought out wonderfully the length of his grave, brown face. He stepped back into the full light of the room, looking like the vision of a cool, reflective Don Quixote, with the sunken eyes of a dark enthusiast and a very deliberate manner. He left the scene of his daily labours quickly like an unobtrusive shadow. His descent into the street was like the descent into a slimy aquarium from which the water had been run off. A murky, gloomy dampness enveloped him. The walls of the houses were wet, the mud of the roadway glistened with an effect of phosphorescence, and when he emerged into the Strand out of a narrow street by the side of Charing Cross Station the genius of the locality assimilated him. He might have been but one more of the queer foreign fish that can be seen of an evening about there flitting round the dark corners.

He came to a stand on the very edge of the pavement, and waited. His exercised eyes had made out in the confused movements of lights and shadows thronging the roadway the crawling approach of a hansom. He gave no sign; but when the low step gliding along the curbstone came to his feet he dodged in skilfully in front of the big turning wheel, and spoke up through the little trap door almost before the man gazing supinely ahead from his perch was aware of having been boarded by a fare.

It was not a long drive. It ended by signal abruptly, nowhere in particular, between two lamp-posts before a large drapery establishment – a long range of shops already lapped up in sheets of corrugated iron for the night. Tendering a coin through the trap door the fare slipped out and away, leaving an effect of uncanny, eccentric ghastliness upon the driver's mind. But the size of the coin was satisfactory to his touch, and his education not being literary, he remained untroubled by the fear of finding it presently turned to a dead leaf in his pocket. Raised above the world of fares by the nature of his calling, he contemplated their actions with a limited interest. The sharp pulling of his horse right round expressed his philosophy.

Meantime the Assistant Commissioner was already giving his order to a waiter in a little Italian restaurant round the corner – one of those traps for the hungry, long and narrow, baited with a perspective of mirrors and white napery; without air, but with an atmosphere of their own – an atmosphere of fraudulent cookery mocking an abject mankind in the most pressing of its miserable necessities. In this immoral atmosphere the Assistant Commissioner, reflecting upon his enterprise, seemed to lose some more of his identity. He had a sense of loneliness, of evil freedom. It was rather pleasant. When, after paying for his short meal, he stood up and waited for his change, he saw himself in the sheet of glass, and was struck by his foreign appearance. He contemplated his own image with a melancholy and inquisitive gaze, then by sudden inspiration raised the collar of his jacket. This arrangement appeared to him commendable, and he completed it by giving an upward twist to the ends of his black moustache. He was satisfied by the subtle modification of his personal aspect caused by

these small changes. "That'll do very well," he thought. "I'll get a little wet, a little splashed – "

He became aware of the waiter at his elbow and of a small pile of silver coins on the edge of the table before him. The waiter kept one eye on it, while his other eye followed the long back of a tall, not very young girl, who passed up to a distant table looking perfectly sightless and altogether unapproachable. She seemed to be a habitual customer.

On going out the Assistant Commissioner made to himself the observation that the patrons of the place had lost in the frequentation of fraudulent cookery all their national and private characteristics. And this was strange, since the Italian restaurant is such a peculiarly British institution. But these people were as denationalised as the dishes set before them with every circumstance of unstamped respectability. Neither was their personality stamped in any way, professionally, socially or racially. They seemed created for the Italian restaurant, unless the Italian restaurant had been perchance created for them. But that last hypothesis was unthinkable, since one could not place them anywhere outside those special establishments. One never met these enigmatical persons elsewhere. It was impossible to form a precise idea what occupations they followed by day and where they went to bed at night. And he himself had become unplaced. It would have been impossible for anybody to guess his occupation. As to going to bed, there was a doubt even in his own mind. Not indeed in regard to his domicile itself, but very much so in respect of the time when he would be able to return there. A pleasurable feeling of independence possessed him when he heard the glass doors swing to behind his back with a sort of imperfect baffled thud. He advanced at once into an immensity of greasy slime and damp plaster interspersed with lamps, and enveloped, oppressed, penetrated, choked, and suffocated by the blackness of a wet London night, which is composed of soot and drops of water.

Brett Street was not very far away. It branched off, narrow, from the side of an open triangular space surrounded by dark and mysterious houses, temples of petty commerce emptied of traders for the night. Only a fruiterer's stall at the corner made a violent blaze of

light and colour. Beyond all was black, and the few people passing in that direction vanished at one stride beyond the glowing heaps of oranges and lemons. No footsteps echoed. They would never be heard of again. The adventurous head of the Special Crimes Department watched these disappearances from a distance with an interested eye. He felt light-hearted, as though he had been ambushed all alone in a jungle many thousands of miles away from departmental desks and official inkstands. This joyousness and dispersion of thought before a task of some importance seems to prove that this world of ours is not such a very serious affair after all. For the Assistant Commissioner was not constitutionally inclined to levity.

The policeman on the beat projected his sombre and moving form against the luminous glory of oranges and lemons, and entered Brett Street without haste. The Assistant Commissioner, as though he were a member of the criminal classes, lingered out of sight, awaiting his return. But this constable seemed to be lost for ever to the force. He never returned: must have gone out at the other end of Brett Street.

The Assistant Commissioner, reaching this conclusion, entered the street in his turn, and came upon a large van arrested in front of the dimly lit window-panes of a carter's eating-house. The man was refreshing himself inside, and the horses, their big heads lowered to the ground, fed out of nose-bags steadily. Farther on, on the opposite side of the street, another suspect patch of dim light issued from Mr Verloc's shop front, hung with papers, heaving with vague piles of cardboard boxes and the shapes of books. The Assistant Commissioner stood observing it across the roadway. There could be no mistake. By the side of the front window, encumbered by the shadows of nondescript things, the door, standing ajar, let escape on the pavement a narrow, clear streak of gas-light within.

Behind the Assistant Commissioner the van and horses, merged into one mass, seemed something alive – a square-backed black monster blocking half the street, with sudden iron-shod stampings, fierce jingles, and heavy, blowing sighs. The harshly festive, ill-omened glare of a large and prosperous public-house faced the other end of Brett Street across a wide road. This barrier of blazing lights, opposing



the shadows gathered about the humble abode of Mr Verloc's domestic happiness, seemed to drive the obscurity of the street back upon itself, make it more sullen, brooding, and sinister.

## CHAPTER VIII

Having infused by persistent importunities some sort of heat into the chilly interest of several licensed victuallers (the acquaintances once upon a time of her late unlucky husband), Mrs Verloc's mother had at last secured her admission to certain almshouses founded by a wealthy innkeeper for the destitute widows of the trade.

This end, conceived in the astuteness of her uneasy heart, the old woman had pursued with secrecy and determination. That was the time when her daughter Winnie could not help passing a remark to Mr Verloc that "mother has been spending half-crowns and five shillings almost every day this last week in cab fares." But the remark was not made grudgingly. Winnie respected her mother's infirmities. She was only a little surprised at this sudden mania for locomotion. Mr Verloc, who was sufficiently magnificent in his way, had grunted the remark impatiently aside as interfering with his meditations. These were frequent, deep, and prolonged; they bore upon a matter more important than five shillings. Distinctly more important, and beyond all comparison more difficult to consider in all its aspects with philosophical serenity.

Her object attained in astute secrecy, the heroic old woman had made a clean breast of it to Mrs Verloc. Her soul was triumphant and her heart tremulous. Inwardly she quaked, because she dreaded and admired the calm, self-contained character of her daughter Winnie, whose displeasure was made redoubtable by a diversity of dreadful silences. But she did not allow her inward apprehensions to rob her of the advantage of venerable placidity conferred upon her outward person by her triple chin, the floating ampleness of her ancient form, and the impotent condition of her legs.

The shock of the information was so unexpected that Mrs Verloc, against her usual practice when addressed, interrupted the domestic occupation she was engaged upon. It was the dusting of the furniture in the parlour behind the shop. She turned her head towards her mother.

“Whatever did you want to do that for?” she exclaimed, in scandalised astonishment.

The shock must have been severe to make her depart from that distant and uninquiring acceptance of facts which was her force and her safeguard in life.

“Weren’t you made comfortable enough here?”

She had lapsed into these inquiries, but next moment she saved the consistency of her conduct by resuming her dusting, while the old woman sat scared and dumb under her dingy white cap and lustreless dark wig.

Winnie finished the chair, and ran the duster along the mahogany at the back of the horse-hair sofa on which Mr Verloc loved to take his ease in hat and overcoat. She was intent on her work, but presently she permitted herself another question.

“How in the world did you manage it, mother?”

As not affecting the inwardness of things, which it was Mrs Verloc’s principle to ignore, this curiosity was excusable. It bore merely on the methods. The old woman welcomed it eagerly as bringing forward something that could be talked about with much sincerity.

She favoured her daughter by an exhaustive answer, full of names and enriched by side comments upon the ravages of time as observed in the alteration of human countenances. The names were principally the names of licensed victuallers – “poor daddy’s friends, my dear.” She enlarged with special appreciation on the kindness and condescension of a large brewer, a Baronet and an M. P., the Chairman of the Governors of the Charity. She expressed herself thus warmly because she had been allowed to interview by appointment his Private Secretary – “a very polite gentleman, all in black, with a gentle, sad voice, but so very, very thin and quiet. He was like a shadow, my dear.”

Winnie, prolonging her dusting operations till the tale was told to the end, walked out of the parlour into the kitchen (down two steps) in her usual manner, without the slightest comment.

Shedding a few tears in sign of rejoicing at her daughter's mansuetude in this terrible affair, Mrs Verloc's mother gave play to her astuteness in the direction of her furniture, because it was her own; and sometimes she wished it hadn't been. Heroism is all very well, but there are circumstances when the disposal of a few tables and chairs, brass bedsteads, and so on, may be big with remote and disastrous consequences. She required a few pieces herself, the Foundation which, after many importunities, had gathered her to its charitable breast, giving nothing but bare planks and cheaply papered bricks to the objects of its solicitude. The delicacy guiding her choice to the least valuable and most dilapidated articles passed unacknowledged, because Winnie's philosophy consisted in not taking notice of the inside of facts; she assumed that mother took what suited her best. As to Mr Verloc, his intense meditation, like a sort of Chinese wall, isolated him completely from the phenomena of this world of vain effort and illusory appearances.

Her selection made, the disposal of the rest became a perplexing question in a particular way. She was leaving it in Brett Street, of course. But she had two children. Winnie was provided for by her sensible union with that excellent husband, Mr Verloc. Stevie was destitute – and a little peculiar. His position had to be considered before the claims of legal justice and even the promptings of partiality. The possession of the furniture would not be in any sense a provision. He ought to have it – the poor boy. But to give it to him would be like tampering with his position of complete dependence. It was a sort of claim which she feared to weaken. Moreover, the susceptibilities of Mr Verloc would perhaps not brook being beholden to his brother-in-law for the chairs he sat on. In a long experience of gentlemen lodgers, Mrs Verloc's mother had acquired a dismal but resigned notion of the fantastic side of human nature. What if Mr Verloc suddenly took it into his head to tell Stevie to take his blessed sticks somewhere out of that? A division, on the other hand, however carefully made, might give some cause of offence to Winnie. No, Stevie must remain destitute and dependent. And at the moment of leaving Brett Street she had said to

her daughter: "No use waiting till I am dead, is there? Everything I leave here is altogether your own now, my dear."

Winnie, with her hat on, silent behind her mother's back, went on arranging the collar of the old woman's cloak. She got her hand-bag, an umbrella, with an impassive face. The time had come for the expenditure of the sum of three-and-sixpence on what might well be supposed the last cab drive of Mrs Verloc's mother's life. They went out at the shop door.

The conveyance awaiting them would have illustrated the proverb that "truth can be more cruel than caricature," if such a proverb existed. Crawling behind an infirm horse, a metropolitan hackney carriage drew up on wobbly wheels and with a maimed driver on the box. This last peculiarity caused some embarrassment. Catching sight of a hooked iron contrivance protruding from the left sleeve of the man's coat, Mrs Verloc's mother lost suddenly the heroic courage of these days. She really couldn't trust herself. "What do you think, Winnie?" She hung back. The passionate expostulations of the big-faced cabman seemed to be squeezed out of a blocked throat. Leaning over from his box, he whispered with mysterious indignation. What was the matter now? Was it possible to treat a man so? His enormous and unwashed countenance flamed red in the muddy stretch of the street. Was it likely they would have given him a licence, he inquired desperately, if –

The police constable of the locality quieted him by a friendly glance; then addressing himself to the two women without marked consideration, said:

"He's been driving a cab for twenty years. I never knew him to have an accident."

"Accident!" shouted the driver in a scornful whisper.

The policeman's testimony settled it. The modest assemblage of seven people, mostly under age, dispersed. Winnie followed her mother into the cab. Stevie climbed on the box. His vacant mouth and distressed eyes depicted the state of his mind in regard to the transactions which were taking place. In the narrow streets the

progress of the journey was made sensible to those within by the near fronts of the houses gliding past slowly and shakily, with a great rattle and jingling of glass, as if about to collapse behind the cab; and the infirm horse, with the harness hung over his sharp backbone flapping very loose about his thighs, appeared to be dancing mincingly on his toes with infinite patience. Later on, in the wider space of Whitehall, all visual evidences of motion became imperceptible. The rattle and jingle of glass went on indefinitely in front of the long Treasury building – and time itself seemed to stand still.

At last Winnie observed: “This isn’t a very good horse.”

Her eyes gleamed in the shadow of the cab straight ahead, immovable. On the box, Stevie shut his vacant mouth first, in order to ejaculate earnestly: “Don’t.”

The driver, holding high the reins twisted around the hook, took no notice. Perhaps he had not heard. Stevie’s breast heaved.

“Don’t whip.”

The man turned slowly his bloated and sodden face of many colours bristling with white hairs. His little red eyes glistened with moisture. His big lips had a violet tint. They remained closed. With the dirty back of his whip-hand he rubbed the stubble sprouting on his enormous chin.

“You mustn’t,” stammered out Stevie violently. “It hurts.”

“Mustn’t whip,” queried the other in a thoughtful whisper, and immediately whipped. He did this, not because his soul was cruel and his heart evil, but because he had to earn his fare. And for a time the walls of St Stephen’s, with its towers and pinnacles, contemplated in immobility and silence a cab that jingled. It rolled too, however. But on the bridge there was a commotion. Stevie suddenly proceeded to get down from the box. There were shouts on the pavement, people ran forward, the driver pulled up, whispering curses of indignation and astonishment. Winnie lowered the window, and put her head out, white as a ghost. In the depths of the cab, her mother was exclaiming, in tones of anguish: “Is that boy hurt? Is that boy hurt?”

Stevie was not hurt, he had not even fallen, but excitement as usual had robbed him of the power of connected speech. He could do no more than stammer at the window. "Too heavy. Too heavy." Winnie put out her hand on to his shoulder.

"Stevie! Get up on the box directly, and don't try to get down again."

"No. No. Walk. Must walk."

In trying to state the nature of that necessity he stammered himself into utter incoherence. No physical impossibility stood in the way of his whim. Stevie could have managed easily to keep pace with the infirm, dancing horse without getting out of breath. But his sister withheld her consent decisively. "The idea! Whoever heard of such a thing! Run after a cab!" Her mother, frightened and helpless in the depths of the conveyance, entreated: "Oh, don't let him, Winnie. He'll get lost. Don't let him."

"Certainly not. What next! Mr Verloc will be sorry to hear of this nonsense, Stevie, – I can tell you. He won't be happy at all."

The idea of Mr Verloc's grief and unhappiness acting as usual powerfully upon Stevie's fundamentally docile disposition, he abandoned all resistance, and climbed up again on the box, with a face of despair.

The cabby turned at him his enormous and inflamed countenance truculently. "Don't you go for trying this silly game again, young fellow."

After delivering himself thus in a stern whisper, strained almost to extinction, he drove on, ruminating solemnly. To his mind the incident remained somewhat obscure. But his intellect, though it had lost its pristine vivacity in the benumbing years of sedentary exposure to the weather, lacked not independence or sanity. Gravely he dismissed the hypothesis of Stevie being a drunken young nipper.

Inside the cab the spell of silence, in which the two women had endured shoulder to shoulder the jolting, rattling, and jingling of the journey, had been broken by Stevie's outbreak. Winnie raised her voice.

“You’ve done what you wanted, mother. You’ll have only yourself to thank for it if you aren’t happy afterwards. And I don’t think you’ll be. That I don’t. Weren’t you comfortable enough in the house? Whatever people’ll think of us – you throwing yourself like this on a Charity?”

“My dear,” screamed the old woman earnestly above the noise, “you’ve been the best of daughters to me. As to Mr Verloc – there – ”

Words failing her on the subject of Mr Verloc’s excellence, she turned her old tearful eyes to the roof of the cab. Then she averted her head on the pretence of looking out of the window, as if to judge of their progress. It was insignificant, and went on close to the curbstone. Night, the early dirty night, the sinister, noisy, hopeless and rowdy night of South London, had overtaken her on her last cab drive. In the gas-light of the low-fronted shops her big cheeks glowed with an orange hue under a black and mauve bonnet.

Mrs Verloc’s mother’s complexion had become yellow by the effect of age and from a natural predisposition to biliousness, favoured by the trials of a difficult and worried existence, first as wife, then as widow. It was a complexion that under the influence of a blush would take on an orange tint. And this woman, modest indeed but hardened in the fires of adversity, of an age, moreover, when blushes are not expected, had positively blushed before her daughter. In the privacy of a four-wheeler, on her way to a charity cottage (one of a row) which by the exiguity of its dimensions and the simplicity of its accommodation, might well have been devised in kindness as a place of training for the still more straitened circumstances of the grave, she was forced to hid from her own child a blush of remorse and shame.

Whatever people will think? She knew very well what they did think, the people Winnie had in her mind – the old friends of her husband, and others too, whose interest she had solicited with such flattering success. She had not known before what a good beggar she could be. But she guessed very well what inference was drawn from her application. On account of that shrinking delicacy, which exists side by side with aggressive brutality in masculine nature, the inquiries into



her circumstances had not been pushed very far. She had checked them by a visible compression of the lips and some display of an emotion determined to be eloquently silent. And the men would become suddenly incurious, after the manner of their kind. She congratulated herself more than once on having nothing to do with women, who being naturally more callous and avid of details, would have been anxious to be exactly informed by what sort of unkind conduct her daughter and son-in-law had driven her to that sad extremity. It was only before the Secretary of the great brewer M. P. and Chairman of the Charity, who, acting for his principal, felt bound to be conscientiously inquisitive as to the real circumstances of the applicant that she had burst into tears outright and aloud, as a cornered woman will weep. The thin and polite gentleman, after contemplating her with an air of being "struck all of a heap," abandoned his position under the cover of soothing remarks. She must not distress herself. The deed of the Charity did not absolutely specify "childless widows." In fact, it did not by any means disqualify her. But the discretion of the Committee must be an informed discretion. One could understand very well her unwillingness to be a burden, etc. etc. Thereupon, to his profound disappointment, Mrs Verloc's mother wept some more with an augmented vehemence.

The tears of that large female in a dark, dusty wig, and ancient silk dress festooned with dingy white cotton lace, were the tears of genuine distress. She had wept because she was heroic and unscrupulous and full of love for both her children. Girls frequently get sacrificed to the welfare of the boys. In this case she was sacrificing Winnie. By the suppression of truth she was slandering her. Of course, Winnie was independent, and need not care for the opinion of people that she would never see and who would never see her; whereas poor Stevie had nothing in the world he could call his own except his mother's heroism and unscrupulousness.

The first sense of security following on Winnie's marriage wore off in time (for nothing lasts), and Mrs Verloc's mother, in the seclusion of the back bedroom, had recalled the teaching of that experience which the world impresses upon a widowed woman. But

she had recalled it without vain bitterness; her store of resignation amounted almost to dignity. She reflected stoically that everything decays, wears out, in this world; that the way of kindness should be made easy to the well disposed; that her daughter Winnie was a most devoted sister, and a very self-confident wife indeed. As regards Winnie's sisterly devotion, her stoicism flinched. She excepted that sentiment from the rule of decay affecting all things human and some things divine. She could not help it; not to do so would have frightened her too much. But in considering the conditions of her daughter's married state, she rejected firmly all flattering illusions. She took the cold and reasonable view that the less strain put on Mr Verloc's kindness the longer its effects were likely to last. That excellent man loved his wife, of course, but he would, no doubt, prefer to keep as few of her relations as was consistent with the proper display of that sentiment. It would be better if its whole effect were concentrated on poor Stevie. And the heroic old woman resolved on going away from her children as an act of devotion and as a move of deep policy.

The "virtue" of this policy consisted in this (Mrs Verloc's mother was subtle in her way), that Stevie's moral claim would be strengthened. The poor boy – a good, useful boy, if a little peculiar – had not a sufficient standing. He had been taken over with his mother, somewhat in the same way as the furniture of the Belgravian mansion had been taken over, as if on the ground of belonging to her exclusively. What will happen, she asked herself (for Mrs Verloc's mother was in a measure imaginative), when I die? And when she asked herself that question it was with dread. It was also terrible to think that she would not then have the means of knowing what happened to the poor boy. But by making him over to his sister, by going thus away, she gave him the advantage of a directly dependent position. This was the more subtle sanction of Mrs Verloc's mother's heroism and unscrupulousness. Her act of abandonment was really an arrangement for settling her son permanently in life. Other people made material sacrifices for such an object, she in that way. It was the only way. Moreover, she would be able to see how it worked. Ill or well she

would avoid the horrible incertitude on the death-bed. But it was hard, hard, and cruelly hard.

The cab rattled, jingled, jolted; in fact, the last was quite extraordinary. By its disproportionate violence and magnitude it obliterated every sensation of onward movement; and the effect was of being shaken in a stationary apparatus like a medieval device for the punishment of crime, or some very newfangled invention for the cure of a sluggish liver. It was extremely distressing; and the raising of Mrs Verloc's mother's voice sounded like a wail of pain.

"I know, my dear, you'll come to see me as often as you can spare the time. Won't you?"

"Of course," answered Winnie shortly, staring straight before her.

And the cab jolted in front of a steamy, greasy shop in a blaze of gas and in the smell of fried fish.

The old woman raised a wail again.

"And, my dear, I must see that poor boy every Sunday. He won't mind spending the day with his old mother – "

Winnie screamed out stolidly:

"Mind! I should think not. That poor boy will miss you something cruel. I wish you had thought a little of that, mother."

Not think of it! The heroic woman swallowed a playful and inconvenient object like a billiard ball, which had tried to jump out of her throat. Winnie sat mute for a while, pouting at the front of the cab, then snapped out, which was an unusual tone with her:

"I expect I'll have a job with him at first, he'll be that restless – "

"Whatever you do, don't let him worry your husband, my dear."

Thus they discussed on familiar lines the bearings of a new situation. And the cab jolted. Mrs Verloc's mother expressed some misgivings. Could Stevie be trusted to come all that way alone? Winnie maintained that he was much less "absent-minded" now. They agreed as to that. It could not be denied. Much less – hardly at all. They

shouted at each other in the jingle with comparative cheerfulness. But suddenly the maternal anxiety broke out afresh. There were two omnibuses to take, and a short walk between. It was too difficult! The old woman gave way to grief and consternation.

Winnie stared forward.

“Don’t you upset yourself like this, mother. You must see him, of course.”

“No, my dear. I’ll try not to.”

She mopped her streaming eyes.

“But you can’t spare the time to come with him, and if he should forget himself and lose his way and somebody spoke to him sharply, his name and address may slip his memory, and he’ll remain lost for days and days – ”

The vision of a workhouse infirmary for poor Stevie – if only during inquiries – wrung her heart. For she was a proud woman. Winnie’s stare had grown hard, intent, inventive.

“I can’t bring him to you myself every week,” she cried. “But don’t you worry, mother. I’ll see to it that he don’t get lost for long.”

They felt a peculiar bump; a vision of brick pillars lingered before the rattling windows of the cab; a sudden cessation of atrocious jolting and uproarious jingling dazed the two women. What had happened? They sat motionless and scared in the profound stillness, till the door came open, and a rough, strained whispering was heard:

“Here you are!”

A range of gabled little houses, each with one dim yellow window, on the ground floor, surrounded the dark open space of a grass plot planted with shrubs and railed off from the patchwork of lights and shadows in the wide road, resounding with the dull rumble of traffic. Before the door of one of these tiny houses – one without a light in the little downstairs window – the cab had come to a standstill. Mrs Verloc’s mother got out first, backwards, with a key in her hand. Winnie lingered on the flagstone path to pay the cabman. Stevie, after helping to carry inside a lot of small parcels, came out and stood under

the light of a gas-lamp belonging to the Charity. The cabman looked at the pieces of silver, which, appearing very minute in his big, grimy palm, symbolised the insignificant results which reward the ambitious courage and toil of a mankind whose day is short on this earth of evil.

He had been paid decently – four one-shilling pieces – and he contemplated them in perfect stillness, as if they had been the surprising terms of a melancholy problem. The slow transfer of that treasure to an inner pocket demanded much laborious groping in the depths of decayed clothing. His form was squat and without flexibility. Stevie, slender, his shoulders a little up, and his hands thrust deep in the side pockets of his warm overcoat, stood at the edge of the path, pouting.

The cabman, pausing in his deliberate movements, seemed struck by some misty recollection.

“Oh! ’Ere you are, young fellow,” he whispered. “You’ll know him again – won’t you?”

Stevie was staring at the horse, whose hind quarters appeared unduly elevated by the effect of emaciation. The little stiff tail seemed to have been fitted in for a heartless joke; and at the other end the thin, flat neck, like a plank covered with old horse-hide, drooped to the ground under the weight of an enormous bony head. The ears hung at different angles, negligently; and the macabre figure of that mute dweller on the earth steamed straight up from ribs and backbone in the muggy stillness of the air.

The cabman struck lightly Stevie’s breast with the iron hook protruding from a ragged, greasy sleeve.

“Look ’ere, young feller. ’Ow’d you like to sit behind this ’oss up to two o’clock in the morning p’raps?”

Stevie looked vacantly into the fierce little eyes with red-edged lids.

“He ain’t lame,” pursued the other, whispering with energy. “He ain’t got no sore places on ’im. ’Ere he is. ’Ow would you like – ”

His strained, extinct voice invested his utterance with a character of vehement secrecy. Stevie's vacant gaze was changing slowly into dread.

"You may well look! Till three and four o'clock in the morning. Cold and 'ungry. Looking for fares. Drunks."

His jovial purple cheeks bristled with white hairs; and like Virgil's Silenus, who, his face smeared with the juice of berries, discoursed of Olympian Gods to the innocent shepherds of Sicily, he talked to Stevie of domestic matters and the affairs of men whose sufferings are great and immortality by no means assured.

"I am a night cabby, I am," he whispered, with a sort of boastful exasperation. "I've got to take out what they will blooming well give me at the yard. I've got my missus and four kids at 'ome."

The monstrous nature of that declaration of paternity seemed to strike the world dumb. A silence reigned during which the flanks of the old horse, the steed of apocalyptic misery, smoked upwards in the light of the charitable gas-lamp.

The cabman grunted, then added in his mysterious whisper:

"This ain't an easy world." Stevie's face had been twitching for some time, and at last his feelings burst out in their usual concise form.

"Bad! Bad!"

His gaze remained fixed on the ribs of the horse, self-conscious and sombre, as though he were afraid to look about him at the badness of the world. And his slenderness, his rosy lips and pale, clear complexion, gave him the aspect of a delicate boy, notwithstanding the fluffy growth of golden hair on his cheeks. He pouted in a scared way like a child. The cabman, short and broad, eyed him with his fierce little eyes that seemed to smart in a clear and corroding liquid.

"Ard on 'osses, but dam' sight 'arder on poor chaps like me," he wheezed just audibly.

"Poor! Poor!" stammered out Stevie, pushing his hands deeper into his pockets with convulsive sympathy. He could say nothing; for the tenderness to all pain and all misery, the desire to make the horse

happy and the cabman happy, had reached the point of a bizarre longing to take them to bed with him. And that, he knew, was impossible. For Stevie was not mad. It was, as it were, a symbolic longing; and at the same time it was very distinct, because springing from experience, the mother of wisdom. Thus when as a child he cowered in a dark corner scared, wretched, sore, and miserable with the black, black misery of the soul, his sister Winnie used to come along, and carry him off to bed with her, as into a heaven of consoling peace. Stevie, though apt to forget mere facts, such as his name and address for instance, had a faithful memory of sensations. To be taken into a bed of compassion was the supreme remedy, with the only one disadvantage of being difficult of application on a large scale. And looking at the cabman, Stevie perceived this clearly, because he was reasonable.

The cabman went on with his leisurely preparations as if Stevie had not existed. He made as if to hoist himself on the box, but at the last moment from some obscure motive, perhaps merely from disgust with carriage exercise, desisted. He approached instead the motionless partner of his labours, and stooping to seize the bridle, lifted up the big, weary head to the height of his shoulder with one effort of his right arm, like a feat of strength.

“Come on,” he whispered secretly.

Limping, he led the cab away. There was an air of austerity in this departure, the scrunched gravel of the drive crying out under the slowly turning wheels, the horse’s lean thighs moving with ascetic deliberation away from the light into the obscurity of the open space bordered dimly by the pointed roofs and the feebly shining windows of the little alms-houses. The plaint of the gravel travelled slowly all round the drive. Between the lamps of the charitable gateway the slow cortege reappeared, lighted up for a moment, the short, thick man limping busily, with the horse’s head held aloft in his fist, the lank animal walking in stiff and forlorn dignity, the dark, low box on wheels rolling behind comically with an air of waddling. They turned to the left. There was a pub down the street, within fifty yards of the gate.

Stevie left alone beside the private lamp-post of the Charity, his hands thrust deep into his pockets, glared with vacant sulkiness. At the bottom of his pockets his incapable weak hands were clinched hard into a pair of angry fists. In the face of anything which affected directly or indirectly his morbid dread of pain, Stevie ended by turning vicious. A magnanimous indignation swelled his frail chest to bursting, and caused his candid eyes to squint. Supremely wise in knowing his own powerlessness, Stevie was not wise enough to restrain his passions. The tenderness of his universal charity had two phases as indissolubly joined and connected as the reverse and obverse sides of a medal. The anguish of immoderate compassion was succeeded by the pain of an innocent but pitiless rage. Those two states expressing themselves outwardly by the same signs of futile bodily agitation, his sister Winnie soothed his excitement without ever fathoming its twofold character. Mrs Verloc wasted no portion of this transient life in seeking for fundamental information. This is a sort of economy having all the appearances and some of the advantages of prudence. Obviously it may be good for one not to know too much. And such a view accords very well with constitutional indolence.

On that evening on which it may be said that Mrs Verloc's mother having parted for good from her children had also departed this life, Winnie Verloc did not investigate her brother's psychology. The poor boy was excited, of course. After once more assuring the old woman on the threshold that she would know how to guard against the risk of Stevie losing himself for very long on his pilgrimages of filial piety, she took her brother's arm to walk away. Stevie did not even mutter to himself, but with the special sense of sisterly devotion developed in her earliest infancy, she felt that the boy was very much excited indeed. Holding tight to his arm, under the appearance of leaning on it, she thought of some words suitable to the occasion.

"Now, Stevie, you must look well after me at the crossings, and get first into the 'bus, like a good brother."

This appeal to manly protection was received by Stevie with his usual docility. It flattered him. He raised his head and threw out his chest.



“Don’t be nervous, Winnie. Mustn’t be nervous! ’Bus all right,” he answered in a brusque, slurring stammer partaking of the timorousness of a child and the resolution of a man. He advanced fearlessly with the woman on his arm, but his lower lip dropped. Nevertheless, on the pavement of the squalid and wide thoroughfare, whose poverty in all the amenities of life stood foolishly exposed by a mad profusion of gas-lights, their resemblance to each other was so pronounced as to strike the casual passers-by.

Before the doors of the public-house at the corner, where the profusion of gas-light reached the height of positive wickedness, a four-wheeled cab standing by the curbstone with no one on the box, seemed cast out into the gutter on account of irremediable decay. Mrs Verloc recognised the conveyance. Its aspect was so profoundly lamentable, with such a perfection of grotesque misery and weirdness of macabre detail, as if it were the Cab of Death itself, that Mrs Verloc, with that ready compassion of a woman for a horse (when she is not sitting behind him), exclaimed vaguely:

“Poor brute:”

Hanging back suddenly, Stevie inflicted an arresting jerk upon his sister.

“Poor! Poor!” he ejaculated appreciatively. “Cabman poor too. He told me himself.”

The contemplation of the infirm and lonely steed overcame him. Jostled, but obstinate, he would remain there, trying to express the view newly opened to his sympathies of the human and equine misery in close association. But it was very difficult. “Poor brute, poor people!” was all he could repeat. It did not seem forcible enough, and he came to a stop with an angry splutter: “Shame!” Stevie was no master of phrases, and perhaps for that very reason his thoughts lacked clearness and precision. But he felt with greater completeness and some profundity. That little word contained all his sense of indignation and horror at one sort of wretchedness having to feed upon the anguish of the other – at the poor cabman beating the poor horse in the name, as it

were, of his poor kids at home. And Stevie knew what it was to be beaten. He knew it from experience. It was a bad world. Bad! Bad!

Mrs Verloc, his only sister, guardian, and protector, could not pretend to such depths of insight. Moreover, she had not experienced the magic of the cabman's eloquence. She was in the dark as to the inwardness of the word "Shame." And she said placidly:

"Come along, Stevie. You can't help that."

The docile Stevie went along; but now he went along without pride, shamblingly, and muttering half words, and even words that would have been whole if they had not been made up of halves that did not belong to each other. It was as though he had been trying to fit all the words he could remember to his sentiments in order to get some sort of corresponding idea. And, as a matter of fact, he got it at last. He hung back to utter it at once.

"Bad world for poor people."

Directly he had expressed that thought he became aware that it was familiar to him already in all its consequences. This circumstance strengthened his conviction immensely, but also augmented his indignation. Somebody, he felt, ought to be punished for it – punished with great severity. Being no sceptic, but a moral creature, he was in a manner at the mercy of his righteous passions.

"Beastly!" he added concisely.

It was clear to Mrs Verloc that he was greatly excited.

"Nobody can help that," she said. "Do come along. Is that the way you're taking care of me?"

Stevie mended his pace obediently. He prided himself on being a good brother. His morality, which was very complete, demanded that from him. Yet he was pained at the information imparted by his sister Winnie who was good. Nobody could help that! He came along gloomily, but presently he brightened up. Like the rest of mankind, perplexed by the mystery of the universe, he had his moments of consoling trust in the organised powers of the earth.

"Police," he suggested confidently.

“The police aren’t for that,” observed Mrs Verloc cursorily, hurrying on her way.

Stevie’s face lengthened considerably. He was thinking. The more intense his thinking, the slacker was the droop of his lower jaw.

And it was with an aspect of hopeless vacancy that he gave up his intellectual enterprise.

“Not for that?” he mumbled, resigned but surprised. “Not for that?” He had formed for himself an ideal conception of the metropolitan police as a sort of benevolent institution for the suppression of evil. The notion of benevolence especially was very closely associated with his sense of the power of the men in blue. He had liked all police constables tenderly, with a guileless trustfulness. And he was pained. He was irritated, too, by a suspicion of duplicity in the members of the force. For Stevie was frank and as open as the day himself. What did they mean by pretending then? Unlike his sister, who put her trust in face values, he wished to go to the bottom of the matter. He carried on his inquiry by means of an angry challenge.

“What for are they then, Winn? What are they for? Tell me.”

Winnie disliked controversy. But fearing most a fit of black depression consequent on Stevie missing his mother very much at first, she did not altogether decline the discussion. Guiltless of all irony, she answered yet in a form which was not perhaps unnatural in the wife of Mr Verloc, Delegate of the Central Red Committee, personal friend of certain anarchists, and a votary of social revolution.

“Don’t you know what the police are for, Stevie? They are there so that them as have nothing shouldn’t take anything away from them who have.”

She avoided using the verb “to steal,” because it always made her brother uncomfortable. For Stevie was delicately honest. Certain simple principles had been instilled into him so anxiously (on account of his “queerness”) that the mere names of certain transgressions filled him with horror. He had been always easily impressed by speeches. He was impressed and startled now, and his intelligence was very alert.

“What?” he asked at once anxiously. “Not even if they were hungry? Mustn’t they?”

The two had paused in their walk.

“Not if they were ever so,” said Mrs Verloc, with the equanimity of a person untroubled by the problem of the distribution of wealth, and exploring the perspective of the roadway for an omnibus of the right colour. “Certainly not. But what’s the use of talking about all that? You aren’t ever hungry.”

She cast a swift glance at the boy, like a young man, by her side. She saw him amiable, attractive, affectionate, and only a little, a very little, peculiar. And she could not see him otherwise, for he was connected with what there was of the salt of passion in her tasteless life – the passion of indignation, of courage, of pity, and even of self-sacrifice. She did not add: “And you aren’t likely ever to be as long as I live.” But she might very well have done so, since she had taken effectual steps to that end. Mr Verloc was a very good husband. It was her honest impression that nobody could help liking the boy. She cried out suddenly:

“Quick, Stevie. Stop that green ’bus.”

And Stevie, tremulous and important with his sister Winnie on his arm, flung up the other high above his head at the approaching ’bus, with complete success.

An hour afterwards Mr Verloc raised his eyes from a newspaper he was reading, or at any rate looking at, behind the counter, and in the expiring clatter of the door-bell beheld Winnie, his wife, enter and cross the shop on her way upstairs, followed by Stevie, his brother-in-law. The sight of his wife was agreeable to Mr Verloc. It was his idiosyncrasy. The figure of his brother-in-law remained imperceptible to him because of the morose thoughtfulness that lately had fallen like a veil between Mr Verloc and the appearances of the world of senses. He looked after his wife fixedly, without a word, as though she had been a phantom. His voice for home use was husky and placid, but now it was heard not at all. It was not heard at supper, to which he was called by his wife in the usual brief manner: “Adolf.” He sat down to

consume it without conviction, wearing his hat pushed far back on his head. It was not devotion to an outdoor life, but the frequentation of foreign cafés which was responsible for that habit, investing with a character of unceremonious impermanency Mr Verloc's steady fidelity to his own fireside. Twice at the clatter of the cracked bell he arose without a word, disappeared into the shop, and came back silently. During these absences Mrs Verloc, becoming acutely aware of the vacant place at her right hand, missed her mother very much, and stared stonily; while Stevie, from the same reason, kept on shuffling his feet, as though the floor under the table were uncomfortably hot. When Mr Verloc returned to sit in his place, like the very embodiment of silence, the character of Mrs Verloc's stare underwent a subtle change, and Stevie ceased to fidget with his feet, because of his great and awed regard for his sister's husband. He directed at him glances of respectful compassion. Mr Verloc was sorry. His sister Winnie had impressed upon him (in the omnibus) that Mr Verloc would be found at home in a state of sorrow, and must not be worried. His father's anger, the irritability of gentlemen lodgers, and Mr Verloc's predisposition to immoderate grief, had been the main sanctions of Stevie's self-restraint. Of these sentiments, all easily provoked, but not always easy to understand, the last had the greatest moral efficiency – because Mr Verloc was good. His mother and his sister had established that ethical fact on an unshakable foundation. They had established, erected, consecrated it behind Mr Verloc's back, for reasons that had nothing to do with abstract morality. And Mr Verloc was not aware of it. It is but bare justice to him to say that he had no notion of appearing good to Stevie. Yet so it was. He was even the only man so qualified in Stevie's knowledge, because the gentlemen lodgers had been too transient and too remote to have anything very distinct about them but perhaps their boots; and as regards the disciplinary measures of his father, the desolation of his mother and sister shrank from setting up a theory of goodness before the victim. It would have been too cruel. And it was even possible that Stevie would not have believed them. As far as Mr Verloc was concerned, nothing could stand in the way of Stevie's belief. Mr Verloc was obviously yet mysteriously good. And the grief of a good man is august.

Stevie gave glances of reverential compassion to his brother-in-law. Mr Verloc was sorry. The brother of Winnie had never before felt himself in such close communion with the mystery of that man's goodness. It was an understandable sorrow. And Stevie himself was sorry. He was very sorry. The same sort of sorrow. And his attention being drawn to this unpleasant state, Stevie shuffled his feet. His feelings were habitually manifested by the agitation of his limbs.

"Keep your feet quiet, dear," said Mrs Verloc, with authority and tenderness; then turning towards her husband in an indifferent voice, the masterly achievement of instinctive tact: "Are you going out tonight?" she asked.

The mere suggestion seemed repugnant to Mr Verloc. He shook his head moodily, and then sat still with downcast eyes, looking at the piece of cheese on his plate for a whole minute. At the end of that time he got up, and went out – went right out in the clatter of the shop-door bell. He acted thus inconsistently, not from any desire to make himself unpleasant, but because of an unconquerable restlessness. It was no earthly good going out. He could not find anywhere in London what he wanted. But he went out. He led a cortege of dismal thoughts along dark streets, through lighted streets, in and out of two flash bars, as if in a half-hearted attempt to make a night of it, and finally back again to his menaced home, where he sat down fatigued behind the counter, and they crowded urgently round him, like a pack of hungry black hounds. After locking up the house and putting out the gas he took them upstairs with him – a dreadful escort for a man going to bed. His wife had preceded him some time before, and with her ample form defined vaguely under the counterpane, her head on the pillow, and a hand under the cheek offered to his distraction the view of early drowsiness arguing the possession of an equable soul. Her big eyes stared wide open, inert and dark against the snowy whiteness of the linen. She did not move.

She had an equable soul. She felt profoundly that things do not stand much looking into. She made her force and her wisdom of that instinct. But the taciturnity of Mr Verloc had been lying heavily upon

her for a good many days. It was, as a matter of fact, affecting her nerves. Recumbent and motionless, she said placidly:

“You’ll catch cold walking about in your socks like this.”

This speech, becoming the solicitude of the wife and the prudence of the woman, took Mr Verloc unawares. He had left his boots downstairs, but he had forgotten to put on his slippers, and he had been turning about the bedroom on noiseless pads like a bear in a cage. At the sound of his wife’s voice he stopped and stared at her with a somnambulistic, expressionless gaze so long that Mrs Verloc moved her limbs slightly under the bed-clothes. But she did not move her black head sunk in the white pillow one hand under her cheek and the big, dark, unwinking eyes.

Under her husband’s expressionless stare, and remembering her mother’s empty room across the landing, she felt an acute pang of loneliness. She had never been parted from her mother before. They had stood by each other. She felt that they had, and she said to herself that now mother was gone – gone for good. Mrs Verloc had no illusions. Stevie remained, however. And she said:

“Mother’s done what she wanted to do. There’s no sense in it that I can see. I’m sure she couldn’t have thought you had enough of her. It’s perfectly wicked, leaving us like that.”

Mr Verloc was not a well-read person; his range of allusive phrases was limited, but there was a peculiar aptness in circumstances which made him think of rats leaving a doomed ship. He very nearly said so. He had grown suspicious and embittered. Could it be that the old woman had such an excellent nose? But the unreasonableness of such a suspicion was patent, and Mr Verloc held his tongue. Not altogether, however. He muttered heavily:

“Perhaps it’s just as well.”

He began to undress. Mrs Verloc kept very still, perfectly still, with her eyes fixed in a dreamy, quiet stare. And her heart for the fraction of a second seemed to stand still too. That night she was “not quite herself,” as the saying is, and it was borne upon her with some force that a simple sentence may hold several diverse meanings –

mostly disagreeable. How was it just as well? And why? But she did not allow herself to fall into the idleness of barren speculation. She was rather confirmed in her belief that things did not stand being looked into. Practical and subtle in her way, she brought Stevie to the front without loss of time, because in her the singleness of purpose had the unerring nature and the force of an instinct.

“What I am going to do to cheer up that boy for the first few days I’m sure I don’t know. He’ll be worrying himself from morning till night before he gets used to mother being away. And he’s such a good boy. I couldn’t do without him.”

Mr Verloc went on divesting himself of his clothing with the unnoticing inward concentration of a man undressing in the solitude of a vast and hopeless desert. For thus inhospitably did this fair earth, our common inheritance, present itself to the mental vision of Mr Verloc. All was so still without and within that the lonely ticking of the clock on the landing stole into the room as if for the sake of company.

Mr Verloc, getting into bed on his own side, remained prone and mute behind Mrs Verloc’s back. His thick arms rested abandoned on the outside of the counterpane like dropped weapons, like discarded tools. At that moment he was within a hair’s breadth of making a clean breast of it all to his wife. The moment seemed propitious. Looking out of the corners of his eyes, he saw her ample shoulders draped in white, the back of her head, with the hair done for the night in three plaits tied up with black tapes at the ends. And he forbore. Mr Verloc loved his wife as a wife should be loved – that is, maritally, with the regard one has for one’s chief possession. This head arranged for the night, those ample shoulders, had an aspect of familiar sacredness – the sacredness of domestic peace. She moved not, massive and shapeless like a recumbent statue in the rough; he remembered her wide-open eyes looking into the empty room. She was mysterious, with the mysteriousness of living beings. The far-famed secret agent [delta] of the late Baron Stott-Wartenheim’s alarmist despatches was not the man to break into such mysteries. He was easily intimidated. And he was also indolent, with the indolence which is so often the secret of good nature. He forbore touching that mystery out of love, timidity,



and indolence. There would be always time enough. For several minutes he bore his sufferings silently in the drowsy silence of the room. And then he disturbed it by a resolute declaration.

“I am going on the Continent tomorrow.”

His wife might have fallen asleep already. He could not tell. As a matter of fact, Mrs Verloc had heard him. Her eyes remained very wide open, and she lay very still, confirmed in her instinctive conviction that things don't bear looking into very much. And yet it was nothing very unusual for Mr Verloc to take such a trip. He renewed his stock from Paris and Brussels. Often he went over to make his purchases personally. A little select connection of amateurs was forming around the shop in Brett Street, a secret connection eminently proper for any business undertaken by Mr Verloc, who, by a mystic accord of temperament and necessity, had been set apart to be a secret agent all his life.

He waited for a while, then added: “I'll be away a week or perhaps a fortnight. Get Mrs Neale to come for the day.”

Mrs Neale was the charwoman of Brett Street. Victim of her marriage with a debauched joiner, she was oppressed by the needs of many infant children. Red-armed, and aproned in coarse sacking up to the arm-pits, she exhaled the anguish of the poor in a breath of soap-suds and rum, in the uproar of scrubbing, in the clatter of tin pails.

Mrs Verloc, full of deep purpose, spoke in the tone of the shallowest indifference.

“There is no need to have the woman here all day. I shall do very well with Stevie.”

She let the lonely clock on the landing count off fifteen ticks into the abyss of eternity, and asked:

“Shall I put the light out?”

Mr Verloc snapped at his wife huskily.

“Put it out.”

## CHAPTER IX

Mr Verloc returning from the Continent at the end of ten days, brought back a mind evidently unrefreshed by the wonders of foreign travel and a countenance unlighted by the joys of home-coming. He entered in the clatter of the shop bell with an air of sombre and vexed exhaustion. His bag in hand, his head lowered, he strode straight behind the counter, and let himself fall into the chair, as though he had tramped all the way from Dover. It was early morning. Stevie, dusting various objects displayed in the front windows, turned to gape at him with reverence and awe.

“Here!” said Mr Verloc, giving a slight kick to the gladstone bag on the floor; and Stevie flung himself upon it, seized it, bore it off with triumphant devotion. He was so prompt that Mr Verloc was distinctly surprised.

Already at the clatter of the shop bell Mrs Neale, blackleading the parlour grate, had looked through the door, and rising from her knees had gone, aproned, and grimy with everlasting toll, to tell Mrs Verloc in the kitchen that “there was the master come back.”

Winnie came no farther than the inner shop door.

“You’ll want some breakfast,” she said from a distance.

Mr Verloc moved his hands slightly, as if overcome by an impossible suggestion. But once enticed into the parlour he did not reject the food set before him. He ate as if in a public place, his hat pushed off his forehead, the skirts of his heavy overcoat hanging in a triangle on each side of the chair. And across the length of the table covered with brown oil-cloth Winnie, his wife, talked evenly at him the wifely talk, as artfully adapted, no doubt, to the circumstances of this return as the talk of Penelope to the return of the wandering Odysseus. Mrs Verloc, however, had done no weaving during her husband’s absence. But she had had all the upstairs room cleaned thoroughly, had sold some wares, and had seen Mr Michaelis several times. He had told her the last time that he was going away to live in a cottage in the country, somewhere on the London, Chatham, and

Dover line. Karl Yundt had come too, once, led under the arm by that “wicked old housekeeper of his.” He was “a disgusting old man.” Of Comrade Ossipon, whom she had received curtly, entrenched behind the counter with a stony face and a faraway gaze, she said nothing, her mental reference to the robust anarchist being marked by a short pause, with the faintest possible blush. And bringing in her brother Stevie as soon as she could into the current of domestic events, she mentioned that the boy had moped a good deal.

“It’s all along of mother leaving us like this.”

Mr Verloc neither said, “Damn!” nor yet “Stevie be hanged!” And Mrs Verloc, not let into the secret of his thoughts, failed to appreciate the generosity of this restraint.

“It isn’t that he doesn’t work as well as ever,” she continued. “He’s been making himself very useful. You’d think he couldn’t do enough for us.”

Mr Verloc directed a casual and somnolent glance at Stevie, who sat on his right, delicate, pale-faced, his rosy mouth open vacantly. It was not a critical glance. It had no intention. And if Mr Verloc thought for a moment that his wife’s brother looked uncommonly useless, it was only a dull and fleeting thought, devoid of that force and durability which enables sometimes a thought to move the world. Leaning back, Mr Verloc uncovered his head. Before his extended arm could put down the hat Stevie pounced upon it, and bore it off reverently into the kitchen. And again Mr Verloc was surprised.

“You could do anything with that boy, Adolf,” Mrs Verloc said, with her best air of inflexible calmness. “He would go through fire for you. He...”

She paused attentive, her ear turned towards the door of the kitchen.

There Mrs Neale was scrubbing the floor. At Stevie’s appearance she groaned lamentably, having observed that he could be induced easily to bestow for the benefit of her infant children the shilling his sister Winnie presented him with from time to time. On all fours amongst the puddles, wet and begrimed, like a sort of amphibious and

domestic animal living in ash-bins and dirty water, she uttered the usual exordium: "It's all very well for you, kept doing nothing like a gentleman." And she followed it with the everlasting plaint of the poor, pathetically mendacious, miserably authenticated by the horrible breath of cheap rum and soap-suds. She scrubbed hard, snuffling all the time, and talking volubly. And she was sincere. And on each side of her thin red nose her bleared, misty eyes swam in tears, because she felt really the want of some sort of stimulant in the morning.

In the parlour Mrs Verloc observed, with knowledge:

"There's Mrs Neale at it again with her harrowing tales about her little children. They can't be all so little as she makes them out. Some of them must be big enough by now to try to do something for themselves. It only makes Stevie angry."

These words were confirmed by a thud as of a fist striking the kitchen table. In the normal evolution of his sympathy Stevie had become angry on discovering that he had no shilling in his pocket. In his inability to relieve at once Mrs Neale's "little 'uns'," privations he felt that somebody should be made to suffer for it. Mrs Verloc rose, and went into the kitchen to "stop that nonsense." And she did it firmly but gently. She was well aware that directly Mrs Neale received her money she went round the corner to drink ardent spirits in a mean and musty public-house – the unavoidable station on the via dolorosa of her life. Mrs Verloc's comment upon this practice had an unexpected profundity, as coming from a person disinclined to look under the surface of things. "Of course, what is she to do to keep up? If I were like Mrs Neale I expect I wouldn't act any different."

In the afternoon of the same day, as Mr Verloc, coming with a start out of the last of a long series of dozes before the parlour fire, declared his intention of going out for a walk, Winnie said from the shop:

"I wish you would take that boy out with you, Adolf."

For the third time that day Mr Verloc was surprised. He stared stupidly at his wife. She continued in her steady manner. The boy, whenever he was not doing anything, moped in the house. It made her

uneasy; it made her nervous, she confessed. And that from the calm Winnie sounded like exaggeration. But, in truth, Stevie moped in the striking fashion of an unhappy domestic animal. He would go up on the dark landing, to sit on the floor at the foot of the tall clock, with his knees drawn up and his head in his hands. To come upon his pallid face, with its big eyes gleaming in the dusk, was discomposing; to think of him up there was uncomfortable.

Mr Verloc got used to the startling novelty of the idea. He was fond of his wife as a man should be – that is, generously. But a weighty objection presented itself to his mind, and he formulated it.

“He’ll lose sight of me perhaps, and get lost in the street,” he said.

Mrs Verloc shook her head competently.

“He won’t. You don’t know him. That boy just worships you. But if you should miss him – ”

Mrs Verloc paused for a moment, but only for a moment.

“You just go on, and have your walk out. Don’t worry. He’ll be all right. He’s sure to turn up safe here before very long.”

This optimism procured for Mr Verloc his fourth surprise of the day.

“Is he?” he grunted doubtfully. But perhaps his brother-in-law was not such an idiot as he looked. His wife would know best. He turned away his heavy eyes, saying huskily: “Well, let him come along, then,” and relapsed into the clutches of black care, that perhaps prefers to sit behind a horseman, but knows also how to tread close on the heels of people not sufficiently well off to keep horses – like Mr Verloc, for instance.

Winnie, at the shop door, did not see this fatal attendant upon Mr Verloc’s walks. She watched the two figures down the squalid street, one tall and burly, the other slight and short, with a thin neck, and the peaked shoulders raised slightly under the large semi-transparent ears. The material of their overcoats was the same, their

hats were black and round in shape. Inspired by the similarity of wearing apparel, Mrs Verloc gave rein to her fancy.

“Might be father and son,” she said to herself. She thought also that Mr Verloc was as much of a father as poor Stevie ever had in his life. She was aware also that it was her work. And with peaceful pride she congratulated herself on a certain resolution she had taken a few years before. It had cost her some effort, and even a few tears.

She congratulated herself still more on observing in the course of days that Mr Verloc seemed to be taking kindly to Stevie’s companionship. Now, when ready to go out for his walk, Mr Verloc called aloud to the boy, in the spirit, no doubt, in which a man invites the attendance of the household dog, though, of course, in a different manner. In the house Mr Verloc could be detected staring curiously at Stevie a good deal. His own demeanour had changed. Taciturn still, he was not so listless. Mrs Verloc thought that he was rather jumpy at times. It might have been regarded as an improvement. As to Stevie, he moped no longer at the foot of the clock, but muttered to himself in corners instead in a threatening tone. When asked “What is it you’re saying, Stevie?” he merely opened his mouth, and squinted at his sister. At odd times he clenched his fists without apparent cause, and when discovered in solitude would be scowling at the wall, with the sheet of paper and the pencil given him for drawing circles lying blank and idle on the kitchen table. This was a change, but it was no improvement. Mrs Verloc including all these vagaries under the general definition of excitement, began to fear that Stevie was hearing more than was good for him of her husband’s conversations with his friends. During his “walks” Mr Verloc, of course, met and conversed with various persons. It could hardly be otherwise. His walks were an integral part of his outdoor activities, which his wife had never looked deeply into. Mrs Verloc felt that the position was delicate, but she faced it with the same impenetrable calmness which impressed and even astonished the customers of the shop and made the other visitors keep their distance a little wonderingly. No! She feared that there were things not good for Stevie to hear of, she told her husband. It only excited the poor boy, because he could not help them being so. Nobody could.

It was in the shop. Mr Verloc made no comment. He made no retort, and yet the retort was obvious. But he refrained from pointing out to his wife that the idea of making Stevie the companion of his walks was her own, and nobody else's. At that moment, to an impartial observer, Mr Verloc would have appeared more than human in his magnanimity. He took down a small cardboard box from a shelf, peeped in to see that the contents were all right, and put it down gently on the counter. Not till that was done did he break the silence, to the effect that most likely Stevie would profit greatly by being sent out of town for a while; only he supposed his wife could not get on without him.

"Could not get on without him!" repeated Mrs Verloc slowly. "I couldn't get on without him if it were for his good! The idea! Of course, I can get on without him. But there's nowhere for him to go."

Mr Verloc got out some brown paper and a ball of string; and meanwhile he muttered that Michaelis was living in a little cottage in the country. Michaelis wouldn't mind giving Stevie a room to sleep in. There were no visitors and no talk there. Michaelis was writing a book.

Mrs Verloc declared her affection for Michaelis; mentioned her abhorrence of Karl Yundt, "nasty old man"; and of Ossipon she said nothing. As to Stevie, he could be no other than very pleased. Mr Michaelis was always so nice and kind to him. He seemed to like the boy. Well, the boy was a good boy.

"You too seem to have grown quite fond of him of late," she added, after a pause, with her inflexible assurance.

Mr Verloc tying up the cardboard box into a parcel for the post, broke the string by an injudicious jerk, and muttered several swear words confidentially to himself. Then raising his tone to the usual husky mutter, he announced his willingness to take Stevie into the country himself, and leave him all safe with Michaelis.

He carried out this scheme on the very next day. Stevie offered no objection. He seemed rather eager, in a bewildered sort of way. He turned his candid gaze inquisitively to Mr Verloc's heavy countenance at frequent intervals, especially when his sister was not looking at him.

His expression was proud, apprehensive, and concentrated, like that of a small child entrusted for the first time with a box of matches and the permission to strike a light. But Mrs Verloc, gratified by her brother's docility, recommended him not to dirty his clothes unduly in the country. At this Stevie gave his sister, guardian and protector a look, which for the first time in his life seemed to lack the quality of perfect childlike trustfulness. It was haughtily gloomy. Mrs Verloc smiled.

"Goodness me! You needn't be offended. You know you do get yourself very untidy when you get a chance, Stevie."

Mr Verloc was already gone some way down the street.

Thus in consequence of her mother's heroic proceedings, and of her brother's absence on this villegiature, Mrs Verloc found herself oftener than usual all alone not only in the shop, but in the house. For Mr Verloc had to take his walks. She was alone longer than usual on the day of the attempted bomb outrage in Greenwich Park, because Mr Verloc went out very early that morning and did not come back till nearly dusk. She did not mind being alone. She had no desire to go out. The weather was too bad, and the shop was cosier than the streets. Sitting behind the counter with some sewing, she did not raise her eyes from her work when Mr Verloc entered in the aggressive clatter of the bell. She had recognised his step on the pavement outside.

She did not raise her eyes, but as Mr Verloc, silent, and with his hat rammed down upon his forehead, made straight for the parlour door, she said serenely:

"What a wretched day. You've been perhaps to see Stevie?"

"No! I haven't," said Mr Verloc softly, and slammed the glazed parlour door behind him with unexpected energy.

For some time Mrs Verloc remained quiescent, with her work dropped in her lap, before she put it away under the counter and got up to light the gas. This done, she went into the parlour on her way to the kitchen. Mr Verloc would want his tea presently. Confident of the power of her charms, Winnie did not expect from her husband in the daily intercourse of their married life a ceremonious amenity of address and courtliness of manner; vain and antiquated forms at best, probably



never very exactly observed, discarded nowadays even in the highest spheres, and always foreign to the standards of her class. She did not look for courtesies from him. But he was a good husband, and she had a loyal respect for his rights.

Mrs Verloc would have gone through the parlour and on to her domestic duties in the kitchen with the perfect serenity of a woman sure of the power of her charms. But a slight, very slight, and rapid rattling sound grew upon her hearing. Bizarre and incomprehensible, it arrested Mrs Verloc's attention. Then as its character became plain to the ear she stopped short, amazed and concerned. Striking a match on the box she held in her hand, she turned on and lighted, above the parlour table, one of the two gas-burners, which, being defective, first whistled as if astonished, and then went on purring comfortably like a cat.

Mr Verloc, against his usual practice, had thrown off his overcoat. It was lying on the sofa. His hat, which he must also have thrown off, rested overturned under the edge of the sofa. He had dragged a chair in front of the fireplace, and his feet planted inside the fender, his head held between his hands, he was hanging low over the glowing grate. His teeth rattled with an ungovernable violence, causing his whole enormous back to tremble at the same rate. Mrs Verloc was startled.

"You've been getting wet," she said.

"Not very," Mr Verloc managed to falter out, in a profound shudder. By a great effort he suppressed the rattling of his teeth.

"I'll have you laid up on my hands," she said, with genuine uneasiness.

"I don't think so," remarked Mr Verloc, snuffling huskily.

He had certainly contrived somehow to catch an abominable cold between seven in the morning and five in the afternoon. Mrs Verloc looked at his bowed back.

"Where have you been today?" she asked.

“Nowhere,” answered Mr Verloc in a low, choked nasal tone. His attitude suggested aggrieved sulks or a severe headache. The insufficiency and uncandidness of his answer became painfully apparent in the dead silence of the room. He snuffled apologetically, and added: “I’ve been to the bank.”

Mrs Verloc became attentive.

“You have!” she said dispassionately. “What for?”

Mr Verloc mumbled, with his nose over the grate, and with marked unwillingness.

“Draw the money out!”

“What do you mean? All of it?”

“Yes. All of it.”

Mrs Verloc spread out with care the scanty table-cloth, got two knives and two forks out of the table drawer, and suddenly stopped in her methodical proceedings.

“What did you do that for?”

“May want it soon,” snuffled vaguely Mr Verloc, who was coming to the end of his calculated indiscretions.

“I don’t know what you mean,” remarked his wife in a tone perfectly casual, but standing stock still between the table and the cupboard.

“You know you can trust me,” Mr Verloc remarked to the grate, with hoarse feeling.

Mrs Verloc turned slowly towards the cupboard, saying with deliberation:

“Oh yes. I can trust you.”

And she went on with her methodical proceedings. She laid two plates, got the bread, the butter, going to and fro quietly between the table and the cupboard in the peace and silence of her home. On the point of taking out the jam, she reflected practically: “He will be feeling hungry, having been away all day,” and she returned to the cupboard once more to get the cold beef. She set it under the purring gas-jet, and

with a passing glance at her motionless husband hugging the fire, she went (down two steps) into the kitchen. It was only when coming back, carving knife and fork in hand, that she spoke again.

“If I hadn’t trusted you I wouldn’t have married you.”

Bowed under the overmantel, Mr Verloc, holding his head in both hands, seemed to have gone to sleep. Winnie made the tea, and called out in an undertone:

“Adolf.”

Mr Verloc got up at once, and staggered a little before he sat down at the table. His wife examining the sharp edge of the carving knife, placed it on the dish, and called his attention to the cold beef. He remained insensible to the suggestion, with his chin on his breast.

“You should feed your cold,” Mrs Verloc said dogmatically.

He looked up, and shook his head. His eyes were bloodshot and his face red. His fingers had ruffled his hair into a dissipated untidiness. Altogether he had a disreputable aspect, expressive of the discomfort, the irritation and the gloom following a heavy debauch. But Mr Verloc was not a debauched man. In his conduct he was respectable. His appearance might have been the effect of a feverish cold. He drank three cups of tea, but abstained from food entirely. He recoiled from it with sombre aversion when urged by Mrs Verloc, who said at last:

“Aren’t your feet wet? You had better put on your slippers. You aren’t going out any more this evening.”

Mr Verloc intimated by morose grunts and signs that his feet were not wet, and that anyhow he did not care. The proposal as to slippers was disregarded as beneath his notice. But the question of going out in the evening received an unexpected development. It was not of going out in the evening that Mr Verloc was thinking. His thoughts embraced a vaster scheme. From moody and incomplete phrases it became apparent that Mr Verloc had been considering the expediency of emigrating. It was not very clear whether he had in his mind France or California.

The utter unexpectedness, improbability, and inconceivableness of such an event robbed this vague declaration of all its effect. Mrs Verloc, as placidly as if her husband had been threatening her with the end of the world, said:

“The idea!”

Mr Verloc declared himself sick and tired of everything, and besides – She interrupted him.

“You’ve a bad cold.”

It was indeed obvious that Mr Verloc was not in his usual state, physically and even mentally. A sombre irresolution held him silent for a while. Then he murmured a few ominous generalities on the theme of necessity.

“Will have to,” repeated Winnie, sitting calmly back, with folded arms, opposite her husband. “I should like to know who’s to make you. You ain’t a slave. No one need be a slave in this country – and don’t you make yourself one.” She paused, and with invincible and steady candour. “The business isn’t so bad,” she went on. “You’ve a comfortable home.”

She glanced all round the parlour, from the corner cupboard to the good fire in the grate. Ensconced cosily behind the shop of doubtful wares, with the mysteriously dim window, and its door suspiciously ajar in the obscure and narrow street, it was in all essentials of domestic propriety and domestic comfort a respectable home. Her devoted affection missed out of it her brother Stevie, now enjoying a damp villegiature in the Kentish lanes under the care of Mr Michaelis. She missed him poignantly, with all the force of her protecting passion. This was the boy’s home too – the roof, the cupboard, the stoked grate. On this thought Mrs Verloc rose, and walking to the other end of the table, said in the fullness of her heart:

“And you are not tired of me.”

Mr Verloc made no sound. Winnie leaned on his shoulder from behind, and pressed her lips to his forehead. Thus she lingered. Not a whisper reached them from the outside world.

The sound of footsteps on the pavement died out in the discreet dimness of the shop. Only the gas-jet above the table went on purring equably in the brooding silence of the parlour.

During the contact of that unexpected and lingering kiss Mr Verloc, gripping with both hands the edges of his chair, preserved a hieratic immobility. When the pressure was removed he let go the chair, rose, and went to stand before the fireplace. He turned no longer his back to the room. With his features swollen and an air of being drugged, he followed his wife's movements with his eyes.

Mrs Verloc went about serenely, clearing up the table. Her tranquil voice commented the idea thrown out in a reasonable and domestic tone. It wouldn't stand examination. She condemned it from every point of view. But her only real concern was Stevie's welfare. He appeared to her thought in that connection as sufficiently "peculiar" not to be taken rashly abroad. And that was all. But talking round that vital point, she approached absolute vehemence in her delivery. Meanwhile, with brusque movements, she arrayed herself in an apron for the washing up of cups. And as if excited by the sound of her uncontradicted voice, she went so far as to say in a tone almost tart:

"If you go abroad you'll have to go without me."

"You know I wouldn't," said Mr Verloc huskily, and the unresonant voice of his private life trembled with an enigmatical emotion.

Already Mrs Verloc was regretting her words. They had sounded more unkind than she meant them to be. They had also the unwisdom of unnecessary things. In fact, she had not meant them at all. It was a sort of phrase that is suggested by the demon of perverse inspiration. But she knew a way to make it as if it had not been.

She turned her head over her shoulder and gave that man planted heavily in front of the fireplace a glance, half arch, half cruel, out of her large eyes – a glance of which the Winnie of the Belgravian mansion days would have been incapable, because of her respectability and her ignorance. But the man was her husband now, and she was no

longer ignorant. She kept it on him for a whole second, with her grave face motionless like a mask, while she said playfully:

“You couldn’t. You would miss me too much.”

Mr Verloc started forward.

“Exactly,” he said in a louder tone, throwing his arms out and making a step towards her. Something wild and doubtful in his expression made it appear uncertain whether he meant to strangle or to embrace his wife. But Mrs Verloc’s attention was called away from that manifestation by the clatter of the shop bell.

“Shop, Adolf. You go.”

He stopped, his arms came down slowly.

“You go,” repeated Mrs Verloc. “I’ve got my apron on.”

Mr Verloc obeyed woodenly, stony-eyed, and like an automaton whose face had been painted red. And this resemblance to a mechanical figure went so far that he had an automaton’s absurd air of being aware of the machinery inside of him.

He closed the parlour door, and Mrs Verloc moving briskly, carried the tray into the kitchen. She washed the cups and some other things before she stopped in her work to listen. No sound reached her. The customer was a long time in the shop. It was a customer, because if he had not been Mr Verloc would have taken him inside. Undoing the strings of her apron with a jerk, she threw it on a chair, and walked back to the parlour slowly.

At that precise moment Mr Verloc entered from the shop.

He had gone in red. He came out a strange papery white. His face, losing its drugged, feverish stupor, had in that short time acquired a bewildered and harassed expression. He walked straight to the sofa, and stood looking down at his overcoat lying there, as though he were afraid to touch it.

“What’s the matter?” asked Mrs Verloc in a subdued voice. Through the door left ajar she could see that the customer was not gone yet.

“I find I’ll have to go out this evening,” said Mr Verloc. He did not attempt to pick up his outer garment.

Without a word Winnie made for the shop, and shutting the door after her, walked in behind the counter. She did not look overtly at the customer till she had established herself comfortably on the chair. But by that time she had noted that he was tall and thin, and wore his moustaches twisted up. In fact, he gave the sharp points a twist just then. His long, bony face rose out of a turned-up collar. He was a little splashed, a little wet. A dark man, with the ridge of the cheek-bone well defined under the slightly hollow temple. A complete stranger. Not a customer either.

Mrs Verloc looked at him placidly.

“You came over from the Continent?” she said after a time.

The long, thin stranger, without exactly looking at Mrs Verloc, answered only by a faint and peculiar smile.

Mrs Verloc’s steady, incurious gaze rested on him.

“You understand English, don’t you?”

“Oh yes. I understand English.”

There was nothing foreign in his accent, except that he seemed in his slow enunciation to be taking pains with it. And Mrs Verloc, in her varied experience, had come to the conclusion that some foreigners could speak better English than the natives. She said, looking at the door of the parlour fixedly:

“You don’t think perhaps of staying in England for good?”

The stranger gave her again a silent smile. He had a kindly mouth and probing eyes. And he shook his head a little sadly, it seemed.

“My husband will see you through all right. Meantime for a few days you couldn’t do better than take lodgings with Mr Giugliani. Continental Hotel it’s called. Private. It’s quiet. My husband will take you there.”

“A good idea,” said the thin, dark man, whose glance had hardened suddenly.

“You knew Mr Verloc before – didn’t you? Perhaps in France?”

“I have heard of him,” admitted the visitor in his slow, painstaking tone, which yet had a certain curtness of intention.

There was a pause. Then he spoke again, in a far less elaborate manner.

“Your husband has not gone out to wait for me in the street by chance?”

“In the street!” repeated Mrs Verloc, surprised. “He couldn’t. There’s no other door to the house.”

For a moment she sat impassive, then left her seat to go and peep through the glazed door. Suddenly she opened it, and disappeared into the parlour.

Mr Verloc had done no more than put on his overcoat. But why he should remain afterwards leaning over the table propped up on his two arms as though he were feeling giddy or sick, she could not understand. “Adolf,” she called out half aloud; and when he had raised himself:

“Do you know that man?” she asked rapidly.

“I’ve heard of him,” whispered uneasily Mr Verloc, darting a wild glance at the door.

Mrs Verloc’s fine, incurious eyes lighted up with a flash of abhorrence.

“One of Karl Yundt’s friends – beastly old man.”

“No! No!” protested Mr Verloc, busy fishing for his hat. But when he got it from under the sofa he held it as if he did not know the use of a hat.

“Well – he’s waiting for you,” said Mrs Verloc at last. “I say, Adolf, he ain’t one of them Embassy people you have been bothered with of late?”



“Bothered with Embassy people,” repeated Mr Verloc, with a heavy start of surprise and fear. “Who’s been talking to you of the Embassy people?”

“Yourself.”

“I! I! Talked of the Embassy to you!”

Mr Verloc seemed scared and bewildered beyond measure. His wife explained:

“You’ve been talking a little in your sleep of late, Adolf.”

“What – what did I say? What do you know?”

“Nothing much. It seemed mostly nonsense. Enough to let me guess that something worried you.”

Mr Verloc rammed his hat on his head. A crimson flood of anger ran over his face.

“Nonsense – eh? The Embassy people! I would cut their hearts out one after another. But let them look out. I’ve got a tongue in my head.”

He fumed, pacing up and down between the table and the sofa, his open overcoat catching against the angles. The red flood of anger ebbed out, and left his face all white, with quivering nostrils. Mrs Verloc, for the purposes of practical existence, put down these appearances to the cold.

“Well,” she said, “get rid of the man, whoever he is, as soon as you can, and come back home to me. You want looking after for a day or two.”

Mr Verloc calmed down, and, with resolution imprinted on his pale face, had already opened the door, when his wife called him back in a whisper:

“Adolf! Adolf!” He came back startled. “What about that money you drew out?” she asked. “You’ve got it in your pocket? Hadn’t you better – ”

Mr Verloc gazed stupidly into the palm of his wife’s extended hand for some time before he slapped his brow.

“Money! Yes! Yes! I didn’t know what you meant.”

He drew out of his breast pocket a new pigskin pocket-book. Mrs Verloc received it without another word, and stood still till the bell, clattering after Mr Verloc and Mr Verloc’s visitor, had quieted down. Only then she peeped in at the amount, drawing the notes out for the purpose. After this inspection she looked round thoughtfully, with an air of mistrust in the silence and solitude of the house. This abode of her married life appeared to her as lonely and unsafe as though it had been situated in the midst of a forest. No receptacle she could think of amongst the solid, heavy furniture seemed other but flimsy and particularly tempting to her conception of a house-breaker. It was an ideal conception, endowed with sublime faculties and a miraculous insight. The till was not to be thought of. It was the first spot a thief would make for. Mrs Verloc unfastening hastily a couple of hooks, slipped the pocket-book under the bodice of her dress. Having thus disposed of her husband’s capital, she was rather glad to hear the clatter of the door bell, announcing an arrival. Assuming the fixed, unabashed stare and the stony expression reserved for the casual customer, she walked in behind the counter.

A man standing in the middle of the shop was inspecting it with a swift, cool, all-round glance. His eyes ran over the walls, took in the ceiling, and noted the floor – all in a moment. The points of a long fair moustache fell below the line of the jaw. He smiled the smile of an old if distant acquaintance, and Mrs Verloc remembered having seen him before. Not a customer. She softened her “customer stare” to mere indifference, and faced him across the counter.

He approached, on his side, confidentially, but not too markedly so.

“Husband at home, Mrs Verloc?” he asked in an easy, full tone.

“No. He’s gone out.”

“I am sorry for that. I’ve called to get from him a little private information.”

This was the exact truth. Chief Inspector Heat had been all the way home, and had even gone so far as to think of getting into his

slippers, since practically he was, he told himself, chucked out of that case. He indulged in some scornful and in a few angry thoughts, and found the occupation so unsatisfactory that he resolved to seek relief out of doors. Nothing prevented him paying a friendly call to Mr Verloc, casually as it were. It was in the character of a private citizen that walking out privately he made use of his customary conveyances. Their general direction was towards Mr Verloc's home. Chief Inspector Heat respected his own private character so consistently that he took especial pains to avoid all the police constables on point and patrol duty in the vicinity of Brett Street. This precaution was much more necessary for a man of his standing than for an obscure Assistant Commissioner. Private Citizen Heat entered the street, manoeuvring in a way which in a member of the criminal classes would have been stigmatised as slinking. The piece of cloth picked up in Greenwich was in his pocket. Not that he had the slightest intention of producing it in his private capacity. On the contrary, he wanted to know just what Mr Verloc would be disposed to say voluntarily. He hoped Mr Verloc's talk would be of a nature to incriminate Michaelis. It was a conscientiously professional hope in the main, but not without its moral value. For Chief Inspector Heat was a servant of justice. Finding Mr Verloc from home, he felt disappointed.

"I would wait for him a little if I were sure he wouldn't be long," he said.

Mrs Verloc volunteered no assurance of any kind.

"The information I need is quite private," he repeated. "You understand what I mean? I wonder if you could give me a notion where he's gone to?"

Mrs Verloc shook her head.

"Can't say."

She turned away to range some boxes on the shelves behind the counter. Chief Inspector Heat looked at her thoughtfully for a time.

"I suppose you know who I am?" he said.

Mrs Verloc glanced over her shoulder. Chief Inspector Heat was amazed at her coolness.

“Come! You know I am in the police,” he said sharply.

“I don’t trouble my head much about it,” Mrs Verloc remarked, returning to the ranging of her boxes.

“My name is Heat. Chief Inspector Heat of the Special Crimes section.”

Mrs Verloc adjusted nicely in its place a small cardboard box, and turning round, faced him again, heavy-eyed, with idle hands hanging down. A silence reigned for a time.

“So your husband went out a quarter of an hour ago! And he didn’t say when he would be back?”

“He didn’t go out alone,” Mrs Verloc let fall negligently.

“A friend?”

Mrs Verloc touched the back of her hair. It was in perfect order.

“A stranger who called.”

“I see. What sort of man was that stranger? Would you mind telling me?”

Mrs Verloc did not mind. And when Chief Inspector Heat heard of a man dark, thin, with a long face and turned up moustaches, he gave signs of perturbation, and exclaimed:

“Dash me if I didn’t think so! He hasn’t lost any time.”

He was intensely disgusted in the secrecy of his heart at the unofficial conduct of his immediate chief. But he was not quixotic. He lost all desire to await Mr Verloc’s return. What they had gone out for he did not know, but he imagined it possible that they would return together. The case is not followed properly, it’s being tampered with, he thought bitterly.

“I am afraid I haven’t time to wait for your husband,” he said.

Mrs Verloc received this declaration listlessly. Her detachment had impressed Chief Inspector Heat all along. At this precise moment it

whetted his curiosity. Chief Inspector Heat hung in the wind, swayed by his passions like the most private of citizens.

“I think,” he said, looking at her steadily, “that you could give me a pretty good notion of what’s going on if you liked.”

Forcing her fine, inert eyes to return his gaze, Mrs Verloc murmured:

“Going on! What is going on?”

“Why, the affair I came to talk about a little with your husband.”

That day Mrs Verloc had glanced at a morning paper as usual. But she had not stirred out of doors. The newsboys never invaded Brett Street. It was not a street for their business. And the echo of their cries drifting along the populous thoroughfares, expired between the dirty brick walls without reaching the threshold of the shop. Her husband had not brought an evening paper home. At any rate she had not seen it. Mrs Verloc knew nothing whatever of any affair. And she said so, with a genuine note of wonder in her quiet voice.

Chief Inspector Heat did not believe for a moment in so much ignorance. Curtly, without amiability, he stated the bare fact.

Mrs Verloc turned away her eyes.

“I call it silly,” she pronounced slowly. She paused. “We ain’t downtrodden slaves here.”

The Chief Inspector waited watchfully. Nothing more came.

“And your husband didn’t mention anything to you when he came home?”

Mrs Verloc simply turned her face from right to left in sign of negation. A languid, baffling silence reigned in the shop. Chief Inspector Heat felt provoked beyond endurance.

“There was another small matter,” he began in a detached tone, “which I wanted to speak to your husband about. There came into our hands a – a – what we believe is – a stolen overcoat.”

Mrs Verloc, with her mind specially aware of thieves that evening, touched lightly the bosom of her dress.

“We have lost no overcoat,” she said calmly.

“That’s funny,” continued Private Citizen Heat. “I see you keep a lot of marking ink here – ”

He took up a small bottle, and looked at it against the gas-jet in the middle of the shop.

“Purple – isn’t it?” he remarked, setting it down again. “As I said, it’s strange. Because the overcoat has got a label sewn on the inside with your address written in marking ink.”

Mrs Verloc leaned over the counter with a low exclamation.

“That’s my brother’s, then.”

“Where’s your brother? Can I see him?” asked the Chief Inspector briskly. Mrs Verloc leaned a little more over the counter.

“No. He isn’t here. I wrote that label myself.”

“Where’s your brother now?”

“He’s been away living with – a friend – in the country.”

“The overcoat comes from the country. And what’s the name of the friend?”

“Michaelis,” confessed Mrs Verloc in an awed whisper.

The Chief Inspector let out a whistle. His eyes snapped.

“Just so. Capital. And your brother now, what’s he like – a sturdy, darkish chap – eh?”

“Oh no,” exclaimed Mrs Verloc fervently. “That must be the thief. Stevie’s slight and fair.”

“Good,” said the Chief Inspector in an approving tone. And while Mrs Verloc, wavering between alarm and wonder, stared at him, he sought for information. Why have the address sewn like this inside the coat? And he heard that the mangled remains he had inspected that morning with extreme repugnance were those of a youth, nervous,

absent-minded, peculiar, and also that the woman who was speaking to him had had the charge of that boy since he was a baby.

“Easily excitable?” he suggested.

“Oh yes. He is. But how did he come to lose his coat – ”

Chief Inspector Heat suddenly pulled out a pink newspaper he had bought less than half-an-hour ago. He was interested in horses. Forced by his calling into an attitude of doubt and suspicion towards his fellow-citizens, Chief Inspector Heat relieved the instinct of credulity implanted in the human breast by putting unbounded faith in the sporting prophets of that particular evening publication. Dropping the extra special on to the counter, he plunged his hand again into his pocket, and pulling out the piece of cloth fate had presented him with out of a heap of things that seemed to have been collected in shambles and rag shops, he offered it to Mrs Verloc for inspection.

“I suppose you recognise this?”

She took it mechanically in both her hands. Her eyes seemed to grow bigger as she looked.

“Yes,” she whispered, then raised her head, and staggered backward a little.

“Whatever for is it torn out like this?”

The Chief Inspector snatched across the counter the cloth out of her hands, and she sat heavily on the chair. He thought: identification’s perfect. And in that moment he had a glimpse into the whole amazing truth. Verloc was the “other man.”

“Mrs Verloc,” he said, “it strikes me that you know more of this bomb affair than even you yourself are aware of.”

Mrs Verloc sat still, amazed, lost in boundless astonishment. What was the connection? And she became so rigid all over that she was not able to turn her head at the clatter of the bell, which caused the private investigator Heat to spin round on his heel. Mr Verloc had shut the door, and for a moment the two men looked at each other.

Mr Verloc, without looking at his wife, walked up to the Chief Inspector, who was relieved to see him return alone.

“You here!” muttered Mr Verloc heavily. “Who are you after?”

“No one,” said Chief Inspector Heat in a low tone. “Look here, I would like a word or two with you.”

Mr Verloc, still pale, had brought an air of resolution with him. Still he didn’t look at his wife. He said:

“Come in here, then.” And he led the way into the parlour.

The door was hardly shut when Mrs Verloc, jumping up from the chair, ran to it as if to fling it open, but instead of doing so fell on her knees, with her ear to the keyhole. The two men must have stopped directly they were through, because she heard plainly the Chief Inspector’s voice, though she could not see his finger pressed against her husband’s breast emphatically.

“You are the other man, Verloc. Two men were seen entering the park.”

And the voice of Mr Verloc said:

“Well, take me now. What’s to prevent you? You have the right.”

“Oh no! I know too well who you have been giving yourself away to. He’ll have to manage this little affair all by himself. But don’t you make a mistake, it’s I who found you out.”

Then she heard only muttering. Inspector Heat must have been showing to Mr Verloc the piece of Stevie’s overcoat, because Stevie’s sister, guardian, and protector heard her husband a little louder.

“I never noticed that she had hit upon that dodge.”

Again for a time Mrs Verloc heard nothing but murmurs, whose mysteriousness was less nightmarish to her brain than the horrible suggestions of shaped words. Then Chief Inspector Heat, on the other side of the door, raised his voice.

“You must have been mad.”

And Mr Verloc’s voice answered, with a sort of gloomy fury:

“I have been mad for a month or more, but I am not mad now. It’s all over. It shall all come out of my head, and hang the



consequences.”

There was a silence, and then Private Citizen Heat murmured:

“What’s coming out?”

“Everything,” exclaimed the voice of Mr Verloc, and then sank very low.

After a while it rose again.

“You have known me for several years now, and you’ve found me useful, too. You know I was a straight man. Yes, straight.”

This appeal to old acquaintance must have been extremely distasteful to the Chief Inspector.

His voice took on a warning note.

“Don’t you trust so much to what you have been promised. If I were you I would clear out. I don’t think we will run after you.”

Mr Verloc was heard to laugh a little.

“Oh yes; you hope the others will get rid of me for you – don’t you? No, no; you don’t shake me off now. I have been a straight man to those people too long, and now everything must come out.”

“Let it come out, then,” the indifferent voice of Chief Inspector Heat assented. “But tell me now how did you get away.”

“I was making for Chesterfield Walk,” Mrs Verloc heard her husband’s voice, “when I heard the bang. I started running then. Fog. I saw no one till I was past the end of George Street. Don’t think I met anyone till then.”

“So easy as that!” marvelled the voice of Chief Inspector Heat. “The bang startled you, eh?”

“Yes; it came too soon,” confessed the gloomy, husky voice of Mr Verloc.

Mrs Verloc pressed her ear to the keyhole; her lips were blue, her hands cold as ice, and her pale face, in which the two eyes seemed like two black holes, felt to her as if it were enveloped in flames.

On the other side of the door the voices sank very low. She caught words now and then, sometimes in her husband's voice, sometimes in the smooth tones of the Chief Inspector. She heard this last say:

“We believe he stumbled against the root of a tree?”

There was a husky, voluble murmur, which lasted for some time, and then the Chief Inspector, as if answering some inquiry, spoke emphatically.

“Of course. Blown to small bits: limbs, gravel, clothing, bones, splinters – all mixed up together. I tell you they had to fetch a shovel to gather him up with.”

Mrs Verloc sprang up suddenly from her crouching position, and stopping her ears, reeled to and fro between the counter and the shelves on the wall towards the chair. Her crazed eyes noted the sporting sheet left by the Chief Inspector, and as she knocked herself against the counter she snatched it up, fell into the chair, tore the optimistic, rosy sheet right across in trying to open it, and then flung it on the floor. On the other side of the door, Chief Inspector Heat was saying to Mr Verloc, the secret agent:

“So your defence will be practically a full confession?”

“It will. I am going to tell the whole story.”

“You won't be believed as much as you fancy you will.”

And the Chief Inspector remained thoughtful. The turn this affair was taking meant the disclosure of many things – the laying waste of fields of knowledge, which, cultivated by a capable man, had a distinct value for the individual and for the society. It was sorry, sorry meddling. It would leave Michaelis unscathed; it would drag to light the Professor's home industry; disorganise the whole system of supervision; make no end of a row in the papers, which, from that point of view, appeared to him by a sudden illumination as invariably written by fools for the reading of imbeciles. Mentally he agreed with the words Mr Verloc let fall at last in answer to his last remark.

“Perhaps not. But it will upset many things. I have been a straight man, and I shall keep straight in this – ”

“If they let you,” said the Chief Inspector cynically. “You will be preached to, no doubt, before they put you into the dock. And in the end you may yet get let in for a sentence that will surprise you. I wouldn’t trust too much the gentleman who’s been talking to you.”

Mr Verloc listened, frowning.

“My advice to you is to clear out while you may. I have no instructions. There are some of them,” continued Chief Inspector Heat, laying a peculiar stress on the word “them,” “who think you are already out of the world.”

“Indeed!” Mr Verloc was moved to say. Though since his return from Greenwich he had spent most of his time sitting in the tap-room of an obscure little public-house, he could hardly have hoped for such favourable news.

“That’s the impression about you.” The Chief Inspector nodded at him. “Vanish. Clear out.”

“Where to?” snarled Mr Verloc. He raised his head, and gazing at the closed door of the parlour, muttered feelingly: “I only wish you would take me away tonight. I would go quietly.”

“I daresay,” assented sardonically the Chief Inspector, following the direction of his glance.

The brow of Mr Verloc broke into slight moisture. He lowered his husky voice confidentially before the unmoved Chief Inspector.

“The lad was half-witted, irresponsible. Any court would have seen that at once. Only fit for the asylum. And that was the worst that would’ve happened to him if – ”

The Chief Inspector, his hand on the door handle, whispered into Mr Verloc’s face.

“He may’ve been half-witted, but you must have been crazy. What drove you off your head like this?”

Mr Verloc, thinking of Mr Vladimir, did not hesitate in the choice of words.

“A Hyperborean swine,” he hissed forcibly. “A what you might call a – a gentleman.”

The Chief Inspector, steady-eyed, nodded briefly his comprehension, and opened the door. Mrs Verloc, behind the counter, might have heard but did not see his departure, pursued by the aggressive clatter of the bell. She sat at her post of duty behind the counter. She sat rigidly erect in the chair with two dirty pink pieces of paper lying spread out at her feet. The palms of her hands were pressed convulsively to her face, with the tips of the fingers contracted against the forehead, as though the skin had been a mask which she was ready to tear off violently. The perfect immobility of her pose expressed the agitation of rage and despair, all the potential violence of tragic passions, better than any shallow display of shrieks, with the beating of a distracted head against the walls, could have done. Chief Inspector Heat, crossing the shop at his busy, swinging pace, gave her only a cursory glance. And when the cracked bell ceased to tremble on its curved ribbon of steel nothing stirred near Mrs Verloc, as if her attitude had the locking power of a spell. Even the butterfly-shaped gas flames posed on the ends of the suspended T-bracket burned without a quiver. In that shop of shady wares fitted with deal shelves painted a dull brown, which seemed to devour the sheen of the light, the gold circlet of the wedding ring on Mrs Verloc’s left hand glittered exceedingly with the untarnished glory of a piece from some splendid treasure of jewels, dropped in a dust-bin.

## CHAPTER X

The Assistant Commissioner, driven rapidly in a hansom from the neighbourhood of Soho in the direction of Westminster, got out at the very centre of the Empire on which the sun never sets. Some stalwart constables, who did not seem particularly impressed by the duty of watching the august spot, saluted him. Penetrating through a portal by no means lofty into the precincts of the House which is the House, par excellence in the minds of many millions of men, he was met at last by the volatile and revolutionary Toodles.

That neat and nice young man concealed his astonishment at the early appearance of the Assistant Commissioner, whom he had been told to look out for some time about midnight. His turning up so early he concluded to be the sign that things, whatever they were, had gone wrong. With an extremely ready sympathy, which in nice youngsters goes often with a joyous temperament, he felt sorry for the great Presence he called "The Chief," and also for the Assistant Commissioner, whose face appeared to him more ominously wooden than ever before, and quite wonderfully long. "What a queer, foreign-looking chap he is," he thought to himself, smiling from a distance with friendly buoyancy. And directly they came together he began to talk with the kind intention of burying the awkwardness of failure under a heap of words. It looked as if the great assault threatened for that night were going to fizzle out. An inferior henchman of "that brute Cheeseman" was up boring mercilessly a very thin House with some shamelessly cooked statistics. He, Toodles, hoped he would bore them into a count out every minute. But then he might be only marking time to let that guzzling Cheeseman dine at his leisure. Anyway, the Chief could not be persuaded to go home.

"He will see you at once, I think. He's sitting all alone in his room thinking of all the fishes of the sea," concluded Toodles airily. "Come along."

Notwithstanding the kindness of his disposition, the young private secretary (unpaid) was accessible to the common failings of

humanity. He did not wish to harrow the feelings of the Assistant Commissioner, who looked to him uncommonly like a man who has made a mess of his job. But his curiosity was too strong to be restrained by mere compassion. He could not help, as they went along, to throw over his shoulder lightly:

“And your sprat?”

“Got him,” answered the Assistant Commissioner with a concision which did not mean to be repellent in the least.

“Good. You’ve no idea how these great men dislike to be disappointed in small things.”

After this profound observation the experienced Toodles seemed to reflect. At any rate he said nothing for quite two seconds. Then:

“I’m glad. But – I say – is it really such a very small thing as you make it out?”

“Do you know what may be done with a sprat?” the Assistant Commissioner asked in his turn.

“He’s sometimes put into a sardine box,” chuckled Toodles, whose erudition on the subject of the fishing industry was fresh and, in comparison with his ignorance of all other industrial matters, immense. “There are sardine canneries on the Spanish coast which – ”

The Assistant Commissioner interrupted the apprentice statesman.

“Yes. Yes. But a sprat is also thrown away sometimes in order to catch a whale.”

“A whale. Phew!” exclaimed Toodles, with bated breath. “You’re after a whale, then?”

“Not exactly. What I am after is more like a dog-fish. You don’t know perhaps what a dog-fish is like.”

“Yes; I do. We’re buried in special books up to our necks – whole shelves full of them – with plates. . . . It’s a noxious, rascally-

looking, altogether detestable beast, with a sort of smooth face and moustaches.”

“Described to a T,” commended the Assistant Commissioner. “Only mine is clean-shaven altogether. You’ve seen him. It’s a witty fish.”

“I have seen him!” said Toodles incredulously. “I can’t conceive where I could have seen him.”

“At the Explorers, I should say,” dropped the Assistant Commissioner calmly. At the name of that extremely exclusive club Toodles looked scared, and stopped short.

“Nonsense,” he protested, but in an awe-struck tone. “What do you mean? A member?”

“Honorary,” muttered the Assistant Commissioner through his teeth.

“Heavens!”

Toodles looked so thunderstruck that the Assistant Commissioner smiled faintly.

“That’s between ourselves strictly,” he said.

“That’s the beastliest thing I’ve ever heard in my life,” declared Toodles feebly, as if astonishment had robbed him of all his buoyant strength in a second.

The Assistant Commissioner gave him an unsmiling glance. Till they came to the door of the great man’s room, Toodles preserved a scandalised and solemn silence, as though he were offended with the Assistant Commissioner for exposing such an unsavoury and disturbing fact. It revolutionised his idea of the Explorers’ Club’s extreme selectness, of its social purity. Toodles was revolutionary only in politics; his social beliefs and personal feelings he wished to preserve unchanged through all the years allotted to him on this earth which, upon the whole, he believed to be a nice place to live on.

He stood aside.

“Go in without knocking,” he said.

Shades of green silk fitted low over all the lights imparted to the room something of a forest's deep gloom. The haughty eyes were physically the great man's weak point. This point was wrapped up in secrecy. When an opportunity offered, he rested them conscientiously.

The Assistant Commissioner entering saw at first only a big pale hand supporting a big head, and concealing the upper part of a big pale face. An open despatch-box stood on the writing-table near a few oblong sheets of paper and a scattered handful of quill pens. There was absolutely nothing else on the large flat surface except a little bronze statuette draped in a toga, mysteriously watchful in its shadowy immobility. The Assistant Commissioner, invited to take a chair, sat down. In the dim light, the salient points of his personality, the long face, the black hair, his lankness, made him look more foreign than ever.

The great man manifested no surprise, no eagerness, no sentiment whatever. The attitude in which he rested his menaced eyes was profoundly meditative. He did not alter it the least bit. But his tone was not dreamy.

"Well! What is it that you've found out already? You came upon something unexpected on the first step."

"Not exactly unexpected, Sir Ethelred. What I mainly came upon was a psychological state."

The Great Presence made a slight movement. "You must be lucid, please."

"Yes, Sir Ethelred. You know no doubt that most criminals at some time or other feel an irresistible need of confessing – of making a clean breast of it to somebody – to anybody. And they do it often to the police. In that Verloc whom Heat wished so much to screen I've found a man in that particular psychological state. The man, figuratively speaking, flung himself on my breast. It was enough on my part to whisper to him who I was and to add 'I know that you are at the bottom of this affair.' It must have seemed miraculous to him that we should know already, but he took it all in the stride. The wonderfulness of it never checked him for a moment. There remained



for me only to put to him the two questions: Who put you up to it? and Who was the man who did it? He answered the first with remarkable emphasis. As to the second question, I gather that the fellow with the bomb was his brother-in-law – quite a lad – a weak-minded creature. . . . It is rather a curious affair – too long perhaps to state fully just now.”

“What then have you learned?” asked the great man.

“First, I’ve learned that the ex-convict Michaelis had nothing to do with it, though indeed the lad had been living with him temporarily in the country up to eight o’clock this morning. It is more than likely that Michaelis knows nothing of it to this moment.”

“You are positive as to that?” asked the great man.

“Quite certain, Sir Ethelred. This fellow Verloc went there this morning, and took away the lad on the pretence of going out for a walk in the lanes. As it was not the first time that he did this, Michaelis could not have the slightest suspicion of anything unusual. For the rest, Sir Ethelred, the indignation of this man Verloc had left nothing in doubt – nothing whatever. He had been driven out of his mind almost by an extraordinary performance, which for you or me it would be difficult to take as seriously meant, but which produced a great impression obviously on him.”

The Assistant Commissioner then imparted briefly to the great man, who sat still, resting his eyes under the screen of his hand, Mr Verloc’s appreciation of Mr Vladimir’s proceedings and character. The Assistant Commissioner did not seem to refuse it a certain amount of competency. But the great personage remarked:

“All this seems very fantastic.”

“Doesn’t it? One would think a ferocious joke. But our man took it seriously, it appears. He felt himself threatened. In the time, you know, he was in direct communication with old Stott-Wartenheim himself, and had come to regard his services as indispensable. It was an extremely rude awakening. I imagine that he lost his head. He became angry and frightened. Upon my word, my impression is that he thought these Embassy people quite capable not only to throw him out but, to give him away too in some manner or other – ”

“How long were you with him,” interrupted the Presence from behind his big hand.

“Some forty minutes Sir Ethelred, in a house of bad repute called Continental Hotel, closeted in a room which by-the-by I took for the night. I found him under the influence of that reaction which follows the effort of crime. The man cannot be defined as a hardened criminal. It is obvious that he did not plan the death of that wretched lad – his brother-in-law. That was a shock to him – I could see that. Perhaps he is a man of strong sensibilities. Perhaps he was even fond of the lad – who knows? He might have hoped that the fellow would get clear away; in which case it would have been almost impossible to bring this thing home to anyone. At any rate he risked consciously nothing more but arrest for him.”

The Assistant Commissioner paused in his speculations to reflect for a moment.

“Though how, in that last case, he could hope to have his own share in the business concealed is more than I can tell,” he continued, in his ignorance of poor Stevie’s devotion to Mr Verloc (who was good), and of his truly peculiar dumbness, which in the old affair of fireworks on the stairs had for many years resisted entreaties, coaxing, anger, and other means of investigation used by his beloved sister. For Stevie was loyal. . . . “No, I can’t imagine. It’s possible that he never thought of that at all. It sounds an extravagant way of putting it, Sir Ethelred, but his state of dismay suggested to me an impulsive man who, after committing suicide with the notion that it would end all his troubles, had discovered that it did nothing of the kind.”

The Assistant Commissioner gave this definition in an apologetic voice. But in truth there is a sort of lucidity proper to extravagant language, and the great man was not offended. A slight jerky movement of the big body half lost in the gloom of the green silk shades, of the big head leaning on the big hand, accompanied an intermittent stifled but powerful sound. The great man had laughed.

“What have you done with him?”

The Assistant Commissioner answered very readily:

“As he seemed very anxious to get back to his wife in the shop I let him go, Sir Ethelred.”

“You did? But the fellow will disappear.”

“Pardon me. I don’t think so. Where could he go to? Moreover, you must remember that he has got to think of the danger from his comrades too. He’s there at his post. How could he explain leaving it? But even if there were no obstacles to his freedom of action he would do nothing. At present he hasn’t enough moral energy to take a resolution of any sort. Permit me also to point out that if I had detained him we would have been committed to a course of action on which I wished to know your precise intentions first.”

The great personage rose heavily, an imposing shadowy form in the greenish gloom of the room.

“I’ll see the Attorney-General tonight, and will send for you tomorrow morning. Is there anything more you’d wish to tell me now?”

The Assistant Commissioner had stood up also, slender and flexible.

“I think not, Sir Ethelred, unless I were to enter into details which – ”

“No. No details, please.”

The great shadowy form seemed to shrink away as if in physical dread of details; then came forward, expanded, enormous, and weighty, offering a large hand. “And you say that this man has got a wife?”

“Yes, Sir Ethelred,” said the Assistant Commissioner, pressing deferentially the extended hand. “A genuine wife and a genuinely, respectably, marital relation. He told me that after his interview at the Embassy he would have thrown everything up, would have tried to sell his shop, and leave the country, only he felt certain that his wife would not even hear of going abroad. Nothing could be more characteristic of the respectable bond than that,” went on, with a touch of grimness, the Assistant Commissioner, whose own wife too had refused to hear of going abroad. “Yes, a genuine wife. And the victim was a genuine

brother-in-law. From a certain point of view we are here in the presence of a domestic drama.”

The Assistant Commissioner laughed a little; but the great man’s thoughts seemed to have wandered far away, perhaps to the questions of his country’s domestic policy, the battle-ground of his crusading valour against the paynim Cheeseman. The Assistant Commissioner withdrew quietly, unnoticed, as if already forgotten.

He had his own crusading instincts. This affair, which, in one way or another, disgusted Chief Inspector Heat, seemed to him a providentially given starting-point for a crusade. He had it much at heart to begin. He walked slowly home, meditating that enterprise on the way, and thinking over Mr Verloc’s psychology in a composite mood of repugnance and satisfaction. He walked all the way home. Finding the drawing-room dark, he went upstairs, and spent some time between the bedroom and the dressing-room, changing his clothes, going to and fro with the air of a thoughtful somnambulist. But he shook it off before going out again to join his wife at the house of the great lady patroness of Michaelis.

He knew he would be welcomed there. On entering the smaller of the two drawing-rooms he saw his wife in a small group near the piano. A youngish composer in pass of becoming famous was discoursing from a music stool to two thick men whose backs looked old, and three slender women whose backs looked young. Behind the screen the great lady had only two persons with her: a man and a woman, who sat side by side on arm-chairs at the foot of her couch. She extended her hand to the Assistant Commissioner.

“I never hoped to see you here tonight. Annie told me – ”

“Yes. I had no idea myself that my work would be over so soon.”

The Assistant Commissioner added in a low tone. “I am glad to tell you that Michaelis is altogether clear of this – ”

The patroness of the ex-convict received this assurance indignantly.

“Why? Were your people stupid enough to connect him with –”

“Not stupid,” interrupted the Assistant Commissioner, contradicting deferentially. “Clever enough – quite clever enough for that.”

A silence fell. The man at the foot of the couch had stopped speaking to the lady, and looked on with a faint smile.

“I don’t know whether you ever met before,” said the great lady.

Mr Vladimir and the Assistant Commissioner, introduced, acknowledged each other’s existence with punctilious and guarded courtesy.

“He’s been frightening me,” declared suddenly the lady who sat by the side of Mr Vladimir, with an inclination of the head towards that gentleman. The Assistant Commissioner knew the lady.

“You do not look frightened,” he pronounced, after surveying her conscientiously with his tired and equable gaze. He was thinking meantime to himself that in this house one met everybody sooner or later. Mr Vladimir’s rosy countenance was wreathed in smiles, because he was witty, but his eyes remained serious, like the eyes of convinced man.

“Well, he tried to at least,” amended the lady.

“Force of habit perhaps,” said the Assistant Commissioner, moved by an irresistible inspiration.

“He has been threatening society with all sorts of horrors,” continued the lady, whose enunciation was caressing and slow, “apropos of this explosion in Greenwich Park. It appears we all ought to quake in our shoes at what’s coming if those people are not suppressed all over the world. I had no idea this was such a grave affair.”

Mr Vladimir, affecting not to listen, leaned towards the couch, talking amiably in subdued tones, but he heard the Assistant Commissioner say:

“I’ve no doubt that Mr Vladimir has a very precise notion of the true importance of this affair.”

Mr Vladimir asked himself what that confounded and intrusive policeman was driving at. Descended from generations victimised by the instruments of an arbitrary power, he was racially, nationally, and individually afraid of the police. It was an inherited weakness, altogether independent of his judgment, of his reason, of his experience. He was born to it. But that sentiment, which resembled the irrational horror some people have of cats, did not stand in the way of his immense contempt for the English police. He finished the sentence addressed to the great lady, and turned slightly in his chair.

“You mean that we have a great experience of these people. Yes; indeed, we suffer greatly from their activity, while you” – Mr Vladimir hesitated for a moment, in smiling perplexity – “while you suffer their presence gladly in your midst,” he finished, displaying a dimple on each clean-shaven cheek. Then he added more gravely: “I may even say – because you do.”

When Mr Vladimir ceased speaking the Assistant Commissioner lowered his glance, and the conversation dropped. Almost immediately afterwards Mr Vladimir took leave.

Directly his back was turned on the couch the Assistant Commissioner rose too.

“I thought you were going to stay and take Annie home,” said the lady patroness of Michaelis.

“I find that I’ve yet a little work to do tonight.”

“In connection – ?”

“Well, yes – in a way.”

“Tell me, what is it really – this horror?”

“It’s difficult to say what it is, but it may yet be a cause célèbre,” said the Assistant Commissioner.

He left the drawing-room hurriedly, and found Mr Vladimir still in the hall, wrapping up his throat carefully in a large silk handkerchief. Behind him a footman waited, holding his overcoat. Another stood

ready to open the door. The Assistant Commissioner was duly helped into his coat, and let out at once. After descending the front steps he stopped, as if to consider the way he should take. On seeing this through the door held open, Mr Vladimir lingered in the hall to get out a cigar and asked for a light. It was furnished to him by an elderly man out of livery with an air of calm solicitude. But the match went out; the footman then closed the door, and Mr Vladimir lighted his large Havana with leisurely care.

When at last he got out of the house, he saw with disgust the “confounded policeman” still standing on the pavement.

“Can he be waiting for me,” thought Mr Vladimir, looking up and down for some signs of a hansom. He saw none. A couple of carriages waited by the curbstone, their lamps blazing steadily, the horses standing perfectly still, as if carved in stone, the coachmen sitting motionless under the big fur capes, without as much as a quiver stirring the white thongs of their big whips. Mr Vladimir walked on, and the “confounded policeman” fell into step at his elbow. He said nothing. At the end of the fourth stride Mr Vladimir felt infuriated and uneasy. This could not last.

“Rotten weather,” he growled savagely.

“Mild,” said the Assistant Commissioner without passion. He remained silent for a little while. “We’ve got hold of a man called Verloc,” he announced casually.

Mr Vladimir did not stumble, did not stagger back, did not change his stride. But he could not prevent himself from exclaiming: “What?” The Assistant Commissioner did not repeat his statement. “You know him,” he went on in the same tone.

Mr Vladimir stopped, and became guttural. “What makes you say that?”

“I don’t. It’s Verloc who says that.”

“A lying dog of some sort,” said Mr Vladimir in somewhat Oriental phraseology. But in his heart he was almost awed by the miraculous cleverness of the English police. The change of his opinion

on the subject was so violent that it made him for a moment feel slightly sick. He threw away his cigar, and moved on.

“What pleased me most in this affair,” the Assistant went on, talking slowly, “is that it makes such an excellent starting-point for a piece of work which I’ve felt must be taken in hand – that is, the clearing out of this country of all the foreign political spies, police, and that sort of – of – dogs. In my opinion they are a ghastly nuisance; also an element of danger. But we can’t very well seek them out individually. The only way is to make their employment unpleasant to their employers. The thing’s becoming indecent. And dangerous too, for us, here.”

Mr Vladimir stopped again for a moment.

“What do you mean?”

“The prosecution of this Verloc will demonstrate to the public both the danger and the indecency.”

“Nobody will believe what a man of that sort says,” said Mr Vladimir contemptuously.

“The wealth and precision of detail will carry conviction to the great mass of the public,” advanced the Assistant Commissioner gently.

“So that is seriously what you mean to do.”

“We’ve got the man; we have no choice.”

“You will be only feeding up the lying spirit of these revolutionary scoundrels,” Mr Vladimir protested. “What do you want to make a scandal for? – from morality – or what?”

Mr Vladimir’s anxiety was obvious. The Assistant Commissioner having ascertained in this way that there must be some truth in the summary statements of Mr Verloc, said indifferently:

“There’s a practical side too. We have really enough to do to look after the genuine article. You can’t say we are not effective. But we don’t intend to let ourselves be bothered by shams under any pretext whatever.”

Mr Vladimir’s tone became lofty.



“For my part, I can’t share your view. It is selfish. My sentiments for my own country cannot be doubted; but I’ve always felt that we ought to be good Europeans besides – I mean governments and men.”

“Yes,” said the Assistant Commissioner simply. “Only you look at Europe from its other end. But,” he went on in a good-natured tone, “the foreign governments cannot complain of the inefficiency of our police. Look at this outrage; a case specially difficult to trace inasmuch as it was a sham. In less than twelve hours we have established the identity of a man literally blown to shreds, have found the organiser of the attempt, and have had a glimpse of the inciter behind him. And we could have gone further; only we stopped at the limits of our territory.”

“So this instructive crime was planned abroad,” Mr Vladimir said quickly. “You admit it was planned abroad?”

“Theoretically. Theoretically only, on foreign territory; abroad only by a fiction,” said the Assistant Commissioner, alluding to the character of Embassies, which are supposed to be part and parcel of the country to which they belong. “But that’s a detail. I talked to you of this business because it’s your government that grumbles most at our police. You see that we are not so bad. I wanted particularly to tell you of our success.”

“I’m sure I’m very grateful,” muttered Mr Vladimir through his teeth.

“We can put our finger on every anarchist here,” went on the Assistant Commissioner, as though he were quoting Chief Inspector Heat. “All that’s wanted now is to do away with the agent provocateur to make everything safe.”

Mr Vladimir held up his hand to a passing hansom.

“You’re not going in here,” remarked the Assistant Commissioner, looking at a building of noble proportions and hospitable aspect, with the light of a great hall falling through its glass doors on a broad flight of steps.

But Mr Vladimir, sitting, stony-eyed, inside the hansom, drove off without a word.

The Assistant Commissioner himself did not turn into the noble building. It was the Explorers' Club. The thought passed through his mind that Mr Vladimir, honorary member, would not be seen very often there in the future. He looked at his watch. It was only half-past ten. He had had a very full evening.

## CHAPTER XI

After Chief Inspector Heat had left him Mr Verloc moved about the parlour.

From time to time he eyed his wife through the open door. "She knows all about it now," he thought to himself with commiseration for her sorrow and with some satisfaction as regarded himself. Mr Verloc's soul, if lacking greatness perhaps, was capable of tender sentiments. The prospect of having to break the news to her had put him into a fever. Chief Inspector Heat had relieved him of the task. That was good as far as it went. It remained for him now to face her grief.

Mr Verloc had never expected to have to face it on account of death, whose catastrophic character cannot be argued away by sophisticated reasoning or persuasive eloquence. Mr Verloc never meant Stevie to perish with such abrupt violence. He did not mean him to perish at all. Stevie dead was a much greater nuisance than ever he had been when alive. Mr Verloc had augured a favourable issue to his enterprise, basing himself not on Stevie's intelligence, which sometimes plays queer tricks with a man, but on the blind docility and on the blind devotion of the boy. Though not much of a psychologist, Mr Verloc had gauged the depth of Stevie's fanaticism. He dared cherish the hope of Stevie walking away from the walls of the Observatory as he had been instructed to do, taking the way shown to him several times previously, and rejoining his brother-in-law, the wise and good Mr Verloc, outside the precincts of the park. Fifteen minutes ought to have been enough for the veriest fool to deposit the engine and walk away. And the Professor had guaranteed more than fifteen minutes. But Stevie had stumbled within five minutes of being left to himself. And Mr Verloc was shaken morally to pieces. He had foreseen everything but that. He had foreseen Stevie distracted and lost – sought for – found in some police station or provincial workhouse in the end. He had foreseen Stevie arrested, and was not afraid, because Mr Verloc had a great opinion of Stevie's loyalty, which had been carefully indoctrinated with the necessity of silence in the course of many walks. Like a peripatetic philosopher, Mr Verloc, strolling along the streets of

London, had modified Stevie's view of the police by conversations full of subtle reasonings. Never had a sage a more attentive and admiring disciple. The submission and worship were so apparent that Mr Verloc had come to feel something like a liking for the boy. In any case, he had not foreseen the swift bringing home of his connection. That his wife should hit upon the precaution of sewing the boy's address inside his overcoat was the last thing Mr Verloc would have thought of. One can't think of everything. That was what she meant when she said that he need not worry if he lost Stevie during their walks. She had assured him that the boy would turn up all right. Well, he had turned up with a vengeance!

"Well, well," muttered Mr Verloc in his wonder. What did she mean by it? Spare him the trouble of keeping an anxious eye on Stevie? Most likely she had meant well. Only she ought to have told him of the precaution she had taken.

Mr Verloc walked behind the counter of the shop. His intention was not to overwhelm his wife with bitter reproaches. Mr Verloc felt no bitterness. The unexpected march of events had converted him to the doctrine of fatalism. Nothing could be helped now. He said:

"I didn't mean any harm to come to the boy."

Mrs Verloc shuddered at the sound of her husband's voice. She did not uncover her face. The trusted secret agent of the late Baron Stott-Wartenheim looked at her for a time with a heavy, persistent, undiscerning glance. The torn evening paper was lying at her feet. It could not have told her much. Mr Verloc felt the need of talking to his wife.

"It's that damned Heat – eh?" he said. "He upset you. He's a brute, blurting it out like this to a woman. I made myself ill thinking how to break it to you. I sat for hours in the little parlour of Cheshire Cheese thinking over the best way. You understand I never meant any harm to come to that boy."

Mr Verloc, the Secret Agent, was speaking the truth. It was his marital affection that had received the greatest shock from the premature explosion. He added:

“I didn’t feel particularly gay sitting there and thinking of you.”

He observed another slight shudder of his wife, which affected his sensibility. As she persisted in hiding her face in her hands, he thought he had better leave her alone for a while. On this delicate impulse Mr Verloc withdrew into the parlour again, where the gas jet purred like a contented cat. Mrs Verloc’s wifely forethought had left the cold beef on the table with carving knife and fork and half a loaf of bread for Mr Verloc’s supper. He noticed all these things now for the first time, and cutting himself a piece of bread and meat, began to eat.

His appetite did not proceed from callousness. Mr Verloc had not eaten any breakfast that day. He had left his home fasting. Not being an energetic man, he found his resolution in nervous excitement, which seemed to hold him mainly by the throat. He could not have swallowed anything solid. Michaelis’ cottage was as destitute of provisions as the cell of a prisoner. The ticket-of-leave apostle lived on a little milk and crusts of stale bread. Moreover, when Mr Verloc arrived he had already gone upstairs after his frugal meal. Absorbed in the toil and delight of literary composition, he had not even answered Mr Verloc’s shout up the little staircase.

“I am taking this young fellow home for a day or two.”

And, in truth, Mr Verloc did not wait for an answer, but had marched out of the cottage at once, followed by the obedient Stevie.

Now that all action was over and his fate taken out of his hands with unexpected swiftness, Mr Verloc felt terribly empty physically. He carved the meat, cut the bread, and devoured his supper standing by the table, and now and then casting a glance towards his wife. Her prolonged immobility disturbed the comfort of his refection. He walked again into the shop, and came up very close to her. This sorrow with a veiled face made Mr Verloc uneasy. He expected, of course, his wife to be very much upset, but he wanted her to pull herself together. He needed all her assistance and all her loyalty in these new conjunctures his fatalism had already accepted.

“Can’t be helped,” he said in a tone of gloomy sympathy. “Come, Winnie, we’ve got to think of tomorrow. You’ll want all your wits

about you after I am taken away.”

He paused. Mrs Verloc’s breast heaved convulsively. This was not reassuring to Mr Verloc, in whose view the newly created situation required from the two people most concerned in it calmness, decision, and other qualities incompatible with the mental disorder of passionate sorrow. Mr Verloc was a humane man; he had come home prepared to allow every latitude to his wife’s affection for her brother.

Only he did not understand either the nature or the whole extent of that sentiment. And in this he was excusable, since it was impossible for him to understand it without ceasing to be himself. He was startled and disappointed, and his speech conveyed it by a certain roughness of tone.

“You might look at a fellow,” he observed after waiting a while.

As if forced through the hands covering Mrs Verloc’s face the answer came, deadened, almost pitiful.

“I don’t want to look at you as long as I live.”

“Eh? What!” Mr Verloc was merely startled by the superficial and literal meaning of this declaration. It was obviously unreasonable, the mere cry of exaggerated grief. He threw over it the mantle of his marital indulgence. The mind of Mr Verloc lacked profundity. Under the mistaken impression that the value of individuals consists in what they are in themselves, he could not possibly comprehend the value of Stevie in the eyes of Mrs Verloc. She was taking it confoundedly hard, he thought to himself. It was all the fault of that damned Heat. What did he want to upset the woman for? But she mustn’t be allowed, for her own good, to carry on so till she got quite beside herself.

“Look here! You can’t sit like this in the shop,” he said with affected severity, in which there was some real annoyance; for urgent practical matters must be talked over if they had to sit up all night. “Somebody might come in at any minute,” he added, and waited again. No effect was produced, and the idea of the finality of death occurred to Mr Verloc during the pause. He changed his tone. “Come. This won’t bring him back,” he said gently, feeling ready to take her in his arms and press her to his breast, where impatience and compassion dwelt

side by side. But except for a short shudder Mrs Verloc remained apparently unaffected by the force of that terrible truism. It was Mr Verloc himself who was moved. He was moved in his simplicity to urge moderation by asserting the claims of his own personality.

“Do be reasonable, Winnie. What would it have been if you had lost me!”

He had vaguely expected to hear her cry out. But she did not budge. She leaned back a little, quieted down to a complete unreadable stillness. Mr Verloc’s heart began to beat faster with exasperation and something resembling alarm. He laid his hand on her shoulder, saying:

“Don’t be a fool, Winnie.”

She gave no sign. It was impossible to talk to any purpose with a woman whose face one cannot see. Mr Verloc caught hold of his wife’s wrists. But her hands seemed glued fast. She swayed forward bodily to his tug, and nearly went off the chair. Startled to feel her so helplessly limp, he was trying to put her back on the chair when she stiffened suddenly all over, tore herself out of his hands, ran out of the shop, across the parlour, and into the kitchen. This was very swift. He had just a glimpse of her face and that much of her eyes that he knew she had not looked at him.

It all had the appearance of a struggle for the possession of a chair, because Mr Verloc instantly took his wife’s place in it. Mr Verloc did not cover his face with his hands, but a sombre thoughtfulness veiled his features. A term of imprisonment could not be avoided. He did not wish now to avoid it. A prison was a place as safe from certain unlawful vengeance as the grave, with this advantage, that in a prison there is room for hope. What he saw before him was a term of imprisonment, an early release and then life abroad somewhere, such as he had contemplated already, in case of failure. Well, it was a failure, if not exactly the sort of failure he had feared. It had been so near success that he could have positively terrified Mr Vladimir out of his ferocious scoffing with this proof of occult efficiency. So at least it seemed now to Mr Verloc. His prestige with the Embassy would have been immense if – if his wife had not had the unlucky notion of sewing on the address

inside Stevie's overcoat. Mr Verloc, who was no fool, had soon perceived the extraordinary character of the influence he had over Stevie, though he did not understand exactly its origin – the doctrine of his supreme wisdom and goodness inculcated by two anxious women. In all the eventualities he had foreseen Mr Verloc had calculated with correct insight on Stevie's instinctive loyalty and blind discretion. The eventuality he had not foreseen had appalled him as a humane man and a fond husband. From every other point of view it was rather advantageous. Nothing can equal the everlasting discretion of death. Mr Verloc, sitting perplexed and frightened in the small parlour of the Cheshire Cheese, could not help acknowledging that to himself, because his sensibility did not stand in the way of his judgment. Stevie's violent disintegration, however disturbing to think about, only assured the success; for, of course, the knocking down of a wall was not the aim of Mr Vladimir's menaces, but the production of a moral effect. With much trouble and distress on Mr Verloc's part the effect might be said to have been produced. When, however, most unexpectedly, it came home to roost in Brett Street, Mr Verloc, who had been struggling like a man in a nightmare for the preservation of his position, accepted the blow in the spirit of a convinced fatalist. The position was gone through no one's fault really. A small, tiny fact had done it. It was like slipping on a bit of orange peel in the dark and breaking your leg.

Mr Verloc drew a weary breath. He nourished no resentment against his wife. He thought: She will have to look after the shop while they keep me locked up. And thinking also how cruelly she would miss Stevie at first, he felt greatly concerned about her health and spirits. How would she stand her solitude – absolutely alone in that house? It would not do for her to break down while he was locked up? What would become of the shop then? The shop was an asset. Though Mr Verloc's fatalism accepted his undoing as a secret agent, he had no mind to be utterly ruined, mostly, it must be owned, from regard for his wife.

Silent, and out of his line of sight in the kitchen, she frightened him. If only she had had her mother with her. But that silly old woman



– An angry dismay possessed Mr Verloc. He must talk with his wife. He could tell her certainly that a man does get desperate under certain circumstances. But he did not go incontinently to impart to her that information. First of all, it was clear to him that this evening was no time for business. He got up to close the street door and put the gas out in the shop.

Having thus assured a solitude around his hearthstone Mr Verloc walked into the parlour, and glanced down into the kitchen. Mrs Verloc was sitting in the place where poor Stevie usually established himself of an evening with paper and pencil for the pastime of drawing these coruscations of innumerable circles suggesting chaos and eternity. Her arms were folded on the table, and her head was lying on her arms. Mr Verloc contemplated her back and the arrangement of her hair for a time, then walked away from the kitchen door. Mrs Verloc's philosophical, almost disdainful incuriosity, the foundation of their accord in domestic life made it extremely difficult to get into contact with her, now this tragic necessity had arisen. Mr Verloc felt this difficulty acutely. He turned around the table in the parlour with his usual air of a large animal in a cage.

Curiosity being one of the forms of self-revelation, – a systematically incurious person remains always partly mysterious. Every time he passed near the door Mr Verloc glanced at his wife uneasily. It was not that he was afraid of her. Mr Verloc imagined himself loved by that woman. But she had not accustomed him to make confidences. And the confidence he had to make was of a profound psychological order. How with his want of practice could he tell her what he himself felt but vaguely: that there are conspiracies of fatal destiny, that a notion grows in a mind sometimes till it acquires an outward existence, an independent power of its own, and even a suggestive voice? He could not inform her that a man may be haunted by a fat, witty, clean-shaved face till the wildest expedient to get rid of it appears a child of wisdom.

On this mental reference to a First Secretary of a great Embassy, Mr Verloc stopped in the doorway, and looking down into the kitchen with an angry face and clenched fists, addressed his wife.

“You don’t know what a brute I had to deal with.”

He started off to make another perambulation of the table; then when he had come to the door again he stopped, glaring in from the height of two steps.

“A silly, jeering, dangerous brute, with no more sense than – After all these years! A man like me! And I have been playing my head at that game. You didn’t know. Quite right, too. What was the good of telling you that I stood the risk of having a knife stuck into me any time these seven years we’ve been married? I am not a chap to worry a woman that’s fond of me. You had no business to know.” Mr Verloc took another turn round the parlour, fuming.

“A venomous beast,” he began again from the doorway. “Drive me out into a ditch to starve for a joke. I could see he thought it was a damned good joke. A man like me! Look here! Some of the highest in the world got to thank me for walking on their two legs to this day. That’s the man you’ve got married to, my girl!”

He perceived that his wife had sat up. Mrs Verloc’s arms remained lying stretched on the table. Mr Verloc watched at her back as if he could read there the effect of his words.

“There isn’t a murdering plot for the last eleven years that I hadn’t my finger in at the risk of my life. There’s scores of these revolutionists I’ve sent off, with their bombs in their blamed pockets, to get themselves caught on the frontier. The old Baron knew what I was worth to his country. And here suddenly a swine comes along – an ignorant, overbearing swine.”

Mr Verloc, stepping slowly down two steps, entered the kitchen, took a tumbler off the dresser, and holding it in his hand, approached the sink, without looking at his wife. “It wasn’t the old Baron who would have had the wicked folly of getting me to call on him at eleven in the morning. There are two or three in this town that, if they had seen me going in, would have made no bones about knocking me on the head sooner or later. It was a silly, murderous trick to expose for nothing a man – like me.”

Mr Verloc, turning on the tap above the sink, poured three glasses of water, one after another, down his throat to quench the fires of his indignation. Mr Vladimir's conduct was like a hot brand which set his internal economy in a blaze. He could not get over the disloyalty of it. This man, who would not work at the usual hard tasks which society sets to its humbler members, had exercised his secret industry with an indefatigable devotion. There was in Mr Verloc a fund of loyalty. He had been loyal to his employers, to the cause of social stability, – and to his affections too – as became apparent when, after standing the tumbler in the sink, he turned about, saying:

“If I hadn't thought of you I would have taken the bullying brute by the throat and rammed his head into the fireplace. I'd have been more than a match for that pink-faced, smooth-shaved – ”

Mr Verloc, neglected to finish the sentence, as if there could be no doubt of the terminal word. For the first time in his life he was taking that incurious woman into his confidence. The singularity of the event, the force and importance of the personal feelings aroused in the course of this confession, drove Stevie's fate clean out of Mr Verloc's mind. The boy's stuttering existence of fears and indignations, together with the violence of his end, had passed out of Mr Verloc's mental sight for a time. For that reason, when he looked up he was startled by the inappropriate character of his wife's stare. It was not a wild stare, and it was not inattentive, but its attention was peculiar and not satisfactory, inasmuch that it seemed concentrated upon some point beyond Mr Verloc's person. The impression was so strong that Mr Verloc glanced over his shoulder. There was nothing behind him: there was just the whitewashed wall. The excellent husband of Winnie Verloc saw no writing on the wall. He turned to his wife again, repeating, with some emphasis:

“I would have taken him by the throat. As true as I stand here, if I hadn't thought of you then I would have half choked the life out of the brute before I let him get up. And don't you think he would have been anxious to call the police either. He wouldn't have dared. You understand why – don't you?”

He blinked at his wife knowingly.

“No,” said Mrs Verloc in an unresonant voice, and without looking at him at all. “What are you talking about?”

A great discouragement, the result of fatigue, came upon Mr Verloc. He had had a very full day, and his nerves had been tried to the utmost. After a month of maddening worry, ending in an unexpected catastrophe, the storm-tossed spirit of Mr Verloc longed for repose. His career as a secret agent had come to an end in a way no one could have foreseen; only, now, perhaps he could manage to get a night’s sleep at last. But looking at his wife, he doubted it. She was taking it very hard – not at all like herself, he thought. He made an effort to speak.

“You’ll have to pull yourself together, my girl,” he said sympathetically. “What’s done can’t be undone.”

Mrs Verloc gave a slight start, though not a muscle of her white face moved in the least. Mr Verloc, who was not looking at her, continued ponderously.

“You go to bed now. What you want is a good cry.”

This opinion had nothing to recommend it but the general consent of mankind. It is universally understood that, as if it were nothing more substantial than vapour floating in the sky, every emotion of a woman is bound to end in a shower. And it is very probable that had Stevie died in his bed under her despairing gaze, in her protecting arms, Mrs Verloc’s grief would have found relief in a flood of bitter and pure tears. Mrs Verloc, in common with other human beings, was provided with a fund of unconscious resignation sufficient to meet the normal manifestation of human destiny. Without “troubling her head about it,” she was aware that it “did not stand looking into very much.” But the lamentable circumstances of Stevie’s end, which to Mr Verloc’s mind had only an episodic character, as part of a greater disaster, dried her tears at their very source. It was the effect of a white-hot iron drawn across her eyes; at the same time her heart, hardened and chilled into a lump of ice, kept her body in an inward shudder, set her features into a frozen contemplative immobility addressed to a whitewashed wall with no writing on it. The

exigencies of Mrs Verloc's temperament, which, when stripped of its philosophical reserve, was maternal and violent, forced her to roll a series of thoughts in her motionless head. These thoughts were rather imagined than expressed. Mrs Verloc was a woman of singularly few words, either for public or private use. With the rage and dismay of a betrayed woman, she reviewed the tenor of her life in visions concerned mostly with Stevie's difficult existence from its earliest days. It was a life of single purpose and of a noble unity of inspiration, like those rare lives that have left their mark on the thoughts and feelings of mankind. But the visions of Mrs Verloc lacked nobility and magnificence. She saw herself putting the boy to bed by the light of a single candle on the deserted top floor of a "business house," dark under the roof and scintillating exceedingly with lights and cut glass at the level of the street like a fairy palace. That meretricious splendour was the only one to be met in Mrs Verloc's visions. She remembered brushing the boy's hair and tying his pinafores – herself in a pinafore still; the consolations administered to a small and badly scared creature by another creature nearly as small but not quite so badly scared; she had the vision of the blows intercepted (often with her own head), of a door held desperately shut against a man's rage (not for very long); of a poker flung once (not very far), which stilled that particular storm into the dumb and awful silence which follows a thunder-clap. And all these scenes of violence came and went accompanied by the unrefined noise of deep vociferations proceeding from a man wounded in his paternal pride, declaring himself obviously accursed since one of his kids was a "slobbering idjut and the other a wicked she-devil." It was of her that this had been said many years ago.

Mrs Verloc heard the words again in a ghostly fashion, and then the dreary shadow of the Belgravian mansion descended upon her shoulders. It was a crushing memory, an exhausting vision of countless breakfast trays carried up and down innumerable stairs, of endless haggling over pence, of the endless drudgery of sweeping, dusting, cleaning, from basement to attics; while the impotent mother, staggering on swollen legs, cooked in a grimy kitchen, and poor Stevie, the unconscious presiding genius of all their toil, blacked the

gentlemen's boots in the scullery. But this vision had a breath of a hot London summer in it, and for a central figure a young man wearing his Sunday best, with a straw hat on his dark head and a wooden pipe in his mouth. Affectionate and jolly, he was a fascinating companion for a voyage down the sparkling stream of life; only his boat was very small. There was room in it for a girl-partner at the oar, but no accommodation for passengers. He was allowed to drift away from the threshold of the Belgravian mansion while Winnie averted her tearful eyes. He was not a lodger. The lodger was Mr Verloc, indolent, and keeping late hours, sleepily jocular of a morning from under his bed-clothes, but with gleams of infatuation in his heavy lidded eyes, and always with some money in his pockets. There was no sparkle of any kind on the lazy stream of his life. It flowed through secret places. But his barque seemed a roomy craft, and his taciturn magnanimity accepted as a matter of course the presence of passengers.

Mrs Verloc pursued the visions of seven years' security for Stevie, loyally paid for on her part; of security growing into confidence, into a domestic feeling, stagnant and deep like a placid pool, whose guarded surface hardly shuddered on the occasional passage of Comrade Ossipon, the robust anarchist with shamelessly inviting eyes, whose glance had a corrupt clearness sufficient to enlighten any woman not absolutely imbecile.

A few seconds only had elapsed since the last word had been uttered aloud in the kitchen, and Mrs Verloc was staring already at the vision of an episode not more than a fortnight old. With eyes whose pupils were extremely dilated she stared at the vision of her husband and poor Stevie walking up Brett Street side by side away from the shop. It was the last scene of an existence created by Mrs Verloc's genius; an existence foreign to all grace and charm, without beauty and almost without decency, but admirable in the continuity of feeling and tenacity of purpose. And this last vision has such plastic relief, such nearness of form, such a fidelity of suggestive detail, that it wrung from Mrs Verloc an anguished and faint murmur, reproducing the supreme illusion of her life, an appalled murmur that died out on her blanched lips.

“Might have been father and son.”

Mr Verloc stopped, and raised a care-worn face. “Eh? What did you say?” he asked. Receiving no reply, he resumed his sinister tramping. Then with a menacing flourish of a thick, fleshy fist, he burst out:

“Yes. The Embassy people. A pretty lot, ain’t they! Before a week’s out I’ll make some of them wish themselves twenty feet underground. Eh? What?”

He glanced sideways, with his head down. Mrs Verloc gazed at the whitewashed wall. A blank wall – perfectly blank. A blankness to run at and dash your head against. Mrs Verloc remained immovably seated. She kept still as the population of half the globe would keep still in astonishment and despair, were the sun suddenly put out in the summer sky by the perfidy of a trusted providence.

“The Embassy,” Mr Verloc began again, after a preliminary grimace which bared his teeth wolfishly. “I wish I could get loose in there with a cudgel for half-an-hour. I would keep on hitting till there wasn’t a single unbroken bone left amongst the whole lot. But never mind, I’ll teach them yet what it means trying to throw out a man like me to rot in the streets. I’ve a tongue in my head. All the world shall know what I’ve done for them. I am not afraid. I don’t care. Everything’ll come out. Every damned thing. Let them look out!”

In these terms did Mr Verloc declare his thirst for revenge. It was a very appropriate revenge. It was in harmony with the promptings of Mr Verloc’s genius. It had also the advantage of being within the range of his powers and of adjusting itself easily to the practice of his life, which had consisted precisely in betraying the secret and unlawful proceedings of his fellow-men. Anarchists or diplomats were all one to him. Mr Verloc was temperamentally no respecter of persons. His scorn was equally distributed over the whole field of his operations. But as a member of a revolutionary proletariat – which he undoubtedly was – he nourished a rather inimical sentiment against social distinction.

“Nothing on earth can stop me now,” he added, and paused, looking fixedly at his wife, who was looking fixedly at a blank wall.

The silence in the kitchen was prolonged, and Mr Verloc felt disappointed. He had expected his wife to say something. But Mrs Verloc’s lips, composed in their usual form, preserved a statuesque immobility like the rest of her face. And Mr Verloc was disappointed. Yet the occasion did not, he recognised, demand speech from her. She was a woman of very few words. For reasons involved in the very foundation of his psychology, Mr Verloc was inclined to put his trust in any woman who had given herself to him. Therefore he trusted his wife. Their accord was perfect, but it was not precise. It was a tacit accord, congenial to Mrs Verloc’s incuriosity and to Mr Verloc’s habits of mind, which were indolent and secret. They refrained from going to the bottom of facts and motives.

This reserve, expressing, in a way, their profound confidence in each other, introduced at the same time a certain element of vagueness into their intimacy. No system of conjugal relations is perfect. Mr Verloc presumed that his wife had understood him, but he would have been glad to hear her say what she thought at the moment. It would have been a comfort.

There were several reasons why this comfort was denied him. There was a physical obstacle: Mrs Verloc had no sufficient command over her voice. She did not see any alternative between screaming and silence, and instinctively she chose the silence. Winnie Verloc was temperamentally a silent person. And there was the paralysing atrocity of the thought which occupied her. Her cheeks were blanched, her lips ashy, her immobility amazing. And she thought without looking at Mr Verloc: “This man took the boy away to murder him. He took the boy away from his home to murder him. He took the boy away from me to murder him!”

Mrs Verloc’s whole being was racked by that inconclusive and maddening thought. It was in her veins, in her bones, in the roots of her hair. Mentally she assumed the biblical attitude of mourning – the covered face, the rent garments; the sound of wailing and lamentation



filled her head. But her teeth were violently clenched, and her tearless eyes were hot with rage, because she was not a submissive creature. The protection she had extended over her brother had been in its origin of a fierce and indignant complexion. She had to love him with a militant love. She had battled for him – even against herself. His loss had the bitterness of defeat, with the anguish of a baffled passion. It was not an ordinary stroke of death. Moreover, it was not death that took Stevie from her. It was Mr Verloc who took him away. She had seen him. She had watched him, without raising a hand, take the boy away. And she had let him go, like – like a fool – a blind fool. Then after he had murdered the boy he came home to her. Just came home like any other man would come home to his wife. . . .

Through her set teeth Mrs Verloc muttered at the wall:

“And I thought he had caught a cold.”

Mr Verloc heard these words and appropriated them.

“It was nothing,” he said moodily. “I was upset. I was upset on your account.”

Mrs Verloc, turning her head slowly, transferred her stare from the wall to her husband’s person. Mr Verloc, with the tips of his fingers between his lips, was looking on the ground.

“Can’t be helped,” he mumbled, letting his hand fall. “You must pull yourself together. You’ll want all your wits about you. It is you who brought the police about our ears. Never mind, I won’t say anything more about it,” continued Mr Verloc magnanimously. “You couldn’t know.”

“I couldn’t,” breathed out Mrs Verloc. It was as if a corpse had spoken. Mr Verloc took up the thread of his discourse.

“I don’t blame you. I’ll make them sit up. Once under lock and key it will be safe enough for me to talk – you understand. You must reckon on me being two years away from you,” he continued, in a tone of sincere concern. “It will be easier for you than for me. You’ll have something to do, while I – Look here, Winnie, what you must do is to keep this business going for two years. You know enough for that.

You've a good head on you. I'll send you word when it's time to go about trying to sell. You'll have to be extra careful. The comrades will be keeping an eye on you all the time. You'll have to be as artful as you know how, and as close as the grave. No one must know what you are going to do. I have no mind to get a knock on the head or a stab in the back directly I am let out."

Thus spoke Mr Verloc, applying his mind with ingenuity and forethought to the problems of the future. His voice was sombre, because he had a correct sentiment of the situation. Everything which he did not wish to pass had come to pass. The future had become precarious. His judgment, perhaps, had been momentarily obscured by his dread of Mr Vladimir's truculent folly. A man somewhat over forty may be excusably thrown into considerable disorder by the prospect of losing his employment, especially if the man is a secret agent of political police, dwelling secure in the consciousness of his high value and in the esteem of high personages. He was excusable.

Now the thing had ended in a crash. Mr Verloc was cool; but he was not cheerful. A secret agent who throws his secrecy to the winds from desire of vengeance, and flaunts his achievements before the public eye, becomes the mark for desperate and bloodthirsty indignations. Without unduly exaggerating the danger, Mr Verloc tried to bring it clearly before his wife's mind. He repeated that he had no intention to let the revolutionists do away with him.

He looked straight into his wife's eyes. The enlarged pupils of the woman received his stare into their unfathomable depths.

"I am too fond of you for that," he said, with a little nervous laugh.

A faint flush coloured Mrs Verloc's ghastly and motionless face. Having done with the visions of the past, she had not only heard, but had also understood the words uttered by her husband. By their extreme disaccord with her mental condition these words produced on her a slightly suffocating effect. Mrs Verloc's mental condition had the merit of simplicity; but it was not sound. It was governed too much by a fixed idea. Every nook and cranny of her brain was filled with the

thought that this man, with whom she had lived without distaste for seven years, had taken the “poor boy” away from her in order to kill him – the man to whom she had grown accustomed in body and mind; the man whom she had trusted, took the boy away to kill him! In its form, in its substance, in its effect, which was universal, altering even the aspect of inanimate things, it was a thought to sit still and marvel at for ever and ever. Mrs Verloc sat still. And across that thought (not across the kitchen) the form of Mr Verloc went to and fro, familiarly in hat and overcoat, stamping with his boots upon her brain. He was probably talking too; but Mrs Verloc’s thought for the most part covered the voice.

Now and then, however, the voice would make itself heard. Several connected words emerged at times. Their purport was generally hopeful. On each of these occasions Mrs Verloc’s dilated pupils, losing their far-off fixity, followed her husband’s movements with the effect of black care and, impenetrable attention. Well informed upon all matters relating to his secret calling, Mr Verloc augured well for the success of his plans and combinations. He really believed that it would be upon the whole easy for him to escape the knife of infuriated revolutionists. He had exaggerated the strength of their fury and the length of their arm (for professional purposes) too often to have many illusions one way or the other. For to exaggerate with judgment one must begin by measuring with nicety. He knew also how much virtue and how much infamy is forgotten in two years – two long years. His first really confidential discourse to his wife was optimistic from conviction. He also thought it good policy to display all the assurance he could muster. It would put heart into the poor woman. On his liberation, which, harmonising with the whole tenor of his life, would be secret, of course, they would vanish together without loss of time. As to covering up the tracks, he begged his wife to trust him for that. He knew how it was to be done so that the devil himself –

He waved his hand. He seemed to boast. He wished only to put heart into her. It was a benevolent intention, but Mr Verloc had the misfortune not to be in accord with his audience.

The self-confident tone grew upon Mrs Verloc's ear which let most of the words go by; for what were words to her now? What could words do to her, for good or evil in the face of her fixed idea? Her black glance followed that man who was asserting his impunity – the man who had taken poor Stevie from home to kill him somewhere. Mrs Verloc could not remember exactly where, but her heart began to beat very perceptibly.

Mr Verloc, in a soft and conjugal tone, was now expressing his firm belief that there were yet a good few years of quiet life before them both. He did not go into the question of means. A quiet life it must be and, as it were, nestling in the shade, concealed among men whose flesh is grass; modest, like the life of violets. The words used by Mr Verloc were: "Lie low for a bit." And far from England, of course. It was not clear whether Mr Verloc had in his mind Spain or South America; but at any rate somewhere abroad.

This last word, falling into Mrs Verloc's ear, produced a definite impression. This man was talking of going abroad. The impression was completely disconnected; and such is the force of mental habit that Mrs Verloc at once and automatically asked herself: "And what of Stevie?"

It was a sort of forgetfulness; but instantly she became aware that there was no longer any occasion for anxiety on that score. There would never be any occasion any more. The poor boy had been taken out and killed. The poor boy was dead.

This shaking piece of forgetfulness stimulated Mrs Verloc's intelligence. She began to perceive certain consequences which would have surprised Mr Verloc. There was no need for her now to stay there, in that kitchen, in that house, with that man – since the boy was gone for ever. No need whatever. And on that Mrs Verloc rose as if raised by a spring. But neither could she see what there was to keep her in the world at all. And this inability arrested her. Mr Verloc watched her with marital solicitude.

"You're looking more like yourself," he said uneasily. Something peculiar in the blackness of his wife's eyes disturbed his optimism. At

that precise moment Mrs Verloc began to look upon herself as released from all earthly ties.

She had her freedom. Her contract with existence, as represented by that man standing over there, was at an end. She was a free woman. Had this view become in some way perceptible to Mr Verloc he would have been extremely shocked. In his affairs of the heart Mr Verloc had been always carelessly generous, yet always with no other idea than that of being loved for himself. Upon this matter, his ethical notions being in agreement with his vanity, he was completely incorrigible. That this should be so in the case of his virtuous and legal connection he was perfectly certain. He had grown older, fatter, heavier, in the belief that he lacked no fascination for being loved for his own sake. When he saw Mrs Verloc starting to walk out of the kitchen without a word he was disappointed.

“Where are you going to?” he called out rather sharply. “Upstairs?”

Mrs Verloc in the doorway turned at the voice. An instinct of prudence born of fear, the excessive fear of being approached and touched by that man, induced her to nod at him slightly (from the height of two steps), with a stir of the lips which the conjugal optimism of Mr Verloc took for a wan and uncertain smile.

“That’s right,” he encouraged her gruffly. “Rest and quiet’s what you want. Go on. It won’t be long before I am with you.”

Mrs Verloc, the free woman who had had really no idea where she was going to, obeyed the suggestion with rigid steadiness.

Mr Verloc watched her. She disappeared up the stairs. He was disappointed. There was that within him which would have been more satisfied if she had been moved to throw herself upon his breast. But he was generous and indulgent. Winnie was always undemonstrative and silent. Neither was Mr Verloc himself prodigal of endearments and words as a rule. But this was not an ordinary evening. It was an occasion when a man wants to be fortified and strengthened by open proofs of sympathy and affection. Mr Verloc sighed, and put out the gas in the kitchen. Mr Verloc’s sympathy with his wife was genuine

and intense. It almost brought tears into his eyes as he stood in the parlour reflecting on the loneliness hanging over her head. In this mood Mr Verloc missed Stevie very much out of a difficult world. He thought mournfully of his end. If only that lad had not stupidly destroyed himself!

The sensation of unappeasable hunger, not unknown after the strain of a hazardous enterprise to adventurers of tougher fibre than Mr Verloc, overcame him again. The piece of roast beef, laid out in the likeness of funereal baked meats for Stevie's obsequies, offered itself largely to his notice. And Mr Verloc again partook. He partook ravenously, without restraint and decency, cutting thick slices with the sharp carving knife, and swallowing them without bread. In the course of that refectation it occurred to Mr Verloc that he was not hearing his wife move about the bedroom as he should have done. The thought of finding her perhaps sitting on the bed in the dark not only cut Mr Verloc's appetite, but also took from him the inclination to follow her upstairs just yet. Laying down the carving knife, Mr Verloc listened with careworn attention.

He was comforted by hearing her move at last. She walked suddenly across the room, and threw the window up. After a period of stillness up there, during which he figured her to himself with her head out, he heard the sash being lowered slowly. Then she made a few steps, and sat down. Every resonance of his house was familiar to Mr Verloc, who was thoroughly domesticated. When next he heard his wife's footsteps overhead he knew, as well as if he had seen her doing it, that she had been putting on her walking shoes. Mr Verloc wriggled his shoulders slightly at this ominous symptom, and moving away from the table, stood with his back to the fireplace, his head on one side, and gnawing perplexedly at the tips of his fingers. He kept track of her movements by the sound. She walked here and there violently, with abrupt stoppages, now before the chest of drawers, then in front of the wardrobe. An immense load of weariness, the harvest of a day of shocks and surprises, weighed Mr Verloc's energies to the ground.

He did not raise his eyes till he heard his wife descending the stairs. It was as he had guessed. She was dressed for going out.

Mrs Verloc was a free woman. She had thrown open the window of the bedroom either with the intention of screaming Murder! Help! or of throwing herself out. For she did not exactly know what use to make of her freedom. Her personality seemed to have been torn into two pieces, whose mental operations did not adjust themselves very well to each other. The street, silent and deserted from end to end, repelled her by taking sides with that man who was so certain of his impunity. She was afraid to shout lest no one should come. Obviously no one would come. Her instinct of self-preservation recoiled from the depth of the fall into that sort of slimy, deep trench. Mrs Verloc closed the window, and dressed herself to go out into the street by another way. She was a free woman. She had dressed herself thoroughly, down to the tying of a black veil over her face. As she appeared before him in the light of the parlour, Mr Verloc observed that she had even her little handbag hanging from her left wrist... Flying off to her mother, of course.

The thought that women were wearisome creatures after all presented itself to his fatigued brain. But he was too generous to harbour it for more than an instant. This man, hurt cruelly in his vanity, remained magnanimous in his conduct, allowing himself no satisfaction of a bitter smile or of a contemptuous gesture. With true greatness of soul, he only glanced at the wooden clock on the wall, and said in a perfectly calm but forcible manner:

“Five and twenty minutes past eight, Winnie. There’s no sense in going over there so late. You will never manage to get back tonight.”

Before his extended hand Mrs Verloc had stopped short. He added heavily: “Your mother will be gone to bed before you get there. This is the sort of news that can wait.”

Nothing was further from Mrs Verloc’s thoughts than going to her mother. She recoiled at the mere idea, and feeling a chair behind her, she obeyed the suggestion of the touch, and sat down. Her intention had been simply to get outside the door for ever. And if this feeling was correct, its mental form took an unrefined shape corresponding to her origin and station. “I would rather walk the

streets all the days of my life," she thought. But this creature, whose moral nature had been subjected to a shock of which, in the physical order, the most violent earthquake of history could only be a faint and languid rendering, was at the mercy of mere trifles, of casual contacts. She sat down. With her hat and veil she had the air of a visitor, of having looked in on Mr Verloc for a moment. Her instant docility encouraged him, whilst her aspect of only temporary and silent acquiescence provoked him a little.

"Let me tell you, Winnie," he said with authority, "that your place is here this evening. Hang it all! you brought the damned police high and low about my ears. I don't blame you – but it's your doing all the same. You'd better take this confounded hat off. I can't let you go out, old girl," he added in a softened voice.

Mrs Verloc's mind got hold of that declaration with morbid tenacity. The man who had taken Stevie out from under her very eyes to murder him in a locality whose name was at the moment not present to her memory would not allow her go out. Of course he wouldn't.

Now he had murdered Stevie he would never let her go. He would want to keep her for nothing. And on this characteristic reasoning, having all the force of insane logic, Mrs Verloc's disconnected wits went to work practically. She could slip by him, open the door, run out. But he would dash out after her, seize her round the body, drag her back into the shop. She could scratch, kick, and bite – and stab too; but for stabbing she wanted a knife. Mrs Verloc sat still under her black veil, in her own house, like a masked and mysterious visitor of impenetrable intentions.

Mr Verloc's magnanimity was not more than human. She had exasperated him at last.

"Can't you say something? You have your own dodges for vexing a man. Oh yes! I know your deaf-and-dumb trick. I've seen you at it before today. But just now it won't do. And to begin with, take this damned thing off. One can't tell whether one is talking to a dummy or to a live woman."



He advanced, and stretching out his hand, dragged the veil off, unmasking a still, unreadable face, against which his nervous exasperation was shattered like a glass bubble flung against a rock. "That's better," he said, to cover his momentary uneasiness, and retreated back to his old station by the mantelpiece. It never entered his head that his wife could give him up. He felt a little ashamed of himself, for he was fond and generous. What could he do? Everything had been said already. He protested vehemently.

"By heavens! You know that I hunted high and low. I ran the risk of giving myself away to find somebody for that accursed job. And I tell you again I couldn't find anyone crazy enough or hungry enough. What do you take me for – a murderer, or what? The boy is gone. Do you think I wanted him to blow himself up? He's gone. His troubles are over. Ours are just going to begin, I tell you, precisely because he did blow himself. I don't blame you. But just try to understand that it was a pure accident; as much an accident as if he had been run over by a 'bus while crossing the street."

His generosity was not infinite, because he was a human being – and not a monster, as Mrs Verloc believed him to be. He paused, and a snarl lifting his moustaches above a gleam of white teeth gave him the expression of a reflective beast, not very dangerous – a slow beast with a sleek head, gloomier than a seal, and with a husky voice.

"And when it comes to that, it's as much your doing as mine. That's so. You may glare as much as you like. I know what you can do in that way. Strike me dead if I ever would have thought of the lad for that purpose. It was you who kept on shoving him in my way when I was half distracted with the worry of keeping the lot of us out of trouble. What the devil made you? One would think you were doing it on purpose. And I am damned if I know that you didn't. There's no saying how much of what's going on you have got hold of on the sly with your infernal don't-care-a-damn way of looking nowhere in particular, and saying nothing at all. . . ."

His husky domestic voice ceased for a while. Mrs Verloc made no reply. Before that silence he felt ashamed of what he had said. But as

often happens to peaceful men in domestic tiffs, being ashamed he pushed another point.

“You have a devilish way of holding your tongue sometimes,” he began again, without raising his voice. “Enough to make some men go mad. It’s lucky for you that I am not so easily put out as some of them would be by your deaf-and-dumb sulks. I am fond of you. But don’t you go too far. This isn’t the time for it. We ought to be thinking of what we’ve got to do. And I can’t let you go out tonight, galloping off to your mother with some crazy tale or other about me. I won’t have it. Don’t you make any mistake about it: if you will have it that I killed the boy, then you’ve killed him as much as I.”

In sincerity of feeling and openness of statement, these words went far beyond anything that had ever been said in this home, kept up on the wages of a secret industry eked out by the sale of more or less secret wares: the poor expedients devised by a mediocre mankind for preserving an imperfect society from the dangers of moral and physical corruption, both secret too of their kind. They were spoken because Mr Verloc had felt himself really outraged; but the reticent decencies of this home life, nestling in a shady street behind a shop where the sun never shone, remained apparently undisturbed. Mrs Verloc heard him out with perfect propriety, and then rose from her chair in her hat and jacket like a visitor at the end of a call. She advanced towards her husband, one arm extended as if for a silent leave-taking. Her net veil dangling down by one end on the left side of her face gave an air of disorderly formality to her restrained movements. But when she arrived as far as the hearthrug, Mr Verloc was no longer standing there. He had moved off in the direction of the sofa, without raising his eyes to watch the effect of his tirade. He was tired, resigned in a truly marital spirit. But he felt hurt in the tender spot of his secret weakness. If she would go on sulking in that dreadful overcharged silence – why then she must. She was a master in that domestic art. Mr Verloc flung himself heavily upon the sofa, disregarding as usual the fate of his hat, which, as if accustomed to take care of itself, made for a safe shelter under the table.

He was tired. The last particle of his nervous force had been expended in the wonders and agonies of this day full of surprising failures coming at the end of a harassing month of scheming and insomnia. He was tired. A man isn't made of stone. Hang everything! Mr Verloc reposed characteristically, clad in his outdoor garments. One side of his open overcoat was lying partly on the ground. Mr Verloc wallowed on his back. But he longed for a more perfect rest – for sleep – for a few hours of delicious forgetfulness. That would come later. Provisionally he rested. And he thought: “I wish she would give over this damned nonsense. It's exasperating.”

There must have been something imperfect in Mrs Verloc's sentiment of regained freedom. Instead of taking the way of the door she leaned back, with her shoulders against the tablet of the mantelpiece, as a wayfarer rests against a fence. A tinge of wildness in her aspect was derived from the black veil hanging like a rag against her cheek, and from the fixity of her black gaze where the light of the room was absorbed and lost without the trace of a single gleam. This woman, capable of a bargain the mere suspicion of which would have been infinitely shocking to Mr Verloc's idea of love, remained irresolute, as if scrupulously aware of something wanting on her part for the formal closing of the transaction.

On the sofa Mr Verloc wriggled his shoulders into perfect comfort, and from the fullness of his heart emitted a wish which was certainly as pious as anything likely to come from such a source.

“I wish to goodness,” he growled huskily, “I had never seen Greenwich Park or anything belonging to it.”

The veiled sound filled the small room with its moderate volume, well adapted to the modest nature of the wish. The waves of air of the proper length, propagated in accordance with correct mathematical formulas, flowed around all the inanimate things in the room, lapped against Mrs Verloc's head as if it had been a head of stone. And incredible as it may appear, the eyes of Mrs Verloc seemed to grow still larger. The audible wish of Mr Verloc's overflowing heart flowed into an empty place in his wife's memory. Greenwich Park. A

park! That's where the boy was killed. A park – smashed branches, torn leaves, gravel, bits of brotherly flesh and bone, all spouting up together in the manner of a firework. She remembered now what she had heard, and she remembered it pictorially. They had to gather him up with the shovel. Trembling all over with irrepressible shudders, she saw before her the very implement with its ghastly load scraped up from the ground. Mrs Verloc closed her eyes desperately, throwing upon that vision the night of her eyelids, where after a rainlike fall of mangled limbs the decapitated head of Stevie lingered suspended alone, and fading out slowly like the last star of a pyrotechnic display. Mrs Verloc opened her eyes.

Her face was no longer stony. Anybody could have noted the subtle change on her features, in the stare of her eyes, giving her a new and startling expression; an expression seldom observed by competent persons under the conditions of leisure and security demanded for thorough analysis, but whose meaning could not be mistaken at a glance. Mrs Verloc's doubts as to the end of the bargain no longer existed; her wits, no longer disconnected, were working under the control of her will. But Mr Verloc observed nothing. He was reposing in that pathetic condition of optimism induced by excess of fatigue. He did not want any more trouble – with his wife too – of all people in the world. He had been unanswerable in his vindication. He was loved for himself. The present phase of her silence he interpreted favourably. This was the time to make it up with her. The silence had lasted long enough. He broke it by calling to her in an undertone.

“Winnie.”

“Yes,” answered obediently Mrs Verloc the free woman. She commanded her wits now, her vocal organs; she felt herself to be in an almost preternaturally perfect control of every fibre of her body. It was all her own, because the bargain was at an end. She was clear sighted. She had become cunning. She chose to answer him so readily for a purpose. She did not wish that man to change his position on the sofa which was very suitable to the circumstances. She succeeded. The man did not stir. But after answering him she remained leaning negligently against the mantelpiece in the attitude of a resting wayfarer. She was

unhurried. Her brow was smooth. The head and shoulders of Mr Verloc were hidden from her by the high side of the sofa. She kept her eyes fixed on his feet.

She remained thus mysteriously still and suddenly collected till Mr Verloc was heard with an accent of marital authority, and moving slightly to make room for her to sit on the edge of the sofa.

“Come here,” he said in a peculiar tone, which might have been the tone of brutality, but, was intimately known to Mrs Verloc as the note of wooing.

She started forward at once, as if she were still a loyal woman bound to that man by an unbroken contract. Her right hand skimmed slightly the end of the table, and when she had passed on towards the sofa the carving knife had vanished without the slightest sound from the side of the dish. Mr Verloc heard the creaky plank in the floor, and was content. He waited. Mrs Verloc was coming. As if the homeless soul of Stevie had flown for shelter straight to the breast of his sister, guardian and protector, the resemblance of her face with that of her brother grew at every step, even to the droop of the lower lip, even to the slight divergence of the eyes. But Mr Verloc did not see that. He was lying on his back and staring upwards. He saw partly on the ceiling and partly on the wall the moving shadow of an arm with a clenched hand holding a carving knife. It flickered up and down. Its movements were leisurely. They were leisurely enough for Mr Verloc to recognise the limb and the weapon.

They were leisurely enough for him to take in the full meaning of the portent, and to taste the flavour of death rising in his gorge. His wife had gone raving mad – murdering mad. They were leisurely enough for the first paralysing effect of this discovery to pass away before a resolute determination to come out victorious from the ghastly struggle with that armed lunatic. They were leisurely enough for Mr Verloc to elaborate a plan of defence involving a dash behind the table, and the felling of the woman to the ground with a heavy wooden chair. But they were not leisurely enough to allow Mr Verloc the time to move either hand or foot. The knife was already planted in his breast. It

met no resistance on its way. Hazard has such accuracies. Into that plunging blow, delivered over the side of the couch, Mrs Verloc had put all the inheritance of her immemorial and obscure descent, the simple ferocity of the age of caverns, and the unbalanced nervous fury of the age of bar-rooms. Mr Verloc, the Secret Agent, turning slightly on his side with the force of the blow, expired without stirring a limb, in the muttered sound of the word "Don't" by way of protest.

Mrs Verloc had let go the knife, and her extraordinary resemblance to her late brother had faded, had become very ordinary now. She drew a deep breath, the first easy breath since Chief Inspector Heat had exhibited to her the labelled piece of Stevie's overcoat. She leaned forward on her folded arms over the side of the sofa. She adopted that easy attitude not in order to watch or gloat over the body of Mr Verloc, but because of the undulatory and swinging movements of the parlour, which for some time behaved as though it were at sea in a tempest. She was giddy but calm. She had become a free woman with a perfection of freedom which left her nothing to desire and absolutely nothing to do, since Stevie's urgent claim on her devotion no longer existed. Mrs Verloc, who thought in images, was not troubled now by visions, because she did not think at all. And she did not move. She was a woman enjoying her complete irresponsibility and endless leisure, almost in the manner of a corpse. She did not move, she did not think. Neither did the mortal envelope of the late Mr Verloc reposing on the sofa. Except for the fact that Mrs Verloc breathed these two would have been perfect in accord: that accord of prudent reserve without superfluous words, and sparing of signs, which had been the foundation of their respectable home life. For it had been respectable, covering by a decent reticence the problems that may arise in the practice of a secret profession and the commerce of shady wares. To the last its decorum had remained undisturbed by unseemly shrieks and other misplaced sincerities of conduct. And after the striking of the blow, this respectability was continued in immobility and silence.

Nothing moved in the parlour till Mrs Verloc raised her head slowly and looked at the clock with inquiring mistrust. She had

become aware of a ticking sound in the room. It grew upon her ear, while she remembered clearly that the clock on the wall was silent, had no audible tick. What did it mean by beginning to tick so loudly all of a sudden? Its face indicated ten minutes to nine. Mrs Verloc cared nothing for time, and the ticking went on. She concluded it could not be the clock, and her sullen gaze moved along the walls, wavered, and became vague, while she strained her hearing to locate the sound. Tic, tic, tic.

After listening for some time Mrs Verloc lowered her gaze deliberately on her husband's body. It's attitude of repose was so home-like and familiar that she could do so without feeling embarrassed by any pronounced novelty in the phenomena of her home life. Mr Verloc was taking his habitual ease. He looked comfortable.

By the position of the body the face of Mr Verloc was not visible to Mrs Verloc, his widow. Her fine, sleepy eyes, travelling downward on the track of the sound, became contemplative on meeting a flat object of bone which protruded a little beyond the edge of the sofa. It was the handle of the domestic carving knife with nothing strange about it but its position at right angles to Mr Verloc's waistcoat and the fact that something dripped from it. Dark drops fell on the floorcloth one after another, with a sound of ticking growing fast and furious like the pulse of an insane clock. At its highest speed this ticking changed into a continuous sound of trickling. Mrs Verloc watched that transformation with shadows of anxiety coming and going on her face. It was a trickle, dark, swift, thin... Blood!

At this unforeseen circumstance Mrs Verloc abandoned her pose of idleness and irresponsibility.

With a sudden snatch at her skirts and a faint shriek she ran to the door, as if the trickle had been the first sign of a destroying flood. Finding the table in her way she gave it a push with both hands as though it had been alive, with such force that it went for some distance on its four legs, making a loud, scraping racket, whilst the big dish with the joint crashed heavily on the floor.

Then all became still. Mrs Verloc on reaching the door had stopped. A round hat disclosed in the middle of the floor by the moving of the table rocked slightly on its crown in the wind of her flight.



## CHAPTER XII

Winnie Verloc, the widow of Mr Verloc, the sister of the late faithful Stevie (blown to fragments in a state of innocence and in the conviction of being engaged in a humanitarian enterprise), did not run beyond the door of the parlour. She had indeed run away so far from a mere trickle of blood, but that was a movement of instinctive repulsion. And there she had paused, with staring eyes and lowered head. As though she had run through long years in her flight across the small parlour, Mrs Verloc by the door was quite a different person from the woman who had been leaning over the sofa, a little swimmy in her head, but otherwise free to enjoy the profound calm of idleness and irresponsibility. Mrs Verloc was no longer giddy. Her head was steady. On the other hand, she was no longer calm. She was afraid.

If she avoided looking in the direction of her reposing husband it was not because she was afraid of him. Mr Verloc was not frightful to behold. He looked comfortable. Moreover, he was dead. Mrs Verloc entertained no vain delusions on the subject of the dead. Nothing brings them back, neither love nor hate. They can do nothing to you. They are as nothing. Her mental state was tinged by a sort of austere contempt for that man who had let himself be killed so easily. He had been the master of a house, the husband of a woman, and the murderer of her Stevie. And now he was of no account in every respect. He was of less practical account than the clothing on his body, than his overcoat, than his boots – than that hat lying on the floor. He was nothing. He was not worth looking at. He was even no longer the murderer of poor Stevie. The only murderer that would be found in the room when people came to look for Mr Verloc would be – herself!

Her hands shook so that she failed twice in the task of refastening her veil. Mrs Verloc was no longer a person of leisure and responsibility. She was afraid. The stabbing of Mr Verloc had been only a blow. It had relieved the pent-up agony of shrieks strangled in her throat, of tears dried up in her hot eyes, of the maddening and indignant rage at the atrocious part played by that man, who was less than nothing now, in robbing her of the boy.

It had been an obscurely prompted blow. The blood trickling on the floor off the handle of the knife had turned it into an extremely plain case of murder. Mrs Verloc, who always refrained from looking deep into things, was compelled to look into the very bottom of this thing. She saw there no haunting face, no reproachful shade, no vision of remorse, no sort of ideal conception. She saw there an object. That object was the gallows. Mrs Verloc was afraid of the gallows.

She was terrified of them ideally. Having never set eyes on that last argument of men's justice except in illustrative woodcuts to a certain type of tales, she first saw them erect against a black and stormy background, festooned with chains and human bones, circled about by birds that peck at dead men's eyes. This was frightful enough, but Mrs Verloc, though not a well-informed woman, had a sufficient knowledge of the institutions of her country to know that gallows are no longer erected romantically on the banks of dismal rivers or on wind-swept headlands, but in the yards of jails. There within four high walls, as if into a pit, at dawn of day, the murderer was brought out to be executed, with a horrible quietness and, as the reports in the newspapers always said, "in the presence of the authorities." With her eyes staring on the floor, her nostrils quivering with anguish and shame, she imagined herself all alone amongst a lot of strange gentlemen in silk hats who were calmly proceeding about the business of hanging her by the neck. That – never! Never! And how was it done? The impossibility of imagining the details of such quiet execution added something maddening to her abstract terror. The newspapers never gave any details except one, but that one with some affectation was always there at the end of a meagre report. Mrs Verloc remembered its nature. It came with a cruel burning pain into her head, as if the words "The drop given was fourteen feet" had been scratched on her brain with a hot needle. "The drop given was fourteen feet."

These words affected her physically too. Her throat became convulsed in waves to resist strangulation; and the apprehension of the jerk was so vivid that she seized her head in both hands as if to save it from being torn off her shoulders. "The drop given was fourteen feet." No! that must never be. She could not stand that. The thought of it

even was not bearable. She could not stand thinking of it. Therefore Mrs Verloc formed the resolution to go at once and throw herself into the river off one of the bridges.

This time she managed to refasten her veil. With her face as if masked, all black from head to foot except for some flowers in her hat, she looked up mechanically at the clock. She thought it must have stopped. She could not believe that only two minutes had passed since she had looked at it last. Of course not. It had been stopped all the time. As a matter of fact, only three minutes had elapsed from the moment she had drawn the first deep, easy breath after the blow, to this moment when Mrs Verloc formed the resolution to drown herself in the Thames. But Mrs Verloc could not believe that. She seemed to have heard or read that clocks and watches always stopped at the moment of murder for the undoing of the murderer. She did not care. "To the bridge – and over I go." . . . But her movements were slow.

She dragged herself painfully across the shop, and had to hold on to the handle of the door before she found the necessary fortitude to open it. The street frightened her, since it led either to the gallows or to the river. She floundered over the doorstep head forward, arms thrown out, like a person falling over the parapet of a bridge. This entrance into the open air had a foretaste of drowning; a slimy dampness enveloped her, entered her nostrils, clung to her hair. It was not actually raining, but each gas lamp had a rusty little halo of mist. The van and horses were gone, and in the black street the curtained window of the carters' eating-house made a square patch of soiled blood-red light glowing faintly very near the level of the pavement. Mrs Verloc, dragging herself slowly towards it, thought that she was a very friendless woman. It was true. It was so true that, in a sudden longing to see some friendly face, she could think of no one else but of Mrs Neale, the charwoman. She had no acquaintances of her own. Nobody would miss her in a social way. It must not be imagined that the Widow Verloc had forgotten her mother. This was not so. Winnie had been a good daughter because she had been a devoted sister. Her mother had always leaned on her for support. No consolation or advice could be expected there. Now that Stevie was dead the bond seemed to be broken. She

could not face the old woman with the horrible tale. Moreover, it was too far. The river was her present destination. Mrs Verloc tried to forget her mother.

Each step cost her an effort of will which seemed the last possible. Mrs Verloc had dragged herself past the red glow of the eating-house window. "To the bridge – and over I go," she repeated to herself with fierce obstinacy. She put out her hand just in time to steady herself against a lamp-post. "I'll never get there before morning," she thought. The fear of death paralysed her efforts to escape the gallows. It seemed to her she had been staggering in that street for hours. "I'll never get there," she thought. "They'll find me knocking about the streets. It's too far." She held on, panting under her black veil.

"The drop given was fourteen feet."

She pushed the lamp-post away from her violently, and found herself walking. But another wave of faintness overtook her like a great sea, washing away her heart clean out of her breast. "I will never get there," she muttered, suddenly arrested, swaying lightly where she stood. "Never."

And perceiving the utter impossibility of walking as far as the nearest bridge, Mrs Verloc thought of a flight abroad.

It came to her suddenly. Murderers escaped. They escaped abroad. Spain or California. Mere names. The vast world created for the glory of man was only a vast blank to Mrs Verloc. She did not know which way to turn. Murderers had friends, relations, helpers – they had knowledge. She had nothing. She was the most lonely of murderers that ever struck a mortal blow. She was alone in London: and the whole town of marvels and mud, with its maze of streets and its mass of lights, was sunk in a hopeless night, rested at the bottom of a black abyss from which no unaided woman could hope to scramble out.

She swayed forward, and made a fresh start blindly, with an awful dread of falling down; but at the end of a few steps, unexpectedly, she found a sensation of support, of security. Raising her head, she saw a man's face peering closely at her veil. Comrade Ossipon

was not afraid of strange women, and no feeling of false delicacy could prevent him from striking an acquaintance with a woman apparently very much intoxicated. Comrade Ossipon was interested in women. He held up this one between his two large palms, peering at her in a business-like way till he heard her say faintly “Mr Ossipon!” and then he very nearly let her drop to the ground.

“Mrs Verloc!” he exclaimed. “You here!”

It seemed impossible to him that she should have been drinking. But one never knows. He did not go into that question, but attentive not to discourage kind fate surrendering to him the widow of Comrade Verloc, he tried to draw her to his breast. To his astonishment she came quite easily, and even rested on his arm for a moment before she attempted to disengage herself. Comrade Ossipon would not be brusque with kind fate. He withdrew his arm in a natural way.

“You recognised me,” she faltered out, standing before him, fairly steady on her legs.

“Of course I did,” said Ossipon with perfect readiness. “I was afraid you were going to fall. I’ve thought of you too often lately not to recognise you anywhere, at any time. I’ve always thought of you – ever since I first set eyes on you.”

Mrs Verloc seemed not to hear. “You were coming to the shop?” she said nervously.

“Yes; at once,” answered Ossipon. “Directly I read the paper.”

In fact, Comrade Ossipon had been skulking for a good two hours in the neighbourhood of Brett Street, unable to make up his mind for a bold move. The robust anarchist was not exactly a bold conqueror. He remembered that Mrs Verloc had never responded to his glances by the slightest sign of encouragement. Besides, he thought the shop might be watched by the police, and Comrade Ossipon did not wish the police to form an exaggerated notion of his revolutionary sympathies. Even now he did not know precisely what to do. In comparison with his usual amatory speculations this was a big and serious undertaking. He ignored how much there was in it and how far he would have to go in order to get hold of what there was to get –

supposing there was a chance at all. These perplexities checking his elation imparted to his tone a soberness well in keeping with the circumstances.

“May I ask you where you were going?” he inquired in a subdued voice.

“Don’t ask me!” cried Mrs Verloc with a shuddering, repressed violence. All her strong vitality recoiled from the idea of death. “Never mind where I was going. . . .”

Ossipon concluded that she was very much excited but perfectly sober. She remained silent by his side for moment, then all at once she did something which he did not expect. She slipped her hand under his arm. He was startled by the act itself certainly, and quite as much too by the palpably resolute character of this movement. But this being a delicate affair, Comrade Ossipon behaved with delicacy. He contented himself by pressing the hand slightly against his robust ribs. At the same time he felt himself being impelled forward, and yielded to the impulse. At the end of Brett Street he became aware of being directed to the left. He submitted.

The fruiterer at the corner had put out the blazing glory of his oranges and lemons, and Brett Place was all darkness, interspersed with the misty halos of the few lamps defining its triangular shape, with a cluster of three lights on one stand in the middle. The dark forms of the man and woman glided slowly arm in arm along the walls with a loverlike and homeless aspect in the miserable night.

“What would you say if I were to tell you that I was going to find you?” Mrs Verloc asked, gripping his arm with force.

“I would say that you couldn’t find anyone more ready to help you in your trouble,” answered Ossipon, with a notion of making tremendous headway. In fact, the progress of this delicate affair was almost taking his breath away.

“In my trouble!” Mrs Verloc repeated slowly.

“Yes.”

“And do you know what my trouble is?” she whispered with strange intensity.

“Ten minutes after seeing the evening paper,” explained Ossipon with ardour, “I met a fellow whom you may have seen once or twice at the shop perhaps, and I had a talk with him which left no doubt whatever in my mind. Then I started for here, wondering whether you – I’ve been fond of you beyond words ever since I set eyes on your face,” he cried, as if unable to command his feelings.

Comrade Ossipon assumed correctly that no woman was capable of wholly disbelieving such a statement. But he did not know that Mrs Verloc accepted it with all the fierceness the instinct of self-preservation puts into the grip of a drowning person. To the widow of Mr Verloc the robust anarchist was like a radiant messenger of life.

They walked slowly, in step. “I thought so,” Mrs Verloc murmured faintly.

“You’ve read it in my eyes,” suggested Ossipon with great assurance.

“Yes,” she breathed out into his inclined ear.

“A love like mine could not be concealed from a woman like you,” he went on, trying to detach his mind from material considerations such as the business value of the shop, and the amount of money Mr Verloc might have left in the bank. He applied himself to the sentimental side of the affair. In his heart of hearts he was a little shocked at his success. Verloc had been a good fellow, and certainly a very decent husband as far as one could see. However, Comrade Ossipon was not going to quarrel with his luck for the sake of a dead man. Resolutely he suppressed his sympathy for the ghost of Comrade Verloc, and went on.

“I could not conceal it. I was too full of you. I daresay you could not help seeing it in my eyes. But I could not guess it. You were always so distant. . . .”

“What else did you expect?” burst out Mrs Verloc. “I was a respectable woman – ”

She paused, then added, as if speaking to herself, in sinister resentment: "Till he made me what I am."

Ossipon let that pass, and took up his running. "He never did seem to me to be quite worthy of you," he began, throwing loyalty to the winds. "You were worthy of a better fate."

Mrs Verloc interrupted bitterly:

"Better fate! He cheated me out of seven years of life."

"You seemed to live so happily with him." Ossipon tried to exculpate the lukewarmness of his past conduct. "It's that what's made me timid. You seemed to love him. I was surprised – and jealous," he added.

"Love him!" Mrs Verloc cried out in a whisper, full of scorn and rage. "Love him! I was a good wife to him. I am a respectable woman. You thought I loved him! You did! Look here, Tom –"

The sound of this name thrilled Comrade Ossipon with pride. For his name was Alexander, and he was called Tom by arrangement with the most familiar of his intimates. It was a name of friendship – of moments of expansion. He had no idea that she had ever heard it used by anybody. It was apparent that she had not only caught it, but had treasured it in her memory – perhaps in her heart.

"Look here, Tom! I was a young girl. I was done up. I was tired. I had two people depending on what I could do, and it did seem as if I couldn't do any more. Two people – mother and the boy. He was much more mine than mother's. I sat up nights and nights with him on my lap, all alone upstairs, when I wasn't more than eight years old myself. And then – He was mine, I tell you. . . . You can't understand that. No man can understand it. What was I to do? There was a young fellow –"

The memory of the early romance with the young butcher survived, tenacious, like the image of a glimpsed ideal in that heart quailing before the fear of the gallows and full of revolt against death.

"That was the man I loved then," went on the widow of Mr Verloc. "I suppose he could see it in my eyes too. Five and twenty shillings a week, and his father threatened to kick him out of the



business if he made such a fool of himself as to marry a girl with a crippled mother and a crazy idiot of a boy on her hands. But he would hang about me, till one evening I found the courage to slam the door in his face. I had to do it. I loved him dearly. Five and twenty shillings a week! There was that other man – a good lodger. What is a girl to do? Could I've gone on the streets? He seemed kind. He wanted me, anyhow. What was I to do with mother and that poor boy? Eh? I said yes. He seemed good-natured, he was freehanded, he had money, he never said anything. Seven years – seven years a good wife to him, the kind, the good, the generous, the – And he loved me. Oh yes. He loved me till I sometimes wished myself – Seven years. Seven years a wife to him. And do you know what he was, that dear friend of yours? Do you know what he was? He was a devil!”

The superhuman vehemence of that whispered statement completely stunned Comrade Ossipon. Winnie Verloc turning about held him by both arms, facing him under the falling mist in the darkness and solitude of Brett Place, in which all sounds of life seemed lost as if in a triangular well of asphalt and bricks, of blind houses and unfeeling stones.

“No; I didn't know,” he declared, with a sort of flabby stupidity, whose comical aspect was lost upon a woman haunted by the fear of the gallows, “but I do now. I – I understand,” he floundered on, his mind speculating as to what sort of atrocities Verloc could have practised under the sleepy, placid appearances of his married estate. It was positively awful. “I understand,” he repeated, and then by a sudden inspiration uttered an – “Unhappy woman!” of lofty commiseration instead of the more familiar “Poor darling!” of his usual practice. This was no usual case. He felt conscious of something abnormal going on, while he never lost sight of the greatness of the stake. “Unhappy, brave woman!”

He was glad to have discovered that variation; but he could discover nothing else.

“Ah, but he is dead now,” was the best he could do. And he put a remarkable amount of animosity into his guarded exclamation. Mrs

Verloc caught at his arm with a sort of frenzy.

“You guessed then he was dead,” she murmured, as if beside herself. “You! You guessed what I had to do. Had to!”

There were suggestions of triumph, relief, gratitude in the indefinable tone of these words. It engrossed the whole attention of Ossipon to the detriment of mere literal sense. He wondered what was up with her, why she had worked herself into this state of wild excitement. He even began to wonder whether the hidden causes of that Greenwich Park affair did not lie deep in the unhappy circumstances of the Verlocs’ married life. He went so far as to suspect Mr Verloc of having selected that extraordinary manner of committing suicide. By Jove! that would account for the utter inanity and wrong-headedness of the thing. No anarchist manifestation was required by the circumstances. Quite the contrary; and Verloc was as well aware of that as any other revolutionist of his standing. What an immense joke if Verloc had simply made fools of the whole of Europe, of the revolutionary world, of the police, of the press, and of the cocksure Professor as well. Indeed, thought Ossipon, in astonishment, it seemed almost certain that he did! Poor beggar! It struck him as very possible that of that household of two it wasn’t precisely the man who was the devil.

Alexander Ossipon, nicknamed the Doctor, was naturally inclined to think indulgently of his men friends. He eyed Mrs Verloc hanging on his arm. Of his women friends he thought in a specially practical way. Why Mrs Verloc should exclaim at his knowledge of Mr Verloc’s death, which was no guess at all, did not disturb him beyond measure. They often talked like lunatics. But he was curious to know how she had been informed. The papers could tell her nothing beyond the mere fact: the man blown to pieces in Greenwich Park not having been identified. It was inconceivable on any theory that Verloc should have given her an inkling of his intention – whatever it was. This problem interested Comrade Ossipon immensely. He stopped short. They had gone then along the three sides of Brett Place, and were near the end of Brett Street again.

“How did you first come to hear of it?” he asked in a tone he tried to render appropriate to the character of the revelations which had been made to him by the woman at his side.

She shook violently for a while before she answered in a listless voice.

“From the police. A chief inspector came, Chief Inspector Heat he said he was. He showed me – ”

Mrs Verloc choked. “Oh, Tom, they had to gather him up with a shovel.”

Her breast heaved with dry sobs. In a moment Ossipon found his tongue.

“The police! Do you mean to say the police came already? That Chief Inspector Heat himself actually came to tell you.”

“Yes,” she confirmed in the same listless tone. “He came just like this. He came. I didn’t know. He showed me a piece of overcoat, and – just like that. Do you know this? he says.”

“Heat! Heat! And what did he do?”

Mrs Verloc’s head dropped. “Nothing. He did nothing. He went away. The police were on that man’s side,” she murmured tragically. “Another one came too.”

“Another – another inspector, do you mean?” asked Ossipon, in great excitement, and very much in the tone of a scared child.

“I don’t know. He came. He looked like a foreigner. He may have been one of them Embassy people.”

Comrade Ossipon nearly collapsed under this new shock.

“Embassy! Are you aware what you are saying? What Embassy? What on earth do you mean by Embassy?”

“It’s that place in Chesham Square. The people he cursed so. I don’t know. What does it matter!”

“And that fellow, what did he do or say to you?”

“I don’t remember... Nothing... I don’t care. Don’t ask me,” she pleaded in a weary voice.

“All right. I won’t,” assented Ossipon tenderly. And he meant it too, not because he was touched by the pathos of the pleading voice, but because he felt himself losing his footing in the depths of this tenebrous affair. Police! Embassy! Phew! For fear of adventuring his intelligence into ways where its natural lights might fail to guide it safely he dismissed resolutely all suppositions, surmises, and theories out of his mind. He had the woman there, absolutely flinging herself at him, and that was the principal consideration. But after what he had heard nothing could astonish him any more. And when Mrs Verloc, as if startled suddenly out of a dream of safety, began to urge upon him wildly the necessity of an immediate flight on the Continent, he did not exclaim in the least. He simply said with unaffected regret that there was no train till the morning, and stood looking thoughtfully at her face, veiled in black net, in the light of a gas lamp veiled in a gauze of mist.

Near him, her black form merged in the night, like a figure half chiselled out of a block of black stone. It was impossible to say what she knew, how deep she was involved with policemen and Embassies. But if she wanted to get away, it was not for him to object. He was anxious to be off himself. He felt that the business, the shop so strangely familiar to chief inspectors and members of foreign Embassies, was not the place for him. That must be dropped. But there was the rest. These savings. The money!

“You must hide me till the morning somewhere,” she said in a dismayed voice.

“Fact is, my dear, I can’t take you where I live. I share the room with a friend.”

He was somewhat dismayed himself. In the morning the blessed ’tects will be out in all the stations, no doubt. And if they once got hold of her, for one reason or another she would be lost to him indeed.

“But you must. Don’t you care for me at all – at all? What are you thinking of?”

She said this violently, but she let her clasped hands fall in discouragement. There was a silence, while the mist fell, and darkness

reigned undisturbed over Brett Place. Not a soul, not even the vagabond, lawless, and amorous soul of a cat, came near the man and the woman facing each other.

“It would be possible perhaps to find a safe lodging somewhere,” Ossipon spoke at last. “But the truth is, my dear, I have not enough money to go and try with – only a few pence. We revolutionists are not rich.”

He had fifteen shillings in his pocket. He added:

“And there’s the journey before us, too – first thing in the morning at that.”

She did not move, made no sound, and Comrade Ossipon’s heart sank a little. Apparently she had no suggestion to offer. Suddenly she clutched at her breast, as if she had felt a sharp pain there.

“But I have,” she gasped. “I have the money. I have enough money. Tom! Let us go from here.”

“How much have you got?” he inquired, without stirring to her tug; for he was a cautious man.

“I have the money, I tell you. All the money.”

“What do you mean by it? All the money there was in the bank, or what?” he asked incredulously, but ready not to be surprised at anything in the way of luck.

“Yes, yes!” she said nervously. “All there was. I’ve it all.”

“How on earth did you manage to get hold of it already?” he marvelled.

“He gave it to me,” she murmured, suddenly subdued and trembling. Comrade Ossipon put down his rising surprise with a firm hand.

“Why, then – we are saved,” he uttered slowly.

She leaned forward, and sank against his breast. He welcomed her there. She had all the money. Her hat was in the way of very marked effusion; her veil too. He was adequate in his manifestations, but no more. She received them without resistance and without

abandonment, passively, as if only half-sensible. She freed herself from his lax embraces without difficulty.

“You will save me, Tom,” she broke out, recoiling, but still keeping her hold on him by the two lapels of his damp coat. “Save me. Hide me. Don’t let them have me. You must kill me first. I couldn’t do it myself – I couldn’t, I couldn’t – not even for what I am afraid of.”

She was confoundedly bizarre, he thought. She was beginning to inspire him with an indefinite uneasiness. He said surlily, for he was busy with important thoughts:

“What the devil are you afraid of?”

“Haven’t you guessed what I was driven to do!” cried the woman. Distracted by the vividness of her dreadful apprehensions, her head ringing with forceful words, that kept the horror of her position before her mind, she had imagined her incoherence to be clearness itself. She had no conscience of how little she had audibly said in the disjointed phrases completed only in her thought. She had felt the relief of a full confession, and she gave a special meaning to every sentence spoken by Comrade Ossipon, whose knowledge did not in the least resemble her own. “Haven’t you guessed what I was driven to do!” Her voice fell. “You needn’t be long in guessing then what I am afraid of,” she continued, in a bitter and sombre murmur. “I won’t have it. I won’t. I won’t. I won’t. You must promise to kill me first!” She shook the lapels of his coat. “It must never be!”

He assured her curtly that no promises on his part were necessary, but he took good care not to contradict her in set terms, because he had had much to do with excited women, and he was inclined in general to let his experience guide his conduct in preference to applying his sagacity to each special case. His sagacity in this case was busy in other directions. Women’s words fell into water, but the shortcomings of time-tables remained. The insular nature of Great Britain obtruded itself upon his notice in an odious form. “Might just as well be put under lock and key every night,” he thought irritably, as nonplussed as though he had a wall to scale with the woman on his back. Suddenly he slapped his forehead. He had by dint of cudgelling

his brains just thought of the Southampton – St Malo service. The boat left about midnight. There was a train at 10.30. He became cheery and ready to act.

“From Waterloo. Plenty of time. We are all right after all. . . . What’s the matter now? This isn’t the way,” he protested.

Mrs Verloc, having hooked her arm into his, was trying to drag him into Brett Street again.

“I’ve forgotten to shut the shop door as I went out,” she whispered, terribly agitated.

The shop and all that was in it had ceased to interest Comrade Ossipon. He knew how to limit his desires. He was on the point of saying “What of that? Let it be,” but he refrained. He disliked argument about trifles. He even mended his pace considerably on the thought that she might have left the money in the drawer. But his willingness lagged behind her feverish impatience.

The shop seemed to be quite dark at first. The door stood ajar. Mrs Verloc, leaning against the front, gasped out:

“Nobody has been in. Look! The light – the light in the parlour.”

Ossipon, stretching his head forward, saw a faint gleam in the darkness of the shop.

“There is,” he said.

“I forgot it.” Mrs Verloc’s voice came from behind her veil faintly. And as he stood waiting for her to enter first, she said louder: “Go in and put it out – or I’ll go mad.”

He made no immediate objection to this proposal, so strangely motivated. “Where’s all that money?” he asked.

“On me! Go, Tom. Quick! Put it out... Go in!” she cried, seizing him by both shoulders from behind.

Not prepared for a display of physical force, Comrade Ossipon stumbled far into the shop before her push. He was astonished at the strength of the woman and scandalised by her proceedings. But he did not retrace his steps in order to remonstrate with her severely in the

street. He was beginning to be disagreeably impressed by her fantastic behaviour. Moreover, this or never was the time to humour the woman. Comrade Ossipon avoided easily the end of the counter, and approached calmly the glazed door of the parlour. The curtain over the panes being drawn back a little he, by a very natural impulse, looked in, just as he made ready to turn the handle. He looked in without a thought, without intention, without curiosity of any sort. He looked in because he could not help looking in. He looked in, and discovered Mr Verloc reposing quietly on the sofa.

A yell coming from the innermost depths of his chest died out unheard and transformed into a sort of greasy, sickly taste on his lips. At the same time the mental personality of Comrade Ossipon executed a frantic leap backward. But his body, left thus without intellectual guidance, held on to the door handle with the unthinking force of an instinct. The robust anarchist did not even totter. And he stared, his face close to the glass, his eyes protruding out of his head. He would have given anything to get away, but his returning reason informed him that it would not do to let go the door handle. What was it – madness, a nightmare, or a trap into which he had been decoyed with fiendish artfulness? Why – what for? He did not know. Without any sense of guilt in his breast, in the full peace of his conscience as far as these people were concerned, the idea that he would be murdered for mysterious reasons by the couple Verloc passed not so much across his mind as across the pit of his stomach, and went out, leaving behind a trail of sickly faintness – an indisposition. Comrade Ossipon did not feel very well in a very special way for a moment – a long moment. And he stared. Mr Verloc lay very still meanwhile, simulating sleep for reasons of his own, while that savage woman of his was guarding the door – invisible and silent in the dark and deserted street. Was all this a some sort of terrifying arrangement invented by the police for his especial benefit? His modesty shrank from that explanation.

But the true sense of the scene he was beholding came to Ossipon through the contemplation of the hat. It seemed an extraordinary thing, an ominous object, a sign. Black, and rim upward, it lay on the floor before the couch as if prepared to receive the



contributions of pence from people who would come presently to behold Mr Verloc in the fullness of his domestic ease reposing on a sofa. From the hat the eyes of the robust anarchist wandered to the displaced table, gazed at the broken dish for a time, received a kind of optical shock from observing a white gleam under the imperfectly closed eyelids of the man on the couch. Mr Verloc did not seem so much asleep now as lying down with a bent head and looking insistently at his left breast. And when Comrade Ossipon had made out the handle of the knife he turned away from the glazed door, and retched violently.

The crash of the street door flung to made his very soul leap in a panic. This house with its harmless tenant could still be made a trap of – a trap of a terrible kind. Comrade Ossipon had no settled conception now of what was happening to him. Catching his thigh against the end of the counter, he spun round, staggered with a cry of pain, felt in the distracting clatter of the bell his arms pinned to his side by a convulsive hug, while the cold lips of a woman moved creepily on his very ear to form the words:

“Policeman! He has seen me!”

He ceased to struggle; she never let him go. Her hands had locked themselves with an inseparable twist of fingers on his robust back. While the footsteps approached, they breathed quickly, breast to breast, with hard, laboured breaths, as if theirs had been the attitude of a deadly struggle, while, in fact, it was the attitude of deadly fear. And the time was long.

The constable on the beat had in truth seen something of Mrs Verloc; only coming from the lighted thoroughfare at the other end of Brett Street, she had been no more to him than a flutter in the darkness. And he was not even quite sure that there had been a flutter. He had no reason to hurry up. On coming abreast of the shop he observed that it had been closed early. There was nothing very unusual in that. The men on duty had special instructions about that shop: what went on about there was not to be meddled with unless absolutely disorderly, but any observations made were to be reported. There were no observations to

make; but from a sense of duty and for the peace of his conscience, owing also to that doubtful flutter of the darkness, the constable crossed the road, and tried the door. The spring latch, whose key was reposing for ever off duty in the late Mr Verloc's waistcoat pocket, held as well as usual. While the conscientious officer was shaking the handle, Ossipon felt the cold lips of the woman stirring again creepily against his very ear:

“If he comes in kill me – kill me, Tom.”

The constable moved away, flashing as he passed the light of his dark lantern, merely for form's sake, at the shop window. For a moment longer the man and the woman inside stood motionless, panting, breast to breast; then her fingers came unlocked, her arms fell by her side slowly. Ossipon leaned against the counter. The robust anarchist wanted support badly. This was awful. He was almost too disgusted for speech. Yet he managed to utter a plaintive thought, showing at least that he realised his position.

“Only a couple of minutes later and you'd have made me blunder against the fellow poking about here with his damned dark lantern.”

The widow of Mr Verloc, motionless in the middle of the shop, said insistently:

“Go in and put that light out, Tom. It will drive me crazy.”

She saw vaguely his vehement gesture of refusal. Nothing in the world would have induced Ossipon to go into the parlour. He was not superstitious, but there was too much blood on the floor; a beastly pool of it all round the hat. He judged he had been already far too near that corpse for his peace of mind – for the safety of his neck, perhaps!

“At the meter then! There. Look. In that corner.”

The robust form of Comrade Ossipon, striding brusque and shadowy across the shop, squatted in a corner obediently; but this obedience was without grace. He fumbled nervously – and suddenly in the sound of a muttered curse the light behind the glazed door flicked out to a gasping, hysterical sigh of a woman. Night, the inevitable reward of men's faithful labours on this earth, night had fallen on Mr

Verloc, the tried revolutionist – “one of the old lot” – the humble guardian of society; the invaluable Secret Agent [delta] of Baron Stott-Wartenheim’s despatches; a servant of law and order, faithful, trusted, accurate, admirable, with perhaps one single amiable weakness: the idealistic belief in being loved for himself.

Ossipon groped his way back through the stuffy atmosphere, as black as ink now, to the counter. The voice of Mrs Verloc, standing in the middle of the shop, vibrated after him in that blackness with a desperate protest.

“I will not be hanged, Tom. I will not – ”

She broke off. Ossipon from the counter issued a warning: “Don’t shout like this,” then seemed to reflect profoundly. “You did this thing quite by yourself?” he inquired in a hollow voice, but with an appearance of masterful calmness which filled Mrs Verloc’s heart with grateful confidence in his protecting strength.

“Yes,” she whispered, invisible.

“I wouldn’t have believed it possible,” he muttered. “Nobody would.” She heard him move about and the snapping of a lock in the parlour door. Comrade Ossipon had turned the key on Mr Verloc’s repose; and this he did not from reverence for its eternal nature or any other obscurely sentimental consideration, but for the precise reason that he was not at all sure that there was not someone else hiding somewhere in the house. He did not believe the woman, or rather he was incapable by now of judging what could be true, possible, or even probable in this astounding universe. He was terrified out of all capacity for belief or disbelief in regard of this extraordinary affair, which began with police inspectors and Embassies and would end goodness knows where – on the scaffold for someone. He was terrified at the thought that he could not prove the use he made of his time ever since seven o’clock, for he had been skulking about Brett Street. He was terrified at this savage woman who had brought him in there, and would probably saddle him with complicity, at least if he were not careful. He was terrified at the rapidity with which he had been

involved in such dangers – decoyed into it. It was some twenty minutes since he had met her – not more.

The voice of Mrs Verloc rose subdued, pleading piteously: “Don’t let them hang me, Tom! Take me out of the country. I’ll work for you. I’ll slave for you. I’ll love you. I’ve no one in the world... Who would look at me if you don’t!” She ceased for a moment; then in the depths of the loneliness made round her by an insignificant thread of blood trickling off the handle of a knife, she found a dreadful inspiration to her – who had been the respectable girl of the Belgravian mansion, the loyal, respectable wife of Mr Verloc. “I won’t ask you to marry me,” she breathed out in shame-faced accents.

She moved a step forward in the darkness. He was terrified at her. He would not have been surprised if she had suddenly produced another knife destined for his breast. He certainly would have made no resistance. He had really not enough fortitude in him just then to tell her to keep back. But he inquired in a cavernous, strange tone: “Was he asleep?”

“No,” she cried, and went on rapidly. “He wasn’t. Not he. He had been telling me that nothing could touch him. After taking the boy away from under my very eyes to kill him – the loving, innocent, harmless lad. My own, I tell you. He was lying on the couch quite easy – after killing the boy – my boy. I would have gone on the streets to get out of his sight. And he says to me like this: ‘Come here,’ after telling me I had helped to kill the boy. You hear, Tom? He says like this: ‘Come here,’ after taking my very heart out of me along with the boy to smash in the dirt.”

She ceased, then dreamily repeated twice: “Blood and dirt. Blood and dirt.” A great light broke upon Comrade Ossipon. It was that half-witted lad then who had perished in the park. And the fooling of everybody all round appeared more complete than ever – colossal. He exclaimed scientifically, in the extremity of his astonishment: “The degenerate – by heavens!”

“Come here.” The voice of Mrs Verloc rose again. “What did he think I was made of? Tell me, Tom. Come here! Me! Like this! I had

been looking at the knife, and I thought I would come then if he wanted me so much. Oh yes! I came – for the last time... With the knife.”

He was excessively terrified at her – the sister of the degenerate – a degenerate herself of a murdering type . . . or else of the lying type. Comrade Ossipon might have been said to be terrified scientifically in addition to all other kinds of fear. It was an immeasurable and composite funk, which from its very excess gave him in the dark a false appearance of calm and thoughtful deliberation. For he moved and spoke with difficulty, being as if half frozen in his will and mind – and no one could see his ghastly face. He felt half dead.

He leaped a foot high. Unexpectedly Mrs Verloc had desecrated the unbroken reserved decency of her home by a shrill and terrible shriek.

“Help, Tom! Save me. I won’t be hanged!”

He rushed forward, groping for her mouth with a silencing hand, and the shriek died out. But in his rush he had knocked her over. He felt her now clinging round his legs, and his terror reached its culminating point, became a sort of intoxication, entertained delusions, acquired the characteristics of delirium tremens. He positively saw snakes now. He saw the woman twined round him like a snake, not to be shaken off. She was not deadly. She was death itself – the companion of life.

Mrs Verloc, as if relieved by the outburst, was very far from behaving noisily now. She was pitiful.

“Tom, you can’t throw me off now,” she murmured from the floor. “Not unless you crush my head under your heel. I won’t leave you.”

“Get up,” said Ossipon.

His face was so pale as to be quite visible in the profound black darkness of the shop; while Mrs Verloc, veiled, had no face, almost no discernible form. The trembling of something small and white, a flower in her hat, marked her place, her movements.

It rose in the blackness. She had got up from the floor, and Ossipon regretted not having, run out at once into the street. But he perceived easily that it would not do. It would not do. She would run after him. She would pursue him shrieking till she sent every policeman within hearing in chase. And then goodness only knew what she would say of him. He was so frightened that for a moment the insane notion of strangling her in the dark passed through his mind. And he became more frightened than ever! She had him! He saw himself living in abject terror in some obscure hamlet in Spain or Italy; till some fine morning they found him dead too, with a knife in his breast – like Mr Verloc. He sighed deeply. He dared not move. And Mrs Verloc waited in silence the good pleasure of her saviour, deriving comfort from his reflective silence.

Suddenly he spoke up in an almost natural voice. His reflections had come to an end.

“Let’s get out, or we will lose the train.”

“Where are we going to, Tom?” she asked timidly. Mrs Verloc was no longer a free woman.

“Let’s get to Paris first, the best way we can... Go out first, and see if the way’s clear.”

She obeyed. Her voice came subdued through the cautiously opened door.

“It’s all right.”

Ossipon came out. Notwithstanding his endeavours to be gentle, the cracked bell clattered behind the closed door in the empty shop, as if trying in vain to warn the reposing Mr Verloc of the final departure of his wife – accompanied by his friend.

In the hansom, they presently picked up, the robust anarchist became explanatory. He was still awfully pale, with eyes that seemed to have sunk a whole half-inch into his tense face. But he seemed to have thought of everything with extraordinary method.

“When we arrive,” he discoursed in a queer, monotonous tone, “you must go into the station ahead of me, as if we did not know each

other. I will take the tickets, and slip in yours into your hand as I pass you. Then you will go into the first-class ladies' waiting-room, and sit there till ten minutes before the train starts. Then you come out. I will be outside. You go in first on the platform, as if you did not know me. There may be eyes watching there that know what's what. Alone you are only a woman going off by train. I am known. With me, you may be guessed at as Mrs Verloc running away. Do you understand, my dear?" he added, with an effort.

"Yes," said Mrs Verloc, sitting there against him in the hansom all rigid with the dread of the gallows and the fear of death. "Yes, Tom." And she added to herself, like an awful refrain: "The drop given was fourteen feet."

Ossipon, not looking at her, and with a face like a fresh plaster cast of himself after a wasting illness, said: "By-the-by, I ought to have the money for the tickets now."

Mrs Verloc, undoing some hooks of her bodice, while she went on staring ahead beyond the splashboard, handed over to him the new pigskin pocket-book. He received it without a word, and seemed to plunge it deep somewhere into his very breast. Then he slapped his coat on the outside.

All this was done without the exchange of a single glance; they were like two people looking out for the first sight of a desired goal. It was not till the hansom swung round a corner and towards the bridge that Ossipon opened his lips again.

"Do you know how much money there is in that thing?" he asked, as if addressing slowly some hobgoblin sitting between the ears of the horse.

"No," said Mrs Verloc. "He gave it to me. I didn't count. I thought nothing of it at the time. Afterwards – "

She moved her right hand a little. It was so expressive that little movement of that right hand which had struck the deadly blow into a man's heart less than an hour before that Ossipon could not repress a shudder. He exaggerated it then purposely, and muttered:

“I am cold. I got chilled through.”

Mrs Verloc looked straight ahead at the perspective of her escape. Now and then, like a sable streamer blown across a road, the words “The drop given was fourteen feet” got in the way of her tense stare. Through her black veil the whites of her big eyes gleamed lustroously like the eyes of a masked woman.

Ossipon’s rigidity had something business-like, a queer official expression. He was heard again all of a sudden, as though he had released a catch in order to speak.

“Look here! Do you know whether your – whether he kept his account at the bank in his own name or in some other name.”

Mrs Verloc turned upon him her masked face and the big white gleam of her eyes.

“Other name?” she said thoughtfully.

“Be exact in what you say,” Ossipon lectured in the swift motion of the hansom. “It’s extremely important. I will explain to you. The bank has the numbers of these notes. If they were paid to him in his own name, then when his – his death becomes known, the notes may serve to track us since we have no other money. You have no other money on you?”

She shook her head negatively.

“None whatever?” he insisted.

“A few coppers.”

“It would be dangerous in that case. The money would have then to be dealt specially with. Very specially. We’d have perhaps to lose more than half the amount in order to get these notes changed in a certain safe place I know of in Paris. In the other case I mean if he had his account and got paid out under some other name – say Smith, for instance – the money is perfectly safe to use. You understand? The bank has no means of knowing that Mr Verloc and, say, Smith are one and the same person. Do you see how important it is that you should make no mistake in answering me? Can you answer that query at all? Perhaps not. Eh?”



She said composedly:

“I remember now! He didn’t bank in his own name. He told me once that it was on deposit in the name of Prozor.”

“You are sure?”

“Certain.”

“You don’t think the bank had any knowledge of his real name? Or anybody in the bank or – ”

She shrugged her shoulders.

“How can I know? Is it likely, Tom?”

“No. I suppose it’s not likely. It would have been more comfortable to know... Here we are. Get out first, and walk straight in. Move smartly.”

He remained behind, and paid the cabman out of his own loose silver. The programme traced by his minute foresight was carried out. When Mrs Verloc, with her ticket for St Malo in her hand, entered the ladies’ waiting-room, Comrade Ossipon walked into the bar, and in seven minutes absorbed three goes of hot brandy and water.

“Trying to drive out a cold,” he explained to the barmaid, with a friendly nod and a grimacing smile. Then he came out, bringing out from that festive interlude the face of a man who had drunk at the very Fountain of Sorrow. He raised his eyes to the clock. It was time. He waited.

Punctual, Mrs Verloc came out, with her veil down, and all black – black as commonplace death itself, crowned with a few cheap and pale flowers. She passed close to a little group of men who were laughing, but whose laughter could have been struck dead by a single word. Her walk was indolent, but her back was straight, and Comrade Ossipon looked after it in terror before making a start himself.

The train was drawn up, with hardly anybody about its row of open doors. Owing to the time of the year and to the abominable weather there were hardly any passengers. Mrs Verloc walked slowly along the line of empty compartments till Ossipon touched her elbow from behind.

“In here.”

She got in, and he remained on the platform looking about. She bent forward, and in a whisper:

“What is it, Tom? Is there any danger? Wait a moment. There’s the guard.”

She saw him accost the man in uniform. They talked for a while. She heard the guard say “Very well, sir,” and saw him touch his cap. Then Ossipon came back, saying: “I told him not to let anybody get into our compartment.”

She was leaning forward on her seat. “You think of everything... You’ll get me off, Tom?” she asked in a gust of anguish, lifting her veil brusquely to look at her saviour.

She had uncovered a face like adamant. And out of this face the eyes looked on, big, dry, enlarged, lightless, burnt out like two black holes in the white, shining globes.

“There is no danger,” he said, gazing into them with an earnestness almost rapt, which to Mrs Verloc, flying from the gallows, seemed to be full of force and tenderness. This devotion deeply moved her – and the adamantine face lost the stern rigidity of its terror. Comrade Ossipon gazed at it as no lover ever gazed at his mistress’s face. Alexander Ossipon, anarchist, nicknamed the Doctor, author of a medical (and improper) pamphlet, late lecturer on the social aspects of hygiene to working men’s clubs, was free from the trammels of conventional morality – but he submitted to the rule of science. He was scientific, and he gazed scientifically at that woman, the sister of a degenerate, a degenerate herself – of a murdering type. He gazed at her, and invoked Lombroso, as an Italian peasant recommends himself to his favourite saint. He gazed scientifically. He gazed at her cheeks, at her nose, at her eyes, at her ears... Bad! Fatal! Mrs Verloc’s pale lips parting, slightly relaxed under his passionately attentive gaze, he gazed also at her teeth... Not a doubt remained... a murdering type... If Comrade Ossipon did not recommend his terrified soul to Lombroso, it was only because on scientific grounds he could not believe that he carried about him such a thing as a soul. But he had in him the scientific

spirit, which moved him to testify on the platform of a railway station in nervous jerky phrases.

“He was an extraordinary lad, that brother of yours. Most interesting to study. A perfect type in a way. Perfect!”

He spoke scientifically in his secret fear. And Mrs Verloc, hearing these words of commendation vouchsafed to her beloved dead, swayed forward with a flicker of light in her sombre eyes, like a ray of sunshine heralding a tempest of rain.

“He was that indeed,” she whispered softly, with quivering lips. “You took a lot of notice of him, Tom. I loved you for it.”

“It’s almost incredible the resemblance there was between you two,” pursued Ossipon, giving a voice to his abiding dread, and trying to conceal his nervous, sickening impatience for the train to start. “Yes; he resembled you.”

These words were not especially touching or sympathetic. But the fact of that resemblance insisted upon was enough in itself to act upon her emotions powerfully. With a little faint cry, and throwing her arms out, Mrs Verloc burst into tears at last.

Ossipon entered the carriage, hastily closed the door and looked out to see the time by the station clock. Eight minutes more. For the first three of these Mrs Verloc wept violently and helplessly without pause or interruption. Then she recovered somewhat, and sobbed gently in an abundant fall of tears. She tried to talk to her saviour, to the man who was the messenger of life.

“Oh, Tom! How could I fear to die after he was taken away from me so cruelly! How could I! How could I be such a coward!”

She lamented aloud her love of life, that life without grace or charm, and almost without decency, but of an exalted faithfulness of purpose, even unto murder. And, as often happens in the lament of poor humanity, rich in suffering but indigent in words, the truth – the very cry of truth – was found in a worn and artificial shape picked up somewhere among the phrases of sham sentiment.

“How could I be so afraid of death! Tom, I tried. But I am afraid. I tried to do away with myself. And I couldn’t. Am I hard? I suppose the cup of horrors was not full enough for such as me. Then when you came...”

She paused. Then in a gust of confidence and gratitude, “I will live all my days for you, Tom!” she sobbed out.

“Go over into the other corner of the carriage, away from the platform,” said Ossipon solicitously. She let her saviour settle her comfortably, and he watched the coming on of another crisis of weeping, still more violent than the first. He watched the symptoms with a sort of medical air, as if counting seconds. He heard the guard’s whistle at last. An involuntary contraction of the upper lip bared his teeth with all the aspect of savage resolution as he felt the train beginning to move. Mrs Verloc heard and felt nothing, and Ossipon, her saviour, stood still. He felt the train roll quicker, rumbling heavily to the sound of the woman’s loud sobs, and then crossing the carriage in two long strides he opened the door deliberately, and leaped out.

He had leaped out at the very end of the platform; and such was his determination in sticking to his desperate plan that he managed by a sort of miracle, performed almost in the air, to slam to the door of the carriage. Only then did he find himself rolling head over heels like a shot rabbit. He was bruised, shaken, pale as death, and out of breath when he got up. But he was calm, and perfectly able to meet the excited crowd of railway men who had gathered round him in a moment. He explained, in gentle and convincing tones, that his wife had started at a moment’s notice for Brittany to her dying mother; that, of course, she was greatly up-set, and he considerably concerned at her state; that he was trying to cheer her up, and had absolutely failed to notice at first that the train was moving out. To the general exclamation, “Why didn’t you go on to Southampton, then, sir?” he objected the inexperience of a young sister-in-law left alone in the house with three small children, and her alarm at his absence, the telegraph offices being closed. He had acted on impulse. “But I don’t think I’ll ever try that again,” he concluded; smiled all round; distributed some small change, and marched without a limp out of the station.

Outside, Comrade Ossipon, flush of safe banknotes as never before in his life, refused the offer of a cab.

"I can walk," he said, with a little friendly laugh to the civil driver.

He could walk. He walked. He crossed the bridge. Later on the towers of the Abbey saw in their massive immobility the yellow bush of his hair passing under the lamps. The lights of Victoria saw him too, and Sloane Square, and the railings of the park. And Comrade Ossipon once more found himself on a bridge. The river, a sinister marvel of still shadows and flowing gleams mingling below in a black silence, arrested his attention. He stood looking over the parapet for a long time. The clock tower boomed a brazen blast above his drooping head. He looked up at the dial. . . . Half-past twelve of a wild night in the Channel.

And again Comrade Ossipon walked. His robust form was seen that night in distant parts of the enormous town slumbering monstrosously on a carpet of mud under a veil of raw mist. It was seen crossing the streets without life and sound, or diminishing in the interminable straight perspectives of shadowy houses bordering empty roadways lined by strings of gas lamps. He walked through Squares, Places, Ovals, Commons, through monotonous streets with unknown names where the dust of humanity settles inert and hopeless out of the stream of life. He walked. And suddenly turning into a strip of a front garden with a mangy grass plot, he let himself into a small grimy house with a latch-key he took out of his pocket.

He threw himself down on his bed all dressed, and lay still for a whole quarter of an hour. Then he sat up suddenly, drawing up his knees, and clasping his legs. The first dawn found him open-eyed, in that same posture. This man who could walk so long, so far, so aimlessly, without showing a sign of fatigue, could also remain sitting still for hours without stirring a limb or an eyelid. But when the late sun sent its rays into the room he unclasped his hands, and fell back on the pillow. His eyes stared at the ceiling. And suddenly they closed. Comrade Ossipon slept in the sunlight.

## CHAPTER XIII

The enormous iron padlock on the doors of the wall cupboard was the only object in the room on which the eye could rest without becoming afflicted by the miserable unloveliness of forms and the poverty of material. Unsaleable in the ordinary course of business on account of its noble proportions, it had been ceded to the Professor for a few pence by a marine dealer in the east of London. The room was large, clean, respectable, and poor with that poverty suggesting the starvation of every human need except mere bread. There was nothing on the walls but the paper, an expanse of arsenical green, soiled with indelible smudges here and there, and with stains resembling faded maps of uninhabited continents.

At a deal table near a window sat Comrade Ossipon, holding his head between his fists. The Professor, dressed in his only suit of shoddy tweeds, but flapping to and fro on the bare boards a pair of incredibly dilapidated slippers, had thrust his hands deep into the overstrained pockets of his jacket. He was relating to his robust guest a visit he had lately been paying to the Apostle Michaelis. The Perfect Anarchist had even been unbending a little.

“The fellow didn’t know anything of Verloc’s death. Of course! He never looks at the newspapers. They make him too sad, he says. But never mind. I walked into his cottage. Not a soul anywhere. I had to shout half-a-dozen times before he answered me. I thought he was fast asleep yet, in bed. But not at all. He had been writing his book for four hours already. He sat in that tiny cage in a litter of manuscript. There was a half-eaten raw carrot on the table near him. His breakfast. He lives on a diet of raw carrots and a little milk now.”

“How does he look on it?” asked Comrade Ossipon listlessly.

“Angelic... I picked up a handful of his pages from the floor. The poverty of reasoning is astonishing. He has no logic. He can’t think consecutively. But that’s nothing. He has divided his biography into three parts, entitled – ‘Faith, Hope, Charity.’ He is elaborating now the idea of a world planned out like an immense and nice hospital, with

gardens and flowers, in which the strong are to devote themselves to the nursing of the weak.”

The Professor paused.

“Conceive you this folly, Ossipon? The weak! The source of all evil on this earth!” he continued with his grim assurance. “I told him that I dreamt of a world like shambles, where the weak would be taken in hand for utter extermination.”

“Do you understand, Ossipon? The source of all evil! They are our sinister masters – the weak, the flabby, the silly, the cowardly, the faint of heart, and the slavish of mind. They have power. They are the multitude. Theirs is the kingdom of the earth. Exterminate, exterminate! That is the only way of progress. It is! Follow me, Ossipon. First the great multitude of the weak must go, then the only relatively strong. You see? First the blind, then the deaf and the dumb, then the halt and the lame – and so on. Every taint, every vice, every prejudice, every convention must meet its doom.”

“And what remains?” asked Ossipon in a stifled voice.

“I remain – if I am strong enough,” asserted the sallow little Professor, whose large ears, thin like membranes, and standing far out from the sides of his frail skull, took on suddenly a deep red tint.

“Haven’t I suffered enough from this oppression of the weak?” he continued forcibly. Then tapping the breast-pocket of his jacket: “And yet I am the force,” he went on. “But the time! The time! Give me time! Ah! that multitude, too stupid to feel either pity or fear. Sometimes I think they have everything on their side. Everything – even death – my own weapon.”

“Come and drink some beer with me at the Silenus,” said the robust Ossipon after an interval of silence pervaded by the rapid flap, flap of the slippers on the feet of the Perfect Anarchist. This last accepted. He was jovial that day in his own peculiar way. He slapped Ossipon’s shoulder.

“Beer! So be it! Let us drink and be merry, for we are strong, and tomorrow we die.”

He busied himself with putting on his boots, and talked meanwhile in his curt, resolute tones.

“What’s the matter with you, Ossipon? You look glum and seek even my company. I hear that you are seen constantly in places where men utter foolish things over glasses of liquor. Why? Have you abandoned your collection of women? They are the weak who feed the strong – eh?”

He stamped one foot, and picked up his other laced boot, heavy, thick-soled, unblackened, mended many times. He smiled to himself grimly.

“Tell me, Ossipon, terrible man, has ever one of your victims killed herself for you – or are your triumphs so far incomplete – for blood alone puts a seal on greatness? Blood. Death. Look at history.”

“You be damned,” said Ossipon, without turning his head.

“Why? Let that be the hope of the weak, whose theology has invented hell for the strong. Ossipon, my feeling for you is amicable contempt. You couldn’t kill a fly.”

But rolling to the feast on the top of the omnibus the Professor lost his high spirits. The contemplation of the multitudes thronging the pavements extinguished his assurance under a load of doubt and uneasiness which he could only shake off after a period of seclusion in the room with the large cupboard closed by an enormous padlock.

“And so,” said over his shoulder Comrade Ossipon, who sat on the seat behind. “And so Michaelis dreams of a world like a beautiful and cheery hospital.”

“Just so. An immense charity for the healing of the weak,” assented the Professor sardonically.

“That’s silly,” admitted Ossipon. “You can’t heal weakness. But after all Michaelis may not be so far wrong. In two hundred years doctors will rule the world. Science reigns already. It reigns in the shade maybe – but it reigns. And all science must culminate at last in the science of healing – not the weak, but the strong. Mankind wants to live – to live.”



“Mankind,” asserted the Professor with a self-confident glitter of his iron-rimmed spectacles, “does not know what it wants.”

“But you do,” growled Ossipon. “Just now you’ve been crying for time – time. Well. The doctors will serve you out your time – if you are good. You profess yourself to be one of the strong – because you carry in your pocket enough stuff to send yourself and, say, twenty other people into eternity. But eternity is a damned hole. It’s time that you need. You – if you met a man who could give you for certain ten years of time, you would call him your master.”

“My device is: No God! No Master,” said the Professor sententiously as he rose to get off the ’bus.

Ossipon followed. “Wait till you are lying flat on your back at the end of your time,” he retorted, jumping off the footboard after the other. “Your scurvy, shabby, mangy little bit of time,” he continued across the street, and hopping on to the curbstone.

“Ossipon, I think that you are a humbug,” the Professor said, opening masterfully the doors of the renowned Silenus. And when they had established themselves at a little table he developed further this gracious thought. “You are not even a doctor. But you are funny. Your notion of a humanity universally putting out the tongue and taking the pill from pole to pole at the bidding of a few solemn jokers is worthy of the prophet. Prophecy! What’s the good of thinking of what will be!” He raised his glass. “To the destruction of what is,” he said calmly.

He drank and relapsed into his peculiarly close manner of silence. The thought of a mankind as numerous as the sands of the sea-shore, as indestructible, as difficult to handle, oppressed him. The sound of exploding bombs was lost in their immensity of passive grains without an echo. For instance, this Verloc affair. Who thought of it now?

Ossipon, as if suddenly compelled by some mysterious force, pulled a much-folded newspaper out of his pocket. The Professor raised his head at the rustle.

“What’s that paper? Anything in it?” he asked.

Ossipon started like a scared somnambulist.

“Nothing. Nothing whatever. The thing’s ten days old. I forgot it in my pocket, I suppose.”

But he did not throw the old thing away. Before returning it to his pocket he stole a glance at the last lines of a paragraph. They ran thus: “An impenetrable mystery seems destined to hang for ever over this act of madness or despair.”

Such were the end words of an item of news headed: “Suicide of Lady Passenger from a cross-Channel Boat.” Comrade Ossipon was familiar with the beauties of its journalistic style. “An impenetrable mystery seems destined to hang for ever...” He knew every word by heart. “An impenetrable mystery...”

And the robust anarchist, hanging his head on his breast, fell into a long reverie.

He was menaced by this thing in the very sources of his existence. He could not issue forth to meet his various conquests, those that he courted on benches in Kensington Gardens, and those he met near area railings, without the dread of beginning to talk to them of an impenetrable mystery destined... He was becoming scientifically afraid of insanity lying in wait for him amongst these lines. “To hang for ever over.” It was an obsession, a torture. He had lately failed to keep several of these appointments, whose note used to be an unbounded trustfulness in the language of sentiment and manly tenderness. The confiding disposition of various classes of women satisfied the needs of his self-love, and put some material means into his hand. He needed it to live. It was there. But if he could no longer make use of it, he ran the risk of starving his ideals and his body... “This act of madness or despair.”

“An impenetrable mystery” was sure “to hang for ever” as far as all mankind was concerned. But what of that if he alone of all men could never get rid of the cursed knowledge? And Comrade Ossipon’s knowledge was as precise as the newspaper man could make it – up to the very threshold of the “mystery destined to hang for ever...”

Comrade Ossipon was well informed. He knew what the gangway man of the steamer had seen: “A lady in a black dress and a black veil, wandering at midnight alongside, on the quay. ‘Are you going by the boat, ma’am,’ he had asked her encouragingly. ‘This way.’ She seemed not to know what to do. He helped her on board. She seemed weak.”

And he knew also what the stewardess had seen: A lady in black with a white face standing in the middle of the empty ladies’ cabin. The stewardess induced her to lie down there. The lady seemed quite unwilling to speak, and as if she were in some awful trouble. The next the stewardess knew she was gone from the ladies’ cabin. The stewardess then went on deck to look for her, and Comrade Ossipon was informed that the good woman found the unhappy lady lying down in one of the hooded seats. Her eyes were open, but she would not answer anything that was said to her. She seemed very ill. The stewardess fetched the chief steward, and those two people stood by the side of the hooded seat consulting over their extraordinary and tragic passenger. They talked in audible whispers (for she seemed past hearing) of St Malo and the Consul there, of communicating with her people in England. Then they went away to arrange for her removal down below, for indeed by what they could see of her face she seemed to them to be dying. But Comrade Ossipon knew that behind that white mask of despair there was struggling against terror and despair a vigour of vitality, a love of life that could resist the furious anguish which drives to murder and the fear, the blind, mad fear of the gallows. He knew. But the stewardess and the chief steward knew nothing, except that when they came back for her in less than five minutes the lady in black was no longer in the hooded seat. She was nowhere. She was gone. It was then five o’clock in the morning, and it was no accident either. An hour afterwards one of the steamer’s hands found a wedding ring left lying on the seat. It had stuck to the wood in a bit of wet, and its glitter caught the man’s eye. There was a date, 24th June 1879, engraved inside. “An impenetrable mystery is destined to hang for ever...”

And Comrade Ossipon raised his bowed head, beloved of various humble women of these isles, Apollo-like in the sunniness of its bush of hair.

The Professor had grown restless meantime. He rose.

“Stay,” said Ossipon hurriedly. “Here, what do you know of madness and despair?”

The Professor passed the tip of his tongue on his dry, thin lips, and said doctorally:

“There are no such things. All passion is lost now. The world is mediocre, limp, without force. And madness and despair are a force. And force is a crime in the eyes of the fools, the weak and the silly who rule the roost. You are mediocre. Verloc, whose affair the police has managed to smother so nicely, was mediocre. And the police murdered him. He was mediocre. Everybody is mediocre. Madness and despair! Give me that for a lever, and I’ll move the world. Ossipon, you have my cordial scorn. You are incapable of conceiving even what the fat-fed citizen would call a crime. You have no force.” He paused, smiling sardonically under the fierce glitter of his thick glasses.

“And let me tell you that this little legacy they say you’ve come into has not improved your intelligence. You sit at your beer like a dummy. Good-bye.”

“Will you have it?” said Ossipon, looking up with an idiotic grin.

“Have what?”

“The legacy. All of it.”

The incorruptible Professor only smiled. His clothes were all but falling off him, his boots, shapeless with repairs, heavy like lead, let water in at every step. He said:

“I will send you by-and-by a small bill for certain chemicals which I shall order tomorrow. I need them badly. Understood – eh?”

Ossipon lowered his head slowly. He was alone. “An impenetrable mystery...” It seemed to him that suspended in the air before him he saw his own brain pulsating to the rhythm of an

impenetrable mystery. It was diseased clearly... “This act of madness or despair.”

The mechanical piano near the door played through a valse cheekily, then fell silent all at once, as if gone grumpy.

Comrade Ossipon, nicknamed the Doctor, went out of the Silenus beer-hall. At the door he hesitated, blinking at a not too splendid sunlight – and the paper with the report of the suicide of a lady was in his pocket. His heart was beating against it. The suicide of a lady – this act of madness or despair.

He walked along the street without looking where he put his feet; and he walked in a direction which would not bring him to the place of appointment with another lady (an elderly nursery governess putting her trust in an Apollo-like ambrosial head). He was walking away from it. He could face no woman. It was ruin. He could neither think, work, sleep, nor eat. But he was beginning to drink with pleasure, with anticipation, with hope. It was ruin. His revolutionary career, sustained by the sentiment and trustfulness of many women, was menaced by an impenetrable mystery – the mystery of a human brain pulsating wrongfully to the rhythm of journalistic phrases. “... Will hang for ever over this act... It was inclining towards the gutter... of madness or despair.”

“I am seriously ill,” he muttered to himself with scientific insight. Already his robust form, with an Embassy’s secret-service money (inherited from Mr Verloc) in his pockets, was marching in the gutter as if in training for the task of an inevitable future. Already he bowed his broad shoulders, his head of ambrosial locks, as if ready to receive the leather yoke of the sandwich board. As on that night, more than a week ago, Comrade Ossipon walked without looking where he put his feet, feeling no fatigue, feeling nothing, seeing nothing, hearing not a sound. “An impenetrable mystery...” He walked disregarded... “This act of madness or despair.”

And the incorruptible Professor walked too, averting his eyes from the odious multitude of mankind. He had no future. He disdained it. He was a force. His thoughts caressed the images of ruin and

destruction. He walked frail, insignificant, shabby, miserable – and terrible in the simplicity of his idea calling madness and despair to the regeneration of the world. Nobody looked at him. He passed on unsuspected and deadly, like a pest in the street full of men.

THE END

## JOSEPH CONRAD

3 DE DEZEMBRO DE 1857 – 3 DE AGOSTO DE 1924

Joseph Conrad, nome de batismo de Józef Teodor Nałecz Korzeniowski, nascido em Berdyczew, em 3 de dezembro de 1857, e falecido em Bishopboune, Inglaterra, em 3 de agosto de 1924, foi um escritor britânico de origem polonesa.

Joseph Conrad foi educado na Polônia ocupada pelo Império Russo. Seu pai, um aristocrata empobrecido de Nałecz, foi escritor e militante armado, sendo preso por suas atividades revolucionárias pelas autoridades russas e condenado a trabalhos forçados na Sibéria. Pouco depois, sua mãe morreu de tuberculose no exílio, e também seu pai quatro anos depois, apesar de ter sido autorizado a voltar à Cracóvia. Destas traumáticas experiências de menino durante a ocupação russa é possível que Conrad derivasse temas contra o colonialismo como no romance “O Coração das Trevas”.

Foi colocado sob os cuidados de seu tio, figura mais cautelosa do que qualquer um de seus pais, a que não obstante permitiu que Conrad viajasse à Marselha e começasse sua carreira como marinheiro, aos 17 anos. Aos 21 anos tinha aprendido inglês, língua na qual mais tarde escreveu com excelência. Conseguiu, depois de várias tentativas, passar no exame de capitão e finalmente conseguiu a nacionalidade britânica em 1884.

Conrad viveu uma vida cheia de aventuras, entrando em conspirações e se envolvendo no contrabando de armas políticas, que mais tarde fariam parte dos relatos de um de seus romances “A Flecha de Ouro”. Aparentemente, ele teve um caso amoroso desastroso que o mergulhou em desespero. Uma viagem pela costa da Colômbia forneceria material para “Nostromo”, nome do primeiro imediato do navio e que se tornou o modelo para que Conrad o transformasse no herói do romance.

Em 1878, Conrad foi ferido no peito em um duelo em Marselha, que ele diria a seu tio que havia sido uma tentativa fracassada de suicídio. Em 1878, passou a servir em um barco britânico para evitar o serviço militar russo, embarcando com destino a Constantinopla antes de seu retorno ao Lowestoft, seu primeiro desembarque na Grã-Bretanha.

Muitas das obras de Conrad se centram em marinheiros e no mar e nas relações entre colonizados e colonizadores, bem como sobre as relações opressivas de intriga e espionagem no romance “O Agente Secreto”.

Sua última obra publicada em vida foi “The Rover”, de 1923, onde conta a história de Peyrol, um pirata que decide se reabilitar.

Dos romances de Conrad, “Lorde Jim” e “Nostromo” são os mais famosos e os mais lidos, tanto no meio acadêmico quanto junto ao público em geral. “O Agente Secreto” e “Sob os olhos ocidentais” também são considerados pela crítica especializada como dois de seus melhores livros. Provavelmente o trabalho mais influente de Conrad continue a ser “O Coração das Trevas”, romance que descreve a viagem pela escuridão da psique humana. Esta obra ainda ressoa entre os leitores modernos após obter ampla notoriedade com a adaptação para o cinema através do filme de Francis Ford Coppola, “Apocalypse Now”, mesmo com a transposição do local da trama do romance, do interior da África, do século XIX, para a Guerra do Vietnã.

Conrad era um homem sujeito a crises emocionais de depressão, insegurança e pessimismo, disciplinando o seu temperamento romântico com um julgamento moral impiedoso. Como artista, ele aspirava a fama, o que pode-se ser observado em seu prefácio ao romance “O Negro Abordo do Narcisso”, publicado em 1897, “pelo poder da palavra escrita, faço-o ouvir, faço-o sentir... antes de tudo, faço-o ver. Isso, e apenas isso, é o que importa afinal. Se eu conseguir, você deve se encontrar justamente lá com todos os seus temores e desejos: o encorajamento, o consolo, o medo e o charme, tudo que talvez você procure, e, talvez, também, vislumbre na verdade para a qual você tenha se esquecido”.



Conrad se mostrou em muitas de suas obras em prosa com a fluência de um poeta impressionista de primeira ordem: assim, por exemplo, no tribunal de Patna apresenta cenas evocativas; em “Lorde Jim”, descreve a melancolia da personagem; cenas repletas de loucura como as “de um elefante louco” na canhoneira de “O Coração das Trevas”; ressonâncias verbais e conceituais nas páginas de “Nostromo” e de “O Negro Abordo do Narcisso”.

Viveu em Londres e, posteriormente, perto do condado de Kent, onde veio a falecer aos 67 anos, vitimado por um ataque cardíaco.

O filósofo Bertrand Russell, que veio conhecê-lo logo após sua chegada à Inglaterra, tinha verdadeiro fascínio por sua obra, em especial, “O Coração das Trevas”. O grau de amizade foi tal que Russell batizou um de seus filhos com o nome “Conrad”.